eISSN 1984-8412

FóRUM LINGUÍSTICO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UFSC

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 19 - NÚMERO32 - JUL./SET. 2022



UNIVESIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Irineu Manuel de Souza

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Fábio Lopes da Silva
VICE-DIRETORA | Mariane Rossi Stumpf

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Rodrigo Acosta Pereira
SUB-CHEFE | Núbia Ferreira Rech

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

COORDENADOR | Valter Pereira Romano
VICE-COORDENADOR | Daniiel do Nascimento e Silva

APOIO
FAPESC – EDITAL 21/2022

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianóplis, SC, Brasil.
https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 19, n. 3 (2022)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2019 –

Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
http://www.periodicos.ufsc.br
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-8412

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

DRJI - Directory of Research Journal Indexing - http://www.drji.org
Diadorim - http://diadorim.ibict.br
Dialnet - https://dialnet.unirioja.es
DOAJ - https://doaj.org
EBSCO - http://www.ebsco.com
Genamics JournalSeek - http://journalseek.net
Latindex - http://www.latindex.org
Sumários.org - http://www.sumarios.org
Redib: https://www.redib.org

F ó R U M L I N G U Í S T ! C O

VOLUME 19 | NÚMERO 3 | JUL./SET. 2022

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 19 | n.3 | p. 8046-8425 | jul./set. 2021

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - SC, BR | Eric Duarte Ferreira, UFFS, Brasil | **Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR** | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | **Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR** | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | **Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR**

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Agata Lechner. UFSC, Florianópolis, BR | Aline Aline Francieli Thessing. UFSC, Florianópolis, BR **| Anderson Jair Goulart. UFSC, Florianópolis** | Igor Valdeci Ramos da Silva. UFSC, Florianópolis, BR **| Jéssica Forini Ramon. UFSC, Florianópolis, BR** | Nathalia Müller Camozzato. UFSC, Florianópolis, BR | **Nelly Andrea Guerrero Bautista. UFSC, Florianópolis, BR** | Priscila de Souza UFSC. Florianópolis, BR | **Suziane da Silva Mossmann. UFSC, Florianópolis, BR**

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva . UFPR, Curitiba, BR** | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till . UFPR, Curitiba, BR** | Ana Demeurt . University of Cape Town, África do Sul | **Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR** | Ani Carla Marchesan . UFFS, Chapecó, BR | **Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR** | Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER | **Bento Carlos Dias da Silva . UNESP, Araraquara, BR** | Charles Briggs . UC Berkeley, EUA | **Christina Abreu Gomes . UFRJ, Rio de Janeiro, BR** | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha . UFPE, Recife, BR** | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato . UNICAMP, Campinas, BR** | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza . UFSM, Santa Maria, BR** | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen . UNISUL, Tubarão, BR** | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho . UFPI, Terezina, BR** | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser, Universität Konstanz, GER** | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura . UFSC, Florianópolis, BR** | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **Jerry Lee, University of California at Irvine, EUA** | João Carlos Cattelan . UNIOESTE, Cascavel, BR | **João Wanderley Geraldi . UNICAMP, Campinas, BR** | José Luís da Câmara Leme . Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, PT | **Leonor Scliar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR** | Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR | **Lilian Cristine Hübner . PUCRS, Porto Alegre, BR** | Lucília Maria Sousa Romão . USP, Ribeirão Preto, BR | **Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR** | Lurdes Castro Moutinho . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | **Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR** | Marco Jacquemet. University of San Francisco, EUA | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka – PUCSP, São Paulo, BR** | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT** | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão . UFJF, Juiz de Fora, BR** | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira – UFF, Niterói, BR | Marígia Ana de Moura Aguiar . UNICAP, Recife, BR** | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti . UFSC, Florianópolis, BR** | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX** | Nívea Rohling da Silva. UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX**| Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni, Universidade Estadual da Pennsylvania, EUA** | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff . UPF, Passo Fundo, BR | Tommaso Milani, University of Gothenburg, Suécia** | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão . UFG, Goiânia, BR** | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE
Danielle Mckinney / *The Secret Garden* /2021
https://daniellejmckinney.com/

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN
Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation 8062

ATILIO BUTTURI JUNIOR

ARTIGO / *ARTÍCULO* / ARTICLE

QUANDO RATIONALE CLAUSES CORRESPONDEM A UMA CONSTRUÇÃO TELEOLÓGICA | *Cuando oraciones racionales corresponden a una construcción teleológica* | When rationale clauses correspond to a teleological construction 8066

NÚBIA FERREIRA RECH E NATHÁLIA CODINHOTO

ESTUDOEXPERIMENTAL DE EPÍTETOS EM SENTENÇAS COM *CONVENCER*: O CASO DOSOBJETOS | *Estudio experimental de epítetos em oraciones con* convencer*: el caso de los objetos* | Experimental study of epithets in sentences with *convencer*: the case of objects 8079

CLAUDIA SOUZA COELHO

ARTICULATORYGESTURES IN CHILDREN WITH SPEECH SOUND DISORDERS: ULTRASOUNDDATA | *Gestos articulatórios em crianças com transtornos dos sons da fala: dados de ultrassom* | Gestos articulatorios en niños con trastornos del sonido del habla: datos de ultrasonidos 8094

ALINE MARA DE OLIVEIRA, RONALDO MANGUEIRA LIMA JR E LARISSA CRISTINA BERTI

SANDHI FORMS IN BRAZILIAN PORTUGUESE/ENGLISH INTERPHONOLOGY – FOCUS ON LISTENING COMPREHENSION | F*ormas sandhi na interfonologia do português do brasil/inglês – foco na compreensão oral* | Sandhi tonal en la interfonología del Portugués Brasileño/Inglés – enfoque en la comprensión auditiva 8111

MELISSA BETTONI E JANAINA PIZOLOTTO

A LÍNGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE | *La lengua portuguesa de São Tomé y Príncipe* | The Portuguese Language of São Tomé and Príncipe 8125

AMANDA MACEDO BALDUINO, MANUELE BANDEIRA E SHIRLEY FREITAS

SUJEITOS PRONOMINAIS GENÉRICOS E PRONOMES INDEFINIDOS EM INTERAÇÕES ORAIS: CASOS DE REFERÊNCIA GENÉRICA OU INDETERMINADA | *Sujetos pronominales genéricos y pronombres indefinidos en interacciones orales: casos de referencia genérica o indeterminada* | Generic subject pronouns and indefinite pronouns in oral interactions: cases of generic or indeterminate reference 8144

EVILIANE BERNARDI E APARECIDA FEOLA SELLA

EXPLORING MULTIMODALITY AND MULTILITERACIES IN PUBLIC UNIVERSITY CONTEXTS FOR STUDENT-TEACHERS OF ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE | *Explorando multimodalidade e multilitetramentos em contextos de universidades públicas para professores-estudantes de inglês como língua adicional* | Explorando la multimodalidad y la multialfabetización en contextos de universidades públicas para profesores-estudiantes de inglés como idioma adicional 8157

VIVIANE MARIA HEBERLE, FÁBIO ALEXANDRE SILVA BEZERRA E ROSELI GONÇALVES DO NASCIMENTO

TIPOS DE ATIVIDADES DE ORALIDADE: UM ESTUDO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS | *Tipos de actividades de oralidad: un estudio sobre el libro didáctico portugués* | Speaking activities: a study on Portuguese textbooks 8177

EWERTON ÁVILA DOS ANJOS LUNA, HÉRICA KARINA CAVALCANTI LIMA E SIANE GOIS CAVALCANTI RODRIGUES

WHAT ARE THE CHOICES BEHIND THE TITLES? A SYSTEMIC FUNCTIONAL GRAMMAR ANALYSIS OF TITLES FROM ARTICLES OF RURAL SCIENCES AND COMMUNICATION | *Quais são as escolhas por trás dos títulos? uma análise de títulos de artigos das ciências rurais e da comunicação a partir da gramática sistêmico-funcional* | ¿Cuáles son las opciones detrás de los títulos? un análisis de títulos de artículos en ciencias rurales y comunicación a partir de la gramática sistémico-funcional 8190

PATRÍCIA MARCUZZO E NATHIELI CERVO

INDIVIDUAÇÃO DE AUTORIA E IDENTIFICAÇÃO DE ESTILO: ANÁLISE DE OBRAS LITERÁRIAS COM AUXÍLIODO R | *Individuación de autoría e identificación de estilo: análisis de obras literárias con R* | Individuation of authorship and style identification: analysis of literary works carried with R 8214

LUIS FILIPE LIMA E SILVA E LARISSA S. CIRÍACO

A REELABORAÇÃO DE GÊNEROS EM TWEETS: PROPÓSITOSCOMUNICATIVOS EM 280 CARACTERES | *Reelaboración de géneros en tweets: propósitos comunicativos en 280 caracteres* | Genre re-elaboration in tweets: communicative purposes in 280 characters 8232

MÁRCIA HELENA DE MELO PEREIRA E ANA CLAUDIA OLIVEIRA AZEVEDO

O HETERODISCURSO NOS DIÁLOGOS DE PROFESSORES INICIANTES EM DE AUTOCONFRONTAÇÃO | *El heterodiscurso en los diálogos de profesores principiantes en situación de autoconfrontación* | The heterodiscourse in beginning teachers' dialogues in a situation of self-confrontation 8252

INGRID XAVIER DOS SANTOS, WESCLEY BATISTA LOPES E ROZANIA MARIA ALVES DE MORAES

LETRAMENTO CRÍTICO E TEORIA SOCIO-HISTÓRICO E CULTURAL: APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE DESENVOLVIMENTOE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO | *Literacidad crítica y teoría socio-histórico y cultural: aproximaciones y reflexiones sobre desarrollo y constituición del sujeto* | Critical Literacy and socio-historical and cultural theory: approaches and reflections on development and constitution of the subject 8268

ANDRÉ EFFGEN DE AGUIAR

(RE)CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: CRENÇAS, AGÊNCIA E AUTONOMIA SOCIOCULTURAL NAS NARRATIVAS DE UMA IMIGRANTE BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS | *(Re)construcción de identidades en el contexto de la migración: creencias, agencia y autonomía sociocultural en los relatos de una inmigrante brasileña en los Estados Unidos* | Identity (re)constructions in the migration context: beliefs, agency and socio-cultural autonomy in the narratives of a brazilian immigrant in the United States 8282

EVELYN NATHASHA SILVA DO NASCIMENTO, CHRISTINE SIQUEIRA NICOLAIDES E ADOLFO TANZI NETO

TRADUCÃO / *TRADUCCIÓN* / TRANSLATION

FIELDWORK ON DEIXIS 8299

ARTIGO DE WILLIAM F. HANKS

TRADUZIDO POR ÉRICA MARCIANO DE OLIVEIRA

RESENHA / *REVISIÓN* / REVIEW

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. **Happycracia:** fabricando cidadãos felizes. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 288p. (Coleção Exit) 8320

JOSÉ AUGUSTO SIMÕES DE MIRANDA E AMARILDO INÁCIO DOS SANTOS

DOSSIÊ / *DOSIER* / DOSSIER

POR UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA DOS DISCURSOS VOLUME 2

ORGANIZAÇÃO
ATILIO BUTTURI JUNIOR
PEDRO NAVARRO
VANICE SARGENTINI

ARTIGO / *ARTÍCULO* / ARTICLE

APRESENTAÇÃO | *Presentación* | Presentation 8325

ATILIO BUTTURI JUNIOR, PEDRO NAVARRO E VANICE SARGENTINI

LE DÉFI DE LA VOIX PUBLIQUE AU FÉMININ: SEXISME ET POLITIQUE | O desafio da fala pública feminina: sexismo e política | The challenge of female public speech: sexism and politics 8327

MARLÈNE COULOMB-GULLY

BIOTECNOVOZ E GÊNERO-DISSONÂNCIA: A VOZ E O DISCURSO NO REALISMO AGENCIAL | *Biotecnovoz y género-disonancia: voz y discurso en el realismo agencial* | Biotechnovoice and gender-dissonance: voice and discourse in agential realism 8335

NATHALIA MULLER CAMOZZATO

AS BIO(POLÍTICAS) DA VIDA COM HIV | La bio(política) de la vivencia con el VIH | The Bio(politics) of living with HIV 8351

CAMILA DE ALMEIDA LARA

O ENIGMA DA AUTORIA, O CONTROLE DA PRODUÇÃO DISCURSIVA E A MANIFESTAÇÃO DA VERDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA QUATROCENTISTA VIRGEU DE CONSOLAÇON | *El enigma de la autoría, el control de la producción discursiva y la manifestación de la verdad: un análisis de la obra cuatrocentista* Virgeu de Consolaçon | The riddle of authorship, the control of the discursive production and the manifestation of truth: an analysis of the 14th century work *Virgeu de Consolaçon* 8367

BRUNA PLATH FURTADO

LA PERSONNE ÂGÉE COMME OBJET DE LA PRATIQUE DISCURSIVE À L`ASILE LA PRÉCARISATION DES VIES VULNÉRABLES | *O idoso como objeto da prática discursiva asilar: a precarização de vidas vulneráveis* | El anciano como objeto de la práctica discursiva de asilo: la precariedad de vidas vulnerables 8378

PEDRO NAVARRO E HOSTER OLDER SANCHES

FOUCAULT E AS TELAS-ESCOLAS: ENTRE DISCIPLINA E ILEGALISMOS | *Foucault e pantallas escolares: entre disciplina e ilegalismos* | Foucault and the schools-canvas: between discipline and illegalism 8378

STEFERSON ZANONI ROSEIRO E ALEXANDRE FILORDI DE CARVALHO

PROCEDIMENTOS ARQUEOLÓGICOS DE FOUCAULT: DA REVISÃO À OTIMIZAÇÃO | *Los procedimientos arqueológicos de Foucault: de la revisión a la optimización* | Foucault's archaeological procedures: from revision to optimization 8402

VINÍCIUS DIAS DE MELO E ARTUR JOSÉ RENDA VITORINO

ENTREVISTA | *ENTREVISTA* | INTERVIEW

ENTREVISTA COM **VANICE SARGENTINI** 8411

NEIL FRANCO E PEDRO NAVARRO

RESENHA / *REVISIÓN* / REVIEW

SANT' ANNA, D. B. *A cabeça do pai*. São Paulo: Todavia, 2022. 8422

ATILIO BUTTURI JUNIOR

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91786

F ó R U M

L I N G U Í S T ! C O

@ f o r u m l i n g u i s t i c o

APRESENTAÇÃO

VOLUME 19, NÚMERO 3, JUL./ SET. 2022

Eis aqui mais uma edição da ***Fórum Linguístico***, revista de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. O volume traz duas partes: na primeira, 14 artigos, uma tradução e uma resenha, com temas variados; na segunda, o dossiê ***Por uma análise foucaultiana dos discursos (volume dois)***, organizado por mim, por Pedro Navarro e por Vanice Sargentini, com 7 artigos, uma entrevista e uma resenha. Não me deterei na segunda, que tem apresentação específica (ver página 8325). Quanto à primeira parte, faço aqui sua apresentação.

O número é iniciado com um bloco de artigos que discutem questões mais formais da língua. O primeiro artigo intitula-se *Quando* rationale clauses *correspondem a uma construção teleológica*. Escrito por **Núbia Ferreira Rech** e **Nathália Codinhoto** – pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina – o texto , a partir de uma abordagem sintático-formal, "[...] investiga as propriedades relacionadas ao participante sobre o qual recai a orientação modal e ao predicado sob seu escopo em rationale clauses: 'para p, tem que/deve/pode q' ".

O segundo artigo deste número 3 de 2022 da ***Fórum*** foi escrito por **Cláudia Souza Coelho**, da Universidade de São Paulo. Estudo *experimental de epítetos em sentenças com convencer: o caso dos objetos apresenta evidências sobre o movimento dos sujeitos nulos em PB*, ao apresentar "[...] resultados de um experimento sobre o comportamento de epítetos nessas sentenças" , em construções com o verbo convencer em que epítetos funcionam como adjuntos.

Articulatory gestures in children with speech sound disorders: ultrasound data é o terceiro dos artigos da ***Fórum Linguístico***. Escrito por **Aline Mara de Oliveira** (Universidade Federal de Santa Catarina), **Ronaldo Mangueira Lima Jr** (Universidade Federal do Ceará) e **Larissa Cristina Berti** (Universidade Estadual Paulista), o texto tem como objetivo "[...] comparar os contornos da língua de crianças com desvio fonológico (DF) e com apraxia de fala na infância (AFI)". Autoras e autor defendem a hipótese da diferença em contornos da língua, no PB brasileiro, entre as primeiras e as segundas.

O quarto dos artigos, *Sandhi forms in Brazilian Portuguese/English Interphonology – focus on listening comprehension*, escrito por **Melissa Bettoni**, do Instituto Federal de Santa Catarina, e **Janaina Pizolotto**, da Universidade Federal da Fronteira Sul, tem como escopo investigar "[...] a compreensão auditiva das formas sandhi (assimilação, ligação e contração) na Interfonologia do Português Brasileiro/Inglês", por meio de uma pesquisa com cinquenta e dois alunos brasileiros de inglês.

Por sua vez, o quinto dos artigos, *A língua portuguesa de São Tomé e Príncipe*, de autoria de **Amanda Macedo Balduino** (Universidade de São Paulo)., **Manuele Bandeira** e **Shirley Freitas** (as duas últimas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), "[...] discute a história e a situação linguística atual do português santomense e do português principense (PST e PP)" e apresenta uma descrição sincrônica de alguns processos fonológicos ora em curso.

Ainda no campo da descrição, o sexto artigo, *Sujeitos pronominais genéricos e pronomes indefinidos em interações orais: casos de referência genérica ou indeterminada*, escrito por **Eviliane Bernardi** (Instituto Federal do Paraná | *Campus* Paranavaí) e **Aparecida Feola Sella** (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), o texto investiga "[...] como os pronomes indefinidos e as formas pronominais nós, você e a gente, quando utilizados com referência genérica ou indeterminada, podem se configurar como recursos para a preservação da face em interações orais", partindo de um corpus do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas.

O segundo bloco de artigos reúne pesquisas de LA, PL e do campo dos estudos do discurso. Entre esses artigos figura *Exploring Multimodality and Multiliteracies in Public University contexts for student-teachers of English as an Additional Language*, escrito por **Viviane Maria Heberle** (Universidade Federal de Santa Catarina), **Fábio Alexandre Silva Bezerra** (Universidade Federal da Paraíba) e **Roseli Gonçalves do Nascimento** (Universidade Federal de Santa Maria). O escrito parte da experiência das autoras e do autor no ensino de inglês e dialogam sobre o papel da Linguística Sistêmico Funcional e, mais detidamente, dos multilemtramenos, na formação de docentes.

Oitavo artigo deste volume 19, número 3 de 2022 da ***Fórum Linguístico***, *Tipos de atividades de oralidade: um estudo sobre o livro didático português*, de autoria de **Ewerton Ávila dos Anjos Luna** (Universidade Federal Rural de Pernambuco), **Hérica Karina Cavalcanti Lima** (Universidade Federal Rural de Pernambuco) e **Siane Gois Cavalcanti Rodrigues** (Universidade Federal de Pernambuco), analisa "[...] atividades de oralidade em manual adotado em Portugal". O corpus é constituído por manual português equivalente ao 9º ano do Ensino Fundamental brasileiro e, a partir dele, autor e autoras colocam em discussão o papel da oralidade.

Patrícia Marcuzzo e **Nathieli Cervo**, da Universidade Federal de Santa Maria, são as autoras do nono artigo desta edição, *What are the choices behind the titles? a systemic functional grammar analysis of titles from articles of rural sciences and communication*, cujo objetivo é "[...] identificar semelhanças e distinções entre títulos de artigos científicos das Ciências Rurais e da Comunicação, e discutir os resultados com base na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014)", valendo-se de um corpus de, 246 títulos de dois periódicos eletrônicos.

O décimo artigo que aqui publicamos é de autoria de **Luis Filipe Lima e Silva** e **Larissa S. Ciríaco.** da Universidade Federal de Minas Gerais, *Individuação de autoria e identificação de estilo: análise de obras literárias com auxílio do R* apresenta uma pesquisa sobre os modos pelos quais o programa R pode ser usado para identificação da autoria, tomando como corpus livros de Mark Twain e Herman Melville.

Indo adiante, o décimo-primeiro dos escritos, *A reelaboração de gêneros em tweets: propósitos comunicativos em 280 caracteres,* de **Márcia Helena de Melo Pereira** e **Ana Claudia Oliveira Azevedo**, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – aqui em versões em PB e Inglês –, recorre à teoria bakhtiniana para descrever as modalidades de reelaboração dos tweets em diversas esferas, como a jornalística e a publicitária.

O décimo-segundo artigo, O *heterodiscurso nos diálogos de professores iniciantes em situação de autoconfrontação*, é de autoria de **Ingrid Xavier dos Santos**, **Wescley Batista Lopes** e **Rozania Maria Alves de Moraes**, da Universidade Estadual do Ceará, "[…] busca analisar a atividade linguageira (discurso) de dois professores em situação de autoconfrontação e, assim, apresentar como marcas linguístico-discursivas de heterodiscurso materializam-se em seus enunciados", a partir de dois excertos de falas de professores permeadas pelo que os autores chama de "discursos hegemônicos".

Na esteira da LA, *Letramento crítico e teoria socio-histórico e cultural: aproximações e reflexões sobre desenvolvimentoe constituição do sujeito*, escrito **André Effgen de Aguiar,** pesquisador do Instituto Federal do Espírito Santo e da PUC-SP, é o déciumo-terceiro artigo deste n.3 de 2022 da ***Fórum Linguístico*** e entabula uma aproximação entre a teoria de Vygostki e aquelas vinculadas ao Letramento Crítico.

O último dos artigos deste volume, (*Re)construçõesidentitárias no contexto migratório: crenças, agência e autonomia sociocultural nas narrativas de uma imigrante brasileira nos Estados Unidos*, é de autoria de **Evelyn Nathasha Silva do Nascimento (**Universidade Federal Rio de Janeiro), **Christine Siqueira Nicolaides (**Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Universidade Federal do Rio de Janeiro) e **Adolfo Tanzi Neto** (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nele, as autoras e o autor investigam o "[...] desenvolvimento da autonomia sociocultural por meio de narrativas com enfoque nas crenças e no desenvolvimento da agência de uma imigrante-aprendiz como ferramentas de autonomia e empoderamento".

Fecham as seções de textos recebidos em fluxo contínuo da edição 3 de 2022 uma **tradução** e uma **resenha**. A primeira, produzida por **Érica Marciano de Oliveira**, da Universidade Federal de Santa Catarina, verte para o PB o texto clássico, *Trabalho de campo sobre dêixis,* de **William F. Hanks,** pragmaticista de Berkeley. A segunda, de autoria de **José Augusto Simões de Miranda** (Universidade Federal de Santa Catarina) e **Amarildo Inácio dos Santos (Universidade Federal da Bahia)**, avalia o livro *Happycracia*: *fabricando cidadãos felizes*, publicado no Brasil em 2022 pela UBU – a resenha, neste caso, está em versões em PB e Inglês.

Apresentados os textos, gostaria de compartilhar, ainda uma vez, que a ***Fórum Linguístico*** foi avaliada como **A2** no último Qualis e, além disso, **recebeu recursos de um edital da FAPESC** para apoio de periódicos científicos. Essas duas conquistas, bem como este número que vem à tona, é fruto do trabalho e da colaboração de pessoas e instituições: os autores e as autoras dos textos, os avaliadores e as avaliadoras *ad hoc*, as leitoras e os leitores da revista, os membros do corpo editorial, editores, bolsista e artistas gráficos, os funcionários do Setor de Periódicos da UFSC e, finalmente, o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo apoio constante e irrestrito.

Convido a todes para a leitura e a divulgação dos textos deste volume 19, número3, de 2022 da revista.

Atilio Butturi Junior

Editor-chefe

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e85499

QUANDO *RATIONALE CLAUSES* CORRESPONDEM A UMA CONSTRUÇÃO TELEOLÓGICA

CUANDO ORACIONES RACIONALES CORRESPONDEN A UNA CONSTRUCCIÓN TELEOLÓGICA

WHEN RATIONALE CLAUSES CORRESPOND TO A TELEOLOGICAL CONSTRUCTION

Núbia Ferreira Rech*
Nathália Codinhoto**
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo investiga as propriedades relacionadas ao participante sobre o qual recai a orientação modal e ao predicado sob seu escopo em *rationale clauses*: "para p, tem que/deve/pode q". Nossa análise segue uma perspectiva sintático-semântica formal, adotando a proposta de Hacquard (2006, 2010). Investigamos os sujeitos e predicados das sentenças modal e infinitiva que integram uma *rationale clause* objetivando depreender quais traços sintáticos e/ou semânticos licenciam ou restringem a leitura teleológica (de necessidade/possibilidade) ao modal. Em relação ao sujeito da sentença modal, constatamos que este precisa ter a mesma referência do sujeito da sentença infinitiva e deve exibir o traço [+animado], mas não, necessariamente, o [+agentivo]. Quanto ao predicado sob o escopo do modal, verificamos que a leitura teleológica é disponibilizada ao modal mesmo que tal predicado seja marcado com o traço [-controle], desde que seja passível de mudança.
PALAVRAS-CHAVE: *Rationale clauses.* Modalidade teleológica. Correferencialidade. Animacidade. Mudança.

RESUMEN: Este artículo investiga cuáles son las propiedades relacionadas al participante sobre el que recae la orientación modal y al predicado bajo su ámbito en oraciones racionales: "para p, tiene que/debe/puede q". Nuestro análisis sigue una perspectiva sintáctico-semántica formal, adoptando la propuesta de Hacquard (2006, 2010). Investigamos los sujetos y predicados de los enunciados modal e infinitivo que integran una *rationale* clause con el objetivo de inferir cuáles trazos sintácticos y/o semánticos respaldan o restringen la lectura teleológica (de necesidad/posibilidad) al modal. En relación a la orientación modal, hemos constatado que el participante para el cual el modal es orientado necesita ser correferencial al sujeto de la oración infinitiva y debe exhibir el rasgo [+animado], pero no, necesariamente, el [+agentivo]. Con relación al predicado bajo el ámbito del modal, comprobamos que puede ser marcado como [±control], desde que exhiba el rasgo [+mudanza].

* Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: nubia.rech@ufsc.br. ORCID: 0000-0002-9278-2702.

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: nathy.cok@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9716-7381.

PALABRAS CLAVE: Oraciones racionales. Modalidad teleológica. Correferencialidad. Animado. Mudanza.

ABSTRACT: This paper investigates which related properties to the individual on whom the modal orientation lies and to the predicate under its scope in *rationale clauses* "to p, have to/must/can q". Our analysis follows a formal syntactic-semantic perspective, adopting Hacquard's proposal (2006, 2010). We investigated the subjects and predicates of modal and infinitive sentences that integrate a *rationale clause* in order to understand which syntactic and/or semantic features license or restrict the teleological reading (of necessity/possibility) to the modal. Regarding the subject of the modal sentence, we found that it must have the same reference as the subject of the infinitive sentence and must exhibit the feature [+animated], but not necessarily the [+agent]. In relation to the predicate under the scope of the modal, we found that the teleological reading is available to the modal even if such predicate is marked with the feature [-control], since it exhibits the feature [+change].
KEYWORDS: Rationale Clauses. Teleological Modality. Coreferentiality. Animacity. Changing.

1 INTRODUÇÃO

Von Fintel e Iatridou (2005) identificam o teleológico como o item modal que integra a estrutura *anankastic conditional*, introduzida na literatura linguística por Sæbo (2001)[1]. Essa construção é constituída por uma sentença condicional com o verbo *querer*; uma sentença infinitiva que contém a *meta* e uma sentença modal que expressa o *meio*, conforme ilustrado em 1:

(1) Se você quiser viajar para a Europa, você tem que/deve economizar.

Os auxiliares modais *ter que* e *dever* expressam necessidade teleológica. De acordo com von Fintel e Iatridou (2005), um modal teleológico apresenta, em sua estrutura, dois argumentos: uma oração infinitiva que expressa a *meta* (*viajar para a Europa*); e uma sentença modal que apresenta o (melhor ou único) *meio* para atingi-la (*economizar*). A estrutura *anankastic conditional,* proposta por Sæbo (2001) e associada à modalidade teleológica por von Fintel e Iatridou (2005), mostra que a relação estabelecida é entre a proposição externa *"Se você quiser* φ, em que φ expressa a meta, e ψ, que expressa o meio, e não entre *meta* e *meio* diretamente"[2]. Para derivar a interpretação do modal teleológico, von Fintel e Iatridou (2005, p. 15) apresentam a seguinte fórmula[3]:

(2) a. *para p*, *tem que q* é verdade em w relativo à base modal f(w) e à fonte de ordenação f(w) se e somente se todos os melhores mundos g(w) onde *p* é atingido são mundos *q*.

b. *para p, deve q* é verdade em w relativo à base modal f(w) se e somente se todos os mundos em f(w) onde *p* é atingido são mundos *q*.

A configuração "para p, tem que/deve q" é encontrada em construções teleológicas no português brasileiro (PB), mas também figura em construções em que *q* não corresponde a um meio para *p* ser atingido. Os exemplos a seguir ilustram casos em que essa configuração não gera ou não se restringe à interpretação teleológica:

(3) a. Para sair de casa, meu pai tem que/deve alugar um apartamento.
b. Para ferver, a água tem que/deve atingir 100°C.
c. Para jogar no time de basquete, Pedro tem que/deve crescer mais uns 5 centímetros.

[1] Von Wright (1963, p. 10 *apud* SÆbo, 2020, p. 3) introduz na literatura a noção de *anankastic* como "A statement to the effect that something is (or is not) a necessary condition of something else I shall call an anankastic statement".

[2] "... this is an indicative conditional with the proposition expressed by (1.i) as the antecedent and the proposition expressed by (1.ii) as the consequenti".
(1) i. You want to go to Harlem.
ii. You take the A train.
[...] the proposition expressed by (1.ii) is a necessary condition for the proposition expressed by (1.iii).
iii. You go to Harlem". (SÆBO, 2001, p. 429).

[3] "(24) a. to p, ought to q is true in w relative to modal base f(w) and ordering source g(w) iff all the g(w)-best worlds in f(w) where p is achieved are q-worlds.
b. to p, must q is true in w relative to modal base f(w) iff all the worlds in f(w) where p is achieved are q-worlds" (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 15).

d. Para gerar uma vida, você tem que/deve ser mulher.

e. Para chegar ao aeroporto, você pode seguir pela Avenida Brasil.

A sentença 3a pode ser empregada em contextos com uma base modal teleológica; já 3b, mesmo exibindo a configuração "para p, tem que/deve q", não licencia leitura teleológica. Uma das diferenças entre 3a e 3b está no participante sobre o qual recai a orientação do modal, que é [+animado] em 3a e [-animado] em 3b. Assim, supomos que a interpretação teleológica só é licenciada quando o DP para o qual o modal é orientado exibe o traço [+animado]. 3c, por sua vez, pode figurar com uma base modal teleológica, sinalizando que o predicado sob o escopo do modal pode exibir propriedades inacusativas; logo, o modal parece poder ser orientado para um participante [-agentivo], como afirmam Codinhoto e Rech (2020, p. 62). A interpretação teleológica não é disponibilizada ao modal em 3d, mesmo essa sentença apresentando a configuração "para p, tem que/deve q". Supomos que essa restrição esteja relacionada às propriedades estativas do predicado sob o escopo do modal '*ser mulher*', mais especificamente ao seu traço [-mudança]. Já 3e apresenta a mesma configuração que as demais sentenças, mas difere quanto ao item modal: "para p, pode q"[4]. Nesse sentido, o emprego de *poder* integrando a estrutura *anankastic conditional* no formato proposto por Sæbo (2001, p. 429) geraria a leitura teleológica de possibilidade, indicando um meio possível de se atingir uma meta, e não necessariamente o único nem o melhor.

Na sequência do artigo, abordamos propriedades sintáticas e semânticas ilustradas nas sentenças em 3 com o intuito de mapear quais fatores são relevantes para licenciar ou oferecer restrições à leitura teleológica. Iniciamos, na seção 2, pela análise do participante sobre o qual recai a orientação modal em relação à animacidade (subseção 2.1) e à correferencialidade (subseção 2.2). Seguimos a análise, investigando, na seção 3, a configuração "para p, tem que/deve q" em construções nas quais o auxiliar modal forma sequência com predicados [-controle], como o inacusativo *crescer*, em 3c, e [-mudança], como o estativo *ser mulher*, em 3d. 3e apresenta a mesma configuração que as demais sentenças, mas difere quanto ao item modal: '*para p, pode q*', expressando uma ideia de possibilidade teleológica. Na seção 4, analisamos, brevemente, sentenças com a configuração "para p, pode q", com o intuito de averiguar se essa é empregada em sentenças do português brasileiro correspondentes à construção *anankastic conditional,* licenciando para a modalidade teleológica a leitura de possibilidade. Por fim, na seção 5, sumarizamos nossos achados sobre as propriedades importantes para licenciar a interpretação teleológica em relação ao participante sobre o qual recai a orientação do modal e ao predicado sob o seu escopo.

2 ORIENTAÇÃO DO MODAL TELEOLÓGICO

Hacquard (2006, 2010) apresenta um modelo de análise para os auxiliares modais, combinando alguns dos principais *insights* da proposta cartográfica de Cinque (1999, 2006) com a análise semântica de Kratzer (1981, 2012). Seguindo uma perspectiva de análise sintático-semântica, a autora busca explicar como um mesmo item pode assumir diferentes leituras modais (epistêmica, simboulética, boulética, deôntica, dinâmica, teleológica, etc.) a partir da posição em que é interpretado na estrutura sintática. Nessa proposta, a posição ocupada pelo item na estrutura sintática é que irá determinar a variável de evento acessível ao modal, o participante para o qual é orientado e suas relações com as categorias indicadoras de tempo e de aspecto.

Desse modo, Hacquard (2006, 2010) postula duas posições sintáticas distintas para um núcleo modal ser interpretado: uma posição (baixa) logo acima do VP e outra (alta) acima dos núcleos TP e AspP. A primeira é ocupada por modais de *raiz,* dentre os quais está o teleológico, enquanto a segunda é ocupada pelo *epistêmico* e pelo deôntico do tipo *ought-to-be.* A novidade da proposta da autora em relação à de Kratzer (1981, 2012) e de Cinque (1999, 2006) está em tornar uma variável de evento acessível ao item modal em duas posições distintas na estrutura; tais variáveis restringem às situações a que um modal pode se aplicar. Os itens modais interpretados em posição baixa se relativizam ao evento descrito pelo VP; como consequência, são orientados a um participante que integra este evento, preferencialmente o candidato a sujeito da sentença. Já os modais interpretados em posição alta se relativizam

[4] É importante notar que o auxiliar modal de possibilidade não integra a fórmula apresentada por Sæbo (2001), que utiliza o modal *must*, conforme: "if ... want to ϕ, must ψ" (p. 429), nem a apresentada por von Fintel e Iatridou (2005), que utilizam *ought to* e *must*: "*p, ought to q* [...] *to p, must q*" (p. 15).

ao evento de fala, sendo orientados para um participante deste evento: o falante, no caso do modal epistêmico, ou o interlocutor, no caso do deôntico do tipo *outgh-to-be*.
Para ilustrar o modelo de Hacquard (2006, 2010), apresentamos, a seguir, as derivações correspondentes a uma construção modal de raiz e epistêmica, respectivamente:

(4) a. John had to escape. ("João teve que escapar.") (Deôntico)
b. [CP speech e0 λe0 [TP T [AspP Asp1 λe1 [ModP Mod f e1 [VP escape e1]]]]]
(5) a. John had to have escaped. ("João deve ter escapado.") (Epistêmico)
b. [CP speech e0 λe0 [ModP Mod f e0 [TP T [AspP Asp1 λe1 [VP escape e1]]]]]
(HACQUARD, 2016, p. 7)

Segundo a autora, a variável de evento precisa ser ligada localmente pelo elemento mais próximo, podendo se ligar ao aspecto, como ocorre em 4b, ou a uma variável default associada ao ato de fala, como em 5b. Em 4, o modal é interpretado entre Asp e VP – posição baixa na estrutura, orientando-se a um participante desse evento (John); em 5, o modal é interpretado acima da categoria TP – posição alta, orientando-se a um participante do evento de fala (o falante). Dessa forma, a proposta de Hacquard (2016) relaciona as diferentes interpretações que um mesmo modal pode assumir (deôntica do tipo *ought-to-do,* em 4, e epistêmica, em 5) a mais de uma posição sintática, sem ter de determinar uma posição específica para cada uma das interpretações modais[5].

O teleológico corresponde a um modal de raiz, interpretado em posição baixa na estrutura. Por isso, é esperado que a orientação desse modal recaia sobre o sujeito da sentença ou, mais raramente, sobre algum outro participante que integra o evento VP. Consideremos o exemplo 3a, repetido a seguir como 6a:

(6) a. Para sair de casa, meu pai tem que/deve alugar um apartamento.
b. Para sair de casa, [ModPtem que/deve [VPmeu pai alugar um apartamento]]

O evento VP sob o escopo do modal, indicado em 6b, é constituído pelo predicado *alugar* e por dois argumentos requeridos por este predicado: o externo (*meu pai*), que recebe papel temático de *agente* e se realiza como sujeito da sentença modal; e o interno (*um apartamento*), marcado como *tema.* Como já foi observado na seção 1, em 3a, repetido aqui como 6a, o auxiliar modal *ter que/dever* pode assumir interpretação teleológica. A orientação do modal, neste caso, recai sobre o participante [*meu pai*], responsável por realizar o evento que descreve o (único ou melhor) *meio* para se atingir determinada *meta* (*sair de casa*), expressa pela sentença infinitiva.

Nas subseções a seguir, analisamos o participante sobre o qual recai a orientação do modal teleológico em relação aos traços *animacidade* e *referencialidade*, respectivamente.

2.1 ANIMACIDADE

A hierarquia de papéis temáticos captura uma ordem preferencial para um constituinte exercer diferentes funções sintáticas. Tomando por base a linearidade temática estabelecida por Bresnan e Kanerva (1989), a função de sujeito é, preferencialmente, exercida por um constituinte com características agentivas, como se depreende do ordenamento proposto pelos autores: [Agente] > [Beneficiário] > [Experienciador] > [Instrumento] > [Tema/Paciente] > [Locativo] (BRESNAN; KANERVA, 1989, p. 23, tradução nossa).

[5] "[…] modals are relative to an event — rather than a world — of evaluation, which readily provides a time (the event's running time) and (an) individual(s) (the event's participants). I propose that this event relativity of modals can in turn explain the correlation between type of interpretation and syntactic position, without having stipulation of an interpretation specific height for modal"s. (HACQUARD, 2010, p. 80)1 "[…] modais são relativos a um evento – em vez de a um mundo – de avaliação, que disponibiliza prontamente um tempo (o tempo corrente do evento) e um ou mais indivíduos (os participantes do evento). Proponho que essa relativização dos modais a eventos pode, por conseguinte, explicar a correlação entre o tipo de interpretação recebida e a posição sintática, sem que seja necessário estipular uma altura específica para a interpretação dos modais." (HACQUARD, 2010, p. 80, tradução nossa)

Para os papéis de *agente, beneficiário* e *experienciador*, o traço [+animado] é necessário, mas não para os papéis de *instrumento*, *tema/paciente* e *locativo*. Além de estar atrelado à ideia de "possibilidade de agentividade", sendo requerido para a atribuição do papel temático de *agente,* o traço [+ animado] também é condição para o argumento receber o papel de *experienciador,* presente na construção teleológica, uma vez que integra a estrutura *anankastic conditional,* correspondendo ao argumento do verbo *querer* (*If … want*), conforme apresentado no exemplo 7:

(7) a. if ... want to ϕ, must ψ (SÆBO, 2001, p. 429)
b. Se a leoai quiser Øi alimentar os filhotes, elai tem que/deve caçar.

O verbo *querer,* da sentença condicional, marca o DP [*a leoa*] com o papel temático de *experienciador*[6]. Esse DP exibe, necessariamente, a mesma referência do DP argumento da sentença infinitiva (*to clause*). O sujeito da sentença modal (*ela*) é o responsável por realizar o meio (*caçar*) para que a meta (*alimentar os filhotes*) seja atingida; no exemplo 7b, é marcado com papel temático de agente, controlando o predicado sob o escopo do modal. A correferencialidade entre o participante que detém a meta e o que realiza o meio para atingi-la é uma condição para a interpretação teleológica, como detalharemos na próxima subseção.

Como já foi observado, nem todas as sentenças que exibem a configuração "para p tem que/deve q" disponibilizam a leitura teleológica ao modal. Vejamos o exemplo a seguir:

(8) a. Para Øi ser fértil, o soloi tem que/deve ter o pH entre 6,0 e 6,5.
b. *Se [o solo]i quiser Øi ser fértil, elei tem que/deve ter o pH entre 6,0 e 6,5.

A sentença 8a é bem formada, mas o modal *ter que/dever* não assume interpretação teleológica, visto que a proposição sob o escopo do modal ([*o solo*]i *ter o pH entre 6,0 e 6,5*) expressa uma condição necessária para que a afirmação feita na sentença infinitiva (Øi *ser fértil*) seja verdadeira, e não um meio para se atingir uma meta. Assim, supomos que a leitura teleológica não é disponibilizada ao modal em 8a por *o solo* exibir o traço [-animado], incompatível com um participante que detenha uma meta. A má-formação de 8b já era esperada, uma vez que tal construção corresponde à *anankastic conditional*, em que o argumento de *querer* deve exibir o traço [+animado], uma vez que receberá desse predicado a marcação temática de experienciador.

Von Fintel e Iatridou (2005, p.18) observam que, em *rationale clauses* com leitura teleológica, o predicado da sentença infinitiva deve ter natureza agentiva, enquanto o predicado sob o escopo do modal pode ser não-agentivo[7]. Dados do português brasileiro (PB) revelam, entretanto, que o traço [+agentivo] não parece ser essencial para a interpretação teleológica. Vejamos os exemplos a seguir:

(9) a. Para jogar no time de basquete, Pedro tem que/deve crescer mais uns 5 centímetros.
b. Para passar no vestibular, Ana tem que/deve estudar.
c. Para ganhar na loteria, você tem que/deve jogar.
d. Para ser bonita, Júlia tem que/deve nascer de novo.

Em 9a, o predicado da sentença infinitiva (*jogar*) seleciona um argumento agentivo - correferencial ao DP [*Pedro*], satisfazendo a condição, apontada por von Fintel e Iatridou (2005), para a interpretação teleológica. Já em 9b, 9c e 9d, os predicados das sentenças infinitivas não requerem um agente como seu argumento, mesmo assim, a interpretação teleológica é disponibilizada ao modal *ter que/dever.* Note que, em 9b e 9c, os DPs [*Ana*] e [*você*], sujeitos das sentenças modais, são agentes dos predicados *estudar* e *jogar*, respectivamente, mas as categorias vazias correferenciais a esses DPs, que exercem a função de sujeito das sentenças infinitivas que

[6] Estamos assumindo aqui que o verbo *querer* não corresponde a um predicado de reestruturação no PB, diferentemente de *volere*, no italiano, que manifesta evidências claras desse fenômeno (cf. Cinque, 1999). As restrições que o verbo *querer* impõe ao DP sujeito da sentença é apenas uma das razões que nos leva a considerá-lo como um predicado lexical, que está atribuindo papel temático de experienciador ao DP que se realiza como sujeito da sentença condicional: "*Se … quiser*". Reconhecemos, entretanto, a necessidade de aprofundar a análise em relação a esse predicado, mas este não foi nosso propósito neste artigo.

[7] "Rationale clauses (the ones that are in construction with a teleological modal) at the VP-level seem to need to attach to agentive VPs, but the complement of 'have to' can be non-agentive" (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p.18)

integram essas construções, não recebem papel temático de agente, e sim de experienciador, uma vez que não têm controle sobre as eventualidades descritas pelos predicados dos quais são argumentos. Já em 9d, não há agente na construção, nem na sentença modal nem na infinitiva, e, mesmo assim, a leitura teleológica é disponibilizada. As sentenças do exemplo 9 indicam, portanto, que a interpretação teleológica não está condicionada à presença de um agente na estrutura, mas sim de um experienciador, para o qual o traço [+animado] também é condição.

As sentenças a seguir se assemelham às do exemplo 9 por conterem uma sentença modal com o auxiliar *ter que/dever* e uma sentença infinitiva, complemento da preposição *para*:

(10) a. Para sobreviver, a planta tem que/deve absorver água e sais minerais.
b. Para ferver, a água tem que/deve atingir 100°C.
c. Para ser fértil, o solo tem que/deve ter o pH entre 6,0 e 6,5.

Cabe observar, entretanto, que apenas 10a permite interpretação teleológica. Note que as sentenças do exemplo 10 não contêm predicados agentivos, nem na sentença modal nem na infinitiva; contudo, diferem em relação a licenciarem ou não interpretação teleológica. Supomos que essa diferença está relacionada não ao traço [+agentivo], como propõem von Fintel e Iatridou (2005), mas ao traço [+animado]. Em 10a, o predicado da sentença infinitiva (*sobreviver*) seleciona, necessariamente, um DP com o traço [+animado]: *a planta*; já em 10b e 10c, os predicados infinitivos *ferver* e *ser fértil*, respectivamente, estão figurando com um argumento [-animado]. As sentenças modais em 10b e 10c apresentam condições (*atingir 100°C* e *ter o pH entre 6,0 e 6,5*) para que as eventualidades descritas nas sentenças infinitivas (*a água ferver* e *o solo ser fértil*) se realizem, enquanto a sentença modal em 10a apresenta um meio para sua realização (*absorver água e sais minerais*).

É importante notar, entretanto, que nem todas as construções "para p, tem que/deve q" em que o predicado infinitivo seleciona argumento [+animado] disponibilizam leitura teleológica. Considere as sentenças do exemplo a seguir:

(11) a. Para ser albino, a pessoa tem que/deve ter ausência de melanina.
b. Para ter descendência germânica, a pessoa tem que/deve ter ancestrais alemães.
c. Para passar nessa prova, Ana tem que/deve ser inteligente.

Nenhuma das sentenças do exemplo 11 gera interpretação teleológica e, em todas, o argumento do predicado infinitivo exibe o traço [+animado]. Logo, esta parece ser uma condição necessária, mas não suficiente para licenciar essa interpretação ao modal. Além de DPs com o traço [+animado], essas sentenças têm em comum a descrição de propriedades não passíveis de mudança sob o escopo do modal: *ter ausência de melanina,* em 11a; *ter ancestrais alemães*, em 11b; e *ser inteligente*, em 11c. Considerando que, em construções teleológicas, o predicado sob o escopo do modal descreve o meio para se atingir a meta expressa pela sentença infinitiva, parece lógico que deva se tratar de um predicado com o traço [+mudança], uma vez que é a mudança do evento/da eventualidade descrito(a) por tal predicado que resultará na obtenção da meta. A sentença 9d, mais acima, licencia leitura teleológica, provavelmente por o predicado *nascer* capturar um momento a partir do qual o predicado [*ser bonita*] é definido. Dessa forma, para Júlia mudar sua condição e atingir a meta (*ser bonita*), o evento que determina essa condição (*nascer*) teria de ocorrer novamente, mas desta vez com um resultado diferente. Como isso não é possível (nem a Júlia nem a ninguém), depreendemos de 9d que, para o enunciador, Júlia não tem como atingir essa meta.

Assim sendo, as sentenças dos exemplos de 7 a 10 sinalizam na direção de que o traço relevante para o DP argumento do predicado infinitivo, em uma construção teleológica, é o [+animado], e não o [+agentivo]. Já as sentenças do exemplo 11 indicam que esse traço não é condição suficiente para que uma construção "para p, tem que/deve q" gere leitura teleológica, é necessário também que o predicado sob o escopo do modal seja marcado como [+mudança]. Na próxima subseção, vamos abordar outra propriedade necessária para a interpretação teleológica: a correferencialidade entre o participante que detém a meta e aquele responsável por realizar o meio para atingi-la. Na seção 3, vamos focar nos traços [±mudança] e [±controle] do predicado sob o escopo do modal.

2.2 CORREFERENCIALIDADE

Conforme von Fintel e Iatridou (2005), o modal teleológico seleciona dois argumentos: além da proposição sobre a qual esse modal opera, ele seleciona também uma oração infinitiva *(to-clause)*[8], resultando na configuração "*para p, tem que/deve q*". Como observamos na introdução, essa configuração não é encontrada apenas em construções teleológicas. No exemplo 12, *ter que/dever* pode assumir mais de uma conotação modal:

(12) (Para não ser multado/Para não se machucar), o motoqueiro tem que/deve usar capacete.

A sentença modal em 12 pode ser empregada com uma base modal deôntica ou teleológica. Na interpretação deôntica, o evento sob o escopo do modal (*usar capacete*) é descrito como uma obrigação (determinada por lei) do participante para o qual o modal é orientado (*o motoqueiro*), sob a pena de alguma punição (*multa*). A interpretação teleológica, por sua vez, não prevê punição; nesse caso, o que motiva *o motoqueiro* a realizar o evento *usar capacete* não é a punição prevista na lei, que se estende a todos os motoqueiros, e sim um objetivo pessoal: o de *não se machucar*.

Como observamos na subseção 2.1, para a leitura teleológica ser licenciada ao modal, o sujeito da sentença infinitiva deve ser [+animado]. Note que a estrutura da construção *anankastic conditional,* proposta por Sæbo, repetida em 13a, garante a correferencialidade entre o sujeito da condicional e o sujeito da sentença infinitiva, como mostramos em 13b:

(13) a. *if ... want to* ϕ*, must* ψ (SÆBO, 2001, p. 429)
b. Se Júliai quiser Øi ser examinada, elai tem que/deve agendar a consulta.

O sujeito da sentença modal (o pronome *ela*) é o responsável por realizar o evento *agendar a consulta*, que corresponde ao *meio* para que a *meta* (*Júlia ser examinada*) seja atingida. A meta é, necessariamente, de *Júlia,* visto que o sujeito da sentença infinitiva é o mesmo da sentença condicional. A sentença 13b corresponde à construção *anankastic conditional* transcrita em 13a, considerando que é constituída por (i) uma sentença condicional com o verbo *querer* (*if ... want*); (ii) uma sentença infinitiva que contém a meta (*to* ϕ); e (iii) uma sentença modal que descreve o meio necessário para que a meta seja atingida (*must* ψ). Já em 14, a seguir, a leitura teleológica não é disponibilizada ao modal:

(14) Se Júliai quiser Øi ir ao médico, elaj tem que/deve agendar a consulta.

A diferença entre 13b e 14 está na referência do sujeito da sentença modal, que apenas em 13b é correferencial ao sujeito das sentenças condicional e infinitiva. A não correferencialidade nessas construções bloqueia a interpretação teleológica para o modal, que pode assumir, em 14, conotação deôntica, atribuindo ao DP *ela,* que pode ser a secretária de Júlia, por exemplo, a obrigação de *agendar a consulta.* Mostramos, a partir desses exemplos, que a construção *anankastic conditional* corresponde à leitura teleológica somente se o participante responsável por realizar o evento sob o escopo do modal exibir a mesma referência do participante que detém a meta: sujeito do verbo *querer* e do predicado infinitivo.

3 PREDICADO SOB O ESCOPO DO MODAL

Segundo Rech e Varaschin (2017, 2018), as propriedades do predicado sob o escopo de um auxiliar modal determinam, pelo menos em parte, a sua interpretação. Os autores analisam construções epistêmicas e deônticas do tipo *ought-to-be* e *ought-to-do.* Modais epistêmicos e deônticos *ought-to-be* são interpretados em posição alta na estrutura sintática, acessando o evento de fala; já deônticos

[8] "We will assume that in one of their syntactic frames, teleological modals take a purpose to-clause as their argument."(VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p.13).

do tipo *ought-to-do* são interpretados em posição baixa, correspondendo a um modal de raiz, que acessa o evento descrito pelo VP (HACQUARD, 2006)[9].

Com base em dados do PB, Rech e Varaschin (2017, 2018) afirmam que deônticos do tipo *ought-to-do* formam sequência apenas com predicados [+controle], diferentemente dos deônticos *ought-to-be* e dos epistêmicos, que não impõem restrições ao predicado sob seu escopo, formando sequência com quaisquer predicados. Em sua análise, os autores consideram que inacusativos e estativos não pertencem a classes homogêneas, podendo seus membros serem separados em predicados [+controle] e [-controle]. Em relação à classe inacusativa, Rech e Varaschin (2017, 2018) assumem, com base na proposta de Rothstein (2004), que alguns inacusativos selecionam um argumento que pode atuar em fases preparatórias da eventualidade descrita pelo VP (*chegar, sair, entrar, surgir, (des-aparecer*); enquanto outros não (*nascer, morrer, cair, crescer, amadurecer*). Assim, os primeiros são identificados pelos autores como inacusativos [+controle]; e os últimos, como [-controle]. Em seu estudo sobre os dois tipos de deônticos (*ought-to-be* e *ought-to-do*), Rech e Varaschin (2017, 2018) constataram que o deôntico baixo (*ought-to-do*) requer sob seu escopo um predicado com o traço [+controle], por precisar checar o traço *agentivo* com um dos participantes do evento descrito pelo VP; diferentemente do deôntico alto (*ought-to-be*) e do epistêmico, que formam sequência com quaisquer predicados.

Os critérios para a subclassificação dos estativos com base no traço [±controle] (e também no traço [±mudança]) podem ser encontrados em Bertinetto (1991), Parsons (1990), Basso e Ilari (2004), entre outros. Basso e Ilari (2004) observam que os predicados estativos se distinguem pelo traço [±mudança], que pode ser capturado pela distribuição do emprego da cópula *ser* e *estar* no PB. Vejamos as sentenças do exemplo a seguir:

(15) a. Pedro é brasileiro/alto/albino/filho de Joana.
b. Joana está febril/preocupada/esperançosa/de luto.

Por meio dessas sentenças, nota-se que predicados como 15a não sofrem mudança em seu curso; ao contrário de predicados como 15b, que sofrem tal mudança.

Com base nos traços [controle] e [mudança], Basso e Ilari (2004) propõem uma subdivisão na classe dos estativos em: (i) verbos tipicamente estativos, marcados com os traços [-controle] e [-mudança]; e (ii) verbos não tipicamente estativos, marcados com os traços [+controle] e [-mudança] ou [-controle] e [+mudança].

O modal teleológico, por se tratar de um modal de raiz, pode sofrer influência das propriedades do predicado sob seu escopo, uma vez que é relativizado ao evento descrito pelo VP (cf. HACQUARD, 2006, 2010). Considerando que a modalidade teleológica integra a estrutura *anankastic conditional*, que apresenta o resultado ou *meta* da realização de um evento (*meio*), é esperado que ocorra uma mudança de estado no predicado sob o escopo do modal para que a meta descrita seja atingida. Temos por hipótese, portanto, que predicados estativos marcados com o traço [-mudança] ofereçam restrições à interpretação teleológica.

Na sequência, analisamos construções em que o modal teleológico se combina com predicados [+controle]/[-controle] e [+mudança]/[-mudança], adotando as subclassificações dos inacusativos e estativos proposta na literatura e brevemente apresentadas acima. Em 16, mostramos construções "*para p, tem que/deve q*", em que predicados [+controle] da classe dos inacusativos e estativos, respectivamente, figuram sob o escopo do modal:

(16) a. Para ser examinado pelo médico, você tem que/deve entrar no consultório.
b. Para ser bem avaliado pelos clientes, você tem que/deve ser gentil durante os atendimentos.

Em ambas as sentenças do exemplo, o modal forma sequência com um predicado [+controle]. Em 16a, *entrar* corresponde a um predicado inacusativo que descreve a culminação de uma atividade, conforme argumenta Rothstein (2004). Nesse sentido, é passível

[9] Os autores assumem o modelo de Hacquard (2006, 2010, 2016), em que um mesmo item modal pode denotar modalidade epistêmica ou de raiz, a depender da variável de evento que acessa: epistêmicos e deônticos do tipo *ought-to-be* se relativizam ao evento de fala (e_0), ao passo que deônticos *ought-to-do* se relativizam ao evento descrito pelo VP (e_1) – ver as representações nos exemplos 4 e 5 da seção 2.

de ser controlado, uma vez que o conjunto de eventos do qual resulta pode ser controlado. Veja que o DP [*você*] não é agente de *entrar*, que seleciona apenas argumento interno, mas é agente de um conjunto de eventos (como *tomar banho, vestir-se, dirigir até a clínica, subir um lance de escadas, etc.*) cuja culminação é a entrada no consultório. É importante observar que esse verbo admite flexão no imperativo: *Entre no consultório!* A flexão no imperativo é possível aqui, muito provavelmente, por o argumento do inacusativo (*entrar*) controlar o evento descrito pelo seu predicado de forma indireta, ou seja, pelo controle direto que exerce sobre o conjunto de eventos dos quais *entrar* resulta. Em 16b, um predicado estativo [+controle] figura sob o escopo do modal: *ser gentil*. À semelhança do inacusativo *entrar*, o predicado *ser gentil* também admite flexão no imperativo: *Seja gentil!*, que corresponde a um dos testes realizados por Basso e Ilari (2004) para classificar um estativo como [+controle]. Um outro aspecto importante para essa classificação é a indicação temporal feita pela expressão adverbial: *durante os atendimentos.* Isso sugere que o predicado *ser gentil* pode ser controlado pelo seu argumento (*você*), de forma que este estado dure pelo período do atendimento aos clientes. Em 16a e 16b, a interpretação teleológica é disponibilizada ao modal. Esse resultado já era esperado, uma vez que, à semelhança dos predicados agentivos, nos exemplos em 16, o participante sobre o qual recai a orientação do modal pode controlar – mesmo que indiretamente – o evento/estado (*entrar no consultório/ ser gentil durante os atendimentos)* que descreve o meio para que a meta (*ser examinado pelo médico/ser bem avaliado pelos clientes)* seja atingida.

A seguir, nas sentenças em 17, mostramos construções "*para p, tem que/deve q*", em que o modal forma sequência com predicados inacusativos e estativos [-controle]:

(17) a. Para jogar no time de basquete, Pedro tem que/deve crescer uns 5 centímetros.
b. Para se cadastrar no programa, a pessoa tem que ser viúva.

Esses exemplos são interessantes por revelarem que a leitura teleológica é disponibilizada ao modal mesmo em contextos nos quais o participante sobre o qual recai a orientação do modal não tem controle sobre o processo/estado que descreve o meio para se alcançar determinada meta. Logo, construções teleológicas podem ser empregadas também em contextos nos quais o único meio (*crescer uns 5 centímetros/ser viúva*) para se atingir uma meta (*jogar no time de basquete/se cadastrar no programa)* não está acessível ao participante para o qual o modal é orientado.

Por fim, em 18, ilustramos construções "*para p, tem que/deve q*" com o modal formando sequência com predicados [-mudança]:

(18) a. Para concorrer à bolsa de estudos, você tem que ter descendência germânica.
b. Para ter olhos azuis, a pessoa tem que ter o alelo (b) em ambos os genes.
c. Para gerar uma vida, você tem que ser mulher.

As sentenças em 18 não licenciam interpretação teleológica, mesmo apresentando a mesma configuração das sentenças dos exemplos 16 e 17 e de tantos outros apresentados ao longo do texto. O que as diferencia desses outros exemplos são as propriedades do predicado sob o escopo do modal, que, nesses casos, correspondem a predicados [-mudança]. Desse modo, é esperado que predicados [-mudança] na sentença modal ofereçam restrição à interpretação teleológica, uma vez que o predicado sob o escopo do modal descreve o evento que corresponde ao (melhor ou único) meio para se atingir determinada meta. Se a situação descrita pelo predicado sob o escopo do modal não for passível de mudança, como nas sentenças do exemplo 18, não pode ser apresentada como um meio para se atingir uma meta; ao invés disso, vai gerar leitura condicional, em que a sentença modal apresenta uma condição para que o evento descrito na sentença infinitiva ocorra.

A análise das propriedades do predicado sob o escopo do modal em construções "*para p, tem que/deve q*" sinalizou na direção de que o traço [-controle] não oferece restrições à leitura teleológica, mesmo apresentando como *meio* um evento sobre o qual o participante não tem poder de atuação. Nesses casos, a interpretação teleológica é gerada, sem nenhuma expectativa de que a meta seja atingida. Em relação ao traço [±mudança], verificamos que a leitura teleológica não é disponibilizada ao modal quando o predicado sob o seu escopo exibe o traço [-mudança], indicando que a apresentação de um meio para se atingir uma meta requer uma alteração na condição atual desse predicado.

4 POSSIBILIDADE TELEOLÓGICA

O termo *anankastic*, originário do grego, significa *necessidade*, o que explicaria sua associação à modalidade teleológica codificada por verbos como *ought to* e *must* (ver nota 4), que expressam força modal de necessidade. Nissenbaum (2005) traz uma nova perspectiva de análise dessas construções, ao associar o modal teleológico também à leitura de possibilidade modal, que corresponderia, segundo esse autor, a uma estrutura denominada *eparkastic conditional*, também do grego, termo que exprime uma noção de *suficiência*. Assim, Nissenbaum (2005) relaciona a modalidade teleológica também à expressão de um meio possível para se atingir uma meta, não sendo este o único meio nem, necessariamente, o melhor. Em 19a, a seguir, transcrevemos um exemplo do autor (p.135) que ilustra esse emprego:

(19) a. If you want to go to Harlem, you can take the A train.
'Se você quiser ir a Harlem, você pode pegar o trem A'
b. You can take the A train to go to Harlem.
'Para ir a Harlem, você pode pegar o trem A'

O evento sob o escopo do modal (*take the A train* 'pegar o trem A') é descrito pelo autor como um meio possível para que a meta descrita na sentença infinitiva (*to go to Harlem* 'ir a Harlem') seja atingida. Segundo o autor, a possibilidade teleológica estaria, nesse caso, associada a um conceito de suficiência, e não de necessidade[10]. Conforme apontado em von Fintel e Iatridou (2005) e observado ao longo deste artigo, uma *anankastic* pode ser parafraseada por *rationale clause* (ver nota 3); Nissenbaum (2005) argumenta, a partir de sentenças como as do exemplo 19, que uma *eparkastic conditional* também admite essa correspondência.

Um outro teste apresentado pelo autor para atestar essa equivalência é o da negação, ilustrado a seguir:

(20) a. If you want to go to Harlem, you must take the A train.
b. [if ... want to p, then must q] = [if not q, then not p] (NISSENBAUM, 2005, p. 134)

(21) a. If you want to go to Harlem, you can take the A train.
b. [if … want to p. then can q] = b. [if q, then p] (NISSENBAUM, 2005, p. 135)

Com esses exemplos, o autor mostra que, assim como 20a implica 20b, 21a implica 21b. Dessa forma, ele argumenta que uma construção *eparkastik conditional,* à semelhança da *anankastic,* admite a contraparte negativa.

Mesmo havendo equivalência entre as estruturas com o modal de necessidade e de possibilidade em relação à correspondência com *rationale clauses*, como mostra o exemplo 19, e à contraparte negativa, conforme os exemplos 20 e 21, o auxiliar modal de possibilidade não integra a fórmula apresentada por Sæbo (2001), que utiliza o modal *must*, conforme: "if ... want to ϕ, must ψ" (p. 429), nem a apresentada por von Fintel e Iatridou (2005), que utilizam *ought to* e *must*: "*p, ought to q* [...] *to p, must q*" (p. 15). Esse comportamento semelhante entre as estruturas com modais de necessidade e de possibilidade requer, conforme a construção apresentada por Nissenbaum (2005, p. 135), transcrita em 21b, uma versão da *anankastic* com o modal de possibilidade: [if … want to p. then *can* q], a qual ele denomina *eparkastic conditional*. Segundo o autor, parece não haver razão para a não expressão de uma modalidade teleológica de possibilidade. Exemplos do PB, como 3e, repetido aqui como 22, ilustram essa construção:

(22) Para chegar ao aeroporto, você pode seguir pela Avenida Brasil.

No exemplo acima, o evento sob escopo do modal [*seguir pela Avenida Brasil*] é um meio possível para que a meta descrita na sentença infinitiva seja atingida, mesmo que esse meio não seja necessário, uma vez que há outros, que podem, inclusive, ser melhores.

[10] "These sentences are understood to mean taking the A train is one way to achieve the goal of getting to Harlem - that action constitutes a sufficient condition (together with facts in the circumstantial modal base) for achieving the goal" (NISSENBAUM, 2005, p. 143).

O emprego de *poder* integrando a estrutura proposta por von Fintel e Iatridou (2005) — transcrita na nota 3 — daria conta melhor da interpretação teleológica, por capturar também a força modal de possibilidade, compatível com esse tipo de modalidade, conforme argumentado ao longo desta seção. Ressaltamos que, no PB, assim como a leitura teleológica de necessidade, a de possibilidade está sujeita às mesmas restrições em relação ao participante para o qual o modal é orientado e às propriedades do predicado sob o seu escopo, conforme mostram, respectivamente, os exemplos 24 e 25:

(23) a. Para chegar segunda-feira em SP, a Joana pode ir de ônibus (não tem que ir de avião).
b. Se Joana quiser chegar segunda-feira em SP, ela pode ir de ônibus (não tem que ir de avião).

(24) a. #Para chegar segunda-feira em SP, a encomenda pode ir por Sedex normal (não tem que ir por Sedex 10).
b. *Se quiser chegar segunda-feira em SP, a encomenda pode ir por Sedex.

(25) a. #Para ser jogador de futebol, a pessoa pode ser baixa (não tem que ser alta).
b. *Se quiser ser jogador de futebol, a pessoa pode ser baixa (não tem que ser alta).

As sentenças 23a e 24a correspondem a *rationale clauses*, com o verbo *poder* expressando força modal de possibilidade. É importante notar, entretanto, que somente 23a licencia a leitura de possibilidade teleológica. A agramaticalidade de 24b resulta da impossibilidade de inserir a *rational clause*, em 24a, em uma estrutura correspondente a *anankastic conditional,* com a inserção da *If clause* "If … want" (Se … quiser), no formato apresentado por Sæbo (2001). Isso ocorre porque o DP para o qual o modal é orientado [*a encomenda*], que deve ser correferencial ao sujeito da sentença infinitiva (ver subseção 2.2), é marcado com o traço [-animado], não podendo, assim, receber papel temático de *experienciador,* atribuído pelo predicado *querer*, que integra a *If clause* de uma construção *anankastic conditional.*

O exemplo 25a, embora seja uma sentença bem formada na língua, não recebe leitura teleológica. Note que o predicado *ser baixa* denota uma condição *suficiente* para o estado descrito na sentença infinitiva: *ser jogador de futebol.* O fato de *ser baixa* (ou *ser alta*) corresponder a um predicado [-mudança] parece ser determinante para o bloqueio da leitura teleológica, uma vez que a estatura de um indivíduo não pode ser alterada facilmente nem significativamente, e a leitura teleológica requer uma alteração no predicado sob o escopo do modal, visto que este expressa o *meio* suficiente ou necessário para que a meta, descrita pela sentença infinitiva, seja atingida.

Desse modo, os exemplos de 23 a 25 mostram que as *rationale clauses* com o modal de possibilidade se comportam de forma semelhante às *rationale clauses* com modal de necessidade em relação às condições para licenciarem a leitura teleológica: ambas requerem um DP [+animado] como sujeito da sentença modal e um predicado [+mudança] sob seu escopo. O comportamento semelhante das *rationale clauses* com modal de necessidade e de possibilidade, paralelamente ao teste da negação (ver exemplos 20 e 21), mostra a viabilidade da expressão de uma possibilidade teleológica, associada ao conceito de *suficiência* (*eparkastic conditional*), em que a sentença modal expressa um meio possível, dentre tantos outros, para a obtenção da meta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou descrever os principais resultados alcançados em relação às características do modal teleológico e, mais especificamente, aos fatores que licenciam ou oferecem restrições a esse tipo de modalidade. Foram analisadas sentenças do PB com a estrutura "para *p*, tem que/deve *q*", que, segundo von Fintel e Iatridou (2005), está associada à modalidade teleológica. Supomos que as principais contribuições do nosso artigo para o avanço dos estudos sobre a modalidade teleológica foram as seguintes: (i) a constatação de que o participante sobre o qual recai a orientação desse modal deve ser correferencial ao sujeito da sentença infinitiva e exibir o traço [+animado] — e não, necessariamente, o [+agentivo], diferentemente do que afirmam von Fintel e Iatridou (2005) —; (ii) o predicado sob o escopo do modal tem que ser marcado com o traço [+mudança], podendo ser [±agentivo] ou [±controle].

Esses achados foram possíveis, na nossa compreensão, por a análise se pautar em uma perspectiva sintático-semântica, em que o modal teleológico foi combinado com diferentes tipos de predicados.

Investigamos, também, construções "para *p*, pode *q*" com um modal de possibilidade integrando a *rationale clause.* Assim, verificamos que, no PB, essas construções se comportam de forma semelhante àquelas com o modal de necessidade em relação à contraparte negativa, como observa Nissenbaum (2005). Pela aplicação dos mesmos testes, constatamos que o modal teleológico de possibilidade impõe as mesmas restrições que de necessidade em relação ao participante para o qual é orientado e também em relação ao predicado sob o seu escopo. O PB permite, portanto, a expressão de possibilidade teleológica, em que se apresenta um meio suficiente, não o único nem necessariamente o melhor, para o alcance de determinada meta. Como observamos na seção 4, essa constatação requer uma revisão nas fórmulas propostas para a construção teleológica, que consideram apenas a força modal de necessidade.

REFERÊNCIAS

BASSO, R.; ILARI, R. Estativos e suas características. *Revista brasileira de linguística aplicada*, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004.

BERTINETTO, P. M. Il Sintagma Verbale. *In:* RENZI, L.; SALVI, G. (ed.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 1991. p.13-161.

BRESNAN, J.; KANERVA, J. Locative inversion in Chichewa: a case study of factorization in Grammar. *Linguistic Inquiry*, n. 20, p. 1-5, 1989.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads*: a cross-linguistic perspective. New York: Editora Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G. *Restructuring and functional heads:* the cartography of syntactic structures. Oxford University Press on Demand, v. 4, 81-98, 2006.

CODINHOTO, N. G.; RECH, N. F. Considerações sobre o modal teleológico. *Scripta*, v. 24, n. 51, p. 47-70, 23 set. 2020.

HACQUARD, V. *Aspects of modality,* 2006. Tese de Doutorado, Massaschusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.

HACQUARD, V. On the Event Relativity of Modal Auxiliaries. *Natural Language Semantics*, v. 18, n.1, p. 79-114, 2010.

HACQUARD, V. *Modals: Meaning categories?.* University of Maryland, 2016. Blaszczak, Chapter 2. Disponível em: https://valentinehacquard.org/papers/Hacquard_mmc_preprint.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.

KRATZER, A. The notional category of modality. *In:* EIKMEYER, H-J.; RIESER, H. (org.). *Word, worlds, and contexts*: new approaches to word semantics. Berlin: W. de Gruyter, 1981. p. 38-74.

KRATZER, A. *Modals and Conditionals*. NewYork: Oxford University Press, 2012.

NISSENBAUM, J. Kissing Pedro Martinez: (existential) anankastic conditionals and rationale clauses. *In: Semantics and Linguistic Theory*, 2005. p. 134-151.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English:* A study in subatomic semantics. Cambridge: MIT Press, 1990.

RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados inacusativos e a modalidade deôntica. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96, p. 219-238, 2017.

RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 159-177, 2018.

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events*: a study in the semantics of lexical aspect. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SÆBØ, K. J. *Anankastic conditionals*: if you want to go to Harlem. University of Oslo, Chapter 61, 2020. Disponível em: https://www.hf.uio.no/ilos/english/people/aca/kjelljs/chapter61.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

SÆBØ, K. J. Necessary Conditions in a Natural Language. *In*: Caroline F´ery & Wolfgang Sternefeld (Editors) Audiatur Vox Sapientiae: A Festchrift for Arnim von Stechow. Berlin: Akademie Verlag, 2001. p. 427-449.

VON FINTEL, K; IATRIDOU, S. *What to Do If You Want to Go to Harlem:* Notes on Anankastic Conditionals and Related Matters, 2005. Disponível em: http://web.mit.edu/fintel/www/harlem.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

Recebido em 18/01/2022. Aceito em 25/05/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e83771

ESTUDO EXPERIMENTAL DE EPÍTETOS EM SENTENÇAS COM *CONVENCER*: O CASO DOS OBJETOS

ESTUDIO EXPERIMENTAL DE EPÍTETOS EM ORACIONES CON *CONVENCER*: EL CASO DE LOS OBJETOS

EXPERIMENTAL STUDY OF EPITHETS IN SENTENCES WITH *CONVENCER*: THE CASE OF OBJECTS

Claudia Souza Coelho*
Universidade de São Paulo

RESUMO: Existe uma controvérsia envolvendo sentenças com verbos da classe *convencer* em português brasileiro relacionada ao estatuto teórico de seus sujeitos nulos (cf. FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004; MODESTO, 2000, 2011; NUNES, 2008, 2019). Este artigo apresenta resultados de um experimento sobre o comportamento de epítetos nessas sentenças. Nas encaixadas finitas com *convencer*, epítetos se comportaram como em orações adjuntas, quanto à correferência com o objeto da matriz. Ademais, essas encaixadas apresentam contraste entre sujeito e objeto da matriz, com o primeiro preterido como antecedente do epíteto, comportando-se novamente como orações adjuntas e contrastando com completivas infinitivas. Esses resultados se conformam à proposta de Rodrigues (2004) de que essas encaixadas finitas são estruturalmente adjuntos, e um sujeito nulo nessas orações resulta de controle de adjunto (HORNSTEIN, 1999, 2001). Temos evidência para uma análise de movimento dos sujeitos nulos do português brasileiro (cf. FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004; NUNES, 2008, 2019).
PALAVRAS-CHAVE: Epítetos. *Convencer*. Objetos.

RESUMEN: Existe una controversia que involucra oraciones con verbos de clase *convencer* en portugués brasileño relacionada con el estatus teórico de sus sujetos nulos (cf. FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004; MODESTO, 2000, 2011; NUNES, 2008, 2019). Este artículo presenta los resultados de un experimento sobre el comportamiento de los epítetos en estas oraciones. En cláusulas finitas, los epítetos se comportaron como en las cláusulas adjuntas, en cuanto a la correspondencia con el objeto de la matriz.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP e Mestre pelo mesmo Programa. Agradeço a Jairo Nunes e aos pareceristas do Fórum Linguístico por sua leitura deste artigo e todas as suas sugestões e à FAPESP pelo apoio, processos 2018/01470-4 e 2020/05241-0. E-mail: claudia.coelho@usp.br.

Además, estas cláusulas presentan un contraste entre sujeto y objeto de la matriz, comportándose como cláusulas adjuntas y contrastando con complementos infinitivos. Estos resultados se ajustan a la propuesta de Rodrigues (2004) de que estas cláusulas finitas son estructuralmente adjuntos y un sujeto nulo en estas cláusulas resulta del control adjunto (HORNSTEIN, 1999, 2001). Tenemos evidencia para un análisis del movimiento de sujetos nulos en portugués brasileño (cf. FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004; NUNES, 2008, 2019).
PALABRAS CLAVE: Epítetos. *Convencer*. Objetos.

ABSTRACT: There is a debate on constructions involving verbs like *convencer* 'convince' in Brazilian Portuguese, which is related to the status of its null subjects (cf. FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004; MODESTO, 2000, 2011; NUNES, 2008, 2019). This paper presents the results of an experiment on the behavior of epithets in these constructions. Epithets within a finite clause with *convencer* behave like epithets within adjunct clauses, regarding coreference with the matrix object. These clauses display a contrast between the matrix subject and object as antecedents for the epithet, again patterning like adjunct clauses and unlike infinitival complements of *convencer*. These results support Rodrigues' (2004) proposal that these finite clauses are adjunct-like and a null subject in these clauses is an instance of adjunct control (HORNSTEIN, 1999, 2001). The results provide evidence for an analysis of null subjects of Brazilian Portuguese in terms of movement (cf. FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004; NUNES, 2008, 2019).
KEYWORDS: Epithets. *Convencer*. Objects.

1 INTRODUÇÃO

Kato (1999) propôs a eliminação de *pro* como um primitivo teórico e reanalisou os sujeitos nulos não-expletivos não-indefinidos de 3ª pessoa do português brasileiro (doravante *PB*) como envolvendo PRO. Ferreira (2000) reinterpretou essa análise em termos da Teoria de Controle por Movimento (HORNSTEIN, 1999, 2001; BOECKX, HORNSTEIN, NUNES, 2010) e propôs que o enfraquecimento da morfologia verbal do PB (cf. GALVES, 1993; DUARTE, 1993, 1995; entre outros) tornou o T finito ambíguo quanto a ter traços-ϕ completos ou incompletos, ou seja, capaz ou não de checar/atribuir Caso. Assim, os sujeitos nulos não-expletivos não-indefinidos de 3ª pessoa do PB (doravante apenas *sujeitos nulos*) seriam cópias de DPs que não puderam ter seu traço de Caso licenciado na oração encaixada. Assumindo essa análise, a derivação de uma sentença como (1) abaixo ocorre como representado em (2).[1]

(1) O João disse que comprou um carro.[2]
(2) a. [$_{vP}$ o João comprou um carro]

[1] Rodrigues (2004) também analisa o sujeito nulo do PB como resultado de movimento. Rodrigues (2004) assume que nas línguas pro-drop, *pro* é, na verdade, o próprio morfema de concordância verbal *Agr*, e propõe que, em PB (e em finlandês), o enfraquecimento da morfologia causou uma reanálise de *Agr* como parte do verbo, mas esse elemento ainda possui um traço-D capaz de checar o traço EPP de T. Rodrigues também assume a dissociação entre checagem de EPP e checagem de Caso, proposta por Chomsky (2000). Para a derivação de uma sentença como (1), a autora propõe que *Agr* checa o traço EPP do T encaixado, *o João* checa os traços-ϕ desse T e o papel de argumento externo de *comprar*. Depois disso, o T encaixado pode projetar um Spec, para o qual *o João* se moveria e, assim, teria seu Caso checado em uma relação Spec-núcleo (baseando-se em Chomsky (1993), Rodrigues mantém a ideia (reformulada) de que Caso estrutural só pode ser checado em uma relação Spec-núcleo); entretanto, se esse for o caso, *o João* não poderia se mover para checar o papel de argumento externo de *dizer* na matriz, e essa não seria uma derivação convergente. Por outro lado, se o sistema escolhe continuar a derivação sem projetar um Spec para o T encaixado, *o João* não terá seu Caso checado nessa oração e poderá se mover para checá-lo no Spec de T da oração matriz, o que resulta em (1). A discussão que se segue neste artigo é compatível tanto com a proposta de Ferreira (2000) quanto com a proposta de Rodrigues (2004), pois assume uma análise de movimento-A para os sujeitos nulos. Entretanto, por razões de espaço, vou encaminhar a discussão com base na proposta de Ferreira.

[2] Uma leitura indefinida também pode ser possível quando o sujeito nulo ocorre em uma oração encaixada. Essa possibilidade causa a ambiguidade de uma sentença como (i) abaixo, que pode receber duas interpretações: (a) o João é o vendedor do doce (leitura referencial), (b) alguém vende doce naquela loja (leitura indefinida). Ver Carvalho (2016) para uma discussão detalhada da leitura indefinida.

(i) O João disse que *ec* vende doce nesta loja.

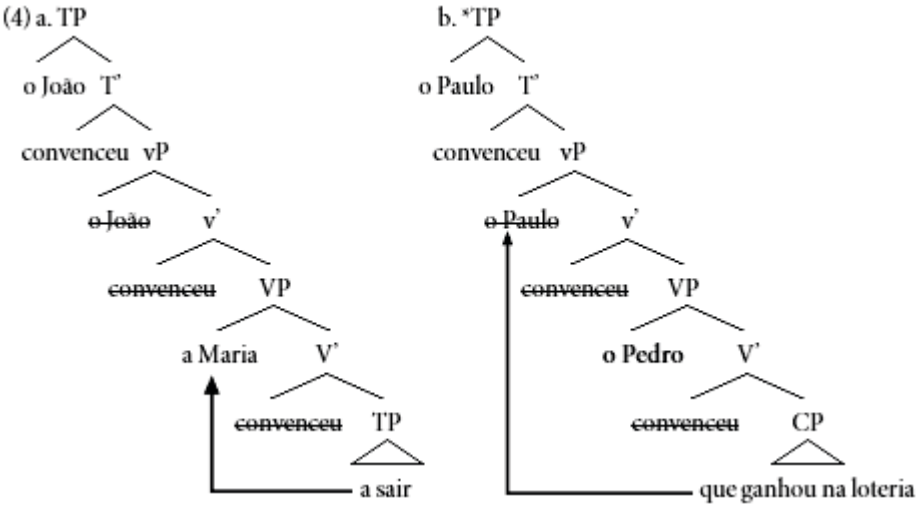
(2) a. [$_{vP}$ o João comprou um carro]
b. [$_{TP}$ o João T$_{\phi incompleto}$ [$_{vP}$ o João comprou um carro]]
c. [$_{vP}$ disse [$_{CP}$ que [$_{TP}$ o João T$_{\phi incompleto}$ [$_{vP}$ o João comprou um carro]]]]
d. [$_{vP}$ o João disse [$_{CP}$ que [$_{TP}$ o João T$_{\phi incompleto}$ [$_{vP}$ o João comprou um carro]]]]
e. [$_{TP}$ o João T$_{\phi completo}$ [$_{vP}$ o João disse [$_{CP}$ que [$_{TP}$ o João T$_{\phi incompleto}$ [$_{vP}$ o João comprou um carro]]]]]
f. [$_{TP}$ o João T$_{\phi completo}$ [$_{vP}$ ~~o João~~ disse [$_{CP}$ que [$_{TP}$ ~~o João~~ T$_{\phi incompleto}$ [$_{vP}$ ~~o João~~ comprou um carro]]]]]

O DP *o João* entra na derivação na oração encaixada (cf. (2a)), mas não pode ter seu Caso checado pelo T com traços-ϕ incompletos (cf. (2b)). O verbo da oração matriz é inserido no passo (2c) e precisa de um argumento externo, porém o DP *o João* ainda não foi devidamente licenciado; então, o DP se move para receber o papel temático de argumento externo do verbo *disse* (cf. (2d)) e depois para a posição de Spec,TP, onde o T com traços-ϕ completos checa seu Caso Nominativo (cf. (2e)). Por fim, as cópias mais baixas de *o João* são deletadas (cf. (2f)) e obtemos (1).[3]

Modesto (2000) aponta o contraste em um paradigma como (3), abaixo, como um argumento contra uma análise em termos de movimento para os sujeitos nulos do PB.

(3) a. [O João]$_1$ convenceu [a Maria]$_2$ a *ec* $_{1/2}$ sair.
b. [O Paulo]$_1$ convenceu [o Pedro]$_2$ que *ec* $_{1/*2}$ ganhou na loteria.

Assumindo-se uma análise em termos de concha larsoniana para os ditransitivos, a derivação de uma sentença de controle obrigatório, como (3a), dentro da Teoria de Controle por Movimento (doravante *TCM*), envolve movimento do DP *a Maria* a partir da posição de sujeito de *sair* para a posição de objeto de *convencer*, como demonstrado em (4a) abaixo. Todavia, a derivação da sentença (3b), considerando a leitura em que o sujeito nulo encaixado tem como antecedente o sujeito da oração matriz, deveria envolver o DP *o Paulo* sendo gerado como sujeito de *ganhou* e depois se movendo para a posição de sujeito da oração matriz, violando minimalidade ao cruzar o DP *o Pedro* na posição de objeto, como demonstrado em (4b) abaixo.[4]



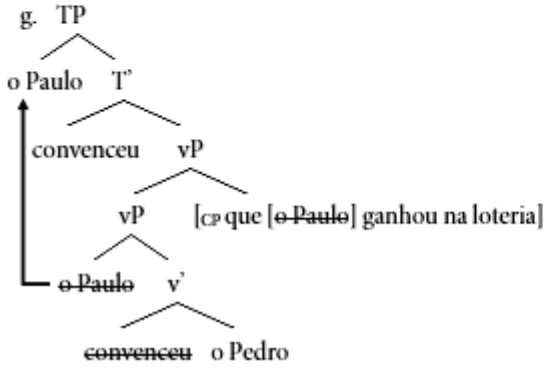
Entretanto, Modesto assume, tacitamente, que as duas sentenças com *convencer* em (3) têm a mesma estrutura de complementação, diferindo apenas quanto à flexão da oração subordinada. Rodrigues (2004) propõe que, na verdade, quando a oração subordinada é finita (3b), a estrutura de uma sentença com *convencer* não é de complementação, mas de adjunção. O estatuto de adjunto da

[3] Pela lógica de boa formação e convergência de uma derivação, numa derivação convergente, o T da oração encaixada precisa ter um conjunto incompleto de traços-ϕ, pois só assim não checa o Caso do DP *o João* e o deixa ativo para o sistema computacional. Se esse T tiver um conjunto completo, o DP tem seu Caso checado na encaixada e se torna congelado para movimento-A. Já o conjunto de traços-ϕ do T da oração matriz precisa ser completo, caso contrário, o Caso do DP *o João* não é checado e a derivação não converge.

[4] A sentença em (3b) é potencialmente problemática não só para uma análise em termos de movimento, mas para todas as análises que preveem que o antecedente do sujeito nulo deveria ser o DP c-comandante mais próximo.

oração finita seria uma instância de demoção de argumento no sentido de Larson (1991)[5], e a oração finita está adjungida à camada de vP da concha larsoniana. Nessa proposta, a sentença (3b) envolve uma instância de controle de adjunto (HORNSTEIN, 1999, 2001) e, assumindo-se Movimento Lateral (NUNES, 2001, 2004) e *Merge-over-Move* (CHOMSKY, 1995), é derivada da seguinte forma:

(5) a. O Paulo convenceu o Pedro que ganhou na loteria.
b. N= {o_2, $Paulo_1$, $Pedro_1$, $convenceu_1$, $ganhou_1$, que_1, em_1, a_1, $loteria_1$}
c. N' = {o_1, $Paulo_0$, $Pedro_L$ ...}
K = convenceu L = [$_{CP}$ que [o Paulo] ganhou na loteria]
d. *Merge-over-Move*:
K' = [$_{VP}$ convenceu o Pedro] L = [$_{CP}$ que [o Paulo] ganhou na loteria]
e. K'' = [$_{vP}$ [$_{v'}$ convenceu-*v*] [$_{VP}$ convenceu o Pedro]] L = [$_{CP}$ que [o Paulo] ganhou na loteria]
f. Movimento lateral de *o Paulo*:
K''' = [$_{vP}$ [o Paulo] [$_{v'}$ convenceu-*v*] [$_{VP}$ convenceu [o Pedro]] L = [$_{CP}$ que ~~[o Paulo]~~ ganhou na loteria]
g.



Em (5d), *o Pedro* entra na derivação como objeto de *convencer*, ao invés de *o Paulo* se mover para essa posição. Em (5f), *o Paulo* se move lateralmente para a posição de argumento externo de *convencer*. Crucialmente, nessa etapa da derivação, a oração finita ainda não é um adjunto, pois ainda não se concatenou à oração que será a matriz. Interpretando a derivação em (5) sob a proposta de Ferreira (2000), *o Paulo* se move para licenciar o papel temático de argumento externo de *convencer* e também para licenciar seu próprio traço de Caso, o qual ainda não estaria licenciado se o seu movimento parte de uma oração com um T Φ-incompleto.

Assim, se a oração finita associada a *convencer* ocupa uma posição de adjunto, em (3b) temos uma instância de controle de adjunto, e o fato de o sujeito nulo encaixado ter como antecedente o sujeito da matriz é justamente a previsão da TCM e da TCM estendida para os sujeitos nulos do PB.

Uma das evidências para a proposta de Rodrigues (2004) é a observação de Ferreira (2000) de que um epíteto encaixado pode ter como antecedente o objeto da matriz em uma sentença como (6a) abaixo, com *convencer* e uma oração finita. Nunes (2013) apresenta a sentença em (6b) para demonstrar que essa correferência não é possível quando a primeira oração encaixada é infinitiva.

[5] Como Rodrigues observa, essa demoção é o que Larson (1991) propõe que ocorre para gerar uma estrutura como (i) abaixo, com *promise*, em que o objeto direto nocional, na oração encaixada, é realizado como um adjunto de V'.

(i) [$_{VP}$ John [$_{V'}$ promise$_2$ [$_{VP}$ Mary$_1$ [$_{V'}$ t_2 t_1 [$_{V'}$ to return home by 5:00 p.m]]]]]

(6) a. O João convenceu [a Maria]$_2$ (de)[6] que [a idiota]$_2$ deveria assaltar um banco.

b. *O João convenceu [a Maria]$_2$ [a espalhar [que [a idiota]$_2$ ia renunciar]]

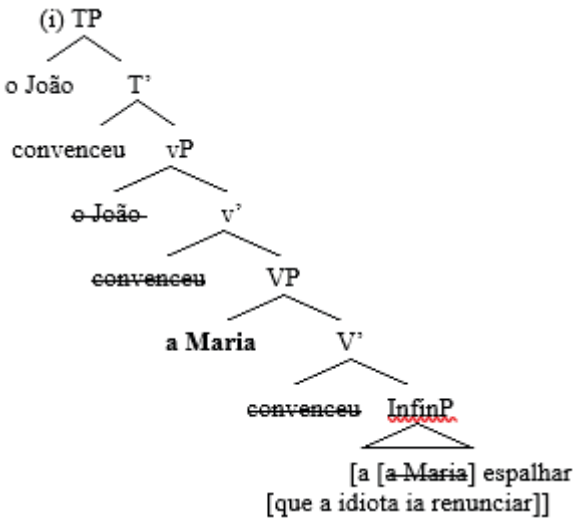
Segundo o Princípio C da Teoria de Ligação (Chomsky 1981), uma expressão-referencial (doravante *expressão-R*) não pode ser correferente a um DP que a c-comanda a partir de uma posição-A. Assumindo que epítetos também estão sujeitos ao Princípio C,[7] (6a) indicaria que o objeto da matriz não c-comanda a oração finita associada a *convencer*, enquanto (6b) indica que essa relação existe quando a oração subordinada é infinitiva.[8]

Modesto (2011, p.17) questiona se epítetos realmente podem evidenciar a relação de c-comando relevante para a discussão em torno de *convencer*, argumentando que, em seu julgamento, o epíteto encaixado pode ter o sujeito da matriz como seu antecedente em (7) abaixo e, mesmo se a oração finita for um adjunto, o sujeito a c-comanda.[9] Como vemos em (7) também, Modesto considera a

[6] Nunes (2009) propõe que a preposição *de* em sentenças como (6a) pode ser reflexo morfológico de atribuição de Caso inerente ao CP. Assumindo que Caso inerente está relacionado a papel temático (cf. Chomsky 1986), a presença de *de* sinalizaria que o CP é um complemento. Entretanto, Nunes também identifica ocorrências de um *de* "estilístico" - um acréscimo realizado na morfologia devido ao prestígio sociolinguístico atribuído ao uso da preposição, o qual pode desencadear instâncias de hipercorreção. A possibilidade de ambiguidade do CP precedido por *de* levantada por Nunes – ser um complemento marcado por Caso inerente ou um adjunto, como proposto por Rodrigues (2004), antecedido por uma preposição estilística – poderia interferir nos julgamentos para a correferência nas sentenças do experimento reportado aqui. Assim, por consistência, todos os estímulos com *convencer* do experimento foram formulados sem *de.*

[7] Essa é assunção feita por Ferreira (2000) e Nunes (2013) e remonta a Lasnik (1976), que propôs que epítetos se comportam como expressões-R no que diz respeito à ligação. Entretanto, essa posição é controversa e existe muita discussão na literatura desde Lasnik (1976). Ao longo deste trabalho, vamos assumir que, qualquer que seja a análise final para o comportamento de epítetos, esses elementos são sensíveis às configurações de c-comando relevantes para a discussão em torno de *convencer*. Para uma discussão detalhada, ver Coelho (2020).

[8] Marcelo Ferreira (c.p.) apontou, no entanto, que o epíteto em (6b) pode estar tomando como antecedente o sujeito da oração infinitiva e não propriamente o objeto da matriz, apesar de serem obrigatoriamente correferentes, por se tratar de uma relação de controle obrigatório. Assim, o fato de a correferência ser rejeitada em (6b) não indicaria exatamente a configuração da oração infinitiva em relação à oração matriz, mas apenas a da segunda oração encaixada em relação à oração infinitiva. Esse é, de fato, o caso. E é fato também que a TCM requer uma análise em termos de concha larsoniana para estruturas de controle de objeto. Entretanto, o debate entre defensores de PRO e defensores da TCM tem residido no elemento que ocupa a posição do *controllee* (PRO *vs.* cópia/vestígio), e não na concha larsoniana para estruturas envolvendo controle de objeto. Vamos assumir, portanto, que ambas as abordagens assumem uma concha larsoniana para construções de controle de objeto; no caso da derivação de uma sentença como (6b) na TCM, assumimos que o objeto c-comanda a oração infinitiva e, se o objeto da matriz c-comanda a oração infinitiva, c-comanda também o epíteto, como demonstrado em (i) abaixo.



Assim, para efeito de apresentação e comparação com as demais estruturas, tratarei das estruturas envolvendo *convencer* e subordinada infinitiva, considerando apenas a correferência entre o epíteto e o objeto da matriz, sem fazer menção ao sujeito controlado.

[9] Mantive os julgamentos de Modesto para (7), mas a correferência entre epíteto e sujeito não é possível em meu julgamento.

correferência entre epíteto encaixado e objeto da matriz como marginal. Assim, o comportamento dos epítetos nas sentenças com *convencer* é um ponto de conflito quanto à proposta de adjunto de Rodrigues (2004).[10]

(7) [O Maluf]$_1$ convenceu [o Diogo]$_2$ que [o desgraçado]$_{1/??2/3}$ era o melhor candidato.
(MODESTO 2011, p.17)

Neste artigo, vou apresentar e discutir os resultados de um experimento aplicado para investigar se o julgamento dos participantes para sentenças como em (6) e (7) está ou não de acordo com a proposta de adjunto de Rodrigues (2004). Assumindo que o comportamento dos epítetos pode evidenciar relações de c-comando (cf. nota 8), a previsão feita em relação a essa proposta é clara: se as orações finitas associadas a *convencer* se comportam como adjuntos, o objeto da matriz não c-comanda o epíteto encaixado e pode, em princípio, ser seu antecedente. Se essas orações finitas, na verdade, são complementos canônicos, como as infinitivas, o objeto da matriz c-comanda o epíteto encaixado, e isso impossibilitaria a correferência entre eles.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresento os detalhes do experimento. Na seção 3, os resultados. Na seção 4, a discussão. A seção 5 discute a sentença (7) de Modesto (2011). Por fim, a seção 6 encerra o artigo com considerações finais.

2 O EXPERIMENTO

2.1 DESIGN DO EXPERIMENTO[11]

As instruções do experimento diziam aos participantes que estava sendo criado um programa de computador capaz de interpretar o significado de frases complexas das línguas naturais e, para saber se o trabalho estava dando certo, era necessário saber qual a interpretação que falantes nativos de português davam para as frases processadas pelo suposto programa. A seguir, os participantes eram apresentados a um contexto que introduzia o nome dos quatro personagens que apareceriam nas sentenças (Ivo, Rita, João e Ana) e, durante toda a aplicação, desenhos representando esses quatro personagens ficaram expostos.

Os participantes foram expostos aos áudios das sentenças – gravados por uma falante nativa de PB – e deveriam responder a perguntas como (8b) abaixo, que tinham como possibilidades de resposta opções como (8c). As possibilidades de resposta foram randomizadas, aparecendo em uma ordem diferente para os participantes a cada estímulo.

(8) a. **Estímulo:** O João convenceu a Rita [que a idiota estragou a negociação]
b. **Pergunta:** Quem estragou a negociação?
c. **Respostas possíveis**: a) (i) a Rita (ii) ou Rita ou Ana (iii) a Ana

Se o participante escolhesse a resposta "ou Rita ou Ana/ou Ana ou Rita" (ambos os antecedentes disponíveis) ou "a Rita" (o antecedente na sentença) para uma pergunta como (8a), isso sugeria que ele aceitava a correferência entre o epíteto e o objeto da

[10] Modesto também argumenta que uma sentença como (i) abaixo indica que o objeto da matriz c-comanda a oração finita, pois a correferência entre *ela* e *a Maria* causa uma violação do Princípio C.

(i) *O Pedro$_1$ convenceu ela$_2$ que a Maria$_2$ é bonita.

Entretanto, Rodrigues (2004) e Nunes (2019) apontam que o PB parece bloquear a correferência entre um DP e um pronome que o precede mesmo em configurações em que o pronome claramente não c-comanda o DP, como demonstrado em (ii) abaixo.

(ii) a. *O pai dela$_i$ ama [a Maria]$_i$
b. *O professor que ela$_i$ gosta disse que [a Maria]$_i$ é uma aluna muito promissora.
(NUNES, 2019, p. 18)

[11] O experimento foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, protocolo CAAE: 68901117.9.0000.5390.

oração matriz. Se o participante escolhesse a resposta "a Ana" (o antecedente fora da sentença, disponibilizado pelo contexto), não aceitava a correferência.

O experimento continha 68 sentenças, distribuídas da seguinte forma: 24 sentenças-teste, 36 sentenças distratoras e oito sentenças de controle. Considerando-se o cenário apresentado na introdução, as variáveis manipuladas pelo experimento foram *tipo de sentença*, *flexão da oração subordinada* e *função sintática do antecedente*.

i) **Tipo de sentença:** a) sentenças construídas com *convencer* ou b) com verbos transitivos e orações adjuntas canônicas.

Considerando a proposta de Rodrigues (2004) de que as orações finitas associadas a *convencer* ocupam uma posição estrutural de adjunto, esperaríamos que existisse um paralelo entre o comportamento das orações finitas com *convencer* e orações adjuntas canônicas no que diz respeito ao objeto da matriz. Portanto, o experimento incluiu sentenças construídas com *convencer* e sentenças com orações adjuntas canônicas associadas a verbos que não eram objeto da discussão (*promover, transferir, entrevistar, despedir, telefonar, supervisionar*).

ii) **Flexão da oração encaixada/adjunta:** a) finita ou b) não-finita.

Enquanto Modesto (2000, 2011) assume (tacitamente) que tanto as sentenças com orações infinitivas quanto as com orações finitas com *convencer* têm uma estrutura de complementação, o paradigma em (6) e a proposta de Rodrigues (2004) indicam uma assimetria entre essas construções. Sendo assim, os dados envolvendo tanto as sentenças com *convencer* quanto as sentenças com orações adjuntas apresentam orações encaixadas/adjuntas finitas e não-finitas[12].

iii) **Função sintática do antecedente:** a) se o antecedente potencial do epíteto dentro da sentença ocupa a posição de **sujeito** da matriz ou b) a posição de **objeto** da matriz.

Devido à controvérsia levantada por (7), o experimento incluiu tanto estímulos em que o potencial antecedente do epíteto era o objeto da matriz, como estímulos em que era o sujeito da matriz. Por questões de espaço, o foco deste artigo será nos casos de correferência entre epíteto encaixado e objeto da matriz (para uma discussão detalhada sobre a correferência entre epíteto e sujeito da matriz, cf. COELHO, 2020). Diferentemente dos antecedentes potenciais, os epítetos sempre ocupavam a mesma posição na oração subordinada, a de sujeito.

As demais variáveis do experimento foram *epíteto* (selecionamos epítetos baseados nos adjetivos *idiota*, *sem-vergonha* e *vigarista*, por não portarem flexão de gênero e, portanto, serem compatíveis com referentes masculinos e femininos), *repetição* (os participantes poderiam escolher ouvir o estímulo mais uma vez) e *ordem* (todos os participantes foram apresentados à mesma ordem randomizada dos estímulos).

[12] Em um experimento piloto, as duas possibilidades de flexão para as orações adjuntas foram computadas separadamente para investigar se existiria a mesma assimetria investigada para as sentenças com *convencer*. A tabela abaixo apresenta os resultados para as sentenças com orações adjuntas nesse piloto, quando a correferência testada era do epíteto com o objeto da oração matriz.

Tabela i: Respostas para as sentenças com oração adjunta quando o argumento testado era objeto

	✓ correferência	*correferência	*p*	N
Adjunta finita	22 (0.92)	2 (0.08)	< 0.001	24
Adjunta infinitiva	21 (0.88)	3 (0.12)	< 0.001	24

Fonte: produzida pela autora

A tabela mostra que, para os dois tipos de sentença, houve um número significativamente maior de respostas aceitando a correferência do que de respostas recusando. Tendo em vista que o comportamento do objeto como antecedente, que constituía o principal ponto de comparação para o estudo, não diferenciou adjuntas finitas de infinitivas, a decisão foi agrupá-las em um mesmo grupo de estímulos, sentenças com orações adjuntas, a fim de reduzir o número de sentenças-teste do experimento e reduzir sua extensão.

2.2 MATERIAIS

O Quadro 1 abaixo apresenta o cruzamento das três variáveis manipuladas pelo experimento e um exemplo de estímulo para cada condição. O experimento possuía quatro estímulos para cada condição, sendo que, para os estímulos com orações adjuntas, havia dois com orações finitas e dois com orações infinitivas.

Tipo de sentença

Convencer	**Adjunta**
Flexão da oração: Finita	*Flexão da oração: Finita*
(i) O João convenceu **a Rita** [que **a idiota** *estragou* a negociação]	(ii) A Rita transferiu **o Ivo** [depois que **o idiota** *fez* um novo treinamento]
Flexão da oração: Não-finita	*Flexão da oração: Não-finita*
(iii) A Ana convenceu **o Ivo** [a *alegar* [que **o idiota** foi transferido]	(iv) A Ana vai entrevistar **o Ivo** [antes d**o idiota** *entregar* os relatórios]

Quadro 1: Exemplos das condições testando correferência entre epíteto e objeto da matriz[13]

Se o comportamento das respostas dos participantes fosse o mesmo para (i), (ii) e (iv), mas não para (iii), isso estaria de acordo com a proposta de que as sentenças com *convencer* e oração finita não têm a mesma estrutura das sentenças com *convencer* e oração infinitiva, pois a oração finita ocuparia uma posição estrutural de adjunto. Se as respostas para (i) se comportassem como as respostas para (iii), e diferentemente para (ii) e (iv), isso indicaria que a subordinada de (i) é um complemento canônico, como a de (ii).

2.3 PARTICIPANTES

O experimento foi aplicado, presencialmente, a 40 participantes, 14 homens e 26 mulheres, que nasceram e/ou cresceram no estado de São Paulo. Os participantes tinham entre 20 e 30 anos (média de 23 anos), ensino superior completo ou incompleto e foram recrutados de diferentes faculdades da Universidade de São Paulo (exceto a de Letras).

3 RESULTADOS

3.1. A AMOSTRA FINAL

[13] Quadro i: Exemplos das condições testando correferência entre epíteto e sujeito da matriz

Tipo de sentença

Convencer	**Adjunta**
Flexão da oração: Finita	*Flexão da oração: Finita*
O Ivo convenceu a Ana [que **o idiota** *recusou* a propina]	**O João** despediu a Rita [depois que **o idiota** *foi* promovido]
Flexão da oração: Não-finita	*Flexão da oração: Não-finita*
A Ana convenceu o João [a *dizer* [que **a idiota** mentiu na reunião]]	**O Ivo** vai transferir a Ana [antes d**o idiota** *demitir* mais pessoas]

Fonte: produzido pela autora

Dos 40 participantes que realizaram o experimento, as respostas de seis não se mostraram confiáveis. Quanto aos estímulos, dois apresentaram um padrão de resposta diferente dos demais estímulos de seu tipo. Sendo assim, os dados analisados foram as respostas de 34 participantes, 24 mulheres e 10 homens, a 81 estímulos (15 sentenças de familiarização, 36 distratoras, 8 sentenças de controle e 22 sentenças-teste), totalizando 2.754 observações. Neste artigo, o foco são 374 observações, correspondentes às respostas para os estímulos envolvendo objetos da matriz.

3.2 OBJETOS

O paradigma (9) abaixo apresenta um exemplo de estímulo para cada tipo de sentença quando a correferência testada era entre epíteto encaixado e objeto da matriz.

(9) a. Adjunta: O Ivo despediu **a Rita** depois d**a idiota** ter falado com a ouvidoria.
b. *Convencer* finita: O João convenceu **a Rita** que **a idiota** estragou a negociação.
c. *Convencer* infinitiva: O Ivo convenceu **a Rita** a anunciar que **a idiota** vai mudar de seção.

A Tabela 1 mostra as respostas para a possibilidade de correferência por tipo de sentença.

Tabela 1: Respostas para a correferência do epíteto com o objeto da matriz

	✓ correferência	*correferência	*p*	N
Adjunta	0.80 (109)	0.20 (27)	2.044e-12 *	136
Convencer Finita	0.68 (69)	0.32 (33)	0.0001682 *	102
Convencer Infinitiva	0.49 (66)	0.51 (70)	0.6069	136

Fonte: produzida pela autora

A tabela anterior mostra que as sentenças com orações adjuntas e as sentenças com *convencer* e oração finita apresentam um número significativamente maior de respostas aceitando a correferência com o objeto da matriz do que de respostas recusando essa correferência. Para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, não existe uma diferença significativa entre o número de respostas aceitando a correferência e o número de respostas a recusando.

A Tabela 2 abaixo apresenta os tipos de resposta escolhidos para cada tipo de sentença e mostra se os participantes optaram mais pelo antecedente na sentença – o objeto da matriz –, se pelo antecedente fora da sentença (disponibilizado no contexto) ou se por ambos os antecedentes.

Tabela 2: Tipos de resposta para a correferência do epíteto com o objeto da matriz

	Antecedente na sentença (✓correferência)	Ambos os antecedentes (✓correferência)	Antecedente fora da sentença (*correferência)	*p*	N
Adjunta	**0.43 (58)**	0.37 (51)	0.20 (27)	0.000772*	136
C. Finita	0.15 (15)	**0.53 (54)**	0.32 (33)	0.02436*	102
C. Infinitiva	0.13 (19)	0.36 (47)	**0.51 (70)**	0.000567*	136

Fonte: produzida pela autora

A tabela acima mostra que, para as sentenças com orações adjuntas, o número de respostas escolhendo o antecedente na sentença, o objeto da matriz, foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo o antecedente fora da sentença, que recusava a correferência intrassentencial. Para as sentenças com *convencer* e oração finita, os participantes escolheram significativamente mais vezes a resposta com ambos os antecedentes do que o antecedente fora da sentença. Por fim, para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, o antecedente fora da sentença foi escolhido significativamente mais vezes do que a opção com ambos os antecedentes.

Em suma, para as sentenças com orações adjuntas e para as sentenças com *convencer* e oração finita, respostas aceitando a correferência intrassentencial foram escolhidas significativamente mais vezes do que a resposta recusando essa correferência (a que escolhia o antecedente fora da sentença). Olhando para a Tabela 2, vemos que, para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, o comportamento foi o oposto.

Por fim, a Tabela 3 abaixo compara, entre os três tipos de sentença, o comportamento das respostas recusando a correferência intrassentencial.

Tabela 3: Respostas escolhendo o antecedente fora da sentença para a correferência do epíteto com o objeto da matriz para cada tipo de sentença

	Antecedente fora da sentença (* correferência)	*p*	N
Adjunta	0.20 (27)	A/CF: 0.4386 | A/CI: 1.265e-05*	136
C. Finita	0.32 (33)	CF/A: 0.4386 | CF/CI: 0.0002666*	102
C. Infinitiva	0.51 (70)	CI/A: 1.265e-05* | CI/CF: 0.0002666*	136

Fonte: produzida pela autora

A tabela acima mostra que o objeto das sentenças com *convencer* e oração infinitiva foi significativamente mais recusado como antecedente do epíteto do que os outros objetos. Não houve um contraste entre o objeto das sentenças com oração adjunta e o das sentenças com *convencer* e oração finita.

3.3 SUJEITO DA MATRIZ *VS.* OBJETO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA

A discussão empírica que motivou o experimento aplicado era sobre a correferência entre epíteto encaixado e objeto da matriz em sentenças com *convencer* e oração finita. Além disso, havia o questionamento sobre a validade dessa correferência como evidência de relações de c-comando, visto que, segundo Modesto (2011), o sujeito da matriz também poderia ser o antecedente do epíteto nessas sentenças.

Tendo isso em vista, investigamos para cada tipo de sentença se existia um contraste entre sujeito e objeto da matriz quanto à aceitabilidade da correferência com o epíteto encaixado. A Tabela 4 abaixo apresenta os resultados encontrados.

Tabela 4: Respostas escolhendo o antecedente fora da sentença (recusando a correferência intrassentencial) por tipo de sentença

	Sujeito	Objeto	*P*	N
Adjunta	0.40 (55)	0.20 (27)	0.001988 *	S: 136 | O: 136 = 272
Convencer Finita	0.54 (73)	0.32 (33)	0.0001023 *	S: 135 | O: 102 = 237
Convencer Infinitiva	0.73 (74)	0.51 (70)	0.7389	S: 101 | O: 136 = 237

Fonte: produzida pela autora

A tabela acima mostra que, para as sentenças com orações adjuntas e as com *convencer* e oração finita, existe um contraste entre sujeito e objeto da matriz: o antecedente fora da sentença, sinalizando a recusa da correferência intrassentencial, foi escolhido como resposta significativamente mais vezes para a correferência com o sujeito do que para a correferência com o objeto. Para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, esse contraste não foi encontrado, pois não existe diferença estatisticamente significativa entre sujeito e objeto quanto ao número de vezes em que o antecedente fora da sentença foi escolhido como resposta.

4 DISCUSSÃO

Nesta seção, vou discutir o que os resultados apresentados na seção anterior podem esclarecer sobre a estrutura das sentenças com *convencer*. A Tabela 5 abaixo relembra o comportamento geral das respostas para a correferência entre epíteto e objeto da matriz por tipo de sentença, a Tabela 6 relembra os tipos de resposta.

Tabela 5: Respostas para correferência do epíteto com o objeto da matriz por tipo de sentença

	✓ correferência	*correferência	*p*	N
Adjunta	0.80 (109)	0.20 (27)	2.044e-12 *	136
Convencer Finita	0.68 (69)	0.32 (33)	0.0001682 *	102
Convencer Infinitiva	0.49 (66)	0.51 (70)	0.6069	136

Fonte: produzida pela autora

Tabela 6: Tipos de resposta para a correferência do epíteto com o objeto da matriz por tipo de sentença

	Antecedente na sentença (✓correferência)	Ambos os antecedentes (✓correferência)	Antecedente fora da sentença (* correferência)	*p*	N
Adjunta	**0.43 (58)**	0.37 (51)	0.20 (27)	0.000772*	136
C. Finita	0.15 (15)	**0.53 (54)**	0.32 (33)	0.02436*	102
C. Infinitiva	0.13 (19)	0.36 (47)	**0.51 (70)**	0.000567*	136

Fonte: produzida pela autora

Nas tabelas acima, vemos que o objeto da matriz das sentenças com *convencer* e oração finita e o das sentenças com oração adjunta foram aceitos como antecedentes dos epítetos encaixados. Na Tabela 6, identificamos a preferência pela correferência extrassentencial nas sentenças com *convencer* e oração infinitiva.

Como, independentemente da análise final para os epítetos, estamos assumindo que o comportamento desses elementos é sensível a configurações de c-comando, esses resultados apontam que, nas sentenças com *convencer* e oração finita e nas sentenças com oração adjunta, o objeto da matriz tem a mesma relação de c-comando com o epíteto encaixado, i.e., não o c-comanda.

A Tabela 7 abaixo relembra que não houve um contraste entre o objeto das sentenças com *convencer* e oração finita e o das sentenças com oração adjunta, enquanto o objeto das sentenças com *convencer* e oração infinitiva foi significativamente mais recusado como antecedente do epíteto em relação a esses outros dois objetos.

Tabela 7: Respostas escolhendo o antecedente fora da sentença para o objeto da matriz para cada tipo de sentença

	Antecedente fora da sentença (* correferência)	*P*	N
Adjunta	0.20 (27)	A/CF: 0.4386 | A/CI: 1.265e-05*	136
C. Finita	0.32 (33)	CF/A: 0.4386 | CF/CI: 0.0002666*	102
C. Infinitiva	0.51 (70)	CI/A: 1.265e-05* | CI/CF: 0.0002666*	136

Fonte: produzida pela autora

Na tabela acima, temos, novamente, as sentenças com *convencer* e oração finita se alinhando às sentenças com oração adjunta e diferindo das sentenças com *convencer* e oração infinitiva, resultado esperado se as duas primeiras possuem a mesma estrutura de adjunção.

A Tabela 8 abaixo relembra que, em relação ao objeto da matriz, o sujeito da matriz foi significativamente mais recusado como antecedente do epíteto nas sentenças com *convencer* e oração finita e nas sentenças com oração adjunta, mas não houve diferença nas sentenças com *convencer* e oração infinitiva.

Tabela 8: Respostas escolhendo o antecedente fora da sentença (recusando acorreferência intrassentencial) por tipo de sentença

	Sujeito	Objeto	*p*	N
Adjunta	0.40 (55)	0.20 (27)	0.001988*	S: 136 | O: 136 = 272
Convencer Finita	0.54 (73)	0.32 (33)	0.0001023*	S: 135 | O: 102 = 237
Convencer Infinitiva	0.73 (74)	0.51 (70)	0.7389	S: 101 | O: 136 = 237

Fonte: produzida pela autora

Considerando as assunções feitas aqui, os resultados apresentados acima apontam que, nas sentenças com *convencer* e oração infinitiva, o sujeito da matriz e o objeto da matriz estão em uma mesma configuração de c-comando com o epíteto encaixado, i. e., o c-comandam. Já nas sentenças com *convencer* e oração finita e nas sentenças com oração adjunta, sujeito da matriz e objeto da matriz não têm a mesma relação com o epíteto encaixado, sendo que o sujeito o c-comanda, e o objeto não. Assim, temos mais uma vez a semelhança entre essas sentenças, ao mesmo tempo que diferem das sentenças com *convencer* e oração infinitiva.

A discussão feita acima mostra, portanto, que, quanto ao comportamento da correferência entre um epíteto encaixado e o objeto da matriz, as sentenças com *convencer* e oração finita são semelhantes às sentenças com oração adjunta. Assim, temos evidência de que estamos tratando de uma estrutura de adjunção em ambos os casos.

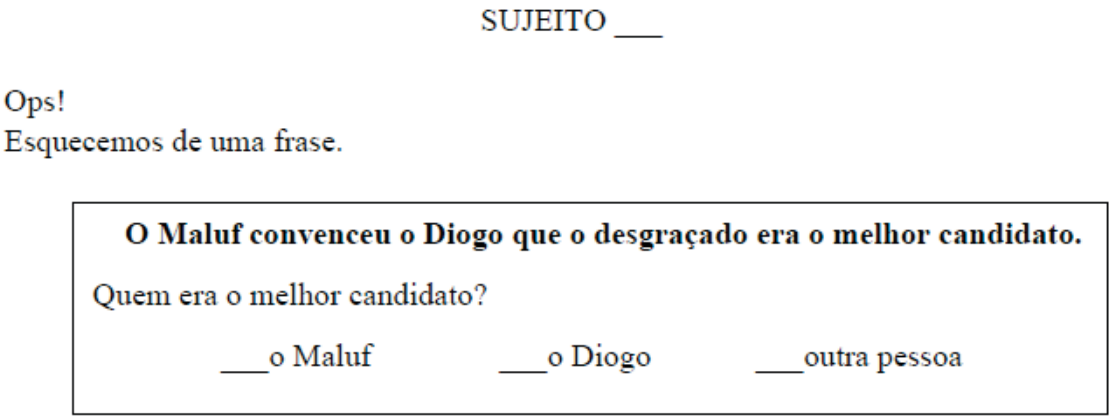
5 SOBRE A SENTENÇA DE MODESTO (2011)

A sentença (10) abaixo foi apresentada por Modesto (2011) para questionar a validade do comportamento dos epítetos como diagnóstico de relações de c-comando.

(10) O Maluf convenceu o Diogo que o desgraçado era o melhor candidato.

A Figura 3 mostra como essa sentença foi apresentada aos participantes, ao final do experimento, no formulário impresso respondido por eles.[14]

Figura 3: Parte do formulário impresso em que a sentença de Modesto (2011) era apresentada aos participantes



A Tabela 9 abaixo apresenta as respostas obtidas para essa sentença.

Tabela 9: Respostas para a sentença de Modesto (2011)

Outra pessoa	Objeto	Sujeito	Todas as opções	*p*	N
0.59 (19)	0.125 (4)	0.16 (5)	0.125 (4)	0.0001506 *	32

Fonte: produzida pela autora

A tabela acima mostra que os participantes escolheram significativamente mais vezes a opção de resposta "outra pessoa", a qual não permitia a correferência com nenhum dos elementos da sentença (o sujeito da matriz ou o objeto da matriz).

Esse resultado indica que, apesar de existir um viés pragmático para associar o epíteto *o desgraçado* ao antecedente *Maluf*, político famoso por escândalos de corrupção, ainda assim os participantes recusaram essa correferência, demonstrando, portanto, sensibilidade à configuração de c-comando entre o sujeito da matriz e o epíteto. Quanto à correferência entre *o desgraçado* e *o Diogo*, não havia um viés pragmático para associar o epíteto a esse antecedente em um contexto *out-of-the-blue*, como o do formulário em que a sentença foi apresentada aos participantes. Essa seria a razão de a correferência com o objeto não ser a escolha principal dos participantes nesse estímulo separado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados mostraram que o objeto da matriz foi aceito como antecedente do epíteto nas sentenças com oração adjunta e nas sentenças com *convencer* e oração finita, além de existir um contraste entre esses objetos, por um lado, e o objeto da matriz nas

[14] A sentença foi apresentada separadamente, pois a intenção era mantê-la da forma reportada por Modesto (2011), mas incluir uma sentença com o nome *o Maluf* poderia criar ruídos em todo o design do experimento.

sentenças com *convencer* e oração infinitiva, por outro. Nas sentenças com orações adjuntas e nas sentenças com *convencer* e oração finita, o sujeito da matriz foi significativamente mais recusado como antecedente do epíteto do que o objeto da matriz; nas sentenças com *convencer* e oração infinitiva, não existiu esse contraste.

Assumimos ao longo do artigo que o comportamento dos epítetos é sensível a configurações de c-comando, assunção reforçada pelos resultados para a sentença de Modesto (2011) apresentados na seção 5. Sob qualquer análise para os epítetos que inclua essa noção sintática, os resultados acima apontam para a mesma direção: o objeto da matriz nas sentenças com *convencer* e oração finita se comportando como o das sentenças com oração adjunta e diferentemente das sentenças com *convencer* e oração infinitiva, o que está de acordo com a proposta de Rodrigues (2004), de que essa oração finita ocupa uma posição estrutural de adjunto. Sendo assim, temos evidência a favor de uma análise de movimento para os sujeitos nulos do PB, pois, sob essa análise, o fato de o antecedente do sujeito nulo encaixado em (3b) ser o sujeito da matriz, não o objeto, é justamente o que esperamos se essa é uma instância de controle de adjunto.

REFERÊNCIAS

BOECKX, C; HORNSTEIN, N; NUNES, J. *Control as movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARVALHO, J. *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva*. 2016. 288f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language*. Its Nature, Origin and Use. Nova York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. A Minimalist Program for Linguistic Theory. *In*: KENNETH, H; KEYSER, S. J. (ed.). *The View From Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p 1-52

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries*: The Framework. *In:* MARTIN, R; MICHAELS, D; URIAGEREKA, J. (ed.). *Step by Step*: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik. Cambridge: MIT Press, 2000. p. 89-155.

COELHO, C. S. *O comportamento de epítetos com* convencer: *evidência experimental sobre o sujeito nulo do português brasileiro*. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In:* ROBERTS, I; KATO, M.A. (ed.). *Português Brasileiro:* uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp. 1993. p 107-128.

DUARTE, M. E. *A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

FERREIRA, M. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português do Brasil. *In*: ROBERTS, I. KATO, M. A. (ed.). *Português Brasileiro:* uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 387-408.

HORNSTEIN, N. Movement and control. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 1, p. 69-96, 1999.

HORNSTEIN, N. *Move!* A Minimalist Theory for Construal. Oxford: Blackwell, 2001.

KATO, M. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *Probus*, v. 11, p. 1-37, 1999.

LARSON, R. K. Promise and the theory of control. *Linguistic Inquiry*, v. 22, p. 103-139, 1991.

MODESTO, M. *On the identification of null arguments*. 2000. Tese (Doctor of Linguistics) – Department of Linguistics, University of Southern California, California, 2000.

MODESTO, M. *Finite control*: Where movement goes wrong in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 10, n. 2, p. 3-30, 2011.

NUNES, J. Sideward Movement. *Linguistic Inquiry,* v. 32, n. 2, p. 303-344, 2001.

NUNES, J. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge: MIT Press, 2004.

NUNES, J. Inherent Case as a Licensing Condition for A-movement: The Case of Hyper-raising Constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics,* v.7, p. 83-108, 2008.

NUNES, J. Dummy prepositions and the licensing of null subjects in Brazilian Portuguese. *In:* ABOH, E; VAN DER LINDEN, E; QUER, J; SLEEMAN, P. (ed.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 83-108.

NUNES, J. Edge features legitimando movimento-A. *ReVEL*, especial edition 7, p. 35-50, 2013.

NUNES, J. Remarks on Finite Control and Hyper-Raising in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 18, n. 4, p. 1-50, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.5334/jpl.196. Acesso em: 11 out. 3021.

RODRIGUES, C. *Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains.* 2004. Tese (Doctor of Linguistics) – Department of Linguistics, University of Maryland, College Park, 2004.

Recebido em 06/098/2021. Aceito em 03/12/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e80489

ARTICULATORY GESTURES IN CHILDREN WITH SPEECH SOUND DISORDERS: ULTRASOUND DATA

GESTOS ARTICULATÓRIOS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DOS SONS DA FALA: DADOS DE ULTRASSOM

GESTOS ARTICULATORIOS EN NIÑOS CON TRASTORNOS DEL SONIDO DEL HABLA: DATOS DE ULTRASONIDOS

Aline Mara de Oliveira*
Universidade Federal de Santa Catarina

Ronaldo Mangueira Lima Jr**
Universidade Federal do Ceará

Larissa Cristina Berti***
Universidade Estadual Paulista

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista. Professora Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Fonoaudiologia. E-mail: aline.mara.oliveira@ufsc.br.

** Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução. E-mail: ronaldojr@letras.ufc.br.

*** Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Departamento de Fonoaudiologia. E-mail: berti.larissa@gmail.com.

ABSTRACT: This study aimed at comparing the tongue contours of children with phonological disorders (PD) and of children with childhood apraxia of speech (CAS). The hypothesis was that children with PD have different tongue contours from those with CAS in Brazilian Portuguese. Five children with PD and five with CAS participated in this study. Data were collected and analyzed with the Articulate Assistant Advanced software. The target segment was analyzed using the frame corresponding to the point of maximum constriction of the tongue. Statistical analysis consisted of an SSANOVA. The data were pooled and the tongue contours of the children with PD and CAS were used to fit an SSANOVA for each target segment. The hypothesis was partially corroborated. Results showed differences in tongue contours between children with PD and with CAS for correct productions of plosives. Children with PD showed different articulation strategies in most correct and incorrect productions when compared to children with CAS.
KEYWORDS: Articulatory Analysis. Language Acquisition. Phonological Acquisition. Brazilian Portuguese.

RESUMO: O objetivo deste estudo foi comparar os contornos da língua de crianças com desvio fonológico (DF) e com apraxia de fala na infância (AFI). A hipótese foi de que crianças com DF apresentam contornos de língua distintos das crianças com AFI no português brasileiro. Cinco com DF e cinco com AFI participaram deste estudo. Os dados foram coletados e analisados com o software Articulate Assistant Advanced. O segmento-alvo foi analisado por meio do *frame* correspondente ao ponto máximo de constrição da língua. A análise estatística consistiu em um SSANOVA. Os contornos da língua foram agrupados por segmento-alvo e a SSANOVA comparou os grupos de crianças com DF e com AFI. A hipótese foi parcialmente corroborada. Os resultados mostraram diferenças nos contornos da língua entre as crianças com DF e AFI para produções corretas das plosivas. Crianças com DF apresentam estratégias de produção diferentes na maioria das produções corretas e incorretas quando comparadas às crianças com AFI.
PALAVRAS-CHAVE: Análise Articulatória. Aquisição de linguagem. Aquisição fonológica. Português do Brasil.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo comparar los contornos de la lengua de niños con trastornos fonológicos (TF) y con apraxia del habla infantil (AHI). La hipótesis fue que los niños con TF tienen contornos de lengua diferentes a los que tienen AHI en portugués brasileño. Cinco niños con TF y cinco con AHI participaron en este estudio. Los datos fueron recopilados y analizados con el software Articulate Assistant Advanced. TF segmento objetivo se analizó utilizando el marco correspondiente al punto de máxima constricción de la lengua. El análisis estadístico consistió en un SSANOVA. Se agruparon los datos y se utilizaron los contornos de la lengua de los niños con TF y con AHI para ajustar un SSANOVA para cada segmento objetivo. La hipótesis fue parcialmente corroborada. Los resultados mostraron diferencias en los contornos de la lengua entre los niños con TF y con AHI para la producción correcta de las oclusivas. Los niños con TF mostraron diferentes estrategias de articulación en la mayoría de las producciones correctas e incorrectas en comparación con los niños con CAS.
PALABRAS CLAVE: Análisis articulatorio. Adquisición de lenguaje. Adquisición fonológica. Portugués Brasileño.

1 INTRODUCTION

The phonological acquisition of Brazilian children with typical development involves acquiring /t/ and /k/ from 3 years to 3 years and 5 months of age (CERON; KESKE-SOARES, 2017; FREITAS, 2004). If children cannot establish such phonic contrast at that age, they are considered to have an atypical production, displaying the phonological process of velar fronting. Velar fronting (/k/ → [t] or /g/ → [d]) occurs when a child tries to produce the target velar sounds ([k] or [g]), but produces a plosive aurally perceived as alveolar, [t] and [d], respectively.

Both Phonological Disorders (PD) and Childhood Apraxia of Speech (CAS) are cases of Speech Sound Disorders (SSDs), which consist of deficits in the production of individual speech sounds or sequences of speech sounds caused by inadequate planning, control or coordination of structures of the oral tract. SSDs is a term related to any combination of difficulties with perception, motor production, and/or phonological representation of speech segments (including phonotactic rules that govern syllable shape, structure, stress, as well as prosody) that impact speech intelligibility (ASHA, 2007; ASHA, 2017; SHRIBERG; WREN, 2019).

There are common characteristics between children with PD and children with CAS, such as: (a) consonant distortions; (b) reduced errors of consonant omissions and substitutions (SHRIBERG et al., 1997); and (c) distinct characteristics, because they produce consistent errors that form patterns in PD and CAS. Children with CAS, however, present a high level of token-to-token variability.

Children with PD have deficits in their knowledge of phonetic segments or phonological rules, causing substitutions, omissions and/or distortions of speech (INGRAM, 1976; YAVAŞ; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 2002; WERTZNER, 2003). The difficulty in realizing the mental representation of the phonological rule implies a problem related to the use of phonological rules of a language (WERTZNER; OLIVEIRA, 2002). According to the consensus among investigators, children with CAS have speech errors due to the disordered planning and programming of speech movements (ASHA, 2007; 2017).

CAS is mainly characterized by at least 4 out of 11 diagnostic markers: (a) vowel distortions; (b) difficulty achieving initial articulatory configurations or transitionary movement gestures; (c) equal stress or lexical stress errors; (d) distorted substitutions; (e) syllable segregation; (f) groping; (g) intrusive schwa; (h) voicing errors; (i) slow rate/slow diadochokinetic rates; and (j) increased difficulty with multisyllabic words (SHRIBERG; POTTER; STRAND, 2011; ASHA, 2017).

Technological advances in the development of instruments of analysis of speech production have contributed to investigating speech "errors" through acoustic and/or articulatory devices, which provide greater detail regarding the process of speech production (LEE; WRENCH; SANCIBRIAN, 2015; CLELAND; SCOBBIE; WRENCH, 2015; OLIVERA; BERTI, 2019).

Studies involving articulatory analysis (GIBBON, 1999; GIBBON; WOOD, 2002; GOOZÉE *et al.*, 2007; BERTI; BOER; BRESSMANN, 2016) have pointed out that children diagnosed with PD, despite not having any organic disorders, have motor restrictions in speech due to delays or deviations in the control of tongue regions (GIBBON, 1999). Research using electropalatography (EPG) (GIBBON, 1999) showed that in an attempt to produce the target sound, the child has difficulties in coordinating refined gestures of the tongue, not being able, for example, to distinguish gestures from the tip of the tongue, from the body of the tongue and the lateral margins of the tongue towards the palate, named by Gibbon (1999) as "undifferentiated lingual gestures". The occurrence of these undifferentiated lingual gestures between the regions of the tongue as well as difficulties in symbolic representation of sounds have elucidated that children with PD have motor difficulties that must be associated with immature or deviant motor control related to the lever system and/or as a result of the compensation mechanism to neutralize disorders of fine motor control of the tip of the tongue.

Articulatory studies involving children with CAS are scarce. A previous study (KOCJANCIC, 2010) that analyzed ultrasound data of Scottish adolescents with CAS producing simple syllables (consonant-vowel) and complex syllables (consonant, consonant and vowel) identified smaller tongue movement in the vertical and horizontal directions when compared to data of children with no speech disorders.

Irfana and Sreedev (2015) found, in productions of children with CAS, speakers of Kannada, restricted tongue movements in the vertical and horizontal axes of the vocal tract when compared to a control group, corroborating Kocjancic's data (2010). The motor restrictions may cause imprecisions and variabilities between articulators and variations of articulators were more evident in the posterior regions of the tongue when compared to the anterior region.

From the studies above, it is possible to verify that both groups of children would have difficulties in speech production, but there is still a gap in the description of articulatory productions between these two groups of children (with CAS and with PD), which are often confused in diagnostic markers. Given the scarcity of studies that seek to distinguish between Brazilian Portuguese-speaking children with PD and those with CAS, especially using instrumental and articulatory methods, it is necessary to further this type of investigation in order to unravel knowledge on speech production.

Therefore, this study aimed at comparing the tongue contours of Brazilian children with Phonological Disorders (PD) and Brazilian children with Childhood Apraxia of Speech (CAS) when producing two plosive consonants of Brazilian Portuguese, /t/ and /k/. The

hypothesis to be tested is that the tongue contours of children with PD are different from those with CAS in Brazilian Portuguese (BP).

2 METHODOLOGY

2.1 PARTICIPANTS

This research was approved (nº 2.564.168/2018) (CAAE: 85163518.0.0000.5406) by the Research Ethics Committee of the São Paulo State University.

Ten Brazilian Portuguese-speaking children (5 with PD and 5 with CAS) aged between 5 years and 6 years and 9 months of age, 9 male and 1 female, were tested using speech production measurements. All children lived in the city of Marília, in the state of São Paulo, Brazil, and those diagnosed with CAS were under speech therapy for at least six months. The evaluation tasks were conducted and scored by a certified speech-language pathologist. The distribution of children with PD and with CAS is shown in Table 1.

Children	Gender	Clinical Conditional	Chronological age	PCC-R
Child 1	Male	Phonological Disorders	6 years 4 months	66,96
Child 2	Male	Phonological Disorders	5 years 11 months	77,55
Child 3	Male	Phonological Disorders	6 years	56,36
Child 4	Male	Phonological Disorders	5 years 2 months	25,43
Child 5	Male	Phonological Disorders	6 years 3 months	68,42
Child 6	Male	Childhood apraxia of speech	6 years 6 months	48
Child 7	Male	Childhood apraxia of speech	7 years 5 months	74
Child 8	Male	Childhood apraxia of speech	5 years 11 months	55
Child 9	Male	Childhood apraxia of speech	5 years	64
Child 10	Female	Childhood apraxia of speech	7 years 7 months	69,16

PCC-R: Percentage of Correct Consonant - Revised

Table 1: Distribution of children regarding their clinical identification, gender, chronological age and PCC-R

Source: Authors

Children with PD and with CAS (clinically evaluated by speech therapists) underwent speech and language evaluations: audiological assessment, orofacial motricity and language skills assessment (comprehensive and receptive language).

To confirm the diagnoses of CAS, children of CAS underwent tests using speech production measurements: revised measurement of correct consonants percentage (PCC-R) (SHRIBERG *et al*., 1997); child phonological assessment for BP-speaking children (YAVAŞ; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 2002); correct consonants percentage (PCC) by Multisyllabic Word Repetition Task (OLIVEIRA *et al.,* 2020); Percentage of Correct Lexical Stress, also from Multisyllabic Word Repetition Task (MWR)

(PRESTON; EDWARDS, 2007; OLIVEIRA *et al.*, 2020); Emphatic Stress Task (EST) (SHRIBERG *et al.*, 2010; OLIVEIRA *et al.*, 2020); Inconsistency Task (IT) (MARQUARDT; JACKS; DAVIS, 2004; PRESTON; KOENIG, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2020); and Maximum Performance Tasks (MPT) (THOONEN *et al.*, 1999; OLIVEIRA et *al.*, 2020).

The exclusion criteria used in this study were: presence of intellectual and neurological disorders, presence of anatomical-morphological structural impairments that may impair speech production (for example, cleft lip and palate), and presence of otologic/auditory impairments. The speech sample consists of two words containing initial plosives /t/ and /k/, 'taco' /'tako/ (baseball bat) and 'capa'/ ´kapa/ (cape). To generate the corpus, we used pictures corresponding to the words. The images were shown on a computer screen running the Articulate Assistant Advanced (AAA) software. For each word, the children looked at the images and produced five repetitions. The three best recordings (concerning image quality) were used in the analysis.

2.2 RECORDING PROCEDURES

The children were recorded in Marília (São Paulo - Brazil) at São Paulo State University. The equipment available in the Laboratory of Acoustic Analysis (LAAc) used in this study was: a portable ultrasound device (model DP 6600); a sound-proof booth; a unidirectional microphone, a micro-convex transducer linked to a computer, and a head stabilizer. The recordings were done in the first semester of 2016.

Data collection was conducted using the Articulate Assistant Advanced software (AAA) (Articulate Instruments Ltd). The target segments were /t/ for /'tako/ and /k/ for /'kapa/. An example of a tongue contour is given in Figure 1.

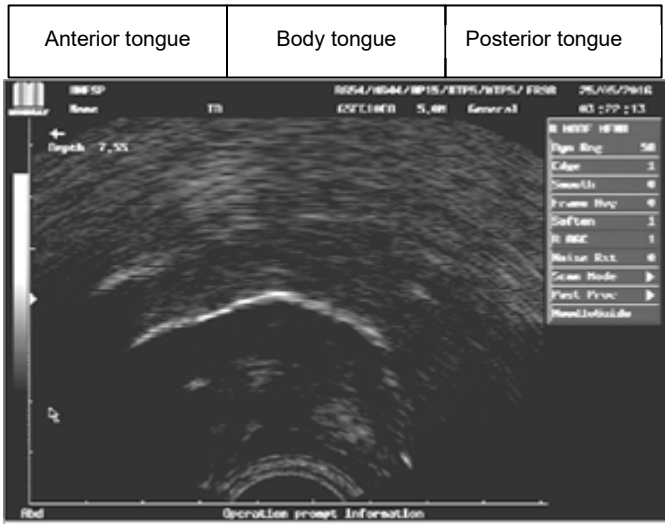


Figure 1: Ultrasound image of the tongue contour of one child with phonological disorders; from left to right, the arrows indicate the anterior and posterior regions of tongue, respectively.

Source: Authors

2.3 AUDITORY-PERCEPTUAL ANALYSIS

The sound recordings of the target words were exported from the Articulate Assistant Advanced software. The audio files were sent to judges through Google Drive. Perceptual evaluations were performed independently by three experienced Speech-Language Pathologists from Marília (São Paulo - Brazil). The judges were master's and PhD students with experience in Articulatory Experimental Phonetics and Speech Sounds Disorders, as well as in ultrasound analysis.

Stimuli were organized randomly to avoid patterns of responses. The judges evaluated whether the target phoneme was correct or incorrect. If it was incorrect, they should transcribe the word as they heard it. The agreement of at least 2 judges was used for each stimulus. The judges were instructed to use headphones and to listen to the data as many times as needed. From the auditory-perceptual analysis, children's productions were subgrouped into correct and incorrect productions, which were analyzed separately.

2.4. ARTICULATORY ANALYSIS

The tongue contour was drawn semi-automatically using the AAA software. For the quantitative ultrasound analysis, distance measurements were extracted from 42 frames corresponding to the maximum amplitude of constriction of the tongue for the production of each phoneme. As the ultrasound recording has several frames (images) per second, a period corresponding to the point of maximum constriction of the tongue to produce each target segment was selected. These measurements were analyzed using a Smoothing Spline Analysis of Variance (SSANOVA) (DAVIDSON, 2006) in R (R Core Team, 2020), with the package <gss> (GU, 2014). We classified the data by participant, group (PD or CAS), repetition, word, target phoneme, phone produced, and positions of X and Y pixels relative to the contour of the observed body of the tongue in order to carry out the analyses. We fit one SSNOVA model for each correct and incorrect production of each phoneme, and used the predicted tongue contours to compare the PD and CAS groups.

3 RESULTS

3.1 PERCEPTUAL AND ARTICULATORY ANALYSES

The perceptual analysis of the consonants /t/ and /k/ of children with PD and CAS is shown in Table 2. The agreement of at least 2 judges was considered for each repetition. If judge 1 analyzed the sound stimulus as [t], judge 2 as [k] and judge 3 as [t], the validated answer in this analysis was [t].

From the total of 15 productions of /t/ by children with PD, 6 were evaluated as correct productions [t], 3 were judged as [k], and 6 as [p]. Regarding the 15 productions of /t/ by the children with CAS, 12 were evaluated as correct productions [t], 1 was evaluated as [p], and 2 as [d]. Concerning the 15 occurrences of /k/ produced by the children with PD, a total of 6 were evaluated as correct productions [k], 6 were judged as [t], and 3 as [p]. In the CAS group, from the 15 productions analyzed, 9 were evaluated as correct [k], and 6 as [t].

The productions evaluated by the judges as [p] were excluded from the articulatory analysis since lip movements are not detected by the ultrasound images. The production of /t/ → [k] was made by only one child, and, therefore, was not included in the articulatory analysis since there would be no other contour to compare it with (Table 2).

	Clinical Conditional	**Correct Plosive productions**	**Plosive Substitutions**
Child 1	PD	/k/ →[k] (3/3)	/t/ → [k] (3/3)
Child 2	PD		/t/ → [p] (3/3) /k/ → [t] (3/3)
Child 3	PD	/t/ → [t] (3/3)	/k/ →[p] (3/3)
Child 4	PD	/t/ → [t] (3/3) /k/ → [k] (3/3)	

Child 5	PD		/t/ → [p] (3/3) /k/ → [t] (3/3)
Child 6	CAS	/t/ → [t] (1/3)	/t/ → [p] (1/3) /t/ → [d] (1/3) /k/ → [t] (1/3)
Child 7	CAS	/t/ → [t] (2/3) /k/→ [k] (3/3)	/t/ → [d] (1/3)
Child 8	CAS	/t/ → [t] (3/3) /k/ → [k] (3/3)	
Child 9	CAS	/t/ → [t] (3/3) /k/ → [k] (3/3)	
Child 10	CAS	/t/ → [t] (3/3)	/k/ → [t] (3/3)

Table 2: Auditory-perceptual analysis for the children with PD and with CAS

Source: Authors

3.2 ARTICULATORY ANALYSIS

The productions of both groups (PD and CAS) will be presented as correct (/t/ → [t] and /k/ → [k]) and then incorrect /k/ → [t]. The SSANOVA results of the tongue movements were analyzed from anterior tongue (AT) and posterior tongue (PT). Figure 2 presents individual x and y coordinates of all productions of [t] and [k] by group and color-coded by participant.

Those data were used to fit the SSANOVAs.The anterior part of the tongue is on the left of the tongue contours, the body is in the middle, and the posterior part is on the right (Figure 2).

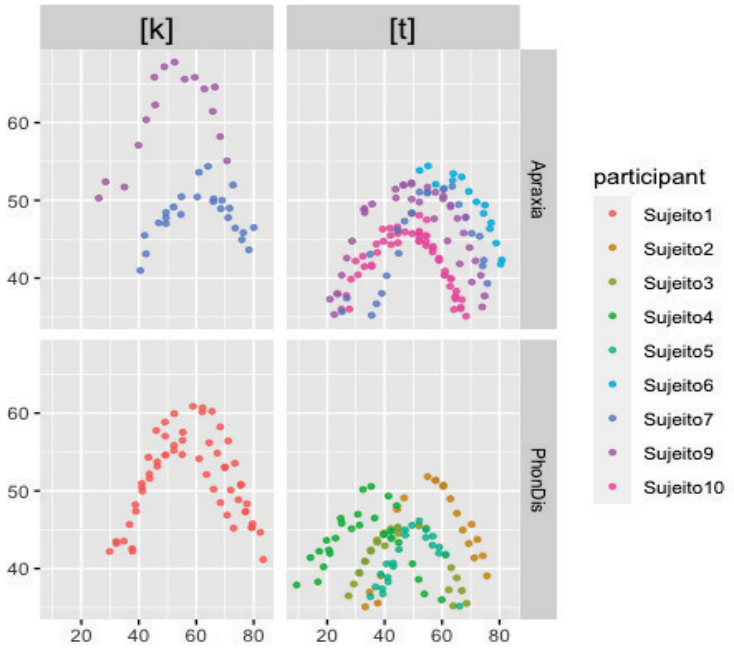


Figure 2: SSANOVA plot of all productions of [t] and [k] by clinical group.

Source: Authors

3.3 PERCEPTUALLY CORRECT PRODUCTIONS

/t/ produced as [t]: children (3 and 4 - PD) and children (6, 7, 8, 9 and 10 - CAS):

The individual data points in figure 2 show a lot of variability within groups and within participants. One of the purposes of the SSAnova is to model average tongue contours based on the values obtained from participants, so groups can be compared by the average tongue contours predicted by the model. Some predicted tongue contours are shown regarding both groups in figure 3, with 95% confidence intervals represented by the dashed lines:

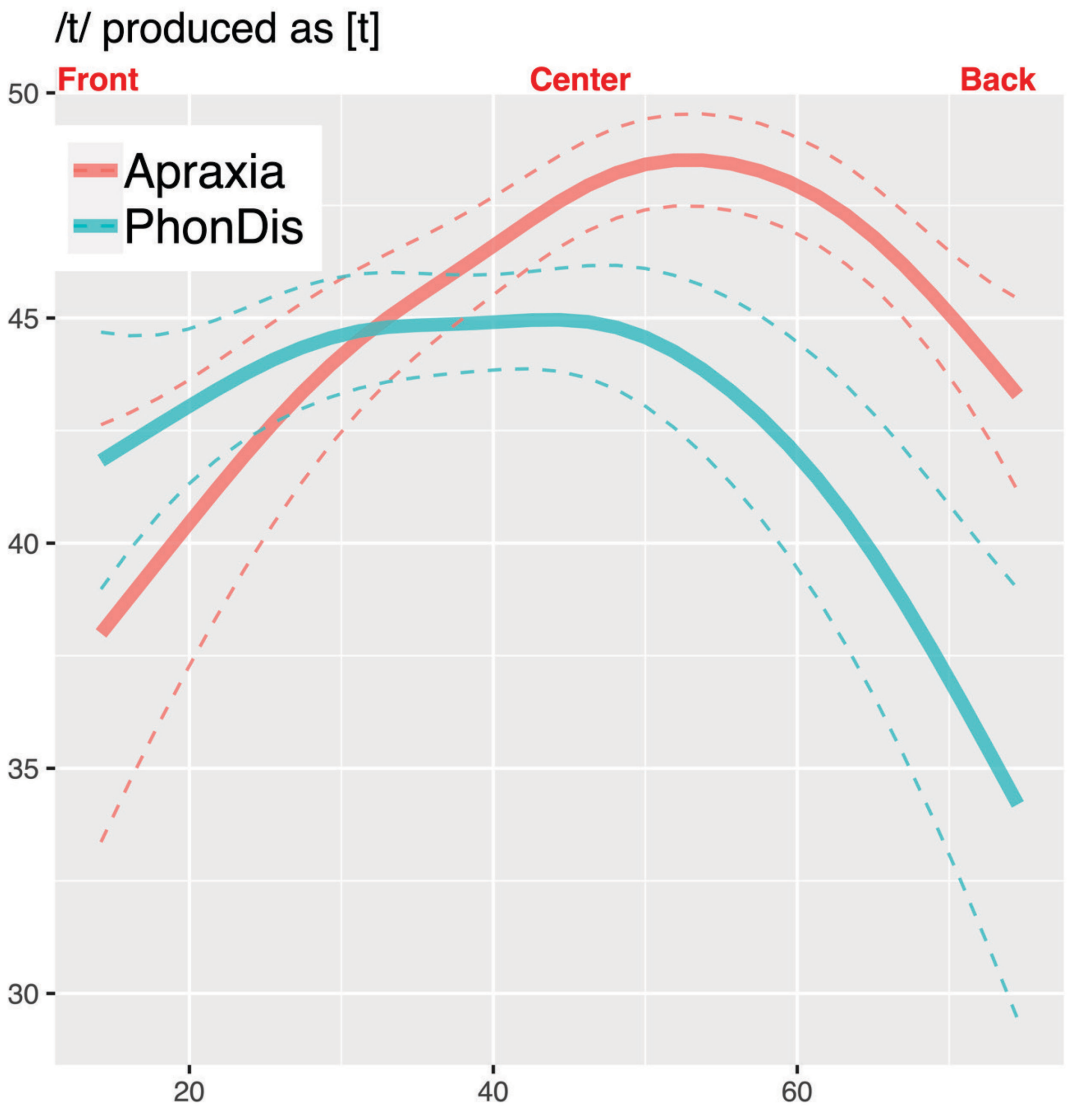


Figure 3: SSANOVA prediction of tongue contours for /t/ produced as [t] both groups
Source: Authors

As can be seen, the production of [t] when the target sound was /t/ by children with CAS shows that the tongue tends to increase subtly in the posterior region but does not have elevation of the anterior part. Children with PD have an abrupt lowering of the posterior part of the tongue, with the anterior part also showing an abrupt lowering, with a slight elevation towards the beginning of the central part.

Next, the difference in the *y* values was analyzed when only 'group' is used to predict it, excluding the *intercept* and *x* terms. The result is shown in Figure 4:

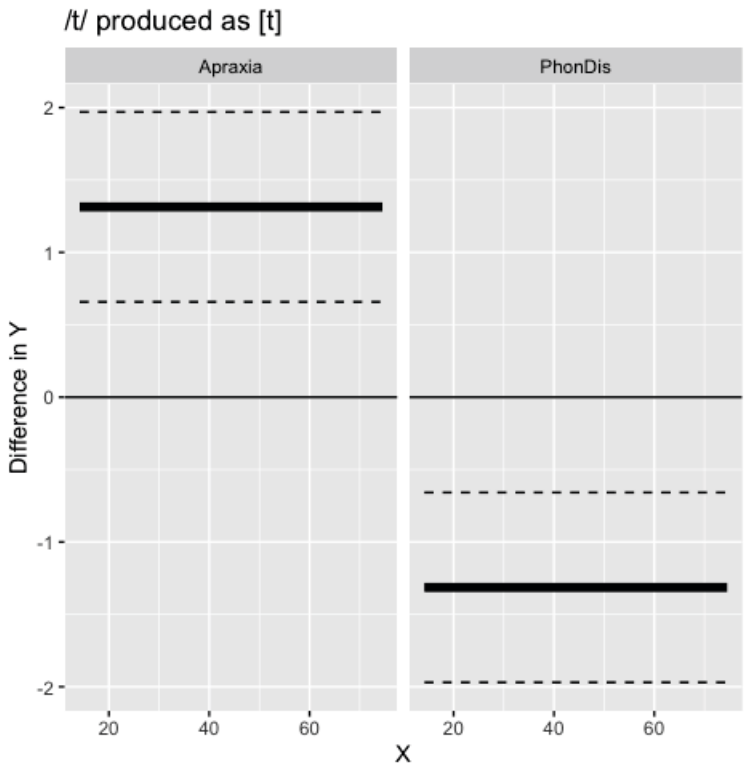


Figure 4: Difference in *y* values between the CAS and PD groups for /t/ produced as [t]

Source: Authors

The dashed lines represent 95% confidence intervals around each group's effect, and the fact that they do not cross zero shows that there is a significant effect of 'group'.

/k/ → [k]: children (1 and 4 - PD) and children (7, 8 and 9 - CAS):

The same procedures were used for /k/ produced as [k]. The resulting contours predicted by the SSANOVA are shown in Figure 5. The production of [k] by children with PD has the posterior part of tongue elevated and the anterior part lowered, while children with CAS had a tongue contour similar to the group of children with PD, but with a lower magnitude.

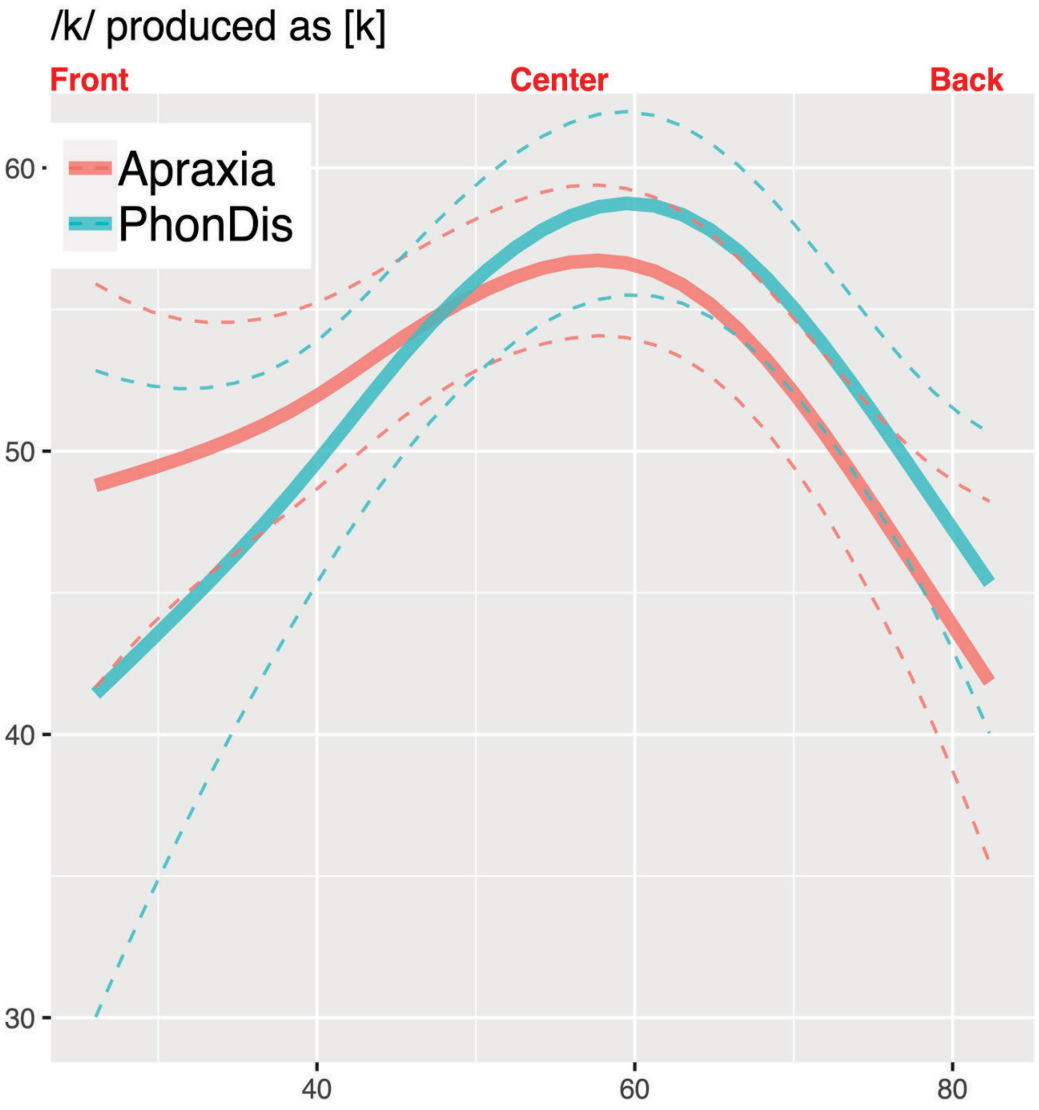


Figure 5: SSANOVA prediction of tongue contours for all productions of /k/ produced as [k] by both groups

Source: Authors

The production of [k] for the group of children with CAS shows that the tongue tends to subtly elevate in the anterior part, raising the body and lowering the posterior part of the tongue, while children with PD have a similar tongue contour behavior, but with less magnitude in the anterior part of tongue, whereas the body and posterior parts are greater than in CAS.

The contours of the two groups were very similar, with the 95% confidence intervals (areas within dashed lines) overlapping for the most part. The differences in *y*, which were both virtually zero, are shown in Figure 6:

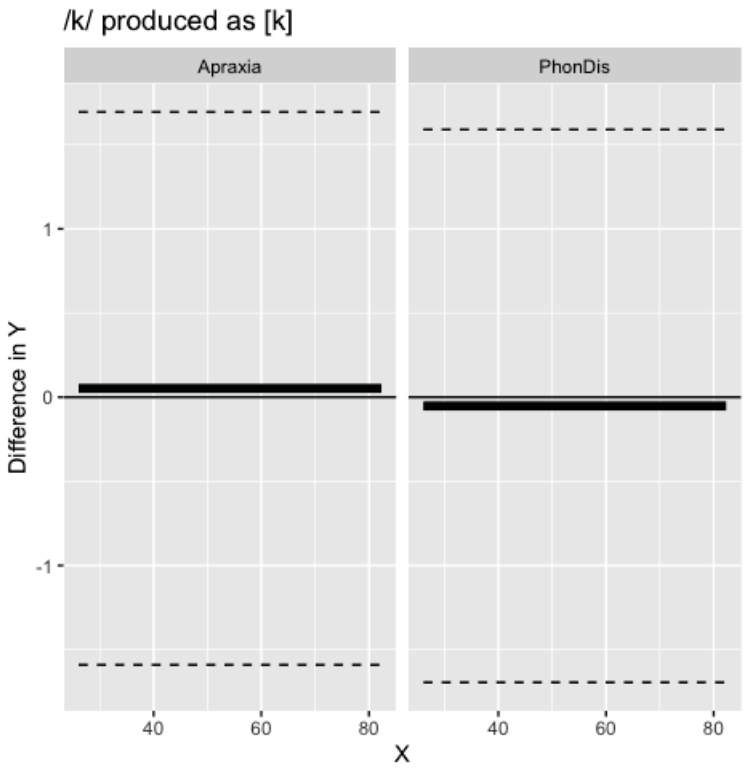


Figure 6: Difference in *y* values between the CAS and PD for /k/ produced as [k]

Source: Authors

The difference in *y* did not have an effect of 'group', since the confidence intervals did cross zero, as can be seen in figure 7. Therefore, an effect of 'group' cannot be inferred in this comparison.

3.4 PERCEPTUAL SUBSTITUTION

/k/ → [t]: children (2 and 5 - PD) and children (6 and 10 - CAS):

Four participants produced [t] when the target was /k/ (frontalizing) and the tongue contours predicted by the model are shown in Figure 7.

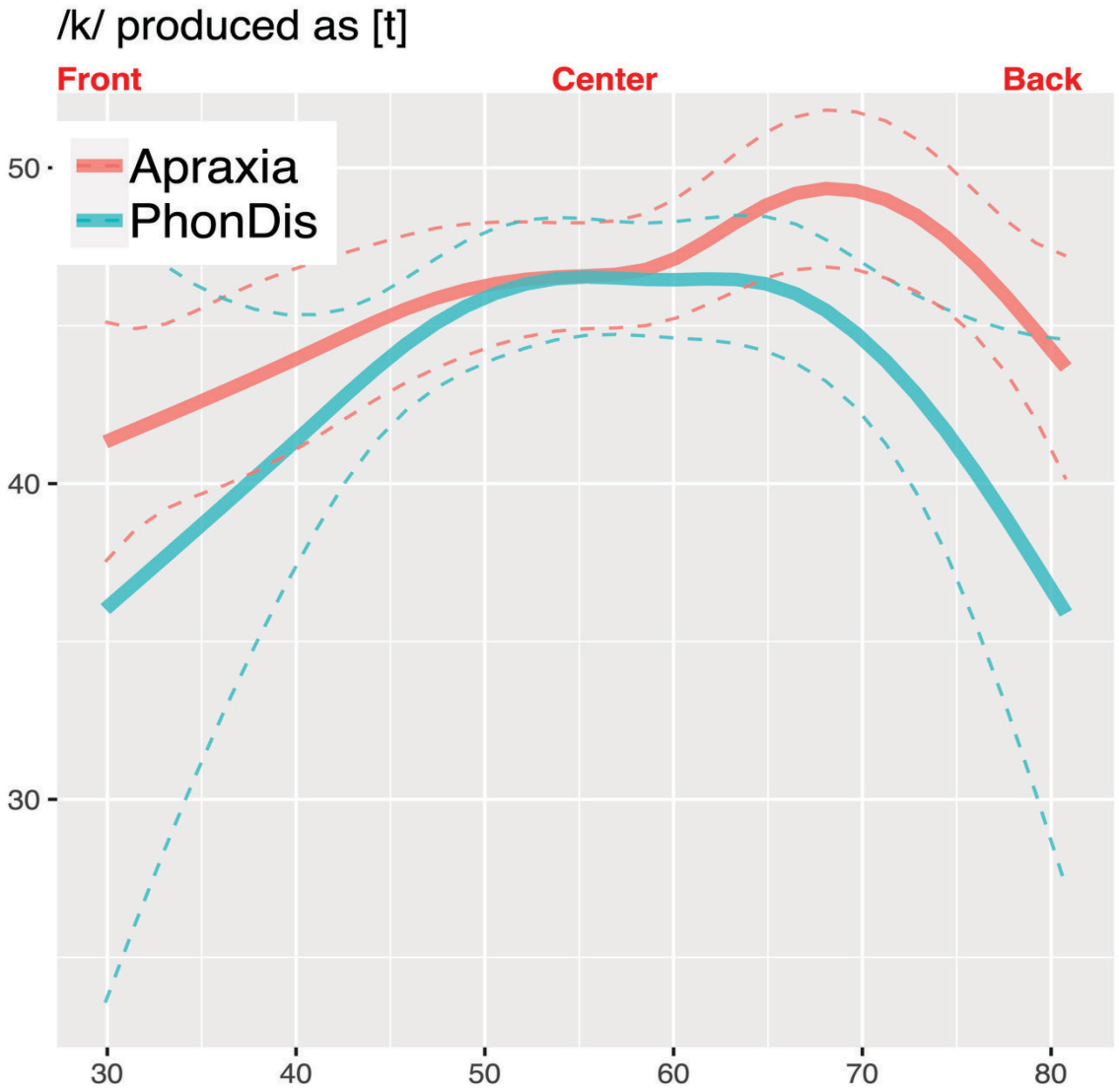


Figure 7: SSANOVA prediction of tongue contours for all productions of /k/ produced as [t] by both groups

Source: Authors

The production of [t] (when the target was /k/) for the group of children with CAS has the anterior part of tongue lowered and body and posterior parts of tongue elevated. Children with PD also have the anterior part of the tongue lowered, but the body of the tongue increased.

The differences in *y* values of the clinical groups can be seen in Figure 8.

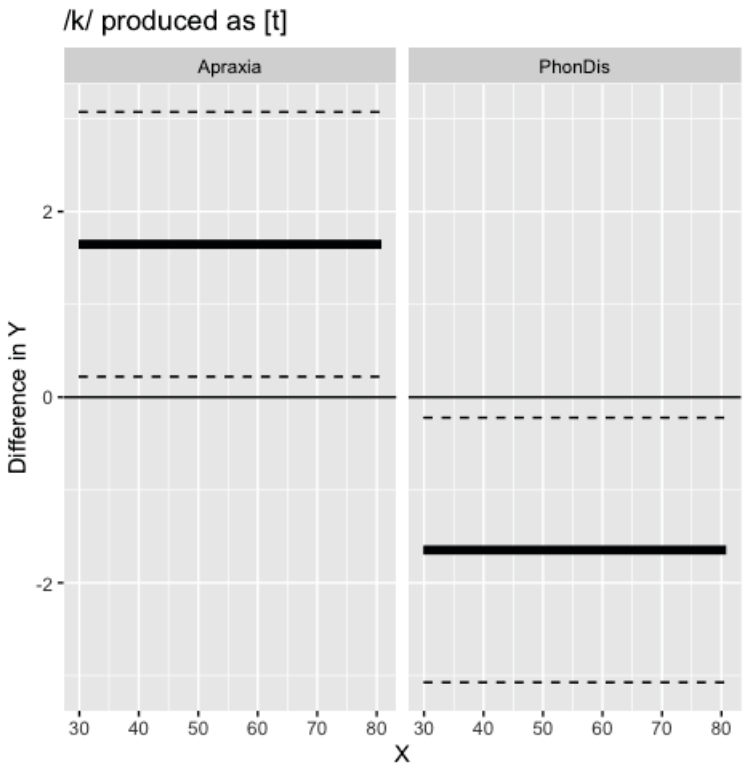


Figure 8: Difference between the CAS and the PD (/k/ produced as [t])
Source: Own elaboration

The dashed lines represent 95% confidence intervals around each group's effect, and the fact that they do not cross zero show that there is a significant effect of 'group'.

4 DISCUSSION

This study aimed at comparing the tongue contours of children with PD and CAS in the speech production of two plosives in Brazilian Portuguese. The hypothesis that the tongue contours of children with PD would be different from those with CAS in Brazilian Portuguese was partially confirmed.

When comparing the two clinical groups, PD and CAS, the SSANOVA was significant only for productions of [t], that is, in the correct productions of /t/ as [t] and in the incorrect productions of /k/ as [t]. The groups were not significantly different when producing /k/. The tongue contours were detected in an expected region for the target sound, that is, [t] produced with greater elevation of the anterior part of tongue for the group with CAS, while children with PD had greater constriction in the body of the tongue for [k].

To achieve the production of plosives, speakers must close the passage of air completely with the articulators and maintain this closure for its subsequent release (STEVENS, 2000). Through acoustic analysis, Cristofolini and Seara (2012) analyzed the production of plosives by Brazilian children and identified that, to reach the target, they needed to improve motor skills of the speech production (closure and release), both temporally and in terms of magnitude.

Although children from both groups were able to produce plosives appropriate to the targets, there were significant articulatory differences between the groups in the alveolar plosive. This means that, to reach the target, the children in each group, PD and CAS, used different articulation strategies, as can be seen when visually analyzing the contours predicted by the SSANOVA and when analyzing the group effect on the *y* values.

In the case of fronting of velar plosives, the SSANOVA also showed a statistical difference between the clinical groups. A previous study (MELO *et al.* 2017), also carried out with Brazilian children, identified in ultrasound images that groups of children with PD have a decrease in the constriction of the posterior region of the tongue during the production of velar plosives, corroborating the data of this study for both PD and CAS (/k/ produced as [k]) since there was no statistical difference between the clinical groups.

Another study (GIBBON, 1999) involving the analysis of speech production of English children with PD through electropalatography (EPG) showed that there is a higher tongue position against the palate for fronting of velar plosives. The authors interpreted this articulatory strategy as a failure in the dissociation of different parts of the tongue. Thus, there was an elevation of the back of tongue and a reduction of the tip of the tongue, which result in an undifferentiated gesture (UG) and, consequently, in a higher position of the tongue against palate (without differentiation between the parts). The data from this study confirm the presence of UG in the production of velar plosives by children with PD.

The fronting of velar plosives (/k/ produced as [t]) is associated with difficulties in the control of the tongue, since, to produce velar phonemes, different movements of the tongue and jaw are necessary, as well as the differentiated control of the anterior and posterior regions (MCALLISTER BYUN, 2012). Thus, as in this study there was a statistical effect in the difference between groups in frontalized productions, it is believed that both groups have difficulties in tongue control, but the group of children with PD may be associated with the presence of UG, while the group of children with CAS would be linked to difficulties of planning and/or programming spatiotemporal parameters of the movement sequences of speech (ASHA, 2007; SHRIBERG *et al.*, 2012).

One limitation of this study is that the sample was too small to draw a complete description of plosives produced by children with CAS and with PD in Brazilian Portuguese. However, the data show indications of different articulation strategies to produce the same target (alveolar plosive). Future research comparing the productions of children with CAS and with PD can contribute to understanding the emergence of alveolar and velar contrasts in disordered speech development and possible differences in motor speech among disorders.

5 FINAL REMARKS

This study aimed at comparing the tongue contours of children with PD and with CAS in the speech production of two plosives in Brazilian Portuguese. The results indicated differences in tongue contours between children with PD and CAS for correct and incorrect productions of [t] (/t/ → [t] and /k/ → [t]). Children with PD showed different articulatory gestures in correct and incorrect productions when compared to children in CAS.

In future studies it is necessary to include a greater number of participants from both groups (PD and CAS) in order to investigate the refinement of articulatory gestures in atypical language and/or speech development. It will contribute to the understanding of how atypical children learn from phonemic contrast of different sounds of Brazilian Portuguese.

ACKNOWLEDGEMENT

This research was funded by São Paulo Research Foundation (FAPESP: process 2016/19888-0).

REFERENCES

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION (ASHA). *Childhood apraxia of speech [Technical Report],* 2007. Available at: www.asha.org/policy. Access in: 3 jan. 2020.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION (ASHA). Available at: *Childhood apraxia of speech (Practice Portal)*, 2017. Retrieved from http://www.asha.org/Practice-Portal/Clinical-Topics/Childhood-Apraxia-of-Speech/. Access in: 3 jan. 2020.

BERTI, L.; BOER, G. D,; BRESSMANN, T. Tongue displacement and durational characteristics of normal and disordered Brazilian Portuguese liquids. *Clinical Linguistics & Phonetics*, v.3, n.2, p.131-149, 2016.

CERON, M. I. KESKE-SOARES, M . Desenvolvimento Fonológico. *In:* LAMÔNICA, D. A. C.; OLIVEIRA, D.B.B. (ed.). *Tratado de Linguagem: perspectivas contemporâneas.* BokToy, 2017. p. 39-49.

CLELAND, J.; SCOBBIE, J. M.; HEYDE, C.; ROXBURGH, Z.; WRENCH, A. A. Covert contrast and covert errors in persistent velar fronting. *Clinical Linguistics & Phonetics,* v.31, p.1-21, 2016.

CRISTOFOLINI, C.; SEARA, I. C. Características acústicas de consoantes plosivas e fricativas produzidas por crianças de 6 e 12 anos: período de refinamento articulatório? *Verba Volant*, v.3, n.1, p. 1-17, 2012.

DAVIDSON, L. Comparing tongue shapes from ultrasound imaging using smoothing spline analysis of variance. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v.120, n.1, p. 407–415, 2006.

FREITAS, G. C. M. Sobre a *In*: LAMPRECHT, R. R. *Aquisição Fonológica do Português:* Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**.** Porto Alegre: Artmed, 2004. p.73.

GIBBON, F. E. Undifferentiated lingual gestures in children with articulation/phonological disorders. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research,* v.42, p.382-397, 1999.

GIBBON, F.; WOOD, S. Articulatory drift in the speech of children with articulation and phonological disorders. *Perceptual and Motor Skills***,** v. 95, p. 295-307, 2002.

GOOZÉE, J.; MURDOCH, B.; OZANNE, A.; CHENG, Y.; HILL, A.; GIBBON, F. Lingual kinematics and coordination in speech disordered children exhibiting differentiated versus undifferentiated lingual gestures. *International Journal of Language & Communication Disorders,* v.42, p.703-24, 2007.

INGRAM, D. *Phonological Disability in Children.* London: Edward Arnold, 1976.

IRFANA, M.; SREEDEVI, N. Tongue Dynamics in Childhood Apraxia of Speech: A Case Study. *Journal of Communication Disorders, Deaf Studies & Hearing Aids*. 2015.

KOCJANCIC, T. *Ultrasound and acoustic analysis of lingual movement in teenagers with childhood apraxia of speech, control adults and typically developing children.* Doctor of Philosophy. [Unpublished master dissertation]. Queen Margaret University. 2010.

LEE, S.; WRENCH, A.; SANCIBRIAN, S. . How To Get Started With Ultrasound Technology for Treatment of Speech Sound Disorders. *Perspectives on Speech Science and Orofacial Disorders,* v.25, p. 1-16, 2015.

MARQUARDT, T. P., JACKS, A., DAVIS, B. L. Token-to-token variability in developmental apraxia of speech: three longitudinal case studies. *Clinical linguistics & Phonetics,* v.18, n.2, p. 127–144, 2004.

PRESTON, J. L.; EDWARDS, M. L. Phonological processing skills of adolescents with residual speech sound errors. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools,* v. 38, n.4, p.297-308, 2007.

PRESTON, J. L.; KOENIG, L. L. Phonetic variability in residual speech sound disorders: Exploration of subtypes. *Topics in language disorders,* v.31, n.2, p.168–184, 2011.

MCALLISTER BYUN T. Positional velar fronting: an updated articulatory account. *Journal of child language,* v. 39, n.5, p. 1043–1076, 2012.

MELO, R. M; MOTA, H. B.; BERTI, L. C. O contraste entre oclusivas alveolares e velares em dados típicos de fala: análises acústica e ultrassonográfica. *CoDAS,* v.29, n.3, 2017.

OLIVEIRA, A.M.; VESCHI, G.V.; POLLI, L.; ESPERANDINO, C.E.; BERTI, L.C. Speech production measures in Brazilian Portuguese children with and without Speech Sound Disorder. *In:* BABATSOULI, E. (ed.). *On Under-reported Monolingual Child Phonology.* Bristol, UK: Multilingual Matters, 2020. p.347.

R Core Team. *R: A language and environment for statistical computing. 2020.* R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Avalilable at: http://www.R-project.org

SHRIBERG, L. D.; AUSTIN, D.; LEWIS, B. A.; MCSWEENY, J. L.; WILSON, D. L. . The percentage of consonants correct (PCC) metric: Extensions and reliability data. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research,* v. 40, n. 4, p. 708-722, 1997.

SHRIBERG, L. D.; POTTER, N. L.; STRAND, E. A. Prevalence and phenotype of childhood apraxia of speech in youth with galactosemia. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research,* v.54, n.2, p.487-519, 2011.

SHRIBERG *et al.* Encoding, memory, and transcoding deficits in Childhood Apraxia of Speech. *Clinical Linguistics & Phonetics*, v. 26, n. 5, p. 445-482, 2012.

SHRIBERG, L. D.; WREN, Y. E. A frequent acoustic sign of speech motor delay (SMD). *Clinical Linguistics & Phonetics.* v. 33, p.757-771, 2019.

SHRIBERG *et al.*. L.Extensions to the speech disorders classification system (SDCS). *Clinical Linguistics & Phonetics,* v. 24, p. 795–824, 2010..

STEVENS, K. N. *Acoustic phonetics.* Cambridge,. MA: MIT Press, 2000.

THOONEN, G.; MAASSEN, B.; GABREËLS, F.; SCHREUDER, R. Validity of maximum performance tasks to diagnose motor speech disorders in children. *Clinical Linguistics & Phonetics,* v.13, 1-23, 1999 .

YAVAŞ, M.; HERNANDORENA, C.L.M.; LAMPRECHT, R.R. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

WERTZNER, H. F.; OLIVEIRA, M. M. F. Existem semelhanças entre os sujeitos com distúrbio fonológico? *Pró-Fono Revista de Atualização Científica,* Carapicuíba (SP), v. 14, n. 2, p. 143-152, 2002.

Received on April 3, 2021. Approved on September 27, 2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e78964

SANDHI FORMS IN BRAZILIAN PORTUGUESE/ENGLISH INTERPHONOLOGY – FOCUS ON LISTENING COMPREHENSION

FORMAS SANDHI NA INTERFONOLOGIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL/INGLÊS – FOCO NA COMPREENSÃO ORAL

SANDHI TONAL EN LA INTERFONOLOGÍA DEL PORTUGUÉS BRASILEÑO/INGLÉS – ENFOQUE EN LA COMPRENSIÓN AUDITIVA

Melissa Bettoni*
Instituto Federal de Santa Catarina

Janaina Pizolotto**
Universidade Federal da Fronteira Sul

ABSTRACT: This study aimed at investigating listening comprehension of sandhi forms (assimilation, linking and contraction.) in Brazilian Portuguese/English Interphonology. Fifty-two Brazilian learners of English, aged 15 to 50 years old at a minimum B1 level of English proficiency, answered two listening tasks, one with and another without sandhi forms, and filled up a questionnaire about the frequency they watched movies in English, with and without subtitles, and listened to songs in English paying attention to their lyrics. The data collected were quantitatively and qualitatively analyzed. Results indicated that sandhi forms tend to cause listening comprehension difficulties for the Brazilian learners of English who participated in the study, especially when there were content words involved and the sandhi form had a minimal pair. Even though participants used to watch movies and series in English with subtitles, both in English and in Portuguese, a better performance was observed among those who consumed contents without them.
KEYWORDS: Listening comprehension. Sandhi forms. Brazilian Portuguese/English Interphonology.

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar a compreensão auditiva das formas sandhi (assimilação, ligação e contração) na Interfonologia do Português Brasileiro/Inglês. Cinquenta e dois alunos brasileiros de inglês, com idades entre 15 e 50 anos, e um

* Professor and Adviser at the Post-graduation course in Linguistic Studies at Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – Brazil) and Coordinator and Professor of the lato sensu course in English Language Teaching at Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC – Brazil). E-mail: mebettoni@gmail.com.

** Master candidate in Linguistic Studies at Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – Brazil). E-mail: janainapizolotto@icloud.com.

nível mínimo de proficiência em inglês B1, responderam a duas tarefas de escuta, uma com e outra sem formas sandhi. Posteriormente, preencheram um questionário sobre a frequência com que assistiam filmes em inglês, com e sem legenda, e também sobre a frequência com que ouviam músicas em inglês, prestando atenção nas letras. Os dados coletados foram analisados quantitativa e qualitativamente. Os resultados indicaram que, nos alunos brasileiros de inglês que participaram do estudo, as formas sandhi causaram dificuldades de compreensão auditiva, especialmente quando envolviam palavras de conteúdo e a forma sandhi tinha um par mínimo. Embora os participantes assistissem a filmes e séries em inglês, com legendas tanto em inglês quanto em português, observou-se melhor desempenho entre aqueles que consumiam conteúdos sem legendas.
PALAVRAS-CHAVE: Compreensão auditiva. Formas Sandhi. Interfonologia Português Brasileiro/Inglês.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo investigar la comprensión auditiva de las formas sandhi (asimilación, enlace y contracción) en la Interfonología del Portugués Brasileño/Inglés. Cincuenta y dos estudiantes brasileños de inglés, con edades entre 15 y 50 años y, un nivel mínimo de competencia en inglés B1, respondieron a dos tareas de comprensión auditiva, una con formas sandhi y otra sin ésta. Luego, rellenaron un cuestionario sobre la frecuencia con la que veían películas en inglés, con y sin subtítulos, y también sobre la frecuencia con la que escuchaban canciones en inglés, poniendo atención a las letras. Los datos recopilados se analizaron tanto cuantitativa como cualitativamente. Los resultados indicaron que, en los estudiantes brasileños de inglés que participaron del estudio, las formas sandhi provocaron dificultades en la comprensión auditiva, especialmente cuando involucraron palabras de contenido, y la forma sandhi tenía un par mínimo. Aunque los participantes vieron películas y series en inglés, con subtítulos tanto en inglés como en portugués, se observó un mejor desempeño entre los que consumieron contenido sin subtítulos.
PALABRAS CLAVE: Comprensión auditiva. Formas Sandhi. (Inter-)Fonología Portugués Brasileño/Inglés.

1 INTRODUCTION

For over five decades already, Communicative Language Teaching approaches have increasingly put emphasis on oral language skills (GILBERT, 1987; ANDERSON; LYNCH, 1988; BROWN, 1990; NUNAN, 2002; HELGESEN, 2003; CELCE-MURCIA, 2014) because great part of English learners around the world aim at developing their speaking proficiency (RICHARDS; RENANDYA, 2002). Even though listening has been considered by some people just a means to achieve good speaking skills and not a skill itself (RICHARDS; ROGERS, 1995), we depend on listening skills alone most of the time – for instance, when attending a lecture, watching a movie or the news, listening to songs, or even following orders.

In second language learning, "listening is the Cinderella skill, all too often being overlooked by its elder sister – speaking" (NUNAN, 2002, p. 238); however, some researchers claim that listening comes first and is of great importance for speaking in that it provides input which is fundamental for learning (NUNAN, 2002). In the area of teaching English to learners who are nonnative English speakers, textbooks often do not represent a proper sample of the English which is actually spoken in the real-world. Natural speech is not written language spoken aloud (LAM, 2002), it is a process of many changes, (LADEFOGED; JOHNSON, 2015) in which phonological processes (such as reductions) may result in what we call sandhi forms (ERNESTUS; WARNER, 2011; KHAGHANINEZHAD; JAFARZADEH, 2014). Sandhi forms may hinder listening comprehension, especially when the listener is a nonnative English speaker (HENRICHSEN, 1984; YANG; CHANG, 2013; WONG et al., 2017). They are a type of phenomenon that may be present in speaking and not in writing since speaking and writing are different forms of language manifestation with unique characteristics and different relations within each linguistic system.

Sandhi forms (assimilation, linking, and contraction) are challenging for Brazilian learners of English. Even so, there is a small number of studies carried out towards investigating the interference of sandhi forms in Brazilian Portuguese (BP)/English (E) interphonology (for instance, listening: PERUCCI, 2005; production: WATKINS, 2001). Thus, this study aimed at verifying whether sandhi forms may hinder comprehensibility of English for Brazilians learners. In order to reach the goal, two research questions were proposed:

(a) Do BP learners of English comprehend a spoken sentence containing sandhi forms in English?

(b) Do BP learners of English with greater amount/frequency of exposure to English through authentic movies and songs comprehend sandhi forms better than students with less exposure?

Our hypothesis is that sandhi forms may impose difficulties for comprehension and that the more learners are exposed to spoken English, the better their listening comprehension of sandhi forms will be.

2 SANDHI FORMS AND LISTENING COMPREHENSION IN ENGLISH

The goal of effective communication has remained challenging in the English language teaching context. Sandhi forms are examples of what needs to be addressed when aiming at understanding and being understood regarding spoken English. To guide this study, we revised the literature on (a) English as an international language; (b) sandhi forms; and (c) listening comprehension.

2.1 ENGLISH AS AN INTERNATIONAL LANGUAGE

The teaching of English has been referred to as: (1) English as a second language (ESL) or (2) English as a foreign language (EFL). However, globalization has come and has added another perspective in the world's relation with English. Some of the changes which affected the presence of English in our lives are (1) the fast communication of news, scientific breakthroughs, technological innovations which have not allowed time for translations before it reached the reader; (2) the movies and TV shows which have become more rapidly available without time for dubbing; (3) the online instant communication which has become so natural allowing people from different first languages to use English as the common language; and, (4) the transportation which has become cheaper and faster allowing people to study, work or just spend time abroad bringing together people who share only English as a common language (MCKAY, 2002; CELCE-MURCIA, 2014). This spread of English resulted in what we call English as an international language (EIL) (FIELD, 2002; CELCE-MURCIA, 2014). Understanding the English language in this new context is to recognize a new set of speakers for it; today only one out of four users of the English language is a native speaker (MCKAY, 2012).

The role of pronunciation in promoting intelligibility in communication among nonnative speakers has been recognized as an important feature of EIL (JENKINS, 2004). "Viewing pronunciation in terms of how it serves the listener highlights the role pronunciation plays in spoken interaction" (GOODWIN, 2014, p. 136). Since nonnative speakers of English interact in English, some researchers claim that the intelligibility goal has long replaced learner's willingness for a native-like accent (CELCE-MURCIA, 2014). However, the dream of sounding like a native speaker remains a reality among students of English. The language teacher needs to promote the setting of realistic and more advantageous goals such as being intelligible to others and properly understand what other speakers are saying.

Accented speech may require more effort to be recognized (MUNRO; DERWING, 1995) and for effective communication, speech statements must be intelligible for both speakers and listeners (MUNRO; DERWING, 2011). In order to understand a heavily accented speech, listeners must be free of prejudice since "any bias or judgmental attitude on the part of the listener could act as a formidable barrier to intelligibility" (RAJADURAI, 2007, p. 90); however, it may not always be enough (GOODWIN, 2014). Difficulties in listening comprehension are natural and they happen within our own first language mainly due to dialects and idiolects. Therefore, exposure to varieties of English and understanding of common phonological rules such as sandhi forms are important for learning and communication.

2.2 SANDHI FORMS

"The word sandhi came from Sanskrit and it means 'placing together'[...] sandhi is used to refer to the differences in pronunciation of words and endings that depend on the environment in which they occur" (PRATOR; ROBINETT, 1972, p. 189). Sandhi variation is "a phenomenon which reduces the overt markedness, or perceptual saliency, or morphemes" (HENRICHSEN, 1984, p. 103). This saliency is better understood in the difference between function and content words, the latter carries meaning which requires emphasis through stress whereas the former, in order to keep the rhythm of the stress-timed language, is unstressed. An unstressed function word combined with any other word (function or content) results in an external sandhi form as in 'can't have' /kæntəv/ and 'should've' /ʃʊdəv/. It is a linguistic phenomenon which refers to a set of sound changes that may occur at word boundaries

irrespective of the formality or situation (ROSA, 2002).

The presence of sandhi forms may be challenging to learners who have little or no previous exposure to them (ROSA, 2002). Even native speakers listening to a word multiple times may not be sure about the reduced speech in many casual situations although the meaning of the overall utterance may be understood (ERNESTUS; WARNER, 2011).

One of the few studies focusing on sandhi forms in BP/E interphonology is Perucci (2005) in which the author investigated the effect of instruction on the listening comprehension of word-boundary sandhi forms by Brazilian learners of English. For the present study, the categories adopted were assimilation, linking and contraction. The descriptions of these categories of sandhi forms are displayed in Table 1.

Sandhi Forms	Description	Examples
1. Assimilation	"A sound changes so that it becomes more similar to neighboring sounds" (WONG et al., 2017, p.9).	have to /hæftə / (devoicing)
2. Linking (Liaison or Juncture)	"Two or more words being linked and pronounced as one" (WONG et al., 2017, p.9).	gone out /gənaʊt/ catch it /kætʃɪt at ten /ætɛn/
3. Contraction	"A type of elision (deletion of sounds) that appears in written forms and involves fixed grammatical patterns" (WONG et al., 2017, p.9).	can't have/ kæntəv/ should've /ʃʊdəv/ do you /duːiə/ give him /gɪvɪm/

Table 1: Categories of sandhi forms
Font: the authors

Assimilation is a tendency that neighboring sounds have to change some features and become more similar to each other. For instance, phonological processes such as voicing and devoicing are very common in English within words and across word boundaries. Linking is another frequent phonological process in connected speech because syllables ending in consonants are very common in English. When the following words begin by the same consonant sound which ended the previous word or by a vowel, both words are produced in a row as if they were only one. Finally, contraction is produced by the deletion of sounds between words which commonly go together for grammatical reasons, such as verbs followed by object pronouns, as in 'give him' /gɪvɪm/.

Sandhi forms make the pronunciation of two words sound different from the pronunciation of the addition of both words in isolation. Therefore, it is reasonable to consider that sandhi forms may pose difficulties to listening comprehension.

2.3 LISTENING COMPREHENSION AND SANDHI FORMS

The processing of listening is essentially a matter of data processing and interpretation of acoustic signals (KENT; READ, 2002). As Goh (2014) puts it, "listening is not just hearing. It is an active process..." (p. 73) and "understanding is the result of active construction occurring at all levels of text... and context" (GOH, 2014, p. 73). Goh (2014) claims that the knowledge of language and the knowledge of discourse and language use support listening comprehension. The author emphasizes the role of this previous knowledge in listening comprehension.

Such previous knowledge may trigger expectations for the listener and listening comprehension is the sum of the listener's input and expectations (HENRICHSEN, 1984). As "perceptual saliency of the input is reduced – as in sandhi forms – the challenge for learners is significantly increased" (ROSA, 2002, p. 53) because listeners have more difficulty in recognizing a word or phoneme when its

borders are not defined (ERNESTUS; BAAYEN; SCHREUDER, 2002).

The principle of economy of effort is followed by the speakers and their organs that, rather than rearticulate the sounds in new positions, join the traces to save time and energy (CLAREY; DIXSON, 1963) resulting in sandhi-forms. Even though sandhi forms may be triggered by suprasegmental features such as rhythm and intonation, the reduction results in changes and deletions of segments, that is, individual phonemes. Watkins (2001) states that the characteristics of individual phonemes overlap and change according to the environment with fluent speakers being able to recognize words in connected speech because they categorize well allophonic variations. Flege (1995) mentions that "nonnative listeners often do not perceive L2 sounds the same way native speakers do" (p. 234) especially if they are not fluent for having limited exposure to English which is more problematic when restricted to the classroom.

3 METHOD

Fifty-two Brazilian learners of English from the south of Brazil, 19 male and 33 female, participated in the study. They were from different fields of activities, such as students, engineers and teachers with ages ranging from 15 to 50 (M= 21). All of them had a minimum B1 level of proficiency in English. Twenty-two participants could also speak other languages: Spanish (15), Korean (1), Arabic (1), French (2) and Italian (3). Two of them had lived in an English-speaking country (one in New York for one year and another in California for two years).

The data collection instruments consisted of two listening tasks (task 1 and task 2) and a background questionnaire. The listening tasks aimed at verifying the interference of sandhi forms in comprehension and were based on Perucci (2005). Some of the questions were even copied from Perucci (2005, p. 8-9) who adapted from Rogerson and Gilbert (1990, p. 44). The prompts for the listening task were recorded twice. The first time it contained sandhi forms (Task 1) and the second time it did not contain any sandhi forms (Task 2). There were ten trials (3 questions and 7 statements) and after listening to each trial, learners had to choose the best answer between two alternatives and mark it on the answer sheet.

Two female talkers recorded the listening tasks, a native speaker (NS) who was a sixteen-year-old student from the city of Libby in Montana in the U.S.A. and a forty-year-old nonnative speaker (NNS) with a doctoral degree in English phonetics and phonology from Brazil who had passed by a native speaker in a previous controlled test in the judgment of an American and, thus, in such a controlled situation did not represent any limitations to the study. The native talker recorded Task 1 (with sandhi forms) and the nonnative talker recorded Task 2 (without sandhi forms).

The nonnative talker was invited to record Task 2 because the native talker was not able to read the trials without producing sandhi forms even after several trials. The nonnative talker managed to control her speech, avoiding the production of sandhi forms after a few attempts. The sandhi forms presented in the listening tasks are displayed in Table 2. An example of a trial from the listening tasks is displayed in Table 3.

1. Assimilation – have to /hæftə / (devoicing)
2. Linking (Liaison) – gone out /gənaʊt/; catch it /kæʧɪt/; at ten /ætɛn/; fine you /faɪnɪəː/; does it /dʌzɪt /; soup or /suːpər/; both of /boʊθəv/
3. Contraction – is he /ɪziː/; give him /gɪvɪm/; call her /kɔːlər /; can't have/ kæntəv/; should've /ʃʊdəv/; do you /duːiə/; saw you /sɔːiə/; fine you /faɪnɪəː/; does it/ dʌzɪt /; soup or /suːpər/; both of /boʊθəv/

Table 2: Sandhi forms present in the listening tasks

Font: the authors

1. Q: Is he busy this afternoon?
a) Yes, very easy.
b) Yes, very busy.

Table 3: Example of a trial from the listening tasks
Font: Perucci's (2005) adaptation from Rogerson and Gilbert (1990)

A questionnaire was designed with Google Forms and a link was sent to all participants by e-mail or WhatsApp and participants answered it online. The questionnaire had 40 close and 9 open questions accessing biographical information as well as information on self-perception and habits. Just the relevant questions for this study (4) were considered in this discussion. The questions concerning habits analyzed in the present study were:

a) How often do you watch movies, series or sitcoms in English without subtitles?
b) How often do you watch movies, series or sitcoms in English with subtitles in English?
c) How often do you watch movies, series or sitcoms in English with subtitles in Portuguese?
d) How often do you listen to songs in English trying to understand the lyrics?

There were 5 possible answers for the questions: never, almost never, sometimes, quite often and always. When participants answered the questions selecting the alternatives: sometimes, quite often and always, we considered that there was exposure to spoken English through those activities. Percentages regarding exposure and the number of misperceptions were considered in the analysis of the results.

4 RESULTS AND DISCUSSION

As mentioned in the introduction, the present study aimed at investigating whether sandhi forms may hinder comprehensibility of English for Brazilian learners. The presentation of results and discussion in the following sessions are organized by the research questions presented in session 1.

4.1 COMPREHENSION OF SPEECH CONTAINING SANDHI FORMS

In order to answer the research question "Do BP learners of English comprehend a spoken sentence containing sandhi forms in English?" a task aimed at verifying learners' comprehension of sentences with and without sandhi forms was developed. The task elucidated whether participants would have more difficulty to comprehend English with or without sandhi forms.

4.1.1 Testing the influence of number of listening times

To test the influence of the number of listening times, 23 out of the 52 participants listened to the task containing sandhi forms twice. Two alternative answers were given, and the participants needed to choose the best option to answer the sentences. Twenty-three participants was considered a good number to be assigned to Task 1a – Task 1b test condition in that it comprised almost half of the original sample and was enough to account for individual differences. Results from both Task 1a (First attempt) and Task 1b (Second attempt) for the 23 participants are displayed in Table 4.

PROMPTS		MISPERCEPTIONS IN Task 1A	MISPERCEPTIONS IN Task 1B
1. Is he busy this afternoon?	N	01	03
	%	4.34%	13.04%
2. Give him a call.	N	12	10
	%	52.17%	43.47%
3. I should've gone out.	N	09	15
	%	39.13%	65.21%
4. Please, catch it!	N	06	06

	%	26.08%	26.08%
5. Does it have to?	N	06	07
	%	26.08%	30.43%
6. Call her at ten?	N	12	14
	%	52.17%	60.86%
7. Do you want soup or salad?	N	15	16
	%	65.21%	69.56%
8. I saw you dancing.	N	0	0
	%	0	0
9. I'll have to fine you	N	12	07
	%	52.17%	30.43%
10. You can't have both of them	N	10	08
	%	43.47%	34.78%
TOTAL	N	83	86
	%	36.08%	37.39%

Table 4: Misperceptions in Task 1a and Task 1b for the 23 participants.

Font: the authors

The results indicated that listening to Task 1 for a second time did not promote fewer misperceptions. Results from the second listening (Task 1b with 86 misperceptions = 37.39%), in fact, were slightly worse with three more misperceptions than the first listening time (Task 1 A with 83 = 36.08%). We are going to consider total results for the comparison. Even so, it is reasonable to point out that for two prompts there was a considerable difference between Task 1a to Task 1b. For prompt nine there was a clear improvement (approx. 21%) in listening comprehension and for prompt three there was a clear reduction (approx. 26%) in accurate comprehension. For all other prompts the differences were not considerable or were absent. The reason for investigating the influence of the number of times listening to the same task is to verify whether different scores when listening to the sentences with and without sandhi forms are not due to a task effect. Since there was no improvement from the first to the second time listening to Task 1, possible differences in performance when listening to Task 1 (with sandhi productions) compared to Task 2 (without sandhi productions) may not be due to the fact that Task 2 is the second task listened tp. Thus, having verified that the number of times listening does not interfere with the total score, data from all 52 participants considering Task 1a and Task 2 are going to be discussed.

4.2 LISTENING COMPREHENSION WITH AND WITHOUT SANDHI FORMS

As mentioned in the method session, Task 1a corresponds to the first task listened and it contained sandhi forms in all prompts whereas Task 2 corresponds to the last task listened and it contained no sandhi forms. The prompts for both Task 1 and Task 2 are shown in Table 4. There were ten trials for each task.

Only 1 participant (1.92%) had a perfect score in Task 1a. This participant maintained the good result in Task 2. The participant was the oldest test taker, a 50-year-old male English teacher who had worked in a language school for thirty years. 10 participants (19.23%) made only one mistake in Task 1a; one of them was distracted by a noise at the exact time when the mistake was made and got a perfect score in Task 2. The participant was a nineteen-year-old female, a college student who holds a CAE certificate. Other scores in Task 1a were distributed as follows: 7 participants (13.46%) made two mistakes; 6 participants (11.54%) made three mistakes; 11 participants (21.15%) made four mistakes; 9 participants (17.30%) made five mistakes; 7 participants (13.46%) made six mistakes; and 1 participant (1.92%) made seven mistakes. The score range in Task 1a was 0 to 7 mistakes (out of 10 possible mistakes). 11 participants (21.15%) had perfect scores in Task 2. Other scores in Task 2 were: 18 participants (34.61%) made one mistake; 12 participants (23.08%) made two mistakes; 5 participants (9.61%) made three mistakes; and 6 participants (11.54%) made four mistakes. The score range in Task 2 was 0 to 4 mistakes.

P20 who had lived in New York for one year and P13 who had lived in San Diego for two years made three and two mistakes respectively in Task 1a. Both are teachers of English in Brazil and did not obtain perfect scores in Task 2 either.

Considering each sentence, the range of misperceptions was 4 to 30 in Task 1a and 1 to 28 in Task 2. Results per sentence are shown in Table 5.

Sentences	Task 1a	%	Order	Task 2	%	Order
1. Is he busy this afternoon?	04	7.69	10	03	5.76	8
2. Give him a call.	21	40.38	4	14	26.92	2
3. I should've gone out.	28	53.84	3	28	53.84	1
4. Please, catch it!	12	23.08	7	04	7.69	6
5. Does it have to?	11	21.15	8	05	9.61	5
6. Call her at ten.	30	57.69	1	12	23.07	3
7. Do you want soup or salad?	30	57.69	1	01	1.92	9
8. I saw you dancing.	05	9.61	9	01	1.92	9
9. I'll have to fine you.	19	36.53	6	08	15.38	4
10. You can't have both of them.	20	38.46	5	04	7.69	6
TOTAL (520)	180	34.61%		80	15.38%	

Table 5: Misperceptions for Task 1a (with sandhi forms) and for Task 2 (without sandhi forms) by sentence

Font: the authors

There were 180 misperceptions (34.61%) when participants tried to understand sentences containing sandhi forms and only 80 misperceptions (15.38%) when participants tried to comprehend the same sentences without sandhi forms. Results showed that the number of misperceptions reduced in more than a half in the absence of sandhi forms. To better understand the improvement that occurred in results when sandhi forms were absent a measure of proportion of room for improvement was calculated as in Bettoni (2008). The measure of the proportion of room for improvement is defined by Task 2 accuracy minus Task 1 accuracy divided by 100 minus Task 1 accuracy: [(Task 2 – Task 1) / (100 – Task 1)].

This measure aims at analyzing how much of the possible improvement from Task 1 to Task 2 really happened because when the results are very good in Task 1 the possible improvement in Task 2 is very small. Proportion of the room for improvement indexes are displayed in Table 6.

Sentences	Task 1a %	Order	Task 2 %	Order	Proportion %
1. Is he busy this afternoon?	7.69	10	5.76	8	25.10
2. Give him a call.	40.38	4	26.92	2	33.33
3. I should've gone out.	53.84	3	53.84	1	0
4. Please, catch it!	23.08	7	7.69	6	58.32
5. Does it have to?	21.15	8	9.61	5	54.56
6. Call her at ten.	57.69	1	23.07	3	60.01
7. Do you want soup or salad?	57.69	1	1.92	9	96.67
8. I saw you dancing.	9.61	9	1.92	9	80.02
9. I'll have to fine you.	36.53	6	15.38	4	57.90
10. You can't have both of them.	38.46	5	7.69	6	80.01
TOTAL (520)	34.61%		15.38%		55.01%

Table 6: Proportion of the room for improvement for listening without sandhi forms

Font: the authors

Taking this measure, the overall improvement was 55.01% and the measures calculated for each sentence individually show that improvement happened for all but one prompt; even so, there was no increment in the number of misperceptions. The improvement varied from zero to 96.67% across prompts.

The sandhi form which did not make a difference in comprehension (results from Task 1 and Task 2 are the same) was "I should've gone out" in which more than a half of the participants could not understand it properly with and without sandhi forms. The possible

answers to this statement were (a) 'Yeah! We missed you.' and (b) 'Why? Was it raining outside?'. Since the minimum proficiency in English required to participate was B1, which corresponds to Intermediate level, we may speculate that some of the participants may have had problems with this sentence even without the sandhi form because of lack of vocabulary or bad use of comprehension strategies. Another reasonable explanation lies in that there was a very short amount of time for reasoning and it may not be long enough to process the sentence and its responses without a previous contextualization since it is a sentence rather vague in meaning and poor in strong content words and the task taking situation was rather artificial. Yet, 24 out of 52 participants managed to choose the accurate answer. However, there are indications that this sentence was an outlier - not behaved as the other sentences in the listening task. Also, in Task 1, there were two sandhi forms – a contraction followed by linking. However, as commented the absence of sandhi forms in Task 2 did not trigger better results.

Taking sentence three (I should've gone out) out of consideration for the reasons aforementioned, the range of proportion of room for improvement varied from 25.10% to 96.67% across sentences. The highest improvement was for sentence seven (Do you want soup or salad?). The second sandhi form in the sentence, "soup or salad", is an example of linking and is often confused even by native speakers with "super salad" when the sandhi form is produced. This phrase is often cited in pronunciation manuals and English course books to illustrate the need for contextualization when connected speech happens. It is often portrayed in a restaurant where waiters and their customers have a hard time communicating. Without the sandhi form, that is, emphasizing "or" or not reducing the vowel, as in Task 2, it is easily understood resulting in the 96.67% index of proportion of the room for improvement obtained.

The easiest sandhi form to comprehend was "is he". Only 4 participants (7.69%) could not understand it with sandhi form (not producing "h" in "he") and 3 participants remained not understanding it without the sandhi form. It happened probably because none of the words "is" or "he" carry meaning which would impair the two possible alternative answers we proposed (Yes, very easy or Yes, very busy). This prompt was, in fact, copied from Perucci (2005) who adapted the task from Rogerson and Gilbert (1990). Maybe a fill in the blanks task would have returned a different result but would not have given the possibility of contextualization of the sandhi form, which was provided by the answer choices.

Contractions such as "Is he" and "saw you" did not seem to pose problems for most of the participants whereas "soup or salad" (linking), "call her" (contraction), and "both of them" (a combination of assimilation, linking and contraction) seem to be problematic. For the first two cases, when produced with sandhi forms, both sound like other phrases which are common in English speech "super salad" and "color" respectively. Also, for both there was a great improvement in comprehension when the sandhi form was absent – sentence seven "soup or salad" from 30 to only one misperception and "call her" from 30 to twelve misperceptions.

Overall results showed that sandhi forms, irrespective of the category, pose listening comprehension difficulties for Brazilian learners of English especially when there are content words involved and the sandhi form has a minimal pair in English.

4.3 EXPOSURE TO ENGLISH AND COMPREHENSION OF SPEECH WITH SANDHI-FORMS

The second research question "Do BP learners of English with greater amount/frequency of exposure to English through movies and songs comprehend sandhi forms better than students with less exposure?" aimed at investigating whether exposure to English through movies and songs affects comprehension of speech with sandhi-forms. The 52 participants who took the listening task answered four questions about the frequency they (a) watched movies, series and sitcoms in English without subtitles; (b) watched movies, series and sitcoms in English with subtitles in English; (c) watched movies, series and sitcoms in English with subtitles in Portuguese; and (d) listened to songs in English trying to understand the lyrics. There were five possible answers: never, almost never, sometimes, quite often, and always. The data collected from these questions are shown in Table 7.

How often do you...	Never		Almost Never		Sometimes		Quite often		Always		EXP*
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
... watch movies... in English without subtitles?	7	13.5	12	23.1	23	44.2	10	19.2	0	0	63.4%

... watch movies... in English with subtitles in English?	7	13.5	14	26.9	18	34.6	12	23.1	1	1.9	59.6%
... watch movies... in English with subtitles in Portuguese?	2	3.8	8	15.4	10	19.2	14	26.9	18	34.6	80.7%
... listen to songs in English trying to understand the lyrics?	1	1.9	1	1.9	2	3.8	13	25.0	35	67.3	96.1%

Table 7: Frequency of exposure to English through movies... and songs

Font: the authors

* EXP was calculated by adding up percentages from SOMETIMES, QUITE OFTEN and ALWAYS.

The answers obtained can help us have a slight idea of the amount of significant exposure to English from movies, series, sitcoms and songs our participants have. We understand that the measure of frequency we provided is very subjective and does not allow for much generalization, though. When questioning participants about songs we decided to add "trying to understand the lyrics" to have a real idea of a meaningful exposure language-wise and not just listening to the melody of the songs. 67.3% of the participants (35) state they always listen to songs in English trying to understand the lyrics whereas only 2 participants state this is not their habit: 1 never and 1 almost never. When adding up the positive frequencies (sometimes, quite often, and always) we found out that 96.1% of participants listen to songs and pay attention to lyrics. Songs really seem to be present in the lives of English learners in general and this information must be used considering pedagogical practices (BETTONI; GALLEGO-CAMPOS; BETTONI, 2017).

Movies, sitcoms and series with or without subtitles seem to be part of participants lives as well in that adding up the positive frequencies for the answers regarding exposure to the audiovisual media, the percentages of participants who answered they have these habits were 59.6% for subtitles in English, 63.4% for no subtitles, and 80.7% for subtitles in Portuguese. 1 participant observed that he could not mark 'always' in any of the movie categories because he watches movies all the time in the three categories randomly according to availability – he stated he only avoided movies when they were dubbed. After questioning a few participants, some of them stated having had the same attitude towards these questions even though they always watched movies and series. Therefore, the addition of the positive frequency categories makes sense and portrays participants' habits. Even so, participants watch movies, series, and sitcoms with subtitles in Portuguese more often than they do with subtitles in English or without subtitles.

The answers regarding frequency of exposure to English in movies and songs were then compared to the results of the perception Task 1a in order to investigate the research question proposed. Participants were divided into three groups according to the number of misperceptions: 0 to 2 misperceptions (18 participants – 34.6%); 3 to 4 misperceptions (17 participants – 32.69%) and 5 to 7 misperceptions (17 participants – 32.69%). No participants had more than 7 misperceptions in Task 1a. The data obtained considering exposure as the addition of the sometimes, quite often and always categories and no exposure as the never category is presented in Table 8. The other data were omitted in order to have a better visualization of the contrasts among the rates of misperception across groups.

Exposure to English	Frequency	0 to 2 misperceptions N = 18		3 to 4 misperceptions N = 17		5 to 7 misperceptions N = 17	
		N	%	N	%	N	%
without subtitles	Never	0	0 %	1	5.88%	6	35.29%
	Almost nev.						
	WATCH	16	78.88%	11	64.69%	6	35.29%
with subtitles in English	Never	1	5.55%	1	5.88%	5	29.41%
	Almost nev.						
	WATCH	10	55.55%	10	58.82%	10	58.82%
with subtitles in Portuguese	Never	2	11.11%	0	0%	0	0%
	Almost nev.						
	WATCH	14	74.76%	16	94.10%	14	82.33%
listen to songs in English	Never	0	0%	0	0%	1	5.88%
	Almost nev.						

LISTEN	17	94.43%	17	100%	16	94.22%	

Table 8: Frequency of exposure to movies and songs and misperception rate

Font: the authors

16 out of 18 participants (78.88%) who had two or fewer misperceptions stated they were exposed to English movies/sitcoms without subtitles. For the group with the worst result (5 to 7 misperceptions), the answers indicated that 6 out of 17 have this habit (35.29%). For the intermediate group, 64.69% have this habit and only 1 of them declared never watching movies, sitcoms, and series in English without subtitles. Therefore, considering this habit, the group that does it had better results in the listening comprehension of speech with sandhi forms. However, we cannot state that by watching movies in English without subtitles one will understand sandhi forms because it may be that the ones who understand sandhi forms feel more comfortable watching movies without subtitles just because they understand English better. It is hard to state which is the consequence and which is the cause, but there is a positive correlation between this habit and performance in the task.

The same cannot be stated regarding watching movies with subtitles in English or in Portuguese, even though 5 participants (29.41%) of the worst performance group (5 to 7 misperceptions) declared never watching movies with subtitles in English whereas only 1 in the intermediate group and 1 of the best performance group stated so. There was no clear relationship between watching movies and such with subtitles in English or listening to songs and trying to understand the lyrics with performance in listening comprehension of speech containing sandhi forms.

5 CONCLUSION

This study aimed at investigating whether sandhi forms may hinder comprehensibility of English for Brazilian learners. In order to investigate our main goal, we designed two research questions: (a) Do BP learners of English comprehend a spoken sentence containing sandhi forms in English? and (b) Do BP learners of English with greater amount/frequency of exposure to English through movies and songs comprehend sandhi forms better than students with less exposure?

We found that our participants who were Brazilian learners of English with a minimum B1 level of English proficiency have difficulties in understanding speech with sandhi forms, but their performance in doing so depends on the nature of the sandhi form, on the existence of a minimal pair for the phrase with the sandhi form (such as "call her" and "color") and, on the composition of the sandhi forms – when there are content words involved there is a tendency to have more difficulties understanding them.

We also found that our participants who were Brazilians learners of English from a diversity of backgrounds have the habit of listening to songs in English paying attention to lyrics and watching movies in English. Almost 80% of the participants who performed better in the listening comprehension task containing sandhi forms claimed to have the habit of watching movies, series or sitcoms in English without subtitles, whereas only 35.29% of the worst performers have this habit. Two participants lived in the U.S.A. for over a year and, even though both of them had good results (2 and 3 misperceptions), none of them got a perfect score neither with sandhi forms nor without them in the listening task and one of them was not a part of the best performers group.

Comprehension of speech with sandhi forms should also be investigated with tests which involve more contextualization and interaction. Also, variables should be controlled according to proficiency level, years of learning, age of learning and other habits regarding exposure to spoken English. The nature and composition of sandhi forms must be better controlled, so more generalizations can be made. It is possible that some types of sandhi forms may be more problematic than others; however, the present study did not control for this variable.

One of the most important pedagogical implications which can be drawn from the present study is comprehending that learners have to be exposed to as many English varieties as possible. Also, their interest in listening to songs should be explored in the classroom in order to improve both their oral perception and oral production. The habit of watching movies, series and sitcoms, as well as listening to songs in English should be encouraged. Learners should be stimulated to pay attention to sandhi forms such as linking, contraction, and assimilation when they are exposed to spoken English in order to be more prepared to deal with real life

English.

REFERENCES

ANDERSON, A.; LYNCH, T. *Listening*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

BETTONI, M. *Perceptual Training and word-initial /s/-clusters in Brazilian Portuguese/English interphonology.* Unpublished Doctoral Dissertation. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BETTONI, M.; GALLEGO-CAMPOS, F.R..; BETTONI, V. *Song Project – TICs, música e autonomia na aprendizagem de língua estrangeira*. Revista Tecnologias na Educação, v.23, 2017.

BROWN, G. *Listening to spoken English.* 2. ed. London: Longman, 1990.

BROWN, H. D. English language teaching in the "post-method" era: toward better diagnosis, treatment, and assessment. Acquisition. *In:* RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology language teaching*: an anthology of current practice. 15. ed. New York: Cambridge University Press, 2002.

CELCE-MURCIA, M. Teaching English in the context of world englishes. *In:* CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; SNOW, M. A. (ed.). *Teaching English as a second or foreign language.* Boston: National Geographic Learning, 2014. p. 63-71.

CLAREY, E.; DIXON, R. *Pronunciation exercises in English.* revised ed. New York: Regents Publication Company, 1963.

ERNESTUS, M.; BAAYEN, H.; SCHREUDER R. The recognition of reduced word forms. *Brain and Language,* n. 81, p. 162-73, 2002.

ERNESTUS, M.; WARNER, N. Speech reduction. *Journal of Phonetics*, special issue, v. 39, 3th ed., p. 1- 4, 2011.

FIELD, J. The changing face of listening. *In:* RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching:* an anthology of current practice. 15. ed. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 242-247.

FLEGE, J. E. Second language speech learning theory, findings, and problems. *In:* STRANGE, W. *Speech perception and linguistic experience:* issues in cross-language research. Baltimore: York Press, 1995. p. 233-77.

GILBERT, J. B. Pronunciation and listening comprehension. *In:* MORLEY, J. (ed.). *Current perspectives on pronunciation.* Washington, DC: TESOL, 1987. p. 29-40.

GOH, C. Second language listening comprehension: process and pedagogy. *In*: CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; SNOW, M. A. (ed.). *Teaching English as a second or foreign language.* 4. ed. Boston: National Geographic Learning, 2014. p. 72-89.

GOODWIN, J. Teaching pronunciation. *In*: CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; SNOW, M. A. (ed.). *Teaching English as a second or foreign language.* 4. ed. Boston: National Geographic Learning, 2014. p. 136-52.

HELGESEN, M. Listening. *In*: NUNAN, D. (ed.). *Practical English language teaching*. New York: Mac Graw Hill, 2003. p. 23-46.

HENRICHSEN, L. E. Sandhi-variation: a filter of input for learners of ESL. Language Learning. *A Journal of Applied Linguistics*, v. 34, n. 3, p. 103-26, 1984.

JENKINS, J. Research in teaching pronunciation and intonation. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 24, p. 109-25, 2004.

JONES, R. H. Beyond "listening and repeat": pronunciation teaching materials and theories of second language acquisition. *In*: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching:* an anthology of current practice. 15. ed. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 178-87.

KACHRU, B. B. Teaching World Englishes. *Indian Journal of Applied Linguistics*, v. 15, n. 1, p. 85-95, 1989.

KENT, R.; READ, C. *Acoustic analysis of speech*. 2. ed. San Diego: CA Singular Publishing Group, 2002.

KHAGHANINEZHAD, M. S.; JAFARZADEH, G. Investigating the effect of reduced forms instruction on EFL learners' listening and speaking abilities. *English Language Teaching*, v. 7, n. 1, p. 159, 2014.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. *A course in phonetics.* 7. ed. Stamford – USA: Cengage Learning, 2015.

LAM, Wendy Y. K. Raising students'awareness of the futures of real-world listening input. *In*: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching:* an anthology of current practice. 15. ed. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 248-53.

MCKAY, S. L. *Teaching English as an international language***.** Oxford, UK: Oxford University Press, 2002.

MCKAY, S. L. English as an International Language. *In:* BURNS, A.; RICHARDS, J. *The Cambridge Guide to Pedagogy and Practice in Second Language Teaching.* New York Cambridge University Press, 2012.

MUNRO M. J.; DERWING, T. M. Processing time, accent, and comprehensibility in the perception of native and foreign-accented speech. *Language & Speech,* New York, v. 38, p. 289-306, 1995.

MUNRO M. J.; DERWING, T. M. .The foundations of accents and intelligibility in pronunciation research. *Language Teaching. Cambridge,* v. 44, n. 3, p. 316-27, 2011.

NUNAN, D. Listening in language learning. *In*: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching:* an anthology of current practice. 15. ed. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 238-41.

PERUCCI, M. *The effect of instruction on sandhi-forms on l2 listening comprehension tasks.* 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PRATOR, C. J.; ROBINETT, B. W. *Manual of American English pronunciation*. 4. ed. Toronto: Holt, Rinehart & Winston, 1972.

RAJADURAI, J. Intelligibility studies: a consideration of empirical and ideological issues. *World Englishes*, v. 26, n. 1, p. 87-98, 2007.

RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. Teaching speaking: section 9. *In:* RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching:* an anthology of current practice. 15. ed. New York Cambridge University Press, 2002.

RICHARDS, J. C.; ROGERS, T. S. *Approaches and methods in language teaching.* New York: Cambridge University Press, 1995.

ROGERSON, P.; GILBERT, J. *Speaking Clearly:*Pronunciation and Listening Comprehension for Learners of English, Volume 1. Cambridge University Press, 1990.

ROSA, M. *Don'cha know? A survey of ESL teachers' perspectives on reduced forms instruction*. University of Hawai'i at Mānoa, 2002.

WATKINS, M. A. *Variability in vowel reduction by Brazilian speakers of English.* 2001. 248 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

WONG, S. W. L.; BONNIE, J.K.Y.T.; CHOW, W.; LEUNG, V. W. H.; MOK, P.; CHUNG, K.K. Perception of native English reduced forms in adverse environments by chinese undergraduate students. *J Psycholinguist Res,* New York, v. 46, p. 1149-65, 2017.

YANG, J. C.; CHANG, P. Captions and reduced forms instruction: the impact on EFL students' listening comprehension. *ReCALL*, v. 26, n. 1, p. 44-61, 2013.

Received on December 29, 2020. Approved on September 02, 2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e79197

A LÍNGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE[1]

LA LENGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ Y PRÍNCIPE

THE PORTUGUESE LANGUAGE OF SÃO TOMÉ AND PRÍNCIPE

Amanda Macedo Balduino*
Universidade de São Paulo

Manuele Bandeira**
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Shirley Freitas***
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO: Este artigo discute a história e a situação linguística atual do português santomense e do português principense (PST e PP). O surgimento dessas variedades em São Tomé e Príncipe (STP) remonta ao estabelecimento colonial do português em um ambiente plurilíngue, bem como ao seu desenvolvimento inicial como segunda língua, e, posteriormente, como língua materna adquirida pelos nativos. Ademais, a partir de dados coletados *in loco*, o artigo apresenta um breve panorama sincrônico de alguns processos fonológicos, a saber: nasalização, alternância do rótico, vocalização e apagamento segmental, observados no PST e no PP. A análise de fatores históricos, sociais e linguísticos nos permite concluir que, em STP, é evidente o desenvolvimento de variedades locais próprias, as quais, embora ainda careçam de uma descrição e sistematização linguística robusta, são dotadas de traços linguísticos identitários.
PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa. São Tomé e Príncipe. Processos fonológicos.

RESUMEN: Este artículo analiza la historia y la situación lingüística actual del portugués de São Tomé y Príncipe (PST y PP). La aparición de estas variedades en São Tomé y Príncipe (STP) se remonta al establecimiento colonial del portugués en un entorno

[1] Agradecemos à FAPESP (Processos: 2015/25332-1 e 2017/26595-1) e à CNPq (Processo: 150051/2018-2) pelo financiamento que permitiu a condução dessa pesquisa e elaboração deste artigo.

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo. E-mail: amanda.m_b@hotmail.com.

** Professora Adjunta – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. Professora filiada ao PPGLinC – Programa de Pós-Graduação e em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: manuelebandeira@unilab.edu.br.

*** Professora Adjunta – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. Professora filiada ao PPGLinC – Programa de Pós-Graduação e em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: shirleyfreitas@unilab.edu.br.

multilingüe, así como a su desarrollo inicial como segunda lengua y, posteriormente, como lengua materna adquirida por los nativos. Además, a partir de los datos recopilados in situ, el artículo presenta un breve panorama sincrónico de algunos procesos fonológicos, a saber: nasalización, alternancia de la rotica, vocalización y borrado segmentario, observado en el PST y PP. El análisis de factores históricos, sociales y lingüísticos permite concluir que, en STP, se evidencia el desarrollo de sus propias variedades locales, las cuales, si bien aún carecen de una descripción y sistematización lingüística robusta, están dotadas de rasgos lingüísticos identitarios.
PALABRAS CLAVE: Lengua portuguesa. São Tomé y Príncipe. Procesos fonológicos.

ABSTRACT: This paper provides a linguistic overview of the history and current status of Santomean and Princepean Portuguese (PST and PP). The rise of these varieties in Sao Tome and Principe goes back to their colonial origins in a multilingual environment, and also to their development into Second Language of indigenous people – later nativized as mother language by their offspring. Besides, from data collected on the spot, the article presents a brief synchronic overview of some phonological features of these varieties, focusing on phonological phenomena such as nasalization, rhotic variation, vocalization and segmental deletion, which are recurrent in PST and in PP. The analysis of historical, social and linguistic factors allows us to conclude that the development of local varieties is evident in STP. Although there is lack of a robust linguistic description and systematization, PST and PP are endowed with identity linguistic traits.
KEYWORDS: Portuguese. Sao Tome and Principe. Phonological processes.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos algumas características do português de São Tomé e Príncipe, discutindo os percursos histórico-sociais que levaram o português a ser adquirido como língua materna (L1) e majoritária do país e o atual estatuto político da língua portuguesa na sociedade santomense. Além disso, reconhecendo a urgência de sistematizações linguísticas das diferentes variedades da língua portuguesa faladas no continente africano, visamos apresentar alguns processos fonológicos sincrônicos do Português Santomense (PST) e do Português Principense (PP): nasalização; alternância do rótico; vocalização e apagamento segmental.

A língua portuguesa, assim como qualquer outro sistema linguístico, é diversa e possui variedades com características linguísticas compartilhadas e singulares. Esse é o caso do PST e do PP, variedades vernaculares empregadas como língua materna da população urbana de São Tomé e Príncipe. O ambiente multilíngue no qual tais variedades estão inseridas, a transmissão inicial a partir de um *input* que correspondia a uma segunda língua (L2), e a necessidade de descrição linguística do PST e do PP justificam o propósito deste artigo: discutir essas variedades de modo a contribuir com o registro e a sistematização do PST e do PP. Objetivamos, assim, analisar a confluência de fatores históricos, sociais e linguísticos, que auxiliem não somente o entendimento da dominância linguística do português em STP, mas também permitam o reconhecimento de algumas normas e padrões linguísticos particulares e legítimos às variedades que emergiram no arquipélago.

Este artigo está organizado do seguinte modo: na Seção 2, reunimos alguns fatos históricos do primeiro (séculos XV e XVI) e do segundo período (séculos XIX e XX) de colonização portuguesa em STP e, na Seção 3, abordamos o período pós-colonial, debatendo a emergência da língua portuguesa de STP. Na Seção 4, expomos os métodos de análise e, na Seção 5, discutimos alguns aspectos fonéticos e fonológicos inerentes às variedades urbanas do português faladas no arquipélago. Na Seção 6, por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 A PRESENÇA PORTUGUESA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe (STP) é um país do Golfo da Guiné, costa oeste africana, formado por duas ilhas: São Tomé e Príncipe. Neste país, a língua portuguesa é amplamente empregada pela população, caracterizando STP como único país africano cuja língua materna e majoritária é o português (GONÇALVES, 2010; GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015; BOUCHARD, 2017; BAXTER, 2018; ARAUJO, 2020; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020). Concomitante ao uso massivo do português em STP, outras línguas

também circulam pelas ilhas, como o santome (ISO 639-3: cri), o lung'Ie (ISO 639-3: pre), o angolar (ISO 639-3: aoa) e o kabuverdianu (ISO 639-3: kea) (FERRAZ, 1979; MAURER, 2009; HAGEMEIJER, 2009; 2011; ARAUJO; HAGEMEIJER, 2013; AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017). A coexistência não harmoniosa entre o português e as demais línguas é amparada por fatores históricos e sociais que promoveram uma ecologia linguística local complexa e estruturaram as interações linguísticas do arquipélago, aspectos discutidos nesta seção.

Os portugueses chegaram às ilhas de São Tomé e de Príncipe na metade do século XV, fixando-se no arquipélago em 1493 (FERRAZ, 1979). O contingente maior desses colonos, falantes de português, acarretou na importação de mão de obra escravizada para os serviços braçais e domésticos. Os escravizados recém-chegados eram originais de diferentes regiões do continente, como o Delta do Níger e o Reino do Congo e falavam diversas línguas africanas possivelmente dos grupos Kwa, Edo, Itsekiri e Ijo (cf. HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017).

O contato interlinguístico no arquipélago, demarcado pela convivência forçada entre esses povos distintos, possibilitou, então, o contato entre línguas africanas ininteligíveis dos grupos étnicos escravizados e o português do século XV, que, por ser a língua do colonizador, grupo social dominante, consistia em um possível alvo linguístico. A aprendizagem do português correspondia a um dos inúmeros reflexos da forte política de assimilação empregada pela coroa lusitana em STP. O propósito de tal política era apagar a identidade étnica dos povos escravizados pela europeização da colônia e de seus habitantes. A difusão da língua portuguesa era, justamente, uma das formas com que isso poderia ser feito. Ademais, tais pressões linguísticas eram acompanhadas por outras medidas racistas institucionalizadas como a obrigatoriedade, a partir de 1514, do batismo de escravizados (SEIBERT, 2015). Em até seis meses após serem instalados no arquipélago, os escravizados recebiam nomes cristãos – e europeizados – e eram violentamente assimilados na cultura portuguesa, tendo suas identidades étnicas e individuais silenciadas.

Após o estabelecimento dos grupos escravizados, conduzido por políticas assimilatórias, em 1515, D. Manuel determina que uma mulher escravizada deveria ser concedida a cada exilado da ilha, sendo alforriados os filhos gerados dessa união. Esse fato complexificou os estratos sociais na colônia, pois os escravizados alforriados detinham um status elevado dentre a sociedade local (BANDEIRA, 2017). O alto estatuto social ocupado pelos nativos alforriados refletia o sucesso da assimilação colonial institucionalizada em STP. A Coroa formara, assim, uma elite autóctone privilegiada que, detendo regalias negadas aos demais grupos, podia cooperar com a metrópole ainda que marginalizada pela população portuguesa. Ademais, os escravizados livres foram essenciais, também, para a nativização de um *pidgin* falado no arquipélago (HAGEMEIJER, 2009) que foi disseminado por todo o território: o protocrioulo do golfo da guiné (PGG) (BANDEIRA, 2017).

Conforme Bandeira (2017), o fa d'ambô, falado na ilha de Ano Bom, e o lung'Ie, empregado na ilha do Príncipe, surgiram a partir do PGG em decorrência dos grupos levados, para fins coloniais, à ilha de Ano Bom e à ilha de Príncipe. O santome ou forro, falado na capital, de outro modo, corresponde à língua-filha do PGG que permaneceu no local inicial de emergência da protolíngua não-ramificada (BANDEIRA, 2017). Já os escravizados foragidos, por fim, distanciaram-se da capital, organizando resistências quilombolas que se tornaram a comunidade dos Angolares, onde emerge o angolar.

Entre os séculos XVII e XVIII, o emprego do santome, do lung'Ie e do angolar foi favorecido pela saída massiva dos colonos portugueses de STP devido ao declínio da economia local (FERRAZ, 1979; BANDEIRA, 2017), período em que o acesso à língua portuguesa era escasso e as línguas autóctones amplamente faladas (cf. SEIBERT, 2012; ARAUJO, 2020).

A crise local do século XVIII foi prolongada até 1852, ano em que o segundo período de colonização portuguesa em STP foi instaurado com a reinstalação do sistema *plantation*, pautado na cultura do café e do cacau (cf. SEIBERT, 2015). A segunda tentativa de colonização é baseada no regime de contrato e recebe um número expressivo de contratados, fato que culminou na mudança demográfica do arquipélago (SEIBERT, 2015). Do início do século XX até 1950, por exemplo, os contratados, procedentes de Angola, Moçambique e Cabo Verde, eram mais numerosos do que a população nativa de STP (NASCIMENTO, 2008). Em relação à população branca, também é possível notarmos um maior influxo de colonos. Apenas entre os anos de 1885 - 1900, o número de portugueses no arquipélago foi de 150 a 1.185 (SEIBERT, 2015). Todavia, a despeito desse aumento de contingente lusitano, a

população branca correspondia apenas a 2,8% da demografia total de STP, número pouco expressivo no arquipélago para a difusão do português (ARAUJO, 2020).

Ademais, não obstante o elevado número de contratados desse período, não é possível assumir que o estabelecimento do português no país foi promovido pelos contratados recém-chegados às ilhas, ao contrário: o influxo de contratados, especialmente de cabo-verdianos, intensificou o cenário plurilíngue do arquipélago. Os cabo-verdianos não somente eram numerosos, como também se fixaram em STP com suas famílias e mantiveram o kabuverdianu como língua veicular e de transmissão entre esse grupo étnico – ainda que, do mesmo modo que a população local, também tenham sido submetidos a pressões assimilatórias. Nascimento (2010), Seibert (2015) e Bouchard (2017) indicam que o influxo de contratados intensificou a estrutura discriminatória que subjazia às relações sociais dentro do arquipélago: os portugueses detinham o poder político e econômico de STP, porém, dentre a população local, questões segregacionistas guiadas pela política de assimilação também eram evidentes.

Os forros descendiam de uma elite formada pelas políticas assimilatórias e, por isso, retinham privilégios negados aos demais. Nascimento (2010) e Bouchard (2017) afirmam que, dentre os diversos grupos que formam a sociedade de STP, os forros possuíam mais prestígio, recebendo educação em língua portuguesa e tendo acesso a cargos públicos. Os principenses, por seu turno, eram vistos de forma amigável, mas como ingênuos e facilmente ludibriados. Os angolares recebiam os rótulos de rudes e selvagens. Por fim, os contratados, que, assim como os angolares, se concentravam nas roças e nas regiões interioranas, eram vistos como selvagens (SEIBERT, 2015).

Seibert (2015) ressalta que a discriminação sofrida pelos diversos grupos estava relacionada ao seu nível de assimilação aos costumes portugueses: quanto mais os contratados e os nativos se mostravam próximos de elementos portugueses, menos eles eram discriminados. Dentre os aspectos portugueses valorizados estava o domínio da língua portuguesa. Tal domínio, contudo, estava circunscrito a uma pequena elite local, já que o acesso ao português era diminuto para a população em geral. A despeito desse cenário, pressões assimilatórias promovidas pela colônia portuguesa e a consolidação dos segmentos sociais de STP fizeram com que o português passasse a ser uma língua mais empregada pela população das ilhas, o que, consequentemente, leva à diminuição do uso e mesmo ameaça das línguas autóctones, conforme discutido por Gonçalves (2010), Gonçalves e Hagemeijer (2015), Seibert (2015), Araujo (2020) e Santiago e Agostinho (2000). Segundo Araujo (2020), a ampla propagação do português em STP pode ser explicada não só pelo estabelecimento do português como língua oficial do país após a independência em 1975 (sendo esse um fator crucial), mas também pela urbanização, a escolarização e a difusão da mídia.

Sendo o Plano de Urbanização uma tentativa de modernizar e homogeneizar os territórios ultramarinos lusitanos (cf. MILHEIRO, 2012), a escola, enquanto aparato urbano, foi instalada na cidade de São Tomé a partir de 1951 (MILHEIRO, 2012). Em decorrência disso, o ensino pôde ser democratizado e, ao ser feito, exclusivamente, em língua portuguesa, contribuiu para a difusão desta em STP (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015).

Conforme Nunes (2019), aprender em uma língua e aprender uma língua constituem processos distintos. Em STP, a população que tinha acesso à escola era escolarizada em língua portuguesa e não em suas línguas maternas. A exposição às línguas autóctones era inexistente, visto que não havia políticas linguísticas, na época, que se ocupassem de sua preservação (ARAUJO, 2020). Logo, o ensino na língua nativa foi esquecido e o ensino do português - até então língua estrangeira - instaurado, movimento comum em espaços onde línguas europeias convivem com línguas locais. Nunes (2019), a esse respeito, indica que as línguas europeias restringem e camuflam línguas autóctones. A obrigatoriedade do português e o apagamento das demais línguas na escolarização de STP, no período pós-colonial, compôs um sistema excludente que, além de limitar a inserção do indivíduo na escola ao português, marginalizou e silenciou as línguas locais.

Outro aspecto importante para compreensão do domínio português frente às demais línguas em STP diz respeito à participação das elites locais (ARAUJO, 2020). Conforme Araujo (2020), a escolha do português como língua oficial, justificada a partir de um discurso de "neutralidade étnica" diante da diversidade linguística do arquipélago, obscurece o fato de que esta já era a língua de um grupo social, a elite santomense. A caracterização da diversidade linguística como um problema passível de resolução com o estabelecimento do português como língua oficial e franca se constitui uma argumentação vigente até hoje nos PALOP (Países

Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Monteagudo (2012, p. 45) aborda essa transformação da diversidade linguística de natural para uma realidade anômala e disfuncional quer na ideologia quer na prática, alegando que tal transformação é resultado de "operações glotopolíticas de homogeneização de populações falantes de várias línguas". Com a saída da elite portuguesa do poder, a elite santomense manteve os demais grupos do arquipélago, falantes de outras línguas africanas autóctones ou não, na base da pirâmide social, preservando os valores herdados da política assimilatória difundida no arquipélago e, portanto, mantendo o status quo do português (SEIBERT, 2012; BOUCHARD, 2017; ARAUJO, 2020).

O êxito do português enquanto L1 decorreu de uma confluência de fatores. A urbanização, a democratização do ensino e a ausência de políticas linguísticas destinadas às línguas autóctones impuseram o aprendizado do português à população e silenciaram as línguas locais. Os valores herdados da política colonial de assimilação, disseminada, inicialmente, pela coroa lusitana e, no período pós-colonial, propagada pela elite local, permearam a sociedade santomense. Assim, a maior parte dos grupos nativos de STP favoreceu a transmissão linguística do português, adquirido tardiamente como L2 pela população que era alfabetizada em língua portuguesa, e transmitido como input linguístico às gerações mais novas que o adquiriam como L1. A atitude linguística do falante, moldada no processo de socialização colonial, foi, portanto, fundamental para difusão do português.

Adotar um sistema linguístico e usá-lo é um ato ideológico (cf. NUNES, 2019). São justamente as ideologias construídas socialmente que orientam o(s) uso(s) linguísticos dos falantes e, no caso de STP, são estas que promoveram uma atitude negativa diante das línguas autóctones e positiva em relação ao português. Os grupos nativos afastaram-se, em medidas distintas, da identidade linguística de seu grupo[2]. O emprego das línguas locais refletia a identidade étnica do indivíduo por oposição e, paradoxalmente, revelava o pertencimento a uma comunidade linguística cujo status era baixo. Já o português, apresentado como uma língua de unificação nacional, era vendido como "língua de todos", facilitando a alternância de transmissão de código linguístico. Ou seja: mesmo o multilinguismo em STP sendo uma situação contemporânea, o português sobrepuja as línguas locais - herança de uma lusofonia empregada com fins de controle geopolítico e respaldada em políticas de assimilação.

Em STP, a língua portuguesa é a língua veicular de uso cotidiano da população santomense e, muitas vezes, única língua de seus falantes, especialmente das camadas mais jovens da população. As especificidades da conjuntura multilíngue do arquipélago promoveram o cenário de contato linguístico entre as línguas locais e o português - quer no momento em que este era adquirido como L2, quer na atualidade, quando o português é a L1 majoritária do país -, e culminaram, também, no desenvolvimento de variedades locais próprias, dotadas de traços linguísticos identitários. Os diferentes falares portugueses de STP já não correspondem à norma europeia inicialmente ali instaurada, mas "santomenizou-se" e é, hoje, português(es) de São Tomé e de Príncipe[3]. Isso posto, realizamos, na seção a seguir, uma breve apresentação sociohistórica da língua portuguesa, enquanto variedade(s) particular(es) de STP, nos espaços contemporâneos de país.

3 O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E DE PRÍNCIPE

Em STP, o português é empregado por cerca de 98,4% da população santomense, uma alta proporção de falantes em contraste às línguas nacionais que apresentam uma parcela menor: santome (36,2%), lung'Ie (1,0%), angolar (6,6%) e kabuverdianu (7,86%) (INE, 2012). A despeito de o censo de 2012 não trazer informações acerca do estatuto de L1 ou L2 das línguas recenseadas, mediante a distribuição percentual fornecida pelo documento pode ser inferido o desequilíbrio da convivência entre a língua oficial e as demais línguas do arquipélago.

A aquisição do português é pré-requisito para educação, empregabilidade e acesso aos diferentes meios de comunicação em STP (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). A língua massivamente usada nos centros urbanos é o português que descende da passagem de

[2] Os cabo-verdianos e os angolares não se distanciaram tão fortemente de seu grupo do ponto de vista linguístico quanto santomenses e principenses, pois tanto o kabuverdianu quanto o angolar apresentam maior vitalidade quando comparados ao santome e ao lung'Ie, sendo mais usados e havendo inclusive falantes dessas línguas como L1. No Príncipe, o kabuverdianu é mais falado do que o próprio lung'Ie, a língua local. Já na comunidade de Rio Grande, há falantes monolíngues de angolar e crianças que têm contato com português apenas quando começam a frequentar a escola.

[3] Nomenclatura utilizada por Miguel (2008) para o português angolano (PA) ("angolanizou-se").

L2 para L1 (GONÇALVES, 2010). A transmissão linguística irregular identificada na disseminação do português em STP resulta em reanálises estruturais (LUCCHESI; BAXTER, 2009) que, por consequência, atribuem traços linguísticos identitários às variedades do português que emergiram no arquipélago. É natural, portanto, que algumas características das línguas autóctones, na condição de L1, fossem transportadas e empregadas no português L2, o qual, posteriormente, era transmitido às gerações mais novas e adquirido como L1.

As variedades do português, recém-emergidas no arquipélago, são afetadas, ainda, por questões regionais, culturais e sociais que, com o tempo, afastam, ainda mais, o português falado em STP de outras variedades congêneres, moldando-o à sua ecologia linguística e à realidade dos falantes. Autores como Gonçalves (2010), Bouchard (2017), Gomes (2018), Santiago e Agostinho (2020), dentre outros, discutem algumas das particularidades do português vernacular santomense e principense, os quais podem ou não compartilhar estruturas com o português europeu (PE), norma linguística e língua-alvo da população de STP.

Ainda que o PST e o PP sejam referidos, neste artigo, como as variedades urbanas de STP, estas não são únicas no arquipélago. No arquipélago, é possível observar ainda o português de Almoxarife (PA), falado na zona costeira oriental da ilha de São Tomé; o português dos Tongas (PT), empregado na comunidade da roça Monte Café, região mais central da ilha de São Tomé (cf. BAXTER, 2018), e mesmo variedades ainda não registradas, como o português dos angolares (PAG), falado na comunidade dos angolares e em contato direto com o angolar, e o português dos cabo-verdianos (PCV), em contato com o kabuverdianu e falado nas comunidades de descendentes dos contratados. Essas variedades, além de geograficamente separadas, possuem uma frequência distinta de contato com as diferentes línguas crioulas, estando inseridas em diferentes microssistemas linguísticos em STP, o que pode culminar no desenvolvimento de estruturas linguísticas também distintas.

O PST e o PP, foco deste artigo, compartilham semelhanças com outras variedades, como o PB e o PE, e também têm características singulares que podem aproximá-las, ou não, do santome, do lung'Ie, ou das demais línguas faladas no arquipélago, fatos linguísticos que reforçam seu estatuto como variedades efetivas do português enquanto L1 (BALDUINO, 2018). Os argumentos fonéticos e fonológicos que reforçam a ideia da consolidação do PST e do PP como variedades identitárias do português são discutidos na Seção 5, após a delimitação do corpus e métodos na Seção 4 a seguir.

4 CORPUS E MÉTODO

Para análise de propriedades fonotáticas gerais do PST e do PP, adotamos dois métodos de coleta de dados. Para compilar os fenômenos fonológicos nas variedades de STP, trabalhamos com dados de fala espontânea coletados *in loco* através de entrevistas com duração de 60 minutos conduzidas por sujeitos de diferentes sexos e idades. Posteriormente, coletamos dados a partir da aplicação de testes, como elicitação de dados com auxílio de imagens, bem como repetição de frases-veículos "Eu falo X baixinho", em que X era substituído pelo item-alvo. Enquanto a primeira etapa foi fundamental para identificação dos fenômenos analisados e das possíveis variáveis linguísticas envolvidas em tais processos, a segunda fase foi essencial para examinarmos e testarmos as hipóteses preliminares.

As entrevistas, assim como a gravação de dados de fala controlada, ocorriam em ambientes fechados, como salas de prédios locais e eram iniciadas após a aplicação de um formulário pelo qual extraíamos algumas informações pessoais dos informantes que poderiam ser relevantes para a análise linguística[4]. Durante a análise, os primeiros 15 minutos de cada entrevista foram descartados.

As gravações de fala controlada foram coletadas de modo a testar os possíveis padrões e domínios linguísticos que poderiam motivar os fenômenos examinados (ALBANO, 2017). A gravação controlada das sentenças permitiu que itens lexicais contendo possibilidade de alteração sonora, como no caso da vocalização e da nasalização, fossem observados dentro da frase-veículo "Eu falo X baixinho". Por intermédio dessa frase, as estruturas-alvo puderam ser isoladas e examinadas, posto que controlamos os contextos

[4] Após o termo de consentimento ser apresentado e assinado, esse formulário era apresentado no início de cada sessão de gravação, sendo feito por meio de perguntas realizadas pelo entrevistador. Essas perguntas abarcavam: (i) nome completo; (ii) data de nascimento; (iii) escolaridade; (iv) naturalidade; (v) naturalidade dos pais; (vi) fala outras línguas?; (vii) compreende outras línguas? e (viii) já saiu de São Tomé e Príncipe alguma vez? Por quanto tempo?

segmentais adjacentes, as proeminências lexical e frasal e a ocorrência do fenômeno considerando seu posicionamento dentro da palavra.

Nas tabelas 1-2 apresentamos os dados dos informantes avaliados. No total, os dados de fala espontânea foram gravados com 20 sujeitos e os de fala controlada com 12 sujeitos, distribuídos conforme a variedade, idade, sexo e escolaridade. A escolaridade está separada em: média (6-9 anos), alta (10-12 anos) e graduação. Como exposto, as entrevistas apresentam maior variabilidade de idade e escolaridade e visam, justamente, representar uma amostra de fala mais heterogênea das variedades examinadas. Os dados obtidos por elicitação e repetição de frases-veículos, todavia, são mais homogêneos, possuindo todos os informantes alta escolaridade e faixa etária entre 18-23 anos.

Tabela 1: Informantes – Fala Espontânea

PST			**PP**		
Idade	**Sexo**	**Escolaridade**	**Idade**	**Sexo**	**Escolaridade**
18	M	Alta	20	F	Média
18	F	Alta	20	F	Alta
19	F	Alta	25	F	Média
19	M	Alta	26	F	Média
20	F	Média	27	M	Alta
23	F	Média	31	M	Média
24	M	Alta	35	M	Média
41	M	Alta	37	F	Alta
43	M	Alta	46	F	Alta
52	F	Graduação	50	F	Alta

Fonte: elaboração própria

Tabela 2: Informantes – Fala Controlada

PST			**PP**		
Idade	**Sexo**	**Escolaridade**	**Idade**	**Sexo**	**Escolaridade**
18	M	Alta	18	M	Alta
18	F	Alta	18	F	Alta
18	F	Alta	18	F	Alta
19	M	Alta	19	M	Alta
22	F	Média	20	F	Alta
23	M	Média	20	M	Alta

Fonte: elaboração própria

Todos os dados coletados foram analisados no Praat para delimitarmos, acusticamente, a ocorrência ou não dos fenômenos analisados. Desse modo, o item lexical alvo era etiquetado e recortado em um arquivo de áudio WAV menor para analisarmos critérios linguísticos como: alvo, gatilho(s) e contexto(s) segmentai(s) e suprassegmentai(s) que pudessem afetar os fenômenos examinados. A seguir, na seção 5, apresentamos os fenômenos analisados.

5 ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DO PST E DO PP

Esta seção é destinada à discussão de alguns fenômenos fonológicos observados no PST e no PP. Inicialmente, na subseção 5.1, trataremos brevemente da nasalização vocálica. A subseção 5.2, por seu turno, discutirá os segmentos róticos. Posteriormente, a vocalização será objeto da subseção 5.3, seguida pela observação dos processos de apagamentos segmentais (subseção 5.4).

5.1 NASALIZAÇÃO VOCÁLICA

O PST e o PP apresentam vogais nasalizadas correspondentes ao resultado de processos distintos de nasalização regressiva vocálica: nasalização tautossilábica, promovida por uma coda nasal, e nasalização heterossilábica, engatilhada por um onset nasal (BALDUINO, 2018; ARAUJO; BALDUINO, 2019).

A nasalidade tautossilábica é atestada em contexto tônico (1.a) e átono (1.b), sendo opcional em fronteira de palavra, como nos dados (1.c) e (1.d).

(1) a. **grande** [ˈgɾ̃n.dɪ] ~ [ˈgɾ̃.dɪ]
b. **grandeza** [gɾ̃n.ˈde.zɐ] ~ [gɾ̃.ˈde.zɐ]
c. **jovem** [ˈʒɔ.vẽ] ~ [ˈʒɔ.vẽj] ~ [ˈʒɔ.vɪ]
d. **homem** [ˈɔ.mẽ] ~ [ˈɔ.mẽj] ~ [ˈɔ.mɪ]

É possível que a nasalização seja acompanhada também pela ditongação ([ẽ] > [ẽj]). A opcionalidade da nasalização em (1.c) e (1.d) é acompanhada pelo apagamento de /N/, que ocorre antes mesmo do espraiamento da nasalidade e inviabiliza o processo (ARAUJO; BALDUINO, 2019). O apagamento de codas em fronteira de palavra é recorrente em variedades do português faladas em STP (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020), sendo um fenômeno lexical comum a todos os segmentos licenciados na coda do PST.

Conforme Balduino (2018), o apagamento da coda nasal final tem como domínio a sílaba átona, não sendo constatado, nos dados examinados pela autora, estruturas como **maçã** *[ma.ˈsa], cujo processo de nasalização não é observado em tônicas finais. Assim sendo, este é um fenômeno que parece considerar o acento e a sílaba em sua implementação.

Em relação à nasalidade engatilhada por /ɲ/, notamos sua opcionalidade, como indicado nos exemplos em (2) (BALDUINO, 2020).

(2) a. **banho** [ˈbɐ̃.ɲʊ] ~ [ˈba.ɲʊ]
b. **banheira** [bɐ̃.ˈɲe.ɾɐ] ~ [ba.ˈɲe.ɾɐ]

Distintamente do PB e do PE, no PST e no PP, /ɲ/ pode ou não espraiar seu traço [nasal] para a vogal precedente, seja em sílaba tônica (2.a), seja em sílaba átona (2.b). A ausência do processo de nasalização, engatilhado pela nasal palatal, permite que questionemos uma possível natureza ambissilábica deste segmento, visto que, de modo contrário ao PB, ela não promove nasalidade obrigatória, um dos argumentos adotados na literatura para a defesa de sua ambissilabicidade (WETZELS, 1997, 2000, 2007).

Por fim, a opcionalidade do processo também é percebida para a nasalidade heterossilábica, engatilhada apenas em sílabas que portam proeminência do pé, como indicado em (3) (ARAUJO; BALDUINO, 2019).

(3) a. **cama** [ˈkɐ̃.mɐ] ~ [ˈka.mɐ]
b. **camarada** [ˌkɐ̃.mɐ.ˈɾa.dɐ] ~ [ˌka.mɐ.ˈɾa.dɐ]
c. **camada** [ka.ˈma.dɐ]

Os dados em (3) indicam que a nasalidade heterossilábica é opcional, inclusive, em sílabas tônicas (3.a), porém, nunca ocorre em sílabas átonas que não portem, também, a proeminência do pé (3.c). A impossibilidade da nasalização em sílabas átonas, bem como sua opcionalidade em sílabas tônicas, aproximam o PST e o PP do santome e do lung'Ie, posto que, também nestas línguas, o onset nasal não engatilha, obrigatoriamente, nasalidade (BANDEIRA, 2017; AGOSTINHO; BALDUINO; ARAUJO, 2020). O contato surge como um fator que pode e deve ser examinado a partir de uma abordagem epistemológica que ofereça ferramentas para análise do papel que as demais línguas de STP podem ter exercido no sistema fonológico do PST e do PP. Não nos dedicaremos a essa discussão neste artigo, porém chamamos atenção para a importância, na sistematização linguística das variedades de STP, de considerarmos o ambiente multilíngue – e suas especificidades – no qual o PST e o PP estão inseridos.

5.2 RÓTICOS

O grupo dos róticos, no PST e no PP, tem sido alvo de discussão em estudos como Agostinho (2016), Brandão et al. (2017), Bouchard (2017; 2018), Balduino (2019), Brandão (2018), Agostinho, Soares e Mendes (2020), Agostinho e Mendes (2020) e Vieira e Balduino (2021). Em tais variedades, os róticos são, de modo mais frequente, porém, não de forma exclusiva, produzidos como um tepe [ɾ] ou como uma fricativa ou vibrante uvular [ʁ] e [ʀ], e, distintamente das variedades do português brasileira e europeia, alternam não somente em coda, mas também em onsets complexos, quando o rótico ocupa a posição de C2, como em (4.a) e em contexto intervocálico, variação que produz homônimos homófonos como (4.b) e (4.c)

(4) a. **fraco** [ˈfʁa.kʊ]~[ˈfʀa.kʊ]~[ˈfɾa.kʊ]
b. **caro** [ˈka.ʁʊ]~[ˈka.ʀʊ]~[ˈka.ɾʊ]
c. **carro** [ˈka.ʁʊ]~[ˈka.ʀʊ]~[ˈka.ɾʊ]

Conforme Bouchard (2017), no PST, o uso do r-forte, que a autora compreende como fricativa uvular sonora [ʁ], possui a faixa etária como variável relevante, sendo mais comum entre as gerações mais novas, mais especificadamente entre pessoas abaixo de 35 anos, o que equivale a aproximadamente 80,8% da população do arquipélago (WORLDBANK, 2019). Já as gerações mais velhas, as quais compõem cerca de 19,2% da população de STP (WORLDBANK, 2019), não somente preferem o r-fraco, entendido como [ɾ], como desfavorecem o uso de [ʁ], considerando esta uma característica inadequada da variedade de São Tomé, pois este é um traço que afasta o PST do PE.

Assumindo, então, que a variação entre o r-fraco e o r-forte é observada em diferentes contextos silábicos, está presente em regras lexicais e pós-lexicais, não é determinada categoricamente por algum contexto segmental, pode ser identificada na fala de um mesmo indivíduo, e é favorecida pelo fator idade (cf. BOUCHARD, 2017), admitir /ɾ/ e /ʁ/ como fonemas ou apenas postular a existência de um fonema rótico neutralizado /R/ não são generalizações válidas para explanar o uso do rótico no PST e no PP. Examinamos, neste trabalho, diferentes possibilidades do estatuto fonológico do rótico.

Em um primeiro momento, diante de trabalhos como o de Bouchard (2017), que atesta o uso de [ʁ] ser favorecido pela população mais jovem de São Tomé, podemos pensar na possibilidade de haver dois róticos (r-forte e r-fraco) licenciados nos quadros fonológicos de ambas as variedades. Esses possíveis fonemas não são capazes de gerar oposição de pares mínimos ou caracterizar um estado de neutralização /R/, mas constituiriam formas concorrentes de um processo de mudança sonora em curso e, por isso, alternariam em todos os contextos fonotáticos em que o rótico é previsto, inclusive na fala de um mesmo falante. Nesse caso, embora haja formas concorrentes, o sistema fonológico do PST e do PP se encaminharia para a existência de apenas um rótico.

Essa hipótese adquire robustez a partir do trabalho de Agostinho, Soares e Mendes (2020) que discute a fusão de quase-fonemas no PP, ou seja, de segmentos que apresentam relações fonológicas intermediárias, variando no grau de previsibilidade e contraste

(AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020). De acordo com o experimento conduzido pelos autores, há evidências que sugerem fusão e perda de contraste dos róticos no PP. Isso ocorreria, ainda conforme o estudo em questão, em decorrência: (i) do status quase-fonêmico do r-forte e do r-fraco, já que, no PB e no PE, e, possivelmente, em variedades pretéritas do português levadas à ilha, o único contraste estabelecido pelo r-forte [r, h, x, ʀ, ʁ] e o r-fraco [ɾ] é o contexto intervocálico; (ii) da sua baixa carga funcional no sistema, pois, como demonstrado por Agostinho, Soares e Mendes (2020), o r-forte e o r-fraco produzem poucos contrastes fonêmicos em comparação a outros segmentos da língua, como /t, d/, /p, b/, entre outros; e, por fim, (iii) do contato linguístico com as línguas crioulas faladas na região, em especial o lung'Ie (AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020).

Para os autores, o contraste fonêmico entre os róticos no português do século XV, percebido ainda hoje em variedades como o PB e o PE, foi arrefecido após a emergência e o contato com crioulos de base lexical portuguesa, como o lung'Ie, santome, angolar e kabuverdianu, línguas que carecem de contraste entre róticos. De modo a sustentar a relevância do contato entre o português e as línguas locais para a perda de contraste entre róticos, Agostinho, Soares e Mendes (2020) fazem um paralelo entre o PP e outras variedades do português em que o enfraquecimento do contraste em róticos também é relatado, como ocorrem com o português de Moçambique (PM) e com algumas variedades do português brasileiro (PB) (cf. AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020).

De acordo com Brandão e Paula (2018), no PM, o enfraquecimento do contraste entre os róticos é acompanhado, por exemplo, pelo contato dessa variedade com diversas línguas bantu, como o changana que apresenta apenas uma vibrante alveolar /r/. No entanto, nesse estudo, as autoras chamam a atenção para o fato de que, em Moçambique, o português é a L1 de apenas 10% da população, sendo necessário analisar, em trabalhos futuros, a produção de róticos no PM contrapondo os falantes de português L1 e L2 (BRANDÃO; PAULA, 2018).

Ainda de acordo com a argumentação de Agostinho, Soares e Mendes (2020), no Brasil, as variedades em contato com dialetos italianos, trazidos ao Brasil no século XIX, também perderam o contraste entre róticos, o que é refletido na prevalência do tepe intervocálico em detrimento de outras variantes do rótico atestadas em outras variedades do PB. Conforme demonstrado pelo estudo de Comiotto e Margotti (2019), a perda de contraste entre róticos, nesta variedade em contato com dialetos italianos, além de marca linguística, configura uma marca cultural dos descendentes de imigrantes italianos provenientes da região do vêneto (COMIOTTO; MARGOTTI, 2019).

As variedades de português referidas por Agostinho, Soares e Mendes (2020), apresentam, como ponto comum, o longo contato com línguas com apenas um rótico em seu sistema fonológico. Os autores concluem, assim, que contrastes quase-fonêmicos de baixa carga funcional tendem a se fundir em situações de contato profundo com línguas com apenas um rótico. Sendo assim, o experimento conduzido por Agostinho, Soares e Mendes (2020) para o PP, em consonância com a análise sociolinguística empreendida por Bouchard (2017) para PST, embora partam de abordagens metodológicas distintas, apontam para um mesmo horizonte: há um processo de mudança em curso cujo resultado é a fusão do r-forte e do r-fraco, sendo relevantes para esses processos o contato linguístico e o favorecimento da variante [ʁ] pelos falantes jovens.

Propostas como a de Bouchard (2017) e a de Agostinho, Soares e Mendes (2020) demonstram que a discussão em torno do estatuto do(s) rótico(s), no inventário fonológico do PST e do PP, trilha caminhos diferentes do debate em torno do rótico no PB e no PE, tema alvo de controvérsias. Para essas variedades, o estatuto do rótico no inventário fonológico da língua portuguesa não é consensual, sendo ora estabelecido como um único fonema, ora como dois fonemas (CÂMARA JR., 1953; 1970; 1971; MATEUS; D'ANDRADE, 2000; ABAURRE; SÂNDALO, 2003).

Balduino (2022), ao analisar o quadro consonantal sincrônico do PST e do PP, assume, a exemplo de Agostinho, Soares e Mendes (2020), a existência de apenas um fonema rótico. Seguindo a proposta de Câmara Jr. (1953) e de Abaurre e Sândalo (2003), no entanto, a autora levanta a hipótese de uma proposta estabelecida em termos mais abstratos, em que ambas as formas [ɾ] e [ʁ] poderiam derivar de uma forma pretérita /r/, estando o processo de mudança relacionado à perda da adjacência de dois fonemas idênticos.

De acordo com Abaurre e Sândalo (2003), o r-forte, no PB, assim como em outras línguas ibéricas como o espanhol (HARRIS, 2002), corresponde a um epifenômeno de dois fonemas idênticos, ou seja, é um efeito do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) (McCARTHY, 1986). Logo, considerando a ação do OCP como um fenômeno natural, é muito comum que as línguas evitem segmentos idênticos adjacentes, ou mesmo segmentos adjacentes cujo ponto de articulação é o mesmo. Dessa forma, corroborando a hipótese de Câmara Jr. (1953), Abaurre e Sândalo (2003) assumem que, no português, a vibrante poderia ocorrer intervocalicamente geminada, ao passo que o tepe é interpretado como uma variante posicional que, devido à perda do traço de continuidade, é enfraquecida em ambiente intervocálico. Dito de outro modo, quando não geminado, o rótico é produzido como um tepe entre vogais, se geminado fonologicamente, é realizado como um r-forte. Em início de palavra não precedida por uma vogal, o rótico permanece vibrante, ou é realizado como uma fricativa ou vibrante glotal na maioria dos dialetos do PB (cf. ABAURRE; SÂNDALO, 2003).

Por um lado, considerando que, no PST e no PP, o contexto intervocálico não determina a produção de r-forte ou de um r-fraco, não podemos pressupor que haja um processo de enfraquecimento posicional em curso em tais variedades. Além do mais, /ɾ/ e /ʁ/ alternam em todos os contextos de tonicidade, sílaba e segmento. Logo, se não há um enfraquecimento posicional que possa ser justificado estruturalmente, não é possível assumir, para tais variedades, a existência de róticos fonologicamente geminados que não são superficializados no output. Por outro lado, /r/ é a forma fonológica que possibilita uma derivação de traços mais econômica para [ɾ] e [ʁ], dada, respectivamente, mediante o desligamento do traço [contínuo], e pela posteriorização da vibrante (cf. ABAURRE; SÂNDALO, 2003). Tais argumentos, ao serem avaliados em conjunto, levam Balduino (2022), baseada na proposta de Abaurre e Sândalo (2003) para o PB, a sugerir que o processo de mudança atestado por Bouchard (2017) seja engatilhado pelo desaparecimento da forma geminada /rr/ no PST e no PP que, devido à sua inexistência sincrônica, não requer a ação do OCP e, por isso, permite uma mesma derivação para /r/, que pode ser feita a partir do r-forte e do r-fraco, atualmente formas concorrentes.

Assim, as formas fonológicas que, supostamente, no PB e no PE, seriam /karro/ > [ˈka.ʁʊ] (com implementação do OCP) e /karo/ > [ˈka.ɾʊ] (com enfraquecimento intervocálico), são, subjacentemente, idênticas no PST e no PP: /karo/ > [ˈka.ʁʊ] ~ [ˈka.ɾʊ] e /karo/ > [ˈka.ɾʊ] ~ [ˈka.ʁʊ], além de poder derivar as outras formas de róticos presentes na língua inclusive na coda. Isso, somado ao fato de que [ɾ] seja favorecido pelas gerações mais velhas e [ʁ] pela população mais jovem (cf. BOUCHARD, 2017), sugere que ambas as formas – e suas diversas realizações – são formas concorrentes, derivadas de /r/.

Nos estudos revisitados, até o momento, notamos que, mediante propostas distintas, suportadas por quadros teóricos diversos, o rótico, no PST e no PP, é interpretado como um único fonema no quadro fonológico da língua. De fato, nos dados analisados, não foi verificada a oposição entre [ɾ] e [ʁ], sendo a alternância [ɾ]~[ʁ] verificada em contextos tônicos e átonos e em distintas posições silábicas onde o rótico é licenciado, como sintetizado no quadro 1. Não há, assim, pares mínimos opondo r-forte e r-fraco e, mesmo em onset complexo, o rótico varia entre tepe e uvulares, o que parece mostrar que não há um contexto em que um dos róticos seja preferido.

Quadro 1: Distribuição do Rótico no PST e no PP: sílaba e tonicidade

Sílaba	**Tônica**		**Átona**	
CV	Parede	[pa.ˈɾe.dɪ] ~ [pa.ˈʁe.dɪ]	Caro	[ˈka.ɾʊ] ~ [ˈka.ʁʊ]
C**C**V	Prato	[ˈpɾa.tʊ] ~ [ˈpʁa.tʊ]	Profeta	[pɾo.ˈfɛ.tɐ] ~ [pʁo.ˈfɛ.tɐ]
CV**C**	Parte	[ˈpaɾ.tɪ] ~ [ˈpaʁ.tɪ]	Pergunta	[peɾ.ˈgu̱.tɐ] ~ [peʁ.ˈgu̱.tɐ]
CV	Rato	[ˈɾa.tʊ] ~ [ˈʁa.tʊ]	Ralado	[ɾa.ˈla.dʊ] ~ [ʁa.ˈla.dʊ]
V**C**	Urso	[ˈuɾ.sʊ] ~ [ˈuʁ.sʊ]	Urbana	[uɾ.ˈba.nɐ] ~ [uʁ.ˈba.nɐ]
CVC	Arroz	[a.ˈɾoʒ] ~ [a.ˈʁoʒ]	Raspado	[ɾaʃ.ˈpa.dʊ] ~ [ʁaʃ.ˈpa.dʊ]

Fonte: elaboração própria.

O mesmo é observado em relação ao contexto segmental, cuja variação [ɾ]~[ʁ] foi notada, espectralmente, diante de todas as sete vogais do sistema vocálico do PST e do PP. No quadro 2, apresentamos alguns exemplos desta alternância, considerando apenas sílabas CV e CCV cuja alternância do rótico não é prevista em variedades como o PB e o PE.

Quadro 2: Distribuição do Rótico no PST e no PP: vogal e tonicidade

Vogal	**Tônica**		**Átona**	
[i]	Carrinha	[ka.ˈɾĩ.ɐ] ~ [ka.ˈʁĩ.ɐ]	Perigoso	[pe.ɾi.ˈgo.zʊ] ~ [pe.ʁi.ˈgo.zʊ]
[e]	Careta	[ka.ˈɾe.tɐ] ~ [ka.ˈʁe.tɐ]	Reprovar	[ɾe.po.ˈva] ~ [ʁe.po.ˈva]
[ɛ]	Carece	[ka.ˈɾɛ.sɪ] ~ [ka.ˈʁɛ.sɪ]	Preguiçoso	[pɾɛ.gi.ˈso.zʊ] ~ [pʁɛ. gi.ˈso.zʊ]
[a]	Tirar	[ti.ˈɾa] ~ [ti.ˈʁa]	Tira	[ˈti.ɾɐ] ~ [ˈti. ʁa]
[ɔ]	Prova	[ˈpɾɔ.vɐ] ~ [ˈpʁɔ.vɐ]	Roçado	[ɾɔ.ˈsa.dʊ] ~ [ʁɔ.ˈsa.dʊ]
[o]	Arroz	[a.ˈɾoʒ] ~ [a.ˈʁoʒ]	Provado	[pɾo.ˈva.dʊ] ~ [pʁo.ˈva.dʊ]
[u]	Arruma	[a.ˈɾu.mɐ] ~ [a.ˈʁu.mɐ]	Caro	[ˈka.ɾʊ] ~ [ˈka.ʁʊ]

Fonte: elaboração própria

Diante dos dados analisados, corroboramos estudos anteriores de Agostinho (2016) e Agostinho, Soares e Mendes (2020), indicando a existência de um único fonema no quadro consonantal do PST e no PP. Entretanto, não pretendemos oferecer uma resposta absoluta sobre o tema, visto que é possível o rótico estar, no PST e no PP, em processo de mudança (cf. BOUCHARD, 2017), fato difícil de precisar sem examinar mais detidamente variáveis sociais. Além do mais, há de se considerar que a alternância de róticos não ocorre de forma categórica na fala de falantes mais velhos e mais jovens. Embora faixas etárias mais altas privilegiem o uso de [ɾ] e a população mais jovem empregue mais [ʁ] (BOUCHARD, 2017), as duas formas são encontradas na produção de ambos os grupos. Vasta é a discussão em torno do tema, mas, por ora nos limitaremos a apresentar o problema, indicando o comportamento dos dados examinados e reunindo a discussão na literatura. É preciso, no entanto, que a questão seja avaliada à luz de novos estudos.

5.3 VOCALIZAÇÃO

Nesse processo, por diferentes razões segmentais, uma determinada consoante perde seu traço consonântico e adquire características de uma vogal. No PST e no PP, a vocalização atinge, sobretudo, a coda silábica /l/ e a consoante /ɲ/, sendo observados segmentos como [w] e [j] nesta posição silábica como indicado no quadro 3.

Quadro 3: Vocalizações no PST e no PP

	Vocalização de /l/	**Vocalização de /ɾ/ ([ɬ] > [w])**	**Vocalização de /ɲ/**
[i]	fácil [ˈfa.siw]	--------	senhor [sĩ.ˈjo]
[e]	potável [pɔ.ˈta.vew]	ferver [few.ˈve]	banho [ˈbɐ̃.jʊ]
[ɛ]	mel [ˈmɛw]	perto [ˈpɛw.tʊ]	--------
[a]	salgada [saw.ˈga.dɐ]	amargo [a.ˈmaw.gʊ]	ganhar [gɐ̃.ˈja]
[ɔ]	anzol [ɐ̃.ˈzɔw]	--------	--------

[o]	bolso [ˈbow.sʊ]	--------	sonho [ˈsõ.jo]
[u]	--------	--------	unha [ˈũ.jɐ]

Fonte: elaboração própria

Nos dados do quadro 3, [w] é uma realização possível para /l/ em coda como indicado na primeira coluna – /l/ também pode ser realizada como uma lateral velar [ɬ] (BALDUINO; VIEIRA, 2020). Conforme Balduino e Vieira (2020), a vocalização de /l/ ocorre diante de todas as qualidades vocálicas, exceto [u] – contexto favorável ao apagamento da coda -, e aproxima as variedades de STP da variedade brasileira do português (QUEDNAU, 1993). Todavia, a despeito das semelhanças observadas, enquanto no PB o fenômeno é registrado, de modo comum, como um processo de caráter diatópico (cf. CÂMARA JR., 1970; MATEUS; D'ANDRADE, 2000), no PST e no PP, a oscilação entre [ɬ] ~ [w] ocorre, recorrentemente, na fala de um mesmo falante, como em fácil [ˈfa.siw] ~ [ˈfa.siɬ][5].

Além do mais, a forma [w] também configura uma possível realização do rótico, como pode ser verificado na segunda coluna de dados do quadro 3. Nos exemplos **ferver** [few.ˈve], **perto** [ˈpɛw.tʊ] e **amargo** [a.ˈmaw.gʊ], a vocalização é alimentada pelo lambdacismo do rótico em coda, fenômeno recorrente no PST, porém não relatado, até então, no PP. Assim, primeiro há a realização do rótico como lateral velarizada, como em **amargar** [a.mał.ˈgaɾ], alimentando, posteriormente, a vocalização.

Por fim, [ɲ] pode ser ainda realizada como [j], contudo mantendo a nasalização da vogal contígua à esquerda como nos dados apresentados na última coluna. Nesses casos, [j], distintamente do PB, é realizado como uma consoante vocalizada oral e é realocado na posição de onset e a nasal é elidida, restando somente a nasalização da vogal silábica à esquerda. Além do mais, ocorrências como ganhar [ga.ni.ˈaɾ], embora menos frequentes, foram observadas nos dados do PST. Esse fato, em conjunto com a vocalização de [ɲ], nos leva a questionar o estatuto fonológico de /ɲ/ em tais variedades, visto que há a hipótese de estarmos, assim como no caso do rótico, diante de uma mudança em curso, pois grande instabilidade é observada em torno desse segmento. Considerando, entretanto, que pares mínimos ainda são observados em ambas as variedades, como **minha** [ˈmi̋.ɲɐ] e **mia** [ˈmi.ɐ], em que a realização de [ɲ] ainda é perceptível, analisamos, neste artigo, /ɲ/ como fonema.

No PB, há diferentes estudos que mostram que a nasal palatal está sofrendo variação em direção à vocalização, ou mesmo a sua redução (ALMEIDA, 2004; PINHEIRO, 2009). Em geral, esses estudos indicam tanto a produção de [j], com a manutenção da nasalização da vogal precedente, bem como uma vogal anterior nasalizada: [ĩ]. A forma [ĩ], também é atestada no PST e no PP, sendo observada, sobretudo, em palavras cuja nasal palatal é precedida pela vogal anterior [i]: **senhor** [sĩ.ˈo] e **minha** [ˈmĩ.ɐ].

Outro processo comum às variedades de STP e ao PE é a despalatalização da lateral palatal /ʎ/, realizada como [lj] - uma lateral coronal seguida por uma semivogal, como elucidado em (5). A vocalização da lateral palatal em [j], como em bolha *[ˈbo.jɐ], no entanto, não foi observada nos dados (BALDUINO, 2020).

(5) a. **bolha** [ˈbo.ljɐ] ~ [ˈbo.ʎɐ]
b. **milho** [ˈmi.ljʊ] ~ [ˈmi.ʎʊ]

Na língua portuguesa, a despalatalização da lateral palatal é comumente circunscrita ao PB (MADUREIRA, 1999; PINHEIRO, 2009), no entanto, Leite de Vasconcelos (1901), no início do século XX, já aponta que o português falado em ex-colônias portuguesas também despalatalizam /ʎ/, fato confirmado nos dados do PST e do PP. No PE, a forma [lj] também é verificada, constituindo uma variante possível na região metropolitana de Lisboa – ainda que as formas mais recorrentes sejam [ʎ] ou mesmo a lateral palatalizada [l∅] (QUANDT, 2014).

[5] Todas as ocorrências apresentadas no quadro 3 continham a seguinte variação: [ɬ] ~ [w] para a lateral em coda; [ɾ] ~ [ʁ] ~[ɬ] ~ [w] para casos em que o rótico era vocalizado e [ɲ] ~ [j] quando a nasal palatal era realizada como glide.

Notamos, em suma, que, assim como suas variedades congêneres, o PST e o PP tendem a despalatalizar /ʎ/ e /ɲ/, sendo possível, no caso da nasal palatal, sua vocalização completa em [j]. A vocalização também ocorre na lateral em coda, realizada como [w], ou mesmo, de forma menos recorrente, com o rótico – caso esse seja lateralizado antes. Em todos os casos, a vocalização e/ou a despalatalização, por configurarem processos de enfraquecimento, alteram a estrutura silábica do output, promovendo as seguintes reestruturações: CVC _ CVG (/l/ _ [w]); C.CV _ CGV (/ʎ/ _ [lj], considerando a lateral palatal como ambissilábica); C.CV _ GV (/ɲ/ _ [j] ~ [nj], considerando a nasal palatal como ambissilábica) e C.CV _ V (/ɲ/ _ (→ ∅), apagamento da nasal palatal após nasalização da vogal precedente). Além do apagamento de /ɲ/, outras elisões que provocam reestruturação silábica no PST e no PP são recorrentes, tópico da seção 5.4 a seguir.

5.4 APAGAMENTOS SEGMENTAIS

Apagamentos segmentais são recorrentes no PST e no PP, assim como em algumas variedades do PB e do PE, atingindo, sobretudo, C2 de um cluster (C_1C_2V), codas, vogais átonas pretônicas, postônicas mediais e átonas finais, como exposto no quadro 4.

Quadro 4: Apagamentos segmentais no PST e no PP

	Cluster (C_1C_2V)	**Coda**	**Vogal**
[i]	padre [ˈpa.dɪ]	fácil [ˈfa.sɪ]	escrever [ʃkɾe.ˈve]
[e]	--------	vermelho [ve.ˈme.ʎʊ]	chávena [ˈʃav.nɐ]
[ɛ]	--------	certo [ˈsɛ.tʊ]	--------
[a]	plástico [ˈpaʃ.tɪ.kʊ]	Barci [ˈba.kʊ]	chácara [ˈʃa.kɾɐ]
[ɔ]	petróleo [pe.ˈtɔ.l̪ɪʊ]	farol [fa.ˈʁɔ]	abóbora [a.ˈbɔbɾɐ]
[o]	problema [po.ˈbe.mɐ]	bolso [ˈbo.sʊ]	--------
[u]	professora [pu.fe.ˈso.ʁɐ]	pulso [ˈpu.sʊ]	bicho [ˈbiʃ]

Fonte: elaboração própria

Os processos de apagamento retratados são apenas uma amostra de um fenômeno de ampla implementação no PST e no PP, no qual são observados alvos e gatilhos distintos, podendo ser explanados de diferentes formas (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020; BALDUINO, 2020). Em geral, conforme Gomes (2018), enquanto as vogais elididas estão condicionadas ao acento lexical, atingindo sílabas pretônicas e postônicas – finais ou não finais -, o apagamento de codas e de onsets complexos ocorrem de maneira independente à sílaba alvo compor uma tônica ou átona (BALDUINO, 2019, 2020).

De acordo com Gomes (2018), o apagamento de vogais postônicas no PST atinge, principalmente, vogais médias, porém, é observado, também, com outras vogais: **chácara** [ˈʃakɾɐ] ~ [ˈʃakaɾɐ]; **abóbora** [a.ˈbɔbɾɐ] ~ [a.ˈbɔbuɾɐ] ~ [a.ˈbɔboɾɐ]. Conforme a autora, esse processo é favorecido no PST quando o apagamento vocálico resulta em um cluster gramatical, composto, sobretudo, mas não exclusivamente, por uma obstruinte [p, b, d, t, k, g, f, v] e uma líquida [l, ɾ] (GOMES, 2018), template previsto em diferentes estudos dedicados ao português. Um template silábico esperado, no entanto, nem sempre configura o resultado do apagamento vocálico, posto que o apagamento de vogais altas pretônicas e postônicas, muitas vezes, gera um output não previsto pelas regras de silabificação do português, principalmente se antecedido ou sucedido por uma fricativa, como em **escrever** [ʃkɾe.ˈve] e **chávena** [ˈʃav.nɐ], processo também atestado no português europeu. Em ambos os casos, a reestruturação silábica, promovida pelo apagamento, gera um template silábico emergente mais complexo que nem sempre respeita o princípio de sonoridade, como em **fraco** [ˈfʁakʊ], em que temos uma sequência de fricativas no cluster.

De modo paradoxal à emergência de estruturas complexas, os apagamentos recorrentes que têm como alvo codas (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020) e a segunda consoante de um onset complexo, geram sílabas CV - estrutura considerada tipologicamente menos marcada nas línguas naturais (ZEC, 2007). Nesse sentido, as codas e C_2 de um onset complexo seriam, coincidentemente, alvos de processos cujo resultado é, justamente, a sílaba menos marcada nas línguas naturais.

Os resultados do fenômeno de apagamento são, portanto, distintos, ora promovendo a reestruturação silábica de um *template* CCV e CVC em CV, ou VC em VG, ora gerando um *template* não esperado e/ou mais complexo como VC em CCCV, como exposto no quadro 5.

Quadro 5: *Templates* silábicos resultantes de processos fonológicos do PST e do PP

Palavra			**Template Original**	**Template Resultante**
Escola	[i̯ʃ.ˈkɔ.lɐ]	~ [ˈʃkɔ.lɐ]	**V**C	CCV
Estrela	[i̯ʃ.ˈtɾe.lɐ]	~ [ˈʃtɾe.lɐ]	**V**C	CCCV
Correr	[ko.ˈɾe̯ɾ]	~ [ko.ˈɾe]	CV**C**	CV
Alface	[aɬ̯.ˈfa.sɪ]	~ [aw̯.ˈfa.sɪ]	V**C**	VG
Prática	**[ˈpɾ̯a. ti.kɐ]**	**~ [ˈpa.ti.kɐ]**	**CCV**	**CV**

Fonte: elaboração própria

Os apagamentos, nesses casos, parecem ser engatilhados por questões tipológicas distintas e com resultados opostos do sistema fonológico do PST e do PP: o apagamento consonantal favorecendo uma estrutura silábica mais simples; o apagamento vocálico de átonas enfatizando e maximizando a diferença sonora entre sílabas tônicas e átonas (cf. NEVINS, 2012), a despeito de gerar, em contrapartida, sílabas complexas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutiram-se alguns fatos históricos que, remontando ao primeiro (séculos XV e XVI) e ao segundo período (séculos XIX e XX) de colonização portuguesa em STP, criaram o cenário de contato linguístico e, em conjunto com o ambiente insular de STP, propiciaram a emergência de novas línguas. É, também, neste mesmo contexto histórico e social que o português é eleito a língua-alvo da população instalada em STP, ainda que o input de tal língua fosse escasso. Abordamos, ainda, os processos históricos de interação social no período pós-colonial que promoveram a difusão da língua portuguesa e levaram as línguas autóctones à obsolescência. Neste período, observamos, com a transmissão do português L1, o estabelecimento de diferentes variedades de português faladas em STP, como é o caso do PST e do PP.

A consolidação destas variedades é reforçada por fenômenos fonológicos inerentes a tais variedades. Mediante a apresentação de processos como a nasalização vocálica, variação do rótico, vocalização de /l/, /r/ e /ɲ/ e diferentes apagamentos segmentais, foi demonstrado que, assim como em qualquer língua, o PST e PP apresentam características estruturais próprias que podem ou não serem compartilhadas com as diferentes variedades do PE, PB e/ou de qualquer outra variedade de língua portuguesa.

A discussão teórica que abarcou aspectos históricos e sociais, em consonância com a exposição de alguns fatores fonéticos e fonológicos do PST e do PP reforça seu estatuto como variedades efetivas do português enquanto L1. O aprofundamento, no entanto, de estudos que tratem de processos e aspectos linguísticos do PST e do PP é fundamental para a descrição de uma gramática própria de tais variedades. Esta, além de ser capaz de promover o estabelecimento de uma norma privativa singular a STP no

arquipélago, rompendo com as pressões ainda exercidas pelo PE, contribui com a descrição de mais uma variedade do português, revisitando aspectos já trabalhados nas outras variedades e, por conseguinte, lançando luz sobre antigas e novas questões.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. *In:* HORA, D.; COLLISCHON, G. (ed.) *Teoria linguística*: Fonologia e outros temas. Paraíba: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AGOSTINHO, A. L. *Fonologia e Método Pedagógico do lung'Ie*. 2015. 446f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. L. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. *In:* ENCONTRO DA ABECS, 9., . Brasília, Universidade de Brasília, 28-30 de novembro, 2016.

AGOSTINHO, A. L; SOARES, E.; MENDES, M. Merging of quasi-phonemes in contact situations: evidence from rhotics in Principense Portuguese. *In:* ANNUAL MEETING ON PHONOLOGY: 2020, California, University of California Santa Cruz, 18-20 de setembro de 2020.

AGOSTINHO, A. L; MENDES, M. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, p. 154 -176, 2020.

ALMEIDA, M. M. S. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. *Signum* – Estudos da Linguagem, Londrina, v.7, p.149-163, 2004.

ALBANO, E. Fonologia de Laboratório. *In:* HORA, D.; MATZENAUER, C. L. *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 169-182.

ARAUJO, G.; AGOSTINHO, A. L. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, p. 49-81, 2010.

ARAUJO, G.;; HAGEMEIJER, T. *Dicionário Santome-Português/Português-Santome.* São Paulo: Hedra, 2013.

ARAUJO, G.;; BALDUINO, A.M. Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. Diacrítica, v. 33, n. 2, p. 41-68, 2019.

ARAUJO, G.; Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe?. *In:* SOUZA, S.; OLMO, F. C. (org.). *Línguas em português* – A Lusofonia numa visão Crítica. Porto: Universidade do Porto Press, 2020. p. 173-197.

BALDUINO, A.M. *A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe*. 2018. 296 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, A.M. Apagamento de /R/ e /S/ em coda no Português Principense. *Papia*, v. 29, n. 1, p. 25-39, 2019. Disponível em: http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/3366/pdf_1. Acesso em: 23 jul. 2020.

BALDUINO, A.M.; VIEIRA, N.M. Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, p. 594-615, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2490. Acesso em: 20 jul. 2020.

BALDUINO, A.M.; VIEIRA, N.M; FREITAS, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1690. Acesso em: 15 nov. 2020.

BALDUINO, A.M. Nasality Triggered by /ɲ/ in two Portuguese of São Tome and Principe. *Diadorim*, v. 22, n.3, 2020, Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/36244/21425. Acesso em: 15 nov. 2020.

BALDUINO, A.M. Templates silábicos no Português do Príncipe: processos em coda e 'prevalência'de sílabas CV. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 22, n. 2, p. 247-270, 2020, Disponível em: https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/175052/16950. Acesso em: 15 nov. 2020.

BALDUINO, A.M. *Fonologia do português de São Tomé e Príncipe*. 2022. 561 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022..

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. 2017. 439 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BAXTER, A. O Português dos Tongas de São Tomé. *In:* OLIVEIRA, M. D.; ARAUJO, G. (org.). *O Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2018. p. 297-324.

BOUCHARD, M. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. 2017. 389 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, New York University, New York, 2017.

BOUCHARD, M. A distinctive use of R as a marker of Santomean identity. *Journal of Belonging, Identity, Language and Diversity*, v. 2, n. 1, p. 6-24, 2018.
BRANDÃO, S. F. et al. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 293-315, 2017.

BRANDÃO, S. F.; PAULA, A de. Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português. *In:* BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português:* variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 93-118.

BRANDÃO, S. F. Apagamento de R em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, Especial, p. 390-408, 2018.

CÂMARA JR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

CÂMARA JR, J. M. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1953.

COMIOTTO, A; MORGOTTI, F. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta Scientiarum Language and Culture*, v. 41, n. 2, p. 1-9, 2019.

FERRAZ, L.I. *The creole of São Thome*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

GOMES, D. K. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. *In*: BRANDÃO, S .F. (ed.). *Duas variedades africanas do português*: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 159-176.

GONÇALVES, R. *Propriedade de Subcategorização verbal no português de S. Tomé*. 2010. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. O português num contexto multilingue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, v.1, n.1, p. 84-103, 2015.

HAGEMEIJER, T. 2009. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. *In:* ABOH, E.; SMITH. N. (ed.). *Complex processes in new languages*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. 2009. p. 29-50.

HAGEMEIJER, T. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 26, n. 1, p. 111-154, 2011.

HAGEMEIJER, T. From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. *In:* LÓPEZ, L. A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (Ee.). *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2018. p. 169-184.

HARRIS, J. Flaps, Trills, and Syllable Structure in Spanish. *In*: CSIRMAZ, A. *et al.* (org.). Phonological Answers, *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 42, p. 81-108, 2002.

INE. *Instituto Nacional de Estatística (INE)*: São Tomé e Príncipe em Números. São Tomé: INE, 2012. Disponível em: http://www.ine.st/2012.html. Acesso em: 20 ago. 2013.
LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d´une dialectologi portugaise*. Paris: Aillaud & Cie, 1901.

LUCCHESI, D; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. *In:* LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO. I. (ed.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 427-445.

MADUREIRA, E. Reanálise de alguns aspectos d vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1. p. 125-145, 1999.

MATEUS, M. H; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford Linguistics, 2000.

MAURER, P. *Principense Grammar texts, and vocabulary of the afro-portuguese creole of the island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London: Battlebridge Publications, 2009.

MCARTHY, J. OCP effects: Gemination and Antigemination. Linguistic Inquiry, v. 17, p. 207-63, 1986.

MILHEIRO, A. São Tomé e Príncipe e o trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974). *In:* ACTAS do Colóquio Internacional São Tomé E Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica, 2012. p. 87-127.

MONTEAGUDO, H. A invenção do monolinguismo e da língua nacional. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 43-53, 1. sem. 2012.

NASCIMENTO, A. 2010. *História da Ilha do Príncipe*. Lisboa: Oeiras.

NASCIMENTO, A. *Atlas da Lusofonia. São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Prefácio, 2008.

NEVINS, A. Vowel Lenition and Fortification in Brazilian Portuguese. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 228-233, 2012.

NUNES, A. H. Identidade e aprendizagem no crioulo haitiano. *PAPIA*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 81-109, jul./dez. 2019.

PINHEIRO, N. L. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

QUANDT, V. A lateral palatal no Português do Brasil e no Português europeu: um estudo sociolinguístico comparativo. *In*: PAULA, A. *et al. Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa*: Homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2014. p.151-166.

QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. 1993. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SANTIAGO, A. M; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A cor das Letras*, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

SEIBERT, G. Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Ensino Superior e Trajetórias em Portugal. *In:* COSTA, A. B. da; FARIA, M. L. de. *Formação superior e desenvolvimento*: estudantes universitários africanos em Portugal. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 209-243.

SEIBERT, G. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico/2014*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 99-120, 2015.

WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, p. 1-4, 1997.

WETZELS, W. L.Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 2, p. 5-15, 2000.

WETZELS, W. L. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, Ubiquity Press, v.5, n.6, p.9-58, 2007.

VIEIRA, N.M.; BALDUINO, A.M. Apagamento do rótico em coda no Português Santomense (PST): uma análise sociolinguística. Revista de Estudos da Linguagem, v. 29, n. 3, 2021.

WORLDBANK. Health Nutrition and Population Statistics. 2019. Retrieved: 20/11/2020. Disponível em: https://datacatalog.worldbank.org/dataset/s%C3%A3o-tom%C3 %A9-and-principe-world-bank-group-country-survey-2019. Acesso em: 12 ago. 2020.

ZEC, D. The syllable. *In:* DE LACY, P (ed.). *The Cambridge handbook of phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 161-194.

Recebido em 13/02/2020. Aceito em 22/03/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e79197

THE PORTUGUESE LANGUAGE OF SÃO TOMÉ AND PRÍNCIPE[1]

A LÍNGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

LA LENGUA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ Y PRÍNCIPE

Amanda Macedo Balduino*
University of São Paulo

Manuele Bandeira**
University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony

Shirley Freitas***
University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony

ABSTRACT: This paper provides a linguistic overview of the history and current status of Santomean and Principean Portuguese (PST and PP). The rise of these varieties in Sao Tome and Principe dates back to their colonial origins in a multilingual environment, as well as to their development into Second Language of indigenous people — later nativized as mother language by their offspring. Besides, based on data collected in situ, this paper presents a brief synchronic overview of some phonological features of these varieties, focusing on phonological phenomena such as nasalization, rhotic variation, vocalization and segmental deletion, which are recurrent in PST and in PP. The analysis of historical, social, and linguistic factors allows us to conclude that the development of local varieties is evident in STP. Despite the lack of robust linguistic description and systematization, PST and PP are endowed with identity linguistic traits.
KEYWORDS: Portuguese. Sao Tome and Principe. Phonological processes.

RESUMO: Este artigo discute a história e a situação linguística atual do português santomense e do português principense (PST e PP). O surgimento dessas variedades em São Tomé e Príncipe (STP) remonta ao estabelecimento colonial do português em um ambiente plurilíngue, bem como ao seu desenvolvimento inicial como segunda língua, e, posteriormente, como língua materna adquirida pelos nativos. Ademais, a partir de dados coletados *in loco*, o artigo apresenta um breve panorama sincrônico de alguns

[1] We thank FAPESP (grants no. 2015/25332-1 e 2017/26595-1) and CNPq (grant no. 150051/2018-2), whose funding enabled the development of this research and writing this paper.

* Doctoral student in Philology and Portuguese – University of São Paulo. Email: amanda.m_b@hotmail.com.

** Assistant Professor – University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), Malês campus. Professor – PPGLinC – Graduate Program in Language and Culture, Federal University of Bahia (UFBA). Email: manuelebandeira@unilab.edu.br.

*** Assistant Professor – University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), Malês campus. Professor – PPGLinC – Graduate Program in Language and Culture, Federal University of Bahia (UFBA). Email: shirleyfreitas@unilab.edu.br.

processos fonológicos, a saber: nasalização, alternância do rótico, vocalização e apagamento segmental, observados no PST e no PP. A análise de fatores históricos, sociais e linguísticos nos permite concluir que, em STP, é evidente o desenvolvimento de variedades locais próprias, as quais, embora ainda careçam de uma descrição e sistematização linguística robusta, são dotadas de traços linguísticos identitários.
PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa. São Tomé e Príncipe. Processos fonológicos.

RESUMEN: Este artículo analiza la historia y la situación lingüística actual del portugués de São Tomé y Príncipe (PST y PP). La aparición de estas variedades en São Tomé y Príncipe (STP) se remonta al establecimiento colonial del portugués en un entorno multilingüe, así como a su desarrollo inicial como segunda lengua y, posteriormente, como lengua materna adquirida por los nativos. Además, a partir de los datos recopilados in situ, el artículo presenta un breve panorama sincrónico de algunos procesos fonológicos, a saber: nasalización, alternancia de la rotica, vocalización y borrado segmentario, observado en el PST y PP. El análisis de factores históricos, sociales y lingüísticos permite concluir que, en STP, se evidencia el desarrollo de sus propias variedades locales, las cuales, si bien aún carecen de una descripción y sistematización lingüística robusta, están dotadas de rasgos lingüísticos identitarios.
PALABRAS CLAVE: Lengua portuguesa. São Tomé y Príncipe. Procesos fonológicos.

1 INTRODUCTION

This paper presents some characteristics of the Portuguese variety spoken in São Tomé and Príncipe (STP). We discuss the historical and social factors that led Portuguese to be acquired as majority and mother language (L1) in the country and the current political status of the Portuguese language in Santomean society. In addition, in face of the need for more studies on different Portuguese varieties spoken in Africa, we aim to present some synchronic phonological processes of Santomense Portuguese (PST) and Principense Portuguese (PP): Nasalization; rhotic alternation; vocalization; and segmental deletion.

As any other linguistic system, Portuguese is diverse, and its varieties showcase both shared and unique linguistic traits. This is the case of PST and PP, vernacular varieties used as mother language by the urban population of São Tomé and Príncipe. The purpose of this study is to discuss these varieties and to contribute to the registration and systematization of PST and PP, which is justified by the multilingual environment in which these varieties are inserted, the initial transmission from an input corresponding to a second language (L2), and the need for a linguistic description of PST and PP. Thus, we aim to analyze the confluence of historical, social, and linguistic factors, which does not only help understand the linguistic predominance of Portuguese in STP, but also allows the recognition of some particular and legitimate linguistic norms and patterns within the varieties that have emerged in the archipelago.

This paper is organized as follows: Section 2 lays out historical facts from the first and second periods of Portuguese colonization in STP (15th–16th century and 19th–20th century, respectively) and Section 3 brings a discussion on the post-colonial period, addressing the emergence of the Portuguese language of STP. Section 4 explains our methods of analysis and Section 5 discusses phonetic and phonological aspects that are inherent to the urban varieties of Portuguese spoken in the archipelago. Finally, Section 6 brings our final considerations.

2 PORTUGUESE PRESENCE IN SÃO TOMÉ AND PRÍNCIPE

São Tomé and Príncipe (STP) is a country in the Gulf of Guinea, on the West African coast, consisting of two islands — São Tomé and Príncipe. The Portuguese language is widely used by the population, characterizing STP as the only African country whose majority and mother language is Portuguese (GONÇALVES, 2010; GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015; BOUCHARD, 2017; BAXTER, 2018; ARAUJO, 2020; SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020). Despite the massive use of Portuguese in STP, other languages also circulate in the islands, such as Santome (ISO 639-3: cri), Lung'Ie (ISO 639-3: pre), Angolar (ISO 639-3: aoa), and Kabuverdianu (ISO 639-3: kea) (FERRAZ, 1979; MAURER, 2009; HAGEMEIJER, 2009; 2011; ARAUJO; HAGEMEIJER, 2013; AGOSTINHO,

2015; BANDEIRA, 2017). The non-harmonious coexistence of Portuguese and the other languages is supported by historical and social factors, responsible for fostering a complex local linguistic ecology and structuring the archipelago's linguistic interactions.

The first Portuguese citizens settled on São Tomé and Príncipe Islands in 1493 (FERRAZ, 1979). The arrival of a larger contingent of settlers, all Portuguese speakers, led to the importation of enslaved labor for manual and domestic services. Enslaved newcomers were originally from different regions of the continent, such as the Niger Delta and the Kingdom of Congo, and spoke several African languages, possibly from the Kwa, Edo, Itsekiri, and Ijo groups (cf. HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017).

The interlinguistic contact in the archipelago, marked by the forced coexistence of different ethnicities, enabled the approximation of unintelligible African languages spoken by enslaved groups and the Portuguese of the 15th century, which, being the language of the colonizer — the dominant social group — was a possible linguistic target. Thus, Portuguese learning corresponded to one of the countless reflections of the strong assimilation policy employed by the Portuguese Crown in STP. The purpose of such a policy was to erase the enslaved population's ethnic identity by "Europeanizing" the colony and its inhabitants. Portuguese diffusion was one of the strategies used. In addition, such linguistic pressures were accompanied by other institutionalized racist actions, such as the mandatory baptism of the enslaved population since 1514 (SEIBERT, 2015). Within six months after settling in the archipelago, the enslaved group was given Christian, Europeanized names and was violently assimilated into Portuguese culture, having its ethnic and individual identities silenced.

After the settlement of enslaved groups and driven by assimilatory policies, D. Manuel determined in 1515 that each exiled man on the island should be granted an enslaved woman. Their offspring would be born free. This added complexity to the colony's social strata, as former slaves held a high status within the local society (BANDEIRA, 2017). The high social status of freed natives was seen as proof of success of the institutionalized colonial assimilation in STP. The Crown had forged an indigenous elite that had access to privileges denied to other groups and were willing to cooperate with the metropolis, even if marginalized by the Portuguese population. In addition, free slaves were also essential for the process of nativization of a pidgin spoken in the archipelago (HAGEMEIJER, 2009) and disseminated across the territory: The Proto-Creole of the Gulf of Guinea (PGG) (BANDEIRA, 2017).

According to Bandeira (2017), Fa d'ambô and Lung'Ie — spoken on Ano Bom Island and Príncipe Island, respectively — emerged from the PGG after the groups were taken to those two islands for colonial purposes. In their turn, Santome (or Forro), spoken in the capital, was a PGG daughter language that remained in the non-branched protolanguage's initial emergency site (BANDEIRA, 2017). Finally, fugitive enslaved people distanced themselves from the capital, organizing communities of maroon resistance that became the Angolan community — place of emergence of the Angolar.

Between the 17th and 18th centuries, the decline of the local economy led to a massive departure of Portuguese settlers from STP, which ended up favoring the use of Santome, Lung'Ie, and Angolar (FERRAZ, 1979; BANDEIRA, 2017). In this period, access to Portuguese was scarce and indigenous languages were widely spoken (cf. SEIBERT, 2012; ARAUJO, 2020).
The local crisis lasted until 1852, when Portugal started a second period of colonization in STP with the reinstallation of the plantation system, based on the culture of coffee and cocoa (cf. SEIBERT, 2015). This second colonization attempt was based on the employment of independent workers — STP received an expressive number of contractors, which drove a demographic change on the archipelago (SEIBERT, 2015). From the beginning of the 20th century until 1950, the population of contractors from Angola, Mozambique, and Cape Verde was more numerous than the native population of STP (NASCIMENTO, 2008). In relation to the white population, it was also possible to note a greater influx of colonists. Solely in the period between 1885–1900, the number of Portuguese citizens in the archipelago increased from 150 to 1,185 (SEIBERT, 2015). However, despite this increase in the Portuguese contingent, the white population accounted for only 2.8% of the total demographics of STP, which was negligible for Portuguese diffusion (ARAUJO, 2020).

Despite the large number of contractors, they do not account for the consolidation of the Portuguese language on the archipelago — on the contrary: The influx of contractors, especially from Cape Verde, intensified the multilingual scenario in STP. Were Cape Verdeans not only numerous, but they also settled in STP with their families and maintained Kabuverdianu as a vehicle and transmission language among this ethnic group, even though they were also subjected to assimilatory pressures, just like the local

population. Nascimento (2010), Seibert (2015), and Bouchard (2017) indicate that the influx of contractors intensified the discriminatory structure underlying social relations within the archipelago: While Portuguese citizens held political and economic power, segregationist issues caused by the assimilation policy were also evident among the local population.

Forros descended from an elite forged by assimilatory policies and, therefore, retained privileges denied to others. Nascimento (2010) and Bouchard (2017) state that, among the various groups that make up STP society, Forros had more prestige, being educated in Portuguese and occupying positions within public offices. In their turn, Principenses were seen in a friendly way, but as naive and easily deceived. Angolares received the labels of rude and savages. Finally, the contractors, who, like the Angolares, were concentrated in the fields and in interior regions, were seen as savages (SEIBERT, 2015).

Seibert (2015) points out that the discrimination suffered by the different groups was related to their level of assimilation of the Portuguese culture: The closer they were to Portuguese elements, the less discrimination they felt. Speaking Portuguese was one of the most valued elements. However, Portuguese proficiency was limited to a small local elite, as the general population had very limited access to the Portuguese language. Despite this scenario, assimilatory pressures promoted by the Portuguese Crown and the consolidation of social segments in STP led to a broader adoption of Portuguese in the islands and, consequently, to decreasing use and even threat of native languages, as discussed by Gonçalves (2010), Gonçalves and Hagemeijer (2015), Seibert (2015), Araujo (2020), and Santiago and Agostinho (2020). According to Araujo (2020), the diffusion of Portuguese in across STP cannot be explained only by the establishment of Portuguese as the country's official language after independence in 1975 (this being an important factor), but also by urbanization, schooling, and media diffusion.

The Urbanization Plan was an attempt to modernize and homogenize Portuguese overseas territories (cf. MILHEIRO, 2012). With that intent in mind, schools were brought to the city of São Tomé in 1951 as an urban apparatus (MILHEIRO, 2012). This was responsible for democratizing education and, since classes took place in Portuguese, disseminating the language across the country (GONÇALVES; HAGEMEIJER, 2015).

According to Nunes (2019), learning in a language and learning a language are distinct processes. In STP, the population with access to schools was educated in Portuguese and not in their mother languages. Exposure to indigenous languages was non-existent, since there were no linguistic policies concerned with their preservation at the time (ARAUJO, 2020). Soon, teaching in Portuguese — until then a foreign language — replaced teaching in native languages, a common process in places where European languages coexist with local languages. In this regard, Nunes (2019) states that European languages restrict and camouflage native languages. The mandatory nature of Portuguese and the erasure of other languages in STP schooling during the post-colonial period composed an exclusionary system that marginalized and silenced local languages, while access to schools was limited to those willing to speak Portuguese.

Another important aspect to understand the prevalence of Portuguese in STP concerns the participation of local elites (ARAUJO, 2020). According to Araujo (2020), the choice of Portuguese as official language was justified by a discourse of "ethnic neutrality" in view of the linguistic diversity of the archipelago. However, such choice obscured the fact that Portuguese was already the language of a social group, the Santomean elite. The characterization of linguistic diversity as a problem that can be solved with the establishment of Portuguese as official and vehicular language constitutes an argument that is still in force today in the PALOP (Portuguese-speaking African countries). Once seen as a natural phenomenon, linguistic diversity began to be seen as an anomalous and dysfunctional reality, both in ideology and in practice. Monteagudo (2012, p. 45) claims that this transformation is the result of "glotopoly operations to homogenize populations that speak several languages". With the withdrawal of the Portuguese elite from power, the Santomean elite kept other groups of the archipelago — speakers of other autochthonous African languages or not — at the base of the social pyramid, preserving the values inherited from the assimilation policy in STP and, hence maintaining the status quo that once belonged to the Portuguese (SEIBERT, 2012; BOUCHARD, 2017; ARAUJO, 2020).

The success of Portuguese as L1 resulted from a confluence of factors. Urbanization, teaching democratization, and the absence of language policies in favor of indigenous languages forced the population to learn Portuguese and silenced local languages. The Santomean society was permeated by values inherited from the colonial policy of assimilation, initially disseminated by the

Lusitanian Crown and, in post-colonial period, propagated by the local elite. Thus, most native STP groups favored linguistic transmission of Portuguese, firstly acquired as L2 and then transmitted as linguistic input to younger generations, who in their turn acquired it as L1. Therefore, the speaker's linguistic attitude, shaped in the process of colonial socialization, was critical for the diffusion of Portuguese.

The adoption and use of a linguistic system are ideological acts (cf. NUNES, 2019). It is precisely the socially constructed ideologies that guide the linguistic use(s) of the speakers. In the case of STP, these ideologies are the ones that have fostered a negative attitude towards indigenous languages and a positive one towards Portuguese. Native groups distanced themselves from their linguistic identity in different ways.[2] The use of local languages reflected the individual's ethnic identity and, paradoxically, revealed belonging to a linguistic community of low status. Portuguese, on the other hand, presented as the language of national unification, was sold as "everyone's language", facilitating the alternation of linguistic code transmission. In other words: Despite the contemporaneity of the multilingualism phenomenon in STP, Portuguese outweighed local languages — legacy of a Lusophony culture once used for geopolitical control purposes and supported by assimilation policies.

In STP, Portuguese is the population's vehicular language of everyday use and, often, the speakers' only language, especially amongst the younger ones. The specificities of the multilingual conjuncture in STP have fostered the contact between local languages and Portuguese — when acquired as L2 and even today, when Portuguese is the majority L1 in the country. Besides, this scenario also culminated in the development of local varieties of Portuguese, with unique linguistic traits. The different Portuguese speeches of STP no longer correspond to the European standard initially established there, as they "*santomenizaram-se*" (got "Santomized"), corresponding nowadays to São Tomé and Príncipe's variety(ies) of Portuguese.[3] That said, the following Section gives a brief socio-historical overview of Portuguese as a particular variety of STP, considering the country's contemporary spaces.

3 SÃO TOMÉ'S AND PRÍNCIPE'S PORTUGUESE VARIETIES

In STP, Portuguese is used by approximately 98.4% of the population, a high proportion of speakers in contrast to the national languages, spoken by small groups of users: Santome (36.2%), Lung'Ie (1.0%), Angolar (6.6%), and Kabuverdianu (7.86%) (INE, 2012). Although the 2012 census does not provide information about the L1 or L2 status of these languages, the percentage distribution provided by the document allows us to infer an imbalance in the coexistence of the official language with other languages of the archipelago.

Portuguese acquisition is a prerequisite for education, employability, and access to different means of communication in STP (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). Portuguese is the main language used in urban centers, which is a result from its transition from L2 to L1 (GONÇALVES, 2010). The irregular linguistic transmission identified in Portuguese dissemination in STP results in structural reanalyzes (LUCCHESI; BAXTER, 2009) that, consequently, ascribe identity/linguistic features to the Portuguese varieties that have emerged in the archipelago. It is therefore natural that some traits of the native languages, in the condition of L1, were transported and used in Portuguese L2, which were later passed on to younger generations and acquired as L1.

Portuguese varieties that have recently emerged in the archipelago have also been influenced by regional, cultural, and social issues. Over time, these aspects have changed the Portuguese spoken in STP, modifying it in relation to other similar varieties, that is, shaping it to the linguistics ecology of the islands and to speakers' reality. Authors such as Gonçalves (2010), Bouchard (2017), Gomes (2018), and Santiago and Agostinho (2020), among others, discuss some of the peculiarities of Santomean and Principense Portuguese, which may or may not share structures with European Portuguese (EP), the linguistic and target norm of the islands' population.

[2] From a linguistic point of view, Cape Verdeans and Angolares did not distance themselves from their group as strongly as Santomeans and Principenses. Both Kabuverdianu and Angolar have greater vitality when compared to Santome and Lung'Ie, as they are used more often and are still spoken as L1. In Príncipe, Kabuverdianu is more widely spoken than Lung'Ie, the local language. In Rio Grande community, there are monolingual speakers of Angolar and children whose first contact with Portuguese takes place when they start school.

[3] Nomenclature used by Miguel (2008) for Angolan Portuguese (PA) ("angolanizou-se", or "it got Angolonized").

Despite referring to PST and PP as urban varieties of STP, these are not the only ones in the archipelago. Other varieties can be heard, such as Portuguese of Almoxarife (PA), spoken in the eastern coastal zone of São Tomé Island; Portuguese of Tongas (PT), used in the community of the Roça Monte Café, the most central region of São Tomé Island (cf. BAXTER, 2018); and even varieties that have not yet been registered, such as Angolar Portuguese (PAG), spoken in the Angolar community and in direct contact with Angolar, and Cape Verdean Portuguese (PCV), in contact with Kabuverdianu and spoken by the descendants of contractors. These varieties are geographically separated and have a different frequency of contact with the multiple Creole languages, being inserted in different linguistic microsystems in STP, which in their turn can culminate in the development of distinct linguistic structures.

PST and PP share similarities with other varieties, such as BP and EP, and have unique characteristics that may bring them closer (or not) to Santome, Lung'Ie, or other languages spoken in the archipelago — linguistic facts that reinforce their status of effective varieties of Portuguese as L1 (BALDUINO, 2018). The phonetic and phonological arguments that reinforce the idea of consolidating PST and PP as identity Portuguese varieties are discussed in Section 5, following the outline of corpus and methods, which figures in Section 4 below.

4 CORPUS AND METHOD

We used two different methods of data collection in order to analyze some general phonotactic properties of PST and PP. To compile the phonological phenomena in STP varieties, we worked with spontaneous speech data collected *in loco* through 60-minute interviews conducted with subjects of different genders and ages. Subsequently, we collected data through tests that included data elicitation through images and repetition of the vehicle phrase "I speak X softly", where X was replaced by the target item. The first step was key to identify the phenomena analyzed and to determine possible linguistic variables involved in such processes. The second step was critical to examine and test the preliminary hypotheses.

The recording of interviews and controlled speech data took place in closed environments, such as rooms in local buildings. Prior, we requested subjects to fulfill a form to provide us with personal information that could be useful for linguistic analysis.[4] For analytical purposes, the first 15 minutes of each interview were discarded.

Controlled speech recordings were collected in order to test potential linguistic patterns and domains that could motivate the phenomena (ALBANO, 2017). The recording of controlled sentences allowed us to observe the use of lexical items containing the possibility of sound alteration, as in vocalization and nasalization, within the vehicle phrase "I speak X softly". This sentence allowed us to isolate and examine the target structures — we controlled adjacent segments, lexical and phrasal prominences, and the occurrence of the phenomenon considering its position within the word.

Tables 1–2 show the evaluated data. In total, we collected data from spontaneous speech of 20 subjects and from controlled speech of 12 subjects. They were distributed according to variety, age, gender, and education. Education level was broken down as follows: Medium (6–9 years), high (10–12 years), and higher education (university studies). As explained, the interviews have greater variability in age and education in order to represent a more heterogeneous speech sample of the examined varieties. However, data obtained through elicitation and repetition of vehicle phrases are more homogeneous, with all informants having a high level of education and being between 18–23 years-old.

[4] After the consent form was presented and signed, this form was presented at the beginning of each recording session. Questions include: (i) Full name; (ii) Birth date; (iii) Education level; (iv) Country of birth; (v) Parents' country of birth; (vi) Do you speak other languages?; (vii) Do you understand other languages?; and (viii) Have you ever left São Tomé and Príncipe? For how long?

Table 1: Subjects – Spontaneous Speech

PST			PP		
Age	**Sex**	**Education**	**Age**	**Sex**	**Education**
18	M	High	20	F	Mid
18	F	High	20	F	High
19	F	High	25	F	Mid
19	M	High	26	F	Mid
20	F	Mid	27	M	High
23	F	Mid	31	M	Mid
24	M	High	35	M	Mid
41	M	High	37	F	High
43	M	High	46	F	High
52	F	Higher	50	F	High

Source: Authors' own work

Table 2: Subjects – Controlled Speech

PST			PP		
Age	**Sex**	**Schooling**	**Age**	**Sex**	**Schooling**
18	M	High	18	M	High
18	F	High	18	F	High
18	F	High	18	F	High
19	M	High	19	M	High
22	F	Mid	20	F	High
23	M	Mid	20	M	High

Source: Authors' own work

All collected data were analyzed in Praat, so we can acoustically determine the occurrence of the analyzed phenomena. The target lexical item was cut and tagged into a smaller WAV audio file to analyze linguistic criteria such as: Target, trigger(s), and segmental and suprasegmental context(s) that could affect the examined phenomena. The analyzed phenomena are displayed in Section 5.

5 PHONETIC AND PHONOLOGICAL ASPECTS OF PST AND PP

This Section discusses phonological phenomena observed in PST and PP. Subsection 5.1 briefly addresses vowel nasalization. Subsection 5.2, in turn, addresses rhotic segments. Subsequently, vocalization is the subject of Subsection 5.3, followed by the observation of segmental deletion processes (Subsection 5.4).

5.1 VOWEL NASALIZATION

PST and PP have nasalized vowels due to different processes of regressive vowel nasalization: Tautosyllabic nasalization, triggered by a nasal coda, and heterosyllabic nasalization, triggered by a nasal onset (BALDUINO, 2018; ARAUJO; BALDUINO, 2019).

Tautosyllabic nasality/nasalization is attested in stressed (1.a) and unstressed (1.b) syllables, being optional in word boundaries, as seen in (1.c) and (1.d).

(1) a. **grande** [ˈgɾ̃n.dɪ] ~ [ˈgɾ̃.dɪ] 'big/high/large'
b. **grandeza** [gɾ̃n.ˈde.zɐ] ~ [gɾ̃.ˈde.zɐ] 'greatness/grandeur/hugeness/magnificence'
c. **jovem** [ˈʒɔ.vẽ] ~ [ˈʒɔ.vẽj] ~ [ˈʒɔ.vɪ] 'young'
d. **homem** [ˈɔ.mẽ] ~ [ˈɔ.mẽj] ~ [ˈɔ.mɪ] 'man'

Nasalization can also be accompanied by diphthongization ([ẽ]> [ẽj]). The optionality of nasalization in (1.c) and (1.d) is accompanied by /N/ coda deletion, which occurs before nasality spreading and blocks the process (ARAUJO; BALDUINO, 2019). Coda deletion at word boundary is recurrent in Portuguese varieties spoken in STP (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020) and is a lexical phenomenon common to all PST segments that are licensed at coda level.

According to Balduino (2018), final nasal coda deletion occurs in unstressed syllables. Such deletion does not happen in structures such as **maçã** *[ma.ˈsa] 'apple', that is, the nasalization process is always observed in final stressed syllables. Therefore, stress and syllable seem to have a key role in determining the implementation of this phenomenon.

Regarding the nasality triggered by /ɲ/, we note its optionality, as indicated in the examples in (2) (BALDUINO, 2020):

(2) a. **banho** [ˈbɐ̃.ɲʊ] ~ [ˈba.ɲʊ] 'shower'
b. **banheira** [bɐ̃.ˈɲe.ɾɐ] ~ [ba.ˈɲe.ɾɐ] 'bath'

In PST and PP, unlike in BP and EP, /ɲ/ may or may not spread its [nasal] feature to the preceding vowel, either in a stressed syllable (2.a) or in an unstressed syllable (2.b). The absence of nasalization, triggered by the palatal nasal, allows us to question a possible ambisyllabic nature of this segment, since, unlike BP, it does not promote mandatory nasality, one of the arguments used in literature to justify /ɲ/ ambisyllabicity (WETZELS, 1997; 2000; 2007).

Finally, nasality optionality is also observed in heterosyllabic nasality. This phenomenon is only triggered in syllables that carry foot prominence, as indicated in (3) (ARAUJO; BALDUINO, 2019):

(3) a. **cama** [ˈkɐ̃.mɐ] ~ [ˈka.mɐ] 'bed'
b. **camarada** [ˌkɐ̃.mɐ.ˈɾa.dɐ] ~ [ˌka.mɐ.ˈɾa.dɐ] 'comrade'
c. **camada** [ka.ˈma.dɐ] 'layer'

Data in (3) show that, although heterosyllabic nasality is optional even in stressed syllables (3.a), it never occurs in unstressed syllables that do not also bear foot prominence (3.c). The impossibility of nasalization in unstressed syllables, as well as their optionality in stressed syllables, brings PST and PP closer to Santome and Lung'Ie, since, as it is the case in these languages, the nasal

onset does not necessarily trigger nasality (BANDEIRA, 2017; AGOSTINHO; BALDUINO; ARAUJO, 2020). Therefore, further epistemological studies are necessary to analyze the potential impact of language contact in the development of PST and PP phonological system. We will not address this topic here, but we would like to emphasize the importance of the multilingual environment (and its specificities) surrounding PST and PP for the systematization of STP varieties of Portuguese.

5.2 RHOTICS

In PST and PP, the group of rhotics has been object of discussion in studies such as Agostinho (2016), Brandão et al. (2017), Bouchard (2017; 2018), Balduino (2019), Brandão (2018), Agostinho, Soares and Mendes (2020), Agostinho and Mendes (2020), and Vieira and Balduino (2021). In such varieties, rhotics are often — albeit not exclusively — produced as a tepe [ɾ] or as a fricative or vibrant uvular [ʁ] and [ʀ]. Distinctly from BP and EP, rhotics do not only alternate in coda, but also in complex onsets, where they occupy a C2 position, as seen in (4.a). Rhotics also alternate in an intervocalic context, a variation that produces homophone homonyms such as (4.b) and (4.c).

(4) a. **fraco** [ˈfʁa.kʊ] ~ [ˈfʀa.kʊ] ~ [ˈfɾa.kʊ] 'weak'
b. **caro** [ˈka.ʁʊ] ~ [ˈka.ʀʊ] ~ [ˈka.ɾʊ] 'expensive'
c. **carro** [ˈka.ʁʊ] ~ [ˈka.ʀʊ] ~ [ˈka.ɾʊ] 'car'

According to Bouchard (2017), in PST, age group is a relevant variable to determine the use of strong-R — to the author, a uvular fricative [ʁ]. It is more common among younger generations, more specifically among people under 35 years-old, which is equivalent to approximately 80.8% of the archipelago's population (WORLDBANK, 2019). Older generations, which make up about 19.2% of the population of STP (WORLDBANK, 2019), do not only prefer the weak-R, understood as [ɾ], but also disfavor the use of [ʁ], considering it an inadequate trait of Santomean variety, as it sets PST and EP apart.

Assuming, then, that the variation between weak-R and strong-R: (i) Is observed in different syllables; (ii) Is present in lexical and post-lexical rules; (iii) Is not determined by any segmental context; (iv) Can be identified in the speech of the same speaker; and (v) Is favored by age factor (cf. BOUCHARD, 2017), admitting /ɾ/ and /ʁ/ as phonemes or just postulating the existence of a neutralized rhotic phoneme /R/ do not explain the use of rhotics in PST and PP. Let's examine different possibilities for the phonological statute of the rhotic.

At first sight, in view of works such as Bouchard's (2017), which corroborates younger population's favorability towards the use of [ʁ] in São Tomé, it is possible to assume the existence of two licensed rhotics (strong-R and weak-R) in the phonological charts/inventories of both varieties. These possible phonemes are not able to drive opposition from minimal pairs nor to characterize a state of neutralization /R/, but they would constitute concurrent forms of an ongoing process of sound change. Therefore, they would alternate in all phonotactic contexts in which the rhotic is predicted, including in the speech of the same speaker. In this case, although there are competing forms, the phonological systems of PST and PP would move towards the existence of only one rhotic.

Agostinho, Soares, and Mendes (2020) strengthen this hypothesis. They address the fusion of quasi-phonemes in PP, that is, segments that display intermediate phonological relations, varying in degree of predictability and contrast (AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020). According to their experiment, there is evidence to suggest fusion and loss of contrast of rhotics in PP, possibly due to: (i) The quasi-phonemic status of strong-R and weak-R, since, in BP, EP, and possibly in past Portuguese varieties taken to the island, the only contrast established by strong-R [r, h, x, ʀ, ʁ] and weak-R [ɾ] is the intervocalic context; (ii) Their low functional load in the system: As demonstrated in their study, strong-R and weak-R produce few phonemic contrasts compared to other language segments, such as /t, d/, /p, and b/, among others; and, finally, (iii) Linguistic contact with Creole languages, especially Lung'Ie (AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020).

For these authors, although the phonemic contrast between rhotics in 15th century Portuguese is still observed in varieties such as BP and EP, it was lost after the contact with creoles of Portuguese lexical base, such as Lung'Ie, Santome, Angolar, and Kabuverdianu, languages that do not contrast rhotics. In order to support the relevance of the contact between Portuguese and local languages for the loss of contrast between rhotics, Agostinho, Soares, and Mendes (2020) make a parallel among PP and other varieties of Portuguese in which the weakening of the contrast in rhotics is also reported, as Mozambican Portuguese (PM) and some varieties of Brazilian Portuguese (BP) (cf. AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020).

According to Brandão and Paula (2018), in PM the weakening of contrast between rhotics can be a result of the variety's contact with several Bantu languages, such as Changana, which presents only an alveolar trill /r/. However, in this study, the authors highlight the fact that, in Mozambique, only 10% of the population speak Portuguese as L1. Thus, further studies are needed to analyze the production of rhotics in PM in light of the contrast between speakers of Portuguese as L1 and L2 (BRANDÃO; PAULA, 2018).

Still according to Agostinho, Soares, and Mendes (2020), the contact of Brazilian varieties with Italian dialects, taken to the country in the 19th century, led to a loss of contrast between rhotics. This is reflected in the prevalence of intervocalic tepe in detriment of other rhotic variants attested in other Brazilian varieties. As demonstrated by Comiotto and Margotti (2019), the loss of contrast between rhotics in these Brazilian varieties is both a linguistic and cultural mark carried by descendants of Italian immigrants from the Veneto region (COMIOTTO; MARGOTTI, 2019).

A common trait between the Portuguese varieties mentioned by Agostinho, Soares and Mendes (2020) is the long-lasting contact with languages with only one rhotic in their phonological system. The authors conclude that quasi-phonemic contrasts of low functional load/role tend to merge in situations of deep contact with languages with just one rhotic. Thus, their experiment focused on PP is in line with the sociolinguistic analysis undertaken by Bouchard (2017) for PST. Although these studies use different methodological approaches, they point to the same horizon/conclusion: There is a process of ongoing change whose result is the fusion of strong-R and weak-R, and linguistic contact and young speakers' favorability towards the [ʁ] variable are relevant to this process.

Studies such as Bouchard's (2017) and Agostinho, Soares, and Mendes' (2020) demonstrate that the debate around the status of rhotic(s) in the phonological inventory of PST and PP take a different turn than that around the rhotic in BP and in EP, a topic that is subject of controversy. For these varieties, the rhotic status in Portuguese phonological inventory is not consensual — it can be either considered a single phoneme or as two phonemes (CÂMARA JR., 1953; 1970; 1971; MATEUS; D'ANDRADE, 2000; ABAURRE; SÂNDALO, 2003).
When analyzing the synchronic consonant framework of PST and PP, Balduino (unpublished) assumes only one rhotic phoneme, like Agostinho, Soares, and Mendes (2020). However, following the studies of Câmara Jr. (1953) and Abaurre and Sândalo (2003), the author raises the hypothesis of an abstract analysis, in which both forms [ɾ] and [ʁ] could derive from a past form /r/. In this case, the change process is related to the loss of the adjacency of two identical phonemes.

According to Abaurre and Sândalo (2003), in BP as well as in other Iberian languages such as Spanish (HARRIS, 2002), strong-R corresponds to an epiphenomenon of two identical phonemes, that is, it is an effect of the Obligatory Contour Principle (OCP) (McCARTHY, 1986). Therefore, considering OCP as a natural phenomenon, it is very common for languages to avoid identical adjacent segments, or even adjacent segments whose place of articulation is the same. Thus, corroborating the hypothesis of Câmara Jr. (1953), Abaurre and Sândalo (2003) assume that, in Portuguese, the trill could occur intervocalically geminated, while the tepe is interpreted as a positional variant that, due to the loss of the continuity feature, is weakened in an intervocalic environment. In other words, when not geminated, the rhotic is produced as a tepe between vowels, whereas, when phonologically geminated, it is performed as a strong-R. In the beginning of a word not preceded by a vowel, the rhotic remains a trill, or it is performed as a fricative or glottal trill in most Brazilian varieties (cf. ABAURRE; SÂNDALO, 2003).

On the one hand, considering that the intervocalic context does not determine the production of a strong-R or weak-R in PST and PP, we cannot assume that there is an ongoing positional weakening process in such varieties. Furthermore, /ɾ/ and /ʁ/ alternate in

all stress, syllable, and segment environments. Therefore, for such varieties, if there is no positional weakening that can be structurally justified, it is not possible to assume the existence of phonologically geminated rhotics that are not superficialized in the output. On the other hand, /r/ is the phonological form that enables a more economical derivation of features for [ɾ] and [ʁ], accomplished by, respectively, switching off/delinking the [continuous] feature and by the posteriorization/backness of the vibrant one (cf. ABAURRE; SÂNDALO, 2003).When evaluated together and based on Abaurre and Sândalo's (2003) studies regarding BP, these arguments lead Balduino (unpublished) to suggest that the change process attested by Bouchard (2017) is triggered by the disappearance of the geminated form /rr/ in PST and PP. Due to their synchronic inexistence, the geminated sequence of rhotics does not require the action of the OCP and, therefore, allows the same derivation for /r/, which can be done from strong or weak-R (currently competing forms).

Thus, phonological forms that would supposedly be /karro/ > [ˈka.ʁʊ] (with OCP implementation) and /karo/ > [ˈka.ɾʊ] (with intervocalic weakening) in BP and EP are underlyingly identical in PST and PP: /karo/ > [ˈka.ʁʊ] ~ [ˈka.ɾʊ] and /karo/ > [ˈka.ɾʊ] ~ [ˈka.ʁʊ]. They are also able to derive the other forms of rhotics used in the language, even in the coda. Together with the fact that [ɾ] is favored by older generations and [ʁ] by the younger population (cf. BOUCHARD, 2017), this suggests that both forms — and their diverse variants — are competing forms derived from /r/.

So far, despite having different proposals and theoretical frameworks, revisited studies show that the rhotic is interpreted as a single phoneme in the phonological framework of PST and PP. In fact, we were not able to verify the opposition between [ɾ] and [ʁ] but did verify the alternation [ɾ] ~ [ʁ] in stressed and unstressed contexts and in different syllabic positions where the rhotic is licensed. This is summarized in Table 1. Thus, there are no minimal pairs opposing strong-R and weak-R and, even in a complex onset, the rhotic varies between tepe and uvular segments, which seems to show that there is no context in which one of the rhotic variants is preferred.

Table 1: Rhotic distribution in PST and PP: Syllable and stress

Syllable	**Stressed**		**Unstressed**	
CV	Parede	[pa.ˈɾe.dɪ] ~ [pa.ˈʁe.dɪ] 'wall'	Caro	[ˈka.ɾʊ] ~ [ˈka.ʁʊ] 'expensive'
C**C**V	Prato	[ˈpɾa.tʊ] ~ [ˈpʁa.tʊ] 'plate'	Profeta	[pɾo.ˈfɛ.tɐ] ~ [pʁo.ˈfɛ.tɐ] 'prophet'
CV**C**	Parte	[ˈpaɾ.tɪ] ~ [ˈpaʁ.tɪ] 'part'	Pergunta	[peɾ.ˈgũ̟.tɐ] ~ [peʁ.ˈgũ̟.tɐ] 'question'
CV	Rato	[ˈɾa.tʊ] ~ [ˈʁa.tʊ] 'rat'	Ralado	[ɾa.ˈla.dʊ] ~ [ʁa.ˈla.dʊ] 'grated'
V**C**	Urso	[ˈuɾ.sʊ] ~ [ˈuʁ.sʊ] 'bear'	Urbana	[uɾ.ˈba.nɐ] ~ [uʁ.ˈba.nɐ] 'urban'
CVC	Arroz	[a.ˈɾoʒ] ~ [a.ˈʁoʒ] 'rice'	Raspado	[ɾaʃ.ˈpa.dʊ] ~ [ʁaʃ.ˈpa.dʊ] 'grazed'

Source: Author's own work

The same is observed in relation to the segmental context, whose variation [ɾ] ~ [ʁ] was spectrally noted before all seven vowels of the PST and PP vowel systems. Table 2 displays examples of this alternation, considering only CV and CCV syllables where rhotic alternation is not expected in varieties such as PB and PE.

Table 2: Rhotic distribution in PST and PP: Vowel and stress

Vowel	**Stressed**		**Unstressed**	
[i]	Carrinha	[ka.ˈɾ̃i.ɐ] ~ [ka.ˈʁ̃i.ɐ] 'van'	Perigoso	[pe.ɾi.ˈgo.zʊ] ~ [pe.ʁi.ˈgo.zʊ] 'dangerous'
[e]	Careta	[ka.ˈɾe.tɐ] ~ [ka.ˈʁe.tɐ] 'grimace'	Reprovar	[ɾe.po.ˈva] ~ [ʁe.po.ˈva] 'to fail'

[ɛ]	Carece	[ka.ˈɾɛ.sɪ] ~ [ka.ˈʁɛ.sɪ] 'lacks'	Preguiçoso	[pɾɛ.gi.ˈso.zʊ] ~ [pʁɛ. gi.ˈso.zʊ] 'lazy'
[a]	Tirar	[ti.ˈɾa] ~ [ti.ˈʁa] 'to remove'	Tira	[ˈti.ɾɐ] ~ [ˈti. ʁa] 'removes'
[ɔ]	Prova	[ˈpɾɔ.vɐ] ~ [ˈpʁɔ.vɐ] 'test'	Roçado	[ɾɔ.ˈsa.dʊ] ~ [ʁɔ.ˈsa.dʊ] 'mowing'
[o]	Arroz	[a.ˈɾoʒ] ~ [a.ˈʁoʒ] 'rice'	Provado	[pɾo.ˈva.dʊ] ~ [pʁo.ˈva.dʊ] 'proved'
[u]	Arruma	[a.ˈɾu.mɐ] ~ [a.ˈʁu.mɐ] 'tidies up '	Caro	[ˈka.ɾʊ] ~ [ˈka.ʁʊ] 'expensive'

Source: Author's own work

In view of the analyzed data, we corroborate previous studies by Agostinho (2016) and Agostinho, Soares, and Mendes (2020) that indicate the existence of a single phoneme in the consonant inventory of PST and PP. However, it is not our intention to provide a definitive answer to the topic, as it is possible that the rhotic is in process of change (cf. BOUCHARD, 2017) in PST and PP, a fact that is difficult to specify without examining social variables more closely. Furthermore, it must be considered that rhotic alternation does not occur categorically in the speech of older and younger speakers. Although older age groups favor the use of [ɾ] whereas the younger population favors [ʁ] (BOUCHARD, 2017), both forms are identified in the speech of both groups. The discussion around the theme is vast. For now, our intention is to bring the issue to light, indicate the behavior of the data examined, and review the relevant literature. However, it is important that the issue be evaluated in light of new studies.

5.3 VOCALIZATION

In this process, a consonant loses its consonantal feature and acquires the characteristics of a vowel for different segmental reasons. In PST and PP, vocalization targets the coda /l/ and the consonant /ɲ/, produced as [w] and [j], as shown in Table 3.

Table 3: Vocalization in PST and in PP

	/l/ vocalization	**/ɾ/ ([ɬ] > [w]) vocalization**	**/ɲ/ vocalization**
[i]	fácil [ˈfa.siw̲] 'easy'	--------	senhor [sĩ.ˈjo] 'mister'
[e]	potável [pɔ.ˈta.vew̲] 'potable'	ferver [few.ˈve] 'to boil'	banho [ˈbɐ̃.jʊ] 'shower'
[ɛ]	mel [ˈmɛw] 'honey'	perto [ˈpɛw.tʊ] 'close'	--------
[a]	salgada [saw.ˈga.dɐ] 'salty'	amargo [a.ˈmaw.gʊ] 'bitter'	ganhar [gɐ̃.ˈja] 'to win'
[ɔ]	anzol [ɐ̃.ˈzɔw] 'fishhook'	--------	--------
[o]	bolso [ˈbow.sʊ] 'pocket'	--------	sonho [ˈsõ.jo] 'dream'
[u]	--------	--------	unha [ˈũ.jɐ] 'nail'

Source: Author's own work

Data in Table 3 show that /l/ can be either realized as [w] in coda, as seen in the first column, and as a velar lateral [ɬ] (BALDUINO; VIEIRA, 2020). According to Balduino and Vieira (2020), vocalization of /l/ occurs before all vowel qualities, except [u] — favorable context for coda deletion — and brings STP varieties closer to Brazilian varieties (QUEDNAU, 1993). However, despite the similarities observed, while the phenomenon is registered as a diatopic process in BP (cf. CÂMARA JR., 1970; MATEUS; D'ANDRADE, 2000), oscillation between [ɬ] ~ [w] occurs recurrently in the speech of the same speaker, as in **fácil** [ˈfa.siw] ~ [ˈfa.siɬ].[5]

Furthermore, [w] is also a rhotic variant, as seen in the second column of Table 3. In the examples **ferver** [few.ˈve] 'to boil', **perto** [ˈpɛw.tʊ] 'close' and **amargo** [a.ˈmaw.gʊ] 'bitter', vocalization is fed by rhotic lambdacism in coda, a recurring phenomenon in PST,

[5] All occurrences in Table 3 contained the following variation: [ɬ] ~ [w] for the lateral in coda; [ɾ] ~ [ʁ] ~ [ɬ] ~ [w] for cases in which the rhotic was vocalized and [ɲ] ~ [j] when the palatal nasal was performed as a glide.

but has not been reported in PP so far. So, firstly, there is the realization of rhotic as a velarized lateral, as in **amargar** [a.maɫ.ˈgaɾ] 'bittering', feeding the vocalization **amargar** [a.maw.ˈgaɾ] 'bittering' at a later stage.

Finally, [ɲ] can still be performed as [j], but it then maintains nasalization of the contiguous vowel on the left as shown in the last column of Table 3. Distinctly from BP, [j] is performed as an oral vocalized consonant and is relocated to the onset position while the nasal consonant is eliminated. In these cases, nasalization only remains in the syllabic vowel on the left. Furthermore, albeit less frequent, occurrences such as **ganhar** [ga.ni.ˈaɾ] 'to win' were observed in the PST data. Combined with [ɲ]-vocalization, this leads us to question the phonological status of /ɲ/ in such varieties. As in the rhotic case, there is the hypothesis that this is going through a change, because great instability is observed around this segment. Considering, however, that minimal pairs are still observed in both varieties, such as **minha** [ˈmĩ.ɲɐ] 'my/mine' and **mia** [ˈmi.ɐ] 'meaw', in which [ɲ] is still produced, we consider /ɲ/ as a phoneme for the purposes of this paper.

In BP, different studies show that the palatal nasal is undergoing variation towards vocalization, or even reduction (ALMEIDA, 2004; PINHEIRO, 2009). In general, these studies indicate both the production of [j], with the maintenance of the nasalization of the preceding vowel, as well as a nasalized anterior vowel: [ĩ]. The segment [ĩ] is also attested in PST and PP, being observed in words whose palatal nasal is preceded by a coronal vowel [i]: **senhor** [sĩ.ˈo] 'mister' and **minha** [ˈmĩ.ɐ] 'my/mine'.

Another common process in STP and PE varieties is the depalatalization of the palatal lateral /ʎ/, performed as [lj] — a coronal lateral followed by a semivowel, as explained in (5). However, we were not able to observe /ʎ/-vocalization into [j], as in **bolha** *[ˈbo.jɐ] 'bubble', in the collected data (BALDUINO, 2020).

(5) a. **bolha** [ˈbo.ljɐ] ~ [ˈbo.ʎɐ] 'bubble'
b. **milho** [ˈmi.ljʊ] ~ [ˈmi.ʎʊ] 'corn'

Depalatalization of the lateral palatal is commonly associated with BP (MADUREIRA, 1999; PINHEIRO, 2009). Still, at the beginning of the 20th century, Leite de Vasconcelos (1901) already pointed out that the Portuguese spoken in former Portuguese colonies also depalatalized /ʎ/, a fact confirmed by PST and PP data. In EP, [lj] is also verified, constituting a possible variant in the metropolitan region of Lisbon — even though the most recurrent variants are [ʎ] or even the palatalized lateral [l∅] (QUANDT, 2014).

In short, we noted that PST and PP tend to depalatalize /ʎ/ and /ɲ/, similarly to other Portuguese varieties, while the complete vocalization of /ɲ/ into [j] is also possible. Vocalization also has other targets: The lateral in coda, performed as [w], or even as the rhotic — in case it is lateralized before. In all cases, vocalization and/or depalatalization, configuring weakening processes, alter the syllabic structure of the output, which leads to the following restructuring: CVC _ CVG (/l/ _ [w]); C.CV _ CGV (/ʎ/ _ [lj], considering the lateral palatal as ambisyllabic); C.CV _ GV (/ɲ/ _ [j] ~ [nj], considering the palatal nasal as ambisyllabic) and C.CV _ V (/ɲ/ _ ⊥, deletion of the palatal nasal after nasalization of the previous vowel). In addition to the deletion of /ɲ/, other elisions that cause syllabic restructuring in PST and PP are recurrent. This is the subject of Section 5.4 below.

5.4 SEGMENTAL DELETIONS

Segmental deletions are common in PST and PP, as well as in some varieties of BP and EP. Frequent targets of such phenomenon include: C2 of a cluster (C1C2V), codas, unstressed vowels in pretonic, medial, and final postonic syllables, as shown in Table 4.

Table 4: Segmental deletions in PST and PP

	Cluster (C_1C_2V)	**Coda**	**Vowel**
[i]	padre [ˈpa.dɪ] 'priest'	fácil [ˈfa.sɪ] 'easy'	escrever [ʃkɾe.ˈve] 'to write'

[e]	--------	vermelho [ve.ˈme.ʎʊ] ‘red’	chávena [ˈʃav.nɐ] ‘cup’
[ɛ]	--------	certo [ˈsɛ.tʊ] ‘correct’	--------
[a]	plástico [ˈpaʃ.tɪ.kʊ] ‘plastic’	vezes [ˈve.zɪ] ‘times’	chácara [ˈʃa.kɾɐ] ‘farm’
[ɔ]	petróleo [pe.ˈtɔ.l̪ʊ] ‘petroleum’	farol [fa.ˈʁɔ] ‘lighthouse’	abóbora [a.ˈbɔbɾɐ] ‘pumpkin’
[o]	problema [po.ˈbe.mɐ] ‘problem’	bolso [ˈbo.sʊ] ‘pocket’	--------
[u]	professora [pu.fe.ˈso.ʁɐ] ‘teacher’	pulso [ˈpu.sʊ] ‘wrist’	bicho [ˈbiʃ] ‘animal’

Source: Author’s own work

The deletion processes in Table 4 are just a sample of a phenomenon of wide implementation in PST and PP, in which different targets and triggers are observed and can be explained in different ways (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020; BALDUINO, 2020). In general, according to Gomes (2018), while vowel deletion is conditioned to lexical stress, having pretonic and postonic syllables (final or non-final) as domain, complex onset and coda deletions occur regardless of the target syllable being stressed or unstressed (BALDUINO, 2019, 2020).

According to Gomes (2018), postonic vowel deletion mainly affects mid vowels in PST; however, it is also observed with other vowels: **chácara** [ˈʃakɾɐ] ~ [ˈʃakaɾɐ] ‘farm’; **abóbora** [a.ˈbɔbɾɐ] ~ [a.ˈbɔbuɾɐ] ~ [a.ˈbɔboɾɐ] ‘pumpkin’. According to the author, this process is favored in PST when vowel deletion results in a grammatical cluster, composed, above all, but not exclusively, by an obstruent [p, b, d, t, k, g, f, v] and a sonorant [l, ɾ] (GOMES, 2018), template provided in different studies dedicated to Portuguese. However, an expected syllabic template is not always the result of vowel deletion, since pretonic and postonic high vowel deletions often generate a marked output in Portuguese, which is not expected by syllabification rules. It takes place particularly when the deleted segment is preceded or succeeded by a fricative, as in **escrever** [ʃkɾe.ˈve] ‘to write’ and **chávena** [ˈʃav.nɐ] ‘cup’, a process also attested in European Portuguese. In both cases, syllabic restructuring promoted by the deletion generates a more complex syllabic template that does not always respect the sonority principle, as in **fraco** [ˈfʁakʊ] ‘weak’, in which we have a sequence of fricatives in the cluster.

Paradoxically to the emergence of complex structures, recurrent deletions that target codas (BALDUINO; VIEIRA; FREITAS, 2020) and the second consonant of a complex onset generate CV syllables — a structure considered typologically less marked in natural languages (ZEC, 2007). In this sense, the codas and C2 of a complex onset would coincidentally be targets of processes whose result is precisely the less marked syllable in natural languages.

The results of the deletion phenomenon are different: They can foster syllabic restructuring of a CCV and CVC template into CV, or VC into VG and, at the same time, generate an unexpected and/or more complex template, such as VC in CCCV, as shown in Table 5.

Table 5: Syllable Templates resulting from phonological process in PST and in PP

Word			**Original Template**	**Resulting Template**
Escola	[i̲ʃ.ˈkɔ.lɐ]	~ [ˈʃkɔ.lɐ] ‘school’	**V**C	CCV
Estrela	[i̲ʃ.ˈtɾe.lɐ]	~ [ˈʃtɾe.lɐ] ‘star’	**V**C	CCCV
Correr	[ko.ˈɾe̲ɾ]	~ [ko.ˈɾe] ‘to run’	CV**C**	CV

Alface	[aɬ.ˈfa.sɪ]	~ [aw̲.ˈfa.sɪ] 'lettuce'	V**C**	VG
Prática	[ˈpɾ̲a. ti.kɐ]	~ [ˈpa.ti.kɐ] 'practice'	C**C**V	CV

Source: Author's own work

The deletions seem to be triggered by distinct typological issues and with opposite results in the phonological system of the PST and the PP: Consonantal deletion favors a simpler syllabic structure; unstressed vowel deletions emphasize and maximize sound difference between stressed and unstressed syllables (cf. NEVINS, 2012), despite the generation of complex syllables.

6 FINAL REMARKS

In this paper, we laid out some historical facts that date back to the first and second periods of Portuguese colonization in STP (15th–16th and 19th–20th centuries, respectively). They were responsible for creating a scenario of linguistic contact that, combined with the insular environment of STP, led to the emergence of new languages. It is also in this same historical and social context that Portuguese was chosen as target language of the population in STP, despite the scarcity of language input. We also addressed the historical processes of social interaction in the post-colonial period that fostered Portuguese diffusion and led to the obsolescence of indigenous languages. In this period, we observed that the transmission of Portuguese L1 resulted in the establishment of different varieties of Portuguese spoken in STP, as is the case of PST and PP.

The consolidation of these varieties is reinforced by phonological phenomena inherent to such varieties. Through the presentation of processes such as vowel nasalization, rhotic variation, /l/, /r/ and /ɲ/ vocalization, and different segmental deletions, it was demonstrated that, as in any language, PST and PP have their own structural characteristics which may or may not be shared with different varieties of EP, BP and/or any other Portuguese variety.

In line with some phonetic and phonologic factors of PST and PP, our theoretical discussion encompassed historical and social aspects that reinforce their status as effective varieties of Portuguese as L1. However, more in-depth studies on processes and linguistic aspects of PST and PP are necessary to devise a descriptive grammar of such varieties. In addition to promoting the establishment of a unique STP norm in the archipelago, breaking with pressures still exerted by EP, this would also contribute to the description of yet another variety of Portuguese, revisiting aspects already worked on in other varieties and hence shedding light on old and new issues.

REFERENCES

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. *In:* HORA, D.; COLLISCHON, G. (ed.) *Teoria linguística*: Fonologia e outros temas. Paraíba: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AGOSTINHO, A. L. *Fonologia e Método Pedagógico do lung'Ie*. 2015. 446f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. L. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. *In:* ENCONTRO DA ABECS, 9., . Brasília, Universidade de Brasília, 28-30 de novembro, 2016.

AGOSTINHO, A. L; SOARES, E.; MENDES, M. Merging of quasi-phonemes in contact situations: evidence from rhotics in Principense Portuguese. *In:* ANNUAL MEETING ON PHONOLOGY: 2020, California, University of California Santa Cruz, 18-20 de setembro de 2020.

AGOSTINHO, A. L; MENDES, M. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, p. 154 -176, 2020.

ALMEIDA, M. M. S. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. *Signum* – Estudos da Linguagem, Londrina, v.7, p.149-163, 2004.

ALBANO, E. Fonologia de Laboratório. *In:* HORA, D.; MATZENAUER, C. L. *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 169-182.

ARAUJO, G.; AGOSTINHO, A. L. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, p. 49-81, 2010.

ARAUJO, G.;; HAGEMEIJER, T. *Dicionário Santome-Português/Português-Santome.* São Paulo: Hedra, 2013.

ARAUJO, G.; ; BALDUINO, A.M. Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. Diacrítica, v. 33, n. 2, p. 41-68, 2019.

ARAUJO, G.; Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe?. *In:* SOUZA, S.; OLMO, F. C. (org.). *Línguas em português* – A Lusofonia numa visão Crítica. Porto: Universidade do Porto Press, 2020. p. 173-197.

BALDUINO, A.M. *A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe*. 2018. 296 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, A.M. Apagamento de /R/ e /S/ em coda no Português Principense. *Papia*, v. 29, n. 1, p. 25-39, 2019. Disponível em: http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/3366/pdf_1. Acesso em: 23 jul. 2020.

BALDUINO, A.M.; VIEIRA, N.M. Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, p. 594-615, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2490. Acesso em: 20 jul. 2020.

BALDUINO, A.M.; VIEIRA, N.M; FREITAS, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1690. Acesso em: 15 nov. 2020.

BALDUINO, A.M. Nasality Triggered by /ɲ/ in two Portuguese of São Tome and Principe. *Diadorim*, v. 22, n.3, 2020, Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/36244/21425. Acesso em: 15 nov. 2020.

BALDUINO, A.M. Templates silábicos no Português do Príncipe: processos em coda e 'prevalência'de sílabas CV. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 22, n. 2, p. 247-270, 2020, Disponível em: https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/175052/16950. Acesso em: 15 nov. 2020.

BALDUINO, A.M. *Fonologia do português de São Tomé e Príncipe*. 2022. 561 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022..

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. 2017. 439 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BAXTER, A. O Português dos Tongas de São Tomé. *In:* OLIVEIRA, M. D.; ARAUJO, G. (org.). *O Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2018. p. 297-324.

BOUCHARD, M. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. 2017. 389 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, New York University, New York, 2017.

BOUCHARD, M. A distinctive use of R as a marker of Santomean identity. *Journal of Belonging, Identity, Language and Diversity*, v. 2, n. 1, p. 6-24, 2018.

BRANDÃO, S. F. et al. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 293-315, 2017.

BRANDÃO, S. F.; PAULA, A de. Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português. *In:* BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português:* variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 93-118.

BRANDÃO, S. F. Apagamento de R em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, Especial, p. 390-408, 2018.

CÂMARA JR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

CÂMARA JR, J. M. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1953.

COMIOTTO, A; MORGOTTI, F. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta Scientiarum Language and Culture*, v. 41, n. 2, p. 1-9, 2019.

FERRAZ, L.I. *The creole of São Thome*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

GOMES, D. K. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. *In*: BRANDÃO, S .F. (ed.). *Duas variedades africanas do português*: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 159-176.

GONÇALVES, R. *Propriedade de Subcategorização verbal no português de S. Tomé*. 2010. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. O português num contexto multilingue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, v.1, n.1, p. 84-103, 2015.

HAGEMEIJER, T. 2009. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. *In:* ABOH, E.; SMITH. N. (ed.). *Complex processes in new languages*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. 2009. p. 29-50.

HAGEMEIJER, T. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 26, n. 1, p. 111-154, 2011.

HAGEMEIJER, T. From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. *In:* LÓPEZ, L. A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (Ee.). *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2018. p. 169-184.

HARRIS, J. Flaps, Trills, and Syllable Structure in Spanish. *In*: CSIRMAZ, A. *et al.* (org.). Phonological Answers, *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 42, p. 81-108, 2002.

INE. *Instituto Nacional de Estatística (INE)*: São Tomé e Príncipe em Números. São Tomé: INE, 2012. Disponível em: http://www.ine.st/2012.html. Acesso em: 20 ago. 2013.

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Esquisse d´une dialectologi portugais*

e. Paris: Aillaud & Cie, 1901.

LUCCHESI, D; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. *In:* LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO. I. (ed.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 427-445.

MADUREIRA, E. Reanálise de alguns aspectos d vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1. p. 125-145, 1999.

MATEUS, M. H; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford Linguistics, 2000.

MAURER, P. *Principense Grammar texts, and vocabulary of the afro-portuguese creole of the island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London: Battlebridge Publications, 2009.

MCARTHY, J. OCP effects: Gemination and Antigemination. Linguistic Inquiry, v. 17, p. 207-63, 1986.

MILHEIRO, A. São Tomé e Príncipe e o trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974). *In:* ACTAS do Colóquio Internacional São Tomé E Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica, 2012. p. 87-127.

MONTEAGUDO, H. A invenção do monolinguismo e da língua nacional. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 43-53, 1. sem. 2012.

NASCIMENTO, A. 2010. *História da Ilha do Príncipe*. Lisboa: Oeiras.

NASCIMENTO, A. *Atlas da Lusofonia. São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Prefácio, 2008.

NEVINS, A. Vowel Lenition and Fortification in Brazilian Portuguese. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 228-233, 2012.

NUNES, A. H. Identidade e aprendizagem no crioulo haitiano. *PAPIA*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 81-109, jul./dez. 2019.

PINHEIRO, N. L. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

QUANDT, V. A lateral palatal no Português do Brasil e no Português europeu: um estudo sociolinguístico comparativo. *In*: PAULA, A. *et al. Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa*: Homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2014. p.151-166.

QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. 1993. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SANTIAGO, A. M; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A cor das Letras*, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

SEIBERT, G. Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Ensino Superior e Trajetórias em Portugal. *In:* COSTA, A. B. da; FARIA, M. L. de. *Formação superior e desenvolvimento*: estudantes universitários africanos em Portugal. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 209-243.

SEIBERT, G. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico/2014*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 99-120, 2015.

WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, p. 1-4, 1997.

WETZELS, W. L.Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 2, p. 5-15, 2000.

WETZELS, W. L. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, Ubiquity Press, v.5, n.6, p.9-58, 2007.

VIEIRA, N.M.; BALDUINO, A.M. Apagamento do rótico em coda no Português Santomense (PST): uma análise sociolinguística. Revista de Estudos da Linguagem, v. 29, n. 3, 2021.

WORLDBANK. Health Nutrition and Population Statistics. 2019. Retrieved: 20/11/2020. Disponível em: https://datacatalog.worldbank.org/dataset/s%C3%A3o-tom%C3 %A9-and-principe-world-bank-group-country-survey-2019. Acesso em: 12 ago. 2020.

ZEC, D. The syllable. *In:* DE LACY, P (ed.). *The Cambridge handbook of phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 161-194.

Received on February 13, 2020. Approved March 22, 2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e80594

SUJEITOS PRONOMINAIS GENÉRICOS E PRONOMES INDEFINIDOS EM INTERAÇÕES ORAIS: CASOS DE REFERÊNCIA GENÉRICA OU INDETERMINADA

SUJETOS PRONOMINALES GENÉRICOS Y PRONOMBRES INDEFINIDOS EN INTERACCIONES ORALES: CASOS DE REFERENCIA GENÉRICA O INDETERMINADA

GENERIC SUBJECT PRONOUNS AND INDEFINITE PRONOUNS IN ORAL INTERACTIONS: CASES OF GENERIC OR INDETERMINATE REFERENCE

Eviliane Bernardi*
Instituto Federal do Paraná | *Campus* Paranavaí

Aparecida Feola Sella**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar como os pronomes indefinidos e as formas pronominais **nós**, **você** e **a gente**, quando utilizados com referência genérica ou indeterminada, podem se configurar como recursos para a preservação da face em interações orais. O *corpus* de análise é constituído por uma parcela de dados dos inquéritos gerados pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas:*

* Doutoranda do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Paraná – Campus Paranavaí (IFPR/Paranavaí). E-mail: evilianeb@hotmail.com.

** Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado e Doutorado em Letras, do Profletras e da Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: afsella1@yahoo.com.br.

um estudo da relação do português com línguas de contato (AGUILERA, 2009), em Capanema, Paraná. A base teórica é composta por pesquisas sobre sujeitos pronominais genéricos e indeterminação do sujeito (BORGES, 2004; OROZCO, 2019), pronomes indefinidos (CASTILHO, 2010; NEVES, 2018), além de estudos sobre a preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; GOFFMAN, 2011). Os resultados demonstraram que a indeterminação resultante do uso de pronomes indefinidos e de sujeitos pronominais genéricos ou indeterminados pode ser uma estratégia eficiente para garantir a preservação da face positiva, atenuar conteúdos negativos, evitar a responsabilidade pelo que é dito e evitar críticas.
PALAVRAS-CHAVE: Sujeito pronominal genérico. Pronomes indefinidos. Preservação da face.

RESUMEN: El propósito de este artículo es investigar cómo los pronombres indefinidos y las formas del pronombre **nós**, **você** y **a gente**, cuando se usan con referencia genérica o indeterminada, pueden configurarse como recursos para la actividad de imagen en interacciones orales. El *corpus* de análisis consta de una parte de los datos de la encuesta generada por el Proyecto *Creencias y actitudes lingüísticas: un estudio de la relación del portugués con lenguas de contacto* (AGUILERA, 2009), en Capanema, Paraná. La base teórica está compuesta por investigaciones sobre sujetos pronominales genéricos e indeterminación del sujeto (BORGES, 2004; OROZCO, 2019), pronombres indefinidos (CASTILHO, 2010; NEVES, 2018), además de estudios sobre la actividad de imagen (BROWN; LEVINSON, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; GOFFMAN, 2011). Los resultados mostraron que la indeterminación resultante del uso de pronombres indefinidos y sujetos pronominales genéricos o indeterminados puede ser una estrategia eficaz para garantizar la actividad de imagen, mitigar los contenidos negativos, evitar la responsabilidad por lo dicho y evitar las críticas.
PALABRAS CLAVE: Sujeto pronominal genérico. Pronombres indefinidos. Actividades de imagen.

ABSTRACT: This research aims to investigate how the indefinite pronouns and the pronouns **nós**, **você** and **a gente**, when used with generic or indeterminate reference, can be configured as resources for face-work in oral interactions. The *corpus* of analysis consists of a portion of data from the surveys generated by the Project Language beliefs and attitudes: a study on the relationship between Portuguese and contact languages (AGUILERA, 2009), in Capanema, Paraná. The theoretical basis is composed of research on generic subject pronouns and subject indeterminacy (BORGES, 2004; OROZCO, 2019), indefinite pronouns (CASTILHO, 2010; NEVES, 2018) and studies on face-work (BROWN; LEVINSON, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; GOFFMAN, 2011). The results showed that the indeterminacy resulting from the use of indefinite pronouns and generic or indeterminate subject pronouns can be an efficient strategy to guarantee the positive face-work, mitigate negative content, avoid responsibility for what is said and avoid criticism.
KEYWORDS: Generic subject pronoun. Indefinite pronouns. Face-work.

1 INTRODUÇÃO

Em interações orais, os interlocutores, de modo geral, recorrem a recursos linguísticos que permitem a atenuação das asserções em situações negativas, com a finalidade de preservar a face positiva ou a autoimagem. Este artigo apresenta reflexões a respeito do emprego de sujeitos pronominais genéricos e de pronomes indefinidos como forma de indeterminação do sujeito. O termo **sujeito pronominal genérico** será, aqui, empregado com referência às formas pronominais **nós**, **você** e **a gente**, quando utilizadas com referência genérica.

De forma geral, diversos estudos têm se ocupado em identificar e analisar a indeterminação do sujeito no português brasileiro, realizada por meio de outras estratégias além daquelas previstas pela Gramática Tradicional: verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior a substantivo no plural, ou ao pronome **eles** (ou **elas**), e verbo intransitivo ou transitivo indireto na 3ª pessoa do singular, com o pronome **se**. Entre os trabalhos que analisam possibilidades de indeterminação do sujeito em dados da língua em uso, tanto escrita quanto falada, em situações reais de interlocução, destacam-se Milanez (1982), Lopes (1998), Borges (2004), Orozco (2019), Castilho (2010), Neves (2018), entre outros.

O *corpus* de análise deste trabalho é constituído por uma parcela de dados dos inquéritos gerados no Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (doravante CAL) (AGUILERA, 2009). Para essa investigação,

selecionaram-se recortes de inquéritos gerados em Capanema, cidade localizada no Sudoeste do Paraná, na fronteira com a Argentina. Com apoio em Sella (2019), assume-se que pesquisas decorrentes do Projeto CAL podem resultar em análises que auxiliam na explicação dos fenômenos linguísticos acionados de forma espontânea por falantes em um contexto de entrevista.

Para o desenvolvimento desse percurso, na segunda seção deste artigo, apresentam-se algumas considerações sobre os pronomes indefinidos e os sujeitos pronominais genéricos, isto é, as formas pronominais **nós**, **você** e **a gente**, quando utilizadas com referência genérica ou indeterminada, segundo gramáticas tradicionais e estudos que analisam a língua em uso. Na terceira seção, visando à correlação entre as formas de indeterminação e a preservação da face, destaca-se a possibilidade de interface entre as teorias. Na quarta seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos, o processo de seleção do *corpus* e as análises empreendidas, com base no referencial teórico-metodológico que fundamenta este artigo. A última parte apresenta as considerações finais, com algumas reflexões sobre os resultados.

2 SUJEITOS PRONOMINAIS COM REFERÊNCIA GENÉRICA E PRONOMES INDEFINIDOS: POSSIBILIDADES DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

As Gramáticas Tradicionais, de forma geral, em relação à abordagem da função sintática "sujeito", estabelecem como possibilidades de indeterminação do sujeito os seguintes casos: a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior a substantivo no plural, ou ao pronome **eles** (ou **elas**) (como em **Quebraram o vaso**); b) verbo intransitivo ou transitivo indireto na 3ª pessoa do singular, com o pronome **se** (como em **Precisa-se de vendedores com experiência**). Nesses casos, conforme Cunha e Cintra (2017, p. 142), "[...] o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento".

Nessa perspectiva, Rocha Lima (2011) conceitua como determinado o sujeito identificável na oração, explícita ou implicitamente, e como sujeito indeterminado aquele que não se pode ou não se quer especificar. O autor ressalta que, para indeterminar o sujeito, vale-se a língua de um dos dois expedientes já mencionados: a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior a substantivo no plural, ou ao pronome **eles** (ou **elas**); e b) verbo intransitivo ou transitivo indireto na 3ª pessoa do singular, com o pronome **se**.

Percebe-se, portanto, que, em geral, as Gramáticas Tradicionais desconsideram outras possibilidades em que se desconhece quem executa a ação ou em que não há referência a uma pessoa determinada, como é o caso dos pronomes indefinidos e das formas pronominais **nós**, **você** e **a gente** com referência genérica ou indeterminada.

Com relação aos pronomes pessoais, segundo a definição de Cunha e Cintra (2017) e Rocha Lima (2011), caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais: a) quem fala = 1ª pessoa: eu (singular), nós (plural); b) com quem se fala = 2ª pessoa: tu (singular), vós (plural); c) de quem se fala = 3ª pessoa: ele, ela (singular), eles, elas (plural). Cunha e Cintra (2017) observam que a pessoa com quem se fala pode, também, ser expressa pelos pronomes de tratamento, que se constroem com o verbo na 3ª pessoa, como é o caso de **você**. Essa definição evidencia que os autores limitam-se a descrever os pronomes com foco em seu valor dêitico restrito e não levam em conta as diversas possibilidades de referência dos pronomes pessoais, como é o caso do pronome **nós**, que, mais do que simples plural de **eu**, pode se referir a diferentes pessoas (eu + tu, eu + ele, eu + tu + ele etc.) ou ter referência genérica.

Em relação à forma **a gente**, Cunha e Cintra (2017), na seção dos pronomes de tratamento, em que abordam as fórmulas de representação da 1ª pessoa, consideram que, na linguagem informal, emprega-se **a gente** por **nós** e, também, por **eu**, isto é, segundo os autores, **a gente** faz referência não só à 1ª pessoa do plural, mas também à 1ª pessoa do singular, porém não concebem as múltiplas possibilidades de referência da locução pronominal em contextos diversos.

A definição de pronomes pessoais de Bechara (2009) leva em conta outros usos. Segundo o autor, os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não eu, não tu), considerada, pela tradição, a 3ª pessoa. Quanto ao pronome **nós**, especificamente, Bechara (2009) afirma que o plural **nós** indica **eu** mais outra ou outras pessoas, e não eu + eu.

Os pronomes indefinidos, segundo a abordagem da Gramática Tradicional, quando na função sintática de sujeito, são descritos como núcleo do sujeito simples, isto é, de um sujeito determinado, como no seguinte exemplo: **Alguém quebrou o vaso**. Trata-se de uma análise unicamente sintática, que não considera o papel semântico do pronome indefinido no enunciado, pois, como é possível observar no exemplo, o pronome indefinido **alguém** não possibilita a identificação do sujeito, ou seja, trata-se de um caso de referência indeterminada. Observe-se que a opção por utilizar como sujeito um pronome indefinido, com referência indeterminada, não é aleatória, o que se propõe demonstrar na Seção 4 deste artigo.

A questão das múltiplas possibilidades de referência das formas pronominais **nós**, **você** e **a gente** e do uso de pronomes indefinidos como possibilidade de indeterminação do sujeito, especialmente no discurso oral, tem sido objeto de estudo da Sociolinguística, da Pragmática, da Análise da Conversação e da Linguística Textual. Os estudos, nesse viés, criticam a abordagem tradicional do sujeito indeterminado, pautada em uma perspectiva puramente sintática, a qual desconsidera o viés semântico.

É nessa perspectiva que, em relação à questão da indeterminação, Milanez (1982) defende:

> Estamos, portanto, diante de um processo da língua que permite ao falante passar do universo das três pessoas especificadas e identificáveis (que consideraremos como o nível da determinação) a um nível de generalização, que transcende o anterior por implicar numa referência de tal forma abrangente que pode envolver qualquer pessoa. É o fenômeno da indeterminação. (MILANEZ, 1982, p. 26, grifos da autora)

A fim de elucidar essa questão, Milanez (1982) cita possibilidades de indeterminação a partir de recursos não previstos pela Gramática Tradicional, entre eles o pronome **você**. Observe-se o exemplo:

> (1) Não sei, a única época marcada pra mim seria a... fim de ano mesmo, né? que **você** tem que parar um pouco, pensar nas coisas que **você** tem que fazer... (MILANEZ, 1982, p. 27, grifos da autora)

Nesse caso, segundo a autora, o pronome **você** permite ser interpretado como referente a qualquer das três pessoas do discurso e ilustra uma situação hipotética, em que qualquer pessoa poderia se encontrar.

Pesquisadores como Castilho (2010) e Neves (2018), que partem de dados da língua em uso, tanto escrita quanto falada, em situações reais, defendem que nenhuma classe que pode funcionar como sujeito é intrinsecamente determinada ou indeterminada, pois o traço de definitude é estabelecido no texto.

Nesse sentido, Neves (2018) demonstra que as formas plurais de pronome pessoal nem sempre fazem referência a indivíduos da mesma pessoa do discurso. O pronome **nós** (ou **a gente**), por exemplo, segundo a autora, nunca abriga apenas a primeira pessoa, isto é, sempre envolve uma 2ª ou 3ª pessoa, ou ambas. Assim, **nós** (ou **a gente**) pode representar, segundo a descrição de Neves (2018), primeira pessoa + segunda(s) pessoa(s); primeira pessoa + terceira(s) pessoa(s); primeira pessoa + segunda pessoa + terceira pessoa. É o que se verifica, por exemplo, no seguinte enunciado citado por Neves (2018, p. 490, grifos da autora):

> (2) Mas os índios têm como **nós** uma alma imortal.
> [**nós** = **eu** + **vocês** + os outros homens brancos (**eles**)]

Neves (2018) assume que os pronomes pessoais são palavras tipicamente referenciais e são, portanto, específicos ao fazerem referência a algo ou a alguém no discurso. No entanto, a autora considera que algumas formas de pronomes pessoais podem fazer referenciação genérica: a) terceira pessoa do plural masculino, com expressão do pronome **eles**; b) terceira pessoa do plural sem o pronome sujeito; c) terceira pessoa do singular sem sujeito expresso; d) terceira pessoa do singular com o pronome **se** junto de verbos que não se constroem como transitivos diretos; e) primeira e segunda pessoas do singular (quando os pronomes **eu** e **você** equivalem a **qualquer pessoa**); f) primeira pessoa do plural (caso em que, para a autora, a indeterminação não é total, já que em **nós**/**a gente** está sempre incluído o **eu**, que é determinado).

Entre as formas de pronomes pessoais que podem fazer referenciação genérica descritas por Neves (2018), apenas as duas últimas (**e** e **f**) serão foco de análise neste artigo. A esse respeito, Neves (2018, p. 499, grifos da autora) apresenta os seguintes exemplos (dos casos **e** e **f**, respectivamente):

> (3) Antigamente **você** ia ao Cine Ipiranga eram umas poltronas ótimas tinha lá em cima você ficava bem acomodado.

> (4) Então, quando **nós** fazemos, por exemplo, uma pesquisa, quando **nós** fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor, eu tenho que dizer que é a rigor, porque normalmente **a gente** tira exatamente o pedaço do livro que [...] **a gente** tira retalhos.

Na mesma direção, Lopes (1998) discute a incoerência da Gramática Tradicional quanto à classificação e à inserção da forma **a gente** no sistema de pronomes pessoais e quanto à definição do pronome **nós** como mero plural de **eu**, "[...] sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um 'eu-ampliado [...]'" (LOPES, 1998, p. 405). Além disso, a autora demonstra que a forma **a gente** é utilizada para referências discursivas mais vagas, indefinidas e amplas, e que, ao optar por essa forma, o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares.

Orozco (2019), a partir de um enfoque pragmático, analisou a preservação da face realizada pelos falantes de espanhol da Cidade do México quando empregam o *tú genérico* (você genérico) como sujeito pronominal tácito ou explícito. A autora explica que utiliza o termo *tú genérico* para se referir aos casos em que o pronome *tú* (você) não é correferencial com o interlocutor. Para explicar como ocorre o emprego do *tú* (você) como sujeito pronominal genérico, não correferencial, Orozco (2019) apresenta diversos exemplos. Observe-se um deles:

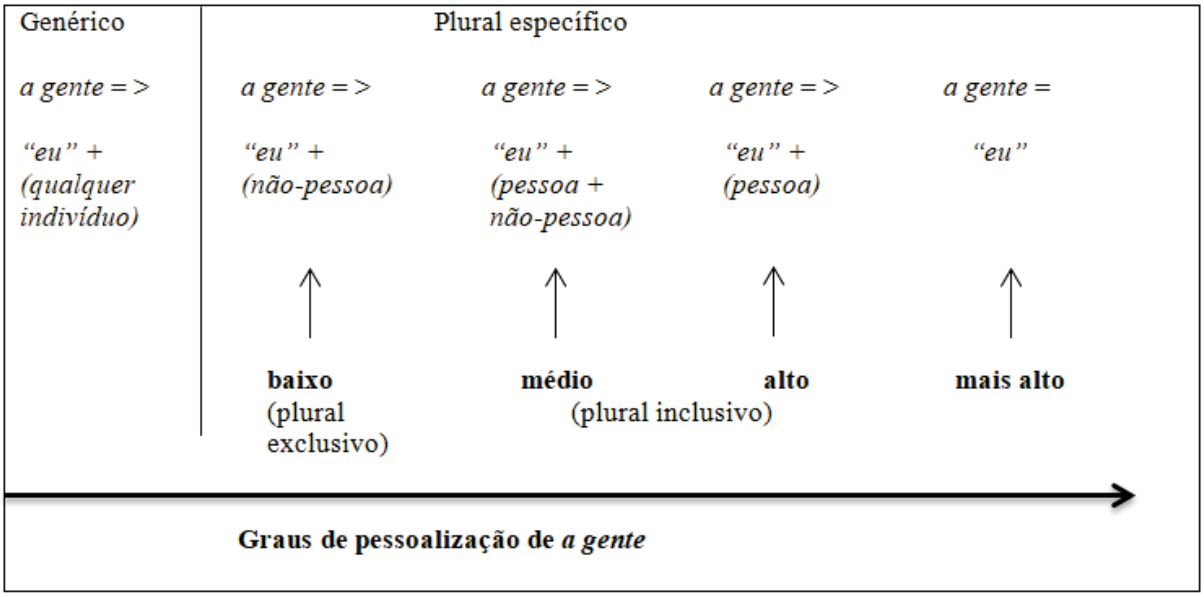
> (5) [...] eu gostava muito do que era o teatro // [...] mas / em Nezahualcóyotl / não havia nenhum lugar onde **você pudesse estudar** / ou teatro ou dança // depois / surgiu a Casa da cultura / mas também não chamou minha atenção. (OROZCO, 2019, p. 20, grifos da autora, tradução nossa)[1]

Orozco (2019) observa que, nesse exemplo, o falante passa da primeira para a segunda pessoa do singular para generalizar suas experiências como compartilhadas por um grupo mais amplo de pessoas. A autora assevera que, em alguns contextos, ao apresentar suas experiências próprias como algo que se pode generalizar, o falante evita as críticas e protege sua face positiva.

A questão da noção de **pessoa** já foi definida por Benveniste (1991), o qual estabeleceu que são considerados pessoa apenas o **eu** e o **tu**. Para o autor, a terceira pessoa não é uma **pessoa**, é a forma não pessoal da flexão verbal, isto é, a **não pessoa**. Quanto ao pronome **nós**, Benveniste (1991) destaca que não se pode conceber a passagem do singular para o plural como uma simples pluralização, uma vez que **nós** não é um **eu** multiplicado, é um **eu** dilatado, é a junção entre o **eu** e o **não eu**, seja qual for o conteúdo desse **não eu**. Assim, "de maneira geral, a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa. O 'nós' anexa ao 'eu' uma globalidade indistinta de outras pessoas. [...] Tanto no verbo como no pronome pessoal, o plural é fator de ilimitação, não de multiplicação[...]". (BENVENISTE, 1991, p. 258).

A respeito dos possíveis graus de pessoalização da forma **a gente**, Borges (2004) considera que **a gente** é um plural que deve ser interpretado como **eu** somado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar incluído. Nesse sentido, "[...] o pronome **a gente**, portanto, não é uma soma de **eu** + **eu** (+ **eu**...), e sim de **eu** + **tu** (+ **tu**...) ou de **eu** + **ele(s)** (+ **ele(s)**...) ou **eu** + **tu** + **ele(s)** (+ **ele(s)**) [...]". (BORGES, 2004, p. 167, grifos do autor). A partir dessas considerações, o autor caracterizou os graus possíveis para a pessoalização de **a gente** no Quadro 1, aqui reproduzido:

[1] Cf. o trecho original: "[...] a mí me gustaba mucho lo que era el teatro // […] pero / en Nezahualcóyotl / no había ningún lugar donde **tú pudieras estudiar** / o teatro o danza // después / surgió la Casa de la cultura // pero tampoco me llamó la atención" (OROZCO, 2019, p. 20, grifos da autora).



Quadro 1: Pessoalização de *a gente* conforme categoria de pessoa.
Fonte: Borges (2004, p. 171)

Borges (2004), a partir do Quadro 1, explica o processo de pessoalização em torno do uso da forma pronominal **a gente** no português brasileiro, demonstrando os possíveis graus de pessoalização de **a gente**, que vai desde um **a gente** associado a uma afirmação vaga, de um **eu** generalizante (eu + toda e qualquer pessoa), até um **a gente** que faz referência unicamente a **eu**. A partir do levantamento dos possíveis graus de pessoalização de **a gente**, Borges (2004) afirma que não se pode pensar, como já estabelecera Benveniste (1991), que **nós** ou **a gente** se refere a uma simples pluralização.

Quanto aos pronomes indefinidos, Neves (2018) os define como formas pronominais cuja função é não deixar identificados os seus referentes. Ser indefinido, segundo a autora, significa ser não particularizado, não restrito. A autora sustenta que "[...] a indefinição ou não particularização operada pelos PRONOMES INDEFINIDOS pode referir-se não apenas a uma falta de identificação, propriamente, mas ainda a uma vaguidade na quantificação. De qualquer modo, há sempre uma indefinição semântica [...]". (NEVES, 2018, p. 558). No que diz respeito aos casos em que a indefinição dos pronomes indefinidos se refere a uma falta de identificação, isto é, casos em que a referência não pode ser identificada, Neves (2018, p. 558, grifo da autora) cita o seguinte exemplo:

> (6) Jamais **alguém** viu Beatrice comer, ou fazer omeletes.

Castilho (2010) demonstra que os pronomes indefinidos concorrem para que o texto tenha um caráter de indefinitude, imprecisão. Ao abordar especificamente as situações de oralidade, o autor afirma que os falantes movimentam diferentes setores da língua ao imprimir o tom de indefinitude ao seu discurso, entre eles os pronomes indefinidos. O autor cita um exemplo a fim de ilustrar o discurso genérico, em que se veiculam conhecimentos compartilhados, sem o interesse de focalizar e explorar com precisão os tópicos conversacionais:

> (7) L1 – sempre isso, **ninguém** vai na casa de **alguém** faze(r) uma uma reunião e de repente se não é comer **alguma coisa** ah bebe(r) um drinquezinho mas é normal... não é ... [...] (CASTILHO, 2010, p. 509, grifos do autor).

A observação da língua em uso efetivo, especialmente da língua falada, como será explicitado na Seção 4 deste trabalho, revela que não só há diversos recursos que garantem a indeterminação do sujeito, mas também que os falantes lançam mão desses recursos conforme o interlocutor e a situação de interação, com vistas à preservação da face positiva.

3 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A PRESERVAÇÃO DA FACE

Nesta investigação, para analisar as interações verbais face a face que constituem o *corpus,* parte-se do conceito de "face" (*face*) e de "preservação da face" (*face-work*) de Goffman (2011)[2], para quem "face" diz respeito ao valor social positivo que uma pessoa reivindica para si mesma por meio da linha que os outros assumem que ela tomou durante um contato específico[3]. No campo de estudos da linguagem, segundo Villaça e Bentes (2008), a polidez tem sido associada intrinsecamente à noção de face, pois, de acordo com a situação de interação, os interlocutores se representam uns diante dos outros de determinadas maneiras, agindo de formas diferentes, inclusive em termos de linguagem. Nas interações orais, os interactantes procuram proteger a sua face e a do interlocutor, e isso ocorre em grande parte, de acordo com as autoras, pelo uso de meios linguísticos. Assim, normalmente, a preservação da face é, nos termos de Goffman (2011), uma condição da interação, não seu objetivo.

Para definir o conceito de face, Brown e Levinson (1987) tomaram como base a noção desenvolvida por Goffman. Dessa forma, os autores definiram face como a autoimagem pública que cada pessoa deseja reivindicar para si mesma, que consiste em dois aspectos relacionados, parafraseados por Villaça e Bentes (2008): a) face negativa, ou interna, que diz respeito ao território íntimo que os interactantes não gostariam de ver invadido; e b) face positiva, que se refere ao desejo de que a autoimagem seja apreciada e aprovada, isto é, ao modo como os interactantes pretendem ser vistos pelos outros.

Considerando os quadros teóricos da pragmática linguística e da sociolinguística, Villaça e Bentes (2008) delinearam as diferenças entre os conceitos de polidez e de cortesia, os quais estão intrinsecamente associados à noção de preservação da face em interações orais. Villaça e Bentes (2008) defendem a posição de que a polidez é uma prática regida por convenções sociais de natureza mais geral, impostas ao contrato conversacional, como os princípios de tomada de turnos na conversação, as formas de tratamento, as estratégias de preservação da face etc., de modo que se relaciona às regras gerais da interação social. Já a cortesia, para as autoras, pode manifestar-se por meio de marcas linguísticas, entre elas marcas de atenuação, além de outras formas de manifestação de obséquio: formas verbais, verbos modais, enunciados justificativos ou explicativos, certos marcadores discursivos, perguntas indiretas etc. Villaça e Bentes (2008) consideram que ambos os fenômenos, polidez e cortesia, em contexto de interação face a face, devem ser analisados considerando-se vários fatores de ordem sociopragmática, pois o que pode ser considerado um comportamento polido, em determinada situação, pode não o ser em outra.

A questão da diversidade terminológica não será aprofundada neste artigo, por não fazer parte dos objetivos da abordagem. O que, de modo geral, faz-se relevante para as análises aqui empreendidas é o fato de que, conforme explicam Villaça e Bentes (2008), as normas de polidez seriam aquelas reguladoras da preservação da face.

Orozco (2019) enfatiza igualmente a questão da preservação da face em interações orais. Segundo a autora, os efeitos da preservação da face estão vinculados aos papéis que os falantes desempenham em interações concretas. Além disso, a pesquisadora observa que as estratégias empregadas pelos interlocutores podem ter efeitos positivos ou negativos em relação a eles mesmos e a seu interlocutor. Com apoio em Hernández Flores (2013), Orozco (2019) estabelece que são três as estratégias de preservação da face: 1) as estratégias de cortesia (em que se atenua, repara ou realça a imagem), que têm efeito positivo no falante e no destinatário; 2) as estratégias de autoimagem (em que se atenua, repara ou realça a própria imagem), com efeito positivo no falante, mas neutro no destinatário; e 3) as estratégias descorteses, as quais podem ter efeito negativo em ambos os participantes da interação.

Em qualquer interação face a face, há atos (verbais ou não verbais) que se constituem como ameaça às faces, os *Face Threatening Acts* (FTA), isto é, atos que ameaçam as faces, termo estabelecido por Brown e Levinson (1987). Segundo a descrição de Kerbrat-Orecchioni (2006), os FTA se dividem em quatro categorias:

[2] Trata-se da versão traduzida da obra *Interaction Ritual: essays in face-to-face behavior* (1967).

[3] O conceito de face (do inglês, *face*) foi introduzido no discurso acadêmico pela primeira vez Goffman (1955). O autor assume que esse conceito se originou na China e, com base nas teorias chinesas e na obra *As formas elementares da vida religiosa* (1912), de Émile Durkheim, desenvolveu sua pesquisa. Entretanto, foi com a pesquisa de Brown e Levinson (1987) que a noção de face se tornou o foco principal de atenção dos pesquisadores que investigam a comunicação e a interação social.

> **1º Atos que ameaçam a face negativa do emissor:** é, por exemplo, o caso da oferta ou da promessa, pelas quais se propõe ou se compromete a efetuar um ato suscetível de lesar seu próprio território, num futuro próximo ou distante.
> **2º Atos que ameaçam a face positiva do emissor:** a confissão, a desculpa, a autocrítica e outros comportamentos "autodegradantes".
> **3º Atos que ameaçam a face negativa do receptor:** as violações territoriais de natureza não-verbal são numerosas (ofensas proxêmicas, contatos corporais inadequados, agressões visuais, sonoras ou olfativas, infiltração por invasão nas "reservas" do outro etc.). Mas as ameaças territoriais também podem ser de natureza verbal: é isso que ocorre nas chamadas perguntas "indiscretas"; e no conjunto dos atos que são, em alguma medida, inoportunos ou "diretivos", como a ordem, a interpelação, a proibição ou o conselho.
> **4º Atos que ameaçam a face positiva do receptor:** são todos aqueles que colocam em risco o narcisismo do outro, como a crítica, a refutação, a reprovação, o insulto e a injúria, a chacota e o sarcasmo... (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 79, grifos da autora)

As duas primeiras categorias propostas por Kerbrat-Orecchioni (2006) dizem respeito aos atos autoameaçadores. Este artigo tem como foco a segunda categoria, os atos que ameaçam a face positiva do emissor. Pretende-se demonstrar que a referenciação genérica na interação face a face pode ser um recurso a que os falantes recorrem com vistas à preservação da face positiva.

Kerbrat-Orecchioni (2006) demonstra que é possível suavizar um FTA recorrendo a diversos recursos, entre eles os desatualizadores pessoais, os quais têm a função de distanciar a realização do ato problemático. Entre os casos de desatualizadores pessoais, a autora cita o apagamento da referência direta aos interlocutores por meio do emprego da voz passiva, do impessoal ou do indefinido, conforme é possível verificar nos seguintes exemplos: "O problema não foi resolvido corretamente", "Não se fuma aqui" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 86).

Além disso, no que se refere aos pronomes pessoais, Kerbrat-Orecchioni (2006) assinala alguns usos polidos de **nós** e de sua variante oral **a gente**, que consistem em formas coletivas com valor de solidariedade, seja substituindo um **você**, se o enunciado tem um conteúdo negativo, como em "'Você perdeu' por 'A gente perdeu'" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 87), seja substituindo um **eu**, se o enunciado tem um conteúdo positivo, como em "'Eu ganhei' por 'A gente ganhou'" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 87).

Kerbrat-Orecchioni (2006) considera que no sistema da língua estão inscritos numerosos fatos que só podem ser justificados se concebidos em relação ao sistema de faces. Nas interações face a face, para a autora, o nível da relação é tão importante quanto o nível do conteúdo, pois parte do material com o qual os enunciados são produzidos não tem pertinência a não ser nesse nível.

4 REFERÊNCIA GENÉRICA E PRESERVAÇÃO DA FACE: O USO DE SUJEITOS PRONOMINAIS GENÉRICOS E PRONOMES INDEFINIDOS EM INTERAÇÕES ORAIS

O *corpus* desta pesquisa provém do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (CAL), desenvolvido com apoio de pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, cuja equipe gerou os dados, em 2009, em oito cidades paranaenses: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon, Guaíra e Foz do Iguaçu, localizadas na fronteira com a Argentina e/ou Paraguai; e Ponta Grossa e Irati, situadas na região central do Estado, caracterizadas pela existência de colônias de falantes de outras línguas.

Selecionaram-se, para esta investigação, recortes de inquéritos gerados em Capanema, cidade localizada no Sudoeste do Paraná, na fronteira com a Argentina, a qual foi historicamente constituída, principalmente, por imigrantes de origem alemã e italiana. Trata-se de entrevistas com falantes brasileiros monolíngues, residentes na cidade de Capanema, que convivem em um cenário de contato linguístico e cultural entre brasileiros e argentinos, além dos descendentes de imigrantes. Por se tratar de um *corpus* composto por entrevistas orais, foi possível analisar momentos de espontânea manifestação de interlocução.

A análise foi delimitada à exemplificação de casos em que há ocorrência de sujeito pronominal genérico, com as formas pronominais **nós**, **você** e **a gente**, quando utilizadas com referência indeterminada, e de pronomes indefinidos. Para exemplificação desses recursos e seus efeitos na interação face a face, foram selecionados os recortes mais representativos para as análises, em que o inquiridor (o que aplica o questionário) pede comentários ao informante (o entrevistado) sobre a língua do outro, a respeito de quem fala melhor ou pior e se as outras línguas com as quais ele tem contato deveriam ser ensinadas na escola.

Na sequência de exemplos a seguir, constata-se a complexidade do uso dos sujeitos pronominais **você**, **nós**, **a gente**, e a alternância com **eu** em um mesmo contexto, além de pronomes indefinidos, em alguns casos. Não serão aqui considerados outros recursos, como modalização ou substantivos de conteúdo genérico, que também atuam na preservação da face, uma vez que fogem aos objetivos deste artigo.

No exemplo abaixo (1), **você** e **nós** têm valor generalizante e coocorrem com **eu** pessoal, particular, na mesma sequência:

(1) INQ. – Você acha que a escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui?
INF. – Eu acho.
INQ. – Todas elas?
INF. – Todas. **Eu** acho que deveria ensinar né.
INQ. – Por quê?
INF. – Porque quando **você** vai pra Argentina, **você** saberia falar. Hoje se **nós** ir pra Argentina, **eu** entendo alguma coisa, mas nem tudo, né. Se **você**, se ir pra Alemanha, **eu** num entender nada, né, pois se **você** for pra outro país, **você** num entende nada, **você** tem que levar um tradutor, né.
INQ. – É verdade.
INF. – Por isso que **eu** digo assim, pelo menos o básico né.
INQ. – Uhun.
INF. – Como tem o inglês né. Assim o básico, pelo menos um pouquinho **você** sabe né.
INQ. – É verdade, que daí dava pra interagir melhor com outra pessoa.
INF. – É, entendeu, é, porque aí **você** tendo uma noção, **você** tem como se aprofundar um pouquinho mais também né, pelo menos **você** procura, **você** né...
INQ. – Ahan. Pequenas viagens, passa lá mais um tempo pra aprender...
INF. – Com certeza.
INQ. – Uhun. (Inf. 10 – Capanema)

Em (1), verifica-se que **você**, acionado pelo informante, não é dêitico, pois não se refere apenas à segunda pessoa, isto é, ao interlocutor, mas, assim como **nós**, parece ter como referente **qualquer pessoa**. Na sequência, o informante recorre a **eu**, que particulariza, assumindo o que afirma (**eu** entendo alguma coisa; **eu** num entender nada). Há, portanto, uma alternância entre o uso de sujeitos pronominais com referência a **qualquer pessoa**, em que o informante se distancia e não assume a responsabilidade, preservando, assim, sua face positiva, e o uso de **eu** particular, em que o informante assume a responsabilidade pelo que é dito. Assim, observa-se o uso de estratégias generalizadoras, por meio dos pronomes **você** e **nós**, desfocalizando o **eu** que se comprometeria com a resposta.

Observa-se que, de acordo com Orozco (2019), ao empregar estrategicamente a segunda pessoa (nos casos aqui analisados, **você**), o informante insere o inquiridor como participante. Dessa forma, mais do que desfocalizar o **eu**, inclui-se e realça-se o **você**.

Os recortes seguintes apresentam **a gente** com referências diversas. De acordo com Ilari *et al.* (2002, p. 89), "[...] essa multiplicidade de referenciação não implica, em geral, ambiguidade, e nem mesmo vagueza, já que o contexto costuma fornecer as informações necessárias à recuperação dos referentes":

(2) INQ. – E quem a senhora acha que fala pior?
INF. – Olha, na verdade, a gente brasileira né que fala muito… (risos).
INQ. – (risos).
INF. – E acho que nossa língua **a gente** num… fala tudo errado.
INQ. – Eu concordo. (Inf. 12 – Capanema)

(3) INQ. – Comparando essas línguas assim, o argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, quem você acha que fala melhor? Assim, dá pra você perceber que você ouve conversando, qual que você acha que fala melhor?
INF. – Pr**a gente** é o espanhol, né, porque é mais semelhante a nossa. Isso tudo né.
INQ. – Ahan. (Inf. 17 – Capanema)

Nos trechos (2) e (3), verifica-se que os informantes recorrem à expressão **a gente** após se depararem com perguntas comprometedoras (quem fala pior e quem fala melhor), visto que eles estavam cientes da presença do gravador no momento da entrevista. Assim, em (2), **a gente** faz referência a **eu** + **todos os brasileiros**, isto é, o informante retoma o referente **a gente brasileira** anteriormente ativado e inclui-se. Já em (3), **a gente** tem o grau mais alto de pessoalização, nos termos de Borges (2004), pois sua referência é o próprio **eu**. Dessa forma, em (3), ao optar por utilizar **a gente** em lugar de **eu**, o falante minimiza sua responsabilidade, pois, conforme demonstrou Orozco (2019), ao generalizar suas experiências ou crenças como compartilhadas por um grupo mais amplo de pessoas, o falante evita as críticas e protege sua face positiva.

Na interação face a face, observa-se que a recorrência à locução pronominal **a gente** engloba outras possibilidades, além daquelas já previstas por Kerbrat-Orecchioni (2006), a qual demonstra que **nós** e sua variante oral **a gente** consistem em formas coletivas com valor de solidariedade, seja substituindo um **você**, se o enunciado tem um conteúdo negativo, como em "'Você perdeu' por 'A gente perdeu'" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 87), seja substituindo um **eu**, se o enunciado tem um conteúdo positivo, como em "'Eu ganhei' por 'A gente ganhou'" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 87). Percebe-se, em (4) e (5), que os informantes substituem **eu** por **a gente** em enunciados com conteúdo negativo, como forma de preservar sua face e se distanciar:

(4) INQ. – Você poderia me dar então um exemplo do espanhol?
INF. – Nome, essas coisa?
INQ. – Assim, uma palavra em espanhol, uma expressão, uma frase...
INF. – Se não me engano, *hijo*, *hijo* é filho né.
INQ. – Ahan.
INF. – É… mas assim, muito pouco que **a gente** sabe mesmo, que tá lá, né. (Inf. 17 – Capanema)

O exemplo (4) revela a tentativa do informante de justificar seu desempenho em espanhol. Ao tirar de foco a primeira pessoa do singular, inicialmente ativada em **Se não me engano**, o falante procura apresentar seu ponto de vista como corroborado por um grupo mais amplo: há várias pessoas que sabem muito pouco de espanhol. Recorre, para tanto, à forma **a gente**, com vistas à preservação da face.

Observe-se o trecho (5):

(5) INQ. – Hum. E quem você acha que fala pior?
INF. – Pior... sei lá, assim que fala, que fala pior, num posso dizer... até gente que fala português, né, muitos, muitas pessoas até **a gente** às vezes num fala corretamente como, como né, como deve ser mesmo. (Inf. 8 – Capanema)

Nesse caso, verifica-se que a opção por **a gente** em lugar de **eu** permite certo distanciamento do informante em relação ao conteúdo negativo: não falar corretamente. Além disso, o operador argumentativo **até**, que precede a forma **a gente**, evidencia uma escala argumentativa, conforme a proposta de Ducrot (1987). O informante inicia a escala argumentativa em **até gente que fala português**, reformulado duas vezes: **muitas pessoas** e **até a gente às vezes num fala corretamente**. O valor argumentativo

estabelecido no uso do operador **até** indica como mais forte de uma escala o argumento **a gente às vezes num fala corretamente,** o que justificaria a opção de o informante utilizar **a gente** em lugar de **eu**, situação em que a face positiva poderia ser ameaçada.

Em (6), observa-se o uso de pronomes indefinidos como forma de preservar a face positiva e de atingir certa neutralidade em relação ao que é dito:

> (6) INQ. – Uhun. Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?
> INF. – As línguas estrangeiras.
> INQ. – Você acha que eles falam melhor?
> INF. – Sim.
> INQ. – Por quê?
> INF. – Porque assim, em português, **ninguém**, é difícil **alguém** que fale o português correto mesmo, porque **qualquer**, que é uma língua cheia de coisa, cheia de, derivados e tal, então acho que eles falam a língua, talvez por ser uma língua menos complexa, eles falem melhor. Já o português é difícil encontrar **quem** fale, tem, tem, por exemplo, popular, que é muito mal falado, acho que eles falam melhor do que o brasileiro. (Inf. 7 – Capanema)

Verifica-se que, no percurso de justificar o motivo pelo qual acredita que os falantes de línguas estrangeiras falam melhor do que os brasileiros e com o intuito de evitar a responsabilidade pela resposta em uma situação de entrevista, o informante recorre aos pronomes indefinidos (**ninguém**, **alguém**, **qualquer**, **quem**), o que constitui um procedimento de impessoalização, com referência indeterminada, já que não se pode precisar qual é seu referente, a fim de minimizar a responsabilidade pelo que foi dito. Assim, ele opta por uma estratégia que não compromete a face positiva.

Em (6), há uma indeterminação da referência dos pronomes indefinidos que provém de seu caráter impessoal. Ao se deparar com uma pergunta comprometedora, o informante justifica sua afirmação de que os que falam línguas estrangeiras falam melhor. Para tanto, inicialmente, generaliza, com o pronome **ninguém**, cuja referência é **nenhuma pessoa**. Logo em seguida, realiza uma correção, **é difícil alguém que fale o português correto mesmo**, garantindo, dessa forma, uma menor probabilidade de ser questionado. Reforça, ainda, a correção na sequência: **é difícil encontrar quem fale**. Por outro lado, quando não indica certeza, como em **então acho que eles falam a língua** e **acho que eles falam melhor do que o brasileiro**, o informante utiliza a primeira pessoa do singular.

Observa-se que são recorrentes os recursos mencionados para atenuar a responsabilidade pelas afirmações nas entrevistas, ou para gerar distanciamento, devido, possivelmente, ao fato de que os informantes não podem recusar o tópico proposto pelo inquiridor. Quando há essa tentativa, o inquiridor insiste na continuação, ou na justificativa para a resposta, como é possível verificar em (6): **Você acha que eles falam melhor?**; **Por quê?** Assim, os atos de preservação da face ligam-se a casos em que as perguntas do inquiridor exercem pressão sobre os informantes, o qual exige respostas e mantém o tópico. Entende-se que isso ocorra devido à própria natureza da entrevista, cuja finalidade é extrair respostas dos informantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, buscou-se demonstrar que, na análise de interações face a face, segundo a descrição de Kerbrat-Orecchioni (2006), o nível da relação é tão importante quanto o nível do conteúdo. Nesse sentido, incorporou-se um enfoque pragmático às análises, pois uma análise unicamente gramatical não daria conta de explicar os efeitos dos sujeitos pronominais genéricos e dos pronomes indefinidos acionados pelos interlocutores na língua em uso.

Verificou-se que os informantes empreendem esforços para garantir a preservação da face positiva, principalmente por se tratar de uma situação de interação face a face, em um contexto de entrevista com a presença de um gravador, em que o inquiridor insiste no tópico discursivo e busca a justificativa dos informantes para as respostas.

Nesse sentido, foi possível observar que tanto a utilização de sujeitos pronominais genéricos (**você**, **nós** e **a gente**), ou com múltiplas possibilidades de referência, quanto a recorrência a pronomes indefinidos, em interações orais, podem se constituir como recursos a que o falante recorre, conforme o interlocutor e a situação de interação, para atenuar conteúdos negativos, evitar a responsabilidade pelo que é dito, evitar críticas e distanciar-se.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. *Crenças e atitudes linguísticas:* um estudo da relação do português com línguas de contato. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I.* 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.

BORGES, P. R. S. A pessoalização do pronome *a gente* sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 153-172, dez. 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness:* some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro.* São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DUCROT, O. *O dizer e o dito.* Campinas: Pontes, 1987.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação:* ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

HERNÁNDEZ FLORES, N. Actividad de imagen: Caracterización y tipología en la interacción comunicativa. *Pragmática Sociocultural*, v. 1, n. 2, p. 175-198, 2013.

ILARI, R. *et al*. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. *In:* CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do português falado.* Volume IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 79-168.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação:* princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

MILANEZ, W. *Recursos de indeterminação do sujeito.* 1982. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos.* São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

OROZCO, L. Expresión de *tú* genérico y actividades de imagen. *De Gruyter (Soprag)*, v. 7, n. 1, p. 19-41, 2019.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SELLA, A. F. Marcas de conexão e indício de atitudes linguísticas. *In:* SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. (org.). *Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas:* um estudo da relação do português com línguas em contato. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 197-207.

VILLAÇA, I. G.; BENTES, A. C. Aspectos da cortesia na interação face a face. *In:* PRETTI, D. (org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 19-48.

Recebido em 09/04/2021. Aceito em 26/06/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84115

EXPLORING MULTIMODALITY AND MULTILITERACIES IN PUBLIC UNIVERSITY CONTEXTS FOR STUDENT-TEACHERS OF ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE

EXPLORANDO MULTIMODALIDADE E MULTILITETRAMENTOS EM CONTEXTOS DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARA PROFESSORES-ESTUDANTES DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

EXPLORANDO LA MULTIMODALIDAD Y LA MULTIALFABETIZACIÓN EN CONTEXTOS DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARA PROFESORES-ESTUDIANTES DE INGLÉS COMO IDIOMA ADICIONAL

Viviane Maria Heberle*
Universidade Federal de Santa Catarina

Fábio Alexandre Silva Bezerra**
Universidade Federal da Paraíba

Roseli Gonçalves do Nascimento***
Universidade Federal de Santa Maria

* Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Inglês. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq na área de Linguística Aplicada. E-mail: viviane.m.heberle@gmail.com.

** Doutor em Língua Inglesa e Linguística Aplicada (UFSC) e PhD em Linguística (The University of Sydney). Professor Associado do DLEM e Professor Permanente do PROLING da UFPB, onde lidera o GEPLAM e coedita a Revista Prolíngua. E-mail: fabes10@yahoo.com.br.

*** Doutora em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em regime de cotutela com a Universidade de Sydney (USYD). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação (LabLeR – DLEM, UFSM). E-mail: profaroseli.gn@gmail.com.

ABSTRACT: In this paper, the three authors, who work with language teacher education, especially English as an additional language in Brazil, discuss two of their projects, aligned with multimodality and multiliteracies, as derived from systemic functional linguistics. The project at the Federal University of Paraíba, entitled *Reading the verbal text and the image in contemporary media*, focuses mainly on Brazilian magazine covers (and their related articles), addressing various issues such as the representation of social movements, of women's identities, masculinities and teachers' identities. The second project, *Critical Genre Analysis and implications for multiliteracies*, carried out at the Federal University of Santa Maria, discusses how the process of producing teaching materials can benefit from critical genre pedagogy (MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b) and multiliteracies pedagogy (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000; COPE; KALANTZIS, 2009). Based on the findings of the projects, we argue that multiliteracies should be viewed as a potentially meaningful process in language teacher education and we hope the projects may contribute to make students aware of the array of meaning-making resources to produce and interpret multimodal texts in society.
KEYWORDS: Teacher Education. English. Multimodality. Multiliteracies. Projects.

RESUMO: Neste artigo, os três autores, que atuam na formação de professores de línguas, especialmente inglês como língua adicional no Brasil, discutem dois de seus projetos, alinhados à multimodalidade e aos multiletramentos, derivados da linguística sistêmico-funcional. O projeto da Universidade Federal da Paraíba, intitulado *Lendo o texto verbal e a imagem na mídia contemporânea*, tem como foco principal as capas de revistas brasileiras (e seus respectivos artigos), abordando diversos temas como a representação dos movimentos sociais, das identidades femininas, masculinidades e identidades de professores/as. O segundo projeto, *Análise crítica de gêneros e implicações para os multiletramentos*, realizado na Universidade Federal de Santa Maria, discute como o processo de produção de materiais didáticos pode se beneficiar da pedagogia crítica dos gêneros (MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b) e da pedagogia dos multiletramentos (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000; COPE; KALANTZIS, 2009). Com base nas conclusões dos projetos, argumentamos que os multiletramentos devem ser vistos como um processo potencialmente significativo na formação de professores/as de línguas e esperamos que os projetos possam contribuir para conscientizar os/as estudantes sobre a gama de recursos de construção de significado para produzir e interpretar textos multimodais na sociedade.
PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Inglês. Multimodalidade. Multiletramentos. Projetos.

RESUMEN: En este artículo, los tres autores, que trabajan con la formación de profesores/as de idiomas, especialmente el inglés como lengua adicional en Brasil, discuten dos de sus proyectos, alineados con la multimodalidad y la multialfabetización, derivados de la lingüística sistémico funcional. El proyecto de la Universidad Federal de Paraíba, titulado *Leyendo el texto verbal y la imagen en los medios contemporáneos*, se centra principalmente en las portadas de revistas brasileñas (y sus artículos relacionados), abordando diversos temas como la representación de los movimientos sociales, de las identidades de las mujeres, las masculinidades. e identidades de profesores/as. El segundo proyecto, *Análisis crítico de género e implicaciones para la multialfabetización*, realizado en la Universidad Federal de Santa Maria, analiza cómo el proceso de producción de materiales didácticos puede beneficiarse de la pedagogía crítica de género (MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b) y la pedagogía de la multialfabetización (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000; COPE; KALANTZIS, 2009). Basándonos en los hallazgos de los proyectos, argumentamos que la multialfabetización debe verse como un proceso potencialmente significativo en la formación del profesorado de idiomas y esperamos que los proyectos puedan contribuir a concienciar a los/as estudiantes sobre la variedad de recursos que crean significado para producir e interpretar textos multimodales en sociedad.
PALABRAS CLAVE: Formación Docente. Inglés. Multimodalidad. Multialfabetización. Proyectos.

1 INTRODUCTION

In this paper, the three authors, who work with language teacher education, specifically English as an additional language in Brazil, discuss their projects in multimodality and multiliteracies, based on systemic functional linguistics (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), and the grammar of visual design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). We understand multimodality as the use and integration of different semiotic resources in the design of a product or event (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), as well as a social semiotic approach to contemporary communication (KRESS, 2010). Multiliteracies, on the other hand, refers to educational practices, more specifically reading and writing practices that involve the use of different semiotic resources, such as films, videos, hypertexts and/or other digital technologies.

The collection of multimodal materials to be used as corpus, as the projects in the present paper show, can become an interesting endeavor because social semiotic studies usually pursue three main goals:

> 1) collect, document and systematically catalogue semiotic resources – including their history;
>
> 2) investigate how these resources are used in specific historical, cultural and institutional contexts, and how people talk about them in these contexts – plan them, teach them, justify them, critique them, etc.;
>
> 3) contribute to the discovery and development of new semiotic resources and new uses of existing semiotic resources. (VAN LEEUWEN, 2005 *apud* DJONOV; ZHAO, 2018, p. 2)

A Pedagogy of Multiliteracies (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000) has emphasized the need for educators to consider the globalized multicultural environments and to look at new forms of producing and interpreting various modes of meaning-making – including the visual and the spatial modes besides verbal language – as a way to empower students in terms of designing their social future. Cope and Kalantzis (2009) and Kalantzis, Cope, Chan and Dalley-Trim (2016) have extended their work to embrace various modes of meaning including spatial, tactile and gestural meanings, among others.

Likewise, the inspiring work carried out by Kress (2003, 2010) and Kress and van Leeuwen (2001, 2006) has contributed to showing us the relevance of examining semiotic resources to produce and interpret meanings in society. These pioneering theoretical insights have motivated other significant studies related to multiliteracies, such as Bezemer and Kress (2016), Heberle (2010, 2015), Kalantzis *et al.* (2016), Rojo (2009), Royce (2007) and Unsworth (2008), for instance.

In contemporary society, our daily lives are marked by a plethora of issues that impact the school experience at different levels in diverse contexts. Among these factors are the development of information and communication digital technologies, the increasing presence of images in different media (books, websites, magazines, etc.), innovative textual practices and new genres in various configurations (BEZERRA, 2016; ROJO, 2012) – all of which influence the concepts of text, school curriculum, the role of the teacher, and student's experience inside and outside the classroom. As described in the Brazilian National Curriculum Parameters – PCN (BRASIL, 1997a, 1997b), the work with multimodal reading plays a preeminent role in the school context, since it enables students to deal with texts not only in language classes but in all other school disciplines.

In response to such demands, different areas of knowledge are mobilized and new interdisciplinary dialogues are established (JEWITT; KRESS, 2008). This epistemological movement has brought forth several achievements, but also new challenges. For instance, from the analysis of different genres (MEURER, 2005) in varied supports, multimodal studies (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; ROYCE, 2007; HEBERLE, 2010; BEZERRA, 2012; SAINT-GEORGES; WEBER, 2013; HENDGES; FLOREK, 2019) have contributed significantly to the understanding of how semiotic resources (VAN LEEUWEN, 2005) besides verbal language construe meanings from their specific affordances. However, there is a perception that such knowledge needs to be presented in more accessible ways for student-teachers and teachers who oftentimes caution against weak connections between theorizations and their everyday classroom experiences.

To illustrate, an integrated multiliteracies project carried out at the Federal University of Santa Catarina entitled *Social practices in contemporary society: multiliteracies, identities and multimodal narratives* (HEBERLE, 2015) investigates videogames, children's pictures books and museum exhibits multimodally. Regarding videogames, studies such as those by Vidal and Heberle (2013), Souza (2016; 2021) and Rodrigues (2019) have shown the relevance of examining visual and verbal meanings in these billion-dollar multimodal narratives. Analysis of children's picture books, on the other hand, focuses on the verbal and visual resources used to portray the characters (participants) and their corresponding actions, as well as the interaction with the players and readers (CONSTANTY, 2018). Museum exhibits, in turn, are investigated in terms of their representational and interactive meanings, related to spatial discourse analysis (see, for example, RAVELLI; MCMURTRIE, 2015; RAVELLI; HEBERLE, 2016; HEBERLE; DE SOUZA; DODL, 2021).

In our projects, analyzing context is a central concern, as we point out throughout the paper. Thus, we understand that the reciprocity between text and context does not apply only to language research and text analysis in the classroom, but also to the process of selecting relevant genres to mediate pedagogical practice.

In the remaining parts of this paper, we report on two multimodal projects for student-teachers of English in two public universities in Brazil. First, we describe and discuss the research results of a project coordinated by Dr. Fábio Bezerra, from the Federal University of Paraíba, entitled *Reading the verbal text and the image in contemporary media*, mainly focusing on Brazilian magazine covers (and their related articles), addressing various issues such as the representation of social movements, women's identities, masculinities and teachers' identities. Then, we present the project *Critical Genre Analysis and implications for multiliteracies*, coordinated by Dr. Roseli Nascimento, carried out at the Federal University of Santa Maria, which has contributed to teacher education focusing on additional languages. We examine how the process of producing teaching materials can benefit from critical genre pedagogy (MOTTA-ROTH, 2008a) and from a pedagogy of multiliteracies (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000; KALANTZIS *et al.*, 2016).

Since language teachers are, per excellence, the professionals responsible for educating society via (multimodal) texts and discourse, our research objective in this paper is to investigate approaches to bridge the perceived gap between theory about multimodal discourse analysis in the classroom and the lived experiences of student-teachers in two Brazilian undergraduate teacher education programs. In both programs, such objective was pursued by resorting to previous and ongoing analysis of, respectively: 1) Brazilian magazine covers[11] (and their related articles), addressing issues such as the representation of social movements, political discourse, masculinities and teachers' identities, and 2) syllabuses related to English as an additional language, addressing the criteria and the steps involved in syllabus design.

2 CRITICAL MULTIMODAL DISCOURSE ANALYSIS IN TEACHER EDUCATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARAÍBA: REPORTING ON AN ON-GOING PROJECT OF MULTILITERACIES

The interdisciplinary project *Reading the verbal text and the image in contemporary media* has been developed since 2014 with student-teachers in the undergraduate teacher education program of Letters/English at the Federal University of Paraíba (UFPB). The project has explored critical multimodal discourse analysis of Brazilian magazine covers (and their related articles), addressing diverse issues such as the representation of social movements, political discourse, masculinities and teachers' identities.

The decision to create a project that aims to describe and discuss the multimodal construal of relevant themes in the Brazilian context is closely connected to the choice of addressing teacher education from the perspective of a pedagogy of multiliteracies (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000), since it encompasses two essential multiplicities: multimodal and cultural. In other words, while exploring the multimodal resources used in the texts analyzed in the different studies carried out, the project also addresses the cultural diversity of texts more broadly, including considerations about ideologies, relations of power, social class, sexual orientation, political affiliation, and other markers of difference.

The discussion of the social and ideological implications of multiliteracies practices is paramount, since ideologies, power relations, and (teacher) identities are constructed through the use of language in context, whether verbal or non-verbal. This is especially true in the context of postmodernity, in which "the old identities which stabilized the social world for so long are in decline, giving rise to new identities and fragmenting the modern individual as a unified subject" (HALL, 1992, p. 274). As claimed by Monte Mór and Morgan (2014, p. 31), "[…] the prioritization of a restricted, lingua-centric model of second/foreign language acquisition fails to utilize the social and critical resources that ELT students bring to such settings and that are available for a more socially engaged curriculum in which the dangers of conformity and critique are central concerns".

[11] Even though the covers analyzed in the studies described are not included, full references are provided at the end of the paper to allow readers to see them online.

In addition to understanding the semiotic features used in a text, a multiliteracies project also emphasizes the discussion of cultural elements that permeate both the production of these texts and their interpretation by various readers (ROJO, 2012). In other words, through the increasing use of verbal and non-verbal textual elements, (multimodal) texts ought to be seen as useful links between the students' previous knowledge and new arenas for the understanding of human experience in different contexts: work, home, school, relationships, travel, etc.

It is evident, therefore, that the work with reading and textual production inside and outside the classroom must consider the changes that take place in the social environment due to the new demands of the post-modern and globalized world (GIDDENS, 1991; BAUMAN, 2000). The extant relationship between knowledge construction and social life needs to be rethought in order to reassess its application in real contexts. In other words, the researcher must "place their work in the world instead of being absorbed by it while not responding to contemporary issues" (MOITA LOPES, 2006, p. 90). In this sense, Kellner and Share (2008, p. 689) advocate media literacy as "an imperative for participatory democracy".

Closely related to this question is the consideration about the place of the image in teacher education and in the classroom. In pre- and in-service teacher education programs, based on numerous feedbacks from these professionals about working with multimodal texts in the classroom, a lack of specific preparation is perceived. Aiming to propose new dialogues and heuristic experiences with the critical analysis of multimodal discourse in teacher education, student-teachers were selected each year[2] to assist in the project always addressing a new issue.

As a continuation of the project, every student-teacher involved in research in the previous year had to present the study they helped to conduct, addressing its main results and discussion in different undergraduate teacher education classes. This way, they could also gain more experience reporting on academic studies, and the other students could see how critical multimodal discourse analysis may offer insightful ways of working with multiliteracies in the classroom.

All investigations were based on data collected from the official websites of each publication, where a larger corpus with nearly all previous published issues is available – some of them allowing to see the magazine cover only and others also allowing access to the corresponding articles[3]. With the emergence of corpus linguistics and the access to large databases of authentic materials online, such types of research seem to offer innovative ideas for exploring ways in which language is used to create representations about our experiences, to forge relationships and to explore how all this information is brought together in multimodal texts in contemporary society.

These studies of multimodal discourse were carried out based on categories of analysis proposed by Kress and van Leeuwen (2006) in their grammar of visual design. The selected magazine covers were analyzed in terms of the three dimensions of *representation*, *interaction* and *composition* – with their respective subcategories of analysis. Equally, the results from the multimodal analyses were discussed concerning their social, political, economic and cultural implications based on concepts proposed by Fairclough (2015, 1995) in his three-dimensional model for Critical Discourse Analysis (CDA). First, the text was analyzed in its component parts. Then, the discursive practices implicated in/with these texts were interpreted. Finally, the related social practices were explained.

Since the studies carried out dealt with media texts, insights from research on critical media literacies were also used for the overall discussion of the relevance of the results as far as the development of critical readings in contemporary society is concerned. Next is the description of the main objectives and results of all investigations conducted in the project.

In 2014/2015, the first study (see BEZERRA; FAGUNDES, 2018) aimed at investigating the representations of the 2013 Brazilian social movement known as *Free Fare Movement* (FFM), which culminated in street demonstrations about various other political

[2] We would like to thank the following student-teachers involved in the studies carried out in this project for their important contributions: Julianna Fagundes, José Alves, Ana Flora Rocha e Tammara Oliveira.

[3] Up until August 2019, the following are the numbers of published issues of each magazine: *Veja* (2,648), *IstoÉ* (2,590), *Época* (1,102), *Carta Capital* (1,068) and *Mais Jr* (43).

and economic issues troubling Brazilians at that time. Such demonstrations were met with increasingly incommensurate police brutality as the number of protesters kept rising, with protesters and passers-by being indiscriminately beaten up and several journalists wounded.

Against this backdrop, the study mainly aimed at investigating the types of representations created about the FFM in eight covers of the three national news magazines with the highest circulation within the country: *Veja* (2013a, 2013b, 2013c, 2013d), *Época* (2013a, 2013b) and *IstoÉ* (2013a, 2013b). Each cover was analyzed observing the visual and verbal components, as well as the relations between these two semiotic modes. In addition, searching for more macro-textual elements corroborating the multimodal analysis of the covers, each related article was read. Finally, the results of the individual analyses were compared in view of the set of chosen layers of meaning, drawing parallels between the representations and the underlying discourses.

General results are presented in terms of identities, power relations, social practices and ideologies construed in the multimodal texts analyzed. Regarding identities, demonstrators are mostly depicted as young people, whose rebelling actions are construed to appear disproportionate, with depictions of destroyed shop windows, barricades in flames and protesters in masks. As for power relations, there seems to be a preferred choice of those in control of the media to publish news and images representing the demonstrations and those involved in them as illegitimate. By emphasizing a rather partial description of only one portion of the demographic (young people) composing the groups of protesters, the published material ultimately construes a skewed view of the people who actually participated in those protests, which includes elderly citizens, families with their kids, artists, and intellectuals. Such identities and power relations seem to operate to sustain ideologies that either attempt to dictate a rather controlled form of protest in order to avoid actual disruptions in the *status quo* or actually disfavor effective social engagement of the population altogether.

Another important issue is the role construed for the reader regarding the facts conveyed, which is achieved by highlighting an impersonal and distant/detached relationship with the reader – placing the represented participants at a greater distance (*long shot*) and diagonally from the reader (*oblique angle*). In addition, the represented participants in the covers are usually depicted depersonalized[4], thus preventing the readers from identifying with the protesters as real/ordinary people, which arguably contributes to delegitimizing their actions. These main results served to indicate the perceived goal of these publications to call the protests into question, mainly focusing on their negative aspects, not truly representing the diversity of people involved or addressing the reasons for the uprising in the first place.

In 2016-2017, another study (BEZERRA; NETO, 2018) looked at representations of President Dilma Rousseff and Vice-President Michel Temer on the covers of national magazines addressing the impeachment proceedings. The research consisted of critical multimodal discourse analyses of three covers of *Veja* (2015, 2016a, 2016b), with the highest circulation representing a hegemonic discourse, and the other three covers of *Carta Capital* (2016a, 2016b, 2016c), with the highest circulation representing a counter-discourse. The overall goal of the investigation was to describe and discuss the meanings construed about the main political figures involved in those events in/by those multimodal texts, highlighting some dominant and marginal discourses present in that historical moment.

The results obtained mainly show strong ideological content present in both publications. While *Carta Capital* seeks to represent the impeachment as an actual "coup" and Temer as a negative, deceptive and conspiratorial figure, *Veja* chooses to direct its attacks on the figure of then-President Dilma and reinforce the legitimacy of the proceedings. Both publications, therefore, portray the same facts with different emphases and interpretations. The multimodal texts analyzed echo the political positions of the publications, underlining certain meanings by repeating accusations and concealing certain relevant aspects. Such discussion seems to corroborate the results from the previous study regarding the need for more critical readings of media texts, thus underscoring the relevance of the inclusion of experiences with critical multimodal discourse analysis in teacher education proposed in the present project.

[4] Such depersonalization is achieved by employing one of the following strategies: use of drawings instead of real people (some sort of stick figure), blurred faces or hidden faces/bodies.

In 2017-2018, a third study (BEZERRA; ROCHA, 2020) examined representations of masculinities on covers of the magazine *MaisJR* (2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b), with the highest national circulation in the genre aimed mostly at the LGBT population. Besides the categories of analysis proposed by Kress and van Leeuwen (2006), concepts described in the three-dimensional model of CDA by Fairclough (2015, 1995) and discussions on critical media literacies, this investigation also added theoretical foundations about gender, more specifically about masculinities (CONNELL, 2005; MOITA LOPES, 2006).

The main goal was to identify whether such representations contribute to the maintenance of a hegemonic view of masculinity, or, conversely, they help to deconstruct patterns known in society and propagated by different media in contemporary society. General results showed that the magazine's editorial policy favors the maintenance and dissemination of mostly hegemonic values regarding masculinities, valuing the strong, muscular men with body hair that convey the idea of power through clothing and/or how they behave in the social environment.

Finally, in 2019-2020, another investigation (BEZERRA; OLIVEIRA, 2021) addressed representations of teachers on the covers of four different national magazines with the highest circulation in their respective sectors: *Carta Capital*, *Época*, *Nova Escola* and *Veja*. Considering the impact that multimodal representations about teachers in texts of high circulation may have on the general public, the ways in which such media outlets construe images about these professionals need to be addressed. Such representations may eventually permeate individual and collective discourses, actions and experiences about the role of the teacher and of education as a whole in society, especially in contemporary society where personal, social and professional relationships are increasingly fluid and fragmented (BAUMAN, 2000).

The results unveil representations and discourses about teachers in Brazil that have been disseminated in/by these multimodal texts, thus highlighting the general imagery used to maintain and/or challenge preconceptions about these professionals in different domains. On the one hand, the representations of teachers created by *Veja* have attempted to assign their exclusive responsibility for their students' failure or success. On the other hand, *Carta Capital* and *Nova Escola* have exposed the devaluation of the profession in face of serious socioeconomic issues in Brazil. In general terms, the discussions carried out were markedly relevant considering our country's current alarming political, economic and social landscape where certain discourses have surfaced to question the role of teachers in the classroom in an attempt to control what kinds of issues can be presented and discussed with their students[5].

Overall, this project has thus far allowed for the understanding of how visual and verbal language can be used to create specific representations of relevant social issues. While part of the results of the three completed studies seem to contribute to deconstructing biased notions of social movements, political figures and gender issues – with occasional representations of the inherent diversity in such matters –, they predominantly reveal how hegemonic discourses can be used to maintain inequitable social relations, oppressing expressions of ideologies, and fixed identities. Such imbalance can be exemplified by the images and discourses created 1) to construe street protests mainly as expressions of vandalism, and 2) to represent masculinity based on a hegemonic notion of manhood – the muscular, tough and overly sexual male.

Aiming to intensify multimodal investigations at Federal University of Paraíba, the research group GEPLAM[6] was created in 2018. Since then, readings and group discussions with all members have occurred regularly to construct a firm theoretical and methodological foundation for the inter/transdisciplinary undergraduate and postgraduate studies exploring concepts from Systemic Functional Linguistics, Critical Discourse Analysis, Multimodality, Multiliteracies as well as studies on Identity and

[5] This can be exemplified by the creation of the program "School Without Party" (*Escola sem Partido*), which allegedly represents parents and students who disfavor what they have termed "ideological indoctrination" in schools. In response to these attempts at silencing teachers by restricting what they are allowed to discuss with their students, the national front "School Without Muzzle" (*Escola sem Mordaça*) has been created by education workers unions, other labor and student syndicates, and social movements.

[6] Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e Multimodalidade/Multiletramentos (CNPq) (see dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3241713308813048).

Sexuality. The main goal is to solidify critical multimodal discourse studies as one of the main foundations for research carried out in the context of the undergraduate and post-graduate courses in Language and Linguistics at the Federal University of Paraíba.

3 CRITICAL GENRE ANALYSIS AND IMPLICATIONS FOR MULTILITERACIES: A PROJECT AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA

At the Laboratory of Research and Teaching of Reading and Writing (LabLeR)[7], Federal University of Santa Maria, the production of teaching materials integrates a cycle of theoretical reflection and pedagogical practice (KURTZ *et al.*, 2000; BEZERRA; NASCIMENTO, 2013). In the project entitled *Critical Genre Analysis and implications for multiliteracies*, we investigate categories and tools that attempt to aid language teachers in initial education to build the path from theory into the design of their own teaching materials (NASCIMENTO, 2017). We advocate that Critical Genre Analysis (MEURER, 2002; MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b; MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2015) and a Pedagogy of Multiliteracies (THE NEW LONDON GROUP, 2000) contribute to informing the development of classes and teaching materials for English as an Additional Language.

Critical Genre Analysis (CGA) (MEURER, 2002; MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b) departs from the notion that texts materialize the activities that we carry out in the various contexts of human experience and are permeated by discourses of several orders (MOTTA-ROTH, 2008b). When designing teaching materials oriented by CGA, it is crucial to define what to teach in terms of genre. By way of illustration, if we are to teach how citizens express an opinion on a topic or issue previously reported in the media, we may select a letter to the editor. If we are to teach how current events can be reported in online media by using images as the featured medium, we may choose an online news gallery[8] (CAPLE; KNOX, 2017).

Also crucial in CGA is a critical perspective towards selected genres. We consider that "[t]exts are sites of struggle in that they show traces of different discourses and ideologies contending and struggling for dominance" (WODAK; MEYER, 2008, p. 11). Comparison of competing discourses in similar genres and/or topics (experiential meanings) usually provides pedagogical examples for an initial analysis. To exemplify, we may identify two standpoints on the Israeli-Palestinian crisis[9] as encoded in the headline of the online news gallery and in the news report by Morris and Balousha (2018). While the first headline presumes a tension between two national groups (Palestinian-Israeli tensions rise) and indicates Palestinians as tangentially accountable for it (as protesters clash with soldiers), the second construes Israelis as unequivocal agents of an extremely negative action inflicted on the others (Israelis kill more than 50 Palestinians). The task of the analyst/teacher is to demystify such discourses by describing and explaining how language encodes (and often naturalizes) ideologies in order "[…] to produce enlightenment and emancipation" (WODAK; MEYER, 2008, p. 10).

From a Pedagogy of Multiliteracies (THE NEW LONDON GROUP, 1996; 2000), we draw on two arguments. First, the increasing multiplicity and integration of representational resources and new communication media are reshaping the way we use language. Take, for instance, the online news gallery, which draws on existing practices of reporting (e.g. news images with headlines, captions, and sometimes leads), and yet has unique features (e.g. large numbers of images as featured medium of a story) (CAPLE; KNOX, 2017). Second, "dealing with linguistic differences and cultural differences has become central" (THE NEW LONDON GROUP, 2000, p. 6) in education. Effective citizenship and productive work require that we interact effectively using multiple discourses, communication patterns, and institutional demands.

Context investigation is a central concern in CGA. We believe that "learning a language equates with analyzing discourse" (MOTTA-ROTH, 2008a, p. 374); consequently, "both for research purposes and for teaching purposes, the representations about the situation of language use are a point of departure for any intervention" (MOTTA-ROTH, 2008a, p. 374). Likewise, we also see

[7] LabLeR was founded and coordinated until recently by Professor Desirée Motta-Roth and has contributed to strengthening the development of pre-service and in-service language teacher education at the Federal University of Santa Maria and its region.
[8] For example: Palestinian-Israeli (2015).

[9] Events from May 2018 surrounding the opening of a U.S. Embassy in Jerusalem.

the intricate link between text and context for the design of pedagogical materials. Thus, the first step we take in the process of producing pedagogical materials at LabLeR is a needs analysis. In this step, student-teachers are stimulated to devise instruments to collect systematic information about their immediate teaching context with the aim of informing their decisions regarding the syllabus.

Needs analysis is widely recognized as a viable instrument in Applied Linguistics (HUTCHINSON; WATERS, 1988), but it assumes a critical role in teacher education programs. The data collected in the needs analysis guide all the subsequent phases of pedagogical material design and implementation, starting with the definition of the syllabus focus.

In our project, systematic data collection from the teaching context orients course syllabus design. It contributes to reducing the pressure of student-teachers' lack of experience by establishing parameters for the syllabus. These parameters range from concrete information concerning the context of production of the teaching process (proficiency level, language skills, institutional guidelines), and the context of consumption of the textbook (profile of the target audience, language background and proficiency), to information regarding needs and interests in terms of spheres –academic, professional, general –and genres)[10]. In a CGA-oriented program, a needs analysis must be aimed at revealing the repertoire of genres the target audience is familiarized with and those they need or wish to engage with. If data collection does not render specific genres, the analyst should, at least, identify the social spheres in which the target audience needs or wishes to participate. With these contextual parameters in mind, we can set out to discuss syllabus design oriented by CGA.

3.1 LANGUAGE IN CRITICAL GENRE ANALYSIS: A BRIEF REVIEW BEFORE SYLLABUS DESIGN

As previously suggested, in CGA[11], "the analysis of linguistic and rhetorical elements of the text (as in traditional Genre Analysis) is combined with the analysis of ideological elements of context (as in Critical Discourse Analysis)" (MOTTA-ROTH, 2008a, p. 370). It thus "lends itself to an analysis that is simultaneously detailed, since it explains and locates linguistic elements in time and space, and problematizing, since it denaturalizes values that are laid" (MOTTA-ROTH, 2008a, p. 370) in the text.

By adopting the concept of stratification from Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY, 1978; MARTIN, 1992), we believe that meaning is made in layers or communicative planes, conventionally represented by concentric circles. These planes involve the most concrete and perceptible ones, such as Graphology, Phonology and Lexicogrammar, and the most abstract and less tangible ones, such as Register and Genre. For critical genre analysts (MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b, based on MARTIN, 1992, p. 496), a sixth layer, the plane of Discourse, is added to the model to account for the ideological aspects of texts (Fig. 1).

[10] For examples on how to build instruments for needs analysis and how to define parameters from them, please refer to Nascimento (2017).

[11] A syncretism of Critical Discourse Analysis, Genre Analysis and Systemic Functional Linguistics.

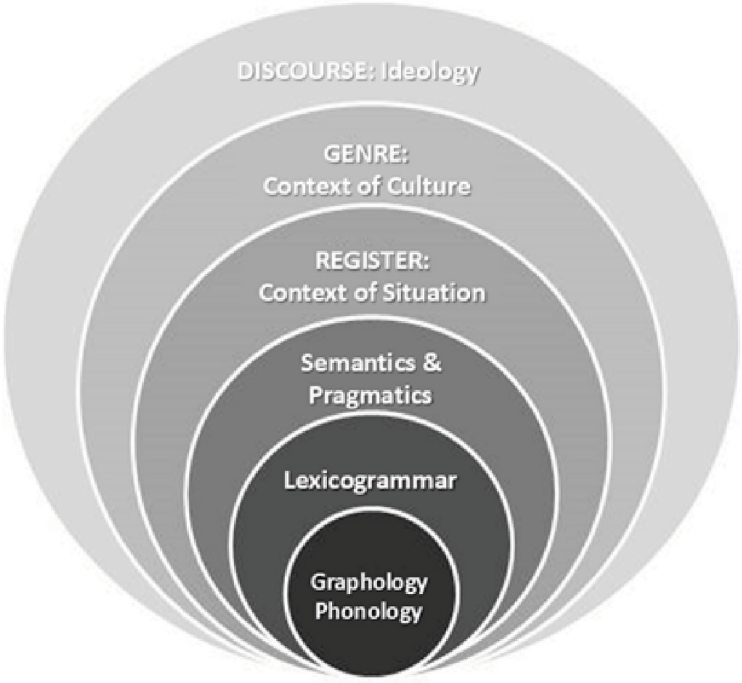


Figure 1: Communicative planes in Critical Genre Analysis
Source: Adapted from Motta-Roth (2008a).

We briefly explain each plane and illustrate how they operate in a multimodal text (Fig. 2) that features in a workshop of our project[12]. We argue that failing to interpret meaning at each layer of the text may impair its overall meaning-making.

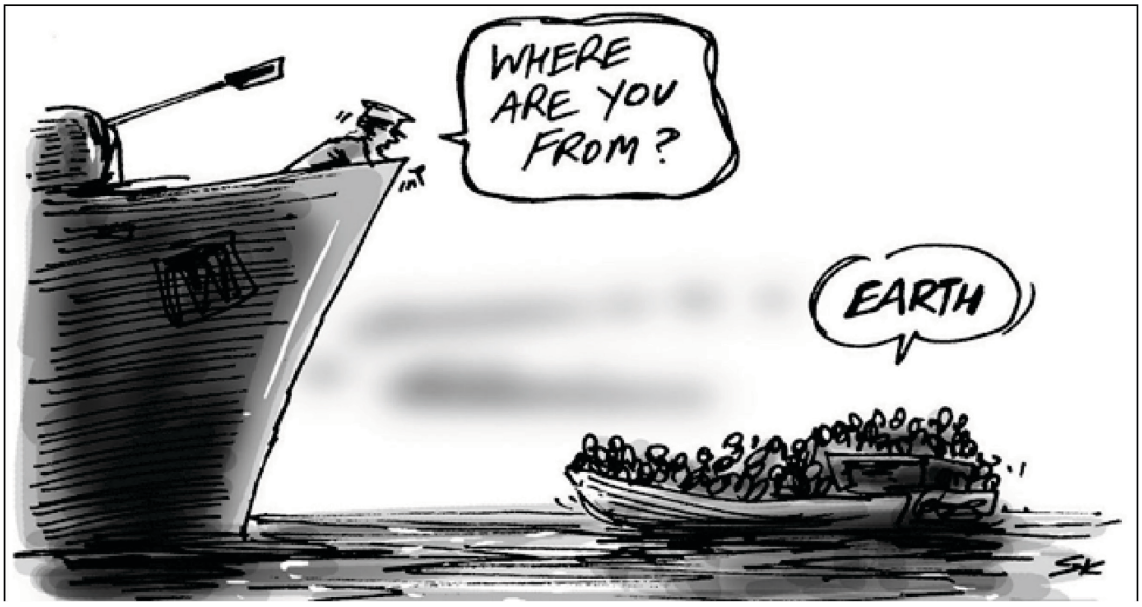


Figure 2: Editorial cartoon by Simon Kneebone (2015) on the migrant crisis[13]
Source: Kneebone (2015).

The most concrete plane of meaning is Graphology or Phonology. In Figure 2, for example, the casual and clean font style adopted in the verbal interaction is accompanied by the bold face type in the speech balloon on the right. It indicates added volume or pitch of voice, most likely as an extra effort by the small boat travelers to be heard from far below.

[12] In one of the workshops in the project, student-teachers are challenged to design a syllabus and an EAL lesson for adult beginners using the cartoon either as a nuclear text or as complementary language input.

[13] For contextual information, see Champion (2015). We thank Simon Kneebone for allowing us to reprint the image.

The plane of Lexicogrammar concerns the choices in terms of lexicon and grammatical structure mobilized in the text. In Figure 2, the choice of interrogative mood realizes a Wh-question (Mood) about a circumstantial Attribute of origin/nationality (Transitivity).

The plane of Semantics and Pragmatics[14] involves a) the domain of human experience construed in the text (experiential meanings); 2) the speech roles and power relations projected (interpersonal meanings); and 3) the values attributed to text components according to how they are arranged in the text (textual meanings). In Figure 2, the character on the left demands the identity (domain of being) of those on the right, who comply by giving information (declarative mood). However, instead of national identity, the response refers to planetary origin, which provokes readers and implies further layers of meaning.

In Register (Context of Situation), we observe the extent to which immediate institutional context is manifested in the text in terms of Field (what), Tenor (who) and Mode (how). In Figure 2, Register interpretation depends on multiliteracies[15] since the Field of migration is realized predominantly by visual resources – two vessels in the sea, one fragile and overcrowded boat with faceless humans, denoting the usual traveling conditions of migrants, in contrast with the large and imposing ship from which migrants are inspected. As for Tenor, the visual attributes of the character on the left - dressed in a uniform, from an equipped ship, symbolizes an officer (social role) in a position of authority to demand the information (see Interpersonal meanings above) from many crammed travelers in a small boat. Moreover, the relative location of the officer on the ship (looking down on) suggests power over the migrants. In Mode, we can observe that the message is realized graphically (channel), but simulates a spoken interaction (medium), and both images and verbiage are constitutive (language role).

In the layer of Genre (Context of Culture), we are concerned with identifying the social activity, manifested as oral, written or multimodal texts, that is recognized by its function in a given culture. In this sense, Figure 2 shows an editorial cartoon, a visual/verbal text in which the cartoonist combines artistic skill, hyperbole and satire in order to question authority and draw attention to a current social ill: migration crisis. The non-compliant response by migrants (Earth) is the satirical key of this cartoon since it challenges the legitimacy of the intervention by the officer and leads us to the next level of meaning, that of Discourse.
As suggested previously, Discourse[16] gives us access to the ideologies, that is, views of how things work or should work (NASCIMENTO, 2017) that are encoded in texts and often taken as natural.

> Discourse can be understood as the use of language that is socially determined, creates senses, reflects the ideological perspective and influences the society and culture to which it belongs, making it possible the maintenance (or change) of social relations. In this sense, discourse can be understood as constituting and being constituted by society and culture, since it simultaneously plays a part in them, acts over them, conditioning them and constraining them. (SCHERER, et al., 2014, based on FAIRCLOUGH, 1992)

In Figure 2, the cartoonist expresses his criticism towards the usual approach to migrants by officials from developed countries. This is indexed by the lexical choice 'Earth' given by migrants, which defies nationality as a norm and offers an alternative response to the issue: we "are all humans on a small planet, trying to hang on".

After indicating how each communicative plane can be accessed and contributes to the overall meaning making of a text, the next step is to demonstrate how this theoretical approach has been recontextualized into a syllabus that orients the design of teaching materials in English as an Additional Language (EAL) in our project.

[14] Discourse Semantics in Systemic Functional Linguistics.

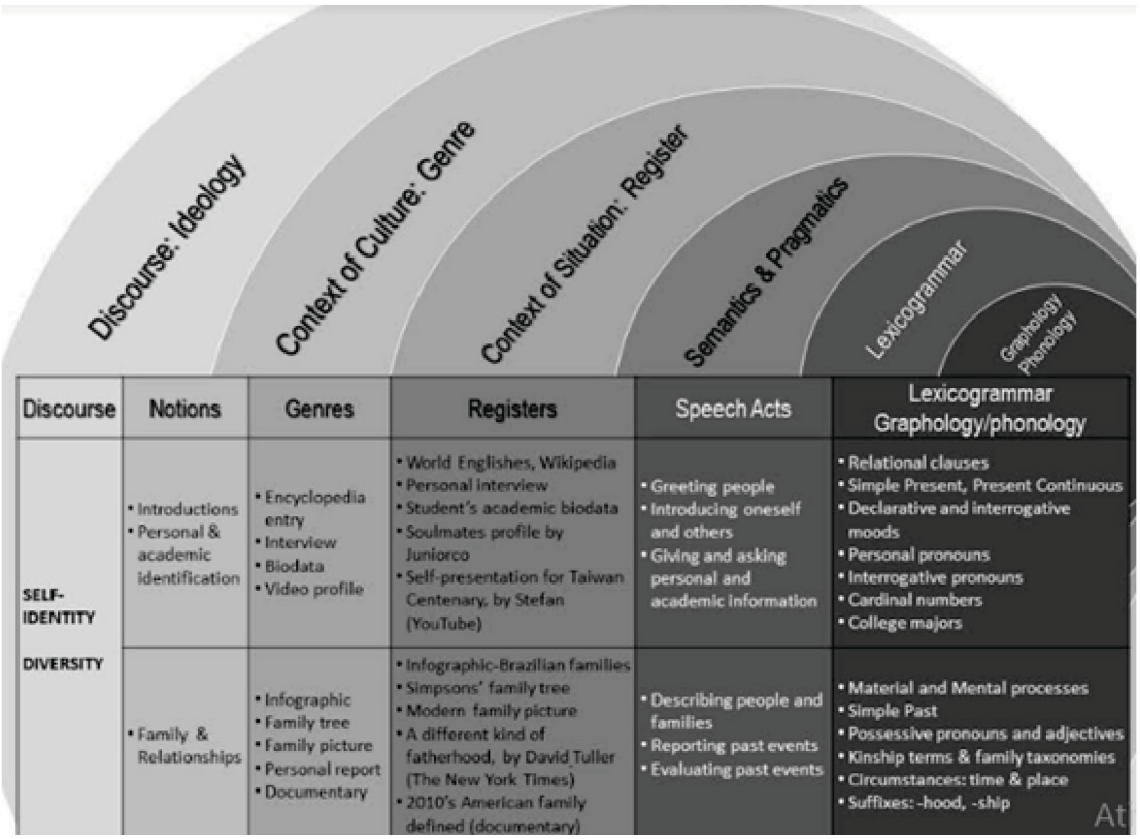
[15] The analysis here is merely exploratory. Visual meanings are constitutive of cartoons and operate in all of the six communicative planes.

[16] We shall capitalize the term Discourse, Register, Semantics and Pragmatics, Lexicogrammar, Graphology and Phonology when used as analytical categories for language following Systemic Functional Linguistics conventions (HALLIDAY, 1978; MARTIN, 1992).

3.2 SYLLABUS DESIGN IN CGA: MAPPING THE LAYERS OF MEANINGS FOR A COURSE OF ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE (EAL)

A syllabus is a statement of content and its grading serves as the basis for planning courses of various kinds (NUNAN, 1988). Among the widely known types of syllabuses are the structural, the notional-functional and the task-based. What seems to define each type is "some unit around which to organize lessons and teaching materials" (LONG; CROOKES, 1991, p. 5), which, in turn, derives from a theory of language and of language learning.

In our project, we propose syllabus design oriented by CGA. Figure 3 illustrates how the language stratification can be recontextualized into a syllabus composed of six columns: Discourse, Notions, Genres, Registers, Speech Acts, and Lexicogrammar and Phonology/Graphology, which approximately reflect the six communicative planes in CGA. The organization in strata not only indicates the contents to be taught[17], but a hierarchy for such contents.



Discourse	Notions	Genres	Registers	Speech Acts	Lexicogrammar Graphology/phonology
SELF-IDENTITY	• Introductions • Personal & academic identification	• Encyclopedia entry • Interview • Biodata • Video profile	• World Englishes, Wikipedia • Personal interview • Student's academic biodata • Soulmates profile by Juniorco • Self-presentation for Taiwan Centenary, by Stefan (YouTube)	• Greeting people • Introducing oneself and others • Giving and asking personal and academic information	• Relational clauses • Simple Present, Present Continuous • Declarative and interrogative moods • Personal pronouns • Interrogative pronouns • Cardinal numbers • College majors
DIVERSITY	• Family & Relationships	• Infographic • Family tree • Family picture • Personal report • Documentary	• Infographic-Brazilian families • Simpsons' family tree • Modern family picture • A different kind of fatherhood, by David Tuller (The New York Times) • 2010's American family defined (documentary)	• Describing people and families • Reporting past events • Evaluating past events	• Material and Mental processes • Simple Past • Possessive pronouns and adjectives • Kinship terms & family taxonomies • Circumstances: time & place • Suffixes: -hood, -ship

Figure 3: From communicative planes to a CGA-based syllabus
Source: Adapted from Motta-Roth (2012).

As we align "learning a language" with "analyzing discourse" (MOTTA-ROTH, 2008a, p. 374), in this project, discourse is viewed as "a mode of social practice that is both structured by society and, at the same time, contributes to structuring that same society" (COTS, 2006, p. 339). From these tenets, we derive two criteria to start syllabus design: we use Genre as the unit of language from which other units derive; and we select genre samples based on Discourse. For example, Figure 2 brings a text that was selected using the criterion of Genre (editorial cartoon) and of Discourse (human rights above national identities).

In functional proposals in general, textbooks tend to focus on exploring the functions of language rather than on building up the communicative event realized by the text (TICKS, 2006). In our project, we focus on texts that realize authentic social activities. By exposing learners to genre exemplars that preserve their original textual features, we increase the potential for learners to retrieve the context to which they belong and give them social significance. By exposing learners to authentic, non-pasteurized texts, we also

[17] These contents will be preferably circumscribed to the spheres and genres of interest and need by target audience as indicated in the needs analysis.

allow access to the "ideologically determined ways of talking and writing about persons, places, events or phenomena" (COTS, 2006, p. 339). Thus, placing Discourse as the first column in the syllabus compromises syllabus designers and teachers towards educating for the sociological role language plays in the maintenance or transformation of society.

The column of Notions, traditionally adopted in notional-functional syllabuses to account for the concepts and situations selected for language teaching (NUNAN, 1988; LONG; CROOKES, 1991), has a double function in our syllabus. It grounds the highly abstract layer of Discourse to specific subject matters and it also orients the subdivision of the syllabus, at the horizontal axis, around topics or spheres (for example, cultural, academic) that correspond to course units.

The Genre column indicates the status we assign to genres as "the structuring nexus" (MOTTA-ROTH, 2008b, p. 246) of our culture and to language learning as mastering the language associated with a set of recognized and highly valued social activities. In our syllabus, genres work both as a methodological tool for teacher education and as a language to be learned.

The Register column signals that social activities are conditioned by the immediate institutional contexts in which they occur. Without Register, it would be impossible to find examples of recognizable human activities (MARTIN, 2001, p. 160). To fill in the Register column the syllabus designer needs to identify one exemplar of a Genre. The 2015 text by Simon Kneebone on migration, for instance, is a specific manifestation of the general category editorial cartoon.

The inclusion of a column for Speech Acts in the syllabus hierarchy implies that the engagement in social activities is realized via language acts. In notional–functional syllabuses, they "may be described as the communicative purposes for which we use language" (NUNAN, 1988, p. 35). In our syllabus, such purposes are tightly connected to the communicative purpose that defines the genre as well as those that unfold as its stages and/or rhetorical moves. We may also specify the speech functions directly associated with Register. For example, in the editorial cartoon of Figure 2, the speech functions of giving and demanding personal information regarding origin.

Structural syllabuses are oriented by the system of the language. Contents are selected and arranged according to the criterion of grammatical progression, from the simplest to the most grammatically complex elements (NUNAN, 1988, p. 28). In the CGA-based syllabus, Lexicogrammar and Graphology/phonology are conceived as meaning-making resources that are functionally mobilized in contexts. Thus, in our syllabus, this layer of meaning-making occupies the last column, signaling that choices of vocabulary and grammatical structure (and phonology/graphology) should not be taught primarily according to their intrinsic complexity but according to their communicative and social relevance to the given social actors. From this principle, we suggest that the editorial cartoon on migration could be included in the syllabus of a course aimed at beginners up to advanced EAL learners since the intrinsic complexity is not the structure of the language or of the image but the contextual and sociological meanings it entails. Pedagogical adequacy would depend on the activities developed from the cartoon.

In this part of the paper, we discussed how CGA (MEURER, 2002; MOTTA-ROTH, 2008a, 2008b) and a Pedagogy of Multiliteracies (THE NEW LONDON GROUP, 1996, 2000) can orient the development of tools for the teaching of EAL. Within these approaches, a needs analysis provides access to concrete data from the teaching context contributing to (1) reducing the pressure on teachers in initial education; (2) increasing the potential of the syllabus to meet the needs and interests of the target audience; and (3) developing pedagogical literacies in teacher education programs.

We have then reviewed and demonstrated how language stratification can be recontextualized to the design of a CGA-oriented syllabus (MOTTA-ROTH, 2012; SCHERER *et al*., 2014) that is organized primarily around Genres and Discourses rather than departing from lexicogrammar. We hypothesize that one of our biggest challenges in language education in the Brazilian context may not be lexicogrammatical competence but an awareness of how language promotes or hinders social insertion (MOTTA-ROTH, 2006, p. 160).

4 SOME CONCLUSIONS

In this paper, we have shown how two multimodal projects applied to the education of student-teachers of English as an additional language may contribute to their professional development in terms of allowing them to perceive the role of different semiotic resources used in contemporary communication. It seems that the projects reported here, aligned with Kress and van Leeuwen's work, have attempted to explore the use and meaning-making potentials of semiotic resources and how these resources interact to create meaning multimodally.

The project entitled *Reading the verbal text and the image in contemporary media* at the Federal University of Paraíba emphasizes critical multimodal reading in teacher education in times when discourses are consistently reinforced and/or challenged to cope with pressing issues, such as corruption, social injustice, political intolerance and gender violence. If our goal as teacher educators is in nuce to assist student-teachers, and their students, towards the development of a critical stance in reading their worlds (FREIRE, 2017[1981]), the choice of exploring the affordances of critical multimodal discourse analysis may prove truly valuable, especially when considering the potential and challenges posed by digital information and communication technologies (BEZERRA, 2021).

Regarding the project *Critical Genre Analysis and implications for multiliteracies* at the Federal University of Santa Maria, it seems that the ability to evaluate and to develop teaching materials that are adequate to specific contexts is one of the pivotal literacies to the education of language teachers. Such literacies can be conceived in terms of levels of complexity. A first level involves the mobilization by the teacher of knowledge, abilities, and criteria to review and to select (a) textbook(s) from those available and also produced by other authors. A second level pertains to a set of theories, abilities and methodologies undertaken by the language teacher so that s/he becomes the investigator, developer and reviewer of his/her own knowledge and practice (TICKS, 2006; VIAN JR, 2011). In that sense, we hope to add to previous research (HEBERLE, 2000; MEURER, 2002; TICKS, 2006; MOTTA,-ROTH, 2008b) in their effort to qualify the teaching of English in Brazil.

Our main hope is that both projects reported here may trigger actions and research towards a critical stance regarding the affordances of semiotic resources in social practices and how the use of these resources may offer alternatives for relevant educational practices.

REFERENCES

BAUMAN, Z. *Liquid modernity*. Cambridge, Malden: Polity Press, 2000.

BEZEMER, J.; KRESS, G. *Multimodality, learning and communication*: a social semiotic frame. London: Routledge, 2016.

BEZERRA, F. *Language and image in the film* Sex and the City*: a multimodal investigation of the representation of women*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Inglês. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

BEZERRA, F. A análise crítica do discurso e os multiletramentos: o papel da linguagem no fazer docente contemporâneo, *In*: NÓBREGA, C.; ARCOVERDE, R.; BRANCO, S. e FARIAS, W. (org.). *Educação linguística e literária*: discursos, políticas e práticas, Campina Grande: UFCG, 2016. p. 189-204.

BEZERRA, F. Experiências de ensino-aprendizagem remoto de inglês na licenciatura de Letras/Inglês durante a pandemia de Covid-19: multiletramentos digitais e interseccionalidade. *Ilha do Desterro*, v. 74, p. 41-66, 2021.

BEZERRA, F.; NASCIMENTO, R. The role of multimodality labs in multiliteracies projects. *Ilha do Desterro*, v. 64, p. 135-171, 2013.

BEZERRA, F.; FAGUNDES, J. Leitura crítica do discurso multimodal em representações midiáticas das manifestações de junho de 2013. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 95-114, 2018.

BEZERRA, F.; NETO, J. Investigando representações da presidenta Dilma Rousseff e do vice-presidente Michel Temer em capas de revistas nacionais sobre o impeachment. *Letras*, v. 28, n. 56, p. 71-98, 2018.

BEZERRA, F.; ROCHA, A. F. Investigando representações de masculinidades em capas de revistas para o público LGBT+. *Revista do GELNE*, v. 22, p. 215-230, 2020.

BEZERRA, F.; OLIVEIRA, T. Análise crítica do discurso multimodal de representações de professores/as em capas de revistas nacionais. *Revista X*, v. 16, p. 742-772, 2021.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL, *Parâmetros curriculares nacionais*: língua portuguesa, secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

CAPLE, H.; KNOX, J. S. Genre(less) and purpose(less): online news galleries. *Discourse, Context & Media*, v. 20, p. 204-217, [Special Issue on Genre.], 2017.

CHAMPION, M. The cartoon that sums up the world's 'migrant crisis'. *Indy100*, London, 20 May 2015. Available at: https://www.indy100.com/article/the-cartoon-that-sums-up-the-worlds-migrant-crisis--g12atJpSWZ. Last access: 18 Oct. 2022.

CONNELL, R. *Masculinities*. 2. ed. Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONSTANTY, V. P. C. *Verbal and visual intermodal relations and the construction of interpersonal meanings in minimalist children's picture books*. 2018. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Inglês. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

COPE, B.; KALANTZIS, M. New literacies, new learning "multiliteracies": new literacies, new learning. *Pedagogies: An International Journal*, v. 4, n. 3, p. 1–54, 2009.

COTS, J. M. Teaching with an attitude: critical discourse analysis in EFL teaching, *ELT Journal*, Oxford University Press, v. 60, n. 4, p. 336-345, 2006.

DJONOV, E.; ZHAO, S. Social semiotics: a theorist and a theory in retrospect. *In*: ZHAO, S.; DJONOV, E.; BJÖRKVALL, A.; BOERISS, M. (ed.). *Advancing multimodal and critical discourse studies: interdisciplinary research inspired by Theo van Leeuwen's social semiotics*. New York, London: Routledge, 2018. p. 1-17.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis*. London, New York: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. Oxon, New York: Routledge, 2015.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2017[1981].

GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1991.

HALL, S. The question of cultural identity. *In*: HALL, S.; HELD, D.; MCGREW, T. (ed.). *Modernity and its futures*. Cambridge: Policy Press/Blackwell Publishers/Open University, 1992. p. 273-325.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed., London/New York: Routledge, 2014.

HEBERLE, V. Critical reading: integrating principles of critical discourse analysis and gender studies. *Ilha do Desterro*, v. 38, p. 115-138, 2000.

HEBERLE, V. Multimodal literacy for teenage EFL students. *Cadernos de Letras UFRJ*, v. 27, p. 101-116, 2010.

HEBERLE, V. Práticas sociais na contemporaneidade: multiletramentos, identidades e narrativas multimodais. Projeto aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o período 2015-2019, 2015.

HEBERLE, V.; DE SOUZA, F.; DODL, L. The happiest place on Earth: a spatial discourse analysis of Disney's Epcot World Showcase. *Revista Linguagem em Foco*, v. 12, n. 3, p. 405-426, 2021.

HENDGES, G. R.; FLOREK, C. S. The graphical abstract as a new genre in the promotion of science. *In*: LUZÓN, M.; PÉREZ-LLANTADA, C. (ed.). *Science communication on the internet*: old genres meet new genres**.** Amsterdam, Philadelphia: Johns Benjamins, 2019. p. 59-79.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. *English for specific purposes*: a learning-centered approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

JEWITT, C.; KRESS, G. (ed.). *Multimodal literacy*. New York: Peter Lang, 2008.

KALANTZIS, M; COPE, B.; CHAN, E.; DALLEY-TRIM, L. *Literacies.* 2. ed. Port Melbourne: Cambridge University Press, 2016.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educ. Soc.*, v. 29, n. 104, p. 687-715, 2008.

KNEEBONE, S. Where are you from? *Simon Kneebone - cartoonist and illustrator*, Adelaide, 20 May 2015. Available at: https://simonkneebone.com/2015/05/20/where-are-you-from. Last access: 18 Oct. 2022.

KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

KRESS G. *Multimodality*: a social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse*: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images*: the grammar of visual design. 2. ed. London, New York: Routledge, 2006.

KURTZ, F. D; MOTTA-ROTH, D.; OLIVEIRA, F. M.; COLUSSI, L.; NASCIMENTO, R. G.; MARCUZZO, P.; HENDGES, G. R.; REIS, S. C. LABLER: uma experiência de qualificação do aluno de Letras na Universidade Federal de Santa Maria. *In*: LEFFA, V. J. (org.). *TELA 2*: Textos em Linguística Aplicada [CD-ROM]. Publicação eletrônica da Revista Linguagem & Ensino. 2. ed., Pelotas: UCPEL-EDUCAT, n. 2, 2000. p. 1-10.

LONG, M. H.; CROOKES, G. Three approaches to task-based syllabus design. *Working Papers in ESL*, v. 10, n. 1, p. 1-36, 1991.

MARTIN, J. R. *English text*: system and structure. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN. J. R. Language, register and genre. *In*: BURNS, A.; COFFIN, C. (ed.). *Analysing English in a Global Context*. London: Routledge, 2001. p. 149-166.

MEURER, J. L. Reflexões sobre o ensino: três perguntas não mistificadoras que você pode aplicar aos textos que traz para a sala de aula. *In*: COSTA, M. J. D.; ZANATTA, M.; ZIPSER, M. (org.). *Línguas*: ensino e ações. Florianópolis: UFSC/NUSPPLE, 2002. p. 133-140.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

MOITA LOPES, L. P. "Falta Homem até pra Homem": a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. *In*: HEBERLE, V.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. (org.). *Linguagem e gênero*: no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 131-157.

MONTE MÓR, W.; MORGAN, B. Between conformity and critique. developing "activism" and active citizenship: dangerous pedagogies? *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 14, n. 2, p. 16-35, 2014.

MORRIS, L.; BALOUSHA, H. Israelis kill more than 50 Palestinians in Gaza protests, health officials say. *The Washington Post*, Washington DC, 14 May 2018. Available at: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/gaza-protests-take-off-ahead-of-new-us-embassy-inauguration-in-jerusalem/2018/05/14/eb6396ae-56e4-11e8-9889-07bcc1327f4b_story.html. Last access: 18 Oct. 2022.

MOTTA-ROTH, D. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto da cultura. *In*: KARWOSKI, A. M.: GAYDECKA, B.; BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 165-185.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino de linguagem. *D. E. L. T. A.*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008a.

MOTTA-ROTH, D. Para ligar a teoria à prática: roteiro de perguntas para orientar a leitura/análise crítica de gênero. *In*: MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, T.; HENDGES, G. R. (org.). *Análise de textos e discursos*: relações entre teorias e práticas. Santa Maria: PPGL Editores, 2008b. p. 243-272.

MOTTA-ROTH, D. Palestra de abertura. *In*: X Fórum CLAC/UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. A short cartography of genre studies in Brazil. *Journal of English for Academic Purposes*, v. 19, p. 22-31, 2015.

NASCIMENTO, R. Análise crítica de gênero, planejamento de material didático e letramentos do professor de inglês como língua estrangeira/adicional. *In*: TOMITCH, L. e HEBERLE, V. (org.). *Perspectivas atuais de aprendizagem e ensino de línguas*. 1. ed. Florianópolis: LLE/PPGI/UFSC, 2017. p. 121-152.

NUNAN, D. *Syllabus design*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

PALESTINIAN-ISRAELI tensions rise as protesters clash with soldiers, in pictures. *The Telegraph*, London, 16 Oct. 2015. Available at: https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/israel/11928874/Palestinian-Israeli-tensions-rise-as-protesters-clash-with-soldiers-in-pictures.html. Last access: 18 Oct. 2022.

RAVELLI, L.; HEBERLE, V. Bringing a museum of language to life: the use of multimodal resources for interactional engagement in the Museu da Língua Portuguesa, Brazil. *Revista Brasileira de Linguistica Aplicada*, v. 16, p. 521-546, 2016.

RAVELLI, L.; MCMURTRUIE, R. *Multimodality in the built environment: spatial discourse analysis*. New York, London: Routledge, 2015.

RODRIGUES, J. *Recursos interpessoais, interativos e construções identitárias na localização para o português brasileiro do jogo digital God of War* (2018): uma análise crítica multimodal. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO R.; MOURA, E. (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROYCE, T. Multimodal communicative competence in second language contexts. *In*: ROYCE, Terry.; BOWCHER, Wendy. (ed.) *New directions in the analysis of multimodal discourse*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007. p. 361-403.

SAINT-GEORGES, I.; WEBER. J. *Multilingualism and multimodality*: current challenges for educational research. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.

SCHERER, A.; MOTTA-ROTH, D.; SELBACH, H.; FLORÊNCIO, J. A.; BEVILACQUA, R. *Diretrizes curriculares para o ensino de inglês na escola*: caderno de formação. Santa Maria: UFSM, CAL, Departamento de Letras Estrangeira Modernas, Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação, 2014.

SOUZA, F. *Don't mess with a witch*: power relations, gender and subcultural issues on witches' representation in the media. 2016. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SOUZA, F. "*The world could always use more heroes*": a social semiotic analysis of the game Overwatch. 2021. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. *Multiliteracies*: literacy learning and the design of social futures. London, New York: Routledge. (2000[1996]). p. 9-36.

TICKS, L. K. O livro didático de língua inglesa sob a perspectiva da análise de gênero. *In*: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C.; RICHTER, M. (org.). *Linguagem, cultura e sociedade*. Santa Maria: UFSM, CAL, PPGL, 2006. p. 169-189.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London, New York: Routledge, 2005.

VIAN JR., O. A educação linguística do professor de inglês. *In*: SZUNDY, P. T. C. ; ARAUJO, J. C. ; NICOLAIDES, C. S.; SILVA, K. A. (org.). *Linguística aplicada e sociedade*: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. Campinas: Pontes, 2011. p. 61-75.

VIDAL, C.; HEBERLE, V. Games e tradução: o design de uma experiência acadêmica. *In*: SANTOS, A. L. e SANTA, E. V. (org.). *Literatura, arte e tecnologia*. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2103. p. 161-184.

UNSWORTH, L. *Multimodal semiotics*: functional analysis in contexts of education. London, New York: Continuum, 2008.

WODAK, R.; MEYER, M. *Methods of critical discourse analysis*. London: SAGE, 2001.

MAGAZINE COVERS

CARTA CAPITAL. São Paulo: Confiança, edição 897, 15 abril 2016a.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Confiança, edição 899, 20 abril 2016b.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Confiança, edição 917, 01 setembro 2016c.

ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo, edição 786, 19 de junho de 2013a.

ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo, edição 807, 08 de novembro de 2013b.

ISTOÉ. São Paulo: Editora Três, edição 2274, 19 de junho de 2013a.

ISTOÉ. São Paulo: Editora Três, edição 2276, 03 de julho de 2013b.

MAISJR. São Paulo: Liberado Junior, edição 02, novembro de 2015.

MAISJR. São Paulo: Liberado Junior, edição 06, março de 2016a.

MAISJR. São Paulo: Liberado Junior, edição 10, julho de 2016b.

MAISJR. São Paulo: Liberado Junior, edição 14, novembro de 2016c.

MAISJR. São Paulo: Liberado Junior, edição 18, março de 2017a.

MAISJR. São Paulo: Liberado Junior, edição 22, julho de 2017b.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2326, 19 junho 2013a.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2327, 26 junho 2013b.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2328, 03 julho 2013c.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2335, 21 agosto 2013d.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2455, 09 dezembro 2015.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2474, 20 abril 2016a.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2494, 07 setembro 2016b.

Received on September 27, 2021. Approved on June 07, 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e77223

TIPOS DE ATIVIDADES DE ORALIDADE: UM ESTUDO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS

TIPOS DE ACTIVIDADES DE ORALIDAD: UN ESTUDIO SOBRE EL LIBRO DIDÁCTICO PORTUGUÉS

SPEAKING ACTIVITIES: A STUDY ON PORTUGUESE TEXTBOOKS

Ewerton Ávila dos Anjos Luna*
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Hérica Karina Cavalcanti Lima**
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Siane Gois Cavalcanti Rodrigues***
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: Após desenvolver pesquisa sobre oralidade no livro didático de Português adotado em escolas brasileiras (SILVA; LUNA, 2014) e almejando investigar outro contexto, este estudo objetivou analisar atividades de oralidade em manual adotado em Portugal. Para isso, realizou-se pesquisa qualitativa, cujo *corpus* é formado por um manual didático do 3º ciclo do Ensino Básico (correspondente ao 9º ano do Ensino Fundamental brasileiro). As análises foram fundamentadas nos pressupostos teóricos

* Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING-UFPB), com estágio na Universidade de Aveiro/Portugal (UA). Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (DL-UFRPE). E-mail: ewertonavila2@gmail.com.

** Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGE-UFPE), com estágio na Universidade de Aveiro/Portugal (UA). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: hkarinacl@yahoo.com.br.

*** Pós-Doutora em Fonética, Fonologia e Ensino da Língua Portuguesa na Universidade de Aveiro/Portugal (UA). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sianegois@yahoo.com.br.

presentes em trabalhos como os de Marcuschi (2007) e de Dolz, Schneuwly e Haller (2004). Os resultados apontam que o domínio da oralidade é bastante presente no manual e dialoga parcialmente com o documento oficial em vigência, o Programa e as Metas de Português do Ensino Básico (BUESCU *et al.*, 2015). Em relação aos tipos de propostas, identificamos atividades que possibilitam, relativamente, aos alunos evoluírem em suas práticas de usos linguísticos, pois elas pouco contribuem para formação do usuário competente da língua materna.
PALAVRAS-CHAVE: Ensino-Aprendizagem de Português. Livro didático de Português. Atividades de oralidade.

RESUMEN: Tras desarrollar investigación sobre oralidad en Libro Didáctico de Portugués adoptado en escuelas brasileñas (SILVA; LUNA, 2014) y deseando investigar otro contexto, este estudio buscó analizar actividades de oralidad en manual adoptado en Portugal. Para ello, se realizó una pesquisa cualitativa cuyo corpus está compuesto por manual didáctico del 3º ciclo de la Enseñanza Básica (equivalente al 9º año de la Enseñanza Fundamental brasileña). Los análisis están basados en aportes teóricos de Marcuschi (2007) y Dolz, Schneuwly y Haller (2004). Los resultados señalan que el dominio de la oralidad es bastante presente en el manual y dialoga parcialmente con el documento oficial vigente, el "Programa e Metas de Português do Ensino Básico" (BUESCU et al., 2015). Con relación a los tipos de propuestas, identificamos dos: las que posibilitan relativamente que los estudiantes incrementen sus prácticas lingüísticas y las que poco contribuyen para la formación del usuario competente de la lengua materna.
PALABRAS-CLAVE: Enseñanza-aprendizaje de Portugués. Libro Didáctico de Portugués. Actividades de oralidad

ABSTRACT: After developing a research about Orality on Portuguese textbooks used at Brazilian schools (Silva; Luna, 2014) and now undergoing another context, this study aimed at analizing speaking activities on manuals used in Portugal. By doing it so, a qualitative research whose *corpus* is formed by a didactic manual on the 3rd cycle of basic teaching (which, in Brazil, is equivalent to the 9th year of Elementary School) was carried out. The analyses were based on theoretical assumptions found in works like those of Marcuschi (2007); Dolz, Schneuwly and Haller (2004). The results point out that the orality axis is way present on manuals and has been partially in dialogue with current offical papers, that is, the Portuguese Curriculum Programs and Goals on Basic Education (Buescu *et al*, 2015). Regarding proposal types, we identified some activities that make, in a relative way, students enhance their practices on linguistic usage as well as others with less contributions to competent user training in terms of mother tongue.
KEYWORDS: Teaching and learning Portuguese. Portuguese textbook. Speaking activities.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre ensino-aprendizagem da oralidade, nos últimos anos, vêm, progressivamente, depreendendo o olhar de pesquisadores preocupados em contemplar um eixo de ensino de língua que, em período anterior, não recebia tanta atenção como os eixos da leitura e da produção escrita, por exemplo (MARCUSCHI, 2007; SCHNEUWLY, 2004; DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004). Nesse contexto, o Material Didático, por ser muito presente nas salas de aula, torna-se um relevante e rico objeto de estudo.

Em pesquisa anterior, foram analisados Livros Didáticos de Português (doravante LDP) utilizados no Brasil, e observou-se que a presença do eixo da oralidade é mínima, sobretudo quando comparado aos demais. Apesar disso, diante de práticas históricas de apenas contemplar a leitura em voz alta e conversa com colegas, o material utilizado na aula de Língua Portuguesa vem mudando paulatinamente (SILVA; LUNA, 2014).

No Brasil, os avanços observados nos livros dos anos finais do Ensino Fundamental estão, principalmente, voltados para a produção de gêneros orais. Dentre as razões para explicar isso, podemos citar a necessidade do atendimento dos autores às exigências presentes nos Editais do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

Após desenvolver estudos sobre a realidade brasileira e experienciar vivências em Portugal, em estágios de doutorado e na realização de pós-doutorado, levantamos algumas questões relacionadas ao manual português: como se apresentam as atividades de oralidade no que se refere à compreensão auditiva, à produção oral e à análise linguística do texto oral? Quais os tipos de atividade de

compreensão auditiva? Quais os propósitos das propostas de produção oral? As atividades de análise linguística permitem articulação com oralidade? As atividades em torno da oralidade dialogam com os documentos oficiais?

Considerando esses questionamentos, objetivamos, neste estudo, analisar propostas de atividades de oralidade presentes no Livro Didático de Português adotado em Portugal. Para isso, realizamos um estudo qualitativo, que tem como *corpus* uma coleção didática portuguesa utilizada no 3º Ciclo do Ensino Básico, o que corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental no sistema de ensino brasileiro. O recorte para este artigo, contudo, considera o livro do 9º ano, e o critério para a sua escolha foi estar de acordo com o currículo oficial Português: o Programa e Metas de Português do Ensino Básico, doravante PMPEB (BUESCU *et al.*, 2015).

A fim de alcançar os objetivos propostos, as atividades de oralidade foram todas identificadas e analisadas. Neste texto, trazemos, na seção de análise dos dados, excertos representativos dos casos observados, seguindo as macrocategorias: i. atividades de compreensão auditiva; ii. propostas de produção oral; e iii. atividades de análise linguística. Os dados são analisados à luz dos pressupostos teóricos de Marcuschi (2007), Schneuwly (2004), Dolz, Schneuwly e Haller (2004), entre outros, e são confrontados com o que o PMPEB (BUESCU *et al.*, 2015) prevê como objetivos a serem atingidos no trabalho com o eixo em pauta.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino de português como língua materna está presente nas escolas para formar usuários competentes da língua. Isso implica tornar os estudantes aptos a fazerem escolhas adequadas em situações específicas de interação social. Essa compreensão é fundamentada a partir do entendimento da linguagem como forma de interação social e da língua como um construto que vai além das formas linguísticas (MARCUSCHI, 2007).

Os alunos, portanto, vão às aulas de português para apreender os usos da língua em suas múltiplas possibilidades de práticas sociais, que ocorrem tanto na modalidade escrita quanto na oral. Logo, além de a escola ensinar a ler e a escrever, é relevante que o trabalho com a oralidade seja fruto de práticas reflexivas. Essa é uma visão que, indo na mesma direção da concepção de linguagem anteriormente apresentada, se pauta na compreensão da oralidade e do letramento como "[...] realizações enunciativas da mesma língua em situações e condições de produção específicas e situadas que exigem mais do que uma simples habilidade linguística, mas um domínio da vida social" (MARCUSCHI, 2007, p. 54).

É sob essa perspectiva que fazemos a consideração de que tanto o texto escrito quanto o texto oral devem fazer parte das práticas de ensino, confrontando, aqui, a ideia de que à escola cabe ensinar a ler e a escrever, uma vez que os alunos já chegam nela sabendo falar. O professor, segundo Schneuwly (2004), em se tratando de ensino da oralidade, precisa trabalhar com estruturas mais complexas, que exijam dos alunos maior grau de reflexão sobre aspectos estruturais do gênero e da própria língua e de aspectos sociodiscursivos associados aos contextos diversificados de interação. Nesse caso, o autor aponta que não há "o oral", mas, sim, "os orais" e, além disso, suas relações com os escritos. Ao docente, logo, não caberia pensar a oralidade de um modo geral, uma vez que as especificidades precisam ser contempladas. Isso porque, para o referido autor:

> À medida que postulamos que a aprendizagem deve ser dar sobre atividades complexas, nas quais possa intervir um certo controle do sujeito, o ângulo escolhido deve, consequentemente, ir ao encontro das representações de linguagem dos aprendizes e corresponder a modos sociais e socialmente reconhecidos de apreensão dos fenômenos de linguagem, que não sejam tão abstratos a ponto de se tornarem inacessíveis à atividade consciente. (SCHNEUWLY, 2004, p.115)

Os gêneros textuais orais, conforme apontam Dolz, Schneuwly e Haller (2004), configuram-se como objetos autônomos de ensino, pois fazem parte de uma variedade de práticas de linguagem, necessitando de análise empírica, a fim de se compreender a possibilidade de escolhas disponíveis aos usuários da língua. De acordo com os autores, partindo da compreensão bakhtiniana de gêneros discursivos, o trabalho com os gêneros orais "[...] fornece um quadro de análise de conteúdos, da organização do conjunto

de texto e das sequências que o compõem, assim como das unidades linguísticas e das características específicas da textualidade oral" (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 144).

A diversidade textual é fundamental para que sejam trabalhados, dentre outros aspectos, unidades de gestão da conversação, elementos para a manutenção da progressão dos tópicos, estratégias como feedbacks, correções, encadeamentos e ajustes de caraterísticas formais da fala (variedade léxica, complexidade sintática etc.) (NÚÑEZ DELGADO, 2000). É a partir da escuta e da análise de textos diversificados que os alunos vão entendendo suas características, suas semelhanças e diferenças, sua funcionalidade, seus usos, bem como os papéis sociais assumidos por falantes e ouvintes.

Considerando o contexto de sala de aula, não podemos deixar de contemplar nessa discussão o papel dos Livros Didáticos, uma vez que eles ocupam um espaço importante, contribuindo para o processo de ensino dos professores e, consequentemente, para o de aprendizagem dos alunos. Os manuais são, muitas vezes, o principal suporte de textos (LIMA, 2015). Com base nesse pressuposto, alguns pesquisadores brasileiros têm realizado estudos no sentido de investigar como a oralidade vem sedo contemplada nos materiais didáticos. Isso acontece para todos os níveis de ensino.

Ao focar nas coleções dos anos iniciais do Ensino Fundamental aprovadas com distinção (categoria de avaliação utilizada à época) pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), em 2004, Leal, Brandão e Lima (2012) destacaram que, apesar da presença de atividades relacionadas à valorização de textos da tradição oral, à oralização do texto escrito, à variação linguística, às relações de fala e de escrita, à produção e à compreensão de gêneros orais, a ênfase é em leitura em voz alta e conversa.

Magalhães (2007), ao analisar coleções destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental, aprovadas pelo PNLD 2005, faz apontamentos semelhantes aos anteriores, mas ainda mais preocupantes, destacando que:

> Os exercícios mais comuns apelam para a oralidade na abordagem da **leitura** em voz alta e da **correção de exercícios** em voz alta (corrigir o exercício oralmente), sem sequer recorrer aos gêneros orais ou à análise da língua falada. Nem mesmo no caso de oralização, recorre-se aos recursos prosódicos das apresentações, meros exercícios 'disfarçados', 'mascarados' de oralidade, que não dão suporte para treinar a fala pública, muito menos possibilitar ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução. (MAGALHÃES, 2007, p. 138, grifos da autora)

Quanto ao Ensino Médio, o próprio Guia de Livros Didáticos do PLND 2012 (Brasil, 2011) destaca que, dentre as onze obras aprovadas, seis parecem conceber a oralidade como "atividade-meio" e não como "atividade-fim":

> Conversas com os colegas, trocas de opiniões e discussões em sala de aula sobre um tema determinado são as sugestões mais recorrentes, deixando-se de lado os usos públicos e formais da oralidade. Na grande maioria dos casos, não há orientações específicas; em outras coleções, as instruções são genéricas, restritas ao indispensável para viabilizar o encaminhamento do trabalho com leitura, escrita ou conhecimentos linguísticos. (BRASIL, 2011, p. 21)

Importante salientar o que estamos chamando de atividades-fim e de atividades-meio. O primeiro tipo são as que se voltam para alcançar objetivos propostos para o trabalho com textos orais; o segundo tipo são as que, embora a modalidade oral seja utilizada, servem de pretexto para o trabalho com a leitura ou com a produção escrita.

Ainda no âmbito do Ensino Médio, Cavalcante e Melo (2006, p. 182) argumentam sobre o uso recorrente de atividades da oralidade limitadas à conversa com o colega, uma vez que "[...] os autores de manuais didáticos, em sua maioria, não sabem onde e como situar o estudo da fala". Acrescentam, ainda, a ideia de que o estudo da fala estaria posto apenas como uma curiosidade. Por sua vez, Silva e Luna (2014), em momento posterior, analisaram uma coleção destinada a esse mesmo nível do ensino e apontaram, como ponto positivo, um trabalho significativo em relação à produção de gêneros orais. Contudo, destacaram que isso acontece em quantidade muito pequena, além de não se observar propostas sistemáticas para a compreensão auditiva e a análise linguística.

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos, Mendes e Silva (2019), após analisarem diferentes Guias de Livros Didáticos do PNLD pertencentes a um recorte temporal de quase duas décadas, concluíram que houve a manutenção de critérios, como a adequação de gêneros orais a diferentes situações comunicativas, mas houve, principalmente, o acréscimo e a ampliação de tópicos de oralidade voltados ao atendimento de diferentes dimensões do oral.

Como podemos perceber a partir dos estudos que contemplam materiais de diferentes níveis de ensino (anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio Educação de Jovens e Adultos), apesar do espaço que vem ganhando a oralidade no livro didático, o trabalho é feito, muitas vezes, de forma tímida. Esse, possivelmente, é um dos fatores que se relacionam às dificuldades existentes para o trabalho em sala de aula com os textos orais.

Ressaltamos, entretanto, que os estudos citados que investigam a oralidade no Livro Didático são todos relacionados à realidade brasileira. Sobre a portuguesa, não foram localizados trabalhos específicos sobre a questão. A tese de doutoramento de Cardoso (2016), por exemplo, que aborda a oralidade no material didático da Educação de Jovens e Adultos, realizada na Faculdade de Letras do Porto, Portugal, foi produzida por uma brasileira e tem como *corpus* manuais utilizados no Brasil.

Apesar desse fato, considerando o contexto português, há alguns estudos relacionados aos livros didáticos de Língua Portuguesa e ao ensino da oralidade. Como exemplo do primeiro, cita-se o estudo de Sá e Lima (2015), no âmbito da formação docente, que objetivou analisar as representações de futuros professores portugueses quanto ao papel dos manuais didáticos e de seu uso no ensino-aprendizagem e quanto às características que devem ter para o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura, na escrita, na oralidade e na gramática. Também sobre manuais, mas não apenas sobre eles, uma vez que se considerou documentos oficiais, há o estudo de Rodrigues e Sá (2019), voltado à investigação do lugar destinado à fonética e à fonologia nesses materiais, por meio da análise dos princípios teórico-metodológicos. Salienta-se que essa pesquisa, diferentemente da anterior, considerou as realidades portuguesa e brasileira.

Em relação ao ensino da oralidade, um exemplo é o trabalho realizado por Sá e Luna (2016), que contempla a didática da oralidade na formação dos profissionais de Educação em Portugal. A partir de um conjunto de dados coletados, por meio da aplicação de questionários em dois momentos distintos, das observações de aulas na Universidade de Aveiro e de planejamentos realizados por estudantes em formação para atuar como educadores de infância e como professores do 1º Ciclo da Educação Básica (1º CEB), os pesquisadores chegaram à conclusão, principalmente em função das intervenções do formador, que os discentes, em linhas gerais, evoluíram significativamente, sobretudo no discurso (concepções teórico-metodológicas), se comparado às propostas para as práticas (planos de aulas).

Como se observa, diante da necessidade de melhor compreender como a oralidade está contemplada nos livros didáticos de Português, contribuindo para sua melhoria e, consequentemente, para o processo de ensino-aprendizagem, reforçamos a importância de estudos como esse.

3 ANALISANDO O LIVRO DIDÁTICO

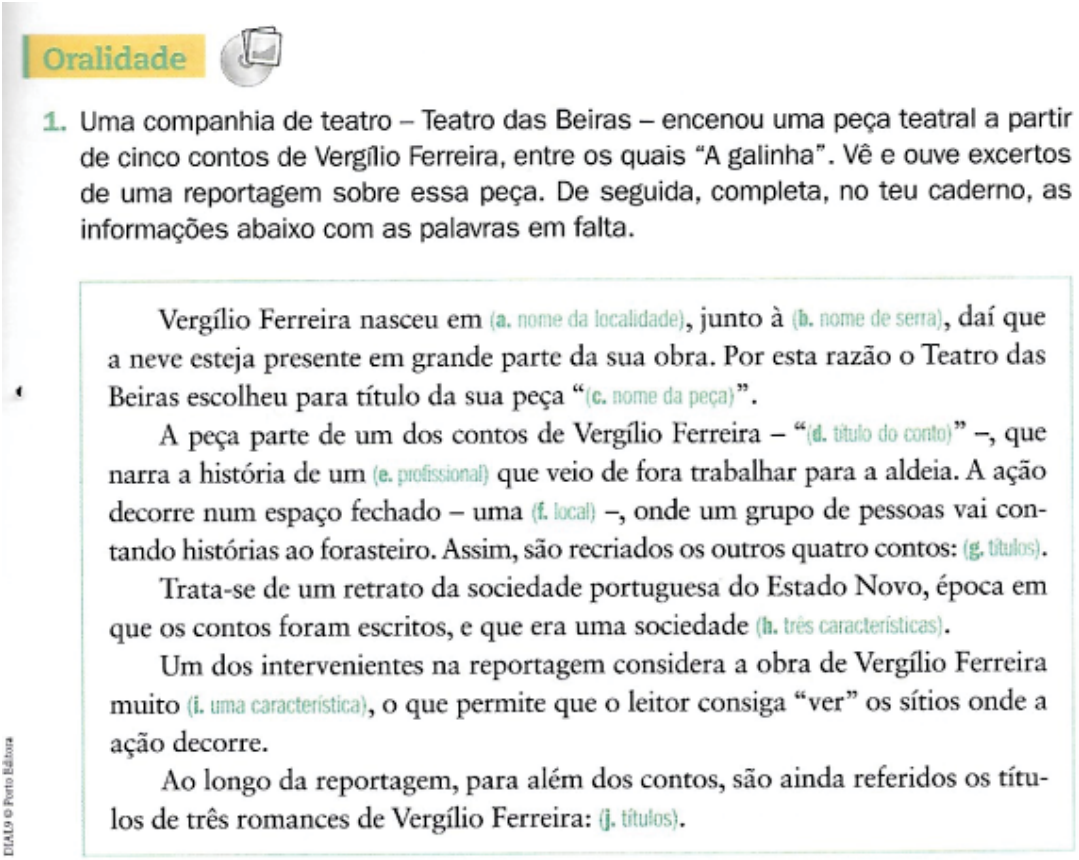
A obra analisada pertence à coleção intitulada "Diálogos" (COSTA; MAGALHÃES; MAGALHÃES, 2016), é dividida em 4 etapas (organizadas como unidades), tendo a Educação Literária e a Leitura como eixos centrais a partir dos quais, com a introdução do texto principal, boa parte das atividades se relacionam. Além disso há a inserção de outros gêneros secundários.

Após análise, observou-se a presença de diversos tipos de propostas de atividades de oralidade: umas mais significativas ao processo de aprendizagem, em uma perspectiva de língua como forma de interação social, e outras mais estruturais, não oportunizando, muitas vezes, a reflexão a partir da/sobre a língua (MARCUSCHI, 2007).

Relacionando-se aos objetivos para aprendizagem da Língua Portuguesa presentes no PMPEB (BUESCU *et al.,* 2015), foi possível identificar que apenas alguns são mais fortemente contemplados, mesmo o livro contendo um quantitativo significativo de questões que utilizam material de áudio e de vídeo, conforme apresentado e discutido nos tópicos seguintes.

3.1 COMPREENSÃO AUDITIVA

A compreensão auditiva compreende a maior parte das atividades de oralidade. Foram observadas perspectivas diferentes de trabalho, que vão de atividades de mera decodificação a questões de interpretação. No primeiro tipo, tem-se atividades similares a algumas presentes em livros de língua estrangeira. Um exemplo é a que propõe ao aluno assistir a uma reportagem sobre uma peça e completar o texto escrito disponível no livro com palavras ausentes, conforme pode ser observado a seguir:



Oralidade

1. Uma companhia de teatro – Teatro das Beiras – encenou uma peça teatral a partir de cinco contos de Vergílio Ferreira, entre os quais "A galinha". Vê e ouve excertos de uma reportagem sobre essa peça. De seguida, completa, no teu caderno, as informações abaixo com as palavras em falta.

Vergílio Ferreira nasceu em (a. nome da localidade), junto à (b. nome de serra), daí que a neve esteja presente em grande parte da sua obra. Por esta razão o Teatro das Beiras escolheu para título da sua peça "(c. nome da peça)".

A peça parte de um dos contos de Vergílio Ferreira – "(d. título do conto)" –, que narra a história de um (e. profissional) que veio de fora trabalhar para a aldeia. A ação decorre num espaço fechado – uma (f. local) –, onde um grupo de pessoas vai contando histórias ao forasteiro. Assim, são recriados os outros quatro contos: (g. títulos).

Trata-se de um retrato da sociedade portuguesa do Estado Novo, época em que os contos foram escritos, e que era uma sociedade (h. três características).

Um dos intervenientes na reportagem considera a obra de Vergílio Ferreira muito (i. uma característica), o que permite que o leitor consiga "ver" os sítios onde a ação decorre.

Ao longo da reportagem, para além dos contos, são ainda referidos os títulos de três romances de Vergílio Ferreira: (j. títulos).

DIALO © Porto Editora

Figura 1: Excerto 1 do Manual Didático
Fonte: Costa; Magalhães; Magalhães (2016, p. 47)

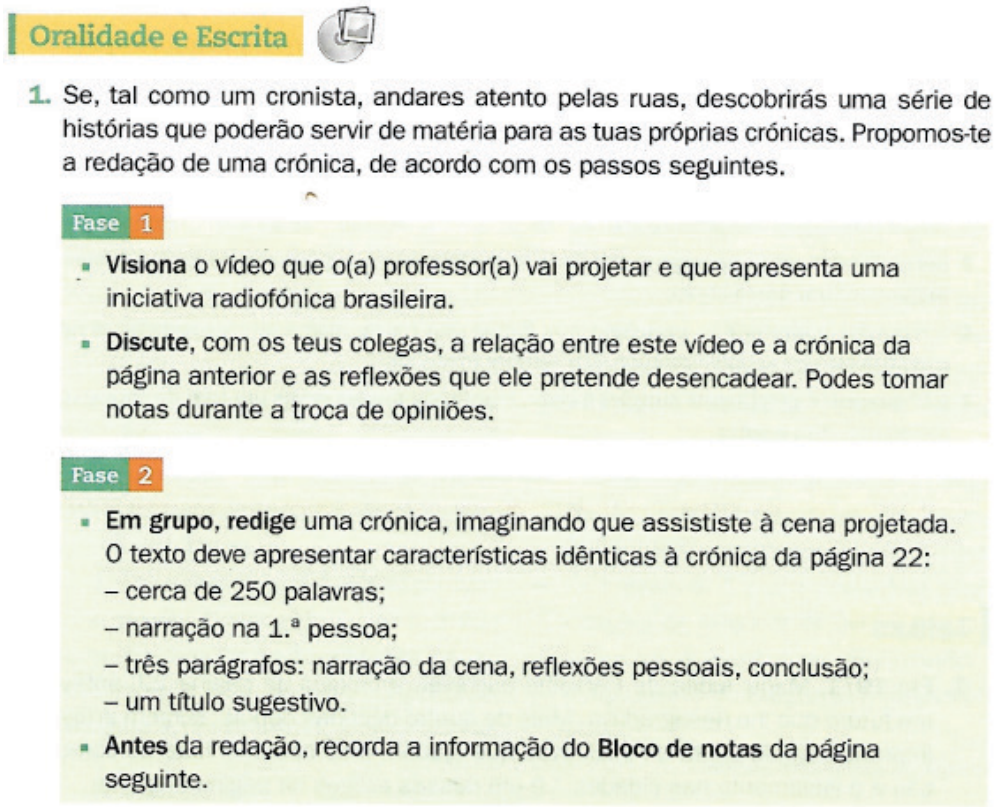
Ressaltamos que exercícios como esse não fazem o aluno refletir acerca do processo da construção de sentidos dos textos. Não contribui, portanto, para a formação do usuário, nem se relaciona integralmente a nenhum dos objetivos propostos no PMPEB, apenas parcialmente ao primeiro, no que se refere à retenção de informação essencial: "adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver a compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos" (BUESCU *et al.*, 2015, p. 5).

Apesar de atividades como essas se fazerem presentes na obra, elas não correspondem à maioria das propostas de compreensão auditiva. As de interpretação de texto são, de fato, as que sobressaem. Contudo, apontamos a presença de atividades-fim e atividades-meio, conforme discutido em tópico anterior. Como exemplo de atividade-fim, cita-se o exercício de compreensão auditiva, que, a partir de vídeo com um excerto de documentário ("Grandes Livros"), traz questões como: "[...] O primeiro ao chegar ao cais é: a. o Fidalgo; b. o Onzeiro" (p. 90, at.1.1.b); "Seleciona, na coluna da direita, as ações que conduziram as personagens indicadas a entrar no hotel infernal [...]" (p. 91, at.1.2); "[...] - Será que a sociedade portuguesa do século XXI é muito diferente da caricaturada por Gil Vicente?" (COSTA; MAGALHÃES; MAGALHÃES, 2016, p. 91, at.1.2).

Destacamos que, apesar de as respostas serem pautadas na modalidade escrita da língua, trata-se de exercício de compreensão do vídeo assistido pelo aluno. Como se observa nos exemplos citados, há questões de várias naturezas, como localização de informações, inferências e construção de opinião. Essa mesma perspectiva de trabalho pode ser observada nas atividades de compreensão leitora do livro, que não são foco deste estudo. No que se refere aos objetivos do PMPEB, podem ser citados, em atividades como essas, pelo menos dois:

> 1. Adquirir e desenvolver estratégias de escuta ativa com vista a reter informação essencial, a desenvolver compreensão, e a produzir enunciados orais em contextos específicos.
> 14. Interpretar textos orais e escritos, de expressão literária e não literária, de modalidades gradualmente mais complexas. (BUESCU *et al.*, 2015, p. 5)

Por outro lado, identificamos, também, atividades-meio. Como exemplo, tem-se a sequência categorizada pelo Livro como "Oralidade e Escrita", que, no eixo da oralidade, traz proposta de compreensão auditiva e produção oral, pois propõe ao aluno assistir a um vídeo e conversar com os colegas sobre suas opiniões. Contudo, trata-se de um conjunto de atividades que, embora intituladas de oralidade, têm como objetivo preparar o aluno para a produção escrita: redação de crônica, conforme se observa a seguir:



Oralidade e Escrita

1. Se, tal como um cronista, andares atento pelas ruas, descobrirás uma série de histórias que poderão servir de matéria para as tuas próprias crónicas. Propomos-te a redação de uma crónica, de acordo com os passos seguintes.

Fase 1

- **Visiona** o vídeo que o(a) professor(a) vai projetar e que apresenta uma iniciativa radiofónica brasileira.
- **Discute**, com os teus colegas, a relação entre este vídeo e a crónica da página anterior e as reflexões que ele pretende desencadear. Podes tomar notas durante a troca de opiniões.

Fase 2

- **Em grupo, redige** uma crónica, imaginando que assististe à cena projetada. O texto deve apresentar características idênticas à crónica da página 22:
  – cerca de 250 palavras;
  – narração na 1.ª pessoa;
  – três parágrafos: narração da cena, reflexões pessoais, conclusão;
  – um título sugestivo.
- **Antes** da redação, recorda a informação do **Bloco de notas** da página seguinte.

Figura 2: Excerto 2 do Manual Didático
Fonte: Costa; Magalhães; Magalhães (2016, p. 23)

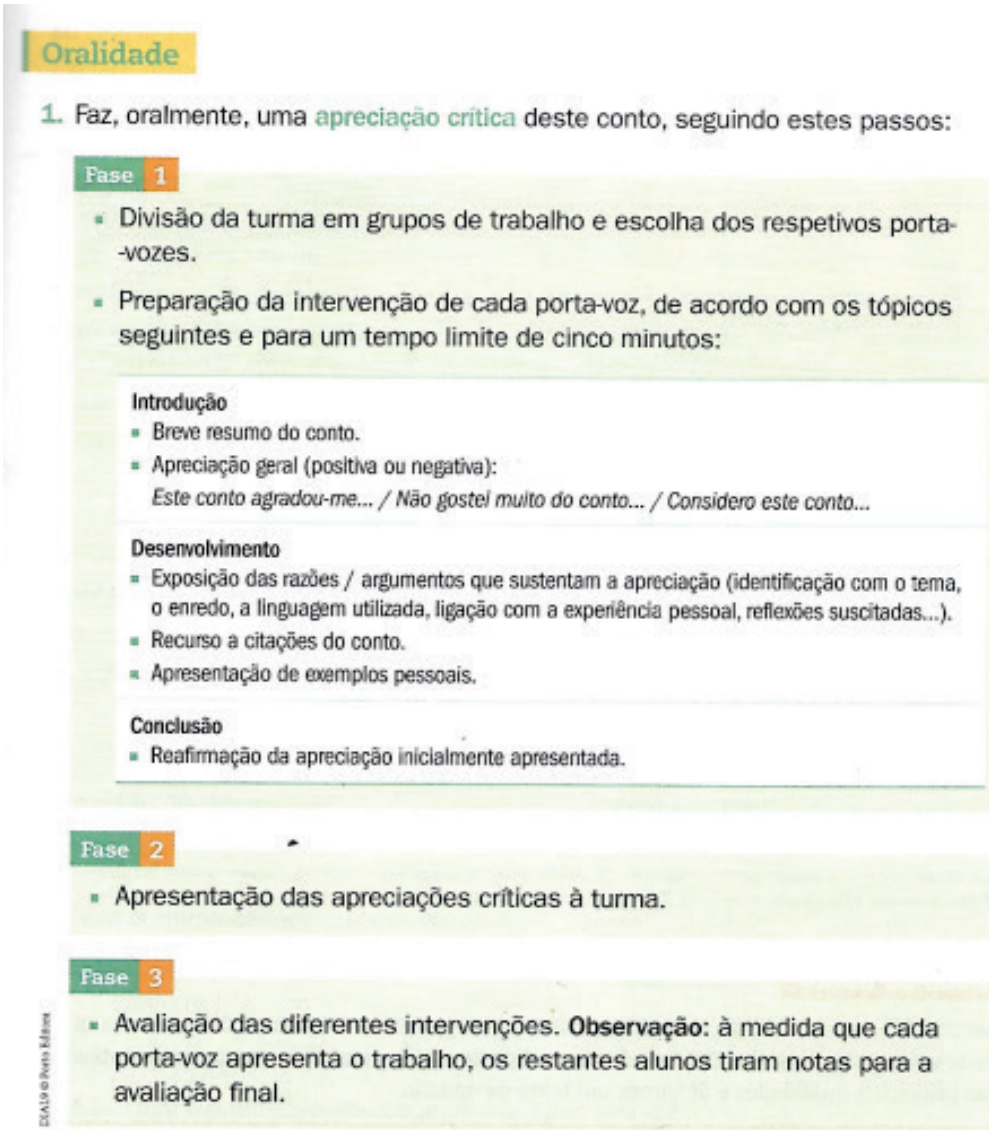
A troca de opinião não poderia ser caracterizada como uma atividade de compreensão auditiva, uma vez que se volta para o âmbito da produção oral; nem há, na proposta de produção oral, sistematização para o alcance do objetivo seguinte do PMPEB: "3. Dominar os procedimentos que asseguram um adequado desenvolvimento textual, temático e discursivo, com progressiva consolidação do domínio dos géneros escolares, nomeadamente a exposição e a argumentação" (BUESCU *et al.*, 2015, p. 5).

O que se observa, portanto, é a presença da atividade como uma etapa preparatória para a produção de texto escrito que vem na sequência. Importante salientar que não desconsideramos a importância da preparação prévia do aluno para a execução de tarefas, sejam elas de quaisquer eixos; no entanto, ressaltamos que não consideramos como atividades-fim de oralidade propostas que não desenvolvem habilidades específicas do eixo (LUNA, 2016).

3.2 PRODUÇÃO ORAL

Conforme afirmado anteriormente, a maior parte das atividades de oralidade é do âmbito da compreensão. Entretanto, as de produção estão presentes no livro também. Caracterizamos as propostas como sistematizadas e não sistematizadas e, considerando isso, apresentamos e discutimos alguns exemplos.

As sistematizadas são aquelas atividades que trazem orientações aos alunos. São, portanto, possivelmente mais inter-relacionadas com práticas sistemáticas de ensino que permitem organização de situações a partir da relação entre planejamento docente e objetivos de aprendizagem. A seguir, temos um exemplo de uma proposta de produção oral sistematizada.



Oralidade

1. Faz, oralmente, uma apreciação crítica deste conto, seguindo estes passos:

Fase 1

- Divisão da turma em grupos de trabalho e escolha dos respetivos porta-vozes.
- Preparação da intervenção de cada porta-voz, de acordo com os tópicos seguintes e para um tempo limite de cinco minutos:

Introdução
- Breve resumo do conto.
- Apreciação geral (positiva ou negativa):
  Este conto agradou-me... / Não gostei muito do conto... / Considero este conto...

Desenvolvimento
- Exposição das razões / argumentos que sustentam a apreciação (identificação com o tema, o enredo, a linguagem utilizada, ligação com a experiência pessoal, reflexões suscitadas...).
- Recurso a citações do conto.
- Apresentação de exemplos pessoais.

Conclusão
- Reafirmação da apreciação inicialmente apresentada.

Fase 2

- Apresentação das apreciações críticas à turma.

Fase 3

- Avaliação das diferentes intervenções. **Observação:** à medida que cada porta-voz apresenta o trabalho, os restantes alunos tiram notas para a avaliação final.

Figura 3: Excerto 3 do Manual Didático
Fonte: Costa; Magalhães; Magalhães (2016, p. 53)

Nessa proposta de produção, são dadas orientações de modo que o aluno tenha direcionamentos que partem do planejamento da fala (fase 1) à sua avaliação (fase 3). Observamos que há um gênero textual a ser contemplado (apreciação crítica) e, por isso, os tópicos presentes ("breve resumo"; "apreciação geral"; exposição das razões"; citações do conto"; "exemplos pessoais"; "reafirmação da apreciação inicialmente apresentada") contribuem para o aluno atender as características próprias dessa situação de interação. Apesar da possiblidade de pensarmos em engessamento da fala, tal como acontece nas tradicionais redações de vestibular no âmbito da produção escrita, temos, nesse caso, um gênero textual empírico e uma vivência semelhante às que acontecem na sociedade. De

acordo com Schneuwly (2004, p. 115), "[...] não pode haver compreensão de um objeto sem um quadro de referências que oriente nosso olhar e dê sentido às observações".

Nessa perspectiva, para os alunos internalizarem características básicas do gênero, as orientações com modelizações tornam-se importantes. Observamos, aqui, ao traçarmos um paralelo com as metodologias para ensino da produção escrita (SCHNEUWLY; DOLZ, 2014), um direcionamento semelhante.

Por outro lado, é relevante destacar que cabe ao professor conduzir a atividade de modo a reforçar que os aspectos temáticos, estilísticos e estruturais dos gêneros são flexíveis e dependem do contexto em que a interação ocorre. Desse modo, o aluno vivencia uma prática de linguagem que pode ser estendida e adaptada a outras situações a partir das adequações necessárias, a serem realizadas por usuários competentes da língua.

Em relação aos objetivos propostos no PMPEB, a proposta contempla o 3 e o 11, como se observa, respectivamente, a seguir:

> • Produzir texto orais em português padrão, segundo categorias e géneros específicos, complexificando progressivamente as suas diferentes dimensões e caracterizações.
> Dominar os procedimentos que asseguram um adequado desenvolvimento textual, temático e discursivo, com progressiva consolidação do domínio dos géneros escolares, nomeadamente a exposição e a argumentação. (BUESCU *et al*., 2015, p. 5)

O outro tipo de atividade de produção oral são as que chamamos de não sistematizadas, ou seja, com poucas orientações para a produção, não ficando claro sequer o gênero textual a ser produzido. Trata-se de exercícios do tipo "fale com o colega e dê sua opinião", comuns nos Livros Didáticos brasileiros mais antigos, em que, juntamente com os de leitura em voz alta, eram os únicos presentes para contemplar a oralidade, servindo, muitas vezes, de atividade-meio (SILVA; LUNA, 2014). Não estamos afirmando que esse tipo de prática impossibilite a aprendizagem dos alunos; contudo, esse processo naturalizado pode acontecer em outros espaços para além da escola.

Nessa categoria de proposta no livro didático, o que acontece é a atividade de oralidade apenas (compreensão auditiva e produção), com temática relacionada ao material anteriormente lido (comentário de leitura sobre o livro que traz conto lido na atividade anterior). A Figura 2 traz um exemplo disso quando solicita que os alunos assistam a um vídeo, discutam com um colega e produzam, por escrito, uma crônica. Como se observa, a primeira parte da atividade, destinada à oralidade, é apenas uma etapa para a produção escrita.

Ressaltamos que, principalmente em atividades como essa, faz-se necessário um docente reflexivo para a condução do uso do material didático em sala de aula. Como aponta Lima (2015, p. 62), desse tipo de profissional, espera-se:

> Um professor que veja no livro didático apenas um recurso – como tantos outros – que está a seu serviço e não o inverso; um material que deve ser utilizado a partir das escolhas feitas pelo professor com base no conhecimento de que dispõe, construído durante sua formação inicial e sua prática; um objeto que, justamente pelo contexto no qual foi introduzido no nosso ensino e pelas lacunas que possui, não pode ser encarado como o autor da aula, como o dono da verdade.

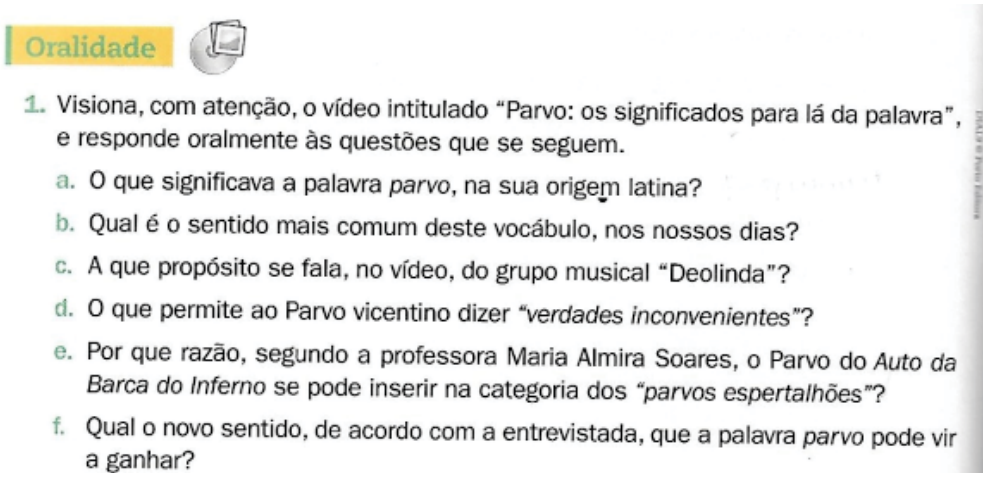
Cabe, portanto, ao docente fazer uso adequado do material didático, relacionando-o às suas concepções e considerando as especificidades de seus grupos. Isso porque o livro didático não substitui o planejamento realizado pelo professor, sendo, então, mais uma ferramenta contribuidora das práticas de ensino e aprendizagem, além de fazer parte de um *sistema curricular* que é, segundo Sacristán (2000), uma confluência de práticas, composto, dentre outros, pelo currículo apresentado aos professores (ex.: os próprios materiais didáticos), pelo currículo prescrito (ex.: diretrizes oficiais) e pelo currículo modelado pelos professores (ex.: usos de conhecimentos do docente).

Apesar do apontado quanto às limitações do manual em análise, destaca-se que, na maior parte das atividades de produção, independentemente de muitas orientações ou não, há consideração das etapas de planejamento, execução e avaliação, sendo, portanto, um ponto positivo se somado à condução de uso do material por um professor reflexivo.

3.3 RELAÇÃO ENTRE OS DOMÍNIOS

A articulação presente no livro é muito mais relacionada às temáticas contempladas do que, de fato, aos eixos. No entanto, essa articulação temática já não seria uma possível articulação entre os eixos? No que se refere à relação entre a oralidade com a leitura e escrita, o tema é o elo existente entre as atividades. Por outro lado, quando consideramos a análise linguística/gramática (MENDONÇA, 2006), a articulação com fenômenos da língua é mais evidente.

A atividade que solicita ao aluno assistir ao vídeo "Parvo: os significados para lá da palavra" é um exemplo de compreensão auditiva e, ao mesmo tempo, de análise linguística. Isso porque há uma reflexão sobre vocabulário, considerando desde a origem da palavra "parvo", seus múltiplos sentidos, até seu significado mais comum, quando utilizada atualmente, como se observa em algumas das questões: "O que significa a palavra parvo em sua origem latina?"; "Qual é o sentido mais comum deste vocábulo nos nossos dias?"; "Qual o sentido, de acordo com a entrevistada, que a palavra parvo pode vir a ganhar?".



Oralidade

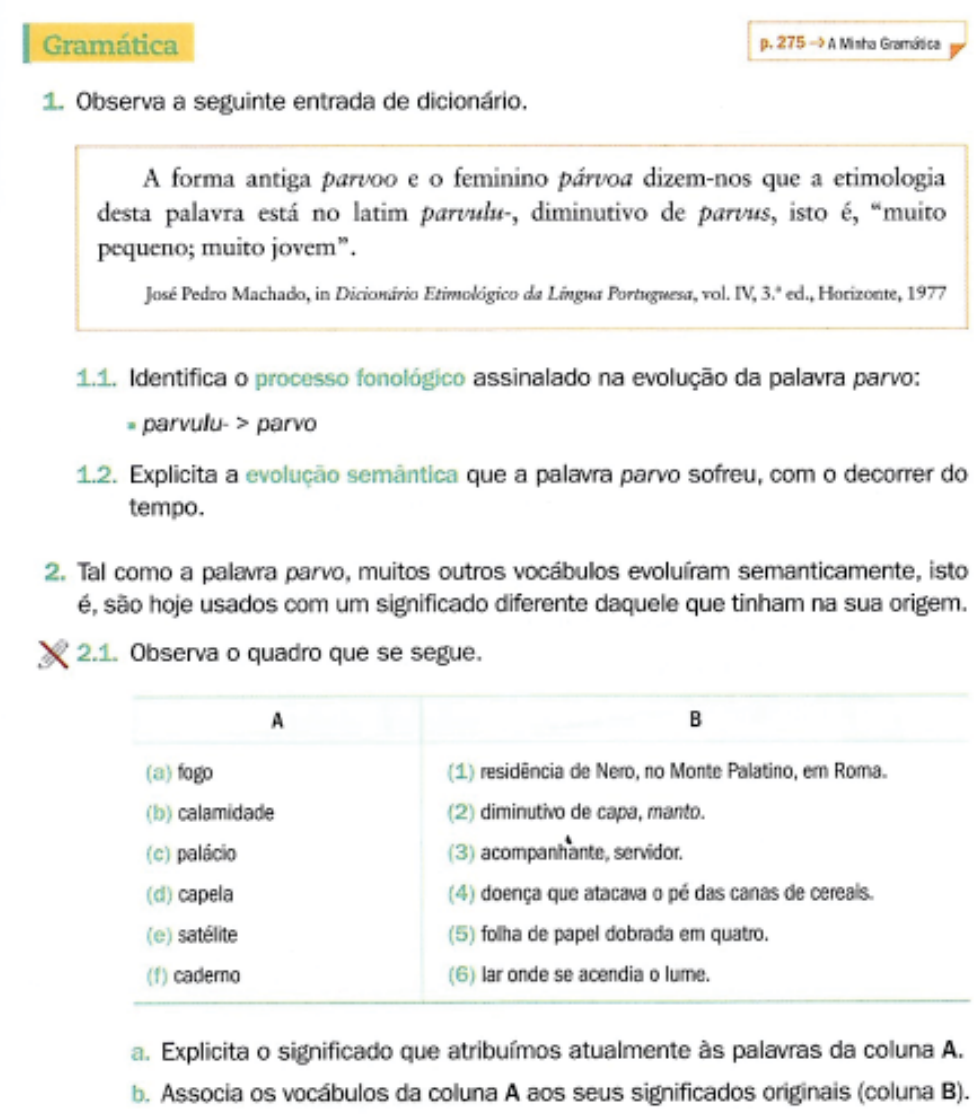
1. Visiona, com atenção, o vídeo intitulado "Parvo: os significados para lá da palavra", e responde oralmente às questões que se seguem.
   a. O que significava a palavra *parvo*, na sua origem latina?
   b. Qual é o sentido mais comum deste vocábulo, nos nossos dias?
   c. A que propósito se fala, no vídeo, do grupo musical "Deolinda"?
   d. O que permite ao Parvo vicentino dizer *"verdades inconvenientes"*?
   e. Por que razão, segundo a professora Maria Almira Soares, o Parvo do *Auto da Barca do Inferno* se pode inserir na categoria dos *"parvos espertalhões"*?
   f. Qual o novo sentido, de acordo com a entrevistada, que a palavra *parvo* pode vir a ganhar?

Figura 4: Excerto 4 do Manual Didático

Fonte: Costa; Magalhães; Magalhães (2016, p. 108)

Além da relação com a análise linguística presente na própria atividade, também se destaca a relação com o eixo da leitura, pois é contemplado o sentido da palavra no texto que vem sendo trabalhado ao longo da etapa. Nesse caso, portanto, há uma relação entre oralidade e análise linguística, do ponto de vista dos fenômenos da linguagem, e uma relação entre oralidade e leitura, do ponto de vista temático.

Na seção seguinte (Gramática), o trabalho com o dicionário, o processo de formação e a evolução semântica também se dão a partir do mesmo vocábulo (parvo), debatido nas atividades anteriores de leitura e oralidade, conforme se observa na Figura 5. Ressalta-se, aqui, que não é objetivo deste estudo analisar se a atividade de gramática é adequada ou não, mas, simplesmente, se há relação com o eixo da oralidade. Apesar disso, evidenciamos a ideia de que a relação da oralidade com os demais eixos deve possibilitar ao aluno a habilidade de reflexão, de modo a contribuir para que faça uso da língua adequadamente. Assim também é apontado em um dos objetivos do PMPEB: "Mobilizar os conhecimentos gramaticais para aperfeiçoar as capacidades de interpretar e produzir enunciados orais e escritos" (BUESCU *et al.*, 2015, p. 5).



Gramática

p. 275 → A Minha Gramática

1. Observa a seguinte entrada de dicionário.

> A forma antiga *parvoo* e o feminino *párvoa* dizem-nos que a etimologia desta palavra está no latim *parvulu-*, diminutivo de *parvus*, isto é, "muito pequeno; muito jovem".
>
> José Pedro Machado, in *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. IV, 3.ª ed., Horizonte, 1977

1.1. Identifica o processo fonológico assinalado na evolução da palavra *parvo*:

- *parvulu-* > *parvo*

1.2. Explicita a evolução semântica que a palavra *parvo* sofreu, com o decorrer do tempo.

2. Tal como a palavra *parvo*, muitos outros vocábulos evoluíram semanticamente, isto é, são hoje usados com um significado diferente daquele que tinham na sua origem.

2.1. Observa o quadro que se segue.

A	B
(a) fogo	(1) residência de Nero, no Monte Palatino, em Roma.
(b) calamidade	(2) diminutivo de *capa*, *manto*.
(c) palácio	(3) acompanhante, servidor.
(d) capela	(4) doença que atacava o pé das canas de cereais.
(e) satélite	(5) folha de papel dobrada em quatro.
(f) caderno	(6) lar onde se acendia o lume.

a. Explicita o significado que atribuímos atualmente às palavras da coluna **A**.

b. Associa os vocábulos da coluna **A** aos seus significados originais (coluna **B**).

Figura 5: Excerto 5 do Manual Didático
Fonte: Costa; Magalhães; Magalhães (2016, p. 111)

Nessa atividade, a relação entre o eixo da gramática e da oralidade também se dá a partir de aspectos temáticos, ou seja, o fragmento de texto lido foi utilizado como ponto de partida para o estudo de palavra, considerando desde sua evolução fonológica à semântica. No entanto, pouco é explorado o sentido da palavra "parvo" no texto lido e o seu sentido usual nos dias de hoje. Uma hipótese para que isso ocorra é o fato de essa reflexão ter sido realizada anteriormente, na atividade de compreensão auditiva (Figura 4). Ainda assim, ressaltamos que, apesar de existir uma articulação, ela é inicial, uma vez que o foco central da proposta gramatical é contemplar a evolução semântica de modo geral. Por isso, na segunda questão, várias outras palavras são apresentadas para o aluno fazer a correspondência com os significados de suas origens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado no tópico anterior, o Livro Didático de Português analisado apresenta atividades de oralidade no âmbito da: i. compreensão auditiva, por meio da disponibilização de material de áudio e vídeo; ii. produção oral, com propostas consideradas como atividade-fim e atividade-meio; iii. análise linguística, tematicamente relacionadas a exercícios anteriores. Desse modo, podemos afirmar que o eixo se faz bastante presente no manual e dialoga parcialmente com o documento oficial em vigência em Portugal, o Programa e Metas de Português do Ensino Básico (BUESCU *et al.*, 2015).

Em relação aos tipos de propostas, identificamos algumas que possibilitam aos alunos evoluírem em suas práticas de usos da língua como, por exemplo, as de compreensão auditiva, que visam a explorar o texto oral a partir da localização de informações explícitas até a realização de inferências; ou as de produção oral, que trazem orientações mais detalhadas e sistemáticas para o planejamento, a execução e a avaliação, considerando, assim, as diferentes etapas da produção textual.

Por outro lado, também foram identificadas atividades de oralidade que pouco contribuem para a formação do usuário competente da língua materna, como as de compreensão auditiva, que se voltam para a escuta em uma abordagem de decodificação (repetir o que ouviu para preencher espaços em textos escritos); ou as propostas de produção oral que, além de não trazerem orientações aos estudantes, fazem-se presentes no livro apenas para a preparação para outra atividade de escrita, por exemplo.

Enfim, a análise do Livro Didático de Português em pauta permitiu identificar pontos positivos e negativos das atividades de oralidade, evidenciando, ao considerar algumas delas, avanços quanto ao processo de ensino-aprendizagem do referido eixo. Ressaltamos, entretanto, a necessidade de mais estudos voltados aos materiais didáticos, a partir de outras coleções, de modo a dar continuidade às reflexões tecidas neste artigo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos:* PNLD 2012: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2011.

BUESCU, H. C.; MORAIS, J.; ROCHA, M. R.; MAGALHÃES, V. F. Ministério da Educação. *Metas Curriculares de Português* – Ensino Básico – 1°, 2° e 3° Ciclos. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2015.

CARDOSO, W. M. B. *Propostas de atividades na língua oral no livro didático de língua portuguesa da EJA:* encontro e desencontros. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016.

CAVALCANTE, M. C. B.; MELO, C. T. V. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. *In:* BUZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.181-198.

COSTA, F.; MAGALHÃES, O.; MAGALHÃES, V. *Diálogos*. Português – 9º ano. Porto: Porto Editora, 2016.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In:* SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al*. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; LIMA, J. M. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos? *In*: LEAL, L.; GOIS, S. (Orgs.). *A oralidade na escola:* a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LIMA, H. K. C. de. *O lugar do livro didático na formação do professor de português* – um estudo de documentos curriculares, discursos e práticas docentes de duas instituições públicas de ensino superior. 2015. 380 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LUNA, E. Á. A. *Didática da oralidade na formação inicial do professor de português:* um olhar sobre documentos curriculares e discursos docentes e discentes de instituições de ensino superior. 2016. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MAGALHÃES, T. G. *Concepções de oralidade*: a teoria nos PCN e PNLD e a prática nos livros didáticos. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento como práticas sociais. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. *Fala e escrita.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDES, E. P. S.; SILVA, A. A Oralidade na Alfabetização: um estudo sobre os critérios de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (1998-2016). *Imagens da Educação*, Maringá, v. 2, n. 09, p. 126-140, 2019.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). *Português no ensino médio e formação do professor.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.p. 199-226.

NÚÑEZ DELGADO, M. P. Un aspecto básico para la didáctica de la lengua oral: El papel del lenguaje en la comunicación didáctica. *Lenguaje y Textos*, 16, p.155- 172, 2000.

RODRIGUES, S. G. C.; SÁ, C. M. T*ransversalidade VIII:* fonética, fonologia e ensino da língua portuguesa. Aveiro: UA Editora, 2019.

SÁ, C. M.; LIMA, H. K. C. *Transversalidade IV*: contributos do manual de Português. Aveiro: UA Editora, 2015.

SÁ, C. M.; LUNA, E. A. A. *Transversalidade V*: desenvolvimento da oralidade. Aveiro: UA Editora, 2016.

SACRISTÁN, J. G. *O currículo*: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, E. C. L.; LUNA, E. Á. A. Oralidade no livro didático: os primeiros passos de um longo caminho. *Revista Encontros de Vista*, Recife, v. 2, n. 14, jul./dez., p. 29-44, 2014.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. *In:* SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al. Gêneros orais e escritos na escola.* São Paulo: Mercado das Letras, 2014. p. 109-124.

Recebido em 17/09/2020. Aceito em 19/08/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e79856

WHAT ARE THE CHOICES BEHIND THE TITLES? A SYSTEMIC FUNCTIONAL GRAMMAR ANALYSIS OF TITLES FROM ARTICLES OF RURAL SCIENCES AND COMMUNICATION

QUAIS SÃO AS ESCOLHAS POR TRÁS DOS TÍTULOS? UMA ANÁLISE DE TÍTULOS DE ARTIGOS DAS CIÊNCIAS RURAIS E DA COMUNICAÇÃO A PARTIR DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

¿CUÁLES SON LAS OPCIONES DETRÁS DE LOS TÍTULOS? UN ANÁLISIS DE TÍTULOS DE ARTÍCULOS EN CIENCIAS RURALES Y COMUNICACIÓN A PARTIR DE LA GRAMÁTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL

Patrícia Marcuzzo*

Nathieli Cervo**

Universidade Federal de Santa Maria

ABSTRACT: Selecting a text to read through its title is a current habit. In the scientific context, Swales and Feak (1998) explained that interesting titles attract readers and function as a way of convincing them to go forward. Previous studies usually present a quantitative approach. This research aims at identifying similarities and differences between titles of articles from Rural Sciences and Communication and providing an interpretation guided by Halliday and Matthiessen's (2014) Systemic Functional Grammar. To do so, 246 titles were retrieved from the *European Journal of Agronomy* and the *International Journal of Communication*. Subsequently, an analysis of 30% of titles was conducted, considering the number of words, verbs, punctuation (HARTLEY, 2005), and field. The analysis suggests that titles are short, direct, and informative; choices for punctuation point to simple sentences, and

* Doutora em Linguística. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: patimarcuzzo@yahoo.com.br.

** Graduada em Letras – Inglês. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: nccervo@gmail.com.

the format *short:long*. The verbs were classified mainly as *material processes*, which may inform that concrete changes led to the article's findings.
KEYWORDS: Academic article titles. English for Academic Purposes. Genre Analysis. Systemic Functional Grammar.

RESUMO: Selecionar um texto para leitura através do título é um hábito corriqueiro. No contexto acadêmico, Swales e Feak (1998) explicam que títulos interessantes atraem leitores e funcionam como uma forma de convencê-los a prosseguir com a leitura. Estudos prévios, no geral, apresentam abordagens quantitativas. O presente estudo busca identificar semelhanças e distinções entre títulos de artigos científicos das Ciências Rurais e da Comunicação, e discutir os resultados com base na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014). Para isso, 246 títulos foram selecionados nos periódicos eletrônicos European Journal of Agronomy e International Journal of Communication. Após, a análise de 30% dos títulos foi conduzida, considerando número de palavras, verbos, pontuação (HARTLEY, 2005), e área de conhecimento. Os resultados sugerem que os títulos são curtos, diretos, e informativos; as escolhas de pontuação apontam para sentenças do tipo simples, e para o formato curto:longo. Os verbos foram classificados, em sua maioria, como processos materiais, o que pode significar que mudanças concretas conduzem aos resultados reportados nos artigos científicos.
PALAVRAS-CHAVE: Títulos de artigos acadêmicos. Inglês para Fins Acadêmicos. Análise de Gênero. Gramática Sistêmico-Funcional.

RESUMEN: Seleccionar un texto para leer mediante su título es un hábito frecuente. En el contexto científico, Swales y Feak (1998) explican que títulos interesantes atraen a los lectores y funcionan como una manera de convencerlos de que sigan leyendo. Estudios previos, en general, presentan enfoques cuantitativos. El presente estudio busca identificar similitudes y distinciones entre títulos de artículos científicos en Ciencias Rurales y Comunicación, y discutir los resultados basados en la Gramática Sistémico-Funcional de Halliday y Matthiessen (2014). Para eso, se seleccionaron 246 títulos de las revistas electrónicas *European Journal of Agronomy* e *International Journal of Communication*. Posteriormente, se realizó un análisis del 30% de los títulos, considerando el número de palabras, verbos, puntuación (HARTLEY, 2005) y área de conocimiento. Los resultados sugieren que los títulos son cortos, directos e informativos. Las decisiones de puntuación apuntan a frases sencillas y a el formato corto:largo. Los verbos fueron clasificados principalmente como procesos materiales, lo que puede significar que cambios concretos conducen a los resultados reportados en artículos científicos.
PALABRAS CLAVE: Títulos de artículos académicos. Inglés para Fines Académicos. Análisis de Género. Gramática Sistémico-Funcional.

1 INTRODUCTION

In the scientific context, titles are relevant features when it comes to selecting a research article to read. Indeed, scanning titles is a common daily activity within the academic community who usually search for them in online libraries, bibliographic references, proceedings, etc. So "authors know that titles are important, […] and they know that a successful title will attract readers" (SWALES; FEAK, 1998, p. 25). To convince readers to proceed and read the text as a whole, titles need to draw their attention. Lewison and Hartley (2005, p. 341) state that titles should signal: "here is something you need to read" and also inform that "this is what this paper is about". This way, the reader can be both attracted and informed by paper titles.

Letchford, Moat, and Preis (2015) have investigated the relation between the length of the title and the number of citations received by research articles. They discovered that journals that publish articles with shorter titles are more cited than the ones with long titles. According to the authors, this could be explained by the fact that shorter titles are easier to understand, hence the articles get more citations. Another possible reason is that some journals are more popular than others and attract more attention. The researchers also highlight that it could be that some journals restrict the length of titles. For this reason, there is a broad range of reasons to interpret the findings, which can be performed by a qualitative analysis.

Previous studies about title analysis (HUDSON, 2016; LETCHFORD; MOAT; PREIS, 2015; LEWISON; HARTLEY, 2005; so forth) usually use quantitative approaches to analyze data. Even though they focus on the extension of titles (e.g. number of words) and

some grammar aspects, a linguistic-oriented qualitative perspective is still required. We have also verified that there have not been enough studies in the field of Applied Linguistics. For example, Ravelli and Starfield (2008) examined the significance of typographic variation – font choices, salience, and layout – in titles of Humanities and Social Sciences theses. Consequently, further studies in this area are still necessary, especially in terms of English for Academic Purposes (EAP) perspective, which requires more discussion towards contextual factors – they remain 'too textual', as explained by Swales (2019) in a recent paper.

In this paper, Swales (2019) brings to light that the field of Applied Linguistics has been over-explored by applied linguists in current years, and there are fewer studies that focus on other fields. Concerning genre analysis, the researcher also suggests that studies about the macrostructure of genres may have reached their limits, mainly because they could be "[…] heavy on description, but light on interpretation and explanation. They show what the normal structures tend to be, but not how and why they take the shapes that they do" (SWALES, 2019, p. 77). From this perspective, we believe it could be fruitful to investigate other fields, regarding their microstructure based on a contextualized linguistic-oriented study.

Thereby, we selected two scientific fields – Rural Sciences and Communication – to analyze and compare their use of titles in published research articles. At this moment, it is relevant to highlight that these choices were connected to both our personal academic interests and practices. While the advisor works alongside the Ph.D. Program in Veterinary Medicine at UFSM, the undergraduate student has a major in Journalism at the same university. Besides that, the present research is part of a broad project whose purpose is to outline written academic practices in the English language produced by different communities in the context of UFSM, in order to provide them with teaching actions for writing and reading practices.

We believe the discussion proposed here is relevant, since Applied Linguistics (AL) deals with language in context, and this field usually concentrates its studies on language teaching contexts or even presents some pedagogical implications. Our study analyzes titles that represent written texts from the perspective of English for Academic Purposes (EAP). EAP studies focus on academic genres (written or spoken) in order to provide the scientific community with pedagogical practices. The fields were chosen due to our experiences in Rural Sciences and Communication as teachers of academic writing and reading. These experiences contribute to an oriented perspective to analyze the titles. As Swales (2019) explains, we can provide a significant contribution to our knowledge by researching other areas than Applied Linguistics. Discussing the choices behind the titles of Rural Sciences and Communication may explain to what extent such distinct areas could relate. Moreover, the findings of this study could both help us devise pedagogical materials for our EAP teaching practices and other researchers who dedicate themselves to the analysis of academic texts.

In this sense, our objective is to analyze the titles of Rural Sciences and Communication journals in order to understand the organization of the titles and the grammar choices realized by processes through notions of Systemic Functional Grammar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). This way, we could be able to identify differences and similarities between the two scientific fields investigated.

2 RELEVANT LITERATURE

As previously mentioned, the habit of scanning titles is a regular activity within the scientific community. This group, in particular, is usually aware of how titles are important and a possible decisive factor when they choose a text to read. Swales and Feak (1998) have already conducted a study on the length of titles. They found that it is related to the scientific field and its singularities, that is, in areas such as life sciences, "titles are becoming longer and looking more and more like full sentences. In others, the preferred style is for short titles containing mostly nouns and prepositions" (Ibidem, p. 206). Colonic titles have also become common, and they perform in titles one of their main functions: separating ideas and combinations. In this same study, Swales and Feak (1998) analyzed titles, considering the number of words, the presence of verbs, punctuation, and the scientific field – those form the basic procedures of our analysis in this study. They have also presented three suggestions on how good titles should be designed: 1) they should indicate the topic of the study; 2) they should indicate the scope of the study, and 3) they should be clear to readers in the target field.

Likewise, Hartley (2005) analyzed sentence structure and reader comprehension in titles of journal articles and reached the conclusion that some titles were misleading. The main criticism here is that even though attractive titles may seem more appealing to the reader, they should actually be informative and straightforward. According to the researcher, "[…] in the context of information retrieval, they [witty titles] are unlikely to succeed" (HARTLEY, 2005, p. 204). By tabulating the proportion of title formats (simple titles, colonic titles, and titles in form of questions) in 54 journals in three different areas of psychology from 2002, the author found that colonic titles appear in almost 50% of the articles and that titles may be getting longer, hence, they might become more informative. Regarding titles in form of questions, Hyland (2002, p. 11) suggests that "[…] questions can help grab the reader at the outset with an arresting directness" while calling attention with compelling language to engage the reader, who may feel invited to solve a mystery proposed by the writer.

In another similar study, Lewison and Hartley (2005) stated that titles need to be attractive and straightforward to inform the reader about the content. The authors conducted research on the length of titles, their structure, the use of colons, and the number of authors. They argue that titles in the form of questions could be constrained, in the sense of making the titles longer and, thus, harder to be understood by readers. Letchford, Moat, and Preis (2015) also considered the length of titles in articles as well. Then, they explored the correlation between this factor and the number of citations. Their findings suggested that articles with short titles are more likely to be cited. This may be due to either the short titles themselves, or the popularity of the journals, or even the restriction imposed by those on the length of titles.

In his article, Hudson (2016) analyzed the characteristics of titles of academic papers submitted to the UK Research Excellence Framework[1] (REF) in 2014. The author's main conclusions showed that the length of titles increased closely to the number of authors' names in articles; the use of colons and question marks decreased in most disciplines though.

Our study proposes not only the analysis of the structure of the titles in Rural Sciences and Communication but also a linguistic-oriented perspective guided by Systemic Functional Grammar (SFG) and a semantic interpretation of the titles. In SFG studies, the clause is the most important unit in grammatical analysis. Halliday and Matthiessen (2014) explain that the clause consists of three modes of meaning in the organization of the clause: *the textual line*, *the interpersonal line,* and *the experiential line*. While *the textual line* looks at the clause as a message, *the interpersonal* understands it as an exchange. In this study, we focus on the third mode, *the experiential* one. It organizes the clause as a configuration of process, participants, and circumstance. In other words, a clause incorporates "a process unfolding through time, […] participants being directly involved in this process […]; and in addition, there may be circumstances of time, space, cause, manner" (Ibidem, p. 213). The system of *Transitivity* is the way to achieve this through lexicogrammatical resources. That is to say that elements in a clause are centered on a process, which is construed by a set of *process types,* typically realized by verbal group, in the transitivity system.

The primary types of processes include: *material*, *mental* and *relational* processes. *Material* clauses define events and actions, outer experiences, and processes of the outside world (e.g. 'doing' and 'happening'). They construe "[…] a quantum of change in the flow of events as taking place through some input of energy" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 224), representing the outcome of the process. *Mental* clauses refer to inner experiences and processes of consciousness. They are processes of emotion, perception, or cognition, as their outcome takes place in an individual's consciousness (e.g. 'sensing'). Therefore, they are not defined as a material act. Lastly, *relational* clauses configure the third major type of process. They are processes of identifying and classifying, that is, they construe the experience as 'being' and 'having'.

In addition to the primary types of processes, the researchers include secondary processes: *behavioral*, *verbal,* and *existential*. The *behavioral* processes represent an external manifestation of consciousness (e.g. the act of crying) and psychological states. *Verbal* processes are constructed in the consciousness and expressed in the form of language (e.g. 'saying' and 'meaning'), and *existential* processes are related to existence, that is, beings are recognized as existing or happening. Among them, the most frequent types expressed in the English transitivity system are *material*, *relational* and *mental* processes according to the authors. Figure 1 presents the types of processes.

[1] According to its website, REF is the system of evaluation that assess the quality of research in UK higher education institutions. Available at: https://www.ref.ac.uk/.

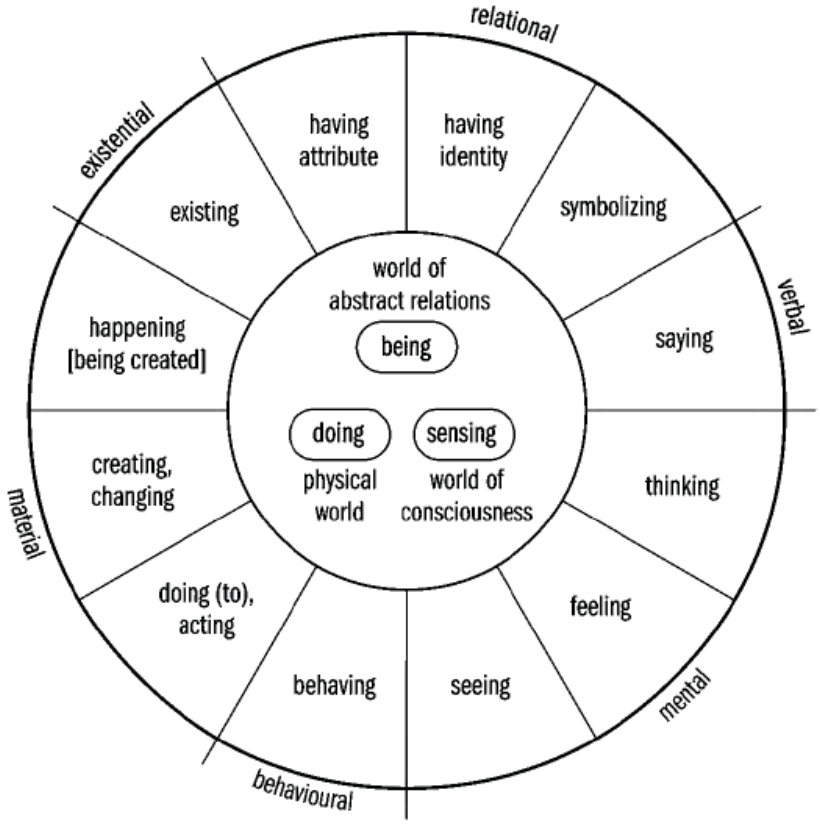


Figure 1: The grammar experience: types of process in English

Source: Halliday and Matthiessen (2014, p. 216)

Next, we describe the corpus collection and analyze the structure of the titles based on Swales (1998) and Hartley's (2005) proportion for title format. Then, we explain how Halliday and Matthiessen's (2014) SFG and the transitivity system are applied in the procedures of analysis for the interpretation of the data.

3 METHODOLOGY

The first step to select the corpus – the titles to be analyzed - was to access *Plataforma Sucupira*[2] (13/01/2020), a website created by *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) to achieve the necessities of its evaluative system (CAPES, c2016). *Plataforma Sucupira* was used to search for interdisciplinary[3] journals, which covered Rural Sciences as the first discipline, and Communication as the second one. Another criterion to select the journals was based on a high-quality standard of QUALIS A1 (FAPEMIG, s.d.), with the impact factor equal to or higher than 3,800. In this sense, two online journals were selected by their International Standard Serial Number (ISSN), considering the open access policy to the published issues of the journals.

European Journal of Agronomy (EJA) was selected as an interdisciplinary journal for the Rural Sciences. This journal was created in 1992 by the European Society for Agronomy (ESA) and it publishes a new volume monthly, which contains articles about experimental and theoretical studies. One of the members of its editorial board is the Brazilian agronomy researcher Carlos Alexandre Costa Crusciol from Sao Paulo State University Julio de Mesquita Filho – Botucatu Campus. The online journal *International Journal of Communication* (IJoC) was selected to represent the scientific field of Communication. It has been published annually by the University of South Carolina Annenberg Press since 2007. This journal is interdisciplinary, though

[2] According to the website of CAPES, *Plataforma Sucupira* is a tool created to collect information, perform analysis and evaluations in order to be the baseline of the graduation system.

[3] We searched for interdisciplinary journals that published articles from several subareas rather than a specific one.

centered on communication issues. Moreover, it is important to highlight here that renowned communication researchers such as Douglas Kellner and Henry Jenkins are part of the editorial board of IJoC.

The corpus was collected in 2019, and the criterion for collecting the corpus included the articles published in each journal that year. This criterion was due to a large amount of titles in the publications per year. The title of each academic article was retrieved from the published issues to construe the corpus. Following the criterion of increasing time period – monthly related –, Table 3[4] was designed to gather all the titles.

Nº	Volume	Title

Table 3: Data collection
Source: designed by the authors

One by one, each title was pasted to this table exactly as they were written, considering their specificities, such as Latin words in italics, for example. A total of 246 titles were collected. From those, 88 titles were retrieved from 10 different volumes of EJA; and 158 from a single volume of IJoC. Instead of conducting the full analysis of the corpus as a whole (due to limitations of time and space), the sample was calculated in a virtual calculator[5] based on a confidence level of 95% . A sample of 73 titles (30%) was randomly selected on the website 'Random Lists' (https://www.randomlists.com), considering all the titles. Then, the first step of analysis of this sample was conducted, following a template (see Table 4) adapted from Swales and Feak (1998).

Number*	Number of words	Any verbs	Punctuation	Field

Table 4: Template of primary analysis
Source: adapted from Swales and Feak (1998)
* Number of the title in relation to its position in the original table of titles.

Subsequently, this sample was analyzed in relation to the average number of words, considering both fields. Then, the verbs were retrieved from the titles and were classified according to the *types of processes* (see Table 5). The theory provided by the transitivity system of Systemic Functional Grammar "[…] provides the lexicogrammatical resources for construing a quantum of change in the flow of events as a figure - as a configuration of elements centered on a process" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 213). This may help with a further comprehension of how titles are organized in terms of lexicogrammatical choices, namely the notions of each type of process, their specificities, and any differences among them.

Types of processes	Verbs	Total
Material Mental Relational Behavioral Verbal Existential		

Table 5: Template of types of processes
Source: designed by the authors

[4] See all the titles in Appendix A.

[5] The virtual calculator used to calculate the sample of this study is available at: https://www.netquest.com/pt-br/obrigado-calculadora-tamanho-amostral.

To conclude the analysis, we looked closely into the titles again to identify if they presented any punctuation – such as question marks (?) or colons (:). The punctuations were observed in relation to the proportions of title formats, according to Hartley's (2005) definitions of a) simple sentence; b) short:long; c) long:short[6]; d) balanced; and e) question. After that, we returned once more to the types of processes and conducted a semantic analysis. In the next section, we present and discuss the main results.

4 RESULTS AND DISCUSSION

This study was conducted with 30% of the titles, which were randomly selected. Tables 6 and 7 show the primary results of the analysis of EJA's and IJoC's titles, respectively.

Number*	Number of words	Any verbs	Punctuation	Field
03	18	-	-	EJA
09	15	-	-	EJA
10	20	*renewing*	-	EJA
15	11	-	-	EJA
20	9	-	-	EJA
29	8	-	-	EJA
31	4	-	-	EJA
32	14	*was*	-	EJA
33	11	*modeling*	-	EJA
35	10	*optimizing*	-	EJA
37	25	*learning; increases*	colon (:)	EJA
41	14	*affects*	colon (:)	EJA
44	18	-	colon (:)	EJA
52	12	-	-	EJA
54	17	*drives*	-	EJA
62	16	-	-	EJA
63	15	*unravelling*	-	EJA
66	15	-	-	EJA
79	19	-	-	EJA
81	16	*explaining*	colon (:)	EJA

[6] Hartley (2005, p. 206) presents these formats for titles with colons (:). By short:long, "[…] we understand a short opening statement and a longer qualification, whereas long:short has a long opening statement and a short qualification".

82	12	-	-	EJA
84	17	-	colon (:)	EJA
87	23	-	-	EJA

Table 6: Primary results of EJA's titles.

Source: adapted from Swales and Feak's (1998) template.

*Number of the title in relation to its position in the original table of titles

141	20	*look*	question mark (?)	IJoC
146	17	*exploring*	colon (:)	IJoC
150	6	-	-	IJoC
152	17	-	colon (:)	IJoC
153	19	*(re)constructing*	colon (:)	IJoC
154	16	*unpublishing*	colon (:)	IJoC
156	12	-	colon (:)	IJoC
159	15	-	colon (:)	IJoC
160	6	*making*	-	IJoC
164	14	*examining*	colon (:)	IJoC
174	13	*using*	colon (:)	IJoC
176	19	*embedding; assess*	colon (:)	IJoC
179	11	-	colon (:)	IJoC
192	16	*mean; talk*	question mark (?)	IJoC
194	9	*delineating; assessing*	colon (:)	IJoC
202	11	*are watching*	colon (:)	IJoC
203	14	*is; am*	colon (:)	IJoC
210	20	-	-	IJoC
212	13	*dealing (with)*	colon (:)	IJoC
222	20	*study*	colon (:)	IJoC
225	15	-	colon (:)	IJoC
229	15	*examining*	-	IJoC
239	14	*constructing*	-	IJoC

240	14	-	question mark (?)	IJoC
242	19	*discussing*	colon (:)	IJoC

Table 7: Primary results of IJoC's titles.
Source: adapted from Swales and Feak's (1998) template.
*Number of the title in relation to its position in the original table of titles

Results show that a title has 14,6 words on average, considering both scientific fields. In relation to EJA, a title generally has 14,7 words, while a title from IJoC has on average 14,6 words. Based on Swales (1998), the numbers suggest a pattern of slightly short titles, which may be explained by two factors: either short titles are easier to understand, hence the articles get more citations or the journals under discussion restrict the number of words, as investigated by Letchford, Moat and Preis (2015). In the section 'Guide for Authors' of EJA (EJA, 2018), we found that the journal requires that titles be 'concise and informative'. This explains the length of titles published by EJA. Yet, we could not find any instructions for title length on IJoC's website.

In relation to the structures of the titles analyzed, most of them (52,5%) typically present colon punctuation (:), while 42,3% are simple sentences and 5,2% contain question marks (?). Table 8 shows the results based on Hartley's (2005) table of analysis of title formats.

Proportion	**Rural Sciences**	**Communication**	**(n)* Example**
Simple sentence	18	7	(33) *Modeling the effects of tropospheric ozone on wheat growth and yield*
Short:long	4	22	(203) *This Is Who I Am: The Selfie as a Personal and Social Identity Marker*
Long:short	0	4	(194) *Delineating and Assessing Cultural Relations: The Case of Asialink*
Balanced	1	0	(81) *On-farm diagnosis for greenhouse tomato in south Uruguay: Explaining yield variability and ranking of determining factors*
Question	0	3	(240) *A "Hotbed" of Digital Empowerment? Media Criticism in Kenya Between Playful Engagement and Co-Option*

Table 8: Proportion of titles in Rural Sciences and Communication
Source: adapted from Hartley (2005)
*Number of the title in relation to its position in the original table of titles

The data point toward a majority of titles formed by simple sentences in Rural Sciences, while the proportion 'short:long' prevails in Communication. This suggests different patterns in the structure of titles in relation to two scientific fields that differ between themselves as areas of knowledge, that is, one is oriented towards biological sciences, and the other aims at studying the relation between media and society, for example. Even though the formats 'long:short', questions, and simple sentences seem to be less common in Communication, as well as the proportions 'short:long' and balanced in Rural Sciences, they are still present. As explained by Hartley (2005, p. 207), the use of colon divides the title into *specific interests* and *general concerns*, and this topic division could lead to "more effective titles for journal articles".

What could be contrasted at this moment are the facts that: a) titles of Rural Sciences were not formed by either questions or 'long:short' proportions – those were found amongst titles of Communication; and b) titles of Communication did not present balanced proportions in colonic titles – one (1) balanced title was found in Rural Sciences. It is not clear if these distinctions are probably due to the rules imposed by the journals related to title submission, since they do not specify the use of colons. Another probable reason is related to the researchers' writing style.

Hyland (2002) suggests that titles composed of questions can be more attractive to the readers, thus gaining their attention. The author found that titles written in the form of questions are more common in the 'soft' disciplines, that is, in the social sciences. In this sense, our analysis provides evidence that coincides with the researcher's conclusions, since titles in the form of questions were found within Communication ones. Once more, it seems to be a matter of disciplinary differences. This may also affect the length of the titles.

Swales and Feak (1998, p. 206) explain that, for instance, in fields such as life sciences, "titles are becoming longer and looking more and more like full sentences", while researchers from other disciplines prefer a different style, and mostly opt for nonverbal short titles containing prepositions and nouns. In this study, 73 titles from two different fields of science were analyzed and most of them, that is, 57%, did not contain any verb. More specifically, less than half of EJA and IJoC titles – 43% and 42%, respectively, – are composed of clauses, which could be conflicting in relation to the authors' previous explanation, since the field of Rural Sciences is also considered a life science.

In this sense, 31 titles contained at least one verb, consisting of at least one clause – six titles presented two or more verbs. As this study intends to analyze the data according to Systemic Functional Grammar (SFG), all 38 verbs were categorized into types of processes as shown in Table 9.

Types of processes	**Verbs**	**EJA**	**IJoC**	**Total**
Material	*renewing, modeling, optimizing, increases, affects, drives, unravelling, came, mapping, exploring, (re)constructing, unpublishing, making, using, embedding, delineating, dealing (with), study, constructing*	7	12	**19**
Mental	*learning, see, know, examining, assess, mean, assessing, are watching, examining*	1	8	**9**
Relational	*was, be, is, look, is, am*	1	5	**6**
Behavioral	-	-	-	**0**
Verbal	*explaining, proposing, talk, discussing*	1	3	**4**
Existential	-	-	-	**0**

Table 9: Types of processes

Source: designed by the authors

This analysis distributed the verbs into six categories of types of processes: *material*, *mental*, *relational*, *behavioral*, *verbal* and *existential*. Results are depicted in Figure 2.

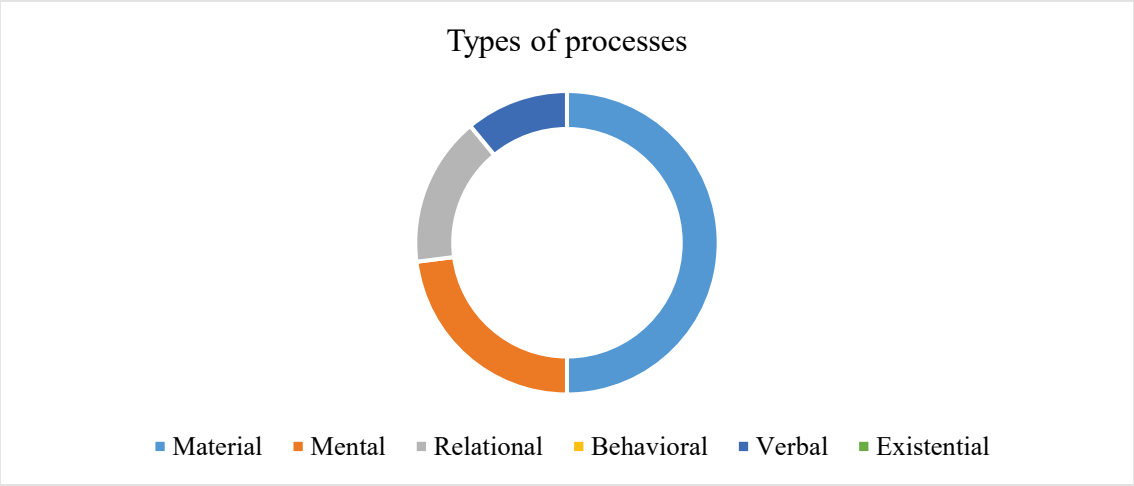


Figure 2: Graph of types of processes

Source: designed by the authors

The data indicate that the verbs are located mostly in the primary types of processes – *material*, *mental* and *relational*. This corroborates Halliday and Matthiessen's (2014) statement that these are the most frequent types of processes expressed in the English transitivity system. They are represented here by 89% of the verbs. Furthermore, it may be that experiences of the outside world, processes of consciousness, and identifying/classifying are more present in research conducted in the fields of Rural Sciences and Communication.

As explained by Halliday and Matthiessen (2014), *material* processes may lead to concrete changes in some event, activity, or action, and even to abstract doings and happenings, through actions performed by a participant, the actor. This may be the reason why *material* processes represent the majority of verbs here (50%), and it could be explained by the fact that experimental scientific studies are usually conducted by a methodology towards their results, that is, "[…] an outcome that is different from the initial phase of the unfolding", meaning a change of some factor – the answer to the research problem, for example (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 225).

Regarding the world of consciousness, *mental* processes have to do with sensing, e.g. feeling, thinking, perceiving, etc. They define changes in events that may happen as flowing in an individual's consciousness or as influencing it. Thus, *mental* clauses project other clauses and they can provide the notion of ideas or of the content of the mind. For this reason, *mental* processes differ from *material* ones, since they are not kinds of 'doing'. Thereby, this could explain why they do not appear as frequently as *material* processes (23%) in this study.

Subsequently, *relational* clauses represent processes of being and having, that is, their purpose is to identify and to characterize. In a way, *relational* clauses resemble 'mental' ones rather than 'material' ones. Still, what differs *relational* to *mental* process is the fact that, in the latter, there is always a participant endowed with consciousness. Halliday and Matthiessen (2014) explain that these processes model both the inner and out experience as 'being'. In other words, the change in this process unfolds without energy usage as a static location in space, static possession, or static quality.

It is relevant to highlight that this is not 'being' in the sense of existence – as in *existential* clauses. In *relational* processes, "[…] there are two parts to the 'being': something is said to 'be' something else. In other words, a relationship of being is set up between two separate entities" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 261). Therefore, one of the verbs that occur mostly in *relational* processes is *be*, which was elicited by the results in Chart 1. As the researchers suggest, this is actually the third major type of process, which can be also reinforced by our results (16%). Despite the low representation among *material* and *mental* clauses, *relational* processes still perform a significant share in contrast to *behavioral*, *existential*, and *verbal* processes, namely the secondary ones.

With respect to the secondary processes, only *verbal* ones were realized by four verbs, that is, the remaining 11%. Amongst the secondary processes, the *verbal* ones are pointed out by the researchers as a relevant resource for many kinds of discourse. *Verbal* clauses are often accompanied by quotes. This way, it is possible to quote/report other researchers in the academic discourse, for example, or even to convey meaning through the titles of articles. Nonetheless, there is a low presence of *verbal* clauses and this suggests that language expression is not employed in the titles as frequently as in the primary processes.

The non-appearance of *behavioral* clauses, which express typically human physiological and psychological behavior, could be explained by the fact that the titles of the articles analyzed here maybe do not reflect research focused on human behavior issues. Alongside, the non-presence of *existential* processes to represent that something 'exists' or 'happens' implies that they are not, in general, common processes in the academic discourse. This is confirmed by Halliday and Matthiessen (2014, p. 307-308), when they point out that "[…] on the order of 3 to 4 percent of all clauses are existential". Upon it, our analysis may infer that processes realized by verbs from the world of consciousness and the physical world seem to prevail in relation to those from the world of abstract relations.

This research investigated titles from two different scientific fields. The analysis suggested that even though Rural Sciences and Communication represent distinct subjects, they both recur to the academic discourse as a way of expressing their own specificities. Therefore, the findings brought to light some differences and similarities between those fields in relation to their titles. From this study, we may devise pedagogical materials for our academic teaching practices as well as provide other EAP researchers with further knowledge on academic genre analysis.

5 CONCLUSION

In this study, we have emphasized several times the relevance of titles, especially in the academic context of paper titles. We can say that titles are like 'signs' that point us the way to the text. If the title is informative, concise, and attractive, it will possibly convince the reader to move forward (SWALES; FEAK, 1998). Consequently, a good title is the one that leads the reader to the text.

Our analysis reinforces these aspects: titles are short, direct, and informative. The choices behind the titles in Rural Sciences and Communication are connected to their structures, as they are represented by either simple sentences or by the format short:long for colonic titles (HARTLEY, 2005), respectively. This contrasts the two scientific areas, since it points to differences in the style of the titles.

Here we have proposed a different approach from the previous studies: a linguistic-oriented analysis, aligned with Swales and Feak's (1998) genre analysis and a semantic interpretation of the microstructure of the titles guided by the transitivity system of Systemic Functional Grammar (SFG).

This way, the fields of Rural Sciences and Communication are united by SFG of Halliday and Matthiessen (2014). Verbal choices in experimental scientific studies, such as those studied here, point to the majority of *material* processes. They express that concrete changes were unfolded and that a procedure of analysis was conducted, hence, we can expect some results.

The findings presented here can help us devise some pedagogical material for our EAP teaching practices. They also represent an Applied Linguistic input that can assist other academic researchers in their analyses. On the other hand, further studies about the context of production are still required, for example, interviews with informants from the fields studied in order to gather an insider view of the results.

REFERENCES

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Plataforma Sucupira*. Brasília, DF: CAPES, c.2020. Available at: https://sucupira.capes.gov.br/. Access on: Jan. 13, 2020.

EJA – European Journal of Agronomy. Guide for Authors. *Elsevier*, 2018. Available at: https://www.elsevier.com/journals/european-journal-of-agronomy/1161-0301/guide-for-authors. Access on: Aug. 30, 2020.

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais. Entenda mais sobre o Qualis Periódicos. *Periódicos de Minas*, s.d. Available at: https://www.periodicosdeminas.ufmg.br/entenda-mais-sobre-o-qualis-periodicos/. Access on: Jan. 13, 2020.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 4th ed. London: Routledge, 2014.

HARTLEY, J. To attract or to inform: What are titles for? *Journal of Technical Writing and Communication*, v. 35, n. 2, p. 203-213, 2005.

HUDSON, J. An analysis of the titles of papers submitted to the UK REF in 2014: authors, disciplines, and stylistic details. *Scientometrics*, v. 109, n. 2, p. 871-889, 2016. Available at: https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-016-2081-4. Access on: Aug. 8, 2019.

HYLAND, K. What do they mean? Questions in academic writing. *Text*, v. 22, n. 4, p. 529-557. Available at: https://www.academia.edu/7567243/What_do_they_mean_Questions_in_academic_writing. Access on: Nov. 18, 2020.

LETCHFORD, A.; MOAT, H. S.; PREIS, T. The advantage of short paper titles. *Royal Society Open Science*, v. 2, n. 8, p. 150266, 2015. Available at: http://dx.doi.org/10.1098/rsos.150266. Access on: Aug. 30, 2019.

LEWISON, G.; HARTLEY, J. What's in a title? Numbers of words and the presence of colons. *Scientometrics*, v. 63, n. 2, p. 341-356, 2005. Available at: https://www.researchgate.net/publication/220364492_What's_in_a_title_Number_of_words_and_the_presence_of_colons. Access on: Aug. 30, 2019.

RAVELLI, L.; STARFIELD, S. Typography and disciplinary identity in academic writing. *Information Design Journal*, v. 16, n. 2, p. 133-147, 2008. Available at: https://www.researchgate.net/publication/233562602_Typography_and_disciplinary_identity_in_academic_writing. Access on: Oct. 13, 2019.

SWALES, J. The futures of EAP genre studies: A personal viewpoint. *Journal of English for Academic Purposes*, v. 38, p. 75-82, 2019. Available at: https://www.researchgate.net/publication/330471293_The_Futures_of_EAP_Genre_Studies_A_Personal_Viewpoint. Access on: Nov. 24, 2020.

SWALES, J.; FEAK, C. *Academic writing for graduate students*. 2nd ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

Received on March 4. Approved May 16, 2021.

APPENDIX A – Titles collected from European Journal of Agronomy in 2019

Nº	**Volume**	**Title**
01	102	Evaluation of regional estimates of winter wheat yield by assimilating three remotely sensed reflectance datasets into the coupled WOFOST–PROSAIL model
02	102	Mineral NPK and manure fertilisation affecting the yield stability of winter wheat: Results from a long-term field experiment
03	102	Phenotypic plasticity of grain and hay quality in varieties and advanced lines from the Australian oat breeding program
04	102	Grain yield responsiveness to water supply in near-isogenic reduced-tillering wheat lines – An engineered crop trait near its upper limit
05	103	Yield components of lucerne were affected by sowing dates and inoculation treatments
06	103	Frost damage on grain number in wheat at different spike developmental stages and its modelling
07	103	Energy efficiency of winter wheat in a long-term tillage experiment under Pannonian climate conditions
08	103	Effects of input data aggregation on simulated crop yields in temperate and Mediterranean climates
09	103	Integration and potential nitrogen contributions of green manure inter-row legumes in coppiced tree cropping systems
10	103	Effects of renewal time, taproot cutting, ploughing practice, false seedbed and companion crop on docks (*Rumex* spp.) when renewing grassland
11	103	A land-based approach for the environmental assessment of Mediterranean annual and perennial energy crops
12	103	Rice exposure to cold stress in China: how has its spatial pattern changed under climate change?
13	103	Yield loss of oilseed rape (*Brassica napus* L.) under nitrogen deficiency is associated with under-regulation of plant population density
14	103	Mixing it up – wheat cultivar mixtures can increase yield and buffer the risk of flowering too early or too late
15	103	Nitrogen management in double-annual cropping system (barley-maize) under irrigated Mediterranean environments
16	103	Downscaling rice yield simulation at sub-field scale using remotely sensed LAI data
17	103	Estimating above ground biomass of winter wheat at early growth stages using digital images and deep convolutional neural network
18	103	Assessment of Piatã palisadegrass forage mass in integrated livestock production systems using a proximal canopy reflectance sensor
19	103	Soybean-maize succession in Brazil: Impacts of sowing dates on climate variability, yields and economic profitability
20	103	Grain quality in wheat—Impact of disease management
21	103	Exploiting genotype x environment x management interactions to enhance maize productivity in Ethiopia
22	103	Erect–leaf posture promotes lodging resistance in oat plants under high plant population
23	104	Impact of grapevine age on water status and productivity of *Vitis vinifera* L. cv. Riesling

24	104	Using preceding crop effects for climate smart sugar beet (*Beta vulgaris* L.) cultivation
25	104	Nonlinear growth models: An alternative to ANOVA in tomato trials evaluation
26	104	Value of seasonal forecasting for sugarcane farm irrigation planning
27	104	Delayed sowing increases grain number by enhancing spike competition capacity for assimilates in winter wheat
28	104	Calibration and evaluation of the *STICS* soil-crop model for faba bean to explain variability in yield and N_2 fixation
29	104	Deep learning for image-based weed detection in turfgrass
30	104	Nature abhors a vacuum: Deciphering the vegetative reaction of the mango tree to pruning
31	104	A SIMPLE crop model
32	105	Wheat grown under elevated CO_2 was more responsive to nitrogen fertilizer in Eastern India
33	105	Modeling the effects of tropospheric ozone on wheat growth and yield
34	105	Lentil enhances the productivity and stability of oilseed-cereal cropping systems across different environments
35	105	Optimizing relative seed frequency of intercropped pea and spring barley
36	105	Examining the yield potential of barley near-isogenic lines using a genotype by environment by management analysis
37	105	Learning from the soil's memory: Tailoring of fertilizer application based on past manure applications increases fertilizer use efficiency and crop productivity on Kenyan smallholder farms
38	105	An eight-year survey of wheat shows distinctive effects of cropping factors on different *Fusarium* species and associated mycotoxins
39	105	Transpiration from canopy temperature: Implications for the assessment of crop yield in almond orchards
40	105	Exploring the differences between organic and conventional breeding in early vigour traits of winter wheat
41	105	Structural memory in grapevines: Early season water availability affects late season drought stress severity
42	105	Root growth and soil carbon turnover in *Opuntia ficus-indica* as affected by soil volume availability
43	105	The impact of fungicide treatment and Integrated Pest Management on barley yields: Analysis of a long term field trials database
44	105	Bread and durum wheat: Intra- and inter-specific variation in grain yield and protein concentration of modern Italian cultivars
45	105	A simple model simulating development and growth of an olive grove
46	105	Low-cost assessment of grain yield in durum wheat using RGB images
47	105	Long-term effects of irrigation regime on fruit development pattern of the late-maturing 'Angeleno' Japanese plum

48	105	Weather forecasts to enhance an Irish grass growth model
49	105	Yield responses of arable crops to liming – An evaluation of relationships between yields and soil pH from a long-term liming experiment
50	105	Development of a nitrogen recommendation tool for corn considering static and dynamic variables
51	106	Improving productivity and increasing the efficiency of soil nutrient management on grassland farms in the UK and Ireland using precision agriculture technology
52	106	The impact of climate change on barley yield in the Mediterranean basin
53	106	New approach to determining the surface temperature without thermal band of satellites
54	106	Increasing co-limitation of water and nitrogen drives genetic yield gain in Australian wheat
55	106	Responses of *indica* rice yield and quality to extreme high and low temperatures during the reproductive period
56	106	Soil and foliar nitrogen and boron fertilization of almond trees grown under rainfed conditions
57	106	Can reproducible comparisons of cereal genotypes be generated in field experiments based on UAV imagery using RGB cameras?
58	106	Modelling biological N fixation and grass-legume dynamics with process-based biogeochemical models of varying complexity
59	107	Wheat drought-tolerance to enhance food security in Tunisia, birthplace of the Arab Spring
60	107	Does the use of cowpea in rotation with a vegetable crop improve soil quality and crop yield and quality? A field study in SE Spain
61	107	Effects of water and rice straw management practices on water savings and greenhouse gas emissions from a double-rice paddy field in the Central Plain of Thailand
62	107	Yield potential and nitrogen dynamics of no-till silage maize (*Zea mays* L.) under maritime climate conditions
63	107	Unravelling the relationship between adaptation pattern and yield formation strategies in Mediterranean durum wheat landraces
64	107	Impact of farming systems on agricultural landscapes and biodiversity: From plot to farm and landscape scales
65	108	Prognosis and diagnosis of sulfur status in maize by plant analysis
66	108	Maize yield estimation in West Africa from crop process-induced combinations of multi-domain remote sensing indices
67	109	Is it feasible to reduce tillage and N use while improving maize yield in irrigated Mediterranean agroecosystems?
68	109	Potential of indicators to unveil the hidden side of cropping system classification: Differences and similarities in cropping practices between conventional, no-till and organic systems
69	109	Benchmarking break-crops with wheat reveals higher risk may limit on farm adoption
70	109	Effective population size (N_e) of organically and conventionally grown composite cross winter wheat populations depending on generation
71	109	Modeling wheat nutritional quality with a modified CERES-wheat model

72	109	Foliar N application at anthesis alters grain protein composition and enhances baking quality in winter wheat only under a low N fertiliser regimen
73	109	Evaluating the potential of winter beet in northern Germany by a simulation model
74	109	Development of a rice tungro epidemiological model for seasonal disease risk management in the Philippines
75	109	Adapting irrigated and rainfed wheat to climate change in semi-arid environments: Management, breeding options and land use change
76	109	Soil compaction effects on grassland silage yields and soil structure under different levels of compaction over three years
77	109	Residual effect of synthetic nitrogen fertilizers and impact on Soil Nitrifiers
78	109	Above- and belowground dry matter partitioning of four warm-season annual crops sown on different dates in a semiarid region
79	110	Comparison of milk thistle (*Silybum marianum*) and cardoon (*Cynara cardunculus*) productivity for energy biomass under weedy and weed-free conditions
80	110	Banana leaf pruning to facilitate annual legume intercropping as an intensification strategy in the East African highlands
81	110	On-farm diagnosis for greenhouse tomato in south Uruguay: Explaining yield variability and ranking of determining factors
82	110	The critical period for yield determination in common buckwheat (*Fagopyrum esculentum* Moench)
83	110	Double-cropping systems based on rye, maize and sorghum: Impact of variety and harvesting time on biomass and biogas yield
84	110	Wheat grain number and yield: The relative importance of physiological traits and source-sink balance in southern Australia
85	111	Combine observational data and modelling to quantify cultivar differences of soybean
86	111	Super-resolution enhancement of Sentinel-2 image for retrieving LAI and chlorophyll content of summer corn
87	111	The role of the exponential and linear phases of maize (*Zea mays* L.) ear growth for determination of kernel number and kernel weight
88	111	Identifying the most promising agronomic adaptation strategies for the tomato growing systems in Southern Italy *via* simulation modeling

A) Titles collected from International Journal of Communication in 2019

Nº	**Volume**	**Title**
89	13	Gendered Visibility on Social Media: Navigating Instagram's Authenticity Bind
90	13	The Elephant and the Bird: Republican Candidates' Use of Strategy and Issue Framing in Twitter During the 2016 Republican Presidential Primaries
91	13	Online Incivility, Cyberbalkanization, and the Dynamics of Opinion Polarization During and After a Mass Protest Event
92	13	Tweeting to (Selectively) Engage: How Government Agencies Target Stakeholders on Twitter during Hurricane Harvey
93	13	Gendered Spaces, Gendered Friendship Networks? Exploring the Organizing Patterns of LGBTQ Youth

94	13	Celebrity Political Endorsement and Young Voters in Europe: A Five-Country Comparison on Celebrity Support Effectiveness in the European Elections
95	13	Picketing the Virtual Storefront: Content Moderation and Political Criticism of Businesses on Yelp
96	13	News Media Literacy: Effects of Consumption
97	13	The Scholarship of Public Diplomacy: Analysis of a Growing Field
98	13	How Does Communication Anxiety Influence Well-Being? Examining the Mediating Roles of Preference for Online Social Interaction (POSI) and Loneliness
99	13	Surveillance in Weak States: The Problem of Population Information in Afghanistan
100	13	Whose Death Matters? A Quantitative Analysis of Media Attention to Deaths of Black Americans in Police Confrontations, 2013–2016
101	13	Promoting Support for Public Health Policies Through Mediated Contact: Can Narrator Perspective and Self-Disclosure Curb In-Group Favoritism?
102	13	Sweetgrass AR: Exploring Augmented Reality as a Resource for Indigenous–Settler Relations
103	13	"None of Us Is an Island": Toward the Conception of Positive Populism Through the Analysis of Pope Francis's Twitter Communication
104	13	Call if you Can, Text if You Can't: A Dismediation of U.S. Emergency Communication Infrastructure
105	13	Peeling Back the Onion: Formative Agenda Building in Business Journalism
106	13	Measuring Gender in News Representations of Refugees and Asylum Seekers
107	13	Older Adults' Online Information Seeking and Subjective Well-Being: The Moderating Role of Internet Skills
108	13	Comparing Discursive and Performative Contributions to Legitimation of Government: A Study of Municipal Policy Making in Chengdu
109	13	The Associations of Appearance Comparisons with Peers and Chinese and Korean Media Figures with Thin-Ideal Internalization, Body Dissatisfaction, and the Drive for Thinness Among Female Korean-Chinese College Students in China
110	13	Political Elites' Use of Fake News Discourse Across Communications Platforms
111	13	*Color TV*: Postcolonial Concerns and "Colored" Television Audiences in South Africa
112	13	Social Capital as an Inhibitor of Online Political Incivility: An Analysis of Behavioral Patterns Among Politically Active Facebook Users
113	13	Media Effects and Marginalized Ideas: Relationships Among Media Consumption and Support for Black Lives Matter
114	13	Graphicons and Tactics in Satirical Trolling on Tumblr.com
115	13	And Then the War Came: A Content Analysis of Resilience Processes in the Narratives of Refugees from Humans of New York
116	13	From Inside the Rhizome: Mapping the Greek Alternative Mediascape
117	13	Exploring Normative Leadership: An Egocentric Network Approach to Friends' Norm-Signaling Relevance
118	13	Detecting Textual Reuse in News Stories, At Scale

119	13	Revisiting *Hearing the Other Side*: Distinct Associations of Social Network Characteristics With Political Discussion and Participation
120	13	Reaching Muslims from the Bully Pulpit: Analyzing Modern Presidential Discourse on Islam and Muslims from FDR to Trump
121	13	"Kingston Be Wise:" Jamaica's Reggae Revival, Musical Livity, and Troubling Temporality in the Modern Global Music Industry
122	13	Self-Censorship of the Nira Radia Tapes: A Critical Juncture in the Indian Journalistic Field
123	13	Appealing to the Heart: How Social Media Communication Characteristics Affect Users' Liking Behavior During the Manchester Terrorist Attack
124	13	Unpacking the Influence of Informational, Organizational, and Structural Factors on the Longitudinal Change of the NPO Follower-Followee Network on Twitter
125	13	Polls Versus Commenters: Effects of Cross-Cutting Opinion Climates on Cross-Platform Opinion Expression
126	13	Welcome to Korea Day: From Diasporic to *Hallyu* "Fan-Nationalism"
127	13	What You See Is What You Know: The Influence of Involvement and Eye Movement on Online Users' Knowledge Acquisition
128	13	Media Use, Cross-National Samples, and the Theory of Planned Behavior: Implications for Climate Change Advocacy Intentions
129	13	News Media Trust and News Consumption: Factors Related to Trust in News in 35 Countries
130	13	The Knowledge Gap Hypothesis Across Modality: Differential Acquisition of Knowledge From Television News, Newspapers, and News Websites
131	13	"Shouting Matches and Echo Chambers": Perceived Identity Threats and Political Self-Censorship on Social Media
132	13	Inside the Voter's Mind: The Effect of Psychometric Microtargeting on Feelings Toward and Propensity to Vote for a Candidate
133	13	Personal–Organizational Processes in Workplace Health Promotion: Understanding Wellness Program Participation in China
134	13	Visibility Through Information Sharing: The Role of Tweet Authors and Communication Styles in Retweeting Political Information on Twitter
135	13	Proposing a Practical Media Taxonomy for Complex Media Production
136	13	The Wisdom of the Crowd Versus the Wisdom in the Crowd: Testing the Effects of Aggregate User Representation, Valence, and Argument Strength on Attitude Formation in Online Reviews
137	13	The Sequential and Conditional Nature of 21st-Century Digital Skills
137	13	On the Concept of Medium: An Empirical Study
138	13	Political Campaigning Games: Digital Campaigning With Computer Games in European National Elections
139	13	The Political and Civic Potential of Popular Women's Magazines: The Israeli Case
140	13	The Role of Structural Factors in Antibiotic Use Among European Union Citizens: A Multilevel Analysis
141	13	Do I Look All Right (or All Left)? The Interactive Effect of Facial Appearance and Political Attitudes on Social Attraction

142	13	Papi Jiang and Microcelebrity in China: A Multilevel Analysis
143	13	Building a Network to "Tell China Stories Well": Chinese Diplomatic Communication Strategies on Twitter
144	13	Connective Action and Affective Language: Computational Text Analysis of Facebook Comments on Social Movements in South Korea
145	13	"Funnel Time" in the Heartland: Shifting Temporalities and Changing Materialities at *The Omaha World-Herald*
146	13	Popular Media in the Metropolitan Third Places: Exploring the Uses and Gratifications of the Mobile *Homo Œconomicus*
147	13	The Distant Sufferer: Measuring Spectatorship of Photojournalism
148	13	"Men Are Scum": Self-Regulation, Hate Speech, and Gender-Based Censorship on Facebook
149	13	Portrayals of Unethical and Unvirtuous Workplace Behaviors on TV: Implications for Vocational Anticipatory Socialization
150	13	Toward a Performative Understanding of Politeness
151	13	Proximity and Networked News Public: Structural Topic Modeling of Global Twitter Conversations about the 2017 Quebec Mosque Shooting
152	13	Norms as Regulating Factors for Self-Disclosure in a Collapsed Context: Norm Orientation Among Referent Others on Facebook
153	13	(Re)constructing Professional Journalistic Practice in Mexico: Verificado's Marketing of Legitimacy, Collaboration, and Pop Culture in Fact-Checking the 2018 Elections
154	13	Unpublishing the News: An Analysis of U.S. and South Korean Journalists' Discourse About an Emerging Practice
155	13	Live Ambience and Homestead Away From Home: Social Media Use and Dependency by Visiting Chinese Students in the United States
156	13	Social Identity and Group Emotion: Media Effects and Support for Military Intervention
157	13	Identification and Comparison of the Persuasive Elements Present in "Best Answers" to STD-Related Questions on Social Q&A Sites: Yahoo! Answers (United States) Versus Knowledge-iN (South Korea)
158	13	Counter-Framing Effects of User Comments
159	13	Emoticon, Emoji, and Sticker Use in Computer-Mediated Communication: A Review of Theories and Research Findings
160	13	Making Meaning of Media Development Today
161	13	To Like is to Support? The Effects and Mechanisms of Selective Exposure to Online Populist Communication on Voting Preferences
162	13	The Syrian Regime's Strategic Political Communication: Practices and Ideology
163	13	Stand Up, Show Respect: Athlete Activism, Nationalistic Attitudes, and Emotional Response
164	13	Circulating Mobile Apps in Greater China: Examining the Cross–Regional Degree in App Markets
165	13	"#IAmGay# What About You?": Storytelling, Discursive Politics, and the Affective Dimension of Social Media Activism against Censorship in China

166	13	How Partisan Online Environments Shape Communication with Political Outgroups
167	13	Making Peace or Holding a Grudge? The Role of Publics' Forgiveness in Crisis Communication
168	13	"Hey, I'm Having These Experiences": Tumblr Use and Young People's Queer (Dis)connections
169	13	A Matter for the Boss? How Personalized Communication Affects Recipients' Perceptions of an Organization During a Crisis
170	13	A Meta-Analysis of the Effects of Sociodemographic Factors on Social Media Adoption
171	13	To Verify or to Disengage: Coping with "Fake News" and Ambiguity
172	13	Cancer-Prevention Messages on Chinese Social Media: A Content Analysis Grounded in the Extended Parallel Process Model and Attribution Theory Model and Attribution Theory
173	13	Social Media Influence: Performative Authenticity and the Relational Work of Audience Commodification in the Philippines
174	13	Engagement, Formality, and Visibility: Managing Paradoxes of Using Mobile Instant Messaging for Work
175	13	Intermedia Agenda-Setting in a Policy Reform Debate
176	13	Embedding a Wiki Platform Within a Traditional Survey: A Novel Approach to Assess Perceived Argument Strength in Communication Research
177	13	Jitter: Clocking as Audible Media
178	13	Studying the Live Cross-Platform Circulation of Images With Computer Vision API: An Experiment Based on a Sports Media Event
179	13	Toward Traditional or Atypical Parenting: Mediated Communication in Chinese Transnational Families
180	13	Determining Political Text Complexity: Conceptualizations, Measurements, and Application
181	13	Risk Perception and Privacy Regulation Preferences From a Cross-Cultural Perspective. A Qualitative Study Among German and U.S. Smartphone Users
182	13	Effects of Communication-Oriented Overload in Mobile Instant Messaging on Role Stressors, Burnout, and Turnover Intention in the Workplace
183	13	One Does Not Simply Create a Meme: Conditions for the Diffusion of Internet Memes
184	13	The Battle for #Baltimore: Networked Counterpublics and the Contested Framing of Urban Unrest
185	13	Who Decides What Is Personal Data? Testing the Access Principle with Telecommunication Companies and Internet Providers in Hong Kong
186	13	The Digital Divide, Social Inclusion, and Health Among Persons With Mental Illness in Poland
187	13	Sociodemographic Analysis of TV Genre Preference: The Lebanese Case
188	13	From the Studio to the Street: Cultivating Democratic Norms in Uganda
189	13	Using the Internet to Mobilize Marginalized Groups: People With Disabilities and Digital Campaign Strategies in the 2016 U.S. Presidential Election
190	13	In the Shadow of State Power: Citizenship Rights, Civil Society, and Media Representation in China, 2000–2012

191	13	Counting Queerness in Games: Trends in LGBTQ Digital Game Representation, 1985-2005
192	13	What Do We Mean When We Talk About Transparency? Toward Meaningful Transparency in Commercial Content Moderation
193	13	In the Warcraft Universe We Trust: An Analysis of Transmedia Advertising Strategies in the World of Warcraft Video Game Series ("Battle Chest 3.0," "Cataclysm," and "Mists of Pandaria")
194	13	Delineating and Assessing Cultural Relations: The Case of Asialink
195	13	The Sphere of Consensus in a Polarized Media System: The Case of Turkey During the Catastrophic Coup Attempt
196	13	Online and Offline Communication and Political Knowledge and Participation in Presidential Campaigns: Effects of Geographical Context
197	13	Translating Socioemotional Selectivity Theory Into Persuasive Communication: Conceptualizing and Operationalizing Emotionally-Meaningful Versus Knowledge-Related Appeals
198	13	Communication for Development and Social Change and the Challenge of Climate Change
199	13	Examining the Relationship Between Media Use and Political Engagement: A Comparative Study Among the United States, Kenya, and Nigeria
200	13	Communicative Acts of Citizenship: Contesting Europe's Border in and Through the Media
201	13	The Relationship Between Offline Social Capital and Online Learning Interactions
202	13	The Children Are Watching: A History of Age-Rating Television in Brazil
203	13	This Is Who I Am: The Selfie as a Personal and Social Identity Marker
204	13	Determinant and Consequence of Online News Authorship Verification: Blind News Consumption Creates Press Credibility
205	13	The Complexities of the Role of Children in the Process of Technology Transmission Among Disadvantaged Families: A Mixed-Methods Approach
206	13	Free Market Media, Democracy, and Partisanship: A Case Study of Kolkata's Newspapers' Coverage of Anti-Industrialization Protests
207	13	Liberal Individualist, Communitarian, or Deliberative? Analyzing Political Discussion on Facebook Based on Three Notions of Democracy
208	13	Earwitnessing Detention: Carceral Secrecy, Affecting Voices, and Political Listening in *The Messenger* Podcast
209	13	The Impacts of Territorial Communication Norms and Composition on Online Trolling
210	13	Visual Presentation of Refugees During the "Refugee Crisis" of 2015–2016 on the Online Portal of the Croatian Public Broadcaster
211	13	The Representation of Graphene in the Online Press of the United States, the United Kingdom, and Spain
212	13	Dealing with Increasing Complexity: Media Orientations of Communication Managers in Public Sector Organizations
213	13	Relations of Media Production in Occupy Wall Street
214	13	Incidental Exposure to Political Disagreement on Facebook and Corrective Participation: Unraveling the Effects of Emotional Responses and Issue Relevance

215	13	How Do Intermediaries Shape News-Related Media Repertoires and Practices? Findings From a Qualitative Study
216	13	Identifying Normativity in Communication Research: A Typology and a Framework for Assessing Scientific and Extrascientific Norms
217	13	The Narrative Engageability Scale: A Multidimensional Trait Measure for the Propensity to Become Engaged in a Story
218	13	"In Spite of" and "Alongside": Disillusion and Success in Advocacy Communication for the
219	13	Web Infrastructures and Online Attention Ecology
220	13	Future Talk: Accounting for the Technological and Other Future Discourses in Daily Life
221	13	"Airpocalyse" and the China Smog Crisis: Examining Online and Offline Civic Engagement Motives, Attention and Actions
222	13	Consonance and Diversity of Voices and Viewpoints: A New Paradigm to Study Actors' Cumulative Influence on Viewpoints in Immigration News
223	13	Selective Exposure and Perceived Identification With Characters in Transnational Arabic Television
224	13	The Role of Beliefs and Behavior on Facebook: A Semiotic Approach to Algorithms, Fake News, and Transmedia Journalism
225	13	So Far, Yet So Close: International Career Paths of Communication Scholars From the Global South
226	13	Solidarity, Social Media, and the "Refugee Crisis": Engagement Beyond Affect
227	13	The God Card: Strategic Employment of Religious Language in U.S. Presidential Discourse
228	13	From *Hijrah* to *Khilafah*: Rhetoric, Redemption, and ISIL's Recruitment Strategy
229	13	Examining Knowledge as a Motivation for Attention to Breast Cancer–Related Information Across Different Media
230	13	Effects of Message Completeness and Source Expertise in Online Health Discussion Boards
231	13	Measuring Mediation of Children's Media Use
232	13	When CSR Meets Mobile SNA Users in Mainland China: An Examination of Gratifications Sought, CSR Motives, and Relational Outcomes in Natural Disasters
233	13	From Twitter to Charlottesville: Analyzing the Fighting Words Between the Alt-Right and Antifa
234	13	Vernacular Politics in New Participatory Media: Discursive Linkage Between Biometrics and the Holocaust in Israel
235	13	Gender, Nonverbal Communication, and Televised Debates: A Case Study Analysis of Clinton and Trump's Nonverbal Language During the 2016 Town Hall Debate
236	13	Who Sets the Agenda? Polarization and Issue Ownership in Turkey's Political Twittersphere
237	13	Framing Political Scandals: Exploring the Multimodal Effects of Isolation Cues in Scandal News Coverage on Candidate Evaluations and Voting Intentions
238	13	NGOs' HIV/AIDS Discourse on Social Media and Websites: Technology Affordances and Strategic Communication Across Media Platforms
239	13	The Challenge of Constructing a Unique Online Identity Through an Isomorphic Social Media Presence

240	13	A "Hotbed" of Digital Empowerment? Media Criticism in Kenya Between Playful Engagement and Co-Option
241	13	Online Communication Patterns of Chinese and Mexican Adolescents Living in the United States
242	13	Personalities Discussing Politics: The Effects of Agreement and Expertise on Discussion Frequency and the Moderating Role of Personality Traits
243	13	The Invisibility of Latin American Scholarship in European Media and Communication Studies: Challenges and Opportunities of De-Westernization and Academic Cosmopolitanism
244	13	Who Is Responsible for Delhi Air Pollution? Indian Newspapers' Framing of Causes and Solutions
245	13	Media and Collective Action in Greece: From Indignation to Solidarity
246	13	The Hijacked Hashtag: The Constitutive Features of Abortion Stigma in the #ShoutYourAbortion Twitter Campaign

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e79086

INDIVIDUAÇÃO DE AUTORIA E IDENTIFICAÇÃO DE ESTILO: ANÁLISE DE OBRAS LITERÁRIAS COM AUXÍLIO DO R

INDIVIDUACIÓN DE AUTORÍA E IDENTIFICACIÓN DE ESTILO: ANÁLISIS DE OBRAS LITERÁRIAS CON R

INDIVIDUATION OF AUTHORSHIP AND STYLE IDENTIFICATION: ANALYSIS OF LITERARY WORKS CARRIED WITH R

Luis Filipe Lima e Silva*
Larissa S. Ciríaco**
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este artigo soma-se aos trabalhos disponíveis sobre Processamento de Língua Natural ao fornecer uma demonstração de como linguagens de programação como o R (R CORE TEAM, 2020) podem ser úteis na detecção de autoria e na identificação do estilo do autor em obras literárias. Foram selecionados dois autores e duas obras de cada, a saber: *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) e *Adventures of Huckleberry Finn* (1884), do autor Mark Twain (1835-1910), e *Typee: A Peep at Polynesian Life* (1846) e *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas* (1847), do autor Herman Melville (1819-1891). Posteriormente, os dados foram analisados seguindo a mesma metodologia de Eder *et al.* (2016), a fim de testar a eficácia do pacote *stylo* e aplicar os métodos de Análise de Componentes Principais, Análise de *Cluster* e Árvore de Consenso. Os resultados apontaram que cada um dos métodos testados conseguiu distinguir as obras dos autores, evidenciando-se, assim, a eficácia do pacote utilizado. Além disso, realiza-se uma

* Possui doutorado (2020) e mestrado (2016) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: luisf.1397@gmail.com.

** Professora de Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: larissaciriaco@ufmg.br.

análise estilométrica baseada nos métodos de Zeta de Craig e *Rolling Delta*. Para este último, utilizaram-se obras de dois autores de língua alemã, Frank Kafka e Heinrich von Kleist. Os resultados apontaram uma semelhança estilística de von Kleist, sobretudo, na primeira obra de Kafka. Adicionalmente, o método *Rolling Delta* foi usado para explorar uma análise feita por Juola (2013ª, 2013b) a respeito de uma obra de J. K. Rowling escrita sob o pseudônimo de Robert Galbraith.
PALAVRAS-CHAVE: Detecção de autoria. Análise estilométrica. R.

RESUMEN: Este artículo se suma a los trabajos disponibles sobre procesamiento del lenguaje natural al proporcionar una demostración de cómo los lenguajes de programación como R (R CORE TEAM, 2020) pueden ser útiles para detectar la autoría e identificar el estilo del autor en obras literarias. Se seleccionaron dos autores y dos obras de cada uno, a saber: *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) y *Adventures of Huckleberry Finn* (1884) del autor Mark Twain (1835-1910), y *Typee: A Peep at Polynesian Life* (1846) y *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas* (1847) del autor Herman Melville (1819-1891). Posteriormente, los datos se analizaron utilizando la misma metodología que Eder et al. (2016), con el fin de probar la efectividad del paquete *stylo* y aplicar los métodos de Análisis de Componentes Principales, Análisis de *Cluster* y Árbol de Consenso. Los resultados mostraron que cada uno de los métodos probados fue capaz de distinguir los trabajos de los autores, evidenciando así la efectividad del paquete utilizado. Además, se realiza un análisis estilométrico basado en los métodos de Zeta de Craig y *Rolling Delta*. Para esto último, se utilizaron obras de dos autores de habla alemana, Frank Kafka y Heinrich von Kleist. Los resultados apuntan a una similitud estilística de von Kleist, sobre todo, en la primera obra de Kafka. Además, el método *Rolling Delta* fue utilizado para explorar un análisis de Juola (2013ª, 2013b) sobre una obra de J. K. Rowling escrita bajo el seudónimo de Robert Galbraith.
PALABRAS-CLAVE: Detección de autoría. Análsis estilométrico. R.

ABSTRACT: This paper adds to the works available on Natural Language Processing by providing a demonstration of how programming languages such as R (R CORE TEAM, 2020) can be useful in detecting authorship and identifying the style of the author in literary works. Two authors and two works each were selected, namely: The Adventures of Tom Sawyer (1876) and Adventures of Huckleberry Finn (1884) by author Mark Twain (1835-1910), and Typee: A Peep at Polynesian Life (1846) and Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas (1847) by author Herman Melville (1819-1891). Subsequently, the data were analyzed following the same methodology as Eder et al. (2016), in order to test the effectiveness of the *stylo* package and apply the Principal Component Analysis, Cluster Analysis and Consensus Tree methods. The results showed that each of the tested methods was able to distinguish the works of the authors, thus evidencing the effectiveness of the package used. In addition, a stylometric analysis is performed based on Craig's Zeta and Rolling Delta methods. For the latter, works by two German-speaking authors, Frank Kafka and Heinrich von Kleist, were used. The results pointed to a stylistic similarity of von Kleist, especially in Kafka's first work. Additionally, Rolling Delta was used to explore an analysis carried by Juola (2013a, 2013b) regarding a work by J. K. Rowling written under the pseudonym of Robert Galbraith.
KEYWORDS: Authorship detection. Stylometric analysis. R.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é contribuir para os estudos e os trabalhos (cf. SILGE; ROBINSON, 2017; JOSHI, 2019; BOEHMKE; GREENWELL, 2019, entre outros) que mostram como o R (R CORE TEAM, 2020), um ambiente de programação, pode contribuir para pesquisas na área de Processamento de Língua Natural (PLN), especialmente em casos em que se precisa verificar a autoria de textos[1] – tema comumente relacionado também à área de Linguística Forense[2]. Para isso, foram utilizados o pacote *stylo* (EDER *et al*. 2016) e os seguintes métodos: Análise de Componentes Principais, Análise de *Cluster*, Árvore de Consenso, Zeta de Craig e *Rolling Delta*. O artigo traz um passo a passo de como utilizar cada método e explica as vantagens e as desvantagens de cada um,

[1] Vale mencionar que o R não é o único recurso disponível para esse fim. Há outras plataformas para identificação de autoria, como a linguagem de programação *Python* e pacotes como *Scikit-Learn*.

[2] É importante deixar claro que os algoritmos utilizados não se aplicam diretamente à Linguística Forense, cujos recursos de identificação de autoria atualmente são baseados em redes neurais e superam, em precisão, os algoritmos apresentados neste artigo. Ainda assim, para a Linguística Forense, há também o pacote SimilaR, planejado para detectar plágio em código de programas em R (cf. BARTOSZUK; GAGOLEWSKI, 2020).

replicando o estudo de Eder *et al.* (2016) com outras obras[3]. Através de um banco de dados de obras literárias, será mostrado o que se conhece por análise de autoria, um campo de estudos relacionado ao PLN por usar dados da língua natural para gerar suposições sobre seus usuários. Os recursos computacionais empregados nesta área permitem a identificação de autor anônimo, detecção de plágio e de *ghost writer*, identificação de estilo de escrita etc. (QIAN *et al.* 2017; STAMATATOS, 2009). Várias aplicações práticas emergem desse tipo de análise. Ela tem sido aplicada a trabalhos literários, de inteligência artificial, direito civil e criminal, bem como à área de computação forense (ZHANG *et al.* 2014). Na seção seguinte, será feita uma breve apresentação do R. Na seção 3, será demonstrada a aplicação do R para análises de aferição de autoria em duas frentes: em primeiro lugar, as análises de PCA, *Cluster*, e Árvore de Consenso[4] mostram a individuação de autoria; em segundo lugar, são mostradas as análises de Zeta de Craig e *Rolling Delta*, que servem mais especificamente a um propósito de identificação de estilo, tanto do ponto de vista do léxico utilizado (Zeta de Craig) quanto do ponto de vista da influência de outras obras literárias na escrita do autor (*Rolling Delta*). Adicionalmente, será mostrada uma análise com o método de *Rolling Delta* replicando o estudo de Juola (2013a; 2013b) a respeito de uma obra de J. K. Rowling escrita sob o pseudônimo de Robert Galbraith.

2 APRESENTANDO O R

O R é uma linguagem de programação livre e um local de desenvolvimento de computação, cálculos estatísticos e gráficos para interpretação de dados. Como programa, o R pode ser estendido facilmente por meio de pacotes disponíveis na internet através da rede de *sites* CRAN (*The Comprehensive R Archive Network*, 2020) ou da coleção Tidyverse (2020), ambos disponíveis *online*. Já o RStudio é um ambiente de desenvolvimento integrado do R, ou seja, um *software* profissional à disposição dos pesquisadores que trabalham com ciência de dados e de outras disciplinas cujos trabalhos envolvam tratamento e análise estatística de dados. Por meio do RStudio, é possível não só desenvolver o trabalho, mas também compartilhá-lo em ampla escala. O R fornece, ainda, uma variedade de técnicas estatísticas e gráficas, como modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise por meio de *clustering*, *time-series* ou modelagem de séries temporais etc. O R também tem seu próprio formato LaTeX, que pode ser usado para produzir documentos de vários modelos.

Uma das vantagens em se utilizar o R está na facilidade com que se pode criar gráficos bem desenhados e de alta qualidade, inclusive para o padrão de publicação. Um pacote muito utilizado é o ggplot2, que, além de construir gráficos de boa qualidade, é fácil de customizar. Sendo assim, o R é uma excelente ferramenta de visualização de dados. Segundo o *site* do R (2020), o programa inclui: um recurso para estoque e manuseio efetivo dos dados, uma coleção ampla e coerente de ferramentas para análise de dados, facilidades gráficas para análise de dados (que podem ser apresentadas na tela ou em cópia física) e uma linguagem de programação simples, efetiva e bem desenvolvida que inclui inúmeras funções. Outra vantagem é a facilidade com que se pode descobrir algo sobre o *software* ou tirar uma dúvida sobre um problema de programação, seja pelo *Google*, seja através do *site* de perguntas e respostas sobre programação *StackOverflow* (2020). Nesse *site*, as questões costumam ser respondidas rapidamente por outros usuários do R[5].

O R pode ser utilizado para análise de dados em diversas disciplinas científicas, como a física, a química, a biologia, as ciências sociais e a linguística. Na linguística, o R tem auxiliado os pesquisadores a interpretar dados extraídos de *corpora* para análises linguísticas, dados resultantes de experimentos comportamentais e cronométricos para análises psicolinguísticas e linguístico-cognitivas, entre outros. Neste artigo, serão focalizadas análises a partir do R para interpretar dados de obras literárias com a finalidade de identificação de autoria e de estilo.

3 APLICAÇÃO DO R NA AFERIÇÃO DE AUTORIA E IDENTIFICAÇÃO DE ESTILO

[3] O objetivo de replicar o estudo com outras obras é testar a eficácia do pacote, isto é, até que ponto podemos ter resultados eficazes utilizando os mesmos métodos.

[4] Trabalhos em ciência de dados também utilizam o termo "árvore de decisão". Neste artigo, optamos por "árvore de consenso".

[5] O realce das vantagens do R tem um objetivo meramente descritivo, tendo em vista que ele foi o software escolhido para o trabalho deste artigo. Obviamente, outros softwares podem exceder o R em muitos aspectos. Por exemplo, Java e C++ são opções com maior performance; Python também é muito utilizado em processamento da linguagem natural, e especialmente para *deep learning*; etc.

Nesta seção, será apresentada uma demonstração do uso do R na pesquisa com dados de língua natural. Nosso objetivo não é discutir os parâmetros estilométricos para a identificação de autoria ou problematizar os métodos estatístico-computacionais conduzidos para o processo de identificação. O objetivo desta seção é apenas mostrar como o uso do R pode ser útil para a pesquisa com esse tipo de dados e, mais especificamente, nas análises de autoria e de estilo.

Inicialmente, exemplifica-se a possibilidade de *individuação de autoria*, isto é, como é possível a aplicação de um método que mostre que os textos considerados para análise sejam obras distintas de um mesmo autor (3.1, 3.2, 3.3). Posteriormente, demonstra-se como é possível identificar o estilo do autor (3.4, 3.5). O algoritmo será alimentado com quatro obras de dois autores diferentes, a fim de que seja possível distingui-las. As obras selecionadas foram *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) e *Adventures of Huckleberry Finn* (1884), do autor Mark Twain (1835-1910), e *Typee: A Peep at Polynesian Life* (1846) e *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas* (1847), do autor Herman Melville (1819-1891). Essas obras foram extraídas do sítio do *Project Gutenberg* (https://www.gutenberg.org/) – uma biblioteca digital que conta com mais de 38.000 livros em diferentes línguas, tanto em formato de texto quanto em formato de livros-áudio. Contar com a obra digitalizada em formato txt é essencial, pois o pacote utilizado para o estudo lê apenas textos nesse formato. O pacote selecionado para a análise foi o *stylo* (EDER *et al.*, 2016), que permite análises estatísticas exploratórias do estilo de escrita em línguas como inglês, alemão, francês, latim, espanhol, holandês, polonês e húngaro, além de ser compatível com outros sistemas de escrita, como coreano, chinês, japonês, árabe, hebraico, cóptico e grego.

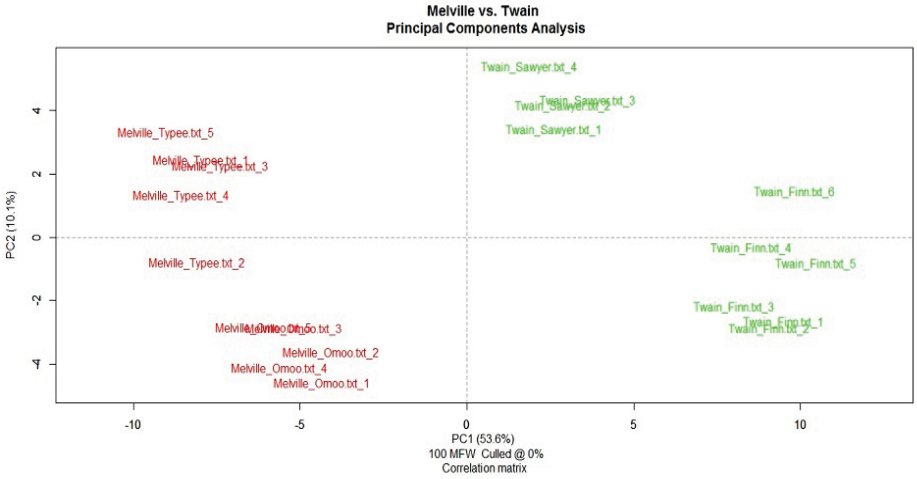
3.1 PCA (*PRINCIPAL COMPONENT ANALYSIS*)

O primeiro método que será mostrado é a Análise de Componentes Principais (*Principal Components Analysis* – PCA). O PCA é um procedimento de análise multivariado que permite, entre outras funções, revelar a existência de *relações entre amostras* (cf. JOLLIFFE, 2002). A análise agrupa as amostras de acordo com suas variâncias, isto é, as amostras são agrupadas de acordo com seu comportamento dentro de uma população, que é representado pela variação de um conjunto de características que as determina. Essa variação das características da amostra permite que o PCA agrupe os dados e forneça a distribuição das amostras num gráfico bidimensional. O PCA extrai informação de uma tabela de dados multivariados e expressa a informação como um conjunto de novas variáveis denominadas componentes principais. Tais componentes principais correspondem a uma combinação linear das variáveis originais. Em última análise, o PCA reduz a dimensionalidade de dados multivariados em dois ou três componentes principais.

O PCA é um método útil quando as variáveis são correlacionadas, pois a correlação indica redundância e, a partir dessa redundância, o PCA foi usado para reduzir as variáveis originais no menor número possível de novas variáveis ou componentes principais, de modo a explicar a maior parte da variância nas variáveis originais. De forma simplificada, o PCA identifica um padrão escondido num conjunto de dados, identifica variáveis correlacionadas e reduz a dimensionalidade dos dados removendo a redundância.

O pré-processamento dos dados envolveu a alimentação das obras em formato txt UTF-8 Unicode no *software* R, a tokenização das obras, isto é, a divisão do texto em unidades contáveis, tais como *tokens* de palavras. Os pronomes pessoais foram excluídos, uma vez que eles tendem a estar correlacionados com um assunto específico ou gênero de um texto (cf. PENNEBAKER, 2011). Além disso, as palavras foram convertidas em trigramas, uma vez que se deseja extrair unidades mensuráveis e de alta frequência para a identificação de autoria (cf. EDER, 2011). Posteriormente, as obras foram fatiadas em amostras como parte de um processo de avaliação da coerência estilística, sendo que tais fatias comportaram amostras não sobrepostas de 20.000 palavras cada. Adicionalmente, foi criada uma tabela de frequência dos 3000 traços mais frequentes do *corpus*. Seguiu-se com a extração de um vetor para cada amostra contendo as frequências relativas dos traços mais frequentes combinadas numa tabela, que foi usada para análise estatística. Por meio de um critério de seleção, especificou-se uma porcentagem de ocorrência das palavras nas amostras como ponto de corte para análise, ou seja, palavras que não ocorriam, pelo menos, com uma taxa de 80% nas amostras foram ignoradas. O gráfico 1 mostra o resultado da análise do PCA utilizando as cem palavras mais frequentes de cada obra. Os dois primeiros componentes PC1 e PC2 explicam 63,7% da variância dos dados. Se observarmos o lado esquerdo da figura 1, veremos que os três primeiros componentes explicam cerca de 70% da variância dos dados, que é uma porcentagem de grande aceitabilidade. O lado direito da figura 1 é apenas outra forma de ilustrar a análise do PCA. No gráfico 1, cada barra corresponde a um componente principal.

Gráfico 1: PCA Melville vs. Twain



Fonte: Elaboração própria

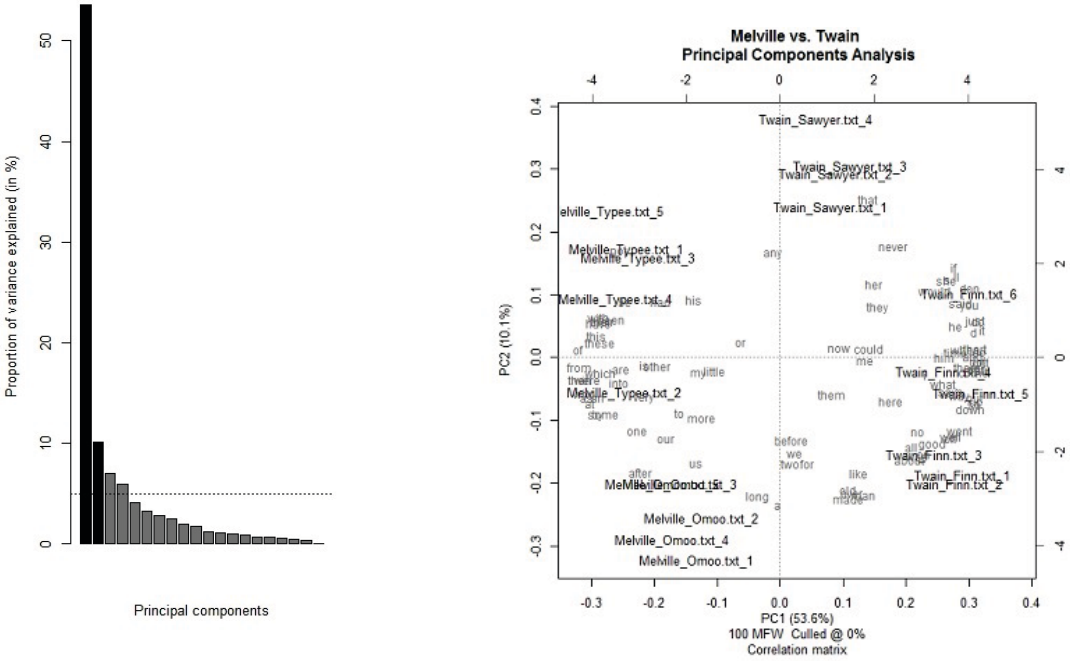


Figura 1 : PCA Melville vs. Twain

Fonte: Elaboração própria

Observe que, no gráfico 1, as obras são representadas por números que indicam uma fatia de amostra de cada obra. Essas amostras foram agrupadas segundo suas características de correlação, sendo que as que foram mais correlacionadas foram agrupadas mais próximas umas das outras. Esse gráfico deve ser interpretado da seguinte maneira: correlações positivas são agrupadas juntas, ao passo que correlações negativas são distribuídas nos quadrantes opostos do gráfico. Quanto mais distantes do centro do gráfico mais bem representadas são tais variáveis. Nota-se que as amostras das obras estão bem espaçadas, distantes do ponto de origem do gráfico. Portanto, é possível afirmar que elas contribuem para os componentes principais. Além disso, as correlações encontradas entre as obras dos dois autores, que estão agrupadas em lados opostos do gráfico, permitem dizer que elas são obras de dois autores distintos. Isso é confirmado pelo fato de haver cores diferentes para os dois autores. Observe que as obras de Herman Melville estão representadas em vermelho, ao passo que as obras de Mark Twain estão representadas em verde. Observe, também, que cada obra está representada em um quadrante específico do gráfico, isto é, elas não se agruparam num mesmo espaço, o que permite dizer que

se trata de obras distintas de dois autores diferentes. Portanto, por meio da Análise de Componentes Principais, foi possível mostrar a identificação de autoria e de obras distintas de um mesmo autor.

3.2 *CLUSTER*

O segundo método que será mostrado é Análise de *Cluster* (cf. HENNIG *et al*., 2016). A Análise de *Cluster* é um método multivariado que consiste em agrupar objetos com base em um conjunto de variáveis *segundo suas semelhanças*, de forma que eles pertençam a um mesmo grupo ou *cluster*. Um *cluster* se diferencia de outros *clusters* devido ao agrupamento de outros conjuntos de variáveis semelhantes. Em outras palavras, os *clusters* classificam objetos semelhantes entre si, mas que se distinguem de outros como grupo. Há diferentes métodos de análise de *cluster*, como os métodos hierárquicos e os não hierárquicos. Os primeiros consistem em "[...] agregação sucessiva ou divisão das observações e de seus subconjuntos. Resultante desse tipo de procedimento, surge uma estrutura em forma de árvore, que é conhecida como dendrograma" (WIERZCHOŃ; KŁOPOTEK, 2018, p. 29)[6]. Já os métodos não hierárquicos atribuem cada variável a um *cluster* num espaço multidimensional sem mostrar as interrelações entre os objetos. No caso em análise, os objetos a serem agrupados em *clusters* hierárquicos são as amostras fatiadas das obras analisadas, assim como ocorreu com o PCA (cf. seção 3.1). As mesmas obras utilizadas para o PCA foram usadas para essa análise de *cluster*. Dessa vez, a análise se baseia nas 624 palavras mais frequentes de cada obra.

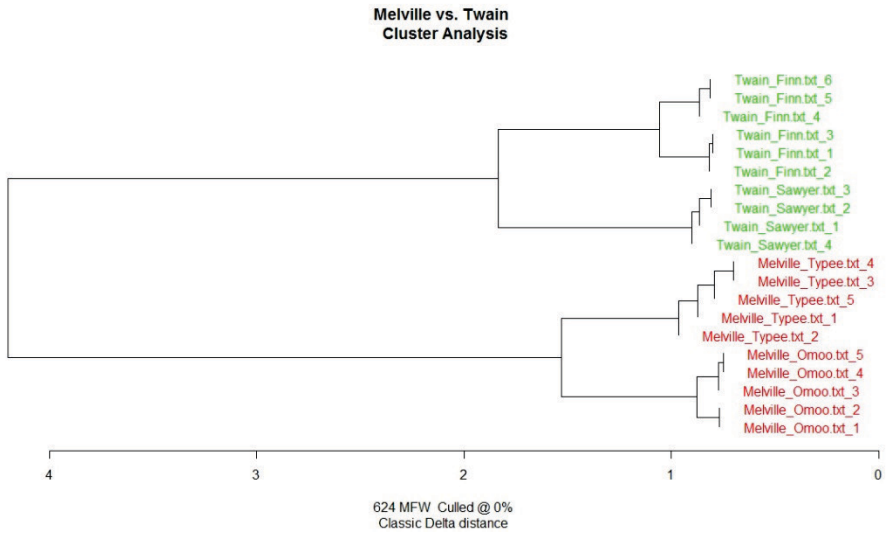
Para a implementação da análise de *cluster*, é preciso ter um método de medir a distância entre as observações, sendo que o tipo de medida dependerá do tipo de dado que se considera para análise. A medida de distância utilizada para a análise de *cluster* utilizada aqui é a Delta clássica (BURROWS, 2002). Essa medida, utilizada para a atribuição de autoria, é definida como "[...] a média das diferenças absolutas entre escores-z para um mesmo conjunto de variáveis de palavras em um determinado grupo de texto e os escores-z para o mesmo conjunto de variáveis de palavras em texto alvo" (BURROWS, 2002, p. 271)[7]. Essa medida pressupõe que existe um conjunto de textos de comparação cujos escores-z serão calculados. Os escores-z são calculados com base na média e no desvio padrão das frequências das palavras no *corpus* de comparação. A medida Delta é calculada "[...] entre o texto alvo e cada um de um conjunto de textos candidatos (geralmente compreendendo o corpus de comparação), e o alvo é atribuído ao autor do texto candidato com o escore Delta mais baixo" (ARGAMON, 2008, p. 131)[8]. Abaixo, no gráfico 2, é mostrado o dendrograma formado a partir da análise de *cluster* das quatro obras utilizadas neste estudo.

[6] Tradução nossa do original: "[…] successive aggregation or division of the observations and their subsets. Resulting from this kind of procedure there is a tree-like structure, which is referred to as dendrogram".

[7] Tradução nossa do original: "[…] the mean of the absolute differences between z-scores for a set of word-variables in a given text-group and the z-scores for the same set of word-variables in a target text".

[8] Tradução nossa do original: "[…] between the target text and each of a set of candidate texts (generally comprising the comparison corpus), and the target is attributed to the author of the candidate text with the lowest Delta score".

Gráfico 2: Dendrograma Melville vs. Twain



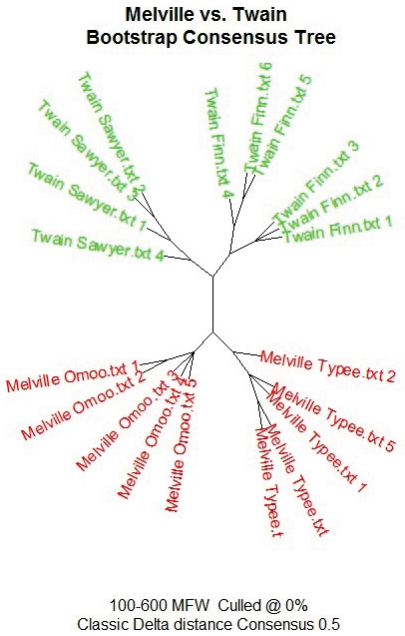
Fonte: Elaboração própria

É possível observar que há duas grandes bifurcações que separam os dois autores, e, dentro delas, outras duas bifurcações menores e assim sucessivamente. Observe que isso pode ser notado através das cores diferentes que representam as obras de Mark Twain, em verde, e as obras de Herman Melville, em vermelho. As duas bifurcações dentro das duas primeiras bifurcações separam as obras de cada autor. Isso é verificado notando que essas bifurcações separam inicialmente *Adventures of Huckleberry Finn* de *The Aventures of Tom Sawyer*, bem como, mais abaixo, *Typee: A Peep at Polynesian Life* de *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas*. As bifurcações subsequentes que estão dentro dessas quatro bifurcações representam cada amostra fatiada das obras, assim como foi representado no PCA. Observa-se, portanto, que a aplicação de outro método de análise gerou os mesmos resultados do método anterior.

3.3 ÁRVORE DE CONSENSO

O terceiro método é a Árvore de Consenso (*Consensus tree*). O pressuposto desse método é que os textos podem ser representados como nódulos de uma rede, e as relações que possam ser estabelecidas dentro dessa rede são ligadas por meio dos nódulos. Esse procedimento tem como objetivo a identificação de alvos vizinhos ao mesmo tempo que *extrai os padrões* mais robustos que definem os sinais de autoria, filtrando as semelhanças textuais que são identificadas como menos relevantes (EDER, 2017). O método funciona do seguinte modo: ele assume que agrupamentos tendem a reaparecer a partir de um grande número de *snapshots*, por exemplo, para as 100, 200, 300 etc. palavras mais frequentes, sendo que as potenciais semelhanças que possam emergir são consideradas acidentais. O objetivo do método é, então, apreender os padrões robustos dos dados num conjunto de *snapshots* que são gerados. Posteriormente, o método produz certa quantidade de dendrogramas virtuais que servirão de base para uma avaliação da robustez dos agrupamentos gerados por tais dendrogramas. A frequência de ligações que um agrupamento gera entre amostras de obras ou entre diferentes obras será a fonte para a produção de um gráfico de consenso. Dito de outro modo, vários dendrogramas virtuais 'votam' para aferir as ligações mais robustas de modo que tal procedimento resume a informação processada no agrupamento das semelhanças de partes específicas das obras, gerando o gráfico de consenso. As ligações mostradas no gráfico 3, de consenso, não dizem respeito a distâncias estilométricas entre as amostras das obras. Elas indicam tão somente o grau de concordância ou a força do consenso, ou, ainda, a repetição de uma série de dendrogramas virtuais. Para a presente análise das obras de Mark Twain e Herman Melville, os *snapshots* foram computados tomando, inicialmente, as 100 e alcançando até as 600 palavras mais frequentes, usando como medida de distância a Delta clássica, a mesma medida que foi realizada para a análise de *cluster*.

Gráfico 3: Árvore de consenso Melville vs. Twain



Fonte: Elaboração própria

Pode-se observar que a árvore de consenso conseguiu identificar não só os dois autores distintos, representados por cores particulares, mas também as quatros obras diferentes. Na parte superior, há dois grandes galhos compostos por alguns nódulos separando amostras diferentes de cada obra, sendo que esses galhos identificaram as obras do autor Mark Twain. Na parte inferior, há também dois grandes galhos juntamente com alguns nódulos separando amostras diferentes das obras do autor Herman Melville. A aplicação desse método também gerou os mesmos resultados na aferição de autoria, assim como nos dois outros métodos apresentados previamente. É importante notar, também, que *não só os autores foram identificados, mas também cada obra foi individualizada em amostras coerentes com os dados alimentados para a análise*. Pode-se concluir que a aplicação do PCA, da análise de *cluster* e da árvore de consenso foi satisfatória para o objetivo proposto, porque estas conseguiram singularizar com um alto nível de acerto as quatro obras dos dois autores tomados como exemplo para a aplicação dos métodos.

A seguir, exemplifica-se a possibilidade de *identificação de estilo de autoria*.

3.4 ZETA DE CRAIG

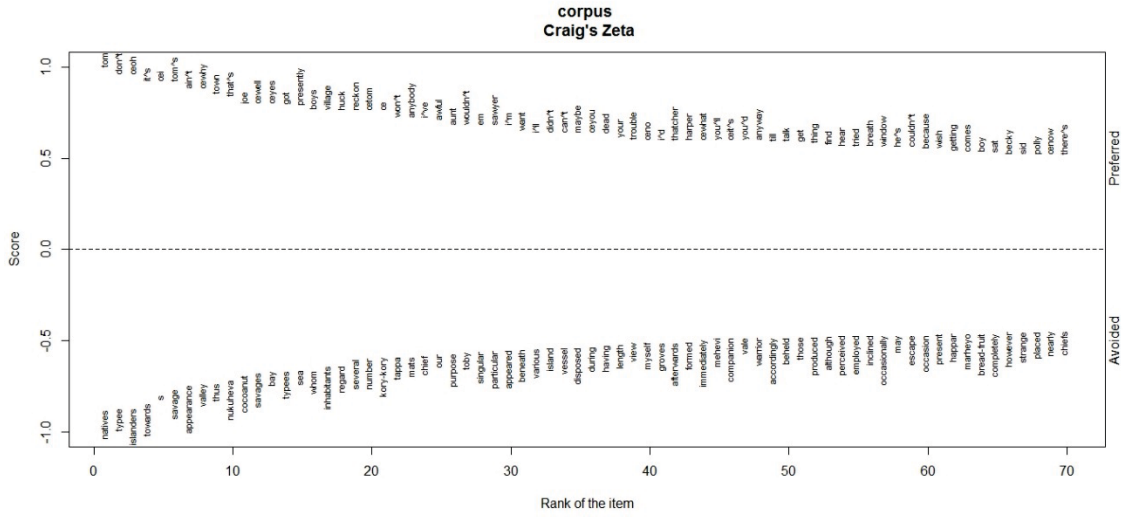
O pacote *stylo* também oferece um tipo de análise que mostra as *palavras mais usadas pelos autores* de cada obra. Esse procedimento é conhecido como Zeta de Craig (CRAIG; KINNEY, 2009). A análise Zeta foi desenvolvida por Burrows (cf. BURROWS, 2005; 2006; HOOVER, 2007a, 2007b, 2008). A versão utilizada neste estudo é, contudo, a que foi desenvolvida alternativamente por Craig. É importante mencionar que não se trata de uma análise das palavras-chave como é comumente feito em estudos de linguística de *corpus*. O Zeta de Craig compara as obras de dois autores diferentes e computa as palavras que um autor usa consistentemente, mas que o outro autor usa menos frequentemente ou evita usar, criando uma lista com um conjunto das palavras mais marcadas e outro com as palavras 'anti-marcadas'[9]. O Zeta de Craig exclui as palavras extremamente frequentes que, geralmente, são usadas numa análise comum de frequência, e concentra-se no meio do espectro de frequência das palavras. O procedimento se inicia com as duas obras divididas em seções de um mesmo tamanho. Então, passa-se a comparar quantas seções de cada autor contêm as respectivas palavras, de forma a ignorar as frequências das palavras, mas concentrando-se na consistência de sua aparição. De acordo com Hoover (2010, p. 1), o ponto central do método "[...] é que ele combina a proporção das seções de um autor em que cada palavra

[9] Embora Hoover (2010) não explique o significado do termo 'anti-marcado', acreditamos que ele se refira justamente às palavras evitadas por certo autor.

ocorre com a proporção das seções do outro autor do qual está ausente em uma única medida de distinção para cada palavra"[10]. Com essa classificação, duas listas de palavras são geradas, sendo uma favorecida pelo primeiro autor e evitada pelo segundo, e a outra favorecida pelo segundo autor e evitada pelo primeiro. Eder *et al.* (2016) interpretam o resultado gerado pela aplicação do Zeta de Craig como os traços de vocabulário comum entre um e outro autor, analisando o resultado de forma a inferir características do universo lexical a partir das listas geradas para as primeiras vinte palavras.

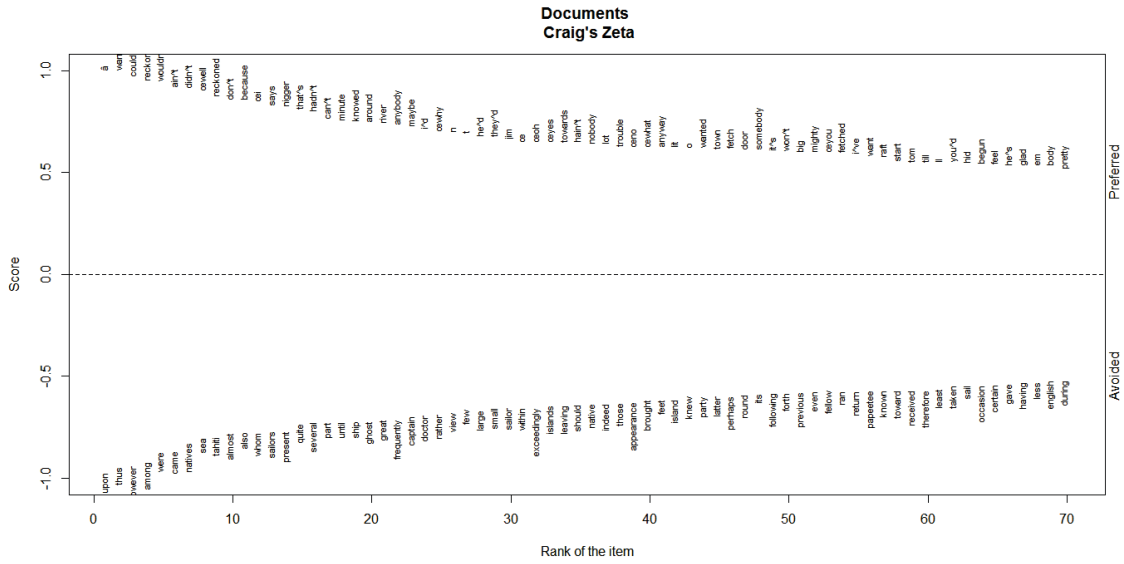
Para este estudo, foram computadas duas vezes o Zeta de Craig, uma comparando *The Adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain, com *Typee: A Peep at Polynesian Life*, de Herman Melville, e *Adventures of Huckleberry Finn* com *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas*, dos mesmos respectivos autores. A aplicação desse procedimento gerou dois gráficos que podem ser visualizados abaixo. Apresentam-se, em seguida, no quadro 1, as vinte primeiras palavras da análise.

Gráfico 4: Zeta de Craig: Tom Sawyer vs. Typee



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 5: Zeta de Craig: Huckleberry Finn vs. Omoo



Fonte: Elaboração própria

[10] Tradução nossa do original: "[…] is that it combines the ratio of the sections by one author in which each word occurs with the ratio of the sections by the other author from which it absent into a single measure of distinctiveness for each word".

Quadro 1: Vinte primeiras palavras características de cada obra

	Palavras preferidas	**Palavras evitadas**
The Adventures of Tom Sawyer vs. *Typee: A Peep at Polynesian Life*	Tom, don't, oh, it's, I, Tom's, ain't, why, town, that's, Joe, well, yes, got, presently, boys, village, huck, reckon, won't.	Natives, typee, islanders, towards, savage, appearance, valley, thus, nukuheva, cocoanut, savages, bay, typees, sea, whom, inhabitants, regard, several, number, kory-kory.
Adventures of Huckleberry Finn vs. *Omoo: A Narrative of Adventures in the South Seas*	A, warn't, couldn't, reckon, wouldn't, ain't, didn't, well, reckoned, don't, because, I, says, nigger, that's, hadn't, can't, minute, knowed, around.	Upon, thus, however, among, were, came, natives, sea, Tahiti, almost, also, whom, sailors, present, quite, several, part until, ship, ghost

Fonte: Elaboração propria

Pode-se notar que a análise mostra palavras gramaticais nas obras dos dois autores, contudo esse tipo de vocabulário aparece com predominância nas obras de Mark Twain. O vocabulário das obras de Herman Melville é caracterizado por palavras do ambiente marítimo, bem como referente aos aspectos do arquipélago onde a história se passa. Em última análise, o Zeta de Craig pode ser uma ferramenta útil para revelar o vocabulário preferido na obra de cada autor.

3.5 ROLLING DELTA - ANÁLISE ESTILOMÉTRICA E AFERIÇÃO DE AUTORIA

Uma outra demonstração que pode ser feita com o uso do R na pesquisa com dados linguísticos é a aferição da *influência do estilo de escrita* de diferentes autores. Uma análise estilométrica pode mostrar padrões de semelhança no estilo de cada autor, *podendo-se identificar alguma relação entre as escritas*. Como exemplificação, foi feita uma análise baseada na comparação de algumas obras de Franz Kafka (1883-1924) com algumas obras de Heinrich von Kleist (1777-1811). A literatura aponta praticamente como uma unanimidade que existe uma influência de von Kleist na obra de Kafka (cf. PETERS, 1966; FURST, 1985; GRANDIN, 1987; ENGELSTEIN, 2006; SHAHAR, 2007; MEHIGAN, 2011; entre outros). O objetivo foi verificar até que ponto essa influência é captada por meio de uma análise quantitativo-computacional, de forma a observar qual ou quais obras de Kafka sofreram mais influência de qual ou quais obras de von Kleist. Evidentemente, os resultados se baseiam no que o método oferece em termos de comparação de palavras. As tramas, os cenários, o perfil psicológico dos personagens etc. não podem ser acessados por meio desse método. Apenas uma análise literária qualitativa seria capaz de traçar um paralelo entre essas categorias dos estudos literários. Dessa maneira, não foi nosso objetivo traçar hipóteses substanciais a respeito do que pode ter acarretado a possibilidade de que haja ou não influência de um autor sobre o outro. O objetivo foi tão somente mostrar como o R pode ser útil para identificar semelhanças de estilo entre autores diferentes, realizando, para isso, uma análise estilométrica baseada em padrões quantitativos.

O pacote utilizado foi o mesmo que foi usado nos estudos anteriores. O método adotado denomina-se *Rolling Delta* (cf. RYBICKI *et al.*, 2014; TABATA, 2014; EDER, 2015). O objetivo principal desse método é distinguir autores de obras cuja autoria é colaborativa. Por exemplo, esse método é capaz de identificar quais pontos de uma obra colaborativa possui a marca de um ou de outro autor. Ele já foi usado na análise da obra *Roman de la Rose*, um poema francês do século XIII que foi escrito de forma colaborativa por Guillaume de Lorris e por Jean de Meun (cf. EDER, 2015). A análise revelou quais partes da obra foram escritas por Guillaume de Lorris e quais foram escritas por Jean de Meun, tomando como referência um gráfico gerado que apresenta o

número de palavras da obra de forma sequencial, indicando, aproximadamente, em qual trecho do número de palavras se encontra a colaboração de cada autor.

Esse método é usado também para outras finalidades, como a de aferir a influência do estilo de escrita de diferentes autores. O'Sullivan *et al.* (2018) analisaram as semelhanças existentes entre obras de James Joyce e de Flann O'Brien, apontando quais obras do último autor são estilisticamente mais semelhantes às obras do primeiro autor. O'Sullivan *et al.* (2018, p. 3) justificam o uso desse método dizendo que "[…] para identificar possíveis peculiaridades no desenvolvimento sequencial dos textos analisados, usamos o Rolling Delta [...], que forma uma assinatura autoral com base em um conjunto de textos e, em seguida, aplica essa impressão digital a outro texto"[11]. A justificativa dos autores conta com uma pequena explicação de como o método funciona: um conjunto de textos de referência são comparados com o texto-teste, e daí se extraem as semelhanças estilísticas com base numa análise quantitativa das palavras. No nosso caso, os textos de referência foram as obras de Kafka que, por sua vez, foram comparadas com as obras de von Kleist, que constituem os textos testes. Cada texto-teste foi comparado individualmente com os textos de referência, o que acabou gerando gráficos diferentes para cada texto-teste a ser comparado.

O que está por trás do método *Rolling Delta* envolve algumas questões relacionadas a propriedades matemáticas que não serão alvo de discussão deste trabalho. É importante mencionar, contudo, que esse método se baseia num conceito denominado *moving window*. Esse conceito é um procedimento capaz de acessar fenômenos lineares, tais quais a análise de obras literárias. Eder (2015) fornece uma explicação afirmando que o objetivo desse procedimento é medir propriedades matemáticas de um subconjunto consecutivo k de uma sequência de eventos extraídas do início de uma sequência, a partir de uma sequência de eventos, denominada uma série temporal, que consiste de N elementos. A partir daí, move-se uma 'janela' do tamanho k através de toda a série temporal até que a posição $x = N - k$ seja alcançada. Consequentemente, é possível obter informações de segmentos específicos da série temporal em seu desenvolvimento, observando-se regularidades periódicas, bem como idiossincrasias locais. O conceito de *moving window* é importante porque ele é a base de aplicação do método *Rolling Delta*. De acordo com Eder (2015, p. 2), nesse método,

[...] o procedimento de janelamento padrão é executado em todo um corpus de referência: um centroide representativo para cada texto de referência que consiste na frequência relativa média para cada uma das N palavras nas janelas extraídas do texto é calculado. Em seguida, o texto de teste também é dividido em janelas e uma medida de distância (nesse caso, Delta de Burrow) entre cada janela de texto e cada centroide de referência é calculada. Os resultados são visualizados usando um conjunto de curvas – uma para cada texto de referência. A etapa final envolve identificar, para cada janela, a linha mais baixa, ou seja, o texto de referência mais semelhante. Sempre que ocorre um takeover (cruzamento de linha), a janela respectiva é considerada para revelar uma mudança estilística[12].

Essa explicação ficará mais clara quando apresentarmos os gráficos resultantes das análises empreendidas por meio deste método. Por ora, basta saber que o objetivo do método é dividir um texto-teste em várias janelas amostrais e contrastá-las uma a uma com os textos de referência. O gráfico gerado mostra o nível de semelhança de estilo em cada texto de referência, sendo que quanto mais próximo da base maior é a semelhança estilística com o texto-teste. Abaixo, é apresentado o quadro 2 com os textos de referência que serão confrontados com os textos testes. As obras de Kafka são os textos de referência, ao passo que as obras de von Kleist são os textos testes.

[11] Tradução nossa do original: "[…] to identify possible peculiarities in sequential development of the analyzed texts, we use Rolling Delta [...], which forms an authorial signature based on one set of texts, and then applies that fingerprint to another text".

[12] Tradução nossa do original: "[…] the standard windowing procedure is run throughout a reference corpus: a representative centroid for each reference text that consists of the mean relative frequency for each of the *N* words in the windows extracted from the text is calculated. Next, the test text is also divided into windows and a distance measure (in this case, Burrow's Delta) between each text window and each reference centroid is computed. The results are visualized using a set of curves – one for each reference text. The final step involves identifying, for each window, the lowest line, i.e. the most similar reference text. Whenever a takeover (line crossing) occurs, the respective window is assumed to reveal a stylistic change".

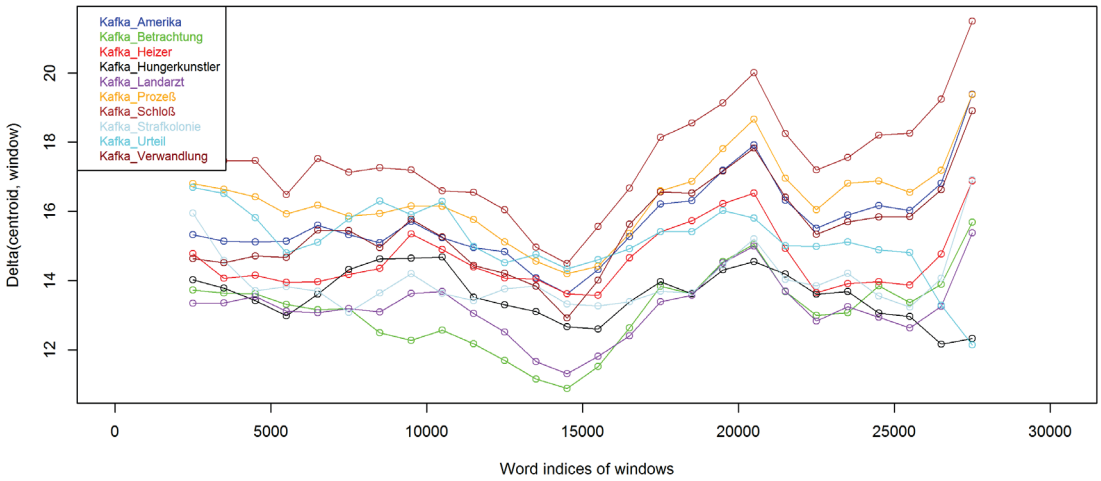
Quadro 2: Obras de Kafka e de von Kleist

Franz Kafka (1883-1924)	**Heinrich von Kleist (1777-1811)**
Betrachtung [Considerações] (1912)	*Das Käthchen von Heilbronn* (1807-1808)
Der Heizer [O Foguista] (1913)	*Penthesilea* (1808)
Das Urteil [O veredito] (1913)	*Prinz Friedrich von Homburg* (1809-1810)
Die Verwandlung [A metamorfose] (1915)	*Michael Kohlhaas* (1810)
Ein Landarzt [Um médico rural] (1919)	*Der zerbrochene Krug* (1811)
In der Strafkolonie [Na colônia penal] (1919)	
Ein Hungerkünstler [Um artista da fome] (1922) *Der Prozeß* (1925) [O processo] *Das Schloß* (1926) [O castelo] *Amerika* (1927) [O desaparecido]	

Fonte: Elaboração própria

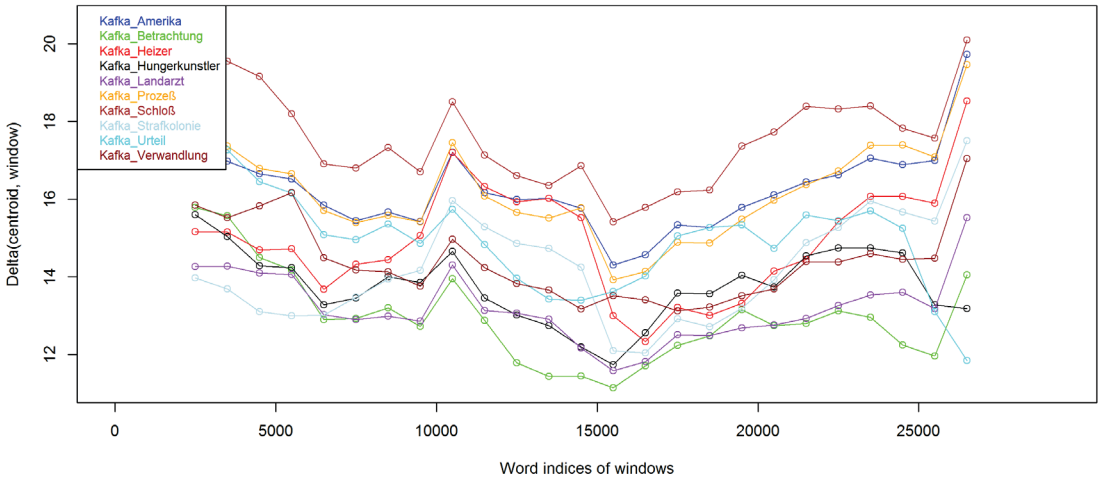
Foram dez textos de referência, portanto, o gráfico contará com dez curvas que se movem através das janelas. Como foram cinco textos testes, houve cinco gráficos distintos confrontando as dez obras de referência. O pacote comporta uma análise para a língua alemã, que deve ser selecionada durante a aplicação do método no R. O nome de cada obra de Kafka que aparece no canto superior esquerdo do gráfico é uma abreviação dos títulos originais. Abaixo, são apresentados os gráficos (do 4 ao 8) para cada análise empreendida com os textos testes, *Das Käthchen von Heilbronn, Penthesilea, Prinz Friedrich von Homburg, Michael Kohlhaas, Der zerbrochene Krug,* respectivamente.

Gráfico 6: Obras de referência vs. *Käthchen von Heilbronn*



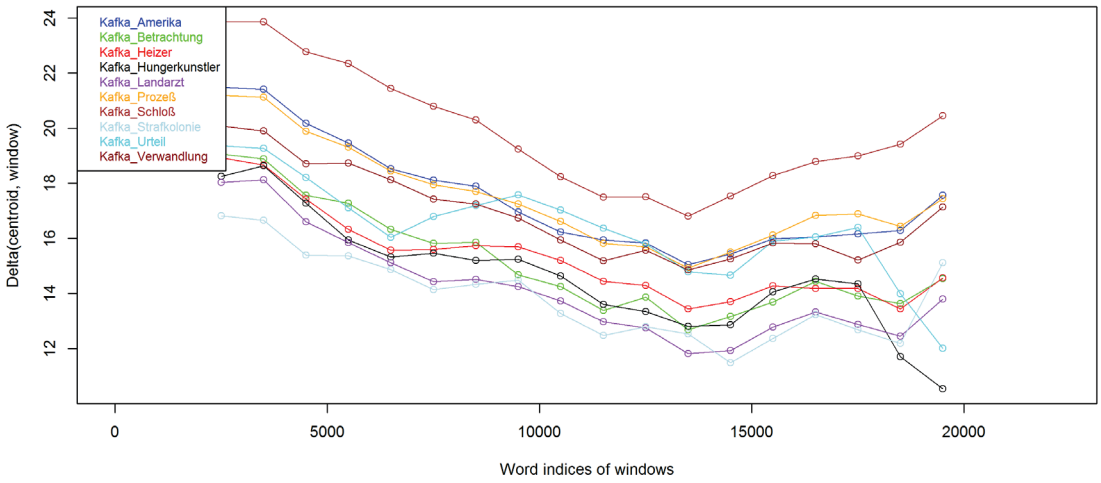
Fonte: ElAboração própria

Gráfico 7: Obras de referência vs. *Penthesilea*



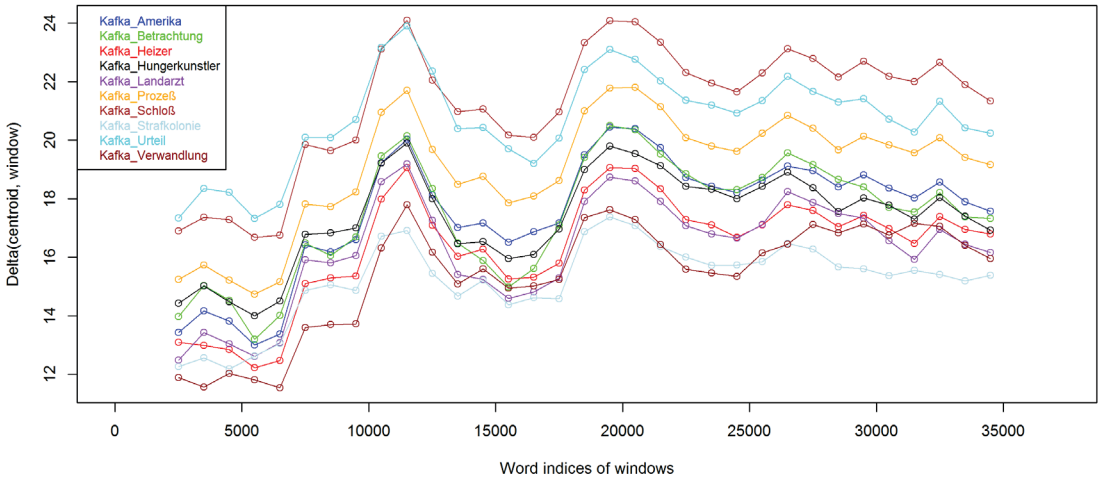
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 8: Obras de referência vs. *Prinz Friedrich von Homburg*



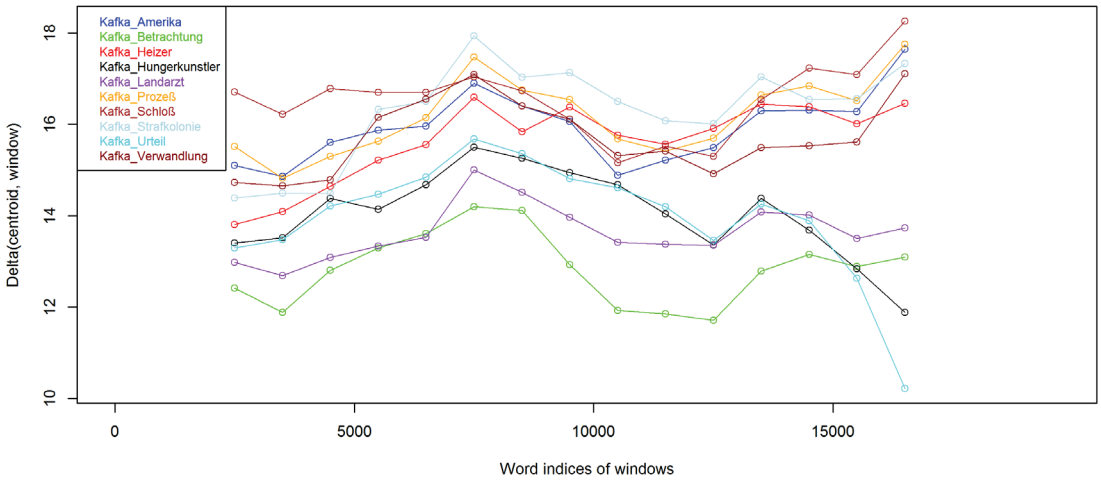
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 9: Obras de referência vs. *Michael Kohlhaas*



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 10: Obras de referência vs. *Der zerbrochene Krug*



Fonte: Elaboração própria

Em primeiro lugar, um comentário que pode ser feito é que, de uma forma geral, *o estilo de escrita de Kafka corresponde ao estilo de von Kleist em algumas passagens específicas, mas há outras passagens nas quais não se nota uma correspondência*. Isso pode ser observado a julgar pela distância que se encontram as curvas correspondentes às obras de referência da base do gráfico. No entanto, algumas constatações a respeito de semelhanças estilísticas podem ser feitas. Começando por *Käthchen von Heilbronn,* a obra de Kafka que parece ter sido mais influenciada pela referida obra de von Kleist é *Betrachtung* e, em menor escala, *Ein Landarzt*. Esse padrão é praticamente o mesmo encontrado em *Penthesilea*, isto é, as obras de Kafka que apresentam um estilo semelhante com *Penthesilea* é *Betrachtung* e, em menor escala, *Ein Landarzt*. No caso de *Prinz Friedrich von Homburg,* não se nota uma influência clara nas obras de Kafka. Num grau menor, poderiam ser citadas *Ein Landarzt* e *In der Strafkolonie*. Mais próximo da última janela, *Ein Hungerkünstler* apresenta uma clara semelhança, mas é um trecho muito pontual para se dizer que a obra em sua integridade foi influenciada por *Prinz Friedrich von Homburg*. Analisando *Michael Kohlhaas*, é possível notar que há semelhança de estilo com uma janela inicial *Die Verwandlung*. Posteriormente, não há uma correlação muito clara. Em menor escala, poderiam ser mencionadas a própria *Die Verwandlung* e a *In der Strafkolonie.* Por fim, *Der zerbrochene Krug* mostra uma influência em menor escala em *Betrachtung* e uma semelhança de estilo forte com *Das Urteil* apenas na última janela. Poder-se-iam resumir tais achados no quadro 3.

Quadro 3: Comparação estilística entre Kafka e von Kleist

Obras de von Kleist	Obras de Kafka com semelhança estilística mais marcada	Obras de Kafka com semelhança estilística menos marcada
Käthchen von Heilbronn	*Betrachtung*	*Ein Landarzt*
Penthesilea	*Betrachtung*	*Ein Landarzt*
Prinz Friedrich von Homburg		*Ein Landarzt, In der Strafkolonie*
Michael Kohlhaas		*Die Verwandlung, In der Strafkolonie*
Der zerbrochene Krug		*Betrachtung, Das Urteil*

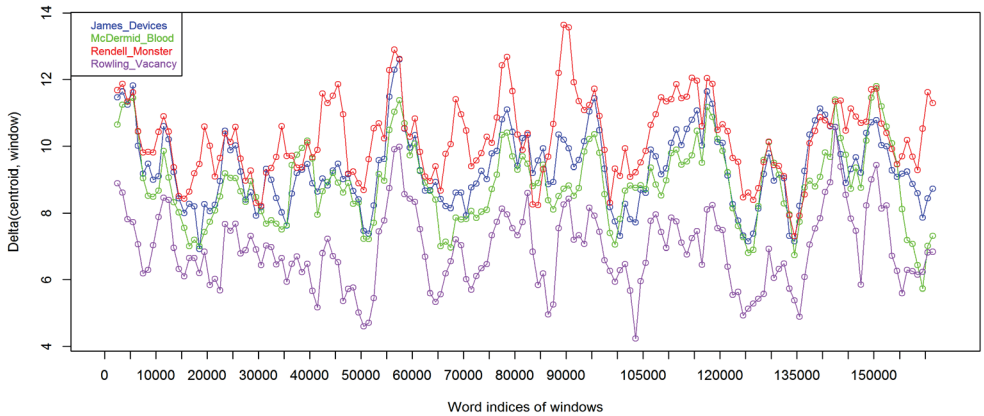
Fonte: Elaboração própria

Com a análise quantitativo-computacional empreendida por meio do *software* R, constata-se que a obra de Kafka que parece carregar mais semelhança estilística com as obras de von Kleist é a *Betrachtung*, a primeira obra de Kafka. De um ponto de vista não literário, faz sentido que essa seja a obra que tenha sido mais impactada por uma influência do estilo de escrita de von Kleist, porque, na primeira obra escrita por um autor, seu estilo ainda é embrionário, está em fase de construção uma maturidade de escrita literária maior. Um dado interessante que poderia ser acrescentado a essa análise é que, quando foi feita a publicação de sua primeira obra, isto é, *Betrachtung*, Kafka pediu ao seu editor que a publicasse com o mesmo tipo de papel em que a obra *Anekdoten* de von Kleist foi publicada (cf. PETERS, 1966). Com os resultados mostrados neste estudo, pode-se dizer que a influência que von Kleist apresenta sobre *Betrachtung* parece ser mais do que o tipo de papel em que a obra foi publicada. Contudo, apenas uma análise literária especializada e de cunho qualitativo poderia aferir as razões pelas quais há certa influência de von Kleist não apenas em *Betrachtung*, mas também em *Ein Landarzt,* em *In der Strafkolonie* e em *Die Verwandlung*.

Por fim, uma última aplicação do método *Rolling Delta* pode ser ilustrada por meio de um caso de detecção de autoria. Para exemplificar, foi analisado um caso já resolvido na literatura. Em 2013, o cientista da computação Patrick Juola recebeu um *email* de um repórter do jornal Sunday Times dizendo que ele havia conseguido uma dica de que J. K. Rowling havia escrito a obra *The Cuckoo's Calling* sob o pseudônimo de Robert Galbraith. Essa dica tinha certa plausibilidade, já que Rowling e Galbraith tinham o mesmo agente e o mesmo editor. Além disso, era a primeira obra de Galbraith, e ele sabia descrever o vestuário feminino muito bem. Contudo, faltava uma prova mais contundente. O repórter pediu a Juola para que o *software* desenvolvido pelo próprio cientista da computação fosse utilizado para resolver esse caso. Juola tomou obras de três autoras de língua inglesa que escreviam sobre temas semelhantes aos de Galbraith, bem como uma obra de Rowling para comparação com as outras três. Através dessa comparação, os resultados gerados pelo *software* indicaram que os traços da obra de Galbraith se aproximavam mais dos de Rowling do que dos traços das outras autoras. Juola diz que isso não prova efetivamente que Rowling é a autora da obra de Galbraith (cf. JUOLA, 2013a; 2013b), mas é uma indicação de uma semelhança que, somada à informação que ele recebeu do repórter, pode ser confrontada com o questionamento outrora levantado. Esses resultados foram suficientes para que o *Sunday Times* abordasse o agente de Rowling. Posteriormente, a escritora admitiu que ela é a autora da obra *The Cuckoo's Calling*, sob o pseudônimo de Robert Galbraith.

Utilizamos o *Rolling Delta* para fazer uma análise estilométrica, observando quais as obras de quatro autoras se aproximam mais do estilo de Galbraith. As autoras foram as mesmas selecionadas no estudo de Juola, representadas pelas seguintes obras: *Devices and Desires*, de P. D. James, *The Wire in the Blood*, de Val McDermid, *The Monster in the Box*, de Ruth Rendell. Embora as autoras sejam as mesmas utilizadas no estudo de Juola, as obras são diferentes, exceto a de McDermid. Além dessas três obras, também se utilizou a primeira obra de J. K. Rowling escrita após a série Harry Potter, intitulada *The Casual Vacancy*. Selecionou-se a segunda obra de Galbraith, intitulada *The Silkworm*. Vale destacar que Juola utilizou a primeira obra de Galbraith em seu estudo, *The Cuckoo's Calling*. Abaixo, pode-se observar o gráfico 9 do método *Rolling Delta* aplicado às obras supracitadas.

Gráfico 11: Obras de referência vs. *The Silkworm*



Fonte: Elaboração própria

Com a inspeção do gráfico, fica bastante nítido o fato de que a obra cujo estilo mais se aproxima ao da obra *The Silkworm* é a obra *The Casual Vacancy* de Rowling. A curva que representa essa obra é a que mais se aproxima da base, e existem, pelo menos, quatro pontos que mostram trechos de estilo muito semelhantes com os de Galbraith. Como Juola afirma, isso não prova inicialmente que Galbraith é Rowling, mas fornece fortes indícios de que existem semelhanças entre Rowling e Galbraith que denotam um estilo mais próximo um do outro do que se comparado a outras autoras que escrevem o mesmo tipo de ficção. O método é utilizado sempre como uma ferramenta que permite a aferição de uma hipótese, mas a confirmação dessa hipótese no mundo real depende de outros fatores que estão fora do alcance do método. Nesse caso, para se ter a total certeza de que Galbraith é Rowling, foi necessário que a própria autora admitisse, embora o método utilizado por Juola oferecesse sólidos indícios de uma semelhança estilística entre as obras, assim como oferece o *Rolling Delta* neste estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, replicamos o estudo de Eder *et al*. (2016) com obras de Mark Twain, Herman Melville, Franz Kafka, Heinrich von Kleist e J. K. Rowling para demonstrar como a utilização do R pode facilitar análises de aferição de autoria a partir de dados da língua natural. Com as análises de PCA, *Cluster* e Árvore de Consenso, foi possível, por um lado, demonstrar a individuação de autoria e a identificação de obras distintas de um mesmo autor. Por outro lado, as análises com Zeta de Craig e *Rolling Delta* se mostraram relevantes para a identificação do estilo de autoria, de modo que a primeira realçou as preferências lexicais de cada autor e obra, e a segunda realçou as influências do estilo de escrita dos autores.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem os comentários e as sugestões dos pareceristas anônimos que avaliaram este artigo.

REFERÊNCIAS

ARGAMON, S. Interpreting Burrow's Delta: Geometric and Probabilistic Foundations. *Literary and Linguistic Computing*, v. 23, n. 2, p. 131-147, 2008.

BARTOSZUK, M.; GAGOLEWSKI, M. SimilaR: R Code Clone and Plagiarism Detection. *The R Journal*, v. 12, n. 1, p. 367-385, 2020.

BOEHMKE, B.; GREENWELL, B. *Hands-On Machine Learning with R*. New York: CRC Press, 2019.

BURROWS, J. 'Delta': a Measure of Stylistic Difference and a Guide to Likely Authorship. *Literary and Linguistic Computing*, v. 17, n. 3, p. 267-287, 2002.

BURROWS, J. Who wrote Shamela? Verifying the Authorship of a Parodic Text. *Literary and Linguistic Computing*, v. 20, n. 4, p. 437-450, 2005.

BURROWS, J. All the Way Through: Testing for Authorship in Different Frequency Strata. *Literary and Linguistic Computing*, v. 22, n. 1, p. 27-47, 2006.

CRAIG, H.; KINNEY, A. *Shakespeare, Computers, and the Mystery of Authorship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

EDER, M. Style-markers in authorship attribution: a cross-language study of the authorial fingerprint. *Studies in Polish Linguistics*, v. 6, p. 99-114, 2011.

EDER, M. Rolling stylometry. *Digital Scholarship in the Humanities*, v. 31, n. 3, p. 1-13, 2015.

EDER, M. Visualization in stylometry: Cluster analysis using networks. *Digital Scholarship in the Humanities*, v. 32, n. 1, p. 50-64, 2017.

EDER, M; RYBICKI, J.; KESTEMONT, M. Stylometry with R: A Package for Computational Text Analysis. *The R Journal*, v. 8, n. 1, p. 107-121, 2016.

ENGELSTEIN, S. The Open Wound of Beauty: Kafka Reading Kleist. *The Germanic Review: Literature, Culture, Theory*, v. 81, n. 4, p. 340-359, 2006.

FURST, L. Reading Kleist and Kafka. *The Journal of English and Germanic Philology*, v. 84, n. 3, p. 374-395, 1985.

GRANDIN, J. *Kafka's Prussian Advocate*: A Study of the Influence of Heinrich von Kleist on Franz Kafka. Columbia: Camden, 1987.

HENNIG, C.; MEILA, M.; MURTAGH, F.; ROCCI, R. *Handbook of Cluster Analysis*. Boca Raton: CRC Press, 2016.

HOOVER, D. Corpus Stylistics, Stylometry, and the Styles of Henry James. *Style*, v. 41, n. 2, p. 174-203, 2007a.

HOOVER, D. Quantitative Analysis and Literary Studies. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R. (ed.). *A Companion to Digital Literary Studies*. Oxford: Blackwell. 2007b. p. 517-533.

HOOVER, D. The Craig Zeta Spreadsheet. *Digital Humanities 2010* [Book of Abstracts], London: King's College London, 2010. Disponível em: http://dh2010.cch.kcl.ac.uk/academic-programme/abstracts/papers/html/ab-659.html. Acesso em: 25 ago. 2020.

JOLLIFFE, I. *Principal Components Analysis*. 2 ed. New York: Springer, 2002.

JOSHI, S. Sentiment Analysis on Whatsapp Group Chat Using R. In: SHUKLA, R.; AGRAWAL, J.; SHARMA, S.; TOMER, G. (orgs.). *Data, Engineering and Applications*. Vol. 1. Gateway East: Springer, 2019. p. 47-56.

JUOLA, P. How a Computer Program Helped Show J. K. Rowling write A Cuckoo's Calling. In: *Scientific American*, 2013a. Disponível em: https://www.scientificamerican.com/article/how-a-computer-program-helped-show-jk-rowling-write-a-cuckoos-calling. Acesso em: 22 ago. 2020.

JUOLA, P. Rowling and 'Galbraith': an authorial analysis. In: *Language Log*, 2013b. Disponível em: https://languagelog.ldc.upenn.edu/nll/?p=5315. Acesso em: 22 ago. 2020.

MEHIGAN, T. The process of inferential contexts: Franz Kafka reading Heinrich von Kleist. In: MEHIGAN, T. (ed.). *Heinrich von Kleist*: Writing After Kant. Rochester: Boydell & Brewer, 2011. p. 196-226.

O'SULLIVAN, J.; BAZARNIK, K.; EDER, M.; RYBICKI, J. Measuring Joycean Influences on Flann O'Brien. *Digital Studies*, v. 8, n. 1, p. 1-25, 2018.

PENNEBAKER, J. *The Secret Life of Pronouns*: What our Words Say About Us. New York: Bloomsbury Press, 2011.

PETERS, F. Kafka and Kleist: A Literary Relationship. *Oxford German Studies*, v. 1, n. 1, p. 114-162, 1966.

QIAN, C.; HE, T.; ZHANG, R. Deep Learning based Authorship Identification. *Stanford Reports*, 2017. Disponível em: https://web.stanford.edu/class/archive/cs/cs224n/cs224n.1174/reports/2760185.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

R CORE TEAM. *R*: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. Disponível em: www.r-project.org. Acesso em: 08 jan. 2021.

RYBICKI, J.; KESTEMONT, M.; HOOVER, D. Collaborative authorship: Conrad, Ford, and rolling delta. *Literary and Linguistic Computing*, v. 29, n.3, 422-431, 2014.

SHAHAR, G. Fragments and Wounded Bodies: Kafka after Kleist. *The German Quarterly*, v. 80, n. 4, p. 449-467, 2007.

SILGE, J.; ROBINSON, D. *Text Mining with R*: A Tidy Approach. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2017.

STACK OVERFLOW. 2020. Disponível em: https://stackoverflow.com/. Acesso em: 20 ago. 2020.

STAMATATOS, E. A Survey of Modern Authorship Attribution Methods. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 60, n. 3, p. 538-556, 2009.

TABATA, T. Stylometry of collaborations: Dickens, Collins and their collaborative writings. In: *Digital Humanities 2014: Conference Abstracts*. Lausanne: EPFL-UNIL, 2014. p. 378-380.

THE COMPREHENSIVE R ARCHIVE NETWORK. 2020. Disponível em: https://cran.r-project.org/. Acesso em: 22 ago. 2020.

THE R PROJECT FOR STATISTICAL COMPUTING. 2020. Disponível em: https://www.r-project.org/. Acesso em: 20 ago. 2020.

TIDYVERSE. 2020. Disponível em: https://www.tidyverse.org/. Acesso em: 20 ago. 2020.

WIERZCHOŃ, S.; KŁOPOTEK, M. *Modern Algorithms of Cluster Analysis*. Cham: Springer, 2018.

ZHANG, C.; WU, X.; NIU, Z.; DING, W. Authorship Identification from Unstructured Texts. *Knowledge-Based Systems*, v. 66, p. 99-111, 2014.

Recebido em 12/01/2021. Aceito em 14/04/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e76925

GENRE RE-ELABORATION IN TWEETS: COMMUNICATIVE PURPOSES IN 280 CHARACTERS

A REELABORAÇÃO DE GÊNEROS EM *TWEETS*: PROPÓSITOS COMUNICATIVOS EM 280 CARACTERES

REELABORACIÓN DE GÉNEROS EN TWEETS: PROPÓSITOS COMUNICATIVOS EN 280 CARACTERES

Márcia Helena De Melo Pereira*
Ana Claudia Oliveira Azevedo**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

ABSTRACT: According to Bakhtin (2011), speech genres are relatively stable types of utterances that circulate in different spheres of human activity. Over the years, especially after the popularization of certain technologies, such as the internet, new genres have emerged, from the transmutation/re-elaboration of pre-existing genres. The re-elaboration phenomenon also occurs when a genre transforms, with no arising of a new genre. This article presents a view about genre re-elaboration in tweets, a 280-character text published on the social network Twitter, to analyze which strategies are used for genre re-elaboration in a corpus of tweets posted by different users with diverse communicative purposes. The analysis showed a productivity of the re-elaboration phenomenon on tweets, in which genres from various spheres, such as journalistic, advertising, and day-to-day, besides the own tweet, are re-elaborated.

KEYWORDS: Genre re-elaboration. Tweet. Twitter.

* PhD Degree in Applied Linguistics from the State University of Campinas (UNICAMP). Full professor in the Department of Linguistic and Literary Studies (DELL) and in the Graduate Program in Linguistics (PPGLin) of the State University of Southwest Bahia (UESB). E-mail: marcia.helena@uesb.edu.br.

** PhD student in the Graduate Program in Linguistics (PPGLin) of the State University of Southwest Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista. Master's Degree in Linguistics and teaching degree in Languages from the same institution. E-mail: 98anaclaudia@gmail.com.

RESUMO: Os gêneros do discurso são, segundo Bakhtin (2011), tipos relativamente estáveis de enunciados que circulam nos diferentes campos da atividade humana. Com o passar do tempo, especialmente após a popularização de determinadas tecnologias, como a internet, novos gêneros emergiram, a partir da transmutação/reelaboração de gêneros já existentes. O fenômeno de reelaboração ocorre, também, quando um gênero passa por transformações, sem que um novo gênero surja. Este artigo apresenta um olhar sobre a reelaboração de gêneros no *tweet*, texto de 280 caracteres publicado na rede social *Twitter*, visando analisar quais estratégias são utilizadas para reelaboração de gêneros em um *corpus* de *tweets* postados por diferentes usuários, com diversos propósitos comunicativos. A análise demonstrou que há uma produtividade do fenômeno de reelaboração nos *tweets,* nos quais gêneros de esferas diversas, como a jornalística, a publicitária e a cotidiana, além do próprio *tweet,* são reelaborados.
PALAVRAS-CHAVE: Reelaboração de gêneros. *Tweet. Twitter.*

RESUMEN: Géneros del discurso son, de acuerdo con Bakhtin (2011), tipos relativamente estables de enunciados que circulan en diferentes ámbitos de la actividad humana. Con el tiempo, especialmente después de la popularización de determinadas tecnologías, como la internet, han emergido nuevos géneros, a partir de la transmutación/reelaboración de géneros existentes. El fenómeno de la reelaboración ocurre, también, cuándo un género sufre transformaciones, sin que surja un nuevo género. Este artículo presenta un vistazo sobre la reelaboración de géneros en el tweet, texto de 280 caracteres publicado em la red social *Twitter*, con el objetivo de analizar que estrategias se utilizan para reelaborar géneros en un corpus de tweets publicados por diferentes usuarios, con diversos propósitos comunicativos. El análisis mostró que existe una productividad del fenómeno de reelaboración en los tweets, en los que géneros de distintos ámbitos, como el periodístico, publicitario y cotidiano, además del propio tweet, se reelaboran.
PALABRAS-CLAVE: Reelaboración de géneros. *Tweet. Twitter.*

1 INTRODUCTION

The studies of the Bakhtin Circle are of utmost importance for understanding human interaction in different spheres of communication. According to this theoretical framework, interaction always occurs through speech genres. Bakhtin ([1952-1953] 2011, p. 262) defines them as "[…] *relatively stable types of utterances* […]"[1] which circulate in the various spheres of human activity. It means that every language use occurs within a speech genre, which presents its compositional structure, style, and thematic content. Bakhtin (2011) postulates the existence of primary and secondary genres. The former genres are more spontaneous and immediate, usually oral; and the latter are more complex, usually written, and created from the re-elaboration of primary genres, to comply with social demands.

However, according to R. Costa (2010), the phenomenon of genre re-elaboration – previously called transmutation – is not restricted to the emergence of secondary genres based on primary genres. In general, re-elaboration consists in the transformation of genres through interventions by the speaking subjects. This process may or may not entail the emergence of a new genre. Thus, it is necessary to add that the internet contributed to the appearance of the so-called digital speech genres or emerging genres, which, according to Marcuschi (2010), are based on old genres. We highlight that secondary genres can re-elaborate primary genres and, also, other secondary genres.

In this article, we observe one of these digital speech genres: *tweet*. This genre is materialized in a text of up to 280 characters on the support *Twitter*, a social network with more than 330 million active users in the whole world currently. Twitter provides the possibility of following and being followed by other profiles. So, there may or may not be reciprocity, since following someone does not imply that the user will be followed back.

On the home page of each user, it is possible to see the tweets published, retweeted (shared), or liked by the profiles they follow. These tweets used to appear only in chronological order, so the user would see tweets in real-time. However, currently, the platform selects previous tweets and shows them with the title "in case you missed it...". Thus, communication on Twitter can occur synchronously or asynchronously.

[1] All the quotes presented in this article were translated from Portuguese, since we based on Brazilian editions.

Each Twitter profile contains a unique username (user), introduced by the @ symbol, a name/nickname that identifies them, and a profile picture (icon), as well as a brief biography (bio) and a header photo. When we access a specific profile, we also see the tweets published and retweeted by the user, among other access possibilities, such as liked tweets and tweets with media. These aspects, in addition to their communicative purposes, particularize each user on the social network. According to S. Costa (2012), the communicative purposes also help determine the genres to be re-elaborated on Twitter.

In this work, based on Freitas and Barth (2015) and on Azevedo, Pereira and Ayres (2021), we consider tweet as a speech genre, since it presents relative stability of style, thematic content, and, especially, compositional structure. These elements show indications of genre re-elaboration. Moreover, it is important to note that several changes have occurred in its support – Twitter – since its creation in 2006 to the present day. The website increasingly presents hypertext features for its posts, such as links, images, and videos, which offer broad possibilities for genre re-elaboration in tweets. In this regard, the literature lacks new research on the tweet genre, which should consider the modifications on the support Twitter.

Based on this, we aim to analyze the phenomenon of genre re-elaboration in tweets. As we have mentioned, this process occurs through interventions in these texts by Twitter users, to fulfill their communicative purposes. Thus, we intend to investigate which strategies are used for re-elaborating genres in the analyzed *corpus*, considering both the re-elaboration of other genres and of the own tweet. To form the *corpus*, due to the diversity of communicative purposes represented by different profiles, we selected an institutional profile of a public university (@UesbOficial), an ordinary person profile, and two journalistic profiles: an official one (@folha) and a fake/humorous one (@foIha_sp).

We divided his article into seven sections. After this first and introductory section, we present our theoretical foundation. In sections 2 and 3, based on Bakhtin's (2011) speech genres theory, we characterize tweet as a genre that is materialized on the support Twitter. For this, we also rest on the contributions made by Marcuschi (2008, 2010), Rojo and Barbosa (2015), and, mainly, Freitas and Barth (2015) and Azevedo, Pereira and Ayres (2021). We dedicate section 4 to the discussion of the concept of genre re-elaboration – or transmutation –, approached by Zavam (2009, 2012), R. Costa (2010), S. Costa (2012), and Araújo (2016). Next, in section 5, we expose the methodology adopted to collect our corpus. We present the analysis in section 6 and, finally, in section 7, we make some final considerations about what we aimed: the investigation of genre re-elaboration in various tweets.

2 THE BAKHTINIAN THEORY OF SPEECH GENRES

The Russian theorists from the Bakhtin Circle base on the premise that language is part of all areas of human activity. For that matter, Bakhtin (2011, p. 261) postulates that "the use of language takes place in the form of concrete and unique utterances (oral and written), uttered by the members of the various spheres of human activity". The utterance is considered by Bakhtin (2011) as the real unit of speech communication, since "language begins to enter life through concrete utterances (which realize it); it is also through concrete utterances that life enters language" (BAKHTIN, 2011, p. 265).

It is important to emphasize that, for the theorist, every utterance responds to previous utterances – confirming, rejecting, completing them, etc. – and, thus, originates subsequent utterances. Therefore, dialogism is established. This concept consists of the dialogue between utterances – that is, between discourses – in addition to the dialogue between speaking subjects, and between speaking subjects and utterances.

Bakhtin (2011) states that the specific conditions of each sphere of human activity develop *relatively stable types* of utterances, which are defined as *speech genres.* In this perspective, the author declares that "the speaker's speech will is carried out primarily in the *choice of a certain speech genre*" (BAKHTIN, 2011, p. 282). In other words, every language use occurs through a speech genre, which is generated in specific socio-historical contexts, to fulfill a communicative function in an area of human activity.

According to Bakhtin (2011), speech genres are sustained by three inseparable pillars of composition: thematic content, linguistic style, and compositional structure. The thematic content includes the subject of the utterance and the speaker's evaluative attitude

toward this topic. This attitude is related to the sphere of communication in which they are and, therefore, is influenced by socio-historical issues. Based on Bakhtin, Rojo and Barbosa (2015, p. 87) state that the thematic content "is the most important element of the text or the utterance: a text is all built to echo a theme". Then, the style and the composition of the utterances are determined by their thematic content. The style consists of the linguistic selections made by the speaker, which, according to Rojo and Barbosa (2015), involve all grammatical features, such as vocabulary, syntax, linguistic record, etc. In the genres of new media and technologies, according to Rojo (2013), style is manifested multisemiotically. Thus, to analyze these genres, we should consider both linguistic choices and other semiotic units. According to Bakhtin (2011), these choices are determined by the sphere of communication and, consequently, by the genre itself. However, the individual style (of the speaker) can interfere in the genre style – within the limits imposed by the sphere of communication where the speaker subject is. Bakhtin (2011) adds that the insertion of the individual style is more common in less standardized genres, i. e., genres whose style is more flexible. The compositional structure, in turn, corresponds, basically, to the organization of the utterance, that is, to its (macro)structure, which makes the genre socially recognizable because of its format. Thus, following Rojo and Barbosa (2015), we emphasize that the style and the compositional structure are, each in their way, linguistic and multisemiotic marks of the thematic content. It happens because they are determined by the speaker's evaluative attitude towards the object of speech.

According to Bakhtin (2011), we can classify speech genres into *primary* and *secondary*. For the theorist, primary genres are simple, since they are characteristic of everyday, immediate, and usually oral situations. Secondary genres, in their turn, are commonly written and created from the absorption and re-elaboration of primary genres, to comply with socio-cultural demands. We emphasize that the concept of secondary genres also embraces the genres that have emerged in the internet environment, from the re-elaboration of primary genres and of other secondary genres as well, as we will see in more detail below.

Based on Bakhtinian postulates, Rojo and Barbosa (2015, p. 68) accentuate that "it is the purpose, the functioning and the specificity of the sphere in its historical time and place that determine both the stable and the flexible characteristic of the speech genre". These aspects are responsible for determining themes, styles, and even compositional structures that the texts in these spheres can present. For the authors, "a good example [of it] is the appearance of digital information and communication technologies (DICTs), which have led to changes in the genres incorporated by them" (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 68). In this article, we focus on the tweet genre, discussed in more detail in the next section.

3 CATEGORIZING TWEET AS A (HYPER)TEXT OF A DIGITAL SPEECH GENRE

Bakhtin's (2011) postulates originated other studies on particularities about the genres, such as transmutation/re-elaboration. Based on that, Marcuschi (2010) states that the intense use of technologies provided the emergence of new forms that, although innovative, are similar to older ones. In other words, as the Brazilian linguist argues, new genres are based on genres that already existed. According to Marcuschi (2010), emerging genres unleash new language uses, which evokes the concept of hypertext, presented by Xavier (2010).

In this sense, texts that materialize digital speech genres are, according to Xavier (2010), hypertexts, that is, "a hybrid, dynamic and flexible form of language that dialogues with other semiotic interfaces, adds and stows other forms of textuality in its surface" (XAVIER, 2010. p. 208). Thus, we can affirm that these genres are generally constituted by other languages – visual, audio, audiovisual, etc. –, in addition to verbal writing. Other characteristics of the hypertexts are their virtual nature, ubiquity, and indexing to other texts through hyperlinks. Based on this, we note that the concept of secondary genres, referred to by Bakhtin (2011), is expanded, since, in the present day, (hyper)texts of many genres are constituted by multiple languages, in addition to verbal writing.

In this article, we look specifically to a genre that emerged from the popularization of the internet: tweet. This genre is materialized in a text of up to 280 characters published on Twitter. Freitas and Barth (2015) analyzed diverse tweets and, founded in the three Bakhtinian pillars, classified tweet as a genre. According to them, this form of communication is relatively stable in its compositional structure – marked, especially, by the 280 characters limit –, style, and thematic content – which may vary according to the user's

profile. Azevedo, Pereira and Ayres mention that elements as emojis, images, videos, GIFs, links, and hashtags can be part of tweets' style. Thus, for Freitas and Barth (2015), the manipulation of tweets by the users is determined not only by the character limit but also by the user's profile and their communicative purposes. Thereby, in theory, while an ordinary user can talk about anything in their profile, users that represent companies or institutions suffer a thematic and stylistic limitation. We emphasize that, although there is a variety of style and thematic content, tweet is a speech genre because it is *relatively stable*.

Another category that helps characterizing tweet as a genre is the concept of support. According to Marcuschi (2008), it consists in a physical or virtual locus, with a specific form, to materialize genres. Based on this, Freitas and Barth (2015) propose that Twitter is a support for the tweet genre since it is responsible for the realization and fixation of these texts. We also highlight that some actions – accessing a user's profile, replying or liking a tweet, and retweeting, for example – can only be performed through Twitter. Moreover, the support presents hypertextual possibilities, such as the use of multiple semiosis, hyperlinks, and other characteristics that classify tweet as a hypertext.

Furthermore, according to Marcuschi (2010, p. 22), "[…] in many cases, the forms are responsible for determining the genre, and, in many others, the functions play this role. However, there are cases in which the support itself or the environment where the texts appear determine the genres". This determination by the support seems to be the case of tweet, considering that, despite the variety of themes, styles, and functions this genre can present, it is always on the same support – Twitter. Thus, we emphasize that the support Twitter is essential for the production and characterization of the tweet genre.
In this context, it is noteworthy that, for Marcuschi (2010, p. 21), "the language of the new genres becomes more and more plastic", that is, genres are increasingly flexible, especially if we consider the use of various semiosis that integrate them. The tweet genre, for example, has undergone some modifications in recent years, thanks to the changes allowed by its support – Twitter, which often adds new hypertextual resources – and to the uses of the genre as well. Therefore, tweets present effects of the phenomenon known as *genre re-elaboration*, which we cover in the following section.

4 THE PHENOMENON OF GENRE RE-ELABORATION

According to Bakhtin (2011), changes in social life entail changes in the linguistic style and, consequently, in the speech genres. Considering that "the transfer of style from one genre to another not only modifies the way a style sounds, under conditions of a genre that are not its own, but it also destroys and renews such genre" (BAKHTIN, 2011, p. 268), we emphasize that genres are susceptible to undergo re-elaboration.

This concept comes from Bakhtin (2011), who, when approaching the formation of secondary genres, states that they absorb primary genres through a process named re-elaboration in Brazilian studies. In the words of the theorist: "In their formation process, they [the secondary genres] *incorporate* and *re-elaborate* various primary (simple) genres, formed in conditions of immediate speech communication" (BAKHTIN, 2011, p. 263, our emphasis).

In other words, re-elaboration is the transformation suffered by a primary genre when incorporated by a secondary genre. Before we deepen into the concept of genre re-elaboration, it is important to note that this term arose recently, after the 2003 translations of Bakhtin's work into Portuguese, straight from Russian. Before that, in translations from French, the concept adopted was *transmutation*, as we can see in the following quote: "During their formation process, the secondary genres *absorb* and *transmute* the primary (simple) genres of all species, created in circumstances of spontaneous verbal communication" (BAKHTIN, 1997, p. 281, our emphasis).

As we have seen above, in previous editions of the book *Estética da criação verbal* (Aesthetics of verbal creation), the process of transforming a primary genre into a secondary one was called transmutation. The terminological change from *transmutation* to *re-elaboration* represents an important change of perspective. According to R. Costa (2010), the new translation alludes to the protagonism of the speech subjects, as we will see in more detail below.

In this article, we seek to update the Bakhtinian concept of genre re-elaboration, considering the functioning of this phenomenon in tweet, a relatively recent and quite common genre nowadays. As pointed out by Araújo (2016), the transmutation/re-elaboration category is productively investigated by researchers from the group Hiperged – currently called Digital (Discursos e Digitalidades) –, of the Graduate Program in Linguistics (PPGL) of the Federal University of Ceará (UFC). Hereinafter, we present some discussions made by these researchers, to explain the construction of the concept of re-elaboration and the functioning of this category on Twitter.

Based on the Bakhtinian postulate that changes in society entail changes in the spheres of human activity and, consequently, in the genres, Zavam (2009, 2012) relies on the concept of *transmutation* to define the transformations through which a genre (primary or secondary) can pass. These changes can occur "both in the absorption of one genre by another (either from the same sphere or from different spheres) and in the adaptation to new contingencies (historical, social, among others)" (ZAVAM, 2012, p. 257). From this, the author elaborates two categories of transmutation: 1) *creative transmutation*, which consists in the emergence of a new genre from one or more genres, and 2) *innovative transmutation*, which consists in the modification of a genre, without resulting in the emergence of another. Innovative transmutation is still subdivided into 2a) *internal* – when transformations in genre occur due to factors such as the change of sphere, communicative purpose, or style – and 2b) *external* – when a genre incorporates characteristics of another.

It is also worth noting that, according to Zavam (2012), transmuted genres always leave traces of this process in their compositional structure, theme, or style. Thus, the author highlights three aspects inherent to the transmutation process: a) the absorbing/transmutant genre aggregates to the compositional structure of the absorbed/transmuted genre; b) the absorbing genre, at the same time, transmutes and is transmuted; and c) the sphere of the absorbing and absorbed genres may or may not be the same. We highlight that the transmutation process changes all the genres involved in it.

R. Costa adopts the categories and considerations presented by Zavam (2009, 2012); however, with a substitution of *transmutation* for *re-elaboration*. The author explains that the term *re-elaboration*, in contrast to *transmutation*, is more appropriate to Bakhtinian principles. According to him, it better represents the protagonism and the active position of the speaking subjects in language practices and, consequently, in changes within genres. Founded on this terminology update, R. Costa (2010) reviews the transmutation processes proposed by Zavam (2009, 2012).

Based on the principle that genre standardization and genre emergence are in a continuum – i. e. they are not rigid categories –, R. Costa (2010) presents the following types of genre re-elaboration: 1) *Creative genre re-elaboration with an emerging inclination* and 2) *Creative genre re-elaboration with a standardized inclination*, to refer to the creation of a new genre, which can be more innovative or closer to existing genres, respectively; 3) *Internal innovative re-elaboration*, and 4) *External innovative re-elaboration*, which correspond to the categories of internal and external innovative transmutation proposed by Zavam (2009, 2012).

In the case of Twitter, we can state that creative re-elaboration occurred during the emergence of the social network, which, consequently, originated the tweet genre. Among the main genres that were creatively re-elaborated for the emergence of tweet, we can emphasize the SMS (Short Message Service) and the blog, as stated by Freitas and Barth (2015). S. Costa (2012) affirms that the original purpose of Twitter was to be a microblog updated via SMS. Therefore, the association between Twitter and SMS occurred during its idealization, when tweets were conditioned technologically to the SMS service. According to Dioguardi (2014), this relationship justifies the character limit imposed by Twitter to the compositional structure of tweets (at the time, 140 characters for the tweet + 20 characters for the username), which assimilated the SMS structure. The linking with the blog, in turn, occurs due to tweets' function, as explained by Santos (2011). The author considers Twitter as an example of a microblog. For her, the microblog is a genre that arose from the use of blog as a personal diary, but with characters limitation. Although we consider tweet, and not microblog, as a genre, we recognize that blog was one of its origins. So, based on Santos (2011), we highlight that tweets, like blogs, are written and agile forms of self-expression and interaction, with a mixture of public and private features.

In addition to these two origins, according to Freitas and Barth (2015, p. 9), tweets present "characteristics of various genres such as news, informal conversation, note, quote, etc., which have been modified to meet the communication needs found in the social

network". It demonstrates that innovative re-elaboration is a common phenomenon in the tweet genre. That was also verified by S. Costa (2012) in her master's research, in which she observed the phenomenon of genre re-elaboration in Twitter, more specifically, which genres were re-elaborated within tweets. In the present work, based on Zavam's (2012) statement that all genres involved in the transmutation (re-elaboration) process undergo modifications, we consider both tweet and other genres absorbed by it as objects of the re-elaboration phenomenon.

S. Costa (2012), in her research, continued the discussions made by Zavam (2009, 2012) and R. Costa (2010). The author based on two re-elaboration strategies: 1) *intervention* and 2) *migration*. According to the researcher, intervention consists in the modification of existing genre standards from the manipulation of genres by the user, which may change their form, meaning, and/or information content. Migration, in turn, concerns the displacement of standardized genres to Twitter, without interventions. In other words, it is limited to the mere "transposition of the generic standard from one environment to another" (COSTA, S., 2012, p. 79) and the maintenance of its communicative purposes.

Through her data analysis, S. Costa (2012) ascertained that most of the 195 tweets in her corpus presented interventions – 65%, while 35% were migrations. Thus, the author points out that there is no protagonism of the speaking subject in tweets with mere migration of other genres. In these cases, they only reproduce utterances from other spheres and maintain the communicative purposes of the original genre. On the other hand, according to S. Costa (2012), the tweets with intervention change the communicative purposes of the re-elaborated genres. They also help the user self-promote and obtain more retweets (RTs) than tweets with migration. The author concludes that these strategies, applied to the genres that are re-elaborated in Twitter, correspond to the categories of internal innovative re-elaboration – migration of a genre to another support – and external innovative re-elaboration – intervention in a genre for its incorporation in a tweet –, proposed by R. Costa (2010).

Therefore, S. Costa (2012) considers that the intervention strategy is a mark of (inter)subjectivity and a reflection of individual style, with strong indications of re-elaboration. Based on this, to analyze the genre re-elaboration in her *corpus*, the author lists three intervention strategies performed by the users when tweeting. The first one – which concerns the genre re-elaboration indeed – corresponds to interventions related to the form of the utterances, which includes manipulation and mixing of generic standards. In other words, it consists in using characteristics of other genres in the construction of a tweet. The second strategy involves interventions associated with the meaning of the tweets, which include intertextuality (allusions, appropriations, and paraphrases, for example) and multimodal arrangements. Finally, the third strategy of intervention is related to the information content. It occurs when users manage resources as comments and hashtags to interfere in the post information and, thus, print their identity, their individual style. According to S. Costa (2012), all these types of intervention represent a step towards re-elaboration and aim to achieve social capital.

Thus, based on S. Costa (2012), we highlight the strategies of genre re-elaboration used in tweets as an essential factor for the reach of communicative purposes. Consequently, it is a strategy for obtaining social capital in the social network Twitter. Roughly speaking, social capital consists in a "[...] symbolic value that permeates interactions within a social group [...]" (ARAÚJO, 2016, p. 59). In Twitter, according to S. Costa (2012), this value can be measured by the number of RTs received by a tweet. We add the number of replies and likes[2] as signs of social capital as well.

Based on these assumptions, we consider re-elaboration as the process of transforming a speech genre. It is worth noting that this process only occurs because the speaking subject presents an active posture. This activeness allows them to manipulate and intervene in genres, in order to modify them. It is also necessary to add that these interventions in Twitter occur "economically", given the character limit for the compositional structure of tweets, as Araújo (2016) argues. In this regard, it is important to emphasize that, for Bakhtin (2011, p. 285), the use of the genres occurs from their mastery, i.e.,

[2] The support Twitter added these last elements after S. Costa's (2012) research.

the better we master the genres, the more freely we employ them, the more fully and clearly we figure our own individuality in them (where this is possible and necessary), the more flexibly and subtly we reflect the singular situation of communication; in short, we carry out our speech project in a more finished way.

Therefore, to re-elaborate genres in tweets, users must know the genres involved in this process. Thus, we emphasize that Twitter users can perform interventions in other genres, which are re-elaborated, while they also intervene in the tweet itself. Therefore, we conceive that the tweet genre was initially a product of creative re-elaboration. However, nowadays, it is often the result of innovative re-elaboration – which occurs through the strategies named migration and intervention by S. Costa (2012)–, since it is a flexible genre, which allows the entering of the individual style of its writer. Considering this flexibility, in the following section, we present the methodological aspects of this work, whose *corpus* is composed of tweets published by various profiles.

5 METHODOLOGY

In this work, we adopted a qualitative methodological approach, considering that we seek to observe and describe a linguistic phenomenon – the genre re-elaboration – that occurs in a natural context – tweets published by diverse users. The collection of tweets for the corpus[3] consisted, initially, in selecting Twitter profiles, followed by the choice of tweets to be analyzed. We saved the tweets through the Windows screen capture software. Since the tweets were published by public profiles, there was no need to logging in to Twitter.

Based on the assumption that the user's profile and its communicative purposes determine the writing of tweets (FREITAS; BARTH, 2015), we chose Twitter profiles that represented different purposes, to have a general view of the genre re-elaboration in tweets. So, we selected: 1) a user who represents an educational institution, whose tweets have a thematic limitation; 2) a user classified as "ordinary user" with broader posting possibilities; 3) an official journalistic profile, which has the specific purpose of reporting facts; and 4) a fake profile that parodies the official journalistic profile. Thus, the tweets analyzed in this work represent different interactional objectives and, consequently, present diverse thematic contents and styles, which allows a broader view of the genre re-elaboration phenomenon.

We present, below, a brief characterization of the four public profiles from where we selected the tweets[4] analyzed in this article:

1. @UesbOficial: official institutional profile of the State University of Southwest Bahia (UESB) with over 6 thousand followers;
2. @commonuser[5]: profile of an "ordinary person" with over a thousand followers, chosen because of a single tweet that had many RTs and likes, an exception when compared to his other tweets, which usually achieve few interactions;
3. @folha: official journalistic profile of the newspaper Folha de São Paulo, which has more than 6.5 million followers and is verified[6];
4. @ foIha_sp: a fake journalistic profile that parodies the newspaper Folha de São Paulo, with more than 200 thousand followers.

[3] The *corpus* presented in this article is the result of an undergraduate research carried out during 2018-2019. The study, entitled *Gêneros (hiper)textuais no Twitter: um estudo do(s) tweet(s)* – (Hyper)textual genres on Twitter: a tweet(s) study –, was funded by the Research Support Foundation of the State of Bahia (Fapesb).

[4] In her master's thesis, S. Costa (2012) does not explain the number of followers of the profiles whose tweets she analyzes. We consider that this information may be decisive for the achievement of social capital, since the number of followers influences the visibility of a user's posts. Therefore, we understand that it is important to provide this information when characterizing the profiles analyzed in this work.

[5] For ethical reasons, we refer to this user through a fictitious username.

[6] Verified accounts on Twitter have a blue seal to indicate the profile is authentic and of public interest.

In these profiles, we sought to collect tweets with various sizes, purposes, and different uses of the semiosis available on the support Twitter (GIF[7], video, emoji[8], image, link, etc.), to demonstrate specificities of the genre re-elaboration phenomenon in each of them. In this article, we selected five tweets for the analysis, exhibited in the next section.

6 *CORPUS* ANALYSIS: GENRE RE-ELABORATION IN TWEETS

In this section, we present the results and discuss our analysis of the tweets. To this end, we consider the migration and intervention categories proposed by S. Costa (2012); in particular, the intervention in form, which consists in the mixture of generic standards that results in the genre re-elaboration. We also comment about the other types of intervention – in the meaning and the informative content. These elements contribute to the process of genre re-elaboration and, therefore, to the reach of communicative purposes in tweets. We also frame the analyzed tweets in the re-elaboration categories listed by R. Costa (2010).

Let us observe, initially, a tweet published by the official Twitter profile of the State University of Southwest Bahia (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB). That University is present on three campuses in the cities of Itapetinga, Jequié, and Vitória da Conquista. We classify the user @UesbOficial as an institutional profile, which aims to inform its more than six thousand followers about what happens at the University, by disseminating its teaching, research, and extension projects. In Figures 1 and 2, below, we present two tweets that pertain to a thread published by the profile @UesbOficial[9] on January 15, 2019. Let us look at the first tweet of the thread and then at one of its answers:

[7] GIFs, an acronym for Graphics Interchange Format, are animated images without sound which repeat sequentially.

[8] Emojis are visual symbols used to represent emotions or ideas. Currently, mobile keyboards are equipped with several emojis, like the heart-eyed smiling face 😍, the red heart ♥ and the crying face 😭, among many others.

[9] This term refers to a line of thought, i. e., to a chain of information.



[10]

Figure 1: Tweet published by the profile @UesbOficial, with the proposal to make a thread
Source: Twitter

According to S. Costa (2012), strategies that receive many RTs tend to be adopted by other network users, who aim to obtain a high social capital as well. In this regard, we emphasize that the tweet above presents a thread, which proposes, to each like received by the tweet, the introduction to projects, services, and extension actions developed by UESB. This proposition constitutes a strategy for obtaining social capital through both the use of the thread – a popular practice on Twitter – and the interaction with other users through the likes. So, this text consists of written words, emojis, and multimodal arrangements, which represent an intervention in the meaning of the tweet, as we explain below.

At first, the tweet in Figure 1 shows indications of genres of the advertising sphere. It proposes a thread "of public utility" which establishes the purpose of disseminating a service the population might enjoy. The style of the tweet resembles the style of discount advertisements, which announce sales like "for each $X in purchases, you get a Y% discount". This is a generic standard used in the tweet to attract the public attention – as well as in the ad – and carry out the interaction with other users, to achieve, consequently, a high social capital. In addition, the use of the word "valendo!"[11] recalls aspects of genres of the sphere of everyday life related to competitions, in which the expression is used to start a game, to which we can also relate the loudspeaker emoji. That confirms the importance of multimodal elements for the meaning construction, especially in digital (hyper)texts. Thus, we can see that the tweet in Figure 1 contains a mixture of genres from the spheres of advertising and leisure. These genres along meet the communicative purpose of disseminating information about the University and reaching social capital, since it achieves 10 RTs and 178 likes.

As we have already commented, the threads have become an increasingly common resource on Twitter. Through them, several tweets are presented, with topics linked to an originating tweet, as the description "*sequência*" (thread) shows, at the top of Figure 1. We emphasize that the threads are a strategy for structural adaptation to the tweet limits, which allows no more than 280 characters;

[10] "📢 What about a public utility thread??? 😎

For each like in this tweet, we will post a project, service, or action developed on our campuses which you can participate. Go! ❤️"
[11] This word, in Portuguese, has a similar value to "go" in English, used to start a competition.

thus, the information is "divided" into different tweets, which are attached. Along the thread , the user @UesbOficial presents 32 projects developed by UESB, among which we chose the example below, with the ninth project addressed:



[12]

Figure 2: Tweet by the profile @UesbOficial, which is part of the thread shown in Figure 1

Source: Twitter

The tweet in Figure 2 is one of the replies to the tweet in Figure 1, that is, it presents one of the projects developed by UESB: the pre-vestibular course *Universidade Para Todos* (*University for All*), offered in partnership with the Department of Education of the state of Bahia. The fact that it is part of a sequence is marked by the blue vertical thread that appears in the left of the tweet. This line can be seen both in the originating tweet (Figure 1) and in one of the answers of the thread (Figure 2). Based on this information, we observed that the tweet in Figure 2 intervenes in the information content of the tweet in Figure 1, through the comment about it and through the use of hashtags. Hashtags have, thus, two functions. They work as a way for the reader to access other tweets related to *Enem* (a Brazilian national exam for students, to enter the university) and *Vestibular* (an entrance exam to a specific university). Consequently, they are also a way for other users to find the tweet about the project, when they search, on Twitter, about "*Enem*" or "*Vestibular*", which, once again, constitutes a promotion strategy of the University.

Furthermore, in the tweet in Figure 2, there are interventions in meaning carried out from the intertextuality established through hashtags, which function as keywords for the identification of the tweet subject. Such interventions also occur through multimodal arrangements, like the heart and the book emojis and the image of students from the project, in which the profile @educacaobahia is tagged. These elements can help establish interaction with other Twitter users. It is noteworthy that these interventions in the meaning and informative content contribute to the fulfillment of the communicative purpose of the tweet, or even of the thread in general, namely the dissemination of projects developed at the State University of Southwest Bahia. In addition, the use of these elements represents interventions in the form of the tweet depicted in Figure 2.

[12] "9. For students from public schools who wish to prepare for the selection processes for admission to Higher Education, the *Universidade para Todos* project is a free and qualified option. In the southwest of Bahia, we are responsible for this education. #Enem#Vestibular"

Concerning the mixture of generic standards, we highlight, in addition to the tweet's standard itself – characterized by the hashtags –, characteristics of the advertising[13] genre – *anúncio de propaganda*, in Portuguese –, which, according to Silva (2015), has the purpose of promoting an idea and inducing people to an action other than buying. This is what occurs in the tweet posted by @UesbOficial, which explains the target audience of the project *Universidade Para Todos* and introduces it to the interlocutors. The advertising genre is structured by title, subtitle, logo, and slogan, which does not occur in the tweet in Figure 2. This proves that the user intervened to re-elaborate the advertising genre, which is mixed with the tweet.

Freitas and Barth (2015), when analyzing tweets by the institutional profile of the University of Passo Fundo, found that the user probably did not have the purpose of interacting with other users. According to the authors, this profile only aimed to make people click on the links directed to the University's website. On the other hand, the communicative purposes of the tweets published by the profile of the Southwest University of Bahia include interaction with other Twitter users through likes. That objective tends to provide a greater reach of social capital and, therefore, a greater promotion of the institution. For this, in addition to the interventions in the meaning and in the informative content, the profile @UesbOficial performs interventions in the tweet form, which occur through the process of mixing standards from the genres of the sphere of advertising and the sphere of everyday life. Thereby, to publicize the services of the University and promote the institution, the user re-elaborates the following genres: advertisement, discount advertisement, game, and, naturally, tweet.

Hereinafter, we present the analysis of tweets published by an ordinary user. According to Freitas and Barth (2015), the style and thematic content of tweets by an ordinary user are more flexible and variable than the ones posted by profiles that represent an entity or a company. This allows the user to leave their mark, i. e, their individual style, through the interventions, as S. Costa (2012) asserts. Moreover, according to the author, the communicative purpose shared by every Twitter user is the reach of social capital – a value that "measures" the success of the participants of a social network. In the case of Twitter, the social capital is measured by the number of retweets, as well as, currently, likes and replies received by a tweet. Based on this, we present, below, a tweet with a high reach of social capital, published by an ordinary user, whose profile had, at the time of the post, over a thousand followers:

[13] In Portuguese, there are two different words to refer to advertising: *anúncio publicitário* and *anúncio de propaganda*. The former includes the purpose of selling a product or service, while the latter – found in the tweet published by @UesbOficial – is not related to sales or money.



[14]

Figure 3: Tweet by the ordinary user with a high spread rate

Source: Twitter

In Figure 3, we exhibit a screenshot of a tweet posted by an ordinary user on January 20, 2019. This is a *quote tweet*[15], that is, the user republished a tweet[16] by another common user, commenting it; thus, we have a tweet inside another. In the originating tweet, @anothercommonuser[17] writes that her friends picked her up for eating out because she had said she was sad. The ordinary user reposted this tweet and stated that his friends, hearing him say the same thing, would act differently: they would respond "me too", which indicates that they are also sad.

This tweet reached high levels of spreading: it raised more than 47 thousand RTs and 63 thousand likes, which is uncommon in the posts made by this user, even because of his little expressive number of followers. Since the tweet in Figure 3 is a quote tweet, we characterize it as an intervention in the information content of the original tweet. According to S. Costa (2012), this type of intervention can occur through a comment about a certain text, in which the user prints their identity. Besides, we emphasize that there is also an intervention in meaning, which is based on the intertextuality established with the original text.

To reach one of his communicative purposes – comicalness –, the user uses, in his tweet, a semiotic feature that helps to make his post funny[18]: the various spaces before the quote of his friends' allegation. That is, to quote what his friends would say, the user does not choose canonical features, such as colon and quotation marks or indent; he chooses to use a larger space between the words, which also represents a pause and creates an expectation in the reader. This space between words can represent, in writing, the

[14] "if i tell my friends i'm sad they say me too"

[15] The function of quoting tweets was incorporated into Twitter in 2015, to meet a need of the users, who already made this type of action manually.

[16] "my friends came pick me up for dinner because I said I was sad 💔💔"

[17] We also use a fictitious username here, for ethical reasons.

[18] S. Costa (2012) found, in her research, productive use of humorous resources by Twitter users and concluded that humor is a "preponderant element in the achievement of social capital on Twitter" (COSTA, S., 2012, p. 106).

hesitation present in the oral language and, consequently, in predominantly oral genres, such as everyday dialogue. This multimodal resource, besides representing an intervention in the meaning, constitutes an intervention in the form, since the use of several spaces before the quoted sentence creates an expectation in the reader, which is broken after the conclusion of the utterance. In this regard, the tweet presents close characteristics to genres in which there is a humorous plot twist, like the joke, which, according to S. Costa (2012), causes this effect.

Moreover, the style and thematic content of the given tweet contain signs of primary genres, such as everyday dialogue, and autobiographical secondary genres, such as the personal diary and the blog – in which the author relates the events and facts of their life –, which was re-elaborated in the creation of the tweet genre. This proves the assertion of Zavam (2012), who affirms that genres present indications of their transmutation (re-elaboration) process in their thematic content, style, and/or compositional structure. Thus, we see that the ordinary user performs the strategy of mixing the joke and the tweet to constitute the text of Figure 3, whose purpose seems to be a mixture of both: provoking humor while talking about his life.

S. Costa (2012) considers that the interventions carried out in tweets can justify their high spread in the network. However, we note that other tweets posted by the ordinary user do not have a high reach of social capital, although they present interventions, as occurs in the following tweet:



[19]

Figure 4: Reply to the tweet in Figure 3

Source: Twitter

The tweet presented in Figure 4 was published in response to the tweet in Figure 3, by the same user. It seems that, in this reply, the user takes advantage of the great reach of social capital of his tweet to publicize his musical work. The text consists, in addition to the verbal elements ("*já vê minhas músicas lá que é tudo nosso*"), of a link to YouTube, embedded by the support Twitter, which presents a preview of it. Thus, we find that the ordinary user performs interventions in the meaning of his tweet by using an embedded link, which constitutes a type of multimodal arrangement. Moreover, the tweet presents intertextuality with other Twitter publications in which users take advantage of their tweets with a high reach of social capital to publicize their profiles on other social networks – in this specific case, on YouTube.

A brief analysis of the thematic content of this tweet, allied to the use of the link to YouTube and to the verb in the imperative form ("*vê*" – see), shows that it has characteristics of the advertising[20] genre – *anúncio publicitário*, in Portuguese. This genre, according to Silva (2015), aims to sell a particular product or idea: "its producers intend to create the desire for consumption in the minds of individuals, with a profit goal" (SILVA, 2015, p. 49). The tweet in Figure 4 does not present a title, a subtitle, a logo, and a slogan – typical characteristics of the advertisement –, still, it maintains the communicative purpose of this genre. The intention of

[19] "youtube.com/duplosentidotv check my songs out cuz we all in this together"

[20] In this case, we refer to the genre *anúncio publicitário*, which aims to sell something.

@commonuser, in this tweet, is to publicize his musical work and, thus, reach social capital on another network: YouTube. Meanwhile, the social capital reached by this tweet is low in comparison with the previous tweet, since it gets only 2 RTs and 3 likes.

We emphasize, then, that the tweet in Figure 4, despite replying to a text by the same user with a high social capital (Figure 3), does not reach a significant number of RTs and likes, although the process of genre re-elaboration is present in both tweets. We also point out that, according to our observation, the tweet in Figure 3 represents an exception to the social capital usually reached by the ordinary user. Based on this, we refute the postulate of S. Costa (2012), who states that intervention at various levels constitutes a greater re-elaboration and, consequently, a greater reach of social capital. Therefore, we emphasize that there should be other factors that influence the number of RTs and likes received by a tweet, such as the number of followers of the user and/or the profiles that retweeted or liked that post, the hashtags used, "what's happening"/trending topics[21], or, still, the paid promotion of a tweet, among other reasons.

We present, now, the analysis of tweets published by two users: @folha, the official profile of the newspaper *Folha de São Paulo*, and @foIha_sp, a fake profile that parodies it and creates fake news to, among other objectives, make social critics and cause humor. The official profile of the newspaper *Folha de São Paulo* has more than 6.7 million followers and is a verified profile; so, the "verified" seal shows that it is, in fact, an official and credible profile. It does not happen to *Falha*[22] *de São Paulo*, which does not present this officialization, since it is a fake profile. *Falha de São Paulo* has more than 200 thousand followers, which already demonstrates a certain reach of social capital within the network. At first, it is possible to note that the fake journalistic profile seeks to present a visible similarity to the official journalistic profile, which also occurs in its posts, as we can see below:

[21] The most popular subjects on Twitter at one specific time, which appear in a list determined by an algorithm.

[22] The word *Falha*, in Portuguese, means *fault/failure*. So, it represents a pun with the word *Folha*, which refers to the official newspaper.



[23]

Figure 5: Tweet posted by the user *Falha de São Paulo*, which contains 2 screenshots of tweets: one by their profile and another by the official profile of *Folha de São Paulo*

Source: Twitter

In the tweet in Figure 5, the fake profile @faIha_sp presents the subtitle "When reality imitates satire:", followed by two screenshots of tweets: one by this same user, published on January 15, 2019, which we will call 5a, and another by the official profile of the newspaper *Folha de São Paulo* (@folha), named here as 5b and posted on January 16, 2019, same date of the tweet that contains the screenshots. Our focus, in this analysis, are the tweets 5a and 5b, since we aim to compare the official profile to the fake one. Both texts refer to the same subject: the relaxation of gun laws, signed by Brazilian President Jair Bolsonaro on January 15, 2019, which aimed to allow people to possess weapons in their houses. The "news" of the first screen capture is false and is intended to cause humor, considering that a shooting death in France has no relation to Brazilian legislation. On the other hand, the second screen capture presents a real consequence of this flexibilization: the aggressions suffered by women inside their own homes, which can entail serious physical and psychological sequels, even femicide.

At first, it is possible to perceive the intertextuality between the two tweets since they address the same subject. So, there is a thematic relationship between the text published by the fake profile and the text posted by the official profile. Thus, intertextuality is established both with the fact that generated the news – the decree of flexibilization of possession of weapons – and with the tweets themselves, as explained in the subtitle of the tweet in Figure 5: "when reality imitates satire". Thereby, the user demonstrates the

[23] "When reality imitates satire:
@faIha_sp: 'man is shot dead in France hours after Bolsonaro facilitate the possession of guns'
@folha: '#IfHeWasArmed: one day after relaxation on the possession of guns, women relate agressions bit.ly/2DeEzGk'"

relationship between fake and true news, both related to the same event. Besides intertextuality, it is worth noting that both tweets whose screenshots are presented in Figure 5 are composed of words, a link, and a picture. These multimodal arrangements, as well as intertextuality, represent interventions in the meaning of both the tweet in Figure 5 and the tweets 5a and 5b, within it.

As in example 5b, the tweets by the profile @folha are mostly produced as a kind of headline, followed by a link, which leads the reader to access the complete news or report on the official website of the newspaper *Folha de São Paulo*. Regarding the process of genre re-elaboration, according to S. Costa (2012), when a certain genre is taken to Twitter, without interventions – aside from the adequacy to the character limit –, the process is classified as migration. In this process, according to the author, the communicative purpose of the originating genre is maintained, in contrast to interventions, which change the purpose of the re-elaborated genre. Based on this, we could state that, in the tweets by the journalistic profile *Folha de São Paulo* – for instance, the screenshot in Figure 5 –, the news genre is migrated to Twitter, since there is a maintenance of its informative purpose. However, the tweet under discussion presents the hashtag #*SeEleEstivesseArmado* (#IfHeWasArmed). At the time of publication, this hashtag helped disseminate reports of women who suffered domestic violence to show the situation would be even more serious if the aggressor had a gun. This demonstrates, still, an intertextual relationship with the project of flexibilization of weapons possession supported by Bolsonaro. As we have already commented, the hashtags, according to S. Costa (2012), represent an intervention in the informative content of a genre that is re-elaborated on Twitter. Thus, we found that this intervention characterizes a mixture of the genres tweet and news. Therefore, the tweet posted by @folha is a result of the external and the internal re-elaboration processes of the genres news and tweet, respectively.

The tweet 5a, posted by the fake profile Falha de São Paulo, presents the same structure and style of the official journalistic profile, as can be seen in the tweet in Figure 5. Nevertheless, we point out that its thematic content is not true. In addition, the links in @faIha_sp's tweets are fake and redirect to a non-existent site, unlike links by Folha de São Paulo, which lead the reader to the newspaper's website. We highlight, then, that the thematic content – which, according to Bakhtin (2011), concerns not only the topic itself, but a set of values and ways in which this theme is approached – is different in the fake profile, which makes false statements regarding facts that happened.

So, we note that Falha de São Paulo re-elaborates the parody genre in this tweet, since it satirically imitates the style and compositional structure of the tweets by Folha de São Paulo. Furthermore, we highlight that the tweet presents a mixture of the news genre – parodied by the profile – and the joke genre. Despite having the same structure and style of tweets by @folha, the tweet by the profile @faIha_sp has a humorous effect, since its purpose is not to report real events. Hence, we emphasize that Bakhtin (2011) postulates that the compositional construction and the style of the utterances are at the service of the thematic content. That is, the re-elaboration of the news is made by the user @faIha_sp to fulfill their speech project, which aims to cause humor through fake news. Again, it is worth noting that, for S. Costa (2012), humor is an artifice that enables a great reach of social capital, which occurs in the tweet by the user Falha de São Paulo.

We found that the tweets published by @folha and @foIha_sp contain the re-elaboration of the news genre. Our analysis also showed a re-elaboration of the parody and the joke in the fake profile. The re-elaboration of these genres seeks to concretize the communicative purposes of each user. While Folha de São Paulo seeks to report facts, Falha de São Paulo aims to cause humor through parodied news.

From the analyses undertaken, we present below a table with the general results found in the four profiles we observed:

PROFILE	RE-ELABORATED GENRES	COMMUNICATIVE PURPOSE(S)
@UesbOficial (institutional profile)	• Discount advertising; Advertising (without the purpose of selling); • Game; • Tweet.	• Promote the projects developed by the University.
@commonuser (ordinary person profile)	• Joke; • Tweet/(micro)blog; • Advertising (with the purpose of selling).	• Provoke humor, by reporting an everyday fact; • Publicize musical work.
@folha (official journalistic profile)	• News; • Tweet.	• Reporting facts/events of Brazil and the world.
@faIha_SP (fake journalistic profile)	• News; • Joke; • Parody; • Tweet.	• Mock events of Brazil and the whole world through fake news.

Table 1: Overall results of the analysis
Source: Elaborated by the researchers

As we show in Table 1, in the tweets posted by the institutional profile, we find indications of genres of the spheres of everyday life and advertising, since these texts have the objective of disseminating a particular product or service to attract the public and, thus, reach possible interested people. Such patterns are also present in the profile of an ordinary person, whose tweets also presented aspects of autobiographical genres, such as the (micro)blog – through which a personal report is made. Still, these tweets re-elaborate everyday genres, in which there is a funny and unexpected twist, such as the joke. The journalistic profiles, in turn, present features of the news genre, which belongs to the sphere of journalism. Finally, in the fake profile, there are still the parody and joke genres, which are part of the sphere of everyday life.

We emphasize that the genre of all these texts is indeed the tweet, which, as we have mentioned, is flexible. So, considering that "transmutation [or re-elaboration] is the phenomenon that rules the possibility of transforming and being transformed to which the speech genres are inexorably subjected" (ZAVAM, 2012, p. 257), we found that the phenomenon of genre re-elaboration occurs productively in tweets.

7 CONCLUSION

In this article, we aimed to analyze the genre re-elaboration phenomenon in tweets through the identification of interventions performed by network users in the tweet and in other re-elaborated genres. We investigated specifically the manipulation and mixture of genres carried out to fulfill their communicative purposes. Regarding the genre re-elaboration, the analysis of tweets published by different Twitter profiles, with diverse communicative purposes, allowed the observation of specific aspects in each of them and, also, of general characteristics in these tweets.

In the analyzed tweets, we found re-elaboration of genres from different spheres of human activity, as shown in Table 1. We ascertain, thus, that the interventions carried out by Twitter users in several genres depend on the communicative purpose of each profile. However, the five tweets that we analyzed presented mixtures of generic patterns, which confirms the assertions made by Freitas and Barth (2015), who state that tweets contain features of various genres. So, we note that tweet undergoes internal and external innovative re-elaboration phenomena. They incorporate characteristics of other genres and go through other transformations, caused by the need to adapt to other factors, among which we highlight the communicative purpose. Thereby, we

highlight that the communicative purposes – present in the evaluative attitude given by the author to the utterance theme – influence not only the style and compositional structure but also the genres that are re-elaborated in the tweet.

S. Costa (2012) argues that the high reach of social capital is related to the labor applied by the user in the composition – and in the genre re-elaboration – of their tweet. However, in our analysis, we found tweets that contain user interventions, but still do not achieve a high social capital. Therefore, we highlight that there may be other factors, in addition to the generic intervention of the user, that may or not cause the success of a tweet, which needs a closer look in future research[24].

REFERENCES

ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. *In*: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas:* o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-64.

AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. M.; AYRES, D. J. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 27, n. 79, supl., jan./abr. 2021. Available in: https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/111/128. Access on: 28 June 2021.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal.* Translation by Maria Ermantina Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Translation by Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

FREITAS, E. C.; BARTH, P. A. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no Twitter. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015. Available in: https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/8888. Access on: 10 July 2019.

COSTA, R. R. *A TV na Web*: percurso da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia. 2010. Master's thesis (Master's Degree in Linguistics) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Available in: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8852. Access on: 3 Apr. 2020.

COSTA, S. M. *Tweet*: reelaboração de gêneros em 140 caracteres. 2012. Master's thesis (Master's Degree in Linguistics) – Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Available in: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8258. Access on: 12 Feb. 2019.

DIOGUARDI, G. *Argumentação e redes sociais:* o *tweet* como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas. 2014. Master's thesis (Master's Degree in Philology and Portuguese Language) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2014. Available in: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28112014-192311/pt-br.php. Access on: 19 May 2019.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte de gêneros textuais. *In:* MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 173-186.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In:* BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. (org.). *Gêneros Textuais & Ensino.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

[24] Two examples are our Master's research (*O gênero tweet e a (hiper)textualização de objetos de ensino-aprendizagem*) and our PhD research (*Reelaboração e mescla de gêneros no Twitter: uma análise de tweets didáticos*), developed in the Graduate Program in Linguistics (PPGLin) of the Southwest University of Bahia (UESB).

PARA os alunos da rede pública que desejam se preparar para os processos seletivos de ingresso no Ensino Superior, o projeto Universidade Para Todos é uma opção gratuita e de qualidade. No sudoeste baiano, somos responsáveis por essa formação. 📣♡ #Enem #Vestibular. [s. l.], 15 jan. 2019. Twitter: @UesbOficial. Available in: https://twitter.com/UesbOficial/status/1085529512694173696. Access on: 24 June 2019.

QUANDO a realidade imita a sátira:. [*s. l.*], 16 jan. 2019. Twitter: @folha_sp. Available in: https://twitter.com/folha_sp/status/1085659821863362561. Access on: 30 July 2020.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, R. (org.). *Escol@ Conectada:* os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 13-36.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, R. C. S. Twitter como exemplo do gênero textual microblog. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS, 4., 2011, Sorocaba. *Annals* […]. Sorocaba: Uniso, 2011. p. 1-15. Available in: https://www.academia.edu/4048515/*Twitter*_how_exemplo_do_g % C3 % AAnero_textual_microblog?auto=download. Access on: 28 Feb. 2019.

SE eu falo q to triste pro meus amigos eles falam eu também. [*s. l.*], 20 jan. 2019. Twitter: @mattkjj. Available in: https://twitter.com/mattkjj/status/1087045345622872064. Access on: 6 Feb. 2019.

SILVA, C. C. *Os gêneros anúncio publicitário e anúncio de propaganda:* uma proposta de ensino ancorada na análise de discurso crítica. 2015. Master's thesis (Professional Master's Degree in Languages) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Available in: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16753/1/GenerosAnuncioPublicitariio.pdf. Access on: 4 Aug. 2020.

📣 VAMOS de thread de utilidade pública??? 🤓 A cada curtida nesse tweet, a gente posta um projeto, serviço ou ação desenvolvido em nossos campi que você pode participar. Valendo! ♡. [*s. l.*], 15 jan. 2019. Twitter: @UesbOficial. Available in: https://twitter.com/UesbOficial/status/1085290038550765568. Access on: 24 June 2019.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. *In:* MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais:* novas formas e construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

YOUTUBE.com/duplosentidotv já vê minhas músicas lá que é tudo nosso. [*s. l.*], 20 jan. 2019. Twitter: @mattkjj. Available in: https://twitter.com/mattkjj/status/1087045345622872064. Access on: 6 Feb. 2019.

ZAVAM, A. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva:* um estudo com editoriais de jornais. 2009. Doctoral dissertation (PhD in Linguistics) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Available in: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3602. Access on: 3 Apr. 2020.

ZAVAM, A. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012. Available in: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/869/797. Access on: 3 Apr. 2020.

Received on September 3, 2020. Approved on May 22, 2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e76925

A REELABORAÇÃO DE GÊNEROS EM *TWEETS*: PROPÓSITOS COMUNICATIVOS EM 280 CARACTERES

REELABORACIÓN DE GÉNEROS EN TWEETS: PROPÓSITOS COMUNICATIVOS EN 280 CARACTERES

GENRE RE-ELABORATION IN TWEETS: COMMUNICATIVE PURPOSES IN 280 CHARACTERS

Márcia Helena de Melo Pereira*
Ana Claudia Oliveira Azevedo**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Os gêneros do discurso são, segundo Bakhtin (2011), tipos relativamente estáveis de enunciados que circulam nos diferentes campos da atividade humana. Com o passar do tempo, especialmente após a popularização de determinadas tecnologias, como a internet, novos gêneros emergiram, a partir da transmutação/reelaboração de gêneros já existentes. O fenômeno de reelaboração ocorre, também, quando um gênero passa por transformações, sem que um novo gênero surja. Este artigo apresenta um olhar sobre a reelaboração de gêneros no *tweet*, texto de 280 caracteres publicado na rede social *Twitter*, visando analisar quais estratégias são utilizadas para tal reelaboração em um *corpus* de *tweets* postados por diferentes usuários, com diversos propósitos comunicativos. A análise demonstrou que há uma produtividade do fenômeno de reelaboração nos *tweets,* nos quais gêneros de esferas diversas, como a jornalística, a publicitária e a cotidiana, além do próprio *tweet,* são reelaborados.
PALAVRAS-CHAVE: Reelaboração de gêneros. *Tweet. Twitter.*

RESUMEN: Géneros del discurso son, de acuerdo con Bakhtin (2011), tipos relativamente estables de enunciados que circulan en diferentes ámbitos de la actividad humana. Con el tiempo, especialmente después de la popularización de determinadas tecnologías, como la internet, han emergido nuevos géneros, a partir de la transmutación/reelaboración de géneros existentes. El fenómeno de

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: marcia.helena@uesb.edu.br.

** Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista. Licenciada em Letras Modernas pela mesma instituição. E-mail: 98anaclaudia@gmail.com.

la reelaboración ocurre, también, cuándo un género sufre transformaciones, sin que surja un nuevo género. Este artículo presenta un vistazo sobre la reelaboración de géneros en el tweet, texto de 280 caracteres publicado em la red social *Twitter*, con el objetivo de analizar que estrategias se utilizan para reelaborar géneros en un corpus de tweets publicados por diferentes usuarios, con diversos propósitos comunicativos. El análisis mostró que existe una productividad del fenómeno de reelaboración en los tweets, en los que géneros de distintos ámbitos, como el periodístico, publicitario y cotidiano, además del propio tweet, se reelaboran.
PALABRAS-CLAVE: Reelaboración de géneros. *Tweet*. *Twitter*.

ABSTRACT: Speech genres are, according to Bakhtin (2011), relatively stable types of utterances that circulate in different fields of human activity. Over the years, especially after the popularization of certain technologies, such as internet, new genres have emerged, from the transmutation/re-elaboration of pre-existing genres. The re-elaboration phenomenon also occurs when a genre undergoes transformation, with no arise of a new genre. This article presents a view about genre re-elaboration on tweets, a 280-character text published on the social network *Twitter*, to analyze which strategies are used for genre re-elaboration in a corpus of tweets posted by different users, with diverse communicative purposes. The analysis showed a productivity of the re-elaboration phenomenon on tweets, in which genres from different spheres, such as journalistic, advertising, and day-to-day, besides the own tweet, are re-elaborated.
KEYWORDS: Genre re-elaboration. *Tweet*. *Twitter*.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos do Círculo de Bakhtin são de extrema importância para a compreensão da interação humana nos diferentes campos de comunicação. Segundo essa corrente teórica, a interação ocorre sempre por meio dos gêneros do discurso, que são definidos por Bakhtin ([1952-1953] 2011, p 262, grifos do autor) como "*tipos relativamente estáveis de enunciados*", que circulam nos variados campos ou esferas da atividade humana. Isso significa que todo uso da língua se dá dentro de um gênero do discurso, o qual apresenta estrutura composicional, estilo e conteúdo temático próprios. Bakhtin (2011) postula a existência de gêneros primários e secundários, sendo aqueles mais espontâneos, geralmente orais, e estes mais complexos, normalmente escritos e criados a partir da reelaboração de gêneros primários, com o intuito de cumprir demandas sociais.

Entretanto, segundo R. Costa (2010), o fenômeno de reelaboração – antes nomeado de transmutação – de gêneros não se restringe à criação de gêneros secundários com base em gêneros primários. De modo geral, a reelaboração consiste na transformação de gêneros, a partir de intervenções dos sujeitos, o que pode acarretar ou não a emergência de um novo gênero. Assim, é importante acrescentar que o advento e a popularização da internet contribuíram para o surgimento dos chamados gêneros discursivos digitais ou gêneros emergentes, os quais, segundo Marcuschi (2010), têm base em gêneros antigos. Nesse sentido, destacamos que os gêneros secundários podem apresentar reelaboração de gêneros primários e, ainda, de outros gêneros secundários.

Neste artigo, lançamos nosso olhar para um desses gêneros discursivos digitais: o *tweet,* materializado em um texto de até 280 caracteres no suporte *Twitter*, rede social que tem, atualmente, mais de 330 milhões de usuários ativos ao redor do mundo. O *Twitter* proporciona a possibilidade de seguir e ser seguido por outros perfis, podendo não haver reciprocidade, uma vez que o fato de seguir alguém não implica que o usuário será seguido de volta.

Na página inicial de cada usuário, aparecem os *tweets* publicados, *retweetados* (compartilhados) ou curtidos pelos perfis seguidos por ele. Esses *tweets* costumavam aparecer somente em ordem cronológica, assim, o usuário via os *tweets* em tempo real; porém, hoje, a plataforma seleciona *tweets* postados anteriormente e os mostra para o usuário com o título "caso você tenha perdido…". Portanto, a comunicação no *Twitter* pode ocorrer de forma síncrona ou assíncrona.

Cada perfil nessa rede social apresenta um nome de usuário único (*user)*, introduzido pelo símbolo @, um nome/apelido que o identifique (*nickname)* e uma foto de perfil (*icon*), além de uma breve biografia (bio) e uma foto de capa. Então, quando acessamos um perfil específico, são mostrados, além desses aspectos, os *tweets* publicados e *retweetados* pelo usuário, dentre outras possibilidades de acesso, como os *tweets* curtidos e as mídias postadas por ele. Esses aspectos caracterizam as particularidades de

cada usuário em tal rede, incluindo os seus propósitos comunicativos, que, segundo S. Costa (2012), ajudam a determinar os gêneros reelaborados no *Twitter*.

Neste trabalho, com base em Freitas e Barth (2015) e Azevedo, Pereira e Ayres (2021), consideramos o *tweet* como um gênero do discurso, visto que ele apresenta uma relativa estabilidade de estilo, conteúdo temático e, principalmente, de estrutura composicional, que contêm indícios de reelaboração de outros gêneros. Além disso, é importante ressaltar que diversas mudanças ocorreram no seu suporte – o *Twitter* – desde sua criação, em 2006, até os dias de hoje, em que o *website* apresenta cada vez mais recursos hipertextuais para suas postagens, como *links,* imagens, vídeos etc., os quais oferecem amplas possibilidades para a reelaboração de gêneros nos *tweets*. Destacamos, nesse sentido, que a literatura carece de pesquisas mais atuais acerca do *tweet,* que considerem essas modificações ocorridas no suporte *Twitter* na investigação de seu gênero principal.

Com base nisso, nosso objetivo é analisar o fenômeno da reelaboração de gêneros nos *tweets*, o qual ocorre por meio de intervenções realizadas nesses textos pelos usuários do *Twitter,* para cumprimento dos seus propósitos comunicativos. Assim, pretendemos investigar quais estratégias são utilizadas para a reelaboração de gêneros nos *tweets* do *corpus* analisado*,* considerando tanto a reelaboração de outros gêneros quanto a do próprio *tweet*. Na constituição do *corpus*, selecionamos um perfil institucional de uma universidade pública (@UesbOficial), um perfil de pessoa comum e dois perfis jornalísticos, sendo um oficial (@folha) e o outro *fake*/humorístico (@foIha_sp). Essa escolha se deu pela diversidade de propósitos comunicativos representada por esses diferentes perfis.

Este artigo se divide em sete seções. Após esta primeira seção, de introdução, apresentamos nossa fundamentação teórica. Nas seções 2 e 3, baseamo-nos na teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (2011) para caracterizar o *tweet* como um gênero que se materializa no suporte *Twitter,* apoiando-nos, também, nas contribuições de Marcuschi (2008, 2010), Rojo e Barbosa (2015) e, sobretudo, de Freitas e Barth (2015) e Azevedo, Pereira e Ayres (2021). A seção 4 é dedicada à discussão do conceito de reelaboração – ou transmutação – de gêneros abordado por Zavam (2009, 2012), R. Costa (2010), S. Costa (2012) e Araújo (2016). Em seguida, na seção 5, expomos os aspectos metodológicos adotados para a coleta do *corpus*, cuja análise é apresentada na seção seguinte, a 6. Por fim, na seção 7, fazemos algumas considerações finais acerca do que objetivamos, a saber, a investigação da reelaboração de gêneros em *tweets* diversos.

2 A TEORIA BAKHTINIANA DE GÊNEROS DO DISCURSO

Com base na premissa de que a linguagem faz parte de todos os campos/esferas da atividade humana, o teórico russo Mikhail Bakhtin (2011, p. 261) postula que "[…] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana". O enunciado é considerado por Bakhtin (2011) como a unidade real da comunicação discursiva, visto que "[…] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua" (BAKHTIN, 2011, p. 265).

É importante destacar que, para o teórico, todo enunciado funciona como resposta a enunciados anteriores, seja para confirmá-los, rejeitá-los, completá-los etc., e, assim, dá abertura a outros enunciados, subsequentes. Dessa forma, é estabelecido o dialogismo, que consiste, além do diálogo entre enunciados – isto é, entre discursos –, no diálogo entre sujeitos e entre sujeitos e enunciados. De acordo com Bakhtin (2011), as condições específicas de cada campo da atividade humana geram *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais são definidos como *gêneros do discurso.* Nessa perspectiva, o autor declara que "[…] a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*" (BAKHTIN, 2011, p. 282, grifos do autor). Ou seja, todo uso da língua se dá por meio de um dado gênero do discurso, gerado, em contextos sócio-históricos específicos, para cumprir uma função comunicativa em determinado campo da atividade humana.

Segundo Bakhtin (2011), os gêneros do discurso são sustentados por três pilares de composição indissociáveis: conteúdo (temático), estilo da linguagem e construção composicional. O conteúdo temático vai além do assunto apresentado no enunciado; consiste na apreciação valorativa do autor a respeito desse conteúdo, a qual está vinculada ao campo da comunicação no qual esse sujeito está

situado e, por isso, sofre ingerências sócio-históricas. Fundamentadas em Bakhtin, Rojo e Barbosa (2015, p. 87) afirmam que esse "[…] é o elemento mais importante do texto ou do enunciado: um texto é todo construído para fazer ecoar um tema". Nesse sentido, o estilo e a composição dos enunciados são determinados pelo seu conteúdo temático. O estilo consiste nas escolhas linguísticas feitas pelo falante, as quais, conforme Rojo e Barbosa (2015), envolvem todos os aspectos gramaticais, como vocabulário, sintaxe, registro linguístico etc. Nos gêneros das novas mídias e tecnologias, segundo Rojo (2013), o estilo se manifesta de maneira multissemiótica; assim, para analisá-los, consideramos não apenas as escolhas linguísticas, mas também outras unidades semióticas. Vale ressaltar que, conforme Bakhtin (2011), essas escolhas são determinadas pelo campo da comunicação e, consequentemente, pelo gênero; porém, o estilo do gênero pode sofrer interferências do estilo individual (do autor), dentro dos limites impostos pelo campo da atividade humana no qual o sujeito enuncia. Bakhtin (2011) acrescenta que a inserção do estilo individual é mais comum em gêneros menos padronizados, cujo estilo é mais flexível. A construção composicional, por sua vez, equivale, basicamente, à organização e ao acabamento do enunciado, ou seja, à sua (macro)estrutura, que torna o gênero socialmente reconhecível por conta de seu formato. Assim, salientamos, consoante Rojo e Barbosa (2015), que o estilo e a construção composicional são, cada um a seu modo, marcas linguísticas e multissemióticas do conteúdo temático, visto que são determinados pela relação valorativa do falante com o objeto do discurso.

Conforme Bakhtin (2011), os gêneros do discurso podem ser classificados em *primários,* tomados como mais simples, característicos de situações mais cotidianas e imediatas, geralmente orais; e *secundários*, comumente escritos e criados a partir da incorporação e reelaboração de gêneros primários, com o intuito de cumprir demandas socioculturais. Salientamos que o conceito de gêneros secundários dá conta, também, dos gêneros que têm surgido no ambiente da internet, a partir da reelaboração de gêneros primários e, também, de outros gêneros secundários, como veremos mais detalhadamente adiante.

Rojo e Barbosa (2015, p. 68), com base nos postulados bakhtinianos, acentuam que "[…] é a finalidade, o funcionamento e a especificidade da esfera/campo em seu tempo e lugar históricos que determinam a característica do gênero discursivo no que este tem tanto de estável como de flexível", sendo responsável por determinar os temas, estilos e, até mesmo, os formatos de composição que os textos que ali circulam podem apresentar. Para as autoras, "[…] um bom exemplo é o aparecimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), que provocaram modificações nos gêneros por elas incorporados" (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 68). Nesse sentido, direcionamos nosso olhar para o gênero *tweet,* sobre o qual discorremos mais detalhadamente na próxima seção.

3 CATEGORIZANDO O *TWEET* COMO UM (HIPER)TEXTO DE GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL

Com base em algumas particularidades acerca dos gêneros, tais como a transmutação/reelaboração, já discutidas por Bakhtin (2011), Marcuschi (2010) afirma que a intensidade de uso das tecnologias proporcionou o surgimento de formas que, ainda que sejam inovadoras, apresentam similaridades com outras mais antigas. Ou seja, como o próprio linguista defende, novos gêneros possuem bases em gêneros antigos, já existentes. De acordo com Marcuschi (2010), os gêneros emergentes desencadeiam novas relações no que diz respeito aos usos da linguagem, o que evoca o conceito de hipertexto, abordado por Xavier (2010).

Nesse sentido, os textos que materializam gêneros discursivos digitais são, conforme Xavier (2010), hipertextos, ou seja, são "[…] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade" (XAVIER, 2010. p. 208). Podemos afirmar, assim, que tais gêneros são, geralmente, constituídos a partir de outras linguagens – visual, sonora, audiovisual etc. –, além da verbal escrita. Outras características do hipertexto são sua natureza essencialmente virtual, a ubiquidade e o fato de estarem sempre indexados a outros textos, por meio dos *hiperlinks.* Com base nisso, cabe assinalar que o conceito de gêneros secundários, aos quais se refere Bakhtin (2011), se expande, visto que, hoje, (hiper)textos de muitos gêneros são constituídos por múltiplas linguagens, além da verbal escrita.

Neste artigo, nosso olhar se volta especificamente para um gênero que emergiu com a popularização da internet: o *tweet,* texto de até 280 caracteres publicado no *Twitter*. Com base em uma análise de *tweets* diversos, feita a partir dos três pilares bakhtinianos, Freitas e Barth (2015) classificam o *tweet* como gênero, visto que essa forma de comunicação apresenta uma relativa estabilidade em

sua construção composicional – marcada, principalmente, pelo limite de 280 caracteres –, estilo e conteúdo temático – que variam de acordo com o perfil do usuário. Dentre os possíveis elementos estilísticos de um *tweet*, Azevedo, Pereira e Ayres (2021) mencionam os *emojis*, as imagens, os vídeos, os *GIF*s, os *links*, as *hashtags*, entre outros. Assim, segundo Freitas e Barth (2015), a forma como o *tweet* é manipulado pelos seus usuários é determinada não só pela quantidade limitada de caracteres, mas também pelo perfil do usuário e por seus propósitos comunicativos. Sendo assim, em tese, enquanto um usuário comum pode, em seu perfil, falar sobre qualquer coisa, perfis que representam empresas ou instituições sofrem uma limitação temática e, até mesmo, estilística. Salientamos que, mesmo com essa variedade de estilo e conteúdo temático, o *tweet* continua sendo um gênero, uma vez que é *relativamente estável*.

Outra categoria que ajuda a caracterizar o *tweet* como gênero é o conceito de suporte, que, conforme Marcuschi (2008), consiste em um *lócus* físico ou virtual, com formato específico, no qual os gêneros se materializam. Com base nisso, Freitas e Barth (2015) propõem que o *Twitter* funciona como um suporte para o gênero *tweet*, uma vez que é responsável pela concretização e fixação desses textos. Ressaltamos, ainda, que determinadas ações – tais como abrir o perfil de algum usuário, responder, *retweetar* e curtir um *tweet* – só podem ser realizadas por meio do suporte *Twitter*, que apresenta possibilidades hipertextuais, como o uso de múltiplas semioses, *hiperlinks*, além de outras características que classificam o *tweet* como hipertexto. Além disso, segundo Marcuschi (2010), "[…] em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente". Essa determinação pelo suporte parece ser o caso do *tweet*, tendo em vista a variedade de temas, estilos e funções que esse gênero pode apresentar, entretanto, sempre no mesmo suporte – o *Twitter*. Assim, salientamos que o suporte *Twitter* é imprescindível para a produção e caracterização do gênero *tweet*.

Nesse contexto, é válido mencionar que, para Marcuschi (2010, p. 21), "[…] a linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica", ou seja, os gêneros estão cada dia mais flexíveis, especialmente se for considerado o uso de diversas semioses que os integram. O gênero *tweet*, por exemplo, tem sofrido algumas modificações nos últimos anos, graças às mudanças permitidas por seu suporte, o *Twitter*, que adiciona, com frequência, novas possibilidades de uso de recursos hipertextuais, e, também, por conta do uso do gênero pelos usuários da rede. Dessa forma, os *tweets* apresentam efeitos do fenômeno conhecido como *reelaboração de gêneros*, o qual será abordado na seção a seguir.

4 O FENÔMENO DE REELABORAÇÃO DE GÊNEROS

De acordo com Bakhtin (2011), as mudanças na vida social acarretam modificações no estilo da linguagem e, consequentemente, nos gêneros do discurso. Considerando que "[…] a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói e renova tal gênero" (BAKHTIN, 2011, p. 268), ressaltamos que os gêneros estão suscetíveis a passar por reelaborações.

Assim, ao abordar o processo de formação dos gêneros secundários, Bakhtin (2011) aponta que eles absorvem os gêneros primários, em um processo que é nomeado de *reelaboração*. Nas palavras do teórico, "no processo de sua formação eles [os gêneros secundários] *incorporam e reelaboram* diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata." (BAKHTIN, 2011, p. 263, grifos nossos).

Ou seja, a reelaboração seria o processo de transformação pelo qual um gênero primário passa quando é incorporado por um secundário. Antes de nos aprofundarmos no conceito de reelaboração de gêneros, é importante ressaltar que esse termo surgiu recentemente, após as traduções de 2003 da obra de Bakhtin, direto da língua russa. Antes disso, na tradução feita a partir do francês, o conceito adotado era o de transmutação, como podemos ver na citação a seguir: "Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários *absorvem* e *transmutam* os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea." (BAKHTIN, 1997, p. 281, grifos nossos).

Como vimos acima, em edições mais antigas da obra *Estética da criação verbal,* o processo de transformação de um gênero primário em secundário era nomeado de transmutação. A modificação terminológica do conceito de *transmutação* para *reelaboração* representa uma importante mudança de perspectiva, uma vez que, segundo R. Costa (2010), a nova tradução do conceito alude ao protagonismo dos sujeitos enunciadores, como veremos mais detalhadamente adiante.

Neste artigo, buscamos atualizar o conceito bakhtiniano de reelaboração de gêneros, considerando o funcionamento desse fenômeno no *tweet,* gênero relativamente recente e bastante comum atualmente. A categoria transmutação/reelaboração é investigada produtivamente por pesquisadores do grupo Hiperged – atualmente nomeado DIGITAL (Discursos e Digitalidades) – , do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) na Universidade Federal do Ceará (UFC), conforme aponta Araújo (2016). A seguir, apresentamos algumas das principais discussões desses pesquisadores, a fim de explicar a construção do conceito de reelaboração e o funcionamento dessa categoria no *Twitter*.

Com base no postulado bakhtiniano de que as mudanças que ocorrem na sociedade acarretam modificações nas esferas de atividade humana e, consequentemente, nos gêneros, Zavam (2009, 2012) apoia-se no conceito de *transmutação* para definir as transformações pelas quais um gênero (primário ou secundário) pode passar, "[…] tanto na absorção de um gênero por outro (quer da mesma esfera ou de diferentes esferas), quanto na adaptação a novas contingências (históricas, sociais, entre outras)" (ZAVAM, 2012, p. 257). A partir disso, a autora elenca duas categorias de transmutação: 1) *transmutação criadora*, que consiste na emergência de um novo gênero a partir de outro(s), e 2) *transmutação inovadora*, que consiste na mudança de um gênero, sem resultar no surgimento de outro. A transmutação inovadora é subdividida, ainda, em 2a) *interna*, quando as transformações no gênero ocorrem por conta de fatores como a mudança de esfera, de propósito comunicativo ou de estilo, e 2b) *externa*, quando há incorporação de características de um gênero dentro de outro.

Vale ressaltar, ainda, que, de acordo com Zavam (2012), os gêneros transmutados sempre deixam indícios desse processo em sua estrutura composicional, em seu tema ou em seu estilo. Assim, a autora destaca três aspectos inerentes ao processo de transmutação: a) o gênero incorporante/transmutante agrega-se à estrutura composicional do gênero incorporado/transmutado; b) o gênero incorporante, ao mesmo tempo em que transmuta, é transmutado; e c) a esfera (campo) dos gêneros incorporante e incorporado pode ser a mesma ou não. Salientamos, então, que o processo de transmutação causa mudanças em todos os gêneros envolvidos no processo, os quais podem ser de campos diversos.

As categorias e considerações apresentadas por Zavam (2009, 2012) são adotadas por R. Costa (2010); entretanto, com substituição de *transmutação* por *reelaboração*. O autor explica que o termo *reelaboração*, em contraponto à expressão *transmutação*, é mais adequado aos princípios bakhtinianos, uma vez que retrata melhor o protagonismo e a posição ativa dos sujeitos diante das práticas de linguagem e, consequentemente, das mudanças nos gêneros. Fundamentado nessa atualização terminológica, R. Costa (2010) faz uma releitura dos processos de transmutação dispostos por Zavam (2009, 2012).

Com base no princípio de que a estandardização e a emergência de gêneros se encontram em um contínuo – não são categorias rígidas –, R. Costa (2010) apresenta as seguintes categorias de reelaboração de gêneros do discurso: 1) *Reelaboração criadora de gênero com inclinação emergente* e 2) *Reelaboração criadora de gênero com inclinação estandardizada*, para se referir à criação de um novo gênero, seja ele mais inovador ou mais próximo de gêneros já existentes, respectivamente; e 3) *Reelaboração inovadora interna* e 4) *Reelaboração inovadora externa*, que correspondem às categorias de transmutação inovadora interna e externa propostas por Zavam (2009, 2012).

No caso do *Twitter*, podemos afirmar que a reelaboração criadora teria ocorrido no surgimento da rede social, que, consequentemente, fez emergir o gênero *tweet.* Dentre os principais gêneros que foram reelaborados criativamente para o nascimento do *tweet,* destacam-se o SMS (*Short Message Service*) e o *blog*, conforme Freitas e Barth (2015), uma vez que, como aponta S. Costa (2012), o intuito do *Twitter* era ser um *microblog* atualizado via SMS. Portanto, a associação do *Twitter* com o SMS ocorreu no momento de sua idealização, quando os *tweets* estavam tecnologicamente condicionados ao serviço de SMS. Segundo Dioguardi (2014), essa relação justifica o limite de caracteres imposto pelo *Twitter* na construção composicional dos *tweets* (na época, 120 caracteres para o *tweet* + 20 caracteres para o nome do usuário), assimilada à estrutura do SMS, gênero que o teria

originado. A ligação com o *blog,* por sua vez, se dá por conta da função dos *tweets,* como é explicado por Santos (2011), que considera o *Twitter* como um exemplo de *microblog,* gênero que, para ela, teria surgido a partir do uso do *blog* como diário pessoal, porém com limitação na quantidade de caracteres. Apesar de tomarmos o *tweet*, e não o *microblog*, como gênero, reconhecemos que o *blog* foi uma das origens para sua criação e destacamos, com base em Santos (2011), que os *tweets,* assim como os *blogs*, são formas escritas e ágeis de autoexpressão e interação, com uma mistura entre público e privado.

Além dessas duas origens genéricas, conforme Freitas e Barth (2015, p. 09), os *tweets* apresentam "[…] características de diversos gêneros como notícia, conversa informal, bilhete, citação etc., que foram modificados para atender às necessidades de comunicação encontradas na rede social", demonstrando que a reelaboração inovadora é um fenômeno comum nesse gênero. Isso foi constatado, também, na pesquisa de mestrado de S. Costa (2012), que observou o fenômeno de reelaboração de gêneros no *Twitter,* mais especificamente, quais gêneros eram reelaborados dentro do *tweet*. Neste trabalho, com base na afirmação de Zavam (2012) de que todos os gêneros envolvidos no processo de transmutação (reelaboração) sofrem modificações, consideramos tanto o *tweet* quanto os outros gêneros que são incorporados por ele como objetos do fenômeno de reelaboração.

Em sua investigação, que deu continuidade às discussões empreendidas por Zavam (2009, 2012) e R. Costa (2010), S. Costa (2012) se baseou em duas estratégias de reelaboração: 1) *intervenção* e 2) *migração.* Segundo a pesquisadora, a intervenção consiste na modificação de padrões de gêneros já existentes, a partir da manipulação de gêneros pelo usuário, ocasionando mudanças de forma, sentido e/ou teor informativo. A migração, por sua vez, diz respeito ao deslocamento de gêneros estandardizados para o *Twitter*, sem intervenções, limitando-se à mera "[…] transposição do padrão genérico de um ambiente para outro" (COSTA, S., 2012, p. 79) e à manutenção de seus propósitos comunicativos.

Por meio de sua análise de dados, S. Costa (2012) constatou que os 195 *tweets* de seu *corpus* apresentaram, em sua maioria, intervenções – 65% dos *tweets,* ao passo que 35% foram classificados como migrações. Com isso, a autora ressalta que, nos *tweets* com mera migração de outros gêneros, não há protagonismo do sujeito, visto que ele apenas reproduz enunciados de outros campos, mantendo os propósitos comunicativos do gênero de origem. Por outro lado, de acordo com S. Costa (2012), os *tweets* com intervenção, além de apresentarem mudanças nos propósitos comunicativos dos gêneros reelaborados, auxiliam na autopromoção do usuário, uma vez que obtêm uma maior quantidade de *retweets* (*RTs*) do que os *tweets* com migração. A autora conclui que essas estratégias, aplicadas aos gêneros que são reelaborados no *Twitter*, corresponderiam às categorias de reelaboração inovadora interna – migração do gênero para outro suporte – e reelaboração inovadora externa – intervenção no gênero para sua incorporação pelo *tweet* –, propostas por R. Costa (2010).

Desse modo, S. Costa (2012) considera que a estratégia de intervenção seria uma marca de (inter)subjetividade e de impressão de estilo individual, com indícios mais fortes de reelaboração. Com base nisso, para analisar a reelaboração de gêneros em seu *corpus*, a autora elenca três maneiras de intervenção dos usuários na constituição dos *tweets*. A primeira delas –
que diz respeito à reelaboração de gêneros, de fato – corresponde a intervenções ligadas à forma, o que inclui a manipulação e a mescla de padrões genéricos, ou seja, consiste no uso de características de outro(s) gênero(s) na construção do *tweet.* A segunda estratégia refere-se às intervenções ligadas ao sentido, que incluem a intertextualidade (alusões, apropriações e paráfrases, por exemplo) e a mobilização de modos semióticos além da escrita (arranjos multimodais). Por fim, a terceira forma de intervenção está relacionada ao teor informativo, que ocorre quando alguns usuários conseguem, por meio de recursos como comentários e *hashtags*, interferir na informação do *post* e imprimir sua identidade, seu estilo individual. Todos esses tipos de intervenção, segundo S. Costa (2012), representam um passo rumo à reelaboração e são realizados com o objetivo de alcançar capital social.

Fundamentadas em S. Costa (2012), portanto, ressaltamos as estratégias de reelaboração de gêneros nos *tweets* como um fator essencial para o alcance de propósitos comunicativos e, consequentemente, de capital social na rede social. Grosso modo, o capital social consiste em um "[…] valor simbólico que permeia as interações dentro de um grupo social […]" (ARAÚJO, 2016, p. 59). No caso da rede social *Twitter*, conforme S. Costa (2012), esse valor pode ser medido pela quantidade de *RTs* que um *tweet* recebe. Acrescentamos, também, a quantidade de respostas e de curtidas de um *tweet* como índices de capital social, elementos adicionados ao suporte *Twitter* após a pesquisa de S. Costa (2012).

Com base nesses pressupostos, consideramos a reelaboração como o processo por meio do qual um gênero do discurso se transforma. Vale destacar que esse processo só ocorre porque o sujeito apresenta uma postura ativa, que lhe permite manipular e intervir nos gêneros, a fim de modificá-los. É necessário acrescentar, ainda, que essas intervenções, no *Twitter*, ocorrem de uma maneira "econômica", tendo em vista o limite de caracteres para a construção composicional dos *tweets,* como defende Araújo (2016). É válido destacar que, para Bakhtin (2011, p. 285), o emprego dos gêneros se dá a partir de seu domínio, ou seja,

> […] quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livro projeto de discurso.

Assim, para realizar reelaborações nos *tweets,* é necessário que os usuários tenham conhecimento acerca dos gêneros envolvidos nesse processo. Nesse sentido, ressaltamos que os usuários do *Twitter* podem realizar intervenções em outros gêneros, que são reelaborados, ao mesmo tempo em que intervêm, também, no *tweet*. Dessa forma, concebemos que o gênero *tweet* foi produto, incialmente, de reelaborações criadoras, porém, hoje, é, frequentemente, fruto de reelaborações inovadoras – que ocorrem por meio das estratégias nomeadas por S. Costa (2012) de migração e intervenção –, uma vez que se trata de um gênero mais flexível, que permite a inserção do estilo individual de quem o escreve. Considerando essa flexibilidade, na seção a seguir, apresentamos os aspectos metodológicos deste trabalho, cujo *corpus* é formado por *tweets* publicados por perfis diversos.

5 METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada neste trabalho é de cunho qualitativo/interpretativista, visto que buscamos observar e descrever um fenômeno linguístico – a reelaboração de gêneros –que ocorre em um contexto natural – *tweets* publicados por usuários diversos. A coleta do *corpus*[1] de *tweets* a serem analisados consistiu, inicialmente, na seleção dos perfis dos quais os *tweets* seriam retirados, seguida pela escolha dos textos, que foram salvos por meio da ferramenta de captura de tela do computador, sem efetuar o login na rede social, o que é possível graças ao fato de terem sido publicados por perfis públicos.

Com base no pressuposto de que o perfil do usuário e os seus propósitos comunicativos determinam a escrita dos *tweets* (FREITAS; BARTH, 2015), escolhemos perfis do *Twitter* que representassem diferentes propósitos, a fim de ter uma visão mais geral da reelaboração de gêneros nos *tweets*. Por isso, selecionamos um usuário que representa uma instituição de ensino, cujos *tweets* têm uma certa limitação temática; um usuário classificado como "pessoa comum", com possibilidades de postagem mais amplas; um perfil jornalístico oficial, que tem o propósito específico de noticiar fatos; e um perfil *fake*, que parodia o perfil jornalístico oficial. Desse modo, os *tweets* analisados neste trabalho representam diferentes objetivos interacionais e, consequentemente, possuem conteúdos temáticos e estilos diversos, o que permite uma visão mais ampla do fenômeno de reelaboração de gêneros.

Apresentamos, abaixo, uma breve caracterização dos quatro perfis públicos cujos *tweets* foram selecionados[2], neste artigo, para análise:

[1] O *corpus* apresentado neste artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2018-2019, intitulada de *Gêneros (hiper)textuais no Twitter: um estudo do(s) tweet(s)* e financiada pela Fapesb.

[2] Costa (2012) não explicita, em sua dissertação, a quantidade de seguidores dos perfis responsáveis pela postagem, o que pode ser determinante para o alcance do capital social, uma vez que o número de seguidores influencia na visibilidade dos *posts* de um usuário. Por isso, consideramos importante fornecer essa informação na caracterização dos perfis analisados.

1. @UesbOficial: perfil institucional oficial da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com pouco mais de 6 mil seguidores;

2. @usuariocomum[3]: perfil de "pessoa comum", com pouco mais de mil seguidores, escolhido por conta da publicação de um único *tweet* de destaque, uma exceção em relação aos seus outros *tweets,* que geralmente alcançam poucas interações;

3. @folha: perfil jornalístico oficial do jornal Folha de São Paulo, que tem mais de 6,5 milhões de seguidores e é verificado[4];

4. @folha_sp: perfil jornalístico *fake*, espécie de paródia do jornal Folha de São Paulo, com mais de 200 mil seguidores.

Nesses perfis, buscamos coletar *tweets* com variados tamanhos, propósitos e diferentes usos das semioses disponíveis no suporte *Twitter* (*GIF*[5], vídeo, *emoji*[6], imagem, *link* etc.), a fim de demonstrar especificidades do fenômeno de reelaboração de gêneros em cada um deles. Para este artigo, especificamente, selecionamos cinco *tweets* para a análise, exibida na próxima seção.

6 ANÁLISE DO *CORPUS:* A REELABORAÇÃO DE GÊNEROS NOS *TWEETS*

Nesta seção, apresentamos os resultados e discussões da análise dos *tweets* selecionados. Para isso, consideramos as categorias de migração e de intervenção propostas por S. Costa (2012), em especial, a de intervenção na forma, a qual consiste na mescla de padrões genéricos, que resulta na reelaboração de gêneros. Tecemos, também, alguns comentários acerca dos outros tipos de intervenção – no sentido e no teor informativo –, que contribuem para o processo de reelaboração de gêneros e, logo, para o cumprimento de propósitos comunicativos nos *tweets*. A partir disso, é possível enquadrar os *tweets* analisados às categorias de reelaboração elencadas por R. Costa (2010).

Observemos, inicialmente, um *tweet* publicado pelo perfil oficial da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – a qual está presente em três *campi*, nas cidades de Itapetinga, Jequié e Vitória da Conquista – no *Twitter* (@UesbOficial). Classificamos esse usuário como um perfil institucional, que busca informar seus mais de seis mil seguidores a respeito do que acontece na Universidade, divulgando seus projetos de ensino, pesquisa e extensão. Nas figuras 1 e 2, apresentamos dois *tweets* pertencentes a uma *thread*[7] do perfil @UesbOficial. Vejamos o primeiro *tweet* da *thread* e, posteriormente, uma das respostas a ele:

[3] Devido a questões éticas, utilizamos um nome de usuário fictício para nos referirmos a esse perfil.

[4] Contas verificadas no *Twitter* apresentam um selo azul para indicar que aquele perfil é autêntico e de interesse público.

[5] Os *GIFs*, sigla usada para *Graphics Interchange Format*, são imagens animadas, sem som, que se repetem sequencialmente.

[6] Os *emojis* são símbolos imagéticos usados para representar determinada emoção ou ideia. Atualmente, os teclados de celular já vêm equipados com diversos *emojis*, como o de rosto apaixonado 😍, de coração ♥ e de cara de choro 😭, entre muitos outros.

[7] Termo da língua inglesa que significa "fio", "linha de pensamento", "árvore de discussão", dentre outros conceitos que remetem a um encadeamento de informações.



Figura 1: *Tweet* do perfil @UesbOficial, com a proposta de fazer uma *thread*
Fonte: *Twitter*

Segundo S. Costa (2012), estratégias que recebem muitos *RTs* tendem a ser adotadas por outros usuários da rede, a fim de obter, também, um alto capital social. Nesse sentido, ressaltamos que o *tweet* acima apresenta uma *thread,* que propõe a apresentação de projetos, serviços e ações extensionistas desenvolvidas pela UESB a cada curtida recebida. Essa proposição constitui uma estratégia de obtenção de capital social, tanto pelo uso da *thread*, prática popular no *Twitter*, quanto pela interação com os outros usuários da rede a partir das curtidas. O texto em questão é constituído, além de palavras, por *emojis,* arranjos multimodais que representam uma intervenção no sentido do *tweet,* como explicaremos adiante.

Logo de início, o *tweet* da figura 1 apresenta indícios de gêneros do campo publicitário, ao propor uma *thread* "de utilidade pública", o que já estabelece o propósito de divulgação de um serviço do qual a população pode usufruir. O estilo do *tweet* assemelha-se ao de anúncios de desconto, que divulgam promoções como "a cada X reais em compras, você ganha Y% de desconto", ou seja, é um padrão genérico utilizado a fim de atrair a atenção do público – assim como no anúncio – e realizar a interação com outros usuários, para alcançar, consequentemente, um capital social mais alto. Além disso, o uso do vocábulo "valendo!" lembra aspectos de gêneros do campo de lazer, relacionados a competições, nas quais a expressão é usada para dar início a algum jogo, ao qual também podemos relacionar o *emoji* de auto falante. Isso ratifica a importância dos elementos multimodais para a construção do sentido, especialmente em (hiper)textos digitais. Com isso, podemos ver que o *tweet* da figura 1 apresenta uma mescla de gêneros da esfera publicitária e da esfera do lazer, que, juntos, estão a serviço do propósito comunicativo de divulgar a Universidade, e, também, de angariar capital social, alcançando 10 *RTs* e 178 curtidas.

Como já comentamos, as *threads* têm se tornado um recurso cada vez mais comum no *Twitter*, por meio do qual são apresentados vários *tweets* com tópicos vinculados a um *tweet* de origem, como mostra a descrição "sequência", na parte superior da figura 1. Ressaltamos que os fios são uma estratégia de adequação aos limites estruturais do *tweet*, que não permite mais de 280 caracteres; assim, a informação é "dividida" em diferentes *tweets*, que são ligados um ao outro. Ao longo da *thread* do *tweet* da figura 1, o usuário @UesbOficial apresenta 32 projetos desenvolvidos pela UESB, dentre os quais trazemos o exemplo abaixo, referente ao nono projeto abordado:



Figura 2: *Tweet* do perfil @UesbOficial, que faz parte da *thread* apresentada na figura 1

Fonte: *Twitter*

O *tweet* da figura 2 é uma das respostas ao *tweet* da figura 1, ou seja, apresenta um dos projetos desenvolvidos pela UESB: o curso pré-vestibular *Universidade Para Todos*, oferecido em parceria com a Secretaria da Educação do Estado da Bahia. O fato de fazer parte de uma sequência é marcado pelo *fio* vertical azul que aparece à esquerda do *tweet,* como pode ser visto tanto no *tweet* de origem – ao qual outros *tweets* respondem –, na figura 1, quanto na figura 2, em uma das respostas da *thread.* Com base nessa informação, constatamos que o *tweet* da figura 2 intervém no teor informativo do *tweet* da figura 1, a partir do comentário que faz a respeito dele e, também, por meio do uso das *hashtags.* As *hashtags* funcionam tanto como uma forma de o leitor acessar outros *tweets* relacionados aos termos "Enem" e "Vestibular" quanto como uma maneira de outros usuários encontrarem o *tweet* do projeto Universidade para Todos, quando pesquisarem, no *Twitter*, sobre Enem ou Vestibular, o que, mais uma vez, constitui uma estratégia de divulgação da Universidade.

Ademais, no *tweet* da figura 2, há intervenções de sentido realizadas a partir da intertextualidade estabelecida por meio das *hashtags*, que funcionam como palavras-chave para a identificação do assunto a que se refere o *tweet*. Tais intervenções se dão, também, por meio da utilização de arranjos multimodais, como os *emojis* de livro e de coração e uma imagem de estudantes do projeto divulgado, inclusive, com o perfil @educacaobahia marcado, elementos que podem ajudar a estabelecer a interação com outros usuários do *Twitter*.

Vale ressaltar que essas intervenções no sentido e no teor informativo contribuem para o cumprimento do propósito comunicativo do *tweet*, ou, até mesmo, da *thread* em geral, a saber, a divulgação dos projetos desenvolvidos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Para além disso, o uso desses elementos representa intervenções na forma do *tweet* retratado na figura 2. Em relação à mescla de padrões genéricos, ressaltamos, além do próprio padrão do *tweet,* marcado pelo uso de *hashtags,* características do gênero anúncio de propaganda, o qual, de acordo com Silva (2015), tem o propósito de promover uma ideia e induzir as pessoas a uma ação que não seja a de compra. É isso que ocorre no *tweet* de @UesbOficial, que explicita o público-alvo do projeto Universidade para Todos e, assim, o apresenta aos seus interlocutores. Vale ressaltar que o gênero anúncio de propaganda é estruturalmente

caracterizado pelo uso de título, subtítulo, logomarca e slogan, o que não ocorre no *tweet* da figura 2, comprovando que, de fato, houve intervenção do usuário para reelaboração desse gênero, que é mesclado com o *tweet*.

Freitas e Barth (2015), ao analisarem *tweets* do perfil institucional da Universidade de Passo Fundo, constataram que o usuário, provavelmente, não tinha o propósito de interagir com outros usuários, e sim de que as pessoas clicassem nos *links* que direcionavam para o site da universidade. Em contrapartida, os propósitos comunicativos dos *tweets* publicados pelo perfil da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia incluem a interação com outros usuários do *Twitter*, por meio de curtidas, o que tende a proporcionar um maior alcance de capital social e, dessa forma, uma maior divulgação da instituição. Para isso, além das intervenções no sentido e no teor informativo, o perfil @UesbOficial realiza intervenções na forma, as quais se dão por meio do processo de mescla de padrões de gêneros da esfera publicitária e da esfera cotidiana. Dessa forma, o usuário reelabora os gêneros anúncio de propaganda, anúncio de desconto, jogo e, naturalmente, o *tweet*, a fim de divulgar os serviços da Universidade e promover a instituição.

A seguir, apresentamos a análise de *tweets* do perfil de usuário comum. De acordo com Freitas e Barth (2015), o estilo e o conteúdo temático dos *tweets* de um usuário comum são mais flexíveis e variáveis do que o de perfis que representam uma entidade ou uma empresa. Isso permite que esse usuário imprima sua marca, seu estilo individual, por meio das intervenções que faz, como assevera S. Costa (2012). Além disso, conforme a autora, o propósito comunicativo partilhado por todos os usuários do *Twitter* é a conquista de capital social – valor que "mede" o sucesso dos participantes de uma rede social; no caso do *Twitter*, o capital social é medido pela quantidade de *retweets* e, atualmente, também, de curtidas e de respostas que um *tweet* recebe. Com base nisso, exibimos, na sequência, um *tweet* com alto alcance de capital social, publicado por um usuário comum, cujo perfil tinha, na época da postagem, pouco mais de mil seguidores. Vejamos:



Figura 3: *Tweet* de usuário comum com alto índice de propagação

Fonte: *Twitter*

Na figura 3, exibimos a captura de tela de um *tweet* publicado por um usuário comum em 20 de janeiro de 2019. Trata-se de um *retweet* comentado[8], isto é, o perfil aqui nomeado como @usuariocomum republicou o *tweet* de @usuariacomum[9], tecendo um comentário a respeito dele; assim, temos um *tweet* dentro de outro. No *tweet* de origem, a usuária relata que seus amigos foram buscá-la para jantar fora porque ela havia dito que estava triste. O usuário comum, autor do *tweet* aqui analisado, repostou esse *tweet,* afirmando que seus amigos, ao o ouvirem dizer a mesma coisa, agiriam de forma diferente: responderiam "eu também", indicando que também estão tristes. Esse *tweet* atingiu altos níveis de propagação, angariando mais de 47 mil *RTs* e 63 mil curtidas, o que é incomum nas publicações desse usuário, até por conta de seu número pouco expressivo de seguidores. O fato de o *tweet* apresentado na figura 3 ser um *retweet* comentado caracteriza intervenção no teor informativo do *tweet* de @usuariacomum, uma vez que, segundo S. Costa (2012), esse tipo de intervenção pode se dar por meio de um comentário acerca de determinado texto, através do qual o usuário imprime sua identidade. Além disso, ressaltamos que há, também, intervenção de sentido, a qual ocorre a partir da intertextualidade estabelecida com o texto original.

Em busca do cumprimento de um dos seus propósitos comunicativos, a comicidade, o usuário comum utiliza, no *tweet*, um recurso semiótico que ajuda a dar humor[10] à sua postagem: os vários espaços antes da citação da fala dos seus amigos. Ou seja, para citar o que seus amigos diriam, o usuário não utiliza recursos canônicos, como dois pontos e aspas ou travessão; opta, diferentemente, por usar um espaço maior entre as palavras, representando, também, uma pausa, que cria uma expectativa para o leitor. Esse espaço entre as palavras pode representar, na escrita, a hesitação presente na modalidade oral da língua e, consequentemente, em gêneros predominantemente orais, como, por exemplo, a conversa cotidiana. Tal recurso multimodal, além de representar uma intervenção no sentido, constitui uma intervenção na forma, visto que o uso de vários espaços antes da fala citada cria uma expectativa no leitor, que é rompida após a conclusão do enunciado. Nesse sentido, o *tweet* apresenta características próximas de gêneros em que há quebra da expectativa do leitor para provocar riso, a exemplo da piada, gênero muito popular que, segundo S. Costa (2012), causa esse efeito. Além disso, o estilo e o conteúdo temático do *tweet* em questão contêm indícios de gêneros primários, tais como a conversa cotidiana, ou, até mesmo, de gêneros secundários autobiográficos, como o diário pessoal ou o próprio *blog* – em que o autor relata os acontecimentos e fatos de sua vida –, que foi reelaborado na criação do gênero *tweet*, classificado como um *microblog*. Isso comprova a afirmação de Zavam (2012) de que os gêneros apresentam indícios de sua transmutação (reelaboração) no conteúdo temático, estilo e/ou construção composicional. Assim, vemos que o usuário comum efetua a estratégia de mescla dos gêneros piada e *tweet* para constituir o texto da figura 3, cujo propósito aparenta ser uma mistura de ambos: provocar humor enquanto fala sobre sua vida.

S. Costa (2012) considera que as intervenções realizadas nos *tweets* podem justificar sua alta propagação na rede. No entanto, observamos que outros *tweets* do usuário comum não possuem um alto alcance de capital social, apesar de apresentarem intervenções, como ocorre no *tweet* a seguir:

[8] A função de *retweet* com comentário foi incorporada ao suporte *Twitter* no ano de 2015 e representa um atendimento à necessidade dos usuários, que já faziam, manualmente, esse tipo de ação na rede social.

[9] Assim como no perfil anterior, ocultamos o verdadeiro nome de usuário por questões éticas.

[10] S. Costa (2012) constatou, em sua pesquisa, um uso produtivo de artifícios humorísticos pelos usuários do *Twitter*, concluindo, assim, que o humor é "[…] elemento preponderante na conquista de capital social no *Twitter*" (COSTA, S., 2012, p. 106).



Figura 4: Resposta ao *tweet* da figura 3
Fonte: *Twitter*

O *tweet* apresentado na figura 4 foi publicado em resposta ao *tweet* da figura 3, pelo mesmo usuário, que, ao que parece, aproveita o grande alcance de capital social do *tweet* para divulgar seu trabalho musical**.** O texto é constituído, além dos elementos verbais ("já vê minhas músicas lá que é tudo nosso"), por um *link* para o *YouTube*, incorporado pelo suporte *Twitter*, o qual, por sua vez, já apresenta uma prévia do conteúdo do *link*. Com isso, constatamos que o usuário realiza intervenções no sentido do seu *tweet* por meio do *link* incorporado, o qual constitui um tipo de arranjo multimodal. Além disso, o *tweet* apresenta intertextualidade com outras publicações do *Twitter*, nas quais usuários aproveitam seus *tweets* com alto índice de capital social para divulgar seus perfis em outras plataformas digitais – nesse caso específico, o *YouTube*.

Uma breve análise do conteúdo temático desse *tweet*, aliado ao uso do *link* para o *YouTube* e do verbo no imperativo ("vê"), nos permite afirmar que ele apresenta características do gênero anúncio publicitário. Esse gênero, segundo Silva (2015), é produzido com o propósito de vender determinado produto ou ideia: "[…] seus produtores intencionam criar o desejo de consumo na mente dos indivíduos com objetivo de lucro" (SILVA, 2015, p. 49). O *tweet* da figura 4, apesar de não apresentar título, subtítulo, logomarca e slogan, características típicas do anúncio publicitário, mantém o propósito comunicativo desse gênero, uma vez que a intenção de @usuariocomum, nesse *tweet,* é divulgar seu trabalho musical e, assim, angariar capital social em outra rede, o *YouTube*. No entanto, o capital social alcançado por esse *tweet* é baixo, em comparação ao *tweet* anterior, visto que ele obtém apenas 2 *RTs* e 3 curtidas.

Ressaltamos, então, que o *tweet* da figura 4, apesar de representar uma resposta a um texto do mesmo usuário com alto índice de capital social (figura 3), não alcança uma quantidade significativa de *RTs* e curtidas, apesar de o processo de reelaboração de gêneros estar presente em ambos os *tweets*. Salientamos, ainda, que, segundo nossa observação, o *tweet* da figura 3 representa uma exceção no que diz respeito ao alcance de capital social conseguido, geralmente, pelo usuário. Com base nisso, refutamos o postulado de S. Costa (2012), que afirma que a intervenção em vários níveis configura uma maior reelaboração e, consequentemente, um maior alcance de capital social. Portanto, salientamos que deve haver outros fatores que influenciam na quantidade de *RTs* e de curtidas recebidos por um *tweet,* tais como a quantidade de seguidores do usuário e/ou dos perfis que *retweetaram* ou curtiram aquela publicação, *hashtags* utilizadas, assuntos do momento/*trending topics*[11], ou, ainda, a promoção paga do *tweet*, entre outros motivos.

Apresentamos, agora, a análise de *tweets* publicados por dois usuários: @folha, perfil oficial do jornal Folha de São Paulo, e @folha_sp, um perfil *fake* que, parodiando o Folha de São Paulo, cria notícias falsas, a fim de, entre outros objetivos, fazer críticas sociais e produzir humor. O perfil oficial do Jornal Folha de São Paulo tem mais de 6,7 milhões de seguidores e é um perfil verificado, o que ajuda a lhe dar credibilidade, uma vez que o selo "verificado" mostra que se trata, realmente, de um perfil oficial, ao contrário do perfil Falha de São Paulo, que não possui essa oficialização, visto que é um perfil *fake.* O Falha de São Paulo tem mais de 200 mil seguidores, demonstrando certo alcance de capital social dentro da rede. À primeira vista, é possível notar que o perfil jornalístico *fake* busca apresentar-se visivelmente semelhante ao perfil jornalístico oficial, o que ocorre, também, em suas publicações, como podemos ver a seguir:

[11] Assuntos mais populares no *Twitter* em um período de tempo específico, que aparecem em uma lista determinada por um algoritmo.



Figura 5: *Tweet* do usuário Falha de São Paulo, que contém duas capturas de tela de *tweets:* um desse próprio perfil e outro do perfil oficial do Folha de São Paulo

Fonte: *Twitter*

No *tweet* da figura 5, o perfil *fake* @foIha_sp apresenta a legenda "quando a realidade imita a sátira:", seguida por duas capturas de tela de *tweets:* um desse mesmo usuário, publicado no dia 15 de janeiro de 2019 – o qual chamaremos de 5a – e outro do perfil oficial do Folha de São Paulo (@folha) – nomeado, nesta análise, de 5b –, postado no dia 16 de janeiro de 2019, data do *tweet* que contém as capturas de tela. Nosso foco, nesta análise, são os *tweets* 5a e 5b, visto que buscamos realizar uma comparação entre o perfil oficial e o *fake.* Ambos os textos da captura de tela se referem ao mesmo assunto, a saber, a flexibilização da posse de armas de fogo, assinada pelo presidente Jair Bolsonaro no dia 15 de janeiro de 2019. No entanto, enquanto a "notícia" da primeira captura de tela é falsa e tem o intuito de causar humor, considerando que uma morte a tiros na França não tem relação com a legislação brasileira; a segunda captura de tela apresenta uma consequência real dessa flexibilização, qual seja, as agressões sofridas por mulheres dentro de suas próprias casas, o que pode acarretar graves sequelas físicas e psicológicas, até mesmo um feminicídio.

Já de início, é possível perceber a intertextualidade entre os dois *tweets*, visto que, por abordarem o mesmo assunto, demonstram uma relação temática entre o texto publicado pelo perfil *fake* e o texto postado pelo perfil oficial. Assim, a intertextualidade é estabelecida tanto com o fato que gerou a notícia – decreto de flexibilização da posse de armas de fogo – quanto entre os *tweets* em si, conforme explicitado na legenda do *tweet* da figura 5: "quando a realidade imita a sátira". Com isso, o usuário já demonstra a relação entre a notícia falsa e a verdadeira, ambas relacionadas ao mesmo acontecimento. Além da intertextualidade, vale ressaltar que os dois *tweets* presentes nas capturas de tela publicadas pelo usuário @foIha_sp, na figura 5, são constituídos por palavras, um

link e uma imagem. Esses arranjos multimodais, assim como a intertextualidade, representam intervenções no sentido do *tweet* da figura 5 e dos *tweets* 5a e 5b, contidos nele.

Como no exemplo 5b, em grande parte, os *tweets* do perfil @folha são produzidos como uma espécie de manchete, seguida de um *link*, o qual leva o leitor a acessar a notícia ou a reportagem por completo, no site oficial do jornal *Folha de São Paulo*. No que concerne ao processo de reelaboração de gêneros, de acordo com S. Costa (2012), quando determinado gênero é levado para o *Twitter*, sem que haja intervenções – além da adequação ao limite de caracteres – sobre ele, o processo é classificado como migração. Nesse processo, segundo a autora, o propósito comunicativo do gênero de origem é mantido, ao contrário de quando ocorrem intervenções, que ocasionam uma mudança de propósito do gênero reelaborado. Com base nisso, poderíamos afirmar que, nos *tweets* do perfil jornalístico "Folha de São Paulo", a exemplo do *tweet* cuja captura de tela aparece na figura 5, o gênero notícia é migrado para o *Twitter*, visto que há uma manutenção de seu propósito informativo. No entanto, no *tweet* em questão, é utilizada a *hashtag* #SeEleEstivesseArmado, que promoveu, na época da publicação, a divulgação de relatos de mulheres que sofrem violência doméstica, para mostrar que a situação seria ainda mais grave caso o agressor tivesse uma arma. Isso demonstra, ainda, mais uma relação de intertextualidade com o projeto de flexibilização da posse de armas. Como já comentamos, as *hashtags,* segundo S. Costa (2012), representam uma intervenção no teor informativo de um gênero reelaborado no *Twitter*. Dessa forma, constatamos que essa intervenção caracteriza uma mescla do gênero *tweet* com o gênero notícia. Logo, o *tweet* do usuário @folha é fruto dos processos de reelaboração externa e interna dos gêneros notícia e *tweet,* respectivamente.

O *tweet* 5a, do perfil *fake* Falha de São Paulo, por sua vez, apresenta a mesma estrutura e estilo do perfil jornalístico oficial, como pode ser visto na figura 5. No entanto, salientamos que o seu conteúdo temático não contém veracidade. Além disso, os *links* presentes nas publicações são falsos e redirecionam para um endereço eletrônico inexistente, ao contrário dos *links* do Folha de São Paulo, que conduzem o leitor para o site do jornal. Destacamos, então, que o conteúdo temático – o qual, segundo Bakhtin (2011), diz respeito não somente ao tema em si, mas a um conjunto de valores e formas como esse tema é tratado – é diferente no perfil *fake*, que se propõe a fazer afirmações não verídicas a respeito de fatos que aconteceram na realidade. Isso explicita que o *tweet* do perfil Falha de São Paulo contém reelaboração do gênero paródia, por imitar satiricamente o estilo e a construção composicional dos *tweets* do Folha de São Paulo. Além disso, destacamos que há mescla do gênero notícia – parodiado pelo perfil – com a piada, tendo em vista que, apesar de apresentar a mesma estrutura e estilo dos *tweets* de @folha, o *tweet* do perfil @foIha_sp tem efeito humorístico, visto que seu propósito não é noticiar acontecimentos reais. Com isso, ressaltamos o postulado bakhtiniano de que a construção composicional e o estilo dos enunciados estão a serviço de um conteúdo temático, ou seja, a reelaboração da notícia é feita pelo usuário @ foIha_sp a fim de cumprir seu projeto de discurso, que objetiva causar humor por meio de notícias falsas. Mais uma vez, vale ressaltar que, para S. Costa (2012), o humor é um artifício que possibilita grande alcance de capital social, como, de fato, ocorre no *tweet* do usuário Falha de São Paulo.

Constatamos, por meio dessa análise comparativa, que os *tweets* dos usuários @folha e @foIha_sp são constituídos por reelaborações do gênero notícia e, ainda, da paródia e da piada, no caso do segundo perfil. Esses gêneros são reelaborados visando à concretização dos propósitos comunicativos de cada usuário, a saber: noticiar fatos verdadeiros, no caso do Folha de São Paulo, e causar humor por meio de paródias de notícias, no Falha de São Paulo.

A partir das análises empreendidas, apresentamos, a seguir, um quadro com os resultados gerais encontrados nos quatro perfis observados:

PERFIL	GÊNEROS REELABORADOS	PROPÓSITO(S) COMUNICATIVO(S)
@UesbOficial (perfil institucional)	• Anúncio de desconto; • Anúncio de propaganda; • Jogo; • *Tweet*.	• Divulgar os projetos desenvolvidos pela Universidade.
@usuariocomum (perfil de pessoa comum)	• Piada; • *Tweet*/(micro)blog; • Anúncio publicitário.	Provocar humor, ao relatar um fato do cotidiano; • Divulgar trabalho musical.
@folha (perfil jornalístico oficial)	• Notícia; • *Tweet.*	• Noticiar fatos/acontecimentos do Brasil e do mundo.
@folha_sp (perfil jornalístico *fake)*	• Notícia; • Piada; • Paródia; • *Tweet.*	• Ironizar acontecimentos do país e do mundo, por meio de notícias falsas, para provocar o riso.

Quadro 1: Resultados gerais da análise
Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras

Como mostramos no quadro 1, nos *tweets* do perfil institucional, encontramos indícios de gêneros das esferas cotidiana publicitária, visto que esses textos têm o objetivo de divulgar determinado produto ou serviço, a fim de atrair o público e, assim, alcançar possíveis interessados. Tais padrões também estão presentes no perfil de pessoa comum, cujos *tweets* apresentaram, ainda, aspectos de gêneros autobiográficos, como o *(micro)blog*, por meio dos quais se faz um relato pessoal, e de gêneros cotidianos em que há quebra da expectativa do interlocutor para causar riso, como a piada. Nos perfis jornalísticos, por sua vez, há características do gênero notícia, pertencente à esfera jornalística e, no caso do perfil *fake*, há, ainda, os gêneros paródia e piada, próprios da esfera cotidiana.

Salientamos que o gênero dos textos observados é, de fato, o *tweet*; entretanto, devido a sua flexibilidade e considerando que "[…] a transmutação [ou reelaboração] seria o fenômeno que regeria a possibilidade de transformar e ser transformado a que os gêneros do discurso estariam inexoravelmente submetidos" (ZAVAM, 2012, p. 257), constatamos que o fenômeno de reelaboração de gêneros ocorre produtivamente nos *tweets.*

7 CONCLUSÕES

O objetivo desse artigo foi analisar o fenômeno da reelaboração de gêneros nos *tweets*, a partir da identificação das intervenções que os usuários da rede realizam nesse e em outros gêneros reelaborados, mais especificamente, as operações de manipulação e mescla de gêneros, efetuadas para cumprimento de seus propósitos comunicativos. A análise de *tweets* publicados por diferentes perfis do *Twitter*, com propósitos comunicativos diversos, permitiu a observação de aspectos específicos a cada um, e, também, de características mais gerais nos *tweets,* no que diz respeito à reelaboração de gêneros.

Nos *tweets* analisados, foram encontradas reelaborações de gêneros de diferentes esferas/campos da atividade humana, conforme mostramos no quadro 1. Observamos, com isso, que as intervenções realizadas por usuários do *Twitter* em diversos gêneros dependem do propósito comunicativo de cada perfil; porém, todos os *tweets* apresentaram mesclas de padrões genéricos, o que confirma as assertivas de Freitas e Barth (2015) de que os *tweets* contêm características de vários gêneros. Assim, observamos que o *tweet* passa por fenômenos de reelaboração inovadora interna e externa, uma vez que há incorporação de características de outros gêneros pelos *tweets,* como também outras transformações, causadas pela necessidade de adequação a outros fatores, dentre os quais ressaltamos o propósito comunicativo. Com isso, é possível destacar que os propósitos comunicativos, presentes na apreciação

valorativa que o autor dá ao tema do enunciado, influenciam não só no seu estilo e na sua construção composicional, mas também na seleção dos gêneros a serem reelaborados.

S. Costa (2012) defende que o alto alcance de capital social está relacionado ao labor aplicado pelo usuário na composição – e na reelaboração de gêneros – do seu *tweet*. No entanto, em nossa análise, encontramos *tweets* que apresentam intervenções do usuário, mas, mesmo assim, não alcançam alto capital social. Por isso, destacamos que pode haver outros fatores, além da intervenção genérica do usuário, que façam com que um *tweet* tenha sucesso ou não, o que necessita de um olhar minucioso em futuras pesquisas[12].

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. *In:* ARAÚJO, J.; LEFFA, V. *Redes sociais e ensino de línguas:* o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial., 2016. p. 49-64.

AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. M.; AYRES, D. J. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 27, n. 79, supl., jan./abr. 2021. Disponível em: https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/111/128. Acesso em: 28 jun. 2021.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In:* BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal.* Tradução de Maria Ermantina Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In:* BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

COSTA, R. R. *A TV na Web*: percurso da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8852. Acesso em: 3 abr. 2020.

COSTA, S. M. *Tweet*: reelaboração de gêneros em 140 caracteres. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8258. Acesso em: 12 fev. 2019.

DIOGUARDI, G. *Argumentação e redes sociais:* o *tweet* como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas. 2014. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28112014-192311/pt-br.php. Acesso em: 19 maio 2019.

FREITAS, E. C.; BARTH, P. A. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no Twitter. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/8888. Acesso em: 10 jul. 2019.

[12]Exemplos disso são nossas pesquisas de Mestrado (*O gênero tweet e a (hiper)textualização de objetos de ensino-aprendizagem*) e Doutorado (*Reelaboração e mescla de gêneros no Twitter: uma análise de tweets didáticos*), desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

MARCUSCHI, L. A.. A questão do suporte de gêneros textuais. *In:* MARCUSCHI, L. A.. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão***.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 173-186.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In:* BEZERRA, M. A.; DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R. (org.). *Gêneros Textuais & Ensino.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

PARA os alunos da rede pública que desejam se preparar para os processos seletivos de ingresso no Ensino Superior, o projeto Universidade Para Todos é uma opção gratuita e de qualidade. No sudoeste baiano, somos responsáveis por essa formação. 💸♡ #Enem #Vestibular. [*s. l.*], 15 jan. 2019. Twitter: @UesbOficial. Disponível em: https://twitter.com/UesbOficial/status/1085529512694173696. Acesso em: 24 jun. 2019.

QUANDO a realidade imita a sátira:. [*s. l.*], 16 jan. 2019. Twitter: @folha_sp. Disponível em: https://twitter.com/folha_sp/status/1085659821863362561. Acesso em: 30 jul. 2020.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, R. (org.). *Escol@ Conectada:* os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, R. de C. S. dos. Twitter como exemplo do gênero textual microblog. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS, 4., 2011, Sorocaba. *Anais* […]. Sorocaba: Uniso, p. 1-15, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/4048515/Twitter_como_exemplo_do_g%C3%AAnero_textual_microblog?auto=download. Acesso em: 28 fev. 2019.

SE eu falo q to triste pro meus amigos eles falam eu também. [*s. l.*], 20 jan. 2019. Twitter: @mattkjj. Disponível em: https://twitter.com/mattkjj/status/1087045345622872064. Acesso em: 6 fev. 2019.

SILVA, C. C. *Os gêneros anúncio publicitário e anúncio de propaganda:* uma proposta de ensino ancorada na análise de discurso crítica. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16753/1/GenerosAnuncioPublicitariio.pdf. Acesso em: 4 ago. 2020.

📣 VAMOS de thread de utilidade pública??? 🤓 A cada curtida nesse tweet, a gente posta um projeto, serviço ou ação desenvolvido em nossos campi que você pode participar. Valendo! ♡. [*s. l.*], 15 jan. 2019. Twitter: @UesbOficial. Disponível em: https://twitter.com/UesbOficial/status/1085290038550765568. Acesso em: 24 jun. 2019.

XAVIER, A. C. dos S. Leitura, texto e hipertexto. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais:* novas formas e construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

YOUTUBE.com/duplosentidotv já vê minhas músicas lá que é tudo nosso. [*s. l.*], 20 jan. 2019. Twitter: @mattkjj. Disponível em: https://twitter.com/mattkjj/status/1087045345622872064. Acesso em: 6 fev. 2019.

ZAVAM, A. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva:* um estudo com editoriais de jornais. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3602. Acesso em: 3 abr. 2020.

ZAVAM, A. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/869/79. Acesso em: 3 abr. 2020.

Recebido em 03/09/2020. Aceito em 22/05/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e78688

O HETERODISCURSO NOS DIÁLOGOS DE PROFESSORES INICIANTES EM SITUAÇÃO DE AUTOCONFRONTAÇÃO

EL HETERODISCURSO EN LOS DIÁLOGOS DE PROFESORES PRINCIPIANTES EN SITUACIÓN DE AUTOCONFRONTACIÓN

THE HETERODISCOURSE IN BEGINNING TEACHERS' DIALOGUES IN A SITUATION OF SELF-CONFRONTATION

Ingrid Xavier dos Santos*
Wescley Batista Lopes**
Rozania Maria Alves de Moraes***
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: A atividade docente é uma prática social atravessada por diversas vozes, que, por não serem equipolentes, podem aprisionar o docente em práticas formais de ensino e questionar sua capacidade profissional. Para mostrar como essas híbridas vozes perpassam o discurso docente, este artigo busca analisar a atividade linguageira (discurso) de dois professores em situação de autoconfrontação e, assim, apresentar como marcas linguístico-discursivas de heterodiscurso materializam-se em seus enunciados. O corpus compreende dois excertos de pesquisas em cujas situações o discurso do professor é carregado de vozes hegemônicas que apontam como deve ser realizado o trabalho docente. Assim, essas vozes aparecem nos enunciados do professor e são materializadas em uma práxis de ensino que, no entanto, nem sempre atende às expectativas dos alunos.
PALAVRAS-CHAVE: Heterodiscurso. Análise da atividade. Autoconfrontação.

RESUMEN: La actividad docente es una práctica social en que varias voces se cruzan. Esas, por no ser equipolentes, pueden aprisionar al docente en prácticas formales de enseñanza y cuestionar su capacidad profesional. Para mostrar cómo esas voces híbridas impregnan el discurso docente, este artículo busca analizar la actividad de lenguaje (discurso) de dos profesores en una

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA/UECE). E-mail: ingrid.santos@aluno.uece.br.

** Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA/UECE). E-mail: wescley.batista@aluno.uece.br.

*** Professora Associada do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA/UECE). E-mail: rozania.moraes@uece.br.

situación de autoconfrontación y, de esa manera, enseñar cómo marcas lingüístico-discursivas de heterodiscurso se materializan en sus enunciados. El corpus está compuesto por dos pasajes de investigaciones en que las situaciones muestran el discurso del profesor cargado de voces hegemónicas que apuntan cómo debe ser realizado el trabajo docente. Así, esas voces aparecen en los enunciados del profesor y son materializadas en una praxis de enseñanza que, no obstante, ni siempre corresponde a las expectativas de los alumnos.
PALABRAS CLAVE: Heterodiscurso. Análisis de la actividad. Autoconfrontación.

ABSTRACT: The teaching activity is a social practice crossed by several voices, which, because they are not equipollent, can imprison the teacher in formal teaching practices and question his/her professional capacity. To show how these hybrid voices permeate the teacher's discourse, this article aims to analyze the linguistic activity (discourse) of two teachers in a situation of self-confrontation, and thus present how linguistic-discursive marks of heterodiscourse materialize in their utterances. The corpus is comprised by two excerpts from researches with situations in which the teacher's discourse is loaded with hegemonic voices that indicate how the teaching work should be carried out. Therefore, these voices appear in the teacher's statements and are materialized in a teaching praxis that, however, does not always meet the students' expectations.
KEYWORDS: Heterodiscourse. Activity analysis. Self-confrontation.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos setenta anos, os estudos da Linguística Aplicada desenvolveram-se significativamente, atingindo diversos campos de investigação através do auxílio de outras áreas de conhecimento, como a Pedagogia, o Direito, a Psicologia, as Ciências do Trabalho etc. Atualmente, podemos dizer que há um entendimento de que o objeto de investigação da Linguística Aplicada é a linguagem como prática social que se manifesta em diferentes contextos de uso. Assim sendo, observamos diariamente a Linguística Aplicada ampliando o seu campo de alcance, considerando-se os mais variados estudos científicos atravessados pela linguagem, não apenas no domínio educativo, mas também em outras esferas profissionais como as das ciências da saúde (fonoaudiologia), da psicologia, da tradução (para citar apenas alguns exemplos de pesquisas realizadas no âmbito da Linguística Aplicada).

Rajagopalan (2013) destaca que, durante o século XX, o ensino de línguas estrangeiras representou quase que exclusivamente a preocupação da Linguística Aplicada e, atualmente, ainda caracteriza um importante objeto de investigação dessa ciência. As pesquisas em Linguística Aplicada, desenvolvidas principalmente a partir da década de 1970, com a criação dos primeiros programas de pós-graduação na área, fortaleceram o entendimento de que "[os professores de línguas estrangeiras] têm um papel fundamental nos processos de transformação das práticas pedagógicas" (GIMENEZ, 2006, p. 80).

Nos anos de 1990, a intensificação dos estudos que abordam a relação entre a linguagem e o trabalho, advindos da França, ofereceu à Linguística Aplicada uma nova oportunidade de investigação: as relações dialógicas[1] que existem na fronteira entre o discurso e o trabalho, a partir de uma abordagem interdisciplinar e de caráter reflexivo-discursivo. Tal abordagem envolve a Ergonomia da Atividade e a Clínica da Atividade – áreas do saber interessadas na análise do trabalho –, a filosofia da linguagem de Bakhtin e o Círculo e a teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky.

A partir de estudos desenvolvidos na França sobre a relação entre o trabalhador e a sua atividade, encontraram-se, no discurso do professor, os "caminhos" para a análise do trabalho docente que coloca o trabalhador como o protagonista do processo de análise. Assim, para uma maior compreensão da atividade professoral, observou-se a necessidade de trazer para a Linguística Aplicada os aportes de outras áreas do conhecimento que permitissem lidar com o complexo contexto de sala de aula, além de fortalecer a sua visão interdisciplinar. Segundo Moita Lopes (1998), ao se deparar com os problemas que as pessoas encontram no uso da linguagem

[1] Relações dialógicas, na concepção de Bakhtin, caracterizam o objeto efetivo do dialogismo, isto é "[...] são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. [...] Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico" (BAKHTIN, 2015a, p. 209, grifos do autor).

em seu dia a dia na sociedade, o linguista aplicado "[...] procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la" (MOITA LOPES, 1998, p. 102).

As Ciências do Trabalho, juntamente com as Ciências da Linguagem, possibilitaram a produção de pesquisas que desenvolveram uma nova compreensão do trabalho do professor, inaugurando, assim, uma visão do ensino como trabalho. Essas pesquisas, em geral, utilizam métodos indiretos de investigação, dentre os quais figura o quadro metodológico da autoconfrontação (VIEIRA; FAÏTA, 2003). O referido quadro vem sendo utilizado em estudos da educação e possibilita uma tomada de consciência a partir das experiências (re)vividas por intermédio da linguagem. Ao estabelecer um ciclo entre "[...] o que os trabalhadores fazem, o que eles dizem do que eles fazem e, por fim, o que eles fazem do que eles dizem." (CLOT; FAÏTA, 2016, p. 31), a autoconfrontação busca ampliar os conhecimentos dos profissionais sobre o seu *métier* e levá-los não apenas a compreender o trabalho para transformá-lo, mas também a transformá-lo para compreendê-lo. Aqui, devemos ressaltar a importantíssima contribuição da obra de Bakhtin para esses estudos que, sob a égide da Linguística Aplicada, compreendem o discurso do professor como uma atividade sobre a atividade (trabalho) e como um artefato social que viabiliza um maior entendimento sobre o trabalho que esses profissionais realizam.

A autoconfrontação toma o dialogismo bakhtiniano como seu princípio motor. Ela nos leva a perceber que toda a comunicação se realiza sob a forma de trocas de enunciados que trazem, em suas constituições, o diálogo com outros enunciados. Partindo da ideia de que o homem se constitui no diálogo com o(s) "outro(s)", Bakhtin (2010) desenvolve a ideia de heterodiscurso[2] que diz respeito à multiplicidade de perspectivas socioideológicas que se manifestam nas vozes individuais, através dos diversos posicionamentos avaliativos dos sujeitos.

É neste sentido que, com base nos aportes teóricos da Linguística Aplicada, buscamos, no presente artigo, analisar a atividade linguageira (discurso) de sujeitos que participaram do processo dialógico e reflexivo de autoconfrontação. Desse modo, buscamos evidenciar marcas linguístico-discursivas de heterodiscurso nesses diálogos sobre as atividades que realizam.

Para atingirmos o objetivo a que nos propomos, analisamos dois trechos de situações de autoconfrontação das pesquisas de Lopes (2017) e de Moraes (2013). Ademais, além desta introdução, o presente estudo está dividido em quatro partes. Na segunda, apresentamos a atual perspectiva que compreende o ensino como trabalho, que por sua vez, traz um subtópico que trata da autoconfrontação como quadro metodológico do estudo e a sua perspectiva dialógica para a análise da atividade docente; na terceira parte, apresentamos a filosofia bakhtiniana da linguagem, com foco no conceito de heterodiscurso, seguida de um subtópico que relaciona o heterodiscurso e as vozes sociais; na quarta parte, desenvolvemos nossas análises enfocando o heterodiscurso em sequências (diálogos) de autoconfrontações e, na conclusão deste artigo, delineamos as nossas considerações finais.

2 O ENSINO COMO TRABALHO: UM NOVO OLHAR PARA A ATIVIDADE DOCENTE

Os processos de ensino e de aprendizagem são considerados importantes elementos de estudo das Ciências da Linguagem – em especial da Linguística Aplicada –, da Pedagogia, da Psicologia e de inúmeras outras áreas do saber que analisam as interações humanas. É certo que, na atualidade, o contexto escolar caracteriza um rico ambiente de investigação que pode ser mais bem compreendido graças à produção de pesquisas que objetivam estudar os processos que ali são desenvolvidos.

Faïta e Saujat (2010) discutem a produção de pesquisas em educação que contemplam o papel do professor e do aluno. Para os autores, uma grande parte dessas pesquisas esteve, até o momento, centrada no "[...] estudo das atividades cognitivas dos alunos ou,

[2] Embora sejamos conscientes das atuais discussões acerca da tradução do vocábulo russo *raznoretchie* - que pode ser encontrado em alguns textos como "heterodiscurso", "heteroglossia" e "plurilinguismo" - optamos por adotar a forma "heterodiscurso", encontrada na tradução realizada por Paulo Bezerra da obra *Teoria do Romance I* (BAKHTIN, 2015). Não abordaremos aqui essa questão por não dispormos de espaço suficiente para tal discussão e, sobretudo, por ela não constituir o escopo do presente artigo, contudo, compreendemos que os termos supracitados designam o mesmo fenômeno investigado por Bakhtin a partir da prosa romanesca, a saber, "[...] um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, isto é, um conjunto de formações axiológicas" (BAKHTIN, 1981, apud FARACO, 2011, p. 23).

ainda, sobre as condições que permitem aos alunos aprender e desenvolver competências em situações escolares"[3] (FAÏTA; SAUJAT, 2010, p. 42). Embora esses estudos tenham uma grande importância na construção de nosso entendimento sobre os processos de ensino e de aprendizagem, segundo os autores, eles foram realizados "[...] sem levar em conta a ação do professor ou as características das situações reais de ensino"[4] (FAÏTA; SAUJAT, 2010, p. 42).

O trabalho desenvolvido pelo professor não figura nesses estudos como um elemento central, talvez por isso os professores tenham dificuldades de se reconhecerem nos resultados apresentados por algumas pesquisas em educação (AMIGUES, 2003). Para uma melhor compreensão das relações que se estabelecem no contexto de sala de aula, é fundamental observar o profissional da educação como um sujeito socio-historicamente situado que, assim como os alunos, possui um papel de protagonismo no ambiente escolar.

Saujat (2004) traça um histórico das pesquisas em educação e aponta que diversos paradigmas que norteiam esses estudos produziram sucessivas representações do professor, dentre as quais destacamos o "professor eficaz", o "ator racional", o "sujeito cognitivo" e, finalmente, o "prático reflexivo". Esses estudos, embora úteis para sua época, estiveram centrados em uma perspectiva na qual o trabalho do professor é mais evocado do que analisado. É neste sentido que Faïta e Saujat (2010, p. 43, grifo dos autores) criticam esses estudos e afirmam que, neles, "[...] o professor está mais 'representado' do que realmente presente"[5].

Ainda de acordo com Saujat (2004), os trabalhos desenvolvidos na didática do francês língua materna e na didática das matemáticas ajudaram na produção de pesquisas com um maior interesse pelo professor, focando em um grande número de fatores que podem afetar o agir do profissional da educação, caracterizando, de certa forma, "[...] um reequilíbrio em proveito do *polo* professor" (SAUJAT, 2004, p. 27, grifo do autor), pois fortalecem uma visão do professor como um trabalhador, ou seja, fortalecem uma percepção do ensino como trabalho.

Nos últimos vinte anos[6], houve, no Brasil, um crescimento do número de pesquisas voltadas para a análise da atividade professoral, com base em um enfoque textual/discursivo e pautando-se nos estudos das Ciências do Trabalho. De cunho interventivo, esses estudos buscam, a partir de uma visão vigotskiana do desenvolvimento e de uma compreensão dialógica ou sociointeracionista da linguagem, ajudar a resolver e/ou remediar conflitos produzidos no ambiente de trabalho do professor, oportunizando, assim, um maior bem-estar aos trabalhadores. Dessa forma, é possível afirmar que "[...] o estudo do ensino como trabalho marca a mudança do olhar sobre a atividade professoral e o despertar do interesse pelo trabalho concreto dos professores e pela compreensão de suas diversas dimensões imbricadas e geralmente implícitas" (FARIAS, 2016, p. 77).

O surgimento das pesquisas que compreendem o ensino como trabalho e que colocam em evidência o *real* do trabalho do professor está fundamentado no fortalecimento das ciências do trabalho na França. A abordagem da análise da atividade profissional é cada vez mais solicitada não apenas com vistas à intervenção, mas também à concepção, à pesquisa e à formação (BORER *et al.*, 2015). No Brasil, percebemos um crescimento na produção dos estudos que analisam a atividade professoral com base em uma perspectiva interventiva. Esses estudos adotam procedimentos e dispositivos metodológicos que tomam as preocupações dos professores como elemento diretor das análises, tentam adaptar a atividade ao trabalhador e consideram o coletivo de trabalho como uma fonte de desenvolvimento (do) profissional.

Esses estudos são desenvolvidos sob a égide da teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky e de seus estudos sobre os métodos indiretos. Para Clot (2011) apenas a observação direta não é suficiente para que possamos analisar a atividade do trabalhador. Assim, fazem-se necessários os usos de métodos que possibilitem acessar todas as dimensões da atividade professoral. De fato, as dificuldades encontradas por analistas da atividade que convocam recursos linguageiros dos trabalhadores já haviam sido apontadas

[3] A tradução de citações em francês apresentadas neste artigo é de responsabilidade dos autores, tendo em vista que as publicações citadas não dispõem de tradução oficial em português. No original : "[...] *l'étude des activités cognitives des élèves ou encore des conditions qui permettent aux élèves d'apprendre et de développer des compétences dans les situations scolaires.*"

[4] No original : "[…] *sans prendre en compte l'action des professeurs ou les caractéristiques des situations réelles d'enseignement*".

[5] No original : "[…] *l'enseignant est davantage 'représenté' que réellement présent*".

[6] Já na década de 1990 surgem diálogos interdisciplinares e acordos bilaterais entre e Brasil e França no intuito de desenvolver pesquisas inseridas na perspectiva do ensino como trabalho. Para maiores detalhes, conferir a tese de Farias (2016) citada neste artigo.

por Faïta (1989) em seu artigo *Mondes du travail et pratiques langagières.* É nesse contexto que, no final dos anos 1980, este linguista francês desenvolveu um quadro metodológico de análise de situações do trabalho, denominado autoconfrontação (que foi retomado em estudos posteriores elaborados por Clot e Faïta (2000), Faïta e Vieira (2003) e Vieira e Faïta (2003), tema que apresentamos a seguir.

2.1 AUTOCONFRONTAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA PARA A INVESTIGAÇÃO DA ATIVIDADE DOCENTE

O quadro metodológico da autoconfrontação – método indireto de investigação da atividade – é descrito por Vieira e Faïta (2003) como um processo dialógico e reflexivo de análise de situações do trabalho que faz da atividade passada do trabalhador objeto de investigação no presente. Sustenta-se em conceitos da Ergonomia da Atividade, da Clínica da Atividade[7], da Psicologia do Trabalho, da teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky e da filosofia círculo-bakhtiniana da linguagem.

A autoconfrontação utiliza a imagem como suporte principal das observações e das análises da atividade e toma o enunciado concreto do trabalhador – discurso sobre a atividade – como base material das análises, fazendo, assim, emergir "[...] as relações dialógicas, situadas na fronteira entre discurso e atividade" (VIEIRA; FAÏTA, 2003, p. 29). É nesse sentido que o dialogismo constitui o princípio diretor deste quadro metodológico.

As pesquisas que adotam a autoconfrontação consideram as relações existentes entre o trabalhador – neste caso específico, o professor – e as três dimensões que compõem a atividade professoral: *o trabalho prescrito* – ou tarefa – que corresponde àquilo que é esperado que o professor realize; *o trabalho realizado*, o que o professor efetivamente realiza; e *o real da atividade,* dimensão que transborda *o trabalho realizado*[8].

O *real da atividade* – dimensão que nos é particularmente cara – não corresponde apenas ao trabalho realizado, pois "o realizado não possui o monopólio do real" (CLOT, 2001, p. 6). Para Clot (2007, p. 116),

> [...] o real da atividade é também aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou se sonha fazer alhures. É preciso acrescentar a isso – o que é um paradoxo frequente – aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer. Sem contar aquilo que se tem de refazer [...] A atividade é uma prova subjetiva em que cada um enfrenta a si mesmo e aos outros para ter a oportunidade de conseguir realizar aquilo que tem a fazer. As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas, e mesmo as contra-atividades, devem ser admitidas na análise. [...] A atividade afastada, ocultada ou inibida nem por isso está ausente.

Em outras palavras, "o agir compreende o fazer, sem se limitar a esse aspecto" (CLOT, 2010, p. 22). Assim, para que possamos compreender a atividade do trabalhador é fundamental acessar a parte não visível do trabalho, ou seja, o não realizado, todos os graus de atividades contrariadas, pois

À sua maneira, Vygotski já dizia: "O homem está pleno, em cada minuto, de possibilidades não realizadas". Desse modo, o comportamento é sempre o "sistema de reações vencedoras" (Vygotski, 2003, p. 74). Por sua vez, as outras, recalcadas, formam resíduos incontrolados que acabam adquirindo ainda mais energia para exercer, na atividade do indivíduo, uma influência contra a qual ele pode ficar sem defesa. (CLOT, 2010, p. 103)

Com base nas imagens da atividade inicial, a autoconfrontação instaura um espaço-tempo ou *cronotopo* (BAKHTIN, 2018), em que o profissional é confrontado com a sua prática, oportunizando uma tomada de consciência a partir da experiência (re)vivida. Neste

[7] A ergonomia da atividade enquanto ciência do trabalho, tenta compreender a atividade para transformá-la, ou seja, tenta adaptar o trabalho ao homem; a clínica da atividade, vertente da psicologia do trabalho, numa postura clínica, busca transformar a atividade levando em conta a subjetividade do sujeito para a ampliação do poder de agir desse sujeito e o restabelecimento da saúde no trabalho (CLOT, 2006).

[8] Esses conceitos são tratados no âmbito da Clínica da Atividade e da Ergonomia da Atividade e podem servir de base para análise de intervenções, pesquisas e/ou formações que utilizam dispositivos metodológicos, como a autoconfrontação e a instrução ao sósia, por exemplo.

novo espaço-tempo as condições para o desenvolvimento do trabalhador são estabelecidas a partir dos movimentos dialógicos entre os sujeitos envolvidos no processo, a saber, os profissionais, o pesquisador e a própria atividade. Assim, é na relação entre "eu" e o "outro" – ainda que este último seja o "outro de mim" – que é possível atingir a subjetividade do professor, através da linguagem.

Podemos sintetizar o processo da autoconfrontação em três fases fundamentais: a) composição de um grupo de análise; b) a realização das autoconfrontações simples e cruzada; c) extensão do trabalho de análise ao coletivo de trabalho (VIEIRA; FAÏTA, 2003, p. 29).

A composição do grupo de análise é a etapa em que acontecem a seleção e a divisão dos participantes do processo. Os sujeitos associados à pesquisa são divididos em dois grupos, a saber, os protagonistas (em pares) – profissionais que serão filmados em seu contexto real de atividade e que participarão das autoconfrontações –, e o coletivo de trabalho – grupo de trabalhadores que exercem a mesma atividade dos protagonistas e que participarão da última fase da pesquisa.

A realização das autoconfrontações simples e cruzada constitui um efetivo processo de trocas. Após um rápido período de observação no contexto investigado, o pesquisador filma os protagonistas em situações análogas de atividade e seleciona as sequências mais significativas para serem analisadas. A autoconfrontação simples – composta por pesquisador, protagonista e vídeo da atividade inicial – é a "[...] primeira fonte de significação concreta" (VIEIRA; FAÏTA, 2003, p. 33). É nesta etapa que, separadamente, os protagonistas produzem discursos sobre a sua atividade, tendo como base as sequências da atividade inicial. Essa etapa é registrada em vídeo e compõe, assim como a atividade inicial, as sequências a serem analisadas na etapa seguinte.

A autoconfrontação cruzada, segunda fonte de significação, é a etapa em que as atividades iniciais, enriquecidas pelos comentários dos protagonistas na autoconfrontação simples, são analisadas simultaneamente pelos dois protagonistas. Essa etapa também é registrada em vídeo e levada à terceira fase de análise.

O retorno ao coletivo caracteriza a última etapa do processo e a única fase em que todos os sujeitos associados à pesquisa (protagonistas, coletivo de trabalho e pesquisador) analisam juntos a atividade inicial dos protagonistas e as sequências das autoconfrontações simples e cruzada.

Destacamos que as relações dialógicas na fronteira entre o discurso e a atividade inicial presentes na autoconfrontação não são compreendidas como simples trocas verbais, mas como um diálogo fundamentado nos processos que contrastam o discurso e o realizado, fazendo emergir o *real da atividade*. Assim, no confronto do profissional com a sua prática, o referido quadro metodológico possibilita uma tomada de consciência e/ou um desenvolvimento diante da experiência (re)vivida pelo profissional que se torna o observador de si mesmo. Dito de outro modo, o sujeito torna-se um outro de si que dialoga consigo nas diversas fases do processo, com o pesquisador (ou analista), com o seu par profissional (o outro protagonista), com ele próprio, com o coletivo do trabalho e com outras vozes que possam se manifestar.

Visto que compreendemos a autoconfrontação como um processo essencialmente dialógico, um espaço-tempo que se constitui permitindo esse entrelaçamento de vozes (mencionado logo acima), percebemos a necessidade de aprofundarmos nossa discussão sobre a filosofia bakhtiniana da linguagem, em especial o heterodiscurso, conceito que investigamos no presente artigo.

3 A FILOSOFIA BAKHTINIANA DA LINGUAGEM: DESCOBRINDO O HETERODISCURSO

Desde os primórdios do desenvolvimento da arquitetônica de estudos da linguagem, por Bakhtin e o Círculo, nas primeiras décadas do século XX, a linguagem é entendida, por esses estudiosos, a partir de sua historicidade e de seu uso na práxis. Stella (2012, p. 178), refletindo a respeito desse uso praxeológico da linguagem, endossa que o falante, ao dar vida a uma palavra, "[...] dialoga diretamente com os valores sociais que estão presentes em um dado contexto, expressando, assim, seu ponto de vista em relação a esses valores". De acordo com Santos (2018), o lugar de reconhecimento social desse sujeito é aferido através do uso que ele faz da linguagem na práxis e através do universo valorativo do qual esse sujeito faz parte. Sendo assim, todos esses matizes valorativos, que são

perpassados pela linguagem, são captados pelos analistas dos discursos que, através de um estudo translinguístico[9], conseguem determinar as vivências, as histórias, as situações cotidianas, as axiologias que os sujeitos trazem em seus discursos.

Ademais, o estudo translinguístico está diretamente orientado para a compreensão da Linguística sob o viés aplicado uma vez que "[...] o foco na língua em uso nos termos aqui propostos exige uma compreensão aprofundada de sua dimensão histórica, social e política e de seus modos de participação na configuração do que se apresenta para o falante, e também para o analista, como realidade objetiva numa situação dada" (SIGNORINI, 2006, p.186).

Assim, a perspectiva adotada neste estudo é de uma Linguística Aplicada *INdisciplinar* (MOITA LOPES, 2006), com um viés mediador e crítico, além de transgressor, pois seu modo de fazer ciência da linguagem está pautado em promover reflexões sobre a vida, através da reformulação de antigos paradigmas e da construção de novas epistemes que se pautem na criticidade da vida e dos sujeitos.

Consoante a esse pensamento sobre a Linguística Aplicada, entendemos que refletir acerca da filosofia bakhtiniana da linguagem é compreender que todo universo que engendra a linguagem é formado por um princípio basilar, o dialogismo. Em relação a esse princípio, a língua, em sua concretude, tem como característica principal ser dialógica, sendo ela viva, mutável e constituída através dos processos de interação socioverbal. É nesse processo de interação que as relações dialógicas são estabelecidas. Elas são elos de sentidos estabelecidos entre os enunciados durante a interação.

Os enunciados, segundo Bakhtin (2011), "[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional" (BAKHTIN, 2011, p. 261). Assim, conceber o dialogismo é pensá-lo sempre entre discursos, além da materialidade linguística. Fiorin (2016), por sua vez, reitera que o dialogismo é, primeiro, o modo de funcionamento real da linguagem, ou seja, a sua gênese e, segundo, a forma de composição do(s) discurso(s). Na primeira concepção, entende-se que o homem somente tem acesso à realidade através da linguagem, ao passo que, na segunda, entende-se que todo discurso incorpora outros discursos, isto é, o discurso apresenta um diálogo interno com um já dito que é redito de outra forma, por outros sujeitos. Esses dizeres formam a cadeia de enunciação.

Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2011, p. 275, grifos do autor), afirma que

> Os limites de cada enunciado concreto [...] são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. [...] Essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias. Observamos essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais simples e evidente no diálogo real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros do diálogo), aqui denominadas réplicas.

Todavia compreender essas relações dialógicas, estabelecidas por esses enunciados, nem sempre é pensar em relações harmônicas de sentidos; muito pelo contrário, tais relações tendem a ser mais conflituosas que harmônicas. Volóchinov (2017, p.140) assevera que "[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em debate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais". Dessa assertiva de Volóchinov (2017), é preciso compreender que "palavra" não se trata de uma unidade linguística passível a reiteração, mas se trata do signo ideológico, fruto da interação viva entre os participantes de determinada comunidade semiótica, sendo que cada palavra, imersa dentro das comunidades semióticas, é um enunciado irreiterável.

Isso posto, as vozes sociais, que estão presentes nos enunciados, caracterizam o que se denomina por heterodiscurso. Este se refere a um entrelugar no qual diversas vozes sociais perpassam umas pelas outras para formar novas vozes sociais. É profícuo ressaltar

[9] Translinguística também pode ser identificada em alguns textos como metalinguística, ambos os termos significam o mesmo método analítico. Segundo Bakhtin (2015a, p. 207) "As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência".

que essas vozes não são necessariamente vozes de sujeitos exteriores, que estão inseridos em determinada esferas sociais; mas também podem ser subjetivas, do eu-para-mim, assim como do eu-para-outro e do outro-para-mim: "O que acontece entre nós, entre o "tu" e o "eu", é um "acontecimento do ser", um aconteSer, um fato dinâmico aberto que tem caráter de interrogação e de resposta ao mesmo tempo, e uma projeção ontológica: o 'acontecimento do ser' [...] um 'ser juntos no ser'" (BUBNOVA, 2011, p. 272, grifos da autora).

Entendendo a pluralidade desse conceito, heterodiscurso não é apenas a manifestação vocal de vozes exteriores, mas compreende também vozes interiores, assim, vislumbramos o heterodiscurso como uma condição interna de toda língua, em consonância com as variações que essa língua sofre ao longo do desenvolvimento histórico e social, que é produzido tanto intersubjetivamente como coletivamente. No tópico a seguir, discorreremos mais acerca do heterodiscurso e as vozes sociais.

3.1 O HETERODISCURSO E AS VOZES SOCIAIS

Em *A teoria do Romance I- a estilística* (2015b), Bakhtin afirma que o ambiente real de uma enunciação é o heterodiscurso; é por ele que a enunciação é concebida, visto que apenas na língua "viva" é possível captar a diversidade de vozes sociais inseridas dentro das relações entre os enunciados.

Segundo Bakhtin (2015b), a disposição ao diálogo é uma propensão de qualquer discurso. "Na vida real do discurso, toda interpretação concreta é ativa: familiariza o interpretável com o *seu* horizonte concreto-expressivo e está indissoluvelmente fundida com a resposta, com a objeção-aceitação motivada (ainda que implícita)" (BAKHTIN, 2015b, p.55, grifo do autor). É no caráter responsivo que encontramos o embate das vozes sociais, uma vez que os enunciados, ao serem produzidos, partem de um contexto para outro. Nessa fronteira, que há entre o que foi dito e o que será respondido, as vozes podem refletir ou refratar certas visões de mundo, e é dessa responsividade que a práxis da linguagem é constituída.

Sobre a questão da voz, Bubnova (2011) afirma que o mundo está rodeado por vozes. Elas nos rodeiam, nos atravessam e são capazes de penetrar no âmago da nossa alma, pois são enunciados vivos que são alheios a mim, visto que apenas através do discurso, quando materializado, é que é possível "rastrearmos" o quanto a voz do outro me afeta: "[...] a onipresença da voz é equiparável à ubiquidade do outro em nossa existência, de tal modo que a construção do eu mediante o verbal passa pelo diálogo como forma primária de comunicação e pensamento e, mais ainda, como concepção do sujeito e seu ser" (BUBNOVA, 2011, p. 271-272).

No entanto, é necessário compreender, como endossa Bubnova (2011), que a voz não é apenas a emissão vibrátil fonética, mas também a palavra dialogizada internamente, o signo puro; porém, quando imerso em horizontes sociais, é embebido de ideologias, torna-se plurivalente e é uma arena em que as forças centrípetas e centrífugas irão duelar a fim de estabilizar significados. Ademais, essas vozes também podem ser dissonantes no universo dialógico. Bakhtin (2015b, p. 113, grifos do autor) endossa que

> O heterodiscurso [...] é *discurso do outro na linguagem do outro,* que serve à expressão refratada das intenções do autor. A palavra de semelhante discurso é uma *palavra bivocal especial.* Ela serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor. Nessa palavra há duas vozes, dois sentidos e duas expressões. Ademais, essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra (como duas réplicas de um diálogo, conhecem uma à outra e são construídas nesse conhecimento recíproco), como se conversassem uma com a outra. A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada.

Destarte, é o heterodiscurso que corresponde à realidade da linguagem cujas forças sociais entram em diálogo. Cada força social, materializada via discurso, busca estabilizar os sentidos que por ela são defendidos, todavia, ainda que busquem essa equipolência ou emparelhamento tal anseio trata-se de uma utopia, uma vez que sempre haverá vozes dissonantes na cadeia enunciativa.

Assim, tendo apresentado o conceito contemplado em nossos movimentos analíticos, passemos, a seguir, às análises que nos mostram como o heterodiscurso é materializado na práxis enunciativa de situações reais de autoconfrontação com professores de língua estrangeira.

4 ANALISANDO O HETERODISCURSO ATRAVÉS DA AUTOCONFRONTAÇÃO COM PROFESSORES

Com base na articulação dos conceitos que apresentamos até o momento, desenvolvemos, neste tópico, nossas análises. Como havíamos destacado, nosso objetivo, no presente artigo, é analisar marcas linguístico-discursivas de heterodiscurso no discurso de sujeitos em situação de autoconfrontação.

Na autoconfrontação, como já mencionamos anteriormente, abre-se um espaço-tempo que permite ao sujeito estabelecer relações dialógicas entre o *vivido* e o *vivendo*, dentro da perspectiva triádica (eu-outro-objeto) e também dialógica da atividade (CLOT, 2017). Em outras palavras, é nesse espaço tempo promovido pela autoconfrontação que o sujeito extraposicionado[10], agora vivendo uma nova experiência a partir do vivido – nas imagens de sua ação inicial – realiza um processo discursivo dialógico (atividade sobre a atividade) numa arena de diálogos (*eu-para-mim, eu-para-o-outro, o-outro-para-mim*) cujo objeto é a atividade docente. Por essa razão consideramos o processo da autoconfrontação um campo fértil para as trocas dialógicas e extremamente propício ao desenvolvimento (do) profissional.

Apresentamos, a seguir, dois excertos retirados das pesquisas de Lopes (2017) e Moraes (2013)[11]. A primeira buscou investigar as prescrições e os instrumentos presentes na atividade de professores estagiários de francês, nas aulas que tratam de aspectos civilizacionais. A segunda analisou a atividade docente de estagiários de francês e a relação com sua formação inicial. Ambas as pesquisas utilizaram a autoconfrontação como dispositivo metodológico para a construção do corpus discursivo, têm como objeto a atividade de professores de francês em formação (da mesma universidade), dando aulas no mesmo centro de línguas para alunos iniciantes, muito embora em momentos distintos. Além disso, as pesquisas estão vinculadas a um mesmo laboratório de pesquisa. Uma vez que tratamos de pesquisa qualitativa tantos nos estudos em referência quanto neste do presente artigo, percebemos a possibilidade de abordarmos outra questão manifestada nas pesquisas de Lopes e Moraes e que, por não ser o escopo daquelas investigações, não foi desenvolvida naquelas ocasiões: a questão do heterodiscurso nos diálogos de autoconfrontação dos dois estudos.

Muito embora nas pesquisadas citadas o heterodiscurso não tenha sido explorado, identificamos nos excertos aqui mostrados alguns traços de diferentes vozes no discurso dos professores, o que converge, portanto, com nosso objetivo de identificar marcas linguístico-discursivas que apontam para o heterodiscurso.

Consideramos também importante ressaltar que as duas pesquisas abordaram as dificuldades encontradas por esses professores em trabalhar determinadas situações, por exemplo, o tratamento didático em sala de aula dos materiais de base ou suplementares, o emprego da língua materna, o trabalho com assuntos de cultura e civilização sem que o professor tenha tido vivência no lugar onde se fala a língua, dentre outras dificuldades com as quais, geralmente, se depara um professor ainda em formação no ensino de uma língua estrangeira. Os excertos trazidos, especificamente, constituem uma situação comum no ensino e na aprendizagem de LE, a saber, a exploração de um *documento autêntico*[12], que também chamamos de material suplementar (nos exemplos em questão um vídeo e uma canção).

Os excertos apresentados são precedidos de uma rápida contextualização da cena observada e comentada pelo(s) protagonista(s)[13], além de uma legenda com os símbolos empregados nas transcrições, modelo proposto por Sandré (2013). As sequências analisadas correspondem, respectivamente, às etapas de autoconfrontação cruzada (LOPES, 2017) e autoconfrontação simples (MORAES,

[10] Posicionamento exotópico ou *excedente de visão* (BAKHTIN, 2011). Segundo Bakhtin, somente estando de fora (tornando-me um "outro" de mim) é que poderei ter uma imagem acabada de mim mesmo, somente neste extraposicionamento de mim, posso obter esse acabamento.

[11] Ressaltamos que ambas as pesquisas tiveram aprovação no Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará. A de Lopes (2017) parecer nº 1.962.271, em 13/03/2017 e a de Moraes (2013) parecer nº FR408685, em 03/05/2011.

[12] Com base em Cuq e Gruca (2002) compreendemos como documento autêntico os materiais (escritos, auditivos ou audiovisuais) elaborados inicialmente para leitores nativos, mas que são apropriados por professores como recursos para realizar atividades em sala de aula. Esses documentos são denominados de autênticos, pois são enunciados que foram concebidos para fins comunicacionais e não para fins pedagógicos.

[13] Neste artigo, as palavras professor(a), professor(a) estagiário(a) e protagonista têm o mesmo sentido.

2013). As marcas linguístico-discursivas a que nos referimos aparecem destacadas (itálico) na análise dos enunciados retirados dos excertos (sequências 1 e 2).

Descrição da cena do professor P1: Sentado em sua cadeira, o professor fala aos alunos que eles realizarão exercícios de interpretação e produção textuais, baseados em uma poesia cantada pela banda *Coeur de Pirate*. O professor distribui aos alunos o exercício com a letra da música e as questões. O professor estagiário lê as três questões que compõem o exercício. Finalmente, o professor e os alunos ouvem a música.
Legenda: Numeração (turno de fala dos participantes) – P1 (protagonista 1) – P2 (protagonista 2) – P (pesquisador) – ++ (pausa média) – :: (prolongamento de vogal ou consoante) – [...](corte feito pelo transcritor) – [texto] (comentário do transcritor) – (texto) (descrição do gesto).
69- P1: [...] quando ele [um aluno] pergunta alguma coisa bem absurda em francês, eu digo que eu não sei e que eu vou procurar em casa. Tem coisas que eu não sei em português, imagine em francês. [...] mas eu acho que ele faz isso para me testar. Você tem algum problema assim? **70- P2:** Não, o meu problema é mais básico. É tipo meus alunos perguntarem alguma coisa que eu realmente não sei dizer. Na maioria das vezes, eu pesquiso com antecedência as palavras, mas a minha memória é péssima, às vezes eles perguntam e eu não lembro, às vezes eu não sei mesmo o que quer dizer e aí++ eu fico com um constrangimento horrível. **71- P:** E quando isso acontece, como resolver? **72- P2:** Não sei, me dá um conselho aí (rindo e olhando para o P1). **73- P1:** Quando eu erro uma expressão, eu digo que não sei, peço que procurem em casa e digo que eu também vou procurar. Isso me faz ver que ele [o aluno] está me testando, pois, na outra aula, ele não toca mais no assunto. Quando é palavra eu digo que vamos procurar no dicionário. Eu peço para o aluno X fazer isso, ele adora fazer isso [...] procuramos até achar uma tradução. [...] **74- P:** Não é algo que te deixe constrangido? **75- P1:** Não, não, atualmente não, mas no meu primeiro semestre eu ficava, tipo, "meu Deus do céu, o que eu estou fazendo aqui?" Mas agora não. **76- P:** É, porque o P2 disse que se sentia assim. **77- P2:** É, não sei. Pra mim essas palavras que eles perguntam são palavras básicas e, na minha cabeça, eu acho que eu deveria saber e não sei. E aí eu perco a:: a confiança deles sabe? É como se eles pensassem que eu não sei, tipo, "por que eu estou assistindo aula com um professor que não sabe?" Aí eu fico muito inseguro. Mas as coisas vão ficando melhores.

Quadro 1: Sequência 1

Fonte: Lopes (2017, p. 191-192)

Nesta sequência, podemos observar um diálogo entre os protagonistas da atividade. Evidenciamos que P1 e P2 refletem sobre o que acontece quando, em sala de aula, os alunos perguntam algo que eles não saibam responder de imediato. Com base nesta reflexão, P questiona a P1 se desconhecer uma palavra é algo que o deixa constrangido perante os alunos. "Não é algo que te deixe constrangido?" (74- P). É possível evidenciar, através da resposta do protagonista, que atualmente este não é um problema que o aflige, mas que, nos primeiros semestres no *métier*, ele tinha essa dificuldade: "Não, não, *atualmente* não, mas *no meu primeiro semestre eu ficava*, tipo, *'meu Deus do céu, o que eu estou fazendo aqui?'* Mas agora não." (75- P1).

Na resposta apresentada por P1, podemos observar uma clara mudança, possivelmente uma marca de desenvolvimento, referente a uma dificuldade em sala de aula. O novo posicionamento perante essa dificuldade está, a nosso ver, relacionado com o que Amorim (2012) fala sobre o tempo. Para a autora, o tempo é uma dimensão do movimento e da transformação, assim "[...] a concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, cada nova temporalidade, corresponde um novo homem" (AMORIM, 2012, p. 103).

Ainda sobre a resposta do protagonista, destacamos que o efeito criado pela autoconfrontação não o faz reviver apenas a atividade inicial – registrada e observada –, mas também a sua atividade nos primeiros semestres como professor. Ao afirmar "'*meu Deus do céu, o que eu estou fazendo aqui?*'" (75- P1), o protagonista evoca um discurso de um "outro de si". Em outros termos, observamos que o enunciado produzido pelo protagonista não é do professor autoconfrontado, mas do professor menos experiente que ele já foi. Desse modo, esse "outro de si" configura, para nós, uma marca de heterodiscurso em que o professor, ao imergir na situação de autoconfrontação, aciona outras vozes. Nossa análise vai ao encontro do que afirma Renfrew (2017, p. 129)[14] sobre o heterodiscurso, como um dos mais importantes conceitos do pensamento bakhtiniano, pois tem como característica conectar "a vida, o momento – o evento – do falante/ sujeito individual ao movimento generalizado da língua através das diferentes culturas e épocas".

Seguindo o excerto, P2 descreve como se sente quando não é capaz de responder a uma pergunta dos alunos: "É, não sei. Pra mim essas palavras que eles perguntam são palavras básicas e, na minha cabeça, *eu acho que eu deveria saber e não sei*." (77- P2). Gostaríamos de destacar que, diferente de P1, P2 expressa algum tipo de sofrimento por não saber responder a uma pergunta de seus alunos. Ao afirmar "[...] na minha cabeça, *eu acho que eu deveria saber e não sei*." (77- P2), compreendemos que esse possível sofrimento tem como cerne os discursos cristalizados que criam e fortalecem a imagem do professor como um profissional que deve deter todas as respostas.

Ainda nesse trecho, destacamos essa voz cristalizada que tenta impor uma verdade social ao saber docente, como uma força de ordem centrípeta em que, por ser professor, o sujeito é dotado de um saber transcendente que o faz ter acesso a quaisquer fatos e informações de um conteúdo, independente do seu nível de formação. O que vemos no discurso desse professor é a materialização do imaginário social de como deve ser o profissional de educação que leciona, conforme ratifica Hoff (2001, p. 89, grifos da autora):

> As instâncias formadoras, segundo Nóvoa (1992), sempre tiveram um papel legitimador de um saber que veicula uma concepção de formação centrada na propagação e na transmissão de conhecimentos e são entendidas, historicamente, como o "lugar do progresso", o que gerou uma visão sublimada da escola – ora vista como salvadora, ora como mera reprodutora da sociedade – e contribuiu para que os professores acreditassem que a eles "estava cometida a missão de arautos do progresso" (Nóvoa, 1998, p. 20). Isso gerou, também, diferentes imagens acerca do professor, que foram se instituindo no imaginário social: a do "professor-modelo", a do "professor-escultor", a do "professor-salvador", a do "professor-espelho", a de que o "professor sabe tudo". Essas imagens levaram à desconsideração do professor enquanto sujeito de seu fazer: seu fazer era pensado por outros, o que o reduzia a um mero aplicador de métodos.

Nessa citação de Hoff (2001), podemos ver o quanto a monovalência do signo "saber" pode prejudicar a prática docente, pois dá ao professor o protagonismo da atividade e o faz sentir-se menor, enquanto profissional – "[...] na minha cabeça, *eu acho que eu deveria saber e não sei*." (77- P2) –, por não ter acesso imediato a um determinado saber. Tal imposição social, certamente, perturba o exercício profissional pleno desse sujeito.

Além disso, as *vozes sociais*, que se manifestam sociologicamente pela linguagem, relacionam-se com o trabalhador e com a sua visão do trabalho realizado. Como destaca Bakhtin (2015b. p. 43) "a dialogicidade da linguagem [é] condicionada pela luta entre pontos de vista sociolinguísticos, e não pela luta intralinguística de vontades individuais ou por contradições lógicas". Assim, os nossos diferentes pontos de vista e as nossas noções de valores correspondem às vozes socio-históricas que dialogam nas diversas esferas da atividade humana e que, por sua vez, influenciam a relação do trabalhador com o trabalho, não apenas no mundo concreto, mas também na relação consigo mesmo. Isso acontece porque, de acordo com Bakhtin (2015b, p.49), o "enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica [...]".

Sobre a resposta apresentada por P2, percebemos que o professor, por não saber responder a uma pergunta, acredita perder a confiança de seus alunos. Destacamos que para expressar tal discurso, o protagonista posiciona-se no papel de aluno para julgar o trabalho que ele, professor, realiza. Dito de outro modo: o protagonista projeta-se como aluno para que, a partir de um outro papel

[14] Em sua obra, este autor emprega a forma *heteroglossia* para referir-se a heterodiscurso.

social, e munido de todos os discursos que esse papel dispõe, ele possa avaliar o trabalho do professor, enunciando o que, segundo ele, o aluno diria *"por que eu estou assistindo aula com um professor que não sabe?"* (77- P2).

Ainda nessa legitimação do saber pelo professor, chamamos atenção para o turno 73 de P1, em que o professor, ao sentir-se constrangido pelos alunos, tenta cercear a situação de conflito, instaurada pelos alunos, que poria em xeque a sua competência enquanto profissional. Nossa análise é ratificada por Hoff (2001, p. 97), que observa: "[...] no imaginário social, foi se construindo uma imagem de professor como dono do saber- competência autorizada -, sendo que ele foi formado, ou é, para não ter dúvidas. Para corresponder a esse modelo, quando as dúvidas surgem, o professor procura cerceá-las".

Bakhtin (2015a) propõe uma reflexão sobre o que é efetivamente "nosso" e do "outro" nos enunciados que produzimos. Para o autor, "[...] as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, se tornam bivocais" (BAKHTIN, 2015a, p. 223).

Uma vez apresentado o excerto da pesquisa de Lopes (2017) com sua respectiva análise, procedemos, a seguir, à análise do excerto da pesquisa de Moraes (2013):

Descrição da cena da professora G: Há sete alunos na sala, sentados. A professora distribui umas folhas para eles. A cena avança para o momento em que a professora explica o que é o material que ela entregou – uma música – e explica por que ela a escolheu.
Legenda: Numeração (turno de fala dos participantes) – G (protagonista da Atividade)
217 G: Pronto. Quando eu vi essa sequência, sempre antes de apresentar uma música, eu coloco porque eu escolhi essa música. Porque vai trabalhar, pelo que a gente trabalhou, tem que ser uma música que se encaixe. Até na outra turma tinha uma menina que sempre "ah, mas eu gosto da música tal", mas a situação não é só pra gente aproveitar a música, né, é pra gente trabalhar o que foi visto e o que a gente vai ver. Então, sempre antes de passar uma música, se for um material complementar, eu coloco o motivo de ter escolhido aquela música. É porque uma vez me disseram "a senhora não gosta da cantora tal, que eu gosto?". Mas é por causa do conteúdo.

Quadro 2: Sequência 2
Fonte: Moraes (2013)

No excerto acima (sequência 2), também podemos evidenciar a voz do aluno presente no discurso da professora autoconfrontada. Ao descrever sua atividade, a protagonista retoma o discurso de uma aluna: *"ah, mas eu gosto da música tal"*; *"a senhora não gosta da cantora tal, que eu gosto?"* (217 G).

Assim como no excerto da sequência 1, destacamos que a voz do aluno aparece com uma certa evidência no discurso da professora durante a análise da atividade. Acreditamos que esta é uma marca da justa importância que a professora atribui ao papel do aluno em sala de aula. De fato, é nessa relação de forças em sala de aula que o professor realiza sua atividade. Assim sendo, é lógico que o discurso da professora seja atravessado pela voz do aluno, além de outras vozes sociais. De acordo com Hoff (2001),"[a] historicidade da microfísica da formação [...] constituiu-se e constitui o professor em diferentes imagens e posições, e mostra que o sujeito, atravessado por uma multiplicidade de vozes, ocupa várias posições *ao falar de sua prática* [...]"(HOFF, p. 95, grifos da autora).

Algo que também nos chama atenção nesse trecho se refere à polarização das vozes, ainda que haja a intenção de desconstruir o estilo formal do gênero aula, quando a professora traz uma música como recurso de aprendizado. Essa formalidade é apenas ressignificada, pois o que impera é o agir e o poder do professor em sala de aula em detrimento da posição do aluno. Ademais, reiteramos que o heterodiscurso também nos mostra esse embate de vozes, ainda que, de modo sucinto, seja através da materialidade discursiva que essas relações de poder são mais visíveis para nós.

> Ao vermos que a relação de poder na sala de aula faz parte de uma rede de relações socialmente constituídas e que a compreensão desta rede exige um entendimento da relação que os micro-poderes estabelecem entre si, entendemos que a transformação da relação de poder na sala de aula não passa apenas pelo estudo

> individualizado desta, mas sim pela sua colocação dentro da rede de relações de poder na sociedade, ou seja, observando-se a relação que esta estabelece com os outros micro-poderes. (NÓBREGA, 2001, p. 83)

Diante da fala da professora, e observando as relações de poder que estão naturalizadas entre professores e alunos, o questionamento que insurge em nós é o seguinte: não seria possível construir um saber plural, em que a música, os artistas e as questões culturais que atraem os alunos também poderiam ser utilizados como formas de ensinar língua estrangeira em consonância com o conteúdo explorado pelo professor? Essas relações de poder materializadas via discurso podem ser abrandadas. Acreditamos que a construção do saber plural na formação do *métier* docente, além de atenuar a voz do professor que, às vezes, tenta monologizar e estruturar o saber em sala de aula, possibilita o diálogo entre diversas vozes, oriundas de diferentes horizontes sociais, e essas, por sua vez, evocam as demandas da vida social. Seja pela história, pela cultura, pela política etc., o aluno que tem acesso a conhecimentos que permeiam a vida, através do uso da linguagem, têm a possibilidade de vivenciar a práxis da LE.

Para Volóchinov (2017, p. 220, grifos do autor) *"a língua vive e se forma historicamente [...] na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua [...]".* Portanto, as formas de comunicação concreta consideram os sujeitos que enunciam, os aspectos históricos e os culturais. Ou seja, numa perspectiva dialógica para o ensino de línguas, não somente a inserção de questões linguísticas, mas também dos saberes plurais, em sala de aula, possibilita que o aluno vivencie a realidade concreta de uso da língua. Em nossas análises observamos que essas práticas não-convencionais de ensino de LE estão materializadas discursivamente nos enunciados proferidos pelos professores e são efetivadas em seu *métier*, embora, nem sempre estejam alinhadas às expectativas dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, foi possível observar que a Linguística Aplicada, juntamente com outras áreas do saber, tendo em vista seu caráter interdisciplinar, tem auxiliado na produção de estudos que enfocam a relação entre o professor e a sua atividade, através de uma análise do discurso do trabalhador sobre o seu fazer, oportunizando, assim, um novo olhar sobre o trabalho e o papel do professor. Esse fato reforça nossa afirmação de que a Linguística Aplicada vem ampliando, diariamente, o seu campo de alcance.

Os aportes trazidos pela Linguística Aplicada em diálogo com aqueles trazidos pelas ciências do trabalho permitem que a linguagem seja um fio condutor nas análises do trabalho do professor, viabilizando as trocas linguageiras que são efetivamente canais de acesso ao real da atividade docente, e, possivelmente, à transformação no meio profissional. Seguindo essa linha de pensamento, importa para nós apontar o valor do quadro metodológico da autoconfrontação, por ser um dispositivo propiciador de todo um movimento dialógico que se estabelece quando o profissional se depara com sua própria atividade e/ou com a de seu(s) par(es). Esse movimento dialógico, por sua vez, como bem preconiza Clot e Faïta (2000), favorece um desenvolvimento discursivo pelo qual a atividade pode ser revelada, retrabalhada, por conseguinte, transformada.

No entanto, embora tenhamos aqui trazido para as nossas análises situações de autoconfrontações nas quais identificamos os fenômenos discursivos que constituem o heterodiscurso, temos ciência de que o processo metodológico da autoconfrontação não detém o privilégio exclusivo das relações dialógicas estabelecidas pelo heterodiscurso, uma vez que este pode ser identificado em diversos outros contextos das interações humanas.

Pelas análises realizadas, verificamos como as marcas linguístico-discursivas de heterodiscurso se materializam nos enunciados proferidos por professores em situação de autoconfrontação. Essas marcas foram encontradas por meio do embate interno das vozes que os sujeitos carregam em si. Essas vozes, que, por vezes, são dissonantes entre si, constituem o sujeito enquanto profissional.

Embora não haja um sujeito físico "dono das vozes" consideradas por nós homogêneas, a territorialidade dessas é muito bem delineada nos enunciados proferidos por esses sujeitos em situação de autoconfrontação. Ainda que haja traços discursivos, que buscam romper com práticas hegemônicas, as vozes cristalizadas são as que determinam como deve ser o trabalho docente e estão presentes no discurso desses professores de modo bem proeminente.

Em destaque, vemos como a formação docente ainda é permeada pelo imaginário social do professor como "dono do saber" e como o único protagonista da sala de aula. Observamos que, tanto no discurso do professor da sequência 1 quanto no da professora da sequência 2, as vozes hegemônicas são fortes e determinantes de como deve ser o agir docente. Percebemos também que tanto as vozes sociais alheias ao professor como a voz do aluno entram em conflito com a formação docente, devido à não equipolência dessas vozes, à heterogeneidade e, ainda, ao fato de essas vozes duelarem entre si e buscarem, de algum modo, estabilizar os significados.

Desse modo, reconhecemos que, em seu trabalho, o professor é também constituído pelo atravessamento dessas inúmeras vozes sociais (marcas de heterodiscurso). A identificação dessas marcas só nos foi possível porque a autoconfrontação faz essas vozes aflorarem, através da produção discursiva dos enunciados, do reconhecimento das relações de poder e do discernimento de como o sujeito é afetado e afeta as relações sociais das quais ele faz parte. Tais aspectos translinguísticos nos permitiram rastrear essas híbridas vozes que fazem parte da formação profissional do professor.

REFERÊNCIAS

AMIGUES, R. Pour une approche ergonomique de l'activité enseignante. *Skholê*, hors-série 1, p. 5-16, 2003. Disponível em: http://sites.univprovence.fr /ergolog/Bibliotheque/Divers /Amigues_approche_ergonomique.pdf. Acesso em: 26 jun. 2016.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin:* outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-114.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance II*: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I:* a estilística. Tradução do russo, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015b.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORER, V. *et al*. Introduction. Analyser le travail pour former les professionnels de l'éducation ? *In*: BORER, V. *et al.* Analyse du travail et formation dans les métiers de l'éducation. *Raisons éducatives*, 2015. p. 7-29.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 6, p. 268-280, ago./dez. 2011.

CLOT, Y. Théorie en clinique de l'activité. *In* : MAGGI, B. (dir.). *Interpréter l'agir :* un défi théorique. Paris: Presses Universitaires de France, 2011. p. 17-39

CLOT, Y. *Trabalho e poder de agir*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte, Fabrefactum, 2010.

CLOT, Y. *A Função Psicológica do Trabalho*. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CLOT, Y. Entrevista. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 9, n. 2, p. 99-107, 2006.

CLOT, Y. Clínica do trabalho, clínica do real. Tradução de Kátia Sotorum e Suyanna Barker. *Le journal des psychologues*, n. 185, 2001. Não paginado. Disponível em: http://www.pqv.unifesp.br/clotClindotrab-tradkslb.pdf. Acesso em: 12 jul. 2017.

CLOT, Y; FAÏTA, D. Genres et styles en analyse du travail: concepts et méthodes, *Travailler*, v. 4, p. 7-42, 2000.

CLOT, Y. FAÏTA, D. Gênero e estilos em análise do trabalho: Conceitos e métodos. Tradução Rozania Moraes e Aline Farias. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 33-60, maio/ago. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9555/6806. Acesso em 23 abr. 2020.

CUQ, J.; GRUCA, I. *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde.* Saint Matin d'Hères: PUG, 2002.

FAÏTA, D. Mondes du travail et pratiques langagières. *Langages. Parole(s) ouvrière(s)*, v. 24, n. 93, p. 110-123, 1989. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1989_num_24_93_1541. Acesso em: 1 jun. 2020.

FAÏTA, D.; SAUJAT, F. Développer l'activité des enseignants pour comprendre et transformer leur travail: Un cadre théorique et méthodologique. *In:* SAUSSEZ, F.; YVON, F. (ed.). *Analyser l'activité enseignante*: des outils méthodologiques et théoriques pour l'intervention et la formation. Québec: Presses de l'Université de Laval, 2010, p. 41-62.

FAÏTA, D.; VIEIRA, M. Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontations croisée, *D.E.L.T.A.,* v.19, n.1, p. 123-154, 2003.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento de Bakhtin e seus pares. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo*: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARIAS, A. L. G. *Análise de diálogos de autoconfrontação*: relações dialógicas e transformação na atividade linguageira de professores estagiários de francês sobre sua atividade docente. 2016. 446 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GIMENEZ, T. N. Desafios na formação reflexiva de professores de línguas estrangeiras. *In:* OLIVEIRA, S. E.; SANTOS, J. F. (org.). *Mosaico de Linguagens.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 79-89.

HOFF, B. M. E. O dizer da prática do sujeito-professor. *In*: CORACINI, M. J.,; PEREIRA, A. E (org.). *Discurso e sociedade:* práticas em análise do discurso. Pelotas: EDUCAT, 2001. p. 87-102.

LOPES, W. B. *Prescrições e instrumentos na aula de civilização:* análise da atividade docente de estagiários de FLE. 2017. 260 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica – interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? *In*: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade.* São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 101-114.

MORAES, R. M. A. *Análise da atividade de professores de francês e elaboração de uma estratégia e de uma engenharia de formação profissional contínua*: uma experiência na Universidade Estadual do Ceará. Projeto de pesquisa, Universidade Estadual do Ceará. 2013.

NÓBREGA, M. Professor: lugar de poder. *In*: CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. *Discurso e sociedade:* práticas em análise do discurso. Pelotas: EDUCAT, 2001. p. 65- 86.

RAJAGOPALAN, K. O ensino de Línguas como parte da macro-política linguística. *In*: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de; CARVALHO, A. M. (org.). *Linguística Aplicada e ensino*: Língua e Literatura. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 47-73.

RENFREW, A. *Mikhail Bakhtin*. Tradução Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2017.

SANDRÉ, M. *Analyser les discours oraux.* Paris: Armand Colin, 2013.

SAUJAT, F. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. *In*: MACHADO, Anna. R. (org.). *O ensino como trabalho:* uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 5-34.

SANTOS, I.X. *De dentro para fora*: um olhar bakhtiniano sobre a representação da face discursiva da pessoa com Síndrome de Down na exposição Inside Out. 2018. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2018.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.169-190.

SIPRIANO, B. F. *Popular e tradição na esfera artístico-musical:* uma análise dialógica sobre heterodiscurso e processos de construção de sentidos a partir da obra de João do Vale. 2019. 319 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2019.

STELLA, P. R. Palavra. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin:* conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 177-190.

VIEIRA, M.; FAÏTA, D. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. *Polifonia,* Cuiabá, n. 7, p. 27-67, 2003.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 08/12/2020. Aceito em 24/07/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e80564

LETRAMENTO CRÍTICO E TEORIA SOCIO-HISTÓRICO E CULTURAL: APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

LITERACIDAD CRÍTICA Y TEORÍA SOCIO-HISTÓRICO Y CULTURAL: APROXIMACIONES Y REFLEXIONES SOBRE DESARROLLO Y CONSTITUICIÓN DEL SUJETO

CRITICAL LITERACY AND SOCIO-HISTORICAL AND CULTURAL THEORY: APPROACHES AND REFLECTIONS ON DEVELOPMENT AND CONSTITUTION OF THE SUBJECT

André Effgen de Aguiar*
Instituto Federal do Espírito Santo | PUC-SP

RESUMO: Este artigo pretende buscar aproximações entre a Teoria Socio-Histórico e Cultural (VYGOTSKY, 2007 [1934]; LURIA, 1988, 2012; MOLON, 2011) e a Teoria dos Letramentos (KLEIMAN, 1995, 2006; ROJO, 2009; SOARES, 2003; STREET, 2003, 2014; GEE, 1991, 2000), com ênfase no Letramento Crítico (CASSANY; CASTELLÀ, 2010; CARBONIERI, 2016; MENEZES DE SOUZA, 2011; JANKS, 2016; JORDÃO, 2016). Por meio dessas aproximações, refletimos sobre conceitos vygotiskianos como aprendizagem, desenvolvimento e constituição do sujeito, percebendo possíveis pontos de conexão entre as teorias e, a partir dos pontos de interseção encontrados e embasados nos princípios do Letramento Crítico, apontamos mais um caminho para o ensino de línguas: a promoção do entendimento crítico e consciente da nossa constituição plural e sócio-histórica, no intuito de evitar a propagação e perpetuação de discursos hegemônicos, estruturalistas e coloniais, diminuindo, assim, preconceitos e violência em nossa sociedade.
PALAVRAS-CHAVE: Teoria socio-histórico e cultural. Novos Estudos do Letramento. Letramento Crítico. Constituição do Sujeito.

RESUMEN: En este artículo buscamos aproximaciones entre la Teoría Socio-Histórico y Cultural (VYGOTSKY, 2007 [1934]; LURIA, 1988, 2012; MOLON, 2011) y la teoría de la Literacidad (KLEIMAN, 1995, 2006; ROJO, 2009; SOARES, 2003; STREET, 2003, 2014; GEE, 1991, 2000), con énfasis en la Literacidad Crítica (CASSANY; CASTELLÀ, 2010; CARBONIERI, 2016; MENEZES

*Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Membro do Grupo de Pesquisa Inclusão Linguística em Cenários de Atividades Educacionais (ILCAE/PUC-SP). E-mail: aeffgen@gmail.com.

DE SOUZA, 2011; JANKS, 2016; JORDÃO, 2016). Por medio de esas aproximaciones, reflejamos sobre conceptos vygotiskianos como el aprendizaje, desarrollo y constitución del sujeto, percatándonos de posibles puntos de conexión entre las teorías y, partiendo de los puntos de intersección encontrados y basados en los principios de la Literacidad Crítica, señalamos más un camino para la enseñanza de lenguas: la promoción del entendimiento crítico y consciente de nuestra constitución plural y socio-histórica, objetivando la no propagación de discursos hegemónicos, estructuralistas y coloniales, disminuyendo, así, prejuicios y violencia en nuestra sociedad.
PALABRAS-CLAVE: Teoría socio-histórica y cultural. Nuevos Estudios de la Literacidad; Literacidad Crítica. Constitución del sujeto.

ABSTRACT: This article intends to search for approximations between the Socio-Historical and Cultural Theory (VYGOTSKY, 2007 [1934]; LURIA, 1988, 2012; MOLON, 2011) and the Theory of Literacies (KLEIMAN, 1995, 2006; ROJO, 2009; SOARES, 2003; STREET, 2003, 2014; GEE, 1991, 2000), with an emphasis on Critical Literacy (CASSANY; CASTELLÀ, 2010; CARBONIERI, 2016; MENEZES DE SOUZA, 2011; JANKS, 2016; JORDÃO, 2016). Through these approaches, we reflect on Vygotiskyan concepts such as learning, development and constitution of the subject, realizing possible points of connection between theories and, from the points of intersection found and based on the principles of Critical Literacy, we point out another path for teaching of languages: promoting a critical and conscious understanding of our plural and socio-historical constitution, in order to avoid the propagation and perpetuation of hegemonic, structuralist and colonial discourses, thus reducing prejudices and violence in our society.
KEYWORDS: Socio-historical and cultural theory. New Literacy Studies. Critical Literacy. Constitution of the Subject.

1 INTRODUÇÃO

Refletir, pensar, repensar as práticas de uso da linguagem tem sido uma missão encarada por vários pesquisadores. O que propomos neste artigo não foge a essa regra: pretendemos aqui levantar considerações acerca do trabalho com a linguagem, fundamentado a partir dos preceitos dos Letramentos Críticos (LC) e, ao mesmo tempo, tentar estabelecer diálogo dessa filosofia educacional (DUBOC, 2014) com a Teoria Socio-Histórico e Cultural – TSHC – (VYGOTSKY, 2007 [1934]; VYGOTSKY; LEONTIEV; LURIA, 2016), apontando que aspectos históricos, culturais e sociais, de forma dialética, constituem o ser humano.

Inicialmente, discutimos o desenvolvimento da teoria do Letramento, dando ênfase ao que chamamos de virada social (GEE, 2000), momento em que estudiosos de todo mundo passam a enfocar o letramento na observação das práticas sociais de leitura e escrita. Tal observação dá origem aos Novos Estudos do Letramento, quando o estudo dos aspectos cognitivos passa a dar espaço para discussões mais ancoradas no aspecto social do letramento.

Em seguida, refletimos sobre a perspectiva de ensino do Letramento Crítico, demonstrando sua origem e discutindo, com o auxílio de outros pesquisadores, sua aproximação com o que defende a Teoria Socio-Histórico e Cultural, doravante TSHC. Fazemos todo esse trajeto no intuito de sugerir mais um objetivo para o trabalho com o Letramento Crítico: o entendimento crítico e consciente de nossa constituição sócio-histórica, plural e multifacetada e os desdobramentos sociais que essa percepção pode trazer.

2 NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO: VIRADA SOCIAL E O PENSAMENTO SOCIO-HISTÓRICO

Comecemos então a destrinchar essa ideia discutindo como o conceito de Letramento pode aproximar-se da TSHC. Tentar definir Letramento pode ser uma tarefa inglória, pois ao analisarmos os estudos que dialogam sobre essa perspectiva teórica, vamos encontrar um emaranhado de concepções e conceitos que, se observados de maneira isolada, podem nos levar a pensar que os estudos em torno do Letramento ora se constituem como epistemologias distintas entre si, ora parecem fazer parte de uma única teoria.

Partindo de uma concepção mais genérica, podemos pensar que os estudos do Letramento se preocupam fundamentalmente com investigações sobre a escrita, seus usos, suas funções e seus efeitos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade (cf. KLEIMAN,

1995, 2005, 2006; ROJO, 2009; SOARES, 2003). Observando desse prisma amplo e geral, percebemos que o Letramento hoje é pensado como um fenômeno social complexo e heterogêneo.

Desse modo, estudar o Letramento como fenômeno social implica vencer a dicotomia alfabetizado x analfabeto ou letrado x não-letrado, fazendo com que a contraposição desses pares passe a ser vista apenas como uma questão constituinte de um tipo de letramento – o letramento escolar[1] (KLEIMAN, 2005; ROJO, 2009) – imerso num mar de muitos outros Letramentos. Essa multiplicidade de outros Letramentos (Letramento Digital, Letramento Visual, Letramento Racial, Letramento Acadêmico, Letramento Cartográfico, Letramento Matemático, Letramento Queer, Letramento Crítico, entre outros) passa a existir a partir do momento em que se leva em consideração a heterogeneidade dos modos pelos quais os sujeitos se apropriam da leitura e da escrita em sociedade (ROJO, 2009), situando-as em seus contextos sociais. Nessa perspectiva, torna-se fundamental reconhecer que não existe apenas um letramento, mas sim letramentos (STREET, 2014; ROJO, 2009; GEE, 2000).

Esse pensamento plural e multifacetado do Letramento tem suas bases nos **Novos Estudos do Letramento**, criado por Gee (1991 apud STREET, 2003) quando o pesquisador passa a considerar, na década de 1980, no Brasil, Estados Unidos e Reino Unido, estudos que discutiam muito mais o lado social do letramento do que seu lado cognitivo (STREET, 2003, p.77). Para Street (2003), os NLS podem ser vistos como

> [...] uma nova perspectiva em considerar a natureza do letramento, focando não tanto na aquisição de habilidades, como nas abordagens dominantes, mas sim no que significa pensar o letramento como uma prática social (Street, 1985). Isso implica o reconhecimento de letramentos múltiplos, variando de acordo com o tempo e o espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas. Os NLS, então, não tomam nada como certo em relação ao letramento e às práticas sociais com as quais ele se associa, problematizando o que conta como letramento em tempo e lugares específicos e perguntando "quais letramentos" são dominantes e quais são marginalizadas ou resistentes. (STREET, 2003, p.77, tradução nossa)

Essa ideia de "novo" está no seio do que Gee (2000) denominou de *virada social*, que, na área dos Estudos do letramento, representou uma mudança paradigmática, pois deixa-se de focar os estudos na mente do indivíduo (aspecto cognitivo) e passa-se a considerar a leitura e a escrita a partir do contexto das práticas sociais e culturais (históricas, políticas e econômicas).

Poderíamos continuar avançando aqui nos Estudos do letramento e discutir conceitos como letramento autônomo e letramento ideológico (STREET [1995] 2014, 2003), práticas de letramento (BARTON, 1993), eventos de letramento (HEATH, 1982; KLEIMAN 1995, 2008), a concepção do termo Multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000, 2009; ROJO, 2009), contudo, como afirmamos anteriormente, acreditamos que todos esses conceitos surgidos a partir do desenvolvimento da teoria, trazem em seu cerne o aspecto social, histórico e cultural, observado por Gee (1991) quando pensa os Novos Estudos do Letramento a partir das práticas sociais. De acordo com Kleiman (2008, p. 490, ênfases adicionadas), "[...] na perspectiva dos Estudos do Letramento[2], não há apenas uma forma de usar a língua escrita – a reconhecida e legitimada pelas instituições poderosas, à qual poucos têm acesso –, mas há múltiplas formas de usá-la, em práticas diversas que são *sociocultural e historicamente* determinadas".

[1] De acordo com Rojo (2009) a alfabetização, enquanto processo de aprender a ler e escrever, de dominar o código, que leva o aluno a conhecer o alfabeto é uma típica prática de Letramento Escolar. Nessa mesma perspectiva, Kleiman (2005, p.10) afirma que "[...] quaisquer dos enfoques e recursos utilizados para ensinar a decodificar, analisar e reconhecer a palavra (que correspondem aos métodos tradicionais de alfabetização) também podem ser consideradas como práticas de Letramento Escolar". Isso nos faz contestar a falaciosa contraposição Alfabetização x Letramento, pois entendemos que os dois processos são faces de um mesmo movimento. Podemos afirmar que mesmo sem dominar o código todos possuem uma condição de letrados, contudo, por meio da alfabetização, o indivíduo pode ter acesso a tipos mais privilegiados de Letramento, saindo de uma posição marginalizada para uma mais autônoma na vida em sociedade, podendo participar das mais variadas práticas de letramento existentes em diferentes instituições.

[2] Em seu artigo "Estudos do Letramento e formação do professor de língua materna" Kleiman (2008) discute o uso do adjetivo "novo" em Novos Estudos do Letramento, asseverando que no português do Brasil não cabe o uso de tal adjetivo, defendendo o uso do termo Estudos do Letramento, já que nos países de língua inglesa, o termo 'literacy' (que hoje devemos traduzir por alfabetização ou letramento, dependendo do contexto) foi mantido pelos pesquisadores que começaram a considerar os aspectos sociais do uso da língua escrita e, face à necessidade de distinguir essa nova perspectiva dos estudos sem a perspectiva social, eles recorreram ao adjetivo 'novos': daí New Studies of Literacy. No Brasil, um novo termo foi cunhado — letramento — pelos pesquisadores que queriam diferenciar os usos da língua escrita na vida social da alfabetização e, assim, os dois termos foram mantidos. Em nosso país, portanto, todos os estudos do letramento são novos, datando apenas da década de 90.

Cremos que esse seja um ponto de interseção primordial entre os estudos do letramento e a TSHC. Podemos afirmar que quando acontece a virada nos estudos do letramento, dando conta de sua multiplicidade, dando importância à cultura dos grupos sociais e à análise de práticas sociais, observamos um forte viés sócio-histórico e cultural sendo incorporado aos Estudos do letramento.

Nessa perspectiva, o entendimento da sociedade, do humano e suas relações passou a ser compreendido por meio das ações dos sujeitos, com base em suas experiências e vivências. A aprendizagem, na perspectiva do letramento, ocorre pela participação em práticas e eventos de letramento, que nada mais são do que trocas de relações históricas e multiculturais no âmago de nossa sociedade, fazendo com que o indivíduo aprenda e se desenvolva por meio das relações, por intercâmbio de experiências.
Julgamos relevante para a conexão que propomos refletir sobre os conceitos de práticas e eventos de letramento, pois, a nosso ver, são conceitos que nos auxiliam a entender a articulação entre história, cultura e práticas sociais e perceber como nos organizamos em sociedade, propiciando vivências e trocas de experiências, impulsionando nosso desenvolvimento enquanto seres sociais.
Um *evento de letramento*, nas palavras de Heath (2003, p. 93) seria "[...] qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação". Isto quer dizer que o letramento está imbricado nas atividades diárias das pessoas, porque se trata de um fenômeno que é exercido em diferentes locais e de diferentes maneiras pela sociedade.

Já a *prática de letramento* é mais abrangente que o evento de letramento, encapsulando-o. Pode ser definida como uma concepção cultural mais ampla de formas de pensar e realizar a leitura e a escrita em contextos culturais (STREET, 2003, p.79). Dessa forma, enquanto os eventos de letramento designam as atividades particulares em que a leitura e a escrita têm um papel integral, as práticas de letramento designam tanto os comportamentos exercidos pelos participantes num evento de letramento quanto as concepções sociais e culturais que o configuram, determinam sua interpretação e dão sentido aos usos da leitura e/ou escrita naquela situação particular (TERRA, 2013, p.48). Ressaltamos que tais conceitos não devem ser vistos de maneira dissociada, pois são duas faces de uma só realidade (STREET, 2003), ou seja, são conceitos interligados, podendo ser esquematizados da seguinte forma:



Esquema 1: Dialética entre Práticas e Eventos de Letramento
Fonte: Adaptado de Bevilaqua (2013)

Observando o esquema acima, pensamos que é na dialética entre práticas e eventos de letramentos que a sociedade se organiza e busca maneiras de transmitir as experiências e conhecimentos produzidos, proporcionando aprendizagens a partir de vivências e das relações com os outros.

Na perspectiva da TSHC, a aprendizagem sempre ocorre em um contexto social, junto com outros, ou seja, ela é essencialmente social (NEWMAN; HOLZMAN, 2002). Para Vygotsky, a aprendizagem acontece em uma relação dialética entre o sujeito e a

sociedade ao seu redor, ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Desse modo, o sujeito não é apenas ativo, mas também interativo, pois adquire conhecimentos a partir das relações intra e interpessoais, ou seja, é na troca com os outros sujeitos que o conhecimento e as funções sociais são assimilados. Coadunando com essa visão, Luria (1988, p.25) afirma que "[...] influenciado por Marx, Vygotsky concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto do seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação desse meio".

Assim, vale destacar que para Vygotsky (2007), o desenvolvimento do indivíduo é um processo construído nas e pelas interações que esse indivíduo estabelece no contexto histórico e cultural em que está inserido. O aprendizado ocorre a partir de um intenso processo de interação social e "[...] desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança" (VYGOTSKY, 2007, p. 103).

Dessa maneira, entendemos que é a partir da inserção na cultura que o indivíduo se desenvolve, uma vez que as interações sociais são responsáveis pela apropriação do conhecimento construído ao longo da história. Pela perspectiva socio-histórico e cultural, o desenvolvimento está ligado a processos de mudanças e de transformações que ocorrem ao longo da vida do sujeito e em cada uma das múltiplas dimensões de seu funcionamento psicológico. Como tal, o desenvolvimento é percebido de forma entrelaçada às práticas culturais e educativas e inclui, necessariamente, o processo de aprendizagem. Assim, podemos entender que desenvolvimento e aprendizagem dizem respeito às experiências do sujeito no mundo com base nas interações, assumindo o pressuposto da natureza social do desenvolvimento e do conhecimento especificamente humano.

Sintetizando, podemos considerar que a concepção de aprendizagem e desenvolvimento vygotiskiana vai ao encontro do que preconizam os Novos Estudos do Letramento em relação a considerar a leitura e a escrita a partir do contexto das práticas sociais e culturais. Logo, nos parece, então, que os Novos Estudos do Letramento trazem em seu cerne uma vertente socio-histórico e cultural, já que por meio da dialética entre as práticas e os eventos de letramento os sujeitos se apropriam de conhecimentos sobre ser e estar no mundo, colocando em cena as práticas sociais construídas de maneira cultural e histórica pelas comunidades, fazendo com que, ao entrar nesse jogo, os indivíduos apreendam a formação social, a história e a cultura de seus grupos, como meio de registrar e/ou disseminar o conhecimento por eles produzido.

3 TSHC E LETRAMENTO CRÍTICO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO COMO MAIS UM PONTO DE CONEXÃO

Ao apresentarmos o caráter multifacetado dos Letramentos, ideia advinda dos Novos Estudos do Letramento, e ensaiarmos uma das aproximações possíveis com a TSHC, a intenção desta seção é navegar nesse "mar de letramentos" e enfocar uma de suas faces: o Letramento Crítico (LC), discutindo como essa perspectiva pode se vincular à TSHC.

Partimos aqui de uma visão de Letramento Crítico que pensa a formação do sujeito como cidadão que tem potencial para tornar-se agente em um mundo mais justo, por meio da crítica aos atuais problemas políticos e sociais mediante a questionamentos das desigualdades, com incentivo de ações que visem mudanças e soluções pautadas na justiça e na igualdade.

Nessa perspectiva, o que seria ser crítico? Na visão de Cassany e Castellà (2010, p. 357) o conceito moderno de crítico se deve aos filósofos da Escola de Frankfurt que pensam a ideia de criticidade como uma ação do sujeito que "[...] desenvolve uma atitude de revisão, discussão e reformulação das situações sociais, aceitas, comumente, sem nenhuma reflexão".
Outra visão de ser crítico vem de Luke (2004, p.21) ao afirmar que "[...] o que tem contado como crítico recentemente focaliza como as pessoas usam textos e discursos para construir e negociar identidades, poder e o capital". Já para Lankshear e MacLaren (1993, p.38), o ser crítico está ligado a uma busca "consciente guiada pela intenção de mudar a compreensão [que temos] do mundo e, no mesmo processo, mudar o próprio mundo que habitamos e estamos tentando entender".

Expandindo esse conceito, temos a proposta pós-estruturalista de Pennycook (2010) que defende que ser crítico significa reconhecer a existência de outras vozes no mundo que são marginalizadas em detrimento de uma centralização que considera alguns saberes superiores a outros. Ser crítico significa uma forma de problematizar a prática pós-moderna, que percebe o poder operando nas relações micro e macro, questionando o naturalizado e se fundamentando em princípios éticos de cuidado com o outro.

Ainda na tentativa de construir o conceito de LC e buscar possíveis relações com a TSHC, percebemos que a própria constituição dos princípios do LC, assim como os Novos Estudos do Letramento, também é plural e multifacetada, pois, para chegarmos a definições que temos hoje, muitas teorias e conceitos foram, historicamente e epistemologicamente, colocados em uma relação dialógico-dialética. Para melhor exemplificar, Cassany e Castellà (2010) esboçaram um esquema que tenta explicar a confluência de teorias que formam o pensamento do LC:



Esquema 2: Mapa de raízes do Letramento Crítico

Fonte: Traduzido de Cassany e Castellá (2010)

O diálogo de todas essas bases filosóficas nos permite, hoje, ter uma visão transdisciplinar do que entendemos sobre Letramento Crítico. Ademais, podemos observar que todas essas perspectivas teóricas que foram sendo postas em discussão apontam para uma mesma direção: uma visão social da escrita e do humano e, para além disso, a não passividade deste perante os discursos.

Pensamos que essa seja a tônica do LC: a partir da conscientização[3] crítica, levar os indivíduos à ação, à contestação, à problematização e à desnaturalização de discursos que tentam perpetuar estruturas de poder e formas de discriminação e desigualdades sociais. Para Cervetti, Pardales e Damico (2001), é por meio da consciência crítica que os indivíduos devem se reconhecer e se sentir dispostos a refazer suas próprias identidades e realidades sociopolíticas através de seus próprios processos de construção de significado e de suas ações no mundo.

[3] Nos referimos a conscientização aqui nos termos de Freire (2006), que a define como um esforço crítico de compreensão consciente do mundo sócio-histórico e sua relação com a leitura e a construção do conhecimento através de um entendimento da linguagem e os processos de formação de significação (2006, p.247-248)

Uma definição, bem completa, a nosso ver, do que seria LC vem de Carbonieri (2016) quando afirma que

> [...] o letramento crítico nos ajuda a examinar e combater visões estereotipadas e preconceituosas que, porventura, surjam nas interações em sala de aula e fora dela. É uma perspectiva educacional que tem como propósito instigar o indivíduo a repensar sua realidade, auxiliando-o a *tornar-se mais consciente e autônomo para transformá-lo, se assim o decidir*. O letramento crítico *interroga as relações de poder, os discursos, ideologias e identidades estabilizados, ou seja, tidos como seguros e inatacáveis*. Proporciona meios para que o indivíduo questione sua própria visão de mundo, seu lugar nas relações de poder estabelecidas e *as identidades que assume*. Alicerça-se no *desafio incansável à desigualdade e à opressão em todos os níveis sociais e culturais.* (CARBONIERI, 2016, p. 133, ênfases adicionadas)

A partir dessa conceituação e de muitas outras apresentadas por diferentes teóricos, percebemos que um dos propósitos do trabalho com o LC é a luta contra opressão, o desafio constante das relações de poder e a busca por igualdade social. Vemos, nesse pressuposto, uma forte conexão com os ideais vygotiskianos quando da criação de seu método e de sua teoria, que até hoje servem ao desenvolvimento de teorias posteriores em paradigmas críticos, culturais, socioculturais e pós-modernistas. No intuito de criar um projeto revolucionário, Vygotsky propõe uma teoria com

> [...] compromisso com os ideais de justiça social e igualdade diretamente incorporados em seus princípios teóricos, metodologias e aplicações práticas. A profunda saturação do projeto de Vygotsky por esses ideais e o ethos sociopolítico da igualdade e da justiça social em seu cerne (muitas vezes ignorado nas interpretações contemporâneas) o tornam aplicável e relevante nas lutas atuais, de grande urgência, dada a atual crise sociopolítica e econômica. (STETSENKO, 2017, p. 95, tradução nossa)

Por esse princípio, acreditamos que um ponto em comum entre a TSHC e o LC é que ambas as teorias olham para as mais diversas desigualdades não a fim de exterminá-las, mas sim de compreendê-las para promover reflexões críticas problematizadoras, base para iniciar processos de transformação social. A partir dessa perspectiva e interpretando a afirmação de Stetsenko (2017), talvez possamos pensar que a TSHC e o LC possuem visões de mundo semelhantes, pois buscam justiça social e a diminuição das desigualdades e opressões sofridas pelos sujeitos, fazendo com que os preceitos do LC coloquem novamente em discussão teórica o pensamento de Vygotsky do início da concepção de sua teoria.

É importante ressaltar que o trabalho na perspectiva do LC deve promover o questionamento de discursos dominantes presentes nos textos, visando a justiça e a igualdade nas relações sociais a partir da contextualização social e histórica em que esses textos foram elaborados. A partir da prática constante desse exercício de duvidar, desconfiar dos discursos/textos e sempre buscar os porquês, cremos que ocorrerá a formação de um outro indivíduo, um que tenha um novo olhar para o mundo e para si mesmo, afetando suas formas de agir, de pensar e de estar no mundo.

Ainda na intenção de expandir a definição de LC apresentada por Carbonieri (2016), nos toca refletir sobre outro possível ponto de conexão entre o LC e a TSHC, pois quando a pesquisadora afirma que o LC "[...] proporciona meios para que o indivíduo *questione sua própria visão de mundo*, seu lugar nas relações de poder estabelecidas e **as** *identidades que assume*"(CARBONIERI, 2016, p. 133), abre espaço para discutirmos a percepção de constituição do sujeito da teoria vygotiskiana e pensar como essas diferentes visões de mundo constituem esse sujeito, visto como "uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-outro" (MOLON, 2011, p.617).

Para Vygotsky (2007), cada sujeito age de acordo com o que aprendeu desde suas primeiras interações sociais, com início no âmbito familiar, na sua infância. Para esse autor, falando em linhas gerais, a subjetividade se dá a partir das interações sociais e está intimamente relacionada com condições concretas de vida. A subjetividade se constitui mediante a sua forma individual de se perceber diante do outro.

Concebendo a constituição da subjetividade dessa forma, Vygotsky (2007) abriu caminho para uma psicologia que possibilita a construção de um sujeito social, por meio da compreensão da constituição desse sujeito e da subjetividade na processualidade, de modo que para observar o sujeito em sua construção processual, em movimento – exigência fundamental do método dialético –

não seria possível separar o homem de sua inserção social e histórica em uma cultura, isto quer dizer que sujeito e subjetividade devem ser observados como constituídos e constituintes nas e pelas relações sociais.

De acordo com Molon (2011, p. 616-617), as leituras de Vygotsky nos "[...] possibilitam compreender o sujeito constituído pelo outro e pela linguagem enfocando-se as relações dialéticas das dimensões intrapsicológica e interpsicológica para além das situações específicas e harmônicas de intersubjetividade".

Dessa maneira, a questão do sujeito está nas relações sociais e nas práticas sociais, na dinâmica dialética entre o funcionamento interpsicológico e o funcionamento intrapsicológico, transição que acontece pelas mediações semióticas.

A essas transições que acontecem pela mediação, Vygotsky, *et al.* (2012 [1924]) denominaram de processo de internalização. A internalização é um processo de transição da influência social, exterior ao sujeito, para a constituição interna do mesmo, configurando-se como um processo de desenvolvimento gradual da passagem do nível interpsicológico para o nível intrapsicológico. Nas palavras dos autores, "[...] as respostas mediadoras ao mundo transformam-se em um processo interpsíquico. É através desta interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica" (VYGOTSKY *et al,*. 2012 [1924], p.27).

Assim, o conceito de internalização (VYGOTSKY, *et al.* 2012 [1924]) explica a origem dos processos psicológicos e como a dimensão social do sujeito se expressa na sua dimensão individual. O foco está na dimensão social do sujeito, na relação com os outros e é na linguagem e pela linguagem que alguém se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos.

Esse processo de internalização acontece por meio da relação homem-mundo. Esta não é dada de maneira direta, mas através da categoria de mediação. De acordo com Oliveira (2010, p.26) "[...] mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento". Bastos (2014, p. 65) aprofunda o conceito e afirma que

> [...] a mediação é o fundamento da intersubjetividade, da relação do eu e do outro, e uma das mais significativas contribuições da obra de Vygotsky. A mediação é entendida como a própria relação e se dá por meio de signos, dos instrumentos, da palavra e da linguagem. A subjetividade também é um processo em constante transformação, sendo mediada pelo contexto social e histórico, constituída pelo sujeito a partir de suas influências e determinações mútuas com o meio.

Em relação com Bastos (2014), Molon (2000) enfatiza que a mediação não é um simples conceito, mas é um pressuposto norteador de todo o arcabouço teórico-metodológico de Vygotsky e que "[...] mediação é processo, não é o ato em que alguma coisa se interpõe; mediação não está entre dois termos que estabelece uma relação. É a própria relação" (MOLON, 2000, p. 11), ou seja, a relação de um sujeito com o outro é sempre mediada; todas as relações são mediadas. O sujeito se constitui pela mediação e essa constituição acontece no confronto eu-outro das relações sociais.

De acordo com Smolka (2000) a constituição do sujeito acontece no campo da intersubjetividade, configurado como um lugar de encontro e do confronto e como palco de negociações. Desse modo, levando em consideração a importância do outro na constituição do sujeito e da subjetividade, asseveramos que "[...] a participação do outro acontece em um cenário de agitação, conflito, produção permanente, diferenças, semelhanças e tensões [...] A constituição implica a reciprocidade, a mutualidade e a organização semiótica. Nesse sentido, um participa do outro no acontecimento social que acontece na dinâmica dialógica, na dinâmica dessas (inter-) relações" (MOLON, 2011, p. 619).

Pensar a constituição humana como uma produção permanente a partir do conflito, das diferenças, das semelhanças, das negociações, das tensões é entender o homem como um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), um emaranhado, uma rede de relações e práticas sociais experienciadas.

O homem, como resultado desse constante devir entre tensões e negociações será um sujeito constituído de forma plural e polissêmica, uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-Outro, sendo constituído e constituinte do processo socio-histórico e a subjetividade[4] é a interface desse processo. Nessa perspectiva, a subjetividade não pode ser confundida nem com os processos intrapsicológicos nem com os processos interpsicológicos, mas nela e através dela que se processa a dialética entre essas duas dimensões.

Nessa esteira, pensando nessa constituição social e multidimensional da subjetividade humana, Freire (2006) reflete sobre essa constituição e demonstra a importância de percebermos nossa constituição plural, advinda das relações sociais. Nas palavras de Freire (2006, p. 159), nossa percepção de si mesmo enquanto um "eu", surge a partir da consciência de um "não-eu", esse "não-eu" é socio-histórico, ou seja, é carregado de crenças, valores, atitudes e histórias que vivenciamos ao longo de nossa existência, portanto é na dialética desse "eu" com o "não-eu" que se dá a constituição do ser humano.

Para Menezes de Souza (2011a), uma das maneiras de perceber/entender essa conexão incessante entre o eu e o não-eu é aprender a escutar/ouvir, pois "[...] ao aprender a escutar, *o aprendiz pode perceber que seu mundo e sua palavra* – ou seja, seus valores e significados – *se originam na coletividade socio-histórica* na qual nasceu e à qual pertence. *A tarefa de letramento crítico seria então a de desenvolver essa percepção e entendimento"* (SOUZA, 2011a, p.96, ênfases adicionadas).

Para realizar essa tarefa da percepção de nossa origem socio-histórica, os preceitos do letramento crítico deverão estar calcados na visão socio-histórica e cultural da constituição do sujeito, que foi anteriormente aqui discutida. Ao aproximar essas duas perspectivas (TSHC e LC) percebemos que o LC também considera que "[...] a linguagem, a identidade de cada indivíduo, o seu conhecimento, a sua cultura, as relações de poder que perpassam a vida em sociedade e o contexto em que se está inserido estão sujeitos às constantes modificações influenciadas por uma gama de valores culturais, políticos, econômicos e sociais, que também são passíveis de mudança" (SARDINHA, 2018, p. 6).

Entendemos, assim, que trabalhar com LC, compreendendo-o numa vertente sócio-histórica e cultural, implica aprendermos sermos críticos de nós mesmos, e com isso desconstruir essa visão tautológica de nossa própria constituição (sou assim, porque sou assim). Nessa vertente, Menezes de Souza (2011b) afirma que um dos objetivos do LC

> [...] é levar o aprendiz a perceber que os saberes do eu, que o meu saber ingênuo, *se origina não de mim, mas da coletividade*; levá-lo a perceber *como ilusão essa aparência de que todos somos indivíduos...* porque a gente pensa que cada um de nós tem uma opinião pessoal, mas *as nossas opiniões pessoais têm história nas comunidades nas quais pertencemos*. (SOUZA, 2011b, p. 293, ênfases adicionadas)

Em virtude disso, precisamos ter a consciência de que somos a continuidade de um projeto ancestral; somos quem somos porque somos resultado da cultura e da história construída por nossos antepassados, ou seja, somos assim porque o mundo, nossas vivências e experiências nos fizeram assim. Dessa forma, nessa visão de LC "[...] ser crítico significa buscar constantemente entender as suas e construir *outras formas de ver, de fazer, de ser e de estar no mundo; significa viver em movimento* e perceber-se como agente na construção dos sentidos – agente suspenso em *teias de significação que ele próprio teceu em sua experiência de vida*" (JORDÃO, 2016, p. 46, ênfases adicionadas).

Assim, pensando nessa busca de entender outras formas de ver, de fazer, de ser e de estar no mundo, compreendemos que é preciso observar a outra face dessa constituição da subjetividade humana: a propagação e a manutenção de discursos que perpetuam visões hegemônicas, estruturalistas e colonialistas.

Ao compreender a nossa constituição a partir da perspectiva sócio-histórica e cultural, é importante frisar que internalizamos, algumas vezes inconscientemente, os discursos das pessoas ao nosso redor e esses discursos carregam visões de mundo, constroem posições de identidade e nos qualificam como determinados tipos de seres humanos.

[4] De acordo com Molon (2011), a subjetividade é permanentemente constituída e constituinte e está na interface do psicológico e das relações sociais.

Como os discursos não são neutros; ou seja, são permeados por relações de poder, construídos e validados por comunidades sociais que deles se valem (FOUCAULT, 2000), toda linguagem refrata o mundo, mundo que tem visões subjetivas e culturais diferentes. Conceber a linguagem/discurso sob esse viés é vê-la em sua faceta mais poderosa, uma vez que "[...] a linguagem pode ser usada para manter e desafiar formas existentes de poder" (JANKS, 2016, p.29) e, talvez, esse seja o motivo pelo qual Foucault (2003) acreditasse que "o discurso é o poder a ser tomado".

De acordo com Morgan (1997, p.1) "[...] certos grupos sociais têm historicamente controlado as ideologias, instituições e práticas de uma sociedade, mantendo assim sua posição dominante", por isso devemos ter, na perspectiva do LC, atitude de atenção[5] (MASSCHELEIN, 2010), pois da mesma forma que essa situação é legitimada historicamente e socialmente construída, ela pode ser reconstruída, principalmente através da linguagem.

Desse modo, o ponto de partida para uma visão crítica do mundo é entender que os textos/discursos são representações parciais do mundo e retratam somente uma parte da história, isto quer dizer que os discursos são construídos para dar uma versão da verdade, a depender do momento sócio-histórico e cultural vivenciado pelos sujeitos. Destarte, no entendimento de Cervetti, Pardales e Damico (2001, p. 09, tradução nossa), "[...] os leitores críticos devem compreender as maneiras como os textos retratam uma visão de mundo e posicionam os leitores para ler e interpretar esse mundo retratado de maneiras particulares, para que possam resistir ou revisar essas representações, conforme o caso".

Ter esse entendimento nos leva a pensar caminhos para compreender de onde vêm esses discursos, a quem eles representam, quais interesses eles manifestam, o que eles deixam de dizer, o que eles representam para mim. Ter essa postura questionadora e essa ação problematizadora perante a textos/discursos é um dos objetivos do LC, pois, de acordo com Janks (2016) entender a linguagem e a forma como ela é usada estão no centro do que significa fazer LC.

De acordo com Festino, Mattos e Mizan (2008), o LC constitui-se como uma prática de construção de significados socio-historicamente situada. Isso implica utilização de formas distintas de produção, comunicação e recepção de signos linguísticos e visuais que existem em qualquer comunidade; noutros termos, significa que o que está sendo lido, visto ou ouvido foi produzido segundo valores e normas do contexto sócio-histórico da comunidade a qual o autor pertence. É importante mencionar que o leitor, ouvinte ou espectador também estão inseridos em um contexto sócio-histórico e cultural que influencia a forma como o sentido é construído.

Na nossa concepção, o LC deve, além de desvelar ideologias e problematizar questões sociais, nos ensinar a olhar para nós mesmos, a entender esse "não-eu" e como ele foi construído, fazendo-nos, assim, entender nossa origem sócio-histórica e as identidades que podemos assumir.

Dessa maneira, asseveramos que o trabalho com LC pode auxiliar-nos na desconstrução de pensamentos estruturais[6] e coloniais impostos pela sociedade, já que, compreendendo a constituição do sujeito de forma sócio-histórica, devemos levar em consideração que as relações de poder perpassam a identidade e a cultura dos sujeitos, moldando-as segundo os interesses dos grupos que detêm o poder. De acordo com Carvalho (2010, p.4),

> [...] somos educados, desde cedo, a ver de forma desigual e aprendemos a hierarquizar e classificar estas diferenças. Essa forma de pensar, inculcada nas relações sociais e de poder, acaba repercutindo na forma de ver o outro e de ver a si próprio, visto que, somos fruto do meio cultural, político e social em que vivemos. Podemos

[5] Para Masschelein (2010), estar atento é não se deixar cativar por uma intenção ou um projeto ou uma visão ou perspectiva ou imaginação; a atenção não me oferece uma visão ou perspectiva, mas cria uma abertura para o que se apresenta como evidência, ou seja, ter uma atitude de atenção é sempre nos permitir a considerar alternativas para as nossas crenças e para as dos outros e ter outras possibilidades de leituras da realidade.

[6] Utilizamos a expressão "pensamentos estruturais" baseados na sociologia estrutural de Durkheim (1986) que defende a ideia de que as propriedades estruturais da sociedade formam influências coercivas sobre a ação. Na teoria da estruturação, a 'estrutura' foi concebida como uma propriedade dos sistemas sociais, 'contida' em práticas reproduzidas e inseridas no tempo e no espaço. Utilizamos tal expressão no intuito de abarcar pensamentos contemporâneos como o "racismo estrutural", "machismo estrutural", "violência estrutural", dentre outros.

> supor, então, que as relações de poder que estão na base das estruturas sociais interferem na constituição das identidades dos indivíduos, na medida em que estes incorporam a desigualdade e a opressão como algo natural.

Assim, podemos pensar que em nossa constituição há o atravessamento de pensamentos que representam essa classe dominante, fazendo com que nossa constituição seja atravessada e influenciada negativamente por uma visão eurocêntrica de mundo – que prevê a superioridade do colonizador branco, socialmente mais valorizado – resumindo: uma visão eurocêntrica, masculina, heterossexual e cristã.

Boaventura Santos (2008) afirma que os povos colonizados têm dificuldade em desvincular-se de suas raízes e verem-se separados das relações de dominação. É por meio das representações sociais e dos significados produzidos a partir delas, que damos sentido à nossas experiências e àquilo que somos. Dessa forma, os significados perpetuados na sociedade perpassam e interferem na nossa constituição.

Para Mattos (2014), o objetivo final do LC seria, assim, desafiar as relações de poder e provocar mudança social. Refletindo sobre essa missão de sempre colocar à prova as relações de poder e levando em consideração toda a teoria que foi posta em diálogo neste estudo, nos parece, então, que desenvolver um trabalho, a partir da perspectiva do LC, de aprender a entender criticamente a sua própria constituição seria uma forma de diminuir a perpetuação e propagação de visões estereotipadas sobre a humanidade, evitando assim manifestações discriminatórias, racistas, sexistas, discursos de ódio e/ou xenofóbicos, intolerância religiosa, práticas de bullying, dentre outras, pois, uma vez que entenda a sua constituição e os discursos atravessados por ela, o sujeito terá uma maior oportunidade de assumir uma posição mais poderosa em relação a esses discursos – rejeitá-los, ressignificá-los ou reconstruí-los de maneira que sejam mais coerentes com a sua própria existência no mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que propomos neste artigo é uma visão do trabalho com o Letramento Crítico que vai além dos muros da escola e adentra no terreno da vida cotidiana, da vida que se vive (MARX; ENGELS, 2007 [1845-1846]). É preciso usar a teoria para levar-nos à ação de problematizar questões sociais e desnaturalizar discursos cristalizados que provocam injustiças sociais e violência.

O caráter heterogêneo e plural de Letramentos surge no que foi denominado por Gee (2000) como virada social, quando da percepção de que pesquisadores passaram a enfocar muito mais o lado social do letramento em detrimento do seu lado cognitivo.

A primeira conexão que propomos entre TSHC e Letramentos advém da percepção dessa virada social nos Estudos do Letramento, pois a partir do momento em que se passa a observar a multiplicidade, dando importância à cultura dos grupos sociais e à análise das práticas sociais, podemos inferir uma forte carga socio-histórica e cultural sendo incorporada aos Estudos do Letramento.

Para Vygotsky (2007) a aprendizagem e o desenvolvimento sempre ocorrem em contextos sociais, a partir de um intenso processo de interação em que o indivíduo modifica o mundo e o mundo modifica o indivíduo. É a partir desse movimento dialético que os conceitos de desenvolvimento e aprendizagem da TSHC se aproximam dos Estudos do Letramento; já que defendemos neste estudo que a aprendizagem se dá – nos NLS – a partir da dialética entre as práticas e os eventos de letramento, quando os sujeitos se apropriam do mundo da escrita e da leitura, evidenciando as práticas sociais construídas de forma sócio-histórica e cultural pelas comunidades em que estão inseridos.

Defendemos também aqui que o LC tem a tarefa de desenvolver a percepção e o entendimento da constituição plural e multifacetada dos sujeitos, fazendo com que os estudantes entendam que seu mundo, suas palavras, suas crenças e valores se originam na coletividade socio-histórica. Dessa maneira, o trabalho com LC passa a ser visto a partir de uma ótica sócio-histórica e cultural, ensinando-os a serem críticos de si e desconstruindo uma visão tautológica da constituição do sujeito.

O que pretendemos neste artigo, a partir da observação de pontos de conexão entre a TSHC e os Estudos do Letramento, é formular uma concepção de LC que vai além de desvelar ideologias e problematizar questões sociais. Expandimos, assim, o conceito de LC para uma abordagem educacional que nos ensina/desafia a olhar criticamente para nós mesmos, fazendo-nos entender nossa constituição plural, atravessada, multifacetada, de origem socio-histórica e cultural e as identidades que podemos assumir.

Nessa perspectiva, pensamos que o trabalho com essa concepção expandida de LC poderá integrar os pensamentos de uma pedagogia decolonial, nos auxiliando na desconstrução e na não propagação de discursos hegemônicos, colonialistas e preconceituosos, pois passaremos a entender que tais discursos são imposições de uma sociedade que defende os interesses de grupos que detêm o poder e que esses discursos constituem a nossa subjetividade porque, por meio de nossas experiências e vivências, fomos expostos desde que nascemos a essas formas opressivas e desiguais de ver o mundo, passando, assim, a encará-las como algo natural.

Finalizando, defendemos aqui que o LC pode atuar como parte de um conjunto de ferramentas culturais favoráveis à reflexão e à ação à medida que se intensifique a problematização de questões que permeiam a sociedade, fazendo com que o LC possa tornar-se uma forma de capital cultural que dá aos indivíduos consciência da historicidade. Isso nos faz pensar que o trabalho com LC deve promover a percepção de que a história, longe de ter acabado, constitui e afeta nossa percepção do presente.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. B. B. I. *Wallon e Vygotsky:* Psicologia e Educação. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BEVILAQUA, R. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. *Revista Virtual de Letras*, v. 05, nº 01, jan./jul 2013, p. 99-114.

CARBONIERI, D. Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (org.). *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico*: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 121-142.

CARVALHO, F. A. Formações identitárias no pós-colonialismo: quem é o sujeito negro? *TEIAS.* Rio de Janeiro, ano 11, n 21, jan./abr. 2010.

CASSANY, D.; CASTELLA, J. Aproximación a la literacidad crítica. *Perspectica*, v. 28, n. 20, p. 353-374, 2010.

CERVETTI, G.; PARDALLES, M. J.; DAMICO, J. S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical Reading and critical literacy. *Reading Online,* v. 4, n. 9, abr. 20
01. Disponível em: http://www.readingonline.org/art_index.asp?HREF=cervetti/index.html . Acesso em: 30 ago. 2020.

FESTINO, C. G.; MATTOS, A. M. A.; MIZAN, S. Becoming critical: teaching and learning through critical literacy. In**:** Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas, 2.; 2008, Rio de Janeiro. *Caderno de resumos.* Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008, p. 111–113.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder.* 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso.* São Paulo. 9. ed. Loyola, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogía de la Tolerancia*. Trad. Mario Morales Castro. México: FCE, CREFAL, 2006.

GEE, J.P. The New Literacy Studies: from "socially situated" to the work of the social. *In:* BARTON, D; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (ed.). *Situated Literacies:* Reading and Writing in context. London: Routledge, 2000. p. 180-196.

JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico *In*: JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize (org.) *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico*: Outros sentidos para a Sala de aula de Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 21-39.

JORDÃO, C. M. No tabuleiro da professora tem...letramento crítico? In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. *Práticas de multiletramentos e letramento crítico:* outros sentidos para a sala de aula de línguas estrangeiras. Campinas-SP; Pontes, 2016, p.41-56.

KLEIMAN, A.B. *Os significados do Letramento:* uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, A.B. *Preciso "ensinar" o Letramento?* Não basta ensinar a ler e a escrever?. Campinas: Cefiel, 2005.

KLEIMAN, A.B. Os estudos de letramento e a formação de professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso.* Palhoça (SC), v. 8, n. 3, p.487-517, 2008.

LANKSHEAR, C.; MCLAREN, P. (ed.). *Critical literacy:* Politics, praxis, and the postmodern. SUNY Press, 1993.

LUKE, A. Two takes on the critical. *In:* NORTON, B.; TOOHEY, K. (Ed). *Critical pedagogies and language learning.* New York: Cambridge University Press, 2004. p.21-29.

LURIA, A. R. Vygotsky. *In*: L. S. VYGOTSKY, A. R. LURIA e A. N. LEONTIEV. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* SP: Ícone, 1988. p.21-38.

MASSCHELEIN, H. E-ducating the gaze: the idea of a poor pedagogy. *Ethics and Education,* v.05, n.1, p.43-53, 2010.

MATTOS, A. M. A. Construindo cidadania nas aulas de inglês: uma proposta para o letramento crítico. *In:* TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. *Letramentos em terra de Paulo Freire.* Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 171-191.

MENEZES DE SOUZA L. M. T. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. *In*: MACIEL, R. F.; ARAÚJO, V. A. (org.). *Formação de professores de línguas*: ampliando perspectivas. São Paulo: Paco, 2011a. p. 128-140.

MENEZES DE SOUZA L. M. T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. R.; HALU, R. C. (org.). *Formação desformatada*: práticas com professores de língua inglesa. Campinas: Pontes, 2011b. p.279-303.

MOLON, S.I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Conferência apresentada na III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural, Campinas, 2000. Disponível em: https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/vygotsky/ufsc-vygotsky.htm Acesso em 10 nov. 2020.

MOLON, S. I. Notas sobre constituição do Sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo,* v. 16, n. 4, p. 613-622, 2011.

MORGAN, W. *Critical literacy in the classroom*: the art of the possible. New York: Routledge, 1997.

NEWMAN, F.; Holzman, L. *Lev Vygotsky*: cientista revolucionário. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky:* aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, L. P. M. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PENNYCOOK, A. *Language as a local practice*. Routledge, 2010.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, B. S. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

SARDINHA, P. M.M. Letramento crítico: uma abordagem crítico-social dos textos. *Linguagens & Cidadania*, v. 20, 2018.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Cadernos Cedes*, v.50, n.1, p.26-40, 2000.

STETSENKO, A. *The Transformative Mind*: Expanding Vygotsky's Approach to Development and Education. Cambridge University Press. New York, Cambridge, 2017.

STREET, B. V. *Letramentos sociais:* abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, B. V. What's "new" in new literacy studies?: critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, v.5, n.2, 77-91, 2003. Disponível em: http://www.tc.columbia.edu/cice/pdf/25734_5_2_Street.pdf Acesso em: 28. dez. 2016.

TERRA, M. R. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita**.** *DELTA* [online], vol.29, n.1, p.29-58, 2013.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente.* 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 08/04/2021. Aceito em 19/08/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e76420

(RE)CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: CRENÇAS, AGÊNCIA E AUTONOMIA SOCIOCULTURAL NAS NARRATIVAS DE UMA IMIGRANTE BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS[1]

(RE)CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES EN EL CONTEXTO DE LA MIGRACIÓN: CREENCIAS, AGENCIA Y AUTONOMÍA SOCIOCULTURAL EN LOS RELATOS DE UNA INMIGRANTE BRASILEÑA EN LOS ESTADOS UNIDOS

IDENTITY (RE)CONSTRUCTIONS IN THE MIGRATION CONTEXT: BELIEFS, AGENCY AND SOCIO-CULTURAL AUTONOMY IN THE NARRATIVES OF A BRAZILIAN IMMIGRANT IN THE UNITED STATES

Evelyn Nathasha Silva do Nascimento[*]
Universidade Federal Rio de Janeiro

Christine Siqueira Nicolaides [**]
Universidade do Vale do Rio dos Sinos e
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Adolfo Tanzi Neto [***]
Universidade Federal do Rio de Janeiro

[1] O presente artigo é um recorte de uma pesquisa maior (NASCIMENTO, 2020) intitulada *Narrativas de uma imigrante brasileira nos Estados Unidos: (re) construções identitárias a partir da interseção do "eu com o "outro"*, vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Escola de Vygotsky em Linguística Aplicada (NUVYLA/CNPq), financiado pela CAPES n. processo: 3.747.841 (número do parecer na Plataforma Brasil).

[*] É doutoranda pelo Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: evelyn@letras.ufrj.br.

[**] É professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada da Universidade do Vales do Rio dos Sinos (Unisinos) e professora colaboradora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. E-mail: cnivolaides@unisinos.br.

[***] É professor pesquisador do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: adolfotanzi@letras.ufrj.br.

RESUMO: Este artigo investiga o desenvolvimento da autonomia sociocultural (OXFORD, 2003, 2017) por meio de narrativas com enfoque nas crenças e no desenvolvimento da agência de uma imigrante-aprendiz como ferramentas de autonomia e empoderamento (BERTH, 2019), junto à nova comunidade de prática. Os dados foram gerados com base em narrativas escritas (*e-mail*) e orais (*WhatsApp*) de uma aprendiz de inglês como língua adicional (LAd). Analisou-se como as (re)construções identitárias ocorreram na medida em que a incorporação da aprendiz na comunidade de prática pretendida se ampliava gradativamente (WENGER, 2008). Ademais, este estudo propõe uma reflexão sobre a noção de identidade (HALL, 2006), levanta questões sobre imigração, mobilidade social e multiculturalismo (RYMES, 2010; CANDAU, 2016), e sobre criação de ZPD como "um espaço de vida" (NEWMAN; HOLZMAN, 2002 [1993]). A análise dos dados mostrou que as (re)construções identitárias são possíveis em um *continuum* enquanto se envolve e se questiona sócio-histórico-culturalmente o idioma que se estuda.
PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Crenças. Agência. Migração. Autonomia Sociocultural.

RESUMEN: Este artículo investiga el desarrollo de la autonomía sociocultural (OXFORD, 2003, 2017) a través de narraciones que se centran en las creencias y en el desarrollo de la agencia de aprendizaje de una inmigrante-aprendiz como herramientas de autonomía y empoderamiento (BERTH, 2019), junto a la nueva comunidad de práctica. Los datos se generaron en base a narrativas escritas (correo electrónico) y orales (WhatsApp) de una aprendiz de inglés como idioma adicional (LAd). Se analizó cómo las (re)construcciones identitarias ocurrieron a medida la incorporación de la aprendiz a la comunidad de práctica a la que se destinaba se ampliaba gradualmente (WENGER, 2008). Además, este estudio propone una reflexión sobre la noción de identidad (HALL, 2006), plantea cuestiones sobre la inmigración, la movilidad social y el multiculturalismo (RYMES, 2010) y (CANDAU, 2016), y la creación de ZPD como "espacio de vida" (NEWMAN; HOLZMAN, 2002 [1993]). El análisis de los datos demostró que las (re)construcciones identitarias son posibles en un continuo mientras se involucra y cuestiona sociohistórico-culturalmente el lenguaje que se estudia.
PALABRAS CLAVE: Identidad. Creencias. Agencia. Migración. Autonomía sociocultural.

ABSTRACT: This article investigates the development of sociocultural autonomy (OXFORD, 2003, 2017) through narratives focusing on the beliefs and agency development of an immigrant-learner as tools of autonomy and empowerment (BERTH, 2019), with the new community of practice. The data were generated based on written (e-mail) and oral (WhatsApp) narratives of an additional language learner (ALl). It was analyzed how the (re)constructions of identity occurred as the incorporation of the learner into the intended community of practice gradually expanded (WENGER, 2008). Furthermore, this study proposes a reflection on the notion of identity (HALL, 2006), raises questions about immigration, social mobility and multiculturalism (RYMES, 2010) and (CADAU, 2016), and the creation of ZPD as "a living space" (NEWMAN; HOLZMAN, 2002 [1993]). The analysis of the data showed that (re)constructions are possible in a continuum while engaging and socio-historical-culturally questioning the language being studied.
KEYWORDS: Identity. Beliefs. Agency. Migration. Sociocultural autonomy.

1 INTRODUÇÃO

A identidade é construída no processo do desenvolvimento humano e não está presa somente à vontade do indivíduo, ao contrário, mostra-se multifacetada e está constantemente sendo deslocada para diferentes direções, além de ser construída sócio-histórico-culturalmente (NASCIMENTO, 2020). Sendo assim, as (re)construções identitárias são vistas, nesta investigação, como resultado da interseção do "eu" individual com o "outro" e sua cultura translocal. Especificamente, este artigo visa dar enfoque às (re)construções e negociações de identidade no contexto de migração. No que tange a esse tema, bastante debatido no contexto no cenário mundial, importa que olhemos com atenção para os desdobramentos desse fenômeno, assim como para suas implicações linguísticas, transculturais e identitárias, no que se refere aos imigrantes e às populações que habitam os países de acolhimento. Para Rymes (2010), questões ligadas à migração, à expansão, ao desenvolvimento tecnológico e à mobilidade social nos coloca em outra perspectiva para observarmos contatos linguísticos e culturais que estão cada vez mais translocais.

Segundo Faria (2015, p. 23), não há país ou região no mundo que esteja "imune" ao fenômeno migratório, como também não existe povo que não tenha recebido influência de diversos fluxos de migrantes ao longo de sua formação. Ainda que tenham sido aspectos

sempre presentes na história humana, as migrações assumiram uma dimensão ainda maior na era contemporânea, estimuladas por avanços tecnológicos nos setores de transportes e comunicação e pela acelerada internacionalização da economia. Somada a isso, destaca-se a presença da mesclagem social, étnica, religiosa, cultural e econômica entre as regiões e os países que nos colocam em constante fluxo identitário de instáveis complexidades linguísticas (RAJAGOPALAN, 2006).

É dentro desse contexto que propomos uma reflexão sobre as crenças (BARCELOS, 2001) de uma brasileira, imigrante-aprendiz[2] nos Estados Unidos, cujo pseudônimo aqui adotado é ROSA[3], durante seu processo de aprendizagem de língua adicional (LAd)[4] – o inglês, a fim de ter acesso à comunidade de prática pretendida (WENGER, 2008; WENGER; TRAYNER, 2015). Debruçamo-nos sobre a questão do vínculo entre suas crenças e o desenvolvimento de sua agência como ferramentas de autonomia sociocultural e de empoderamento.

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que há um imbricamento entre as concepções de crenças e agência. De acordo com Barcelos (2006, p. 18), o primeiro termo refere-se a uma forma de pensamento, à construção da realidade, a maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, coconstruídos em nossas experiências resultantes de um processo interativo; e agência é a capacidade socioculturalmente mediada em tempos e lugares específicos para agir (AHEARN, 2017). Em outras palavras, a agência é regulada pelos agrupamentos sociais, pelos recursos materiais e simbólicos (LANTOLF; THORNE, 2006), que medeiam a interação do ser humano, inclusive a aprendizagem. Para Engeström (2006, 2011), Virkkunen (2006) e Liberali (2019), a agência pode ser entendida no campo das rupturas nas ações do sujeito para padrões pré-estabelecidos que propiciam iniciativas para transformar realidades. Nesse sentido, o desenvolvimento da agência envolve contradições que nos levam a criar novas possibilidades de expansão e transformação de realidades (NININ; MAGALHÃES, 2017).

Importa lembrar que relacionado a esses conceitos está o de autonomia, que, segundo Paiva (2006), configura-se uma tarefa muito complexa o de tentar defini-lo, se levarmos em consideração que, raramente, aprendizes de uma segunda língua serão capazes de tomar todas as decisões sobre sua aprendizagem a fim de implementá-la. Isto é, o aprendiz sempre estará restrito ao seu contexto de aprendizagem, seja dentro, seja fora da sala de aula, que, por sua vez, está limitado a uma série de recursos que vão desde às regras deste contexto às relações de poder e controle, à metodologia de ensino, entre outros fatores. Para efeitos da presente investigação, no que concerne à autonomia, damos foco à perspectiva de Oxford (2003, 2017), que diz respeito à interação social entre os pares aprendentes, o que ela propõe como versão de autonomia sociocultural I. Os dados gerados nos abriram espaço para a discussão da ampliação das práticas discursivas e sociais da participante desta investigação, ao acessar a(s) sua(s) comunidade(s) de prática, doravante CoP – versão sociocultural II (WENGER, 1998; WENGER-TRAYNER; WENGER-TRAYNER, 2015). Isso contribuiu para respondermos aos objetivos estabelecidos para este artigo sobre como as crenças e o desenvolvimento da agência da imigrante-aprendiz se tornaram ferramentas de autonomia e de empoderamento (BERTH, 2019; BAQUERO, 2012).

[2] Termo usado para caracterizar a participante ROSA (mais detalhes na seção de metodologia), imigrante com foco principal em aprender a língua-alvo, ou seja, a língua que é falada no país de acolhimento. Ademais, visa enfatizar o interesse de um imigrante de não apenas aprender a língua-alvo, mas também, a cultura de um determinado lugar a fim de que possa fazer parte da comunidade de prática. Em resumo, trata-se de uma busca por "aceitação" e "identificação" por parte de um grupo-alvo.

[3] Optamos por utilizar seu pseudônimo em caixa-alta, primeiro, por dar um maior protagonismo à participante da pesquisa e, segundo, para facilitar ao leitor a diferença de quando estamos nos referindo à participante e quando estamos nos referindo a algum autor das referências bibliográficas.

[4] Este termo, LAd, é usado para se referir à Língua Adicional; o acréscimo da letra "d" se deu a fim de evitar confusão com outro termo: LA que se refere à Linguística Aplicada. Em relação ao seu significado, Schlatter e Garcez (2012, p. 37) assumem que essas línguas são parte dos recursos necessários para a cidadania contemporânea, ou seja, são úteis e necessárias entre nós, em nossa própria sociedade, e não necessariamente estrangeira. Dito de outro modo, os autores frisam que uma língua adicional precisa estar em circulação, isto é, ela é produtiva no contexto em que é usada. Segundo Leffa e Irala (2014, p. 32), o uso do termo "adicional" traz vantagens, porque não há necessidade de discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional), ou mesmo as características individuais do aprendiz (segunda ou terceira língua). Com efeito, para os autores, a intenção é adotar um conceito mais abrangente, e, possivelmente, mais adequado: o de língua adicional, aquela que vem por acréscimo, e que é construída a partir da língua ou das línguas que o aprendiz já conhece.

2 PRESSUPOSTOS TÉORICO-METODOLÓGICOS

O indivíduo se forma por meio da interação social, na dialética da identificação entre externo e interno (OLIVEIRA, 2011). Hall (2006) critica John Locke, o qual, em seu ensaio sobre a compreensão humana, definiu o indivíduo em termos da mesmidade (*sameness*) de um ser raciona – ou seja, fala-se aqui de uma identidade que permanecia a mesma e que era contínua com seu sujeitoNo entanto, dentro de nós, há identidades contraditórias, que vão se "empurrando" para distintas direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006). Nas palavras de Bauman (2004, p. 16), a identidade nos é revelada como algo a ser inventado, algo a ser descoberto; é o alvo de um esforço, um objetivo Para Ciampa (2001 [1987]), a identidade pode ser apreendida como uma metamorfose, ou seja, ela está em constante transformação, sendo o resultado provisório entre a história da pessoa, seu contexto sócio-histórico-cultural e seus projetos.

Em se tratando do vínculo entre identidade e contexto, damos especial atenção às possíveis (re)construções identitárias, imbricadas em certa plasticidade identitária[5], no contexto migratório, com suas respectivas implicações linguísticas e multiculturais no processo de interação com diferentes comunidades de prática. Para Candau (2016), no prisma de um multiculturalismo que envolva interculturalidade crítica, processos de hibridação cultural são intensos e mobilizam a construção de identidades abertas promovendo a inter-relação deliberada entre diferentes sujeitos sócio-histórico-culturais e grupos de uma determinada sociedade.

De acordo com Barbosa (2010), os deslocamentos humanos nos espaços são tão antigos quanto a história do homem. Além disso, a origem da modalidade humana é marcada por determinações históricas da evolução da sociedade capitalista. Logo, os movimentos migratórios acontecem devido à maneira como o trabalho assalariado é inserido no modo de produção capitalista com mão de obra, como produtor de valor e como mercadoria. A historicização das migrações internacionais foram os acontecimentos sociopolítico-econômicos ocorridos no cenário mundial a partir 1973 que inauguraram a chamada "era da globalização"[6]. Com efeito, a mobilidade humana é um marco histórico e não pode ser dissociada da própria história da humanidade, porém o que se vê ultimamente, por meio das mídias sociais, é que as migrações têm assumido uma dimensão bem maior nos últimos anos (FREITAS; MOITA LOPES, 2019).

Nesse sentido, destacam-se, a seguir, algumas manchetes recentes que focalizam, visto que o escopo deste artigo é a imigração brasileira para os Estados Unidos, o crescente aumento desse movimento. De acordo com o *site* Época Negócios "Mais de 1 milhão de brasileiros vivem nos Estados Unidos, segundo Itamaraty" (CARNEIRO, 2018), e segundo o *site* da revista *on-line* Exame, "Número de novos brasileiros com *green card* nos EUA bate recorde" (RIVEIRA, 2020). Também, importa enfatizar o fato de esses deslocamentos serem desencadeados pela acelerada internacionalização da economia, pelo agravamento de disparidades sociais e econômicas, além das questões culturais e perseguições religiosas (FARIA, 2015).

É importante destacar também que estudos referentes ao ajustamento e à inserção de imigrantes em outras comunidades tendem a focalizar os aspectos culturais desses sujeitos e a construção/reconstrução de sua nova identidade – processo imprescindível à socialização (CASTELLS, 2002).

[5] Utilizamos esse termo para fazer referência à identidade que apresenta a capacidade de se adaptar ou moldar a diferentes contextos a fim de que sejam possíveis os processos de reconstruções identitárias, a partir da aprendizagem de uma LAd, por exemplo. "[...] identidades futuras possíveis. Todas poderiam expressar a inesgotável plasticidade do humano [...]" (CIAMPA, 1987, p. 35). Em síntese, , para esse autor, a definição de identidade é metamorfose – um processo que ocorre desde o nascimento do indivíduo até o momento de sua morte, ou seja, o ser humano não é, ele está sendo, como o "vir-a-ser" descrito por Heráclito, que é movimento, algo que está se constituindo o tempo todo, como uma obra sempre inacabada (LARA JÚNIOR; LARA, 2017).

[6] Em se tratando de globalização, não podemos ignorar o fato de haver diferentes interpretações para esse fenômeno mundial. Moita Lopes (2008, p. 319), por exemplo, cita Hardt e Negri (2000) que argumentam que o processo que rege o planeta atualmente não tem nada a ver com o imperialismo, mas com o Império (com letra maiúscula). Por outras palavras, nessa perspectiva, "[...] os Estados Unidos não são, e nenhum outro estado-nação poderia ser, o centro de um novo projeto imperialista. O imperialismo acabou"(HARDT; NEGRI, 2000, p. 13). Segundo os autores, o Império pode ser caracterizado pela ausência de fronteiras territoriais que limitem seu espaço, pelo não envolvimento de conquista de um território ou pelo exercício de poder sobre a vida das pessoas. Ao contrário, nessa ordem do Império, têm poder central as corporações transnacionais e a linguagem, esta que, por meio das indústrias de comunicação, concede legitimidade ao Império.

Segundo De Fina (2003), é necessário estudar sobre a realidade dos imigrantes e suas identidades a fim de que se evite a estereotipação,. Nos casos estudados por ela, ser hispânico, nos Estados Unidos, de modo geral, está associado à ideia de baixa *performance* na escola, pobreza, violência, uso de drogas, entre outros. Vale ressaltar que os debates sobre imigração e refúgio são temas complexos e devem ser interpretados muito além de uma escolha do indivíduo de sair de seu território em busca de melhores condições de vida. Na verdade, expressam particularidades de classe, gênero, etnia e religião e estão inscritos nas alterações da geopolítica mundial (SANTOS *et al*., 2016).

Crenças, de acordo com Bezerra (2008), são hábitos de pensamento que criam a disposição de agir. Ou seja, crença é tudo aquilo que nos habilita a agir em determinada direção para a qual a crença nos aponta. Nessa mesma perspectiva, citamos Barcelos (2001, 2007), destacando que uma das mais importantes características das crenças se refere à sua influência no comportamento. É importante enfatizar que as crenças são construídas sócio-histórico-culturalmente e podem ser interativas e variadas (BARCELOS; KALAJA, 2013). Nesse sentido, os autores defendem o uso da linguagem orientada para a ação, visto que a primeira cria a realidade, e que tanto os conhecimentos científicos quanto as concepções leigas são entendidos como construções sociais do mundo. Retomamos o conceito de agência, que, para Ahearn (2017), é a capacidade socioculturalmente mediada em tempos e lugares específicos para agir. Para Lantolf e Thorne (2006), agência nunca é uma propriedade de um indivíduo particular, mas se trata de uma relação coconstruída e renegociada com aqueles que estão à sua volta e com a sociedade em geral. Em outras palavras, "[...] agência é sempre, e em qualquer lugar, regulada pelos agrupamentos sociais, pelos recursos materiais e simbólicos, pelas contingências situacionais, pelas capacidades individuais e grupais, e assim por diante" (LANTOLF; THORNE, 2006, p. 238)[7].

Nessa mesma linha de pensamento, Wertsch *et al.* (1993, p. 352) advogam que a agência humana é "[...] distribuída ou compartilha socialmente", ou seja, ainda que o indivíduo aja sozinho, a ação mantém-se socialmente situada, pois advém do funcionamento intermental e porque os meios de mediação empregados (por exemplo, o computador) são fornecidos ou restringidos pelo contexto cultural, histórico e institucional (ARRUDA, 2014).

No que se refere à interação social de aprendizagem de uma LAd, é fundamental resgatarmos o conceito de Autonomia Sociocultural, desenvolvido por Oxford (2003, 2017) a partir do modelo de Autonomia de Benson (1997; 2011) que apresenta três versões: a técnica, a psicológica e a política. Cabe salientar que o modelo de Benson representou um marco na área de estudos sobre autonomia do aprendiz de línguas de forma a sistematizar as diferentes definições dos termos propostos na literatura especializada. Resumidamente, a visão técnica de autonomia, segundo Benson (1997, 2011) visa munir o aprendiz de estratégias que lhe darão condições de assumir o controle sobre a aprendizagem fora da sala de aula.

Em seguida, a visão psicológica enxerga a autonomia como uma capacidade, isto é, um construto de atitudes e habilidades que permitem aos aprendizes se tornarem mais responsáveis por sua aprendizagem por meio de suas crenças. A perspectiva política refere-se ao controle sobre os processos e conteúdo da aprendizagem envolvendo, dessa forma, não só o estabelecimento de condições para que o aprendiz possa ter o controle sobre sua aprendizagem individualmente, mas, também, institucionalmente no contexto em que está inserido. Logo, o desenvolvimento da autonomia é visto como uma transformação interna do indivíduo (BORGES, 2019, p. 45). Segundo esse modelo, a versão política é visivelmente privilegiada em relação às outras duas e deve ser almejada pelo professor e pelo contexto escolar.

Todavia, Oxford (2003, 2017) faz uma crítica ao modelo de Benson (1997, 2011) pela falta de um elemento crucial: a perspectiva sociocultural. Além disso, o modelo de Benson situa as estratégias de aprendizagem como pertencentes unicamente à versão técnica e mostra-se incompleto ao não evidenciar os construtos de contexto, de agência e de motivação, todos eles importantes ao se falar em desenvolvimento de autonomia.

Dessa forma, Oxford (2003, 2017) apresenta um modelo de autonomia que mantém as três versões propostas originalmente por Benson (1997, 2011), mas acrescenta, ainda, duas outras conforme descreveremos a seguir. Segundo Borges (2019), enquanto

[7] Tradução de Vianini (2016) do original em inglês: *"[agency] is never a "property" of a particular individual; rather it is a relationship that is constantly co-constructed and renegotiated with those around the individual and with the society at large"*

Benson (1997, 2011) privilegia a autonomia política, Oxford (2003, 2017), por sua vez, enfatiza a importância de todos os tipos, porque, segundo a autora, é o contexto no qual o aprendente está interagindo que vai favorecer a opção por um determinado tipo de autonomia ou, até mesmo, a combinação desses vários tipos. Assim, a autora faz sua importante contribuição ao modelo, propondo mais duas versões de autonomia, isto é a Sociocultural I e a Sociocultural II, que estão baseadas na Teoria Sociocultural Vygotskyana.

Neste novo modelo, a versão Sociocultural I enfatiza a interação social como parte principal do desenvolvimento cognitivo e linguístico. Seu foco encontra-se na obra de Vygotsky (2009 [1978]), que destaca a importância da aprendizagem mediada, em outras palavras, a interação com um par mais experiente (pai, professor, colega etc.), não descartando a possibilidade de esse "par mais experiente" ser um livro ou um *site*, por exemplo. Assim, a agência é vista como o "poder" de controlar a própria aprendizagem através da autorregulação, ajudando o aprendiz a se locomover por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD)[8], que, de acordo com Rego (2014, p. 73), em uma definição embrionária do termo, "[...] é a distância entre aquilo que o aprendiz é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ele realiza em colaboração com outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial)". No entanto, fazemos uso da visão neovygotskyana: a ZPD é, então, o espaço entre "[...] o que os participantes são" e "o que estão em processo de tornar-se". É importante enfatizar que não há como falar de ZPD sem passarmos pelo crivo da transformação; afinal de contas, este é o *cerne*, grifo nosso, desse conceito fulcral de Vygotsky (MATEUS, 2009, p. 61). Ao descobrir a ZPD, ele praticou, conscientemente, a metodologia do instrumento-e-resultado, isto é, descobriu a unidade de estudo "psicológica" caracteristicamente humana, que, já se sabe, não é unidade psicológica nenhuma, mas uma unidade sócio-histórica (NEWMAN; HOLZMAN, 2002 [1993]).

A versão Sociocultural II, por sua vez, está centrada, principalmente, nas obras de Rogoff e Lave (1984), Lave e Wenger (1991), Wenger (1998) e Wenger *et al.* (2002). Essa perspectiva não enfatiza o desenvolvimento da autonomia propriamente dita, mas destaca a participação do indivíduo na comunidade de prática[9] (LAVE; WENGER, 1991; WENGER, 1998; WENGER *et al*., 2002), ou seja abrange as relações interpessoais entre membros novatos e os mais experientes a fim de que os novatos consigam se inserir na CoP desejada, passando de uma participação periférica para uma participação cada vez mais central. Por outro lado, é importante ressaltar que essa interação só será possível se participantes veteranos se disponibilizarem a oferecer aos novatos conhecimentos acerca da comunidade, informações culturais, práticas e estratégias (OXFORD, 2003, 2017). Como mencionado anteriormente, no entanto, o foco da análise deste artigo é o de autonomia Sociocultural I, como proposto pela autoria, ou seja, a interação do indivíduo com pares mais experientes de forma que se aproprie das práticas sociais da CoP.

Abordados os conceitos escolhidos para embasarem este artigo, na próxima seção, apresentamos a metodologia usada para a geração, análise e discussão dos dados.

3 METODOLOGIA

A geração de dados se deu por meio de narrativas, pois é central a percepção de que as pessoas utilizam a narrativa não apenas para "[…] (re) construírem eventos passados, mas, para que tais eventos sejam interpretados de acordo com as representações que desejam, por isso, a construção de narrativas está intimamente relacionada à construção identitária" (SANTOS, 2013, p. 24). Dado o fato de a participante residir nos Estados Unidos, recorremos ao contexto *on-line*, por meio do qual os dados foram gerados: *e-mail* (por onde obtivemos as narrativas escritas) e *WhatsApp* (por onde obtivemos as narrativas orais – via entrevista semiestruturada). Segundo Ferraz (2019, p. 48), desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, a qual se alastra em múltiplas esferas das relações sociais (se apresentando também como campo e/ou objeto de pesquisa), é ignorar o fenômeno

[8] ZPD, geralmente vê-se ZDP, no entanto, fazemos uso da ordem ZPD, como adotada por Mateus *et. al*, 2009.

[9] Segundo Fernandes *et al.* (2016, p. 46), o termo foi cunhado por Jean Lave e Etienne Wenger em seus estudos sobre a teoria da aprendizagem, para se referir ao processo de aprendizagem. As comunidades de prática (CoPs) são formadas por pessoas que, voluntariamente, compartilham de um mesmo interesse ou paixão, interagem regularmente, trocam informações e conhecimento, buscam sustentar a comunidade e compartilham do aprendizado, de maneira que podem ser caracterizadas por apresentarem as seguintes dimensões: empreendimento conjunto, envolvimento mútuo e repertório compartilhado (WENGER, 2008). O aprendizado informal se dá a partir do engajamento das pessoas no fazer (WENGER, 1998).

social da nossa era e tornar perecíveis os métodos antropológicos tradicionais por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais.

Essa ideia remete ao trabalho de Christine Hine (2008 [2005]) que aponta para a interatividade e as múltiplas conexões podem ser asseguradas pela presença de grupos sociais na internet, constituindo a oportunidade de produzir pesquisas etnográficas, na medida em que demonstram o potencial de "alto grau de flexibilidade interpretativa". Atualmente, faz uso do termo "Etnografia na Internet", diferentemente do que costumava usar: "Etnografia Virtual". De acordo com Ferraz (2019), o abandono do termo veio por compreender a condição material da conexão *on-line* em mídias móveis. Dessa forma, tal fato inspirou a pensar o contexto das práticas sociais em rede de conexão *on-line* como uma conjunção cultural, a qual dá abertura ao debate, em que a autora se posiciona na ideia das disparidades da atuação social/digital entre as esferas *on-line* e *off-line* (FERRAZ, 2019, p. 55).

Propusemos o cruzamento de dados entre as narrativas dos *e-mails* e das do *WhatsApp* a fim analisar o esforço reflexivo da participante ao narrar a própria história de duas formas diferentes. Para tanto, nos meses de maio e junho de 2018, foram trocados os *e-mails* (enviamos o *e-mail* cujo título era "conte-me sua história", e ela respondeu nos dias 31 de maio, 04 de junho, 05 de junho e 16 de junho de 2018, respectivamente). Com base nessas narrativas, realizamos duas entrevistas (nos dias 19 e 20 de novembro de 2019), que tiveram duração de, aproximadamente, 20 minutos cada. Após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição das conversas com base nas convenções de transcrição de entrevista de Du Bois (2006), mas também com algumas adaptações. Para melhor compreensão do leitor, há uma tabela (em anexo) para explicar os símbolos e seus respectivos significados, usados na transcrição das entrevistas.

A próxima seção mostra como foi feita a análise dos dados, a fim de que seja possível observar como se deram as (re)construções identitárias de ROSA no contexto migratório. Ou seja, analisamos os dados que mostram como as crenças de ROSA conduziram sua agência durante seu processo de aprendizagem de LAd. Além disso, é possível observar como se dá a relação entre crenças, agência e autonomia sociocultural no processo de aprendizagem de inglês como LAd.

4 ANÁLISE DOS DADOS

ROSA é uma imigrante-aprendiz nos Estados Unidos. Aos 21 anos, foi ao país, a princípio, para trabalhar temporariamente como babá dos filhos de outra brasileira, que era conhecida de sua amiga, e, depois que juntasse dinheiro, voltaria ao Brasil. Após alguns meses trabalhando em Nova Iorque, conseguiu outro trabalho também como babá onde conheceu seu marido. Assim, deixou de trabalhar nessa nova casa porque se tornou cunhada de sua patroa. Desde então, na época da geração de dados, já fazia 32 anos, aproximadamente, que ROSA morava nos Estados Unidos, onde constituiu sua família e conquistou muitos dos seus objetivos, como, por exemplo, o de aprender a língua e a cultura do país. Sobre isso, é importante mencionar que ela decidiu que aprenderia o inglês para que não dependesse de ninguém, isto é, não queria ter dificuldades para se comunicar, além de ter o desejo de alcançar sua autonomia, seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista linguístico. Foi por meio de suas crenças que ela praticou sua agência em relação ao que, para ela, significava ser autônoma em um país estrangeiro. Embora tenha enfrentado muitos desafios como imigrante, ROSA não perdeu o foco e, atualmente, considera-se parte dessa CoP não apenas porque fala inglês, mas porque se sente aceita e pode exercer sua autonomia dentro desse espaço.

Começamos a análise de dados com base em trechos do *e-mail* enviado pela pesquisadora primeira autora deste trabalho e respondido por ROSA:

> EXCERTO 1. Resposta enviada por Rosa em 16 de junho de 2018.
> Assunto do *e-mail*: *"Conte-me sua história..." (Continuação: PARTE 3)*
> Corpo do *e-mail*: *"What helped me learn quickly and adapt to the American culture was that I only was around people that spoke the language, so I had no choice but to speak." [sic]"*[10]

[10] Nossa tradução livre: "O que me ajudou rapidamente a me adaptar à cultura americana foi o fato de eu estar cercada por pessoas que falam língua, então eu não tinha outra opção senão falar inglês".

É possível observar no excerto anterior que a participante afirma que o fato de ela estar cercada por "falantes nativos", além de possibilitar sua interação com eles com frequência, de certa forma, fomentou, por consequência, sua aprendizagem da língua. Segundo ela, *"o que me ajudou rapidamente a me adaptar à cultura americana foi o fato de eu estar cercada por pessoas que falam inglês [...]"* (excerto 1/*e-mail*). Durante a entrevista, retomamos esse assunto, perguntando como ela fazia para se comunicar com as crianças, já que era babá, quando ela ainda não dominava muito bem o inglês. Observemos sua resposta:

> EXCERTO 2. Resposta enviada por Rosa em 05 de junho de 2018.
> Assunto do e-mail: *"Conte-me sua história..." (Continuação: PARTE 2)*
> Corpo do e-mail: *"I started the job and it was a challenge, the kids would speak to me but some words I would understand but others I couldn't because the kids spoke to fast. I started to have the kids to sign as the spoke and this way I was able to know what they wanted faster [sic]"*[11]

No trecho anterior, ROSA relata o quanto foi desafiador para ela se comunicar com as crianças porque elas falavam muito rápido e ela mal conseguia compreendê-las. No entanto, a participante começou a tomar a seguinte atitude: *"Eu comecei a pedir para que elas sinalizassem enquanto falavam e assim eu conseguia saber o que elas queriam mais rapidamente"* (excerto 2/*e-mail*). Aqui, fica claro o conceito de ZPD na perspectiva neovygotskyana, isto é, segundo Newman e Holzman (1993), a ZPD é uma unidade de aprendizagem-e-desenvolvimento – o lugar da atividade revolucionária. Isso porque eles partem da premissa vygotskyana de que a mente é histórica, sendo, literalmente, criada ou produzida através "[...] da participação e da interiorização de formas de atividade socioculturais-históricas" (NEWMAN; HOLZMAN, 2002 [1993], p. 82). Em outras palavras, é por meio da interação com o "outro", com o par mais "experiente" e mais "capacitado", que também nos desenvolvemos.

É importante destacar, em relação a esse trecho de ROSA, traços de agência, visto que ROSA começou a tomar "determinadas atitudes" a fim de que pudesse se comunicar com as crianças. De acordo com Van Oers (2015), agência pode ser entendida como as formas pelas quais as pessoas situadas no mundo dominam intencionalmente a própria vida. Liberali (2020) destaca em seus estudos o conceito de agência transformadora, isto é, aquela cujo foco recai no desenvolvimento de autoridade e de autoria de cada indivíduo sobre a própria vida e sobre a transformação de realidades (ENGESTRÖM; SANNINO, 2011). Nessa linha, os indivíduos usam seus repertórios, criando potencial para agir com novos papéis sociais e para ir além de suas possibilidades imediatas de maneira conjunta (LIBERALI, 2017b). Ou seja, ROSA agiu em relação à dificuldade que estava impedindo que ela compreendesse as crianças, resolveu partir para o "plano b", isto é, por meio de gestos, tentou encontrar uma solução para aquele entrave na comunicação.

No próximo excerto, observamos que ROSA parece estar convencida de que para falar bem inglês é necessário interagir com os membros dessa CoP. Ela inclusive menciona alguns de seus amigos que não tiveram a mesma atitude que ela, e que, por isso, segundo a participante, não obtiveram êxito no processo de aprendizagem de inglês. Vejamos:

> EXCERTO 3. Entrevista via *Whatsapp*, realizada em 20 de novembro de 2019.
>
> Pergunta:
> é::: *foi o fato de você tá [sic] cercada por pessoas que só falavam inglês, né? É::: você realmente achou que isso seria suficiente pra [sic] você aprender?*
> Resposta:
> 1. Sim...ah...bom, se você vai *pra [sic]* um país, e ninguém lá fala a sua
> 2. língua, você é forçado a aprender a língua deles, porque como é 'que você
> 3. vai se comunicar?'; ah...ih...isso é um fato, isso é um fato de vida porque
> 4. *tenho alguns amigos aqui que são hispanos, que são mexicanos, e uns*
> 5. *também que são brasileiros...ah...e eles não falam tão bem inglês como*
> 6. *eu falo, porque...ah...eles vivem numa comunidade que tem só*

[11] Nossa tradução livre: "Eu comecei a trabalhar e foi um desafio, as crianças falavam comigo e algumas palavras eu entendia, outras não, porque elas falavam muito rápido. Eu comecei a pedir para que elas sinalizassem enquanto falavam e assim eu conseguia saber o que elas queriam mais rapidamente".

7. *brasileiro, tem mais brasileiro do que americano, eles...ah...vão pra*
8. *[sic] igreja... ah... que é de "brasileiro", ah...eles se so -- cializam só*
9. *com brasileiros, so (% então %), eles vieram pra [sic] América, mas*
10. *não querendo fazer o esforço de mesmo aprender a língua do país,*
11. *ahm...// quando eu vim pra [sic]* cá, quando eu *tava [sic]* (...)

Segundo as crenças de ROSA, "estar perto", "estar cercado pelos americanos" e "estar onde eles estão" são fatores importantes não só para aprendizagem da língua, mas para o aculturamento na nova CoP. Lembremos que as crenças nos dão "[...] confiança suficiente para agirmos" (DEWEY, 1933 *apud* BARCELOS, 2004, p. 127). Assim sendo, elas parecem ter norteado as ações da participante a fim de que ela alcançasse seu objetivo: aprender a falar o inglês fluentemente para não "depender de ninguém". É possível verificar também que, atrelado aos traços de crenças, está o traço de agência, visto que, no trecho anterior, observamos algumas de suas atitudes, como, por exemplo, *"eu falava o que sabia falar e o que não sabia falar, eu falava errado, ou apontava para os objetos e coisas"* (excerto 2, linhas 1 e 2). Também, podemos observar a seguinte fala, *"[...] tenho uns amigos aqui que são que são mexicanos, e uns também que são brasileiros...eles não falam tão bem inglês como eu falo, porque eles vivem em uma comunidade onde só tem brasileiros [...]"* (excerto 3 – linhas 4 a 6). Mais uma vez, percebemos que a crença mais proeminente de ROSA é a de se inserir no grupo onde o inglês é falado.

De acordo com Ahearn (2017), agência é a capacidade socioculturalmente mediada de agir. Dito de outra forma, a agência não existe antes de um contexto sociocultural específico, mas emerge a partir da dinâmica social, política, cultural e linguística de uma determinada comunidade (DESJARLAIS, 1997 *apud* AHEARN, 2017). É importante frisar que essa agência busca alcançar determinado objetivo. No caso da participante, além de ela se empenhar para aprender a LAd, isto é, o inglês, ROSA também buscava ter autonomia em relação a essa nova comunidade, tendo acesso a tudo o que tem a ver com ela. Sobre isso, selecionamos uma parte da entrevista na qual a participante deixa bem claro o que significava para ela falar inglês:

EXCERTO 4. Entrevista via *WhatsApp*, realizada em 20 de novembro de 2019.

Pergunta:
Mas, particularmente... pra [sic] você...era...era...muito importante? O que significava pra [sic] você.... aprender a falar inglês?
Resposta:
1. *[...] eu não queria depender dos outros de ficar traduzindo as coisas*
2. *pra mim [sic], eu quis aprender eu mesma, eu queria aprender como*
3. *conversar com os americano [sic];* eu queria poder ir numa loja, e poder
4. conversar com o vendedor, explicar *pra [sic]* o que eu queria (...)

Dominar o inglês, na visão de ROSA, significava desenvolver sua autonomia em uma comunidade da qual, *a priori*, ela não fazia parte. Observemos a seguinte declaração: *"[...] eu não queria depender dos outros de ficar traduzindo as coisas pra mim [sic], eu quis aprender eu mesma, eu quis aprender como conversar com os americano [sic]"* (excerto 4 – linhas 1 a 3). Aqui podemos observar o que Oxford (2003) propôs quando sugeriu a criação de mais duas versões de autonomia – estudo iniciado por Benson (1997). Em relação aos dados em destaque mencionados acima, notamos os traços da versão da autonomia Sociocultural II, que abrange as relações interpessoais entre membros novatos e os mais experientes a fim de que os novatos consigam se inserir na CoP desejada, passando de uma participação periférica para uma participação cada vez mais central (OXFORD, 2003).

É importante ressaltar que só o fato de ela ser imigrante implica muitos desafios a serem vencidos. Durante a análise dos dados gerados, observamos o processo de reconstrução identitária pelo qual ROSA passou ao longo de todos esses anos nos Estados Unidos. Por último, separamos um trecho da entrevista que nos chamou a atenção em particular porque acreditamos que resume a proposta deste presente trabalho. Observemos:

EXCERTO 5. Entrevista via *WhatsApp* realizada em 20 de novembro de 2019.

Pergunta:

Ih... depois de tanto tempo vivendo aí nos Estados Unidos, você se sente parte desse país? E quando você pensa no Brasil, o que vem à sua mente? O que você sente?

Resposta:

1. Sim eu já sou sim...cidadã americana, vivendo aqui há trinta e três anos,
2. você faz parte do país. *Eu vivo aqui há mais tempo do que eu vivi no*
3. *Brasil; no Brasil eu vivi vinte e um anos, saí daí quando tinha vinte e*
4. *um; *yeah (% sim %), eu sou já cidadã americana, *so (% então %)*
5. *é meu país, é meu país..., *so (% então %), eu luto, eu brigo, eu falo*
6. *@@@, eu me envolvo, como se fosse meu país; o Brasil... o Brasil... é*
7. *como só um país agora, o Brasil agora, pra [sic] mim, na minha visão,*
8. *é um país que eu vou só pra turismo, tendeu? [sic], ahm... porque é*

Esse fenômeno pode ser observado nas seguintes falas da participante, *"[...] vivendo aqui há trinta e três anos, você faz parte do país. Eu vivo aqui há mais tempo do que eu vivi no Brasil; no Brasil eu vivi vinte e um anos [...]"* (entrevista 2/excerto 16 – linhas 1 a 3). No mesmo trecho ela diz, *"*yeah (% sim %), eu sou já cidadã americana, *so (% então %) é meu país, é meu país..., *so (% então %), eu luto, eu brigo, eu falo @@@, eu me envolvo, como se fosse meu país"* (linhas de 4 a 6). Em ambos os fragmentos citados, é possível verificar que ela se descreve como alguém que se sente aceita nessa ~~comunidade de prática~~. CoP. Além disso, chama de "seu", o país de acolhimento, isto é, os Estados Unidos, a terra que lhe ofereceu possibilidades para que ela exercesse sua agência, ou seja, os participantes dessa CoP permitiram-lhe negociar e renegociar com eles valores materiais e simbólicos, como a linguagem e serviço, por exemplo (LANTOLF; THORNE, 2006).

As falas anteriores também demonstram que, ao longo do tempo, o exercício da agência de ROSA, no jogo de "negociações", deu-lhe condições de empoderar-se e reconstruir sua identidade nessa nova CoP. Vale uma ressalva, a agência da participante, nesse caso, vem para o aprendizado, mas não para a transformação do *status quo* de "imigrante", pois ROSA já não se enxerga assim. Observemos: *"[...] América agora é a minha casa, e o Brasil é o lugar que eu vou pra [sic] turismo"* (linhas 18 e 19). Só chama um país estrangeiro de casa quem de fato se sente parte desse contexto. A partir dos dados apresentados anteriormente, podemos perceber que o contexto nos molda e nós também podemos moldá-lo. Essa noção pode ser relacionada à ideia de materialismo dialético proposta por Marx e Engels (2001) em que o ambiente, o organismo e os fenômenos físicos, os seres humanos, a cultura e a sociedade atuam e modificam o mundo, ao mesmo tempo que são modelados por ele. Segundo Santa e Baroni (2014), pode-se verificar uma relação entre a filosofia Marxista e Vygotsky, na medida que este último utilizou a noção de mediação. Nas palavras dos autores:

> A ação consciente do homem sobre o mundo, mediada pelo uso de instrumentos, representou o passo decisivo em direção à gênese do caráter genuinamente humano do homem. Vigotski estendeu essa concepção de mediação ao uso de signos, que a exemplo das ferramentas são criados pelas sociedades, agindo como transformadores da realidade sociocultural. A transmissão da cultura, tanto no que se refere à esfera das ferramentas materiais, quanto aos elementos linguísticos e estético-culturais, representa o fator decisivo no desenvolvimento humano, de onde pode-se inferir a importância do problema educacional para a compreensão do pensamento vigotskiano. (SANTA; BARONI, 2014, p. 2-3)

Entendemos que o fato de ela ser "aceita" nessa nova CoP, mostra que essa comunidade também esteve aberta a negociações, o que configura, de certa forma, transformações. Trata-se, portanto, de um exercício cíclico, o ambiente nos transforma e nós também podemos transformá-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou dar enfoque às (re)construções e negociações de identidade de ROSA no contexto de migração – nesse caso, nos Estados Unidos. Além disso, faz-se relevante levar em consideração a inter-relação entre crenças, agência, empoderamento e autonomia sociocultural da imigrante-aprendiz. Como mostrado pelos dados, foi possível notar que, ao longo desses trinta anos, a

participante passou por momentos muito difíceis, por ser imigrante, por não se sentir pertencente àquela nova cultura (nos primeiros anos), por se sentir só e por não dominar a língua-alvo, ou seja, o inglês. No entanto, sua crença de "ter mais contato com os americanos para aprender a língua e a cultura" foi o que a levou a agir em direção à consecução de seu empoderamento e autonomia sociocultural como imigrante-aprendiz.

Neste artigo, verificamos que a linguagem pode mediar as (re)construções identitárias somada ao fato de o ambiente histórico do mundo – do momento que estamos vivendo, também exercer papel fulcral em nossa constituição como sujeitos críticos (NEWMAN; HOLZMAN, 2002 [1993]). Além disso, de acordo com Freire (1979) e Vygotsky (2011 [1934]), os sujeitos não agem sozinhos, mas encontram-se em um mundo marcado pela presença central e constitutiva do outro. Também, é nas relações sociais, históricas e culturais de um grupo social que o sujeito se desenvolve e que cada um se torna singular (LIBERALI, 2020).

Esperamos que este artigo tenha proporcionado reflexões, em especial, sobre os conceitos de agência, empoderamento e autonomia sociocultural dos imigrantes em países de acolhimento. Entre as questões que ficam para o futuro estão: como os imigrantes, principalmente, oriundos da América Latina, lidam com os desafios de estarem em uma terra estrangeira? Como eles buscam alternativas em relação às novas medidas de restrição para a entrada de imigrantes nos Estados Unidos de forma não documentada legalmente? Como encaram a deportação para seus respectivos países de origem? Outro ponto importante que buscaremos nos debruçar em uma investigação mais detalhada é o conceito de translinguagem em contextos transculturais, levando-se em consideração o fato de estarmos inseridos em uma sociedade tecnologicamente avançada e interligada pelas mídias/redes sociais.

O fato interessante nesta análise foi o fato de ROSA considerar, mesmo que implicitamente, mais sua "identidade americana" do que a "brasileira", como se fosse possível "apagar" em definitivo as várias identidades até então existentes. Obviamente, a depender do contexto, os indivíduos podem "controlar" ou dar mais proeminência a uma determinada faceta identitária do que a outra(s) a fim de se alcançar um objetivo.

O mais importante é que ROSA se encontrou nessa CoP que também a aceitou como membra, o que comprova que ainda há negociações ocorrendo e, por consequência, há reconstruções identitárias ocorrendo simultaneamente. Faz-se mister manter em mente que a imbricação das negociações, reconstruções e variedades de agências pode propiciar o desenvolvimento da autonomia sociocultural e pode empoderar e posicionar o aprendiz, a depender, é claro, do contexto em que se encontra e das oportunidades a ele oferecidas.

REFERÊNCIAS

AHEARN, L.M. *Living Language:* an introduction to Linguistic Anthropology. United Kingdom: John Wiley & Sons Ltd, 2 nd ed, 2017.

BARBOSA, J. C. de M. *Reassentamentos Urbanos de Imigrantes Palestinos no Brasil*: Um estudo de caso do campo de Brasília. 2010. 104f. (Dissertação de Mestrado) — Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16648/16648_1.PDF. Acesso em: 24 abr. 2021.

BARCELOS, A. M. F. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. Universidade de Viçosa. *Linguagem e Ensino*, v. 9, n. 2, p. 145-175, 2006.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de Pesquisa das crenças sobre aprendizagem de língua: Estado da Arte. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v.1, n.1, p. 71-92, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbla/v1n1/05.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004. Disponível em http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/G_Ana_Maria_Barcelos2.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbla/v7n2/06.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

BARCELOS, A. M. F.; KALAJA, P. *Beliefs in Second Language Acquisition*: The Encyclopedia of Applied Linguistics, Edited by Carol A. Chapelle. Blackwell Publishing Ltd. Published, 2013,

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: Instrumento de Emancipação social? — Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099/. Acesso em: 24 abr. 2021.

BAUMAN, Z. *Identity: conversations with Benedetto Vecchi*. Cambridge: Polity Press, 2004.

BENSON, P. The Philosophy and Politics of Learner Autonomy. *In*: BENSON, P.; VOLLER, P. *Autonomy and Independence in Language Learning***.** London: Longman, 1997. p. 18-34;

BENSON, P. *Teaching and Researching Autonomy*. London and New York: Routledge, 2nd edition, 2011.

BERTH, J. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BEZERRA, E. P. *A fixação da crença de Charles Sanders Peirce*. São Paulo: Ideias de Letras, 2008.

BORGES, L. D. R. *O processo de autonomização à luz do paradigma da complexidade:* um estudo da trajetória de aprendizagem de graduandos de Letras-inglês. 2019. 259f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFPA. Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2019. Disponível em:
http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/11219/1/Tese_ProcessoAutonomizacaoLuz.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

CANDAU, V. M. F. Cotidiano escolar e práticas interculturais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, Sept. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100157420160003008 02&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 abr. 2021.

CAREIRO, R. Mais de 1 milhão de brasileiros vivem nos EUA, segundo o Itamaraty. Negócios, 15 ago. 2018. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/08/mais-de-1-milhao-de-brasileiros-vivem-nos-eua-segundo-o-itamaraty.html. Acesso em: 14 de abr. de 2021.

CASTELLS, M. *O Poder da identidade*. Trad. Klaus Brandini Gerdhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001 [1987].

DE FINA, A. *Identity in Narrative — A Study of immigrant Discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

DU BOIS, J. W. Representing Discourse, 2006. Disponível em: http://transcription.projects.linguistics.ucsb.edu/A04comparison.pdf.. Acesso em: 21 nov. 2019.

ENGESTRÖM, Y. "Development, movement and agency: breaking away into mycorrhizae activities", Building activity theory in practice: Toward the next generation, 1, p. 1-43, 2006. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/12fe/cbbf5a6a693001975452fb0c39d1e6b42604.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

ENGESTRÖM, Y. From design experiments to formative interventions. *Theory Psychology*, v. 21, n. 598, p. 598-628, 2011. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959354311419252. Acesso em: 24 abr. 2021.

ENGESTRÖM, Y; SANNINO, A. Discursive manifestations of contradictions in organizational change efforts: a methodological framework. *Journal of Organizational Change Management,* Bradford, v. 24, n.3, p. 368-87, 2011. Disponível em: https://vdocument.in/discursive-manifestations.html. Acesso em: 24 abr. 2020.

FARIA, M. R. F. *Migrações internacionais no plano multilateral*: reflexões para a política externa brasileira. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2015. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/1130Migracoes_internacionais_no_plano_multilateral_23_10_2015.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

FERRAZ, C. P. A Etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em rede on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política,* São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun-set 2019. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/aurora/article/viewFile/44648/pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

FERNANDES, F. R. *et al*. Comunidade de Prática: uma revisão bibliográfica sobre casos de aplicação organizacional. Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, PR. A to Z: Novas Práticas em informação e conhecimento. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/46691/28834. Acesso em: 24 abr. 2021.

FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREITAS, L. F. E.; MOITA LOPES, L. P. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de migrantes universitários. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 19, n.1, Belo Horizonte, Jan./Mar. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982019000100147. Acesso em: 24 abr. 2021.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HARDT, M; NEGRI, A. *Império*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HINE, C. Virtual Ethnography: Modes,Varieties,Affordances. *In*: FIELDING, N. (ed.). The SAGE Handbook of Online Research Methods, 2008.

HOLZMAN, L. *Vygotsky's Zone of Proximal Development:* The Human Activity Zone. Presentetion to the Annual Meeting of American Psychological Association, Chicago, 2002.

LANTOLF. J. P.; THORNE. S. L. *Sociocultural Theory and the Genesis of Second Language Development*. Oxford University Press, 2006.

LARA JUNIOR, N.; LARA, A. P. S. Identidade: colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação. *Psicologia e Sociedade*, vol. 29, USP, São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822017000100406&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 abr. 2021.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning:* legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra (s) língua (s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. *In:* LEFFA, V. L.; IRALA, V. B. (org.). *Uma espiadinha na sala de aula:* ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014.

LIBERALI, F. C. Transforming urban education in São Paulo: insights into a critical-collaborative school project. *D.E.L.T.A.*, v. 35, n. 3, 2019. Disponível em:https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-44502019000300401&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 abr. 2021.

LIBERALI, F. C. O desenvolvimento de agência e a Educação Multi/Bilíngue. In: MEGALEA, A. (org.). *Desafios e práticas na Educação Bilíngue.* São Paulo: Fundação Santillana, vol. 2, 2020, p. 79-91. Disponível em: https://www.academia.edu/43690948/O_desenvolvimento_de_ag%C3%AAncia_e_a_Educa%C3%A7%C3%A3o_Multi_Bil%C3%ADngue. Acesso em: 24 abr. 2021.

LIBERALI, F. C. Globalization, superdiversity, language learning and teacher education in Brazil. *In:* BANEGAS, D. L. (org.). *Initial English language teacher education: international pers-pectives on research, curriculum and practice*. New York: Bloomsbury, 2017b. p. 177-191.

MATEUS, E. Práxis Colaborativa e as Possibilidades de ser-com-o-outro. *In*: SCHETTINI, R. H. *et al. Vygotsky: uma revista no início do século XXI*. São Paulo: Andross, 2009.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e Globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia linguística para tempos híbridos. *D.E.L.T.A*, p. 309-340, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502008000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 24 abr. 2021.

NASCIMENTO, E. N. S. *Narrativas de uma imigrante brasileira nos Estados Unidos: (Re) construções identitárias a partir da interseção de vozes do "eu" com o "outro"*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 182 f., 2020.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. *Unscientific Psychology: A Cultural Performatory Approach to Understanding Human Life*. Westport, CT: Praeger Publishers, 1996.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. *Lev Vygotsky: cientista revolucionário***.** São Paulo: Edições Loyola, 1993/2002.

NININ, M.O.G; MAGALHÃES, M.C.C. A Linguagem da Colaboração Crítica no Desenvolvimento da Agência de Professores de Ensino Médio em Serviço. *Alfa*, São Paulo, 61 (3), p. 625–652, 2017. Disponível em: http://doi.org/10.1590/1981-5794-1711-7. Acesso em: 24 abr. 2021.

OLIVERIA, P. Narrativas Identitárias e construções subjetivas: considerações teóricas e análise empírica de identidades entre jovens das classes populares. *Revista Civitas*, v. 11, n. 1, p. 157-171, Porto Alegre, jan-abr 2011. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/7383/6331. Acesso em: 24 abr. 2021.

OXFORD, R. L. Toward a more systemic model of L2 learner autonomy. In PALFREYMAN, D.; SMITH, R.C. (eds) *Leaner Autonomy across Cultures: Language Education Perspectives.* Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 75-91, 2003.

OXFORD, R. L. *Teaching and Researching Language Learning Strategies:* self regularion in Context. London and New York: Routledge, 2017.

PAIVA, V. L. M. O. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.9, n.1, p.77-127, 2006. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v9n1/vera_paiva.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? *In*: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, p. 21-46;

REGO, T. C. O desenvolvimento infantil na perspectiva sócio-histórica. In: *Vygotsky:* uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 25. Ed, 2014.

RIVEIRA, C. Número de novos brasileiros com green card nos EUA bate recorde: quase 20.000 brasileiros obtiveram green card, a permissão de residência nos EUA, em 2019. Exame, 20 de nov. de 2020. Disponível em:< https://exame.com/mundo/numero-de-novos-brasileiros-com-green-card-nos-eua-bate-recorde/> acesso em: 14 de abr. de 2021.

ROGOFF, B.; LAVE, Jean (eds.) Everyday Cognition: Its Development in Social Context. Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1984.

RYMES, B. Classroom Discourse Analysis: A Focus on Communicative Repertoires. In: HORNBERGER, N.; MCKAY, S. L. *Sociolinguistics and Language Education.* Bristol: Multilingual Matters, 2010.

SANTA, F. D.; BARONI, V. As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a psicologia histórico-cultural. *Kínesis*, Vol. VI, n° 12, dezembro 2014, p.1-16. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/1_fernandoevivian.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

SANTOS, W. S. Os níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativista com narrativas. In: SANTOS, W. S.; BASTOS, L. C. (orgs.). *A entrevista na pesquisa qualitativa:* perspectivas em análise da narrativa e da interação. FAPERJ, pp. 31-33, 2013.

SANTOS, F. M; GOMES, S. H. A. *Etnografia virtual na prática*: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. VII Simpósio Nacional da
Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2013. Disponível em: http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

SANTOS et al. *Assistente social no combate ao preconceito: xenophobia*. Conselho Federal de Serviço Social (CEFSS), caderno 5 – Brasília, 2016. Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno05-Xenofobia-Site.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. *Línguas Adicionais na escola:* aprendizagens colaborativas em Inglês. Edelbra, 2012.

VAN OERS, B. Implementing a play-based curriculum: fostering teacher agency in primary school. *Learning, Culture and Social Interaction*, v. 4, p. 19-27, 2015.

VIANINI, C. Agência humana como um sistema adaptativo complexo: compreendendo o ensino de língua inglesa na escola pública e particular. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016. Disponível em: http://revel.inf.br/files/b7f4e47367cdec05b8c2870afbca3e09.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

VIRKKUNEN, J. "Dilemmas in building shared transformative agency", *Activités*, 2006, v. 3, n.1. pp.43-66. Disponível em: https://journals.openedition.org/activites/1850. Acesso em: 24 abr. 2021.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in Society*. Cambridge, MA: Harvard University Press. [1978] 2009.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1934] 2011.

WENGER, E. *Communities of Practice:* learning, meaning and identity. New York: Cambridge, 1998.

WENGER, E.; McDERMOTT, R.; SNYDER, W. *Cultivating Communities of Practice.* Boston: Harvard, 2002.

WERTSCH, J. V., TULVISTE, P. & HAGSTROM, F. A sociocultural approach to agency. In E. A. Forman, N. Minick, & C. A. Stone (Eds.), *Contexts for learning*: Sociocultural dynamics in children's development. Oxford: OUP, 1993, p. 336-356.

WENGER-TRAYNER, B.; WENGER-TRAYNER, E. *Communities of practice - a brief introduction.* 2015. https://www.wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/Acesso em: 24 abr. 2021.

Recebido em 13/08/2020. Aceito em 04/12/2021.

ANEXO A - Convenções de transcrição de entrevista adaptada de Du Bois (2006):

Símbolo	**Significado**
...	Pausa
Negrito	Trechos em destaque para análise
**Itálico*	Palavra ou expressão em idioma diferente do português
Itálico [sic]	"Exatamente isso", "desse modo" (como foi dito originalmente)
@@@	Risos
???	Ininteligível
(% %)	Tradução para a Língua Portuguesa
--	Fala truncada
:::	Alongamento da vogal
;	Pausa curta
.	Pensamento concluído
//	Mudança de pensamento (interrupção)
""	Sentido figurado
**	Expressão informal
‘’	O participante faz comentários dentro de sua fala
[...]	Trechos suprimidos

Fonte: adaptado pelos autores com base em Du Bois (2006)

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90793

TRABALHO DE CAMPO SOBRE DÊIXIS[1]

TRABAJO DE CAMPO SOBRE LA DEIXIS

FIELDWORK ON DEIXIS

William F. Hanks*

Traduzido por Érica Marciano de Oliveira**

RESUMO: Este artigo esboça uma abordagem para o trabalho de campo sobre a semântica e a pragmática da dêixis. As expressões dêiticas, como as expressões em inglês '*this, that, here, there*' ('este, aquele, aqui, lá'), são tipicamente usadas para individualizar objetos referenciais em relação à base indicial do contexto de fala. Fundamentado em pesquisas de longo prazo sobre a língua maia iucateque, este artigo argumenta que a base da dêixis não é a contiguidade espacial do referente, mas o acesso (perceptivo, cognitivo, social) que os participantes têm ao referente. Para determinar corretamente os significados convencionais dos dêiticos em qualquer língua, o trabalho de campo deve se centrar: nas oposições paradigmáticas entre as expressões dêiticas, em comentários metalinguísticos dos dêiticos pelos falantes nativos e no uso comum em uma variedade de circunstâncias socialmente estruturadas. Argumenta-se que, como em outros tipos de pesquisa etnográfica, a elicitação deve ser realizada na língua alvo, a fim de se ter acesso aos esquemas contextuais através dos quais os falantes apreendem o contexto. Corretamente analisada, a dêixis referencial revela-se altamente sistemática, fácil de seguir no trabalho de campo e central para a pragmática.
PALAVRAS-CHAVE: Dêixis. Trabalho de campo. Interpretação indicial. Etnografia. Pragmática emancipatória.

[1] **Tradução do artigo**: HANKS, William F. Fieldwork on deixis. *Journal of Pragmatics*, v. 41, n. 1, p. 10-24, 2009. A tradução foi cordialmente concedida, tanto pela editora do artigo original, Elsevier, que hospeda o *Jornal of Pragmatics* (https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.09.003), como pelo autor. Agradeço a revisão técnica da tradução ao professor Daniel do Nascimento e Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina. Agradeço a revisão fonética da tradução à professora Raquel Gomes Chaves, da Universidade Estadual do Paraná. E agradeço a leitura atenciosa da tradução à professora Edair Maria Görski, da Universidade Federal de Santa Catarina.

* **William F. Hanks** é professor titular (Distinguished Professor) em Antropologia Linguística na Universidade da Califórnia, Berkeley. Ele recebeu o Doutorado em Linguística e Antropologia pela Universidade de Chicago, em 1983, e lecionou na Universidade de Chicago (1983-1996) e na Universidade Northwestern (1996-2000). Foi professor visitante em várias instituições no exterior, incluindo a École des Hautes Études en Sciences Sociales e a Universidade de Copenhague. Sua especialidade é a língua e cultura maia. Ele tem publicado amplamente sobre o uso rotineiro da língua, prática ritual e xamanismo, além da história colonial de Iucatã, México.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ericamarcianodeoliveira@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo esboza un enfoque para el trabajo de campo sobre la semántica y la pragmática de la deíxis. Las expresiones deícticas, como las expresiones en inglés 'this, that, here, there', se utilizan normalmente para individualizar objetos referenciales en relación con la base indexical del contexto de habla. Con base en una investigación a largo plazo sobre la lengua maya yucateca, este trabajo argumenta que la base de la de deíxis no es la contigüidad espacial del referente, sino el acceso (perceptivo, cognitivo, social) que los participantes tienen al referente. Para determinar correctamente los significados convencionales de los deícticos en cualquier lengua, el trabajo de campo se debe centrar en: las oposiciones paradigmáticas entre las expresiones deícticas, los comentarios metalingüísticos sobre los deícticos por parte de los hablantes nativos y el uso común en una variedad de circunstancias socialmente estructuradas. Se argumenta que, al igual que en otros tipos de investigación etnográfica, la elicitación debe llevarse a cabo en la lengua meta para poder acceder a los esquemas contextuales a través de los cuales los hablantes aprehenden el contexto. Al ser analizada correctamente, la deíxis referencial resulta ser bastante sistemática, fácil de seguir en un trabajo de campo y fundamental para la pragmática.
PALABRAS CLAVE: Deíxis. Trabajo de campo. Interpretación indexical. Etnografía. Pragmática emancipadora.

ABSTRACT: This paper outlines an approach to fieldwork on the semantics and pragmatics of deixis. Deictic expressions, such as English 'this, that, here, there,' are typically used to individuate referential objects in relation to the indexical ground of utterance context. Drawing on long-term research on Yucatec Maya, the paper argues that the basis of deixis is not the spatial contiguity of the referent, but rather the access (perceptual, cognitive, social) that participants have to the referent. In order to properly determine the conventional meanings of deictics in any language, fieldwork should focus on the paradigmatic oppositions among deictic expressions, on metalinguistic glosses of deictics by native speakers, and on ordinary usage under a variety of socially structured circumstances. It is argued that, like other kinds of ethnographic research, elicitation should be conducted in the target language in order to gain access to the contextual schemas through which speakers apprehend context. Properly analyzed, referential deixis proves to be highly systematic, tractable to fieldwork, and central to pragmatics.
KEYWORDS: Deixis. Fieldwork. Indexical construal. Ethnography. Emancipatory pragmatics.

Nas últimas décadas, assistimos a um aumento de pesquisas sobre pragmática e campos relacionados, incluindo notadamente antropologia linguística, sociolinguística, ciência cognitiva e estudos dos gestos. Este artigo focalizará na indexicalidade, e especialmente nos índices referenciais, como 'este/esse, aquele, aqui, ali, agora, então' e outros do gênero. Esses itens são chamados de "índices", "*shifters*" ou "dêiticos", a partir de sua função de apontar. Embora a indexicalidade seja formidavelmente abstrata e tenha sido formalizada na semântica e na filosofia, meu objeto de estudo são os índices das línguas naturais – e apenas alguns deles, para ser mais preciso[2]. Os índices que comentarei são itens lexicais e construções usadas para individualizar objetos acessíveis no contexto de fala. Pode-se argumentar que nomes próprios, termos naturais, variantes estilísticas e marcadores de evidencialidade são índices, mas eles estão além do foco deste artigo. Se eu disser: "Este pódio", individualizo o objeto diante de mim; "Esta caneta" (enquanto a seguro), individualizo o objeto na minha mão, "Sente-se ali" (enquanto aponto), individualizo um lugar. Em cada caso, o composto da expressão dêitica em uso e o gesto designa o objeto de que estou falando, separando-o de todos os outros objetos possíveis ao situá-lo no entorno imediato[3].

1 **O PROBLEMA COM A DÊIXIS**

É justo perguntar por que os pesquisadores em pragmática devem se preocupar com a dêixis. Afinal de contas, tais formas representam uma pequena parte da gramática e da pragmática de qualquer língua, e parecem relativamente simples, pelo menos inicialmente. Na versão tradicional, 'este/isto' é usado em referência a objetos que estão próximos ao locutor e 'aquilo' é usado para

[2] A literatura sobre indexicalidade é extensa. Ver Bickel (1997), Fillmore (1997), Diessel (1999), Enfield (2003a, b), Haviland (1993, 1996), Himmelmann (1996), Ide (2001), Ide e Yoshida (1999) para versões recentes. Cf. Benveniste (1974), Bühler (1990), Peirce (1955), Morris (1946), Jakobson (1971), Silverstein (1976), Evans (1982), Sweetser e Fauconnier (1996), Ochs (1992) e Shanker (2001).

[3] A versão mais curta deste artigo foi apresentada como uma palestra na Décima Conferência Internacional de Pragmática (9-14 de julho de 2007, em Gotemburgo, Suécia). Gostaria de agradecer à liderança da Associação Internacional de Pragmática por me convidar e pelo seu trabalho na promoção da pesquisa internacional e interdisciplinar sobre pragmática. Para comentários sobre o texto escrito, gostaria de agradecer a Sachiko Ide e dois revisores anônimos. Os membros do grupo Pragmática Emancipatória também fizeram comentários valiosos sobre a versão oral do artigo.

aqueles que não estão próximos ao locutor. 'Aqui' e 'lá' seriam mais ou menos paralelos. Além disso, é natural que as línguas tenham formas cuja função é designar objetos no espaço de fala, já que os locutores têm corpos e produzem conversas reais no espaço e no tempo. A dêixis emerge como uma forma semanticamente mínima de orientação espacial.

Mas, se escavamos um pouco abaixo da superfície, a concretude aparente do contexto de fala se dissolve, e surge uma imagem bastante diferente de dêixis. Em primeiro lugar, verifica-se que as línguas têm sistemas dêiticos muito variados, como foi demonstrado de forma convincente pelo trabalho realizado pelo Instituto Max-Planck de Psicolinguística e por aqueles e aquelas associados/as a ele. Aqui teríamos de incluir minimamente Levinson (2003), Haviland (1993, 1996), Kita (2003), Senft (2001), Enfield (2003a, 2003b), Bickel (1997), Burenhult (2003), Wilkins (1999), Bohnemeyer e Stolz (2006), bem como minha própria pesquisa que se beneficiou do diálogo com esse grupo. Da mesma forma, Himmelmann (1996), Diessel (1999), Goodwin (2000) e Silverstein (1976) estão entre as pessoas que olharam de perto para o funcionamento real dos dêiticos em língua natural e suas relações com o contexto, o gesto e o discurso. Se casos do inglês ou das línguas indo-europeias são típicos das línguas do mundo é uma questão empírica. Um conjunto de evidências em rápido crescimento indica que o espectro de variação é consideravelmente maior do que se poderia esperar, e isso, por sua vez, lança uma nova e inquietante luz sobre as descrições recebidas das línguas europeias também.

Em segundo lugar, quando contrastamos os dêiticos em termos de proximidade espacial ou temporal, o que realmente queremos dizer? Se um objeto está distante, mas claramente visível, ele é "proximal" para dêixis? E se for uma memória recente ou algo que se aproxima em alta velocidade de fora do campo de visão, como um trem que se aproxima? Estas também são questões empíricas para as quais são necessárias evidências, e a questão empírica é: como as formas linguísticas são usadas e compreendidas por falantes nativos sob as circunstâncias correspondentes?

Em terceiro lugar, quando dizemos que um dêitico indica que seu objeto está próximo ou em estado "proximal", qual é a base ou o *origo,* a partir do qual a proximidade deve ser medida? A visão tradicional sustenta que o *origo* dos índices é o locutor, o chamado "eu-aqui-agora". Isso se encaixa com a noção de senso comum de que a maioria dos enunciados é produzida por indivíduos, e quando digo 'este/isto' ou 'aqui', quero dizer o que está próximo de mim. Essa suposição, que chamo de "egocentrismo", anda de mãos dadas com a ideia de que a proximidade física é o núcleo do significado dêitico. A tácita imagem de fundo aí representa as falas dêiticas como atos de uma pessoa que nomeia objetos distribuídos, de acordo com a proximidade relativa ao locutor. No entanto, é uma questão empírica se o *origo* de um determinado enunciado, de uma determinada forma linguística ou de um conjunto de formas de uma dada língua é de fato o locutor, o interlocutor ou algum outro aspecto do contexto. Se a imagem espacialista egocêntrica fosse toda a história, haveria de fato um interesse limitado do tema para a pragmática. Felizmente, essa não é toda a história e ela pode até não ser tão central assim.

Aqui reside tanto o grande interesse quanto a grande dificuldade do tema. Acontece que as expressões indiciais são complicadas, e é difícil determinar como elas realmente funcionam em diferentes línguas. A imagem espacialista egocêntrica provou ser extremamente robusta e resistente à revisão, no entanto ela é francamente inadequada como base para uma pesquisa pragmática. Entender dêixis do ponto de vista de um locutor solitário no espaço físico é como analisar uma partida de boxe, um tango, um jogo de pôquer ou uma partida de futebol, olhando apenas para um participante da interação.

No mais básico, o discurso dêitico estabelece uma relação entre um *origo* e um objeto de referência. Assim, ele tem três partes: um foco referencial (o objeto), um *origo* do qual é escolhido (a base indicial) e a relação entre os dois[4].

As línguas diferem em termos de como elas categorizam as três partes. Objetos de referência dêitica podem ser categorizados por animacidade, gênero, número, forma e assim por diante. A base ou *origo* pode ser o locutor, o interlocutor, a relação entre eles, ou algum outro aspecto do contexto, dependendo do caso. A egocentricidade é apenas um valor em um conjunto de possibilidades. A relação entre *origo* e objeto pode ser espacial, distinguindo, por exemplo, proximidade relativa, inclusão ou orientação. Mas o espaço é apenas uma esfera de contexto. Outras esferas atestadas nos sistemas dêiticos incluem tempo, percepção (tátil, visual, auditiva),

[4] A abordagem sobre a dêixis resumida nessas observações foi elaborada ao longo de uma série de estudos de maia iucateque (ver HANKS, 1990, 1992, 1993, 1996, 2005, 2007).

memória *versus* antecipação, e o que poderíamos chamar de força do dêitico (apresentativa, diretiva, demonstrativa, referencial, não referencial) (Figura 1).

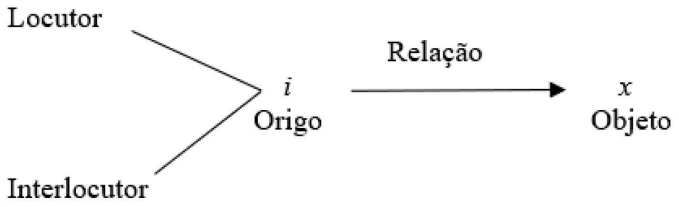


Figura 1: Estrutura relacional da referência dêitica

Além dessas funções, que podem ser convencionalizadas, os dêiticos em uso assumem muitas outras bagagens pragmáticas. Eles tendem a ser muito sensíveis a se o referente é ou não um objeto de conhecimento compartilhado, ou se um ou outro participante tem reinvindicação especial sobre o objeto (por autoridade, propriedade, familiaridade habitual). Obviamente, os dêiticos se coarticulam com gestos, que podem ser igualmente complexos, mantendo com eles relações sistemáticas (HAVILAND, 2000; KITA, 2003). Quando nos libertamos das amarras do espaço egocêntrico e realmente olhamos para a dêixis, encontramos um universo de distinções. Essas distinções giram não em torno do espaço, mas em torno dos tipos de acesso que os participantes têm aos objetos de que falam. A pergunta para dêixis não é 'Onde está o referente?', mas 'Como identificamos o referente em relação a nós?'[5]

A sutileza das categorias dêiticas reside no fato de os contextos reais de fala quase sempre envolverem várias dimensões diferentes ao mesmo tempo. Percepção, proximidade, conhecimento prévio e a própria interação em curso são geralmente características simultâneas do contexto. Isso significa que, dada a ocorrência de um dêitico em um contexto real, muitas vezes não podemos dizer o que motiva a escolha do locutor por um dêitico e não por outro. O desafio empírico é descobrir qual é a variação das dimensões e como elas interagem na pragmática real da conversa. Se conseguirmos fazer isso, ganhamos uma janela para a fina estrutura de referência situada e, com ela, a prática da copresença.

Isso me leva à questão do trabalho de campo. Se esperamos contribuir para o estudo da pragmática e uma melhor compreensão de como as línguas se coarticulam com os contextos, como devemos proceder? Se a teoria da dêixis fosse estabelecida e acordada, a questão de como estudá-la no campo poderia ser secundária, embora seja importante. Mas como não é totalmente claro como as línguas naturais realmente configuram as categorias e como elas são usadas sob diferentes circunstâncias, o trabalho de campo é um empreendimento teoricamente tenso. Como o fazemos dependerá do que consideramos ser a estrutura geral das distinções dêiticas e dos contextos relevantes para observá-las.

No restante deste trabalho, quero fazer um breve esboço de vários tipos de dados que se mostraram especialmente produtivos para o estudo da dêixis. Vou fazê-lo usando o exemplo do maia iucateque, uma língua com a qual tenho trabalhado por várias décadas. No cenário mundial, o sistema dêitico iucateque não é especialmente exótico ou elaborado. O que ele mostra é uma variação de distinções categóricas que ultrapassam em muito a imagem padrão, e padrões de uso que revelam aspectos inovadores da prática dêitica. Além das especificidades desta língua, uma descrição aprofundada da dêixis em uma única língua é fundamental se quisermos descobrir como esses elementos realmente funcionam. O pesquisador precisa entender bem o uso comum e ter vários tipos de evidências para gerar e testar hipóteses incisivas.

[5] Há uma forte afinidade entre a maneira como estou tratando a dêixis e a maneira como DuBois (2007) trata o 'posicionamento (*stance*)': tanto a dêixis quanto o posicionamento são relações indiciais que ligam participantes, enunciados e objetos, e ambos desenham o "*footing*", conforme definido por Goffman (1983). Sobre os fundamentos interativos do enunciado, ver Enfield e Tanya (2007), Goffman (1967, 1972), Goodwin (2000), Goodwin e Goodwin (1992), Goodwin e Heritage (1990), Kendon (1992), Ochs et al. (1996), Rumsey (2003), Schegloff (1987, 1996), Sidnell (2000, 2007) e Wilkins (2006).

A fim de fazer grandes avanços no estudo da dêixis, precisamos de uma pesquisa mais profunda de línguas individuais e famílias de línguas. A pesquisa comparativa e tipológica é fundamental para uma compreensão abrangente, como é o caso da pragmática de modo mais geral. Mas, historicamente, a linguística descritiva consignou essas formas às margens da gramática. Só recentemente começamos a reunir dados relevantes, com precisão suficiente para distinguir entre os tipos de objetos, *origos* e relações que os dêiticos indicam. A comparação tem sido dificultada pela relativa falta de dados adequados e publicados nos quais se possa basear. Mas mesmo quando novos dados comparativos são coletados, há um limite para o que podemos saber sobre a dêixis a partir de uma perspectiva translinguística, especialmente se estamos preocupados com a pragmática real da prática dêitica.

2 PARADIGMAS E CONSTRUÇÕES DÊITICAS EM MAIA IUCATEQUE

O primeiro tipo de evidência de que necessitamos sobre dêixis em qualquer língua é o paradigma central no qual ele é expresso, incluindo demonstrativos nominais, locativos e outros tipos de advérbios, e quaisquer formas especializadas.

Tabela 1: Sinopse de morfemas dêiticos em iucateque (parcial)

Bases		Enclíticos	
hé'e(l)	Ostensive evidential Evidencial ostensivo	-a'	Immediate Imediato
té'el(l)	Locative 'here/there' Locativo 'aqui/lá'	-o'	non-Immediate não-Imediato
way	Locative 'here' Locativo 'aqui'	-be'	Auditory/olfactory Auditiva/olfativa
to(l)	Locative '(out)there' Locativo 'lá fora'	-i'	Anaphoric Anafórica
tí'	Locative [focus] Locativo [foco]	-ti'	Individuated Individuada
bey	Manner 'thus' Maneira/modo 'assim'	-e'	[Topicalizer] [Topicalizador]
le	Definite article Artigo definido		

Tabela 2: Dêiticos lexicais em forma de citação

Ostensivo	Locativo	Nominal	Maneira/Modo
hé'ela'	té'ela'	lela'	beya'
hé'elo'	té'elo'	lelo'	beyo'
hé'ele'	waye'	leti'	bey
hé'ebe'	tolo'	le	
	tí'i'		

Os dêiticos são relativamente sistemáticos em qualquer língua, como são, por exemplo, pronomes, marcadores de caso e distinções de gênero. Eles compõem classes fechadas ou paradigmas nos quais as oposições entre diferentes formas são relativamente fáceis de identificar. Em inglês[6] *this* ('este/esta/isto') é obviamente oposto a *that* ('aquele/aquela/aquilo') como marcadores de definição, e a *these* ('estes/estas') e *those* ('aqueles/aquelas') em termos de número. Os dêiticos do francês *ici*, *là* e *là-bas* formam uma oposição de três vias, claramente relacionadas a *ceci*, *cela*, *celui-ci*, *celui-là*, *ceux-ci*, *ceux-là* e *voici*, *voilà*. As oposições paradigmáticas entre as formas fornecem uma primeira ordem de evidência a respeito de seus valores funcionais. Em maia iucateque, por exemplo, os dêiticos são em sua maioria palavras bimorfêmicas compostas de uma base e de um dêitico terminal, extraídas de um conjunto fechado de bases e terminais.

2.1. SINOPSE DA DÊIXIS MAIA

A Tabela 1 mostra o inventário de raízes dêiticas em iucateque – deixando de lado os marcadores de pessoa e os advérbios temporais[7]. No lado esquerdo estão as 'bases', que são especificadas para a categoria gramatical (SN, Locativo Adv. etc.) e ocorrem inicialmente no constituinte sintático. À direita estão os enclíticos, que são (em sua maioria) não especificados para a categoria e ocorrem na oração, em posição final da sentença.

A partir das raízes da Tabela 1, o léxico básico é derivado da combinação de bases com enclíticos de acordo com a regra, [uma base + um enclítico]. Se todas as bases da Tabela 1 fossem combinadas livremente com todas os enclíticos, o resultado seria um léxico inicial de 42 formas, mas, de fato, as combinações são severamente limitadas e o conjunto resultante é muito menor. A Tabela 2 mostra o léxico básico de quinze formas de citação. (A Tabela 2 também omite os dêiticos temporal e pessoal).

O que tenho rotulado OSTEV são dêiticos predicativos que são usados não apenas para se referir a objetos, mas para direcionar a atenção do interlocutor para o objeto, de acordo com a modalidade perceptual na qual ele está atualmente acessível. Essas formas e a série análoga de locativos (DLOCs) podem ser ilustradas como na Tabela 3.

[6] N.T.: Em português, os demonstrativos se configuram, de acordo com a norma padrão, como um sistema ternário: 'este' (para algo próximo ao locutor); 'esse' para algo próximo ao interlocutor; e 'aquele' para algo distante. Essas três formas são flexionáveis em gênero e número. Ao lado dessas, temos 'isto, 'isso' e 'aquilo', formas neutras que só se realizam no singular. No uso da língua, no entanto, verifica-se uma espécie de neutralização, apagando-se, muitas vezes, a distinção este/esse, isto/isso que diferencia o que está próximo do locutor e o que está próximo do interlocutor. Manteremos, ao longo do texto, a tradução de 'this' como 'este/isto', salientando, contudo, essa particularidade do português, cujo uso transita entre um sistema ternário e um binário.

[7] Esta sinopse da dêixis maia é abreviada de Hanks (2005). Os fonemas consonantais do maia iucateque são: /p, t, k,', p', t', k', b, s, x, h, tz, ch, tz', ch', m, n, w, y, l, r/, onde /'/ = oclusiva glotal seguinte a uma vogal e a glotalização seguinte a uma consoante, /b/ = plosiva bilabial vozeada, /x/= fricativa sibilante alveolopalatal não vozeada, /h/ = fricativa glotal não vozeada, /tz(')/= (ejetiva) africada alveolar não vozeada e /ch(')/ = (ejetiva) africada palatal não vozeada. Os núcleos silábicos são constituídos de combinações de 5 vogais (i, e, a, o, u), 3 tons (alto <> médio [sem acento], baixo <>), duração e glotalização. A duração é indicada pela duplicação de uma vogal, e glotalização é indicada por uma oclusiva glotal intervocálica <'>. Os padrões vocálicos canônicos são /i, e, a, o, u/, /íi, ée, áa, óo, úu/, /ii, èe, àa, òo, ùu/, /í'i, é'e, á'a, ó'o, ú'u/. No entanto, vogais curtas com tons também ocorrem e são ou derivadas por processos gramaticais ou por processos paralinguísticos. Note que a glotalização também é realizada como voz crepitante ou mesmo eliminando a oclusiva glotal completamente. Esse último caso resulta em uma vogal longa com *pitch* descendente de alto a médio, mas permanece distinto da série de tons altos (não glotalizados) /íi, ée, áa, óo, úu/ que se pronuncia de forma variável com *pitch* ascendente ou descendente. As abreviações das categorias gramaticais usadas em glosas interlineares são como seguem: 1 = primeira pessoa, 2 = segunda pessoa, 3 = terceira pessoa, Apro = A- pronome definido, Art = artigo, Bpro = B-pronome definido, Class = Classificador, DMOD = dêitico modal, Fut = futuro, Inc = Incompletivo, Opt = optativo, OSTEV = ostensivo de evidencialidade, pl = plural, Pst = passado, sg = singular.

Tabela 3: Sinopse parcial dos dêiticos em iucateque

Base – TD	Glosa (aproximada)
hé'e(l-) a'	'here it is (tactual)' 'aqui está (tátil)'
hé'e(l-) o'	'there it is (visual)' 'lá está (visual)'
hé'e- be'	'there it is (audible)' 'lá está (audível)'
hé'e(l-) e'	'surely (certain)' 'com certeza (certeza)'
té'e(l-) a'	'right here (immediate)' 'aqui mesmo (imediato)'
té'e(l-) o'	'there (non-immediate)' 'lá (não imediato)'
to(l-) o'	'out there (exclusive)' 'lá fora (exclusivo)'
tí'- i'	'there (anaphoric)' 'lá (anafórico)'
way- e'	'(in) here (inclusive)' '(em) aqui (inclusivo)'

A primeira coisa a notar sobre as Tabelas 1-3 é que as quatro categorias são semelhantes na estrutura geral. A distinção entre *a'* e *o'* ocorre em cada uma das quatro categorias, distinguindo oito das quinze formas de citação. Na série dos locativos (*té'el*), *a'* ≠ *o'* parecem distinguir a proximidade relativa, enquanto na série dos ostensivos de evidencialidade (*hé'el*) eles distinguem a modalidade perceptiva. A nuance precisa da distinção é diferente em cada categoria, mas a oposição permanece constante: *a'* assinala um acesso mais imediato ao referente do que *o'*. Vamos analisar mais de perto a série *hé'el*, as quatro principais formas da Tabela 3.

Exemplos (1-6) ilustram os dêiticos ostensivos de evidencialidade baseados em *hé'el*. Os três primeiros mostram formas que normalmente seriam usadas para realizar atos de apontar para um objeto que é visível (*o'*), entregar um objeto na mão (*a'*) do locutor, ou apontar para o som feito por um objeto que não é visível nem próximo à mão (*be'*). A forma base *hé'el* está consistentemente associada ao ato demonstrativo (apontar, entregar algo), e o terminal distingue a modalidade perceptiva na qual o objeto é apresentado.

1. hé' síná'an o'
   OSTEV scorpion VISUAL
   'There's a scorpion (look out!)'
   'Lá/ali tem um escorpião (cuidado!)'

2. hé' le kib a'
   OSTEV Art candle TACTUAL
   'Here's the candle (presenting)'
   'Aqui está a vela (apresentando)'

3. hé' inw-alak' pèek' be'
   OSTEV lsgApro-Class dog PERIPHERAL
   'There's my dog (listen!)'
   'Lá/ali está meu cachorro (escute!)'

Hé'elo, que significa 'lá (ou ali) está', também pode ser usado para se referir à fala anterior em uma interação contínua. Em (4), A anuncia que está se sentindo doente e B aponta para essa declaração como uma base para a inferência de que A não virá para viagem naquele dia. Aqui, a forma *o'* é usada em resposta à posição para se referir ao enunciado anterior[8].

4. A: tene'$_1$ chan$_2$ k'ohá'an$_3$en$_4$behé'elá'e'$_5$ 'Me,$_1$ I'm$_4$ a little$_2$ sick$_3$ today$_5$'
   'Eu,$_1$ estou$_4$ um pouco$_2$ doente$_3$ hoje$_5$'

   B: hé'elo'$_1$, má'$_2$ túun$_3$ tupáahtal$_4$ a$_5$tàal$_6$ 'Right,$_1$ so you$_5$ won't$_2$ then$_3$ be able$_4$ to come$_6$ (along)'
   'Certo$_1$, então$_3$ você$_5$ não poderá$_{2,4}$ vir$_6$ (junto)'

O imediatismo relativo do acesso assinalado por *hé'ela* e *hé'elo* pode também ser mobilizado em sentenças do passado, onde o objeto referido é um evento recente. Assim, em (5) a forma *a'* denota algo que acabou de ocorrer, enquanto em (6) a forma *o'* denota algo que ocorreu um pouco antes. Ambas as formas expressam que o evento passado foi testemunhado pelo locutor. Em contraste, *he'ele'* em (7) funciona como um auxiliar modal indicando que o evento é certo, mas sem nenhuma evidência. Ele não pode ser usado para se referir a um evento específico que realmente foi testemunhado, e não transmite nenhuma das forças ostensivas diretivas das três formas perceptivas.

5. hé' h-bin a'
   OSTEV Pst-go IMMED
   'There he went (just passed right by me)'
   'Lá/ali foi ele (acabou de passar por mim)'

6. hé' tz'ó'ok u-bin o'
   OSTEV finish 3Apro-go IMMED
   'There he went (a while ago)'
   'Lá/ali foi ele (há algum tempo)'

7. hé' a tàal e'
   modal 2Apro-come Ø
   'You'll surely come'
   'Você certamente virá'

[8] Os exemplos (4) e (7-28) são apresentados com os subscritos para indicar quais partes da língua maia iucateque correspondem a quais partes da glosa em língua inglesa. As quebras de morfemas interlineares são fornecidas apenas quando relevantes.

Esses aspectos do significado convencional dos dêiticos ostensivos são obviamente fatos pragmáticos, mas eles têm consequências gramaticais. Ao contrário da maioria dos dêiticos na língua, as formas ostensivas estão sujeitas a restrições de coocorrência que as impedem de ocorrer em qualquer oração marcada como incerta, conjectural ou duvidosa. Não se pode apontar para um objeto perceptivamente acessível e questionar sua existência ao mesmo tempo. Esse fato de restrição de coocorrência dá suporte gramatical à alegação de que a força ostensiva de evidencialidade do dêitico é parte de sua inclinação convencional e não apenas um efeito colateral de seu uso. Além disso, a coocorrência com partículas evidenciais fornece uma estrutura de teste na qual as formas ostensivas (terminadas em *a', o', be'*) são claramente distintas das modais. A diferença é motivada pela respectiva força pragmática das formas: as modais transmitem certeza epistêmica sem evidência e sem referência a um objeto ou evento específico, enquanto as formas ostensivas têm a força performativa de demonstrar, entregar algo ou direcionar a atenção do interlocutor para o objeto.

2.2. INTERAÇÕES DE CATEGORIA ENTRE A REFERÊNCIA OSTENSIVA E A MODALIDADE[9]

A partícula *wa´* é usada para marcar perguntas sim-não, oração condicional *If-clause* e qualquer parte de uma disjunção (uma ou outra, ou). Nenhum dos dêiticos evidenciais coocorre com [wa'] em qualquer uma de suas funções, enquanto o modal o faz.

8.	*wá$_1$ hé'$_2$ kutàal$_3$ o$_4$, má'alob$_5$	'If$_1$ here$_{2,4}$ he comes$_3$, (then) good$_5$' 'Se$_1$ ele vier$_3$ aqui$_{2,4}$, (então) bom$_5$'
9.	*wá$_1$ hé'$_2$ bùus$_3$ o$_4$, wá$_5$ tz'úbin$_6$	'Either$_1$ there's$_{2,4}$ the bus$_3$, or$_5$ it's gone$_6$' 'Ou$_1$ há$_{2,4}$ ônibus$_3$, ou$_5$ ele se foi$_6$'
10.	*hé'$_1$ wá$_2$ awatan$_3$ o$_4$	'Is$_2$ that$_{1,4}$ your wife$_3$?' 'Essa$_{1,4}$ é$_2$ a sua esposa$_3$?'
11.	hé'$_1$ wá$_2$ a$_3$tàal$_4$ e'$_5$	'Will$_2$ you$_3$ surely$_{1,5}$ come$_4$?' 'Você$_3$ certamente$_{1,5}$ virá$_{2,4}$?'
12.	wá$_1$ hé'$_2$ a$_3$tàal$_4$ e'$_5$, wá$_6$ kimbin$_7$ tinhùun$_8$	'Either$_1$ you$_3$'ll$_{2,5}$ come$_4$, or$_6$ I go$_7$ alone$_8$' 'Ou$_1$ você$_3$ virá$_{2,5,4}$, ou$_6$ eu vou$_7$ sozinho$_8$'

Míin é uma partícula S-inicial que ocorre apenas nas orações principais, marcando-as como conjecturais.

13.	*míin$_1$ hé'$_2$ kutàal$_3$ o$_4$	'I guess$_1$ here$_{2,4}$ he comes$_3$' 'Acho que$_1$ ele vem$_3$ aí$_{2,4}$'
14.	míin$_1$ hé'$_2$ in$_3$ tàal$_4$ e'$_5$	'I guess$_1$ I$_3$'ll surely$_{2,5}$ come$_4$' 'Acho que$_1$ certamente$_{2,5}$ irei$_{3,4}$'

Em iucateque, perguntas de informação explícitas são formuladas com uma das palavras de pergunta na posição S-inicial: *bá'ax* 'o que', *bix* 'como', *tú'ux* 'onde', *bá'axk'iin* 'quando', *bá'axten* 'por que', e assim por diante, como em,

15.	bá'ax$_1$ hé'$_2$ aw$_3$ á'alik$_4$ ten$_5$ e'$_6$	'What$_1$'ll$_{2,6}$ you$_3$ surely$_{2,6}$ tell$_4$ me$_5$?' 'O que$_1$ você$_3$ certamente$_{2,6}$ vai$_{2,6}$ me$_5$ dizer$_4$'
16.	*bá'ax$_1$ hé'$_2$ kutàal$_3$ o$_4$	'What$_1$'s that$_{2,4}$ coming$_3$?' 'O que$_1$ vem$_3$ por aí$_{2,4}$?'
17.	*tú'ux$_1$ hé'$_2$ kubin$_3$ o$_4$	'Where$_1$ there$_{2,4}$ he goes$_3$?' 'Onde$_1$ lá$_{2,4}$ vai$_3$ ele?'

[9] A rigor, as partículas ilustradas nesta seção são funcionalmente misturadas entre marcadores de fonte de informação (evidência verdadeira como definida por AIKHENVALD, 2004), marcadores de status de informação (conjectural, provável, certa) e uma variação de efeitos "expressivos", como a surpresa, contraexpectativa e presságio. Tal agrupamento de efeitos não é raro em evidências (ver AIKHENVALD, 2004). O que tudo isso tem em comum é que, em maia, eles interagem sistematicamente com os dêiticos ostensivos, e essa interação fornece fortes evidências para os significados das formas dêiticas.

Nos três casos seguintes, uma partícula evidencial/modal ocorre com todas as formas de *hé'el*, mas obtém uma leitura sistematicamente diferente para o modal *versus* os ostensivos de evidencialidade.

Bakáan é uma partícula que marca contraexpectativa. Dependendo do contexto, *bakáan* pode indiciar que (i) o locutor sente que há razão para acreditar em X, mas não está disposto a confirmar ele mesmo; ou (ii) X é comprovadamente verdadeiro, mas o locutor não o esperava e por isso está ligeiramente surpreso. Se combinarmos *bakáan* com o modal *hé'ele'*, a sentença resultante transmitiria, normalmente, a primeira leitura. Em contraste, se combinarmos *bakáan* com os ostensivos de evidencialidade, ele só pode ter a segunda leitura. Assim, em (19), *bakáan* indicia a surpresa do locutor ao ver alguém chegar, mas de forma alguma qualifica seu compromisso com a verdade da declaração. O ostensivo de evidencialidade *hé'élo'* essencialmente afirma que ele tem evidência visual para o que ele está dizendo, e isso direciona o interlocutor a olhar para ele. Nenhuma partícula coocorrente na fala pode suspender ou bloquear esta leitura.

18. hé'$_1$ bakáan$_2$ u$_3$ tàal$_4$ e'$_5$ 'He$_3$'ll$_{1,5}$ apparently$_2$ come$_4$ (so it seems)'
'Ele$_3$ aparentemente$_2$ virá$_{1,5,4}$ (assim parece)'

19. hé'$_1$ bakáan$_2$ kutàal$_3$ o$_4$ 'Here$_{1,4}$ he comes$_3$ (I didn't expect it)$_2$'
'Aí$_{1,4}$ vem$_3$ ele (eu não esperava isso)$_2$'

Lobil é outra partícula evidencial com dois significados bastante diferentes, ambos transmitindo uma sensação de adversidade, a saber: (i) o locutor espera que X, mas tem motivos para duvidar; (ii) X é comprovadamente verdadeiro, mas de forma lamentável ou problemática para o locutor. Em combinação com a partícula adversa, o modal recebe sempre a primeira leitura, os evidenciais apenas a segunda.

20. hé'$_1$ u$_2$tàal$_3$ lobil$_4$ e'$_5$ 'I hope$_4$ he$_2$'ll surely$_{1,5}$ come$_3$ (but who knows?)'
'Espero que$_4$ ele$_2$ certamente$_{1,5}$ venha$_3$ (mas quem sabe?)'

21. hé'$_1$ lobil$_2$ u$_3$tàal$_4$ e'$_5$ 'I hope$_2$ he$_3$'ll surely$_{1,5}$ come$_4$ (but who knows?)'
'Espero que$_2$ ele$_3$ certamente$_{1,5}$ venha$_4$ (mas quem sabe?)'

22. hé'$_1$ lobil$_2$ amáaskab$_3$ a'$_4$ 'Here's$_{1,4}$ your machete$_3$ (sorry it's too late, or sorry I wrecked it, etc.)$_2$'
'Aqui está$_{1,4}$ seu facão$_3$ (desculpe-me por ser tarde demais, ou por ter estragado tudo, etc.)$_2$'

23. hé'$_1$ kubin$_2$ lobil$_3$ o'$_4$ 'There$_{1,4}$ he goes$_2$ (but he'll never make it on time)$_3$'
'Lá/ali$_{1,4}$ vai$_2$ ele (mas ele nunca chegará a tempo)$_3$'

Wale' tipicamente ocorre na posição S-final e transmite de forma variada dubitativa (X é possível, mas duvido), admonitória (X é possível, portanto, tenha cuidado; X é o caso, portanto tome nota) ou, quando usado com imperativos, exortativo (tenha pressa e X).

24. tz'úbin$_1$ wale'$_2$ 'Maybe$_2$ he's left$_1$ (I don't know)", "He's left (Uhoh)'
'Talvez$_2$ tenha saído$_1$ (não sei)", "Ele se foi (Uhoh)'

25. kó'ox$_1$ meyah$_2$ wale'$_3$ 'Let's$_1$ (get to) work$_2$ (hurry up)$_3$'
'Vamos$_1$ (ir) trabalhar$_2$ (depressa)$_3$'

26. hé'$_1$ u$_2$tàal$_3$ wale'$_4$ 'He$_2$'ll$_{1,4}$ possibly$_4$ come$_3$', 'It's doubtful whether he'll come', 'Careful, he might come'
'Ele$_2$ possivelmente$_4$ virá$_{1,4,3}$', 'É duvidoso que ele venha', 'Cuidado, ele pode vir'

27. hé'$_1$ kúbin$_2$ wal$_3$ o'$_4$ 'There$_1$ he goes$_2$ (watch out, take note)$_3$'
'Lá/ali$_1$ vai$_2$ ele (cuidado, tome nota)$_3$'

28. hé'$_1$ xúuken$_2$ wal$_3$ a'$_4$ 'Here$_{1,4}$ I've arrived$_2$ (check it out, I'm cool)$_3$'
'Aqui$_{1,4}$ cheguei$_2$ (confira, estou bem)$_3$'

Os dêiticos ostensivos de evidencialidade requerem uma leitura factual (27-28), enquanto os modais não (26).

O que esses exemplos mostram é que a força pragmática da evidencialidade baseada na ostensão é convencionalizada nessas formas. Ela não pode ser bloqueada por marcadores de evidencialidade coocorrentes que suspendem ou contradizem o acesso perceptivo e epistêmico ao referente. Em contraste, a certeza epistêmica assinalada por *hé'ele'* 'com certeza' é prontamente suspendida por partículas coocorrentes. A implicação é que as formas ostensivas realmente codificam a função pragmática de mostrar o referente de acordo com sua perceptibilidade. Pelo contrário, o modal só implica certeza, mas não a codifica; podemos bloquear a inferência sem produzir contradição pragmática[10]. O que importa para estas formas não é a localização espacial, mas o acesso fenomenal (epistêmico ou perceptivo).

Existem muitas outras diferenças gramaticais entre os dêiticos que ajudam a fundamentar hipóteses quanto à sua força pragmática. Meu ponto aqui é enfatizar que a evidência gramatical é diretamente pertinente às hipóteses sobre a pragmática da dêixis. Isso é especialmente verdade no que diz respeito às restrições potenciais de coocorrência com evidenciais, marcadores de status e outros índices de postura. Quanto mais evidências tivermos de que alguma característica suposta do significado dêitico tem consequências gramaticais, mais confiantes estaremos de que a característica é parte do sistema dêitico e não apenas parte dos contextos em que é utilizada.

3 DADOS ELICITADOS E A DINÂMICA DE ENTREVISTAR FALANTES NATIVOS

Outro tipo de evidência, igualmente necessária, é a covariação de dêiticos com contextos e não com outras formas linguísticas coocorrentes. Isso tem várias partes. Em primeiro lugar, ao coletar ocorrências de qualquer tipo formal, seja de modo atestado ou elicitado, estamos procurando a consistência entre ocorrências do mesmo tipo. Se afirmamos que *hé'ebe'* codifica convencionalmente a demonstração ostensiva de um objeto que é audível, mas não visível, então esperamos que todos os usos da forma tenham essa força. Isso nem sempre é simples porque os dêiticos não são todos igualmente marcados ou específicos. As formas não marcadas, como *hé'elo'*, exibem uma variedade maior de uso do que as altamente marcadas. Assim, *hé'elo'* pode ser usado para se referir a conversas anteriores ou a objetos dentro do alcance do toque, enquanto *hé'ebe'* não pode. Sempre que houver uma assimetria de marcação, a forma não marcada será usada em uma variação mais ampla de contextos do que a forma mais marcada e, portanto, tenderá a ser mais frequente.

3.1 ELICITANDO FORMAS DE CONTEXTOS CONTROLADOS

Podemos iniciar partindo dos contextos e perguntando que formas dêiticas eles ativam. Se o referente está evidentemente próximo ao interlocutor, mas não ao locutor, qual a forma que melhor se encaixa? Se o locutor tem o objeto na mão, mas não consegue vê-lo (como se estivesse acessando um armário escuro), qual forma é usada? Se o objeto já está em discussão, portanto anaforicamente disponível em uma base comum, mas está na posse do locutor, qual forma é selecionada? O resultado desse tipo de pesquisa é mapear as formas em contextos, partindo do contexto. O truque é escolher contextos de observação que revelem diferenças entre as formas.

Um dos instrumentos interessantes e produtivos desenvolvidos pelo grupo Max Planck é o "Questionário Dêitico", elaborado por Wilkins (1999) em colaboração com outros. A utilidade potencial de um questionário é óbvia: ele contém a promessa de estabelecer uma estrutura de diagnóstico aplicável a diferentes línguas. No questionário de Wilkins, as unidades não são perguntas que os informantes são solicitados a responder. Ao contrário, são cenários nos quais os informantes são solicitados a produzir falas que se referem a objetos cujas localizações são controladas experimentalmente. Sentado diante de um interlocutor do outro lado de uma mesa, o locutor é induzido a se referir a objetos como um livro ou rádio, localizados na mesa entre eles, a alguma distância da mesa, mas na mesma sala, em outra parte da casa, não visível no momento e assim por diante. O grande ponto do questionário é sua capacidade de reduzir os contextos para as relações básicas de proximidade e acesso perceptivo. Isso permite ao pesquisador covariar

[10] Meu raciocínio aqui se baseia amplamente na estrutura griceana para a implicatura conversacional, cuja leitura está delineada em Hanks (2002, 2005). A certeza transmitida por *he'ele'* é uma boa candidata a uma implicatura conversacional generalizada; cf. Levinson (2000).

a seleção de dêiticos com os ambientes espaço-perceptivos. Como parte de um conjunto mais amplo de evidências, isso pode lançar luz sobre como os contrastes dêiticos mapeiam esse tipo de contexto. O que ele não pode fazer, é claro, é elicitar usos em que outras dimensões além do espaço e da percepção estão em jogo. Também não pode elicitar usos nos quais o enunciado dêitico introduz um objeto em um contexto interativo contínuo pela primeira vez, uma vez que o cenário experimental é um dado adquirido antes de o enunciado ser produzido. Finalmente, a elicitação em contexto controlado não pode simular a tarefa expressiva dos locutores comuns ou a tarefa de recepção dos interlocutores, porque controla a multiplicidade que os falantes realmente enfrentam. No uso comum, os objetos são simultaneamente acessíveis em várias dimensões contextuais – espaço, percepção, memória, discurso e assim por diante. O falante nativo conhece não apenas os contrastes entre as formas, mas como ativar características situacionalmente eficazes do contexto.

3.2. ELICITANDO CONTEXTOS A PARTIR DE FORMAS

Em meu próprio trabalho, achei muito produtivo realizar elicitação usando um método mais ou menos inverso ao questionário de Wilkins. Em vez de partir de contextos e elicitar formas, comecei a partir de formas e elicitei descrições de contextos. As formas alvo eram enunciados em iucateque nos quais os dêiticos ocorressem e a elicitação foi realizada inteiramente em iucateque. Há várias vantagens em se realizar a elicitação na língua nativa. Primeiro, o contexto de elicitação é em si uma interação, e quando ela ocorre na língua-alvo, os dêiticos e outros índices são inevitavelmente usados, assim como comentados. Em segundo lugar, os recursos gramaticais que possibilitam comentários metalinguísticos estão disponíveis no uso comum, tais como discurso reportado, menção ("citação"), estruturas de comentário de tópicos, nos quais a forma alvo é o tópico, e a avaliação metalinguística é um comentário. Terceiro, quando os locutores comentam sobre os dêiticos, eles muitas vezes o fazem usando elementos não dêiticos, como fazemos quando dizemos "'Aqui' denota um lugar próximo ao locutor" ou "'Lá (ou ali) vai ele!' significa que você pode vê-lo". Trabalhando na língua nativa, essas relações de explicação dão provas fundamentais das formas contrastantes em que os dêiticos e os não dêiticos mobilizam distinções semelhantes. Em iucateque, há contrastes interessantes entre a forma como a percepção é categorizada nos dêiticos ostensivos de evidencialidade, por um lado, e nos verbos de percepção, por outro (HANKS, 1990: Capítulo 6). Em quarto lugar, quando os falantes explicam os dêiticos, eles raramente tentam investigar todo o uso possível de qualquer forma. Ao invés disso, eles aproveitam certos usos notáveis que têm para eles o status de usos prototípicos ou exemplares (HANKS, 1993). Eles podem até chegar ao ponto de rejeitar expressões sem sentido que eles mesmos usam, mas que são atípicas (ilustrado em HANKS, 1996). Isso indica que eles têm ideias bem formadas sobre a pragmática da dêixis, e que essas ideias variam de acordo com o amplo espectro de uso.

Portanto, é fundamental reconhecer que *a metalinguagem nativa é diferente do uso real*: como descrição, essa metalinguagem pode se mostrar inadequada ou mesmo distorcida, mas como registro de como os falantes pensam sobre o uso típico, ela é muito valiosa. Explicações metalinguísticas de expressões dêiticas levam o pesquisador ao domínio do que alguns chamam de ideologia da linguagem, e eu preferiria chamar de senso comum. O realismo etnográfico exige que descubramos como os falantes da língua-alvo apreendem o contexto, e como eles pensam sobre os objetos aos quais se referem: é a esse contexto socialmente encaixado e significativo que a dêixis se liga. E são as suas próprias ideias sobre o uso comum, apropriado, repetível e típico que guiam a compreensão das pessoas sobre a fala produzida por outros.

Os dados das entrevistas são, portanto, em si mesmos, uma espécie de conversa e fornecem evidências primárias a respeito das ideias dos falantes nativos sobre o uso de sua língua. A estratégia que achei mais eficaz foi simplesmente citar uma forma e perguntar, de modo mais geral possível, o que "significa", como em *bá'ax uk'áat yá'aleh* 'O que significa? (literalmente, o que isso quer dizer?)'. Ocasionalmente, eu explicava que tinha ouvido a forma falada, mas não entendia bem. Em uma sequência de formas, geralmente reduzi a pergunta a '*kux túun* ___?' 'Quanto a ___?'. As respostas que se seguiam eram geralmente cenários, ou sequências de cenários alternativos, nos quais a forma alvo era falada por um personagem fictício. Em outras palavras, o alvo foi apresentado como discurso reportado, e não meramente como citação. Com o tempo, ficou claro que esses falantes têm algo como esquemas indiciais em mente, que foram instanciados em cenários comuns. Fiquei igualmente impressionado com a facilidade e rapidez com que eles deduziam os cenários comuns a partir de apenas uma forma dêitica. Essas entrevistas ocorriam frequentemente como parte de conversas abertas durante os intervalos do trabalho no campo ou em locais de construção, ou em casa, durante a noite. Quando comecei a fazer essa fase do trabalho de campo, eu já havia trabalhado com as pessoas que entrevistei, ou vivido em suas casas por

cerca de 4 meses. Os sujeitos eram todos adultos, cinco homens e duas mulheres, que também me ensinaram a trabalhar (como capinar, irrigar, colher). A elicitação se tornou uma extensão de seu papel como professores de fato de um gringo mais ou menos incompetente que vivia em seu meio. Considere o extrato em (29), produzido por Don Ponso, um homem mais velho com quem trabalhei.

Em (29) perguntei a Don Ponso o significado de *kó'oten té'ela'* 'Venha aqui'. Sua resposta situa a forma em um cenário no qual o falante imaginário está sentado fora de sua própria casa, e oferece um assento para um visitante (eu mesmo). Para fazer isso, o falante se levanta e oferece uma cadeira que ele tem em mãos, dizendo 'venha aqui'.[11]

29. *...bey xan hú tz'ik tech ump'ée bá'al akutale',*
...also he'll give you a thing to sit (on),
… também lhe dará uma coisa para sentar (em)

kulíik'le', kyáaik teche', kó'oten té'ela'. Eskeh ump'ée bá'al
He gets up, he says to you, "Come here." It's that a thing
Ele se levanta e lhe diz: "Venha aqui". É uma coisa

u*machk utz'áa teche'. Ká kulakechi'.*
He takes in hand to give you. For you to sit on it.' [1.A.25]
Ele toma em mãos para lhe dar. Para que você se sente em cima dele.

O objeto de referência do falante imaginário é a cadeira, que já é destacada ao máximo e oferecida fisicamente no momento da fala.

(29) também sugere que a forma *té'ela'* é usada para se dirigir a um interlocutor que já está próximo e face a face com o locutor. Essa condição, que se revelou robusta, foi dita explicitamente por Don Ponso mais tarde na mesma conversa, como mostrado em (30).

30. *kó'oten té'ela', k'abéet nàatz' yàan techi'*
"Come right here" he has to be close to you (already). [1.A.061]
"Venha aqui mesmo" ele tem que estar perto de você (já).

Isso levanta a questão de como um locutor convocaria um interlocutor que ainda não está próximo, por exemplo, se os dois estão separados na floresta ou em diferentes partes da propriedade rural. Para essa condição a forma utilizada é *kó'oten waye'* 'venha até aqui (onde eu estou)!'. Para cumprir esse imperativo, o interlocutor só precisa seguir o som da voz até sua fonte, enquanto com *té'ela'*, ele deve seguir o gesto até a cadeira (ou outro lugar na situação imediata de fala). A inferência apresentada em (30) é válida precisamente porque existe uma forma paradigmaticamente oposta que os falantes usam quando os interagentes estão separados.

(31) mostra outro exemplo no qual as oposições paradigmáticas estruturam as hipóteses de fundo de Don Ponso sobre o contexto. Pedi a ele que comentasse sobre *hé'eló'oba'* 'aqui estão eles'.

31. *hé'eló'oba', amachmah [...] wá má amachmae',*
"Here they are," you've grabbed them… if you haven't grabbed them,
"Aqui estão eles", você os agarrou... se não os agarrou,

Hé'yàan hé'elo'
(you say) "There they are" [19.B.094]
(você diz) "Lá/ali/aí estão eles".

[11] As referências entre colchetes nos exemplos referem-se às gravações de campo ou cadernos dos quais eles foram retirados. A maioria dos exemplos citados neste trabalho foi registrada entre 1979 e 1992.

Do ostensivo de evidencialidade *hé'eló'oba'*, Don Ponso deduz que o falante deve ter o referente em mãos. Isso é consistente com o uso apresentativo e tátil da forma, o que foi evidente para todos os falantes com os quais trabalhei. Sem ter sido questionado, ele continua a esclarecer que se o falante não tiver o objeto em mãos, então a forma apropriada é *hé' yàan hé'elo'* 'ali estão eles (olhe!)'. Esse contraste é extremamente preciso para uma maneira de ler a oposição lexical entre *hé'ela'* e *hé'elo'*. Na verdade, ambas as formas têm outros usos e entram em outros contrastes, mas a oposição tátil/não-tátil é aquela que ele e outros falantes acharam mais típica.

Os comentários metalinguísticos dos nativos são, portanto, uma parte muito valiosa do trabalho de campo em dêixis. Trabalhando na língua nativa, podemos criar um efeito de bola de neve em que os comentários dos falantes revelam outras características da língua, bem como expressam suas avaliações sobre o uso típico e adequado. Essas outras características incluem o sistema paradigmático de categorias e oposições do qual qualquer forma individual faz parte. Nesse sistema, os contrastes lexicais e morfossintáticos correspondem a contrastes pragmáticos. Quando exploramos as tipificações de uso dos falantes, estamos explorando seus esquemas pragmáticos de senso comum.

4 OBSERVANDO O USO COMUM

Obviamente, nenhuma quantidade de dados elicitados pode substituir a observação prolongada do uso real do dêitico em contextos comuns. Para um etnógrafo, a pergunta básica é: O que precisamos saber sobre o cenário em que ocorre um enunciado dêitico para entendê-lo corretamente? Parte da resposta a isso se volta para a forma como registramos os dados. Em termos de informação capturada, o vídeo é obviamente o melhor, pois captura a realização do gesto com o enunciado em tempo real. O áudio faz isso apenas para transmissão de som, e a transcrição em movimento já é uma interpretação seletiva do que o pesquisador percebe. Não importa o tipo de coleta de dados que usamos, no entanto, é importante ver que aspectos significativos do contexto de fala serão inevitavelmente perdidos, não importa o quanto de informação o meio de gravação permite obter. Em meu trabalho de campo, achei necessário conhecer uma grande quantidade de elementos do pano de fundo para compreender com precisão até mesmo enunciados simples. Isso inclui um sentido de espaço mais amplo no qual a interação ocorre, assim como as relações sociais entre os participantes. Um chefe de família mais velho, por exemplo, pode se referir a toda a casa como seu 'aqui' e pode falar de projetos de trabalho coletivo na primeira pessoa do singular, enquanto um falante com menos autoridade não pode. Os homens evitam a interação direta com as esposas de seus irmãos, o que dá origem à fala indireta (Hanks, 1990), e os limites aos quais o uso comum reage são muitas vezes tão sociais quanto espaço-perceptivos. Por exemplo, mesmo dentro de um composto patrilocal murado, a área de um irmão é tratada como 'do lado de lá' pelos outros irmãos. Em resumo, a teia de parentesco, gênero e residência interagem com o sentido de aqui e lá. Após gravar em áudio mais de cem horas de conversa durante um ano de trabalho de campo, só fiz sentido de uso ao redor da casa colocando o gravador de fita de lado, mapeando a propriedade rural em suas esferas baseadas em parentesco e gênero, e rastreando as relações sociais dos locutores e dos interlocutores para os objetos de que falavam. O impressionante em retrospectiva é o quanto desse uso comum pareceu, a princípio, responder ao espaço físico, mas o trabalho de campo depois demonstrou que esse uso era definido por relações sociais. Sem o trabalho de campo prolongado, a diferença entre os dois seria invisível para mim.

Na última série de exemplos, quero mostrar alguns enunciados realmente atestados em cenários familiares. Os dados são transcrições simples, a maioria feita no decorrer das falas, mas serão suficientes para mostrar como alguns dêiticos são usados. (32) foi falado por um homem que estava na carroceria de um caminhão enquanto este fazia marcha ré em um espaço estreito, ao lado da casa em que eu estava sentado. Enquanto o caminhão se encostava de ré, e o motorista olhava, o homem agiu como um observador, dizendo ao motorista quando deveria parar. Ele disse,

32. té' ká wáalaké'ex a'! "stop right there!" [BB.4.135]
"pare aí mesmo!"

Esse enunciado ilustra a referência pontual para um lugar ao qual o interlocutor está cuidadosamente atento, mas não consegue ver claramente. Também é relevante que o caminhão esteja se movendo em direção a esse lugar imediatamente antes da enunciação, porque o local de parada é de fato o destino, e isso exige *té'ela'* em oposição a *té'elo'*.

No próximo exemplo (33), a locutora faz referência ao seu próprio corpo no curso de explicar onde seu marido havia sido ferido. Apresentando sua perna como a contraparte da do marido, ela a interpreta em *a'*. O ostensivo de evidencialidade apresenta seu próprio corpo como o referente e a referência seguinte combina o locativo *té'ela'* 'aqui mesmo' com o advérbio de modo *beya'* 'desse modo', à medida que ela mostra onde a lesão ocorreu em sua própria perna.

33. *...mèn le hé'el a' ... bey tún uúchih té'e bey a'*
'...Cuz right here, ... this is how it happened to him right here' [BB.4.9]
'Porque aqui mesmo, ... foi assim que aconteceu com ele aqui mesmo'

O próximo exemplo vai aguçar a distinção entre a simples referência a um lugar, em oposição à referência a um lugar para o qual se está atualmente se movendo, ou seja, o caminho ou destino. Era meio da manhã e eu estava sentado em uma pequena mesa no quintal do meu compadre. Elena estava lavando os pratos em baldes de água no chão, a cerca de cinco metros de distância de mim. Perto dela estava seu sobrinho Luis, o filho do irmão mais velho de seu marido. As duas famílias vivem no mesmo complexo fechado, mas cada uma tem uma casa e cozinha separadas. Luis se dirige a mim, falando que tem uma foto minha em sua casa, do outro lado do pátio e fora de vista de onde estávamos na época.

34.	Luis	tíaan a fòoto té'elo'	'There's your photo over there' 'Lá está sua foto'
	WH	tú'ux? Ich nah?	'Where? In the house?' 'Onde? Na casa?'
	Luis	tí'i', té' yan té'ela	'Yeah. There it is right there' [BB.5.28] 'Sim. Ali está bem ali'

O primeiro ponto a notar em (34) é que Luis trocou sua construção dêitica de *té'elo'* no primeiro enunciado para *tí'i'*, depois *té'ela'* no segundo. O primeiro enunciado faz o que Schegloff (1996) chama de 'referência de reconhecimento'. Luis assume que reconhecerei o lugar a que ele se refere mesmo que o dêitico dê poucas informações. (É provável que ele tenha feito um gesto junto do enunciado, mas minhas anotações são insuficientes para determinar). Em resposta a meu pedido de esclarecimento, ele usa o locativo anafórico padrão *tí''i'* 'lá' para afirmar que ele quer dizer 'em (ou na) casa', ou seja, em sua própria casa. A forma não marcada para características de acesso espacial, perceptivo e outras formas de acesso, *tí'i'*, é correferencial com *'ich nah'* "na casa". O elemento chave no exemplo é a alternância para *té'ela'*, na última parte do turno de fala de Luis. O que mudou é que, como Luis diz 'está logo ali', ele já começou a caminhar na direção da foto para realmente obtê-la. O que impulsiona sua escolha de *té'ela'* ao invés de qualquer outra de várias alternativas viáveis é o fato de que ele está indo para lá enquanto fala. Em geral, *té'ela'* é usado em referência ao caminho ou destino do movimento, enquanto *té'elo'* é usado em referência à fonte ou caminho já percorrido. De modo similar, em usos não mostrados aqui, os dêiticos *a'* podem ser usados em referência a objetos que um participante antecipa, em oposição às formas *o'* que são usadas para objetos lembrados.

Em outros exemplos, o objeto de referência não é acessível no espaço ou na percepção, mas é acessível por meio de uma relação privilegiada com um dos interagentes. Em (35), Manuel está me contando como os "Turcos" reclamam às autoridades estaduais que o mercado local é dominado por outros comerciantes, e que sua própria mercadoria não vende como consequência disso[12]. No cenário, a mercadoria é formulada como "nossa", enquadrada pelo demonstrativo imediato *lela'* 'isso (ou isto)'. O que é impressionante é que a mercadoria deles não está em nenhum lugar no local, apesar do uso do suposto demonstrativo imediato. Pelo contrário, porque pertence aos locutores, a mercadoria é interpretada com *a'*. Manuel os cita dizendo,

[12] Em iucateque, o termo "Turcos" se refere ao povo libanês, que desempenha coletivamente um papel central na economia do Estado e que é muitas vezes estereotipado por maias como comerciantes ricos e politicamente corruptos.

35. *le tó'on a' má' tu má'anah, kih e turkos*
"This ours, it doesn't get bought," say the Turks. [BB.4.160]
"Isto/isso nosso, não se compra", dizem os turcos.

No caso limitado, o funcionário a quem (35) foi dirigido não precisa nem mesmo saber exatamente que mercadoria eles vendem. O fato de ser deles, em contraste com a mercadoria dos outros comerciantes, é suficiente para motivar a construção com *a'*. Aqui o dêitico parece indiciar algo como a postura do falante em relação ao objeto (cf. OCHS, 1992; DUBOIS, 2007).

Há também o que se poderia chamar de usos "estereotípicos" de dêixis, correspondendo às circunstâncias familiares. Em saudações, onde os participantes ainda não estão engajados, refere-se à esfera do interlocutor como *té'elo'* e à sua própria esfera como *té'ela'* ou *waye'* 'aqui'. Quando os adultos repreendem as crianças, a esfera da criança é construída com *o'*, mesmo que seja espacialmente e perceptivamente imediata para o falante. Em resposta a "Onde você está?', a pessoa responde simplesmente como *way yanen e'* 'Estou aqui'.

A referência dêitica para as características do ambiente natural fornece um contraste revelador em termos de acessibilidade dos objetos na situação da fala. Ao se referir ao clima, à disposição do terreno, ao bosque ou aos campos, o padrão típico é usar dêiticos terminando em *o'*, onde um falante de inglês (e português) poderia usar o artigo definido, como nos seguintes casos.

36. chokow le k'ìin o' 'the sun is hot'
'o sol está quente'

nùuktak le hwiíts o' 'the hills are big'
'as colinas são grandes'

chuúp le 'aák'al o' 'the marsh is full (of water)'
'o pântano está cheio (de água)'

Mas se a característica natural é especialmente evidente no contexto de fala, então os falantes a constroem com dêiticos terminados em *a'*. Em (37), os interagentes estavam dentro de uma barraca de refrigerante em uma tarde clara e quente. O vento soprava forte do lado de fora, e o falante tomou isso como um sinal de uma iminente onda de calor. O som uivante e o papel do vento como um presságio de calor fazem com que ele se destaque especialmente, e isto motiva a construção com *lela'*.

37. *k'àam le 'ík' a' [pointing up]. "astah bey u taal camyon e"*
'The wind is strong. It's as if a truck were approaching.' [BB.5.56]
'O vento está forte. É como se um caminhão estivesse se aproximando.'

(38) é semelhante na medida em que um referente que alguém poderia interpretar como *lelo'* 'aquilo' é interpretado como *lela'* 'isto (ou isso)' por causa de sua relevância perceptiva no momento de falar. Don Ponso e eu estávamos dentro de sua casa quando ele ouviu um pássaro cantar lá fora. Reconhecendo-o, ele disse

38. *hats' le chan ch'ìich' kuk'ay a'. sakbakal*
'This little bird singing is beautiful. It's a dove' [BB.5.7]
'Este pequeno pássaro cantando é lindo. É uma pomba'

Contando-me como ele havia visto um vulcão expelindo lava no Vale do México, Don Chabo se reporta exclamando ao seu companheiro enquanto corria para se esconder,

39. dzú ta'aba le mundó a' 'This world's aflame!' [BB.4.100]
'Este mundo está em chamas!'

Nesses e outros casos semelhantes, a interpretação dêitica é sistematicamente sensível à relevância perceptiva do objeto no momento de fala. Esse fato faz pouco sentido se o que está no cerne da dêixis são as relações espaciais ou a mera perceptividade, mas faz muito sentido se o acesso do participante ao contexto é o que mais importa. O mapeamento de *a'* ≠ *o'* para distinção em ambientes comuns é em grande parte rotineiro, e ações como saudações, repreensões e referência ao ambiente natural são feitas de maneira típica.

Esses fatos de uso representam um desafio básico para a pesquisa sobre a pragmática da dêixis. A qualquer momento na interação, múltiplas dimensões de acesso (entre participantes, objetos e ambientes) estão simultaneamente disponíveis para as partes. A seleção e compreensão dos dêiticos se baseiam na articulação simultânea de espaço, percepção, discurso, senso comum e conhecimento compartilhado, antecipação e a estrutura de participação na qual locutores e interlocutores se orientam um ao outro. Qualquer um desses fatores pode fornecer a base para a interpretação dêitica, de acordo com as exigências da estrutura de relevância contínua na qual ela é produzida.

5 CONCLUSÃO

O principal desafio para um pesquisador de campo que estuda dêixis é determinar como os falantes usam os dêiticos para construir objetos de referência. Quando um falante se refere a sua casa como "(do lado de) lá" em um enunciado e "logo aqui" em outro, ele individualiza o mesmo lugar, mas sob duas perspectivas diferentes. A primeira é estática e constrói a casa como espacialmente distante, mas já conhecida por ambas as partes. A segunda é dinâmica e antecipatória. Ela constrói a casa como o destino do falante agora em movimento. Essa distinção ilustra a sutileza potencial das oposições dêiticas em uso e a facilidade com que os falantes mudam suas perspectivas sobre um objeto.

O trabalho de campo sobre a dêixis tem necessariamente várias partes e requer um entendimento aguçado da fala comum, bem como das relações com as pessoas que se sentem confortáveis falando sobre sua língua. A gramática fornece um primeiro tipo de evidência. Em uma língua como o iucateque, a forma composicional dos dêiticos ajuda a estabelecer as oposições críticas. Essa é uma grande vantagem para os pragmaticistas, pois fornece conjuntos de contrastes cujo uso podemos, então, comparar. Por exemplo, os dêiticos ostensivos interagem sistematicamente com os marcadores de modalidade e evidencialidade, porque eles têm uma força evidencial altamente marcada. A oposição entre *hé'ela*' 'aqui está (apresentativo tátil)' e *hé'ebe*' 'aí está (aponta para o som)' corresponde a dois esquemas perceptivos e acionais diferentes. No "repertório de enunciados" da dêixis, encontramos um repositório pragmático organizado em torno das práticas de referência e tomada de posição no campo interativo.

Um segundo tipo de evidência se volta não para a gramática e as oposições em si, mas para as avaliações metalinguísticas dos falantes nativos sobre como as formas são utilizadas e compreendidas de modo normativo. Eu me concentrei na metalinguagem elicitada como método de campo, mas a metalinguagem também é autóctone ao uso comum em qualquer língua. Dada uma hipótese quanto às dimensões do contraste, cenários como os desenvolvidos por Wilkins (1999) podem revelar distinções bem detalhadas. Mas esses contrastes vão apenas até as dimensões manipuladas no cenário experimental. Para ir além disso, é muito útil inverter a elicitação, começando com as formas de citação dêitica e convidando os falantes a explicar como elas normalmente seriam usadas. Os cenários resultantes são um tesouro de evidências sobre como os falantes pensam sobre as dêixis e os cenários de conversa comum. Eles também nos levam mais longe na língua, assumindo que a elicitação é feita na língua nativa, e dão provas poderosas do que os falantes pensam ser típico. Frases ou formas de combinar formas que são meras possibilidades a partir de uma perspectiva gramatical podem se tornar padrão ou típicas a partir da perspectiva do uso comum. A evidência das avaliações dos falantes nativos de dêiticos é uma parte crítica de qualquer pragmática que procure se libertar de suposições recebidas, tais como a visão egocêntrica espacialista da dêixis.

O que a metalinguagem nativa não nos dirá é a variação completa de uso de qualquer forma ou de uma série de formas. Para isso, precisamos observar o uso comum, gravado com a precisão que as circunstâncias permitem, desde a gravação de vídeo e áudio até as anotações feitas no decorrer da interação. É inevitável que essa parte do trabalho de campo assuma o caráter de etnografia de observação participante. Uma questão é simplesmente quando as pessoas usam dêiticos e quando elas os evitam? Como eles são usados no discurso reportado em oposição ao uso direto? A dêixis se liga ao espaço, percepção, evidencialidade, postura e outros

aspectos do contexto da fala. Ela sempre estabelece uma ligação entre a fala e o ambiente mais amplo no qual a conversa está inserida. Assim, para entender como os dêiticos dividem o espaço, precisamos saber um bocado sobre o espaço social além da dêixis – por exemplo, como as residências, locais de trabalho, corpos e afins estão organizados. Para entender por que um falante maia se refere a um pássaro com *o'* quando ele estiver parado, mas *a'* quando ele está cantando, precisamos observar como os interagentes administram seu próprio foco de atenção e o de cada um dos outros. Formas de saudar, abrir e fechar a conversa, repreender as crianças e responder a perguntas – tudo isso lança luz sobre a dêixis, porque a dêixis responde sistematicamente a esses e outros aspectos do contexto. Tenho tentado sugerir que essa interação é sistemática, manejável ao trabalho de campo e de grande interesse para a pragmática.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. *Evidentiality*. London: Oxford University Press, 2004.

BENVENISTE, É. Le langage et l'expe´rience humaine. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard, 1974, p. 67–78.

BICKEL, B. Spatial operations in deixis, cognition, and culture: where to orient oneself in Belhare. *In:* NUYTS, J., PEDERSON, E. (ed.). *Language and Conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 46–83.

BOHNEMEYER, J.; STOLZ, C. Spatial reference in Yukatek Maya: A survey. *Grammars of space: Explorations in cognitive diversity*, 2006, p. 273-310.

BÜHLER, K. *Theory of Language*: The Representational Function of Language. Amsterdam: John Benjamins, 1990 (Original German: Sprachtheorie, Fischer, Jena 1934).

BURENHULT, N. Attention, accessibility, and the addressee: the case of the Jahai demonstrative ton. *Pragmatics*, v. 13, n. 3/4, p. 363-379, 2003.

DIESSEL, H. *Demonstratives*: Form, Function, and Grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

DUBOIS, J. The stance triangle. *In:* ENGLEBRETSON, R. (ed.). *Stancetaking in Discourse*: Subjectivity, evaluation, interaction. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 139-182.

ENFIELD, N. J. The definition of WHAT-d'you-call-it: semantics and pragmatics of "recognitional deixis". *Journal of Pragmatics,* v. 35, p. 101–117, 2003a.

ENFIELD, N. J. Demonstratives in space and interaction: data from Lao speakers and implications for semantic analysis. *Language*, n. 79, p. 82-117, 2003b.

ENFIELD, N.; STIVERS. T. (ed.). *Person Reference in Interaction*: Linguistic, Cultural and Social Perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

EVANS, G. *The Varieties of Reference*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. Center for the Study of Language and Information, Stanford, CA, 1997.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*: Essays on Face-to-Face Behavior. Garden City, NY: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. The neglected situation. *In:* GIGLIOLI, P.P. (ed.). *Language and Social Context*: Selected Readings. New York: Penguin, 1972. p. 61-66.

GOFFMAN, Erving. Footing. *Semiotica*, v. 25, p. 1-29, 1983.

GOODWIN, C.; GOODWIN, M. Assessments and the construction of context. *In:* DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 147-190.

GOODWIN, C. Gesture, aphasia and interaction. *In*: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 84-98.

GOODWIN, C.; HERITAGE, J. Conversation analysis. *Annual Review of Anthropology*, n. 19, p. 283-307, 1990.

HANKS, W. F. *Referential Practice*: Language and Lived Space among the Maya. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

HANKS, W. F. The indexical ground of deictic reference. *In:* DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press,1992.

HANKS, W. F. Metalanguage and pragmatics of deixis. *In*: LUCY, J. (Ed.), *Reflexive Language*: Reported Speech and Metapragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HANKS, W. F. Language form and communicative practices. *In:* GUMPERZ, J., LEVINSON, S. (ed.)., *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 232-270.

HANKS, W. F. Exemplary natives and what they know. *In*: COSENZA, G. (ed.). *Paul Grice's Heritage.* Turnhout: Brepols, 2002. p. 203-230.

HANKS, W. F. Explorations in the deictic field. *Current Anthropology*, v. 46, p.191-220, 2005. Web enhanced: http://www.journals.uchicago.edu/CA/home.html

HANKS, W. F. The evidential core of deixis in Yucatec Maya. *In*: GUENTCHE´VA, Z. ; LANDABURU, J. (ed.). *L'Enonciation Médiatisée II***.** Le Traitement épistémologique de l'information: illustrations amérindiennes et caucasiennes. Louvain-Paris: Edition Peeters, 2007. p. 311-334.

HAVILAND, J. B. Anchoring, iconicity and orientation in Guugu Yimithirr pointing gestures. *Journal of Linguistic Anthropology*, n. 3, p. 3-45, 1993.

HAVILAND, J. B. Projections, transpositions, and relativity. *In:* GUMPERZ, J.; LEVINSON, S.C. (ed.). *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 271-323.

HAVILAND, J. B. Pointing, gesture spaces and mental maps. *In*: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*: Window into Thought and Action. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 13-46.

HIMMELMANN, N. P. Demonstratives in narrative discourse: a taxonomy of universal uses. *In:* Fox, B. (ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 205-254.

IDE, S. The speaker's viewpoint and indexicality in a high context culture. *In:* KATAOKA, K., IDE, S. (ed.). *Toward the Integrated Study of Culture, Interaction and Language.* Tokyo: Hituzi Syobo, 2001. p. 3-20.

IDE, S.; YOSHIDA, M. Sociolinguistics: honorifics and gender differences. *In:* ISIYIMURA, N. (ed.). *The Handbook of Japanese Linguistics*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1999. p. 444-480.

JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories, and the Russian verb. *In*: *Selected Writings of Roman Jakobson 2.* Mouton, The Hague, 1971. p. 130-147.

KENDON, A. The negotiation of context in face to face interaction. *In*: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 323-334.

KITA, S. *Pointing*: Where Language, Culture and Cognition Meet. Mahwah, NJ: Erlbaum Associates, 2003.

LEVINSON, S. C. *Presumptive Meanings*: The Theory of Generalized Conversational Implicatures., Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

LEVINSON, S. C. Space in language and cognition: Explorations in cognitive diversity. *Series in Language, Culture and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MORRIS, C. *Signs, Language, and Behavior*. New York: George Braziller, 1946.

OCHS, E. Indexing gender. *In*: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (ed.). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 335–358.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. *Interaction and Grammar*. New York: Cambridge University Press, 1996.

PEIRCE, C.S. Logic as semiotic: The theory of signs. *In*: BUCHLER, J. (ed.).
Philosophical Writings of Peirce. New York: Dover Publications, 1955. p. 98-119.

RUMSEY, A. Language, desire and the ontogenesis of intersubjectivity. *Language and Communication*, n. 23, p. 169-187, 2003.

SCHEGLOFF, E. A. Between micro and macro: contexts and other connections. *In:* ALEXANDER, J.C.; GIESEN, B.; MÜNCH, R.; SMELSER, N.J. (ed.). *The Micro-Macro Link.* Berkeley: University of California Press, 1987. p. 207-234.

SCHEGLOFF, E. A. Some practices for referring to persons in talk-in interaction: a partial sketch of a systematics. *In*: FOX, B. (ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam: Benjamins, 1996. p. 437-486.

SHANKER, S. What children know when they know what a name is: the non Cartesian view of language acquisition. *Current Anthropology*, n. 42, p. 481-513, 2001.

SIDNELL, J. Primus inter pares: storytelling and male peer groups in an Indo-Guyanese rumshop. *American Ethnologist*, n. 27, 2000, p. 72-99, 2000.

SIDNELL, J. Repairing person reference in a small Caribbean community. *In:* ENFIELD, N.J.; STIVERS, T. (ed.). *Person Reference in Interaction*: Linguistic, Cultural and Social Perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 281-308.

SILVERSTEIN, M. Shifters, verbal categories and cultural description. *In*: BASSO, K.; SELBY, H. (ed.). *Meaning in Anthropology*. Albuquerque: School of American Research, 1976. p. 11-57.

SENFT, G. Frames of spatial reference in Kilivila. *Studies in Language*, n. 25, p. 521-557, 2001.

SWEETSER, E.; FAUCONNIER, G. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. *In:* FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (ed.). *Spaces Worlds and Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 1-28.

WILKINS, D. Demonstrative questionnaire: "THIS" and "THAT" in comparative perspective. *In*: WILKINS, D.P. (ed.). *Manual for the 1999 Field Season*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 1999. p. 1-24.

WILKINS, D. Review of Adam Kendon (2004) gesture: visible action as utterance. *Gesture 6*, p. 119-144, 2006.

Recebido em 01/09/2022. Aceito em 10/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e89461

REVIEW/ RESENHA/REVISIÓN



"OUT OF TUNE WITH THE HAPPY PEOPLE CHOIR": THE BIOPOLITICAL USE OF THE DISCOURSE OF HAPPINESS "

"DESAFINAR DO CORO DOS CONTENTES": O USO BIOPOLÍTICO DO DISCURSO DE FELICIDADE

"DESAFINADO DEL CORO DE LOS FELICES": EL USO BIOPOLÍTICO DEL DISCURSO DE LA FELICIDAD

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia*: fabricando cidadãos felizes. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 288p. (Coleção Exit)

José Augusto Simões de Miranda*
Federal University of Santa Catarina

Amarildo Inácio dos Santos**
Federal University of Bahia

* Doctoral Student and Master in English: Linguistic and Literary Studies by the Graduate Program in English at the Federal University of Santa Catarina (PPGI/UFSC). Orcid iD: https://orcid.org/0000-0002-0057-1685. E-mail: joseaugustosimoesdemiranda@gmail.com

** Doctoral Student in Education by the Graduate Program in Education at the Federal University of Bahia (PPGEDU/UFBA) and Master in Education by the Regional University of Blumenau (FURB). ORCID iD: https://orcid.org/0000-0001-9582-9791. E-mail: amarildoinacio.ds@gmail.com.

Happycracia is a work by Edgar Cabanas and Eva Illouz. Edgar Cabanas is a psychologist, specialist in basic psychology, emotional and social psychology and history of psychology. He holds a PhD in psychology from Universidade Autónoma de Madrid, and is currently a Professor at Universidade Camilo José Cela. Ela Illouz is a sociologist and holds a PhD in literature and communication. She currently teaches sociology at Universidade Hebraica de Jerusalem and at the Paris School of Advanced Studies in Social Science.

The said work addresses happiness from a sociological, psychological, and economic perspective, in which discourse plays a central role throughout the discussion taken forward by the authors. Differently from what we are used to observing on the shelves of bookstores, in self-help sections, the book discussed throughout this review problematizes a discourse disguised as science[1], which has become a huge industry, and aims at establishing and maintaining an order of discourse by means of a global neoliberal logic of economy in contemporary biopolitics.

In the *Introduction,* the authors point the presence of an ideal of happiness in our cultural imaginary — that crosses different means of communication, aesthetics, health, education and (digital) technologies. From this ideal, we realize that a discourse has been produced and calcified to make us believe that happiness is a matter of choice and the result of training and discipline — reflecting the model of citizen demanded by neoliberalism in contemporaneity. Behind this constant search, the authors present a powerful industry in which different social actors participate in the construction and diffusion of this discourse of happiness: writers, politicians, psychologists, entrepreneurs, and *coaches*, among other professionals. That signalizes the tactical poly-valence of discourse (FOUCAULT, 2020), that is, discourses on a same theme emanate from different fields, and operate the construction of a "truth" that will be the ground for the massive production of a subjectivity which is necessary to biopolitical governance in the present time. According to the authors of the reviewed work, the American culture was the cradle of this cultural imaginary that permeates especially advanced capitalist societies.

The authors point out that after a few years of mysticism from one side, and skepticisms from another regarding happiness, in 1998 a science of happiness was finally institutionalized. According to them, this science, named as positive psychology, brought scientific "truths", and any type of skepticism seen in previous years was gradually diluting, since a science was grounding all of these discussions on happiness.

We share the same arguments as the authors, according to whom the condition that enabled the discourse of happiness comes from the fluxes of contemporary global neoliberalism, which demand positive subjects, because in this way they cannot realize how this economic model makes their lives precarious, and believe that if they program their minds to be positive, they will find the ideal of happiness (literally) sold by the social configuration in force. Thus, drawing from Foucault's concept of biopolitics (2010), we argue that the maintenance of healthy, "happy" and productive bodies is a *sine qua non* condition for the "well-being" of a nation inserted in this historical time.

The authors defend that there is the production of self-responsibility as well as of guilt by the subjects who do not fit nor achieve the ideal of contemporary happiness. When it comes to happiness, an antagonistic relationship between normal and pathological emerges from this new "truth" established. Regarding this ideal of happiness, legitimated as normal, there is an expectation that it is possible to guarantee a life without suffering or illness, in which the maximization of productive bodies has become a moral responsibility (CAPONI, 2014). While pathological is a synonym of monstrous, normal is constantly demanded in our societies (CAPONI, 2001).

In the first chapter, titled *Experts on your well-being*, the authors discuss the creation of positive psychology. According to them, the psychologist Martin Seligman had an epiphany and felt facing the mission of creating a completely innovative psychological perspective, in which the keys to human happiness were easily unveiled. They affirm that in view of his first manifesto, *Positive Psychologist*, the psychologist and coauthor Mihaly Csikszentmihalyi presented a new "scientific entrepreneurship" with mixed, confused, and ill-arranged concepts, despite promising all the truth that this scientific discourse allegedly encompasses. In sequence,

[1] Throughout the text, when we refer to the discourse of happiness, we will be talking about positive psychology. The authors argue that once produced, the discourse of happiness was covered as science and, thus, acquired the status of truth, as well as became much more accepted and widespread, including in academia.

as discussed by the work reviewed, the discourse of happiness began to incite the curiosity and interest of big corporations and to move this enormous industry, financed by millionaires and sustained by academics through the dissemination of research published by scientific journals in the field.

We agree with the authors that the success of the discourse of happiness reaches a variety of audiences, including, poor, lonely, sick people, and "losers". If we resort to the concept of biopolitics (FOUCAULT, 2010), we observe that there is an ongoing effort to "make live", in which normalizing and saving people, many of them from marginalizing groups, work as strategies for neoliberal societies that need to extract the workforce from people. Thus, we realize that the protagonists of the discourse of happiness are easily seen as the propagators of "wellness", while their discourse is merely associated to economic interests. It is possible to see that the discourse of happiness is strategically used in the production of subjectivities that is useful to the neoliberal enterprise, and that is precisely what the authors seek to foreground. They argue that "positive psychology is a little more than ideology recycled in the form of charts, tables and number-filled diagrams; an easily marketable pop psychology touted by scientists in white coats." (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 50, our translation), a psychology that creates digital identities and behavioral patterns in both public and private spheres, namely it produces consumers of goods and dreams, which are linked to the ideal of happiness, and this production creates a feeling of collective positivity that tactically camouflages social inequality. Here we argue that there is a use of knowledge for a purpose of power. In that sense, "Discourses are tactical elements or blocks operating in the field of force relations; there can be different and even contradictory discourses within the same strategy; they can, on the contrary, circulate without changing their form among opposing strategy." (FOUCAULT, 2020, p. 111, our translation). The strategy is the production of positive subjects, in which the authors name happy citizens. Producing this subjectivity is of vital importance for maintaining the current social configuration. Nevertheless, there are always those out of tune with the happy people choir. Resistance that arises in the constant agonistic of collisions of forces, from which the discourse of happiness emerges and operates tactically, in order to make live. And not just to make live, but to make live "happily", to increase the workforce in favor of neoliberalism. In such a way, "It is necessary to admit a complex and unstable game, in which discourse can be both an instrument and an effect of power" (FOUCAULT, 2020, p. 110, our translation)

In the second chapter, titled *Rekindling individualism*, the authors discuss the discourse of happiness and neoliberalism — that stands out for the individualization of subjects who must become entrepreneurs of themselves, what Foucault (2010) has termed as *homo oeconomicus*. That is, subjects must make themselves their own capital, acting upon themselves to mold their subjectivity to neoliberal demands. From this perspective, everyone is responsible for their own happiness, and those who are not happy, are not self-regulating for this. Similarly to what occurs in the meritocratic discourse, it is possible to realize that the discourse of happiness dislocates the responsibility of being happy to people, while collective and social aspects are constantly left aside, as though they did not interfere in the process. On that matter, the authors write that:

Happiness should not be seen as an innocuous, well-meant abstraction for wellness and satisfaction. Nor should it be conceived as an empty concept devoid of profound cultural, moral and anthropological biases and assumptions. Otherwise, it would be hard to understand why happiness and not any other value – e.g., justice, prudence, solidarity or loyalty – has come to play such a prominent role in advanced capitalist societies [...]. Instead, we argue that one of the reasons accounting for why happiness has become so prominent in neoliberal societies is that happiness is saturated with individualist values – defining the individual self as a paramount value, conceiving of groups and societies as an aggregate of separate and autonomous wills. (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p.83, our translation).

The authority and persuasiveness of the discourse of happiness are also issues raised by the authors. They argue that, due to its apparent accuracy, this type of discourse, when made scientific, starts to offer "unquestionable truths" through a simplistic objectivity to the detriment of collective critical thinking and of structural factors. Furthermore, they affirm that the different techniques and proposals offered by the discourse of happiness can lead to a limited understanding of social structure as they represent that which is merely individual. During the reading, we realize that the discourse in question produces subjectivities — that can be biopolitically governed — in different fields, such as education and work, for instance. This discourse fixates an ideal of happiness and creates a "right way to be happy", which not coincidentally is of interest to neoliberalism.

In the third chapter *Positivity at work*, the authors discuss the essential assets and psychological constructs expected at the world of labor, classifying the worker as good, productive, and therefore interesting to hire. It is pointed that this discourse creates (and maintains) a series of identities marked by characteristics such as: autonomy, flexibility, adaptability, resilience, self-control, among others. Not by chance, these are the characteristics of the neoliberal *homo oeconomicus* (FOUCAULT, 2010). As the authors point out, it is important to highlight, however, that this discourse — widespread within companies, especially big corporations — causes a series of insecurities and instabilities, permeating the dissolution of stability and work contracts through the emphasis on individualization. Moreover, they highlight that even though the discourse of happiness promises a "fulfilling life" inside neoliberal corporations, what we see are workers ideologically molded to identify themselves with the principles, values and goals of such organizations. Hence, we argue that, differently from the well-being promised by the companies, there are strategies to create an economically, politically, socially and psychologically standard subject who will facilitate the biopolitical government of population behavior, increasing their economic strengths while reducing their political strengths. That is, "happy" subjects will produce much more and resist much less. Happy subjects will be docile and useful (FOUCAULT, 2007).

In the fourth chapter, *Happy selves on the market's shelves*, the authors discuss the application of the discourse of happiness using "success" stories combined with moral and ethical values in the search for "better" citizens. According to them, from the vantage point of the discourse of happiness, we are responsible for becoming bad or good citizens, and the latter is connected to the idea of happiness. Therefore if we are happy, we are good, otherwise we are bad. That reveals a dualistic moral background (good-evil) on which this discourse of happiness rests and which must be problematized, because the notions of good and evil are not unquestionable truths, but cultural constructs historically dated (NIETZSCHE, 2017) that have strategic uses in biopolitical configurations.

We agree with the authors that social networks are a huge industry of "happy selves" — where looking happy is a constant obligation and any type of contrary feeling is silenced, stigmatized and even ridiculed. They argue that young people are the main victims of this industry, which demands social adjustment and "perfection" — in which standards of beauty, happiness, normality, relationships, health, and success play the role of protagonists — triggering dangerous frustrations that make them feel ill, abnormal, and dysfunctional, because such standards, in all their spheres, will never be reached. We emphasize that here lies the subtlety of the strategy — this standard of happiness, even though unreachable, works to keep everybody in movement, chasing it, and thus the forces are channeled in favor of neoliberal interests. This relentless search for positivity, aimed at increasing efficiency, produces body fatigue, as well argued by Han (2017).

In the fifth and last chapter, *Happy is the new normal*, the authors discuss the normalization of being happy in any circumstances. They assert that the discourse of happiness is part of an individualistic, objective enterprise, and promises to be available to anyone. In that logic, we observe that the subjects who seek happiness can easily achieve it and are considered normal, since they become productive, resilient, healthy, with solid relationships, and, in this way, they contribute to the good progress of an entire society. It is important to stress that the opposite can happen too, and people who do not feel happy (at least not all the time) or cannot access the "flourishing" offered by the discourse of happiness are considered abnormal, and because happiness is treated as a matter of choice, they are held accountable, judged, and condemned because they resist and do not facilitate their own well-being nor the well-being of others.

Hence, we understand that the work reviewed approaches the emergency of a discourse that fixates truths on what it is like to be happy in contemporaneity. The said discourse, linked to the interests of neoliberalism, was strategically coated with science, giving rise to the so-called positive psychology, which moves millions and acts in the manufacture of happy subjectivities. We share the same arguments as the authors that the discourse of happiness transfers the responsibility of being happy to people, deliberately disregarding the situation of social vulnerability in which many live and that sometimes is the basis of their unhappiness.

Beyond that, throughout the book, we perceive that the discourse of happiness neglects particularities that involve deep psychosocial issues and permeate the vulnerability of human existence. Aligned to the ideology of advanced capitalist societies, we agree with the authors that the discourse of happiness aims at maintaining old unequal power relations and social structures. It is an indispensable work, which we recommend, because it discusses the establishment and maintenance of an order of discourse — in which "truths"

are established and begin to produce effects of power over the governed bodies. Nevertheless, "where there is power, there is resistance" (FOUCAULT, 2020, p.104, our translation) that does not cease to introduce lines of escape. Dissonant voices, which constantly emerge, join the discursive polyphony and are out of tune with the happy people choir. The work reviewed is a fine example of that. An example of the poly-valence of the discourse that marks resistance. In this case, the authors use the discourse of happiness, produced by positive psychology, against itself. They invert the strategy, as Foucault (2020) points out, to signal its nefarious effects of power.

REFERENCES

CAPONI, S. Corpo, população e moralidade na história da medicina. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, v. 9, n. 9, p. 69-86, 2001.

CAPONI, S. Viver e deixar morrer: Biopolítica, risco e gestão das desigualdades Live and Let Die Biopolitics, risk management and inequalities. *Revista Redbioética/Unesc*o, p. 27, 2014.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

Received on June 4, 2022. Approved on July 11, 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e89461

RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW



"DESAFINAR DO CORO DOS CONTENTES": O USO BIOPOLÍTICO DO DISCURSO DE FELICIDADE

"DESAFINADO DEL CORO DE LOS FELICES": EL USO BIOPOLÍTICO DEL DISCURSO DE LA FELICIDAD

"OUT OF TUNE WITH THE HAPPY PEOPLE CHOIR": THE BIOPOLITICAL USE OF THE DISCOURSE OF HAPPINESS

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia*: fabricando cidadãos felizes. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 288p. (Coleção Exit)

José Augusto Simões de Miranda*
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Amarildo Inácio dos Santos**
Universidade Federal da Bahia - UFBA

* Doutorando e Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pelo Programa de Pós- Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGI/UFSC). Orcid iD: https://orcid.org/0000-0002-0057-1685. E-mail: joseaugustosimoesdemiranda@gmail.com.

** Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGEDU/UFBA) e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). ORCID iD: https://orcid.org/0000-0001-9582-9791. E-mail: amarildoinacio.ds@gmail.com.

Happycracia é uma obra de Edgar Cabanas e Eva Illouz. Edgar Cabanas é psicólogo, especialista em psicologia básica, psicologia social e das emoções e história da psicologia. Possui doutorado em psicologia pela Universidade Autónoma de Madrid e atualmente é professor da Universidade Camilo José Cela. Eva Illouz é socióloga e doutora em literatura e comunicação. Atualmente, leciona sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém e na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais de Paris.

A referida obra versa sobre a felicidade numa perspectiva sociológica, psicológica e econômica, em que o discurso tem um papel central em toda a discussão realizada pelos autores. Diferentemente do que estamos acostumados a observar nas estantes de livrarias, em seções de autoajuda, este livro, que será discutido ao longo desta resenha, problematiza um discurso envernizado de ciência[1], que se tornou uma enorme indústria e tem o intuito de instaurar e manter uma ordem de discurso por meio da lógica da economia neoliberal global na contemporaneidade biopolítica.

Na *Introdução*, os autores apontam a presença de um ideal de felicidade em nosso imaginário cultural — que perpassa diferentes meios de comunicação, a estética, a saúde, a educação e as tecnologias (digitais). A partir desse ideal, percebemos que se produziu e se calcificou um discurso utilizado para nos fazer crer que a felicidade é uma questão de escolha e o resultado de treinamento e disciplina — que refletem o modelo de cidadão demandado pelo neoliberalismo na contemporaneidade. Atrás dessa constante busca, os autores nos apresentam a poderosa indústria em que diferentes atores sociais participam na construção e difusão desse discurso de felicidade: escritores, políticos, psicólogos, empresários, *coaches*, entre outros profissionais. Isso sinaliza a polivalência tática do discurso (FOUCAULT, 2020), isto é, discursos sobre um mesmo tema emanam de diferentes áreas e operam a construção de uma "verdade" que será a base para a produção massiva de uma subjetividade necessária à governamentalidade biopolítica na atualidade. Segundo os autores da obra resenhada, a cultura estadunidense foi o berço desse imaginário cultural que permeia, especialmente, as sociedades capitalistas avançadas.

Os autores apontam que após alguns anos de misticismos de um lado e ceticismos de outro, no que concerne à felicidade, em 1998, finalmente, a ciência da felicidade foi institucionalizada. Segundo eles, essa ciência, chamada psicologia positiva, trouxe "verdades" científicas e quaisquer tipos de ceticismos vistos em anos anteriores foram se diluindo, uma vez que uma ciência estava fundamentando todas essas novas discussões sobre a felicidade.

Partilhamos os mesmos argumentos dos autores de que as condições de possibilidade para que o discurso de felicidade, advindo da psicologia positiva, emergisse, provêm dos fluxos do neoliberalismo global contemporâneo, que demandam sujeitos positivos, pois assim não percebem como esse modelo econômico precariza suas vidas e acreditam que se programarem suas mentes para serem positivas, encontrarão o ideal de felicidade vendida (literalmente) pela configuração social em vigência. Assim, a partir do conceito de biopolítica, de Foucault (2010), argumentamos que a manutenção de corpos saudáveis, "felizes" e produtivos é condição *sine qua non* para o "bem estar" de uma nação inserida neste tempo histórico.

Os autores defendem que há tanto a produção de responsabilização de si como sentimento de culpa de sujeitos que não se encaixam e nem atingem o ideal contemporâneo de felicidade. A partir dessa nova "verdade" estabelecida emerge uma relação antagônica entre o normal e o patológico no que tange à felicidade. Sobre este ideal de felicidade, legitimado como normal, projeta-se a expectativa de que é possível garantir uma vida sem sofrimentos e adoecimentos, em que a maximização de corpos produtivos se tornou uma responsabilidade moral (CAPONI, 2014). Enquanto o patológico é sinônimo de monstruoso, o normal é constantemente demandado em nossas sociedades (CAPONI, 2001).

No primeiro capítulo da obra, intitulado *Especialistas no seu bem-estar*, os autores discutem a criação da psicologia positiva. Segundo eles, o psicólogo Martin Seligman teve uma epifania e sentiu-se diante de uma missão para criar uma perspectiva psicológica totalmente inovadora, em que as chaves para a felicidade humana eram facilmente desvendadas. Eles afirmam que, diante de seu primeiro manifesto, *Positive Psychologist,* o psicólogo e o coautor Mihaly Csikszentmihalyi apresentaram um novo "empreendimento científico" com conceitos misturados, confusos e mal arranjados, apesar de prometerem toda a verdade que esse

[1] Ao longo do texto, quando nos referirmos ao discurso de felicidade, estaremos falando da psicologia positiva. Os autores argumentam que, uma vez produzido, o discurso de felicidade foi revestido de ciência e, assim, adquiriu estatuto de verdade e passou a ser muito mais aceito e difundido, inclusive na academia.

discurso científico alega abranger. Na sequência, como discutido na obra resenhada, o discurso de felicidade começou a incitar a curiosidade e o interesse de grandes corporações e a movimentar essa enorme indústria financiada por milionários e sustentada por acadêmicos por meio da disseminação de pesquisas, que foram publicadas em periódicos científicos da área.

Concordamos com os autores que o sucesso do discurso de felicidade atinge diversos públicos, que incluem pobres, solitários, doentes e "fracassados". Se recorrermos ao conceito de biopolítica (FOUCAULT, 2010), observaremos que há um constante esforço em "fazer viver", em que "normalizar" e "salvar" pessoas, muitas delas advindas de grupos marginalizados, são estratégias de sociedades neoliberais que precisam extrair das pessoas a força de trabalho. Assim, percebemos que os protagonistas do discurso de felicidade são facilmente vistos como propagadores do "bem", enquanto seu discurso está meramente associado a interesses econômicos. Vê-se que há um uso estratégico do discurso de felicidade na produção de subjetividades úteis ao empreendimento neoliberal e é isso o que os autores buscam destacar. Eles argumentam que "[...] a psicologia positiva é pouco mais que uma ideologia reciclada na forma de gráficos, tabelas e diagramas repletos de números; uma psicologia pop que pode ser vendida com facilidade, propagandeada por cientistas com seus jalecos brancos" (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 50), uma psicologia que cria identidades digitais e padrões comportamentais nas esferas pública e privada, isto é, produz consumidores de mercadorias e sonhos, que são atrelados ao ideal de felicidade e essa produção cria um sentimento de positividade coletiva que taticamente camufla a desigualdade social. Aqui, argumentamos que há o uso de um saber para uma finalidade de poder. Nesse sentido, "Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas" (FOUCAULT, 2020, p. 111). A estratégia é a produção de sujeitos positivos, que os autores nomeiam cidadãos felizes. A produção desta subjetividade é de vital importância para manter a configuração social vigente. Porém, há sempre quem desafine do coro dos contentes. Resistências que surgem na constante agonística do embate de forças no qual emerge e opera taticamente esse discurso de felicidade a fim de fazer viver. E não apenas fazer viver, mas fazer viver "feliz", para majorar a força de trabalho em prol do neoliberalismo. De tal maneira, "É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder" (FOUCAULT, 2020, p. 110).

No segundo capítulo, intitulado *Reavivar a chama do individualismo*, os autores discutem o discurso de felicidade e o neoliberalismo – que se destaca pela individualização de sujeitos que devem se tornar empresários de si, o que Foucault (2010) chama de *homo oeconomicus*. Isto é, o sujeito deve fazer de si seu capital e atuar sobre si para moldar sua subjetividade às demandas neoliberais. Nesta perspectiva, cada um é responsável por sua felicidade e quem não está feliz é porque não está se autorregulando para isso. Percebemos que, de modo similar ao que ocorre no discurso meritocrático, o discurso de felicidade desloca a responsabilidade de ser feliz para as pessoas e, enquanto isso, os aspectos coletivos e sociais são constantemente deixados de lado, como se não interferissem no processo. Sobre isso, os autores escrevem que:

A felicidade não dever ser vista como uma abstração inócua e bem-intencionada voltada para o bem-estar e a satisfação. Também não deve ser concebida como um conceito vazio e desprovido de vieses e pressupostos culturais, morais e antropológicos. Por que ela, e não qualquer outro valor — justiça, prudência, solidariedade, lealdade —, desempenha papel de tanto destaque nas sociedades capitalistas avançadas? [...] Uma das razões pelas quais ela se tornou tão proeminente nas sociedades neoliberais se deve à saturação de valores individualistas — com a definição do eu como valor supremo e a concepção de grupos e sociedades como uma massa de vontades estanques e autônomas. (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p.83)

Outra questão levantada pelos autores é a autoridade e o poder de persuasão do discurso de felicidade. Eles argumentam que por sua aparente precisão, esse tipo de discurso, quando tornado científico, passa a oferecer "verdades inquestionáveis" por meio de uma objetividade simplista em detrimento do pensar crítico e coletivo e de questões de ordem estrutural. Além disso, eles afirmam que diferentes técnicas e propostas oferecidas pelo discurso de felicidade podem levar a uma compreensão limitada do social por representar o meramente individual. No decorrer da leitura, percebemos que ele produz subjetividades — que podem ser biopoliticamente governadas — em diferentes campos, como na educação e no trabalho, por exemplo. Esse discurso fixa um ideal de felicidade e cria o "jeito certo de ser feliz" que, não por acaso, interessa ao neoliberalismo.

No terceiro capítulo, intitulado *Positividade no trabalho*, os autores discutem os constructos psicológicos que são esperados no trabalho com características essenciais, classificando o trabalhador como bom, produtivo e, portanto, interessante para se contratar. Dentro desse discurso, eles apontam que há a criação (e a manutenção) de uma série de identidades marcadas por características como: autonomia, flexibilidade, adaptabilidade, resiliência, autocontrole, entre outras. Não por acaso, características do *homo oeconomicus* neoliberal (FOUCAULT, 2010). Entretanto, como os autores apontam, é importante ressaltar que esse discurso — difundido dentro de empresas, sobretudo grandes corporações — provoca uma série de inseguranças e instabilidades, que perpassa a dissolução da estabilidade e do contrato de trabalho por meio da ênfase na individualização. Ademais, eles ressaltam que apesar de o discurso de felicidade prometer uma "vida plena" dentro de corporações neoliberais, o que se vê são trabalhadores ideologicamente moldados — para se identificarem com os princípios, valores e metas dessas organizações. Portanto, argumentamos que, diferentemente do bem-estar prometido por esse discurso nas empresas, há estratégias para se criar um sujeito econômico, político, social e psicologicamente padrão que facilitará o governo biopolítico das condutas da população majorando suas forças no sentido econômico ao mesmo tempo em que minora suas forças no sentido político. Isto é, sujeitos "felizes" produzirão muito mais e resistirão muito menos. Sujeitos felizes serão dóceis e úteis (FOUCAULT, 2007).

No quarto capítulo, intitulado *Eus gratificados à venda nos mercados*, os autores discutem a aplicação do discurso de felicidade com histórias de "sucesso" aliadas a valores morais e éticos na busca de cidadãos "melhores". De acordo com eles, a partir do discurso de felicidade, somos responsáveis por nos tornarmos cidadãos maus ou bons e o último está ligado à ideia de felicidade. Portanto, se somos "felizes", somos bons; caso contrário, somos maus. Isso revela o pano de fundo moral dualista (bem-mal) sobre o qual esse discurso de felicidade repousa e que deve ser problematizado, pois as noções de bem e mal não são verdades inquestionáveis, mas constructos culturais historicamente datados (NIETZSCHE, 2017) que têm uso estratégico na configuração biopolítica.

Concordamos com os autores que uma enorme fábrica de "eus felizes" são as redes sociais – em que o parecer feliz é uma constante obrigação e qualquer tipo de sentimento contrário é silenciado, estigmatizado e até ridicularizado. Eles ainda afirmam que os jovens são as principais vítimas dessa fábrica, que demanda adequação social e "perfeição" – em que padrões de beleza, de felicidade, de normalidade, de relacionamentos, de saúde e de sucesso são protagonistas –, desencadeando perigosas frustrações que os fazem sentirem-se doentes, anormais e disfuncionais, pois nunca se atingirão tais padrões em todas as suas esferas. Aqui, ressaltamos que reside a sutileza da estratégia – esse padrão de felicidade, apesar de inalcançável, serve para manter todos em movimento, perseguindo-o, e assim as forças são canalizadas em prol dos interesses neoliberais. Essa busca incessante por positividade, visando ao aumento da eficiência, produz o cansaço do corpo, como bem argumentado por Han (2017).

No quinto e último capítulo, intitulado *Ser feliz é o novo normal*, os autores discutem a normalização do estar feliz em quaisquer circunstâncias. Eles argumentam que o discurso de felicidade faz parte de um empreendimento individualista, objetivo e promete estar disponível para qualquer pessoa. Nessa lógica, percebemos que sujeitos que buscam a felicidade conseguem facilmente alcançá-la e são considerados normais, pois se tornam produtivos, resilientes, saudáveis, com relações sociais sólidas e, dessa forma, colaboram para o bom andamento de toda uma sociedade. Destacamos que o inverso também acontece, pessoas que não se sentem felizes (pelo menos não o tempo todo) ou não conseguem acessar o "florescimento" oferecido pelo discurso de felicidade, são consideradas pessoas anormais e, pelo fato de a felicidade se tratar de uma questão de escolha, elas são responsabilizadas, julgadas e condenadas, pois resistem e não facilitam o bem estar dela e de todos.

Compreendemos, assim, que a obra resenhada aborda a emergência de um discurso que fixa verdades sobre o que é ser feliz na atualidade. Tal discurso, atrelado aos interesses do neoliberalismo, foi estrategicamente revestido de ciência fazendo emergir a chamada psicologia positiva, que movimenta milhões e atua na fabricação de subjetividades felizes. Partilhamos os mesmos argumentos dos autores que o discurso de felicidade transfere a responsabilidade de ser feliz para as pessoas, desconsiderando deliberadamente a situação de vulnerabilidade social em que muitas vivem e que, por vezes, é a base de sua infelicidade.

Além disso, ao longo do livro, percebemos toda uma negligência do discurso de felicidade com particularidades que envolvem questões psicossociais profundas e perpassam a vulnerabilidade da existência humana. Alinhada à ideologia das sociedades capitalistas avançadas, concordamos com os autores que o discurso de felicidade visa manter velhas relações de poder e estruturas sociais desiguais. Trata-se de uma obra indispensável, que recomendamos, pois discute a instauração e a manutenção de uma ordem

de discurso – em que "verdades" são estabelecidas e passam a produzir efeitos de poder sobre os corpos governados. Contudo, "onde há poder, há resistências" (FOUCAULT, 2020, p. 104) que não cessam de introduzir linhas de fuga. Vozes dissonantes que constantemente emergem, juntam-se à polifonia discursiva e desafinam do coro dos contentes. A obra resenhada é um belo exemplo disso. Um exemplo da polivalência do discurso que marca uma resistência. Neste caso, os autores usam o discurso de felicidade, produzido pela psicologia positiva, contra ele mesmo. Invertem a estratégia, tal como assinala Foucault (2020), para sinalizar seus nefastos efeitos de poder.

REFERÊNCIAS

CAPONI, S. Corpo, população e moralidade na história da medicina. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, v. 9, n. 9, p. 69-86, 2001.

CAPONI, S. Viver e deixar morrer: Biopolítica, risco e gestão das desigualdades Live and Let Die Biopolitics, risk management and inequalities. *Revista Redbioética/Unesco*, p. 27, 2014.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

Recebida em 04/06/2022. Aceito em 11/07/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91783

POR UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA DOS DISCURSOS (V.2)

Este dossiê **Poer uma análise foucaultiana dos discursos (volume 2)** é uma espécie de continuação daquele publicado há pouco na *Revista da Anpoll*, *Por uma análise foucaultiana dos discursos*, e que recebeu quase cem submissões – https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/issue/view/66.

Dada a qualidade dos textos aprovados e o desejo de publicizar as pesquisas que se tem desenvolvido, sobretudo no Brasil, nós, organizadores e organizadora do número da Anpoll, resolvemos trazer à lume mais uma edição. Aqui, portanto, os textos partem diretamente da discussão foucaultiana ou têm o lastro nas formas arqueogenealógicas de conceber a produção dos saberes e as estratégias de poder que lhe são constitutivas.

O dossiê se inicia com quatro textos, escritos por mulheres e que se inscrevem no vértice entre os discursos, o gendramento, a racialização e os dispositivos. O primeiro dos artigos é de **Marlène Coulomb-Gully**. Em *O desafio da fala pública: sexismo e política* (em versões em francês – com tradução de Amanda Braga e Vanice Sargentini em português) –, problematiza, em especial, o fato de as mulheres terem a voz cerceada na ordem do discurso político. Insultos, interrupções sistemáticas, críticas à sua voz – ora inaudíveis, ora muito agudas –, são algumas das formas de silenciamento. Apresentando exemplos e análises, a pesquisadora argumenta em defesa da biodiversidade das vozes e da educação da escuta.

É da problematização acerca dos dispositivos e do gênero que partem os dois artigos seguintes. *Em biotecnovoz e gênero-dissonância: a voz e o discurso no realismo agencial*, **Nathalia Muller Camozzato** tensiona o pensamento de Foucault e o repensa segundo a ordem do *cuir* e do realismo agencial. A autora propõe o conceito de *tecnobiovoz* para interrogar os modos pelos quais a gênero-dissonância se inscreve como discurso mas também como materialidade em intra-ação.

Por sua vez, no artigo *As bio(políticas) da vida com hiv*, **Camila de Almeida Lara** volta-se para o dispositivo crônico da aids e o acontecimento da chamada "feminilização da epidemia" no Brasil. A autora toma, então, as políticas públicas e suas estratégias de dizer a vida soropositiva – materializadas na *Política Nacional de Aids* e no *Plano de Feminização da Epidemia*.

Ainda no campo da problematização do gênero, porém voltado à autoria, aparece o artigo de **Bruna Plath**, *O enigma da autoria, o controle da produção discursiva e a manifestação da verdade: uma análise da obra quatrocentista* ***Virgeu de Consolaçon***. O texto debate os efeitos da ausência de autoria no escrito medieval, elaborados por Plath em três pontos: "I. o reconhecimento do *Virgeu de consolaçon* como aleturgia, ou seja, como manifestação ritual da verdade; II. a identificação do papel desempenhado pelas autoridades que enunciam no interior da obra e III. a identificação do papel desempenhado pelo monge leitor da obra".

Indo adiante, os artigos finais têm seu fulcro na produção da precariedade, na invenção de resistência e no debate teórico. No artigo *O idoso como objeto da prática discursiva asilar: a precarização de vidas vulneráveis*, **Pedro Navarro** e **Hoster Older Sanches** analisam a prática discursiva em atuação no asilo, partindo da premissa de que a vulnerabilidade do corpo idoso é um dos enunciados que emerge dessa prática e, por isso, dá a conhecer o visível e dizível desse sujeito no espaço asilar. Observam que o idoso sofre um processo de objetivação que o torna invisível, e isso é um dos efeitos do dispositivo da velhice, tal como administrado no espaço heterotópico do asilo, uma vez que ele deixa de existir para o mundo.

No artigo seguinte, *Foucault e as telas-escolas: entre disciplina e ilegalismos*, os autores **Steferson Zanoni Roseiro e Alexandre Filordi de Carvalho** orientam seu texto pela pergunta "Perduram as dores ou a cores?", expondo as formas como as imagens de escolas, em telas artísticas, ora mostram o espaço da contenção e da vigilância – as disciplinas –, ora deixam entrever possíveis práticas de liberdade, espaços de fuga, por vezes tomados sob a ótica dos ilegalismos.

Procedimentos arqueológicos de Foucault: da revisão à otimização, assinado por **Vinícius Dias de Melo** e **Artur José Renda Vitorino**, é um texto que visa extrair, dos pressupostos teóricos presentes na arqueologia do saber, empreendida por Michel Foucault, uma ferramenta para a análise de discursos que permita, ao analista, "investigar as práticas objetivadoras nos discursos documentais", levando em conta que os objetos não preexistem às práticas nas quais ganham condição de existência para serem manuseados em diferentes discursos.

Na entrevista *Considerações sobre as sociedades democráticas e práticas discursivas: os discursos da (des)obediência*, **Vanice Sargentini** estabelece um diálogo com **Neil Franco** e **Pedro Navarro**, respaldado pelos estudos discursivos foucaultianos, sobre temas que entrelaçam discurso, verdade e política, a partir de um fio condutor que contempla diversos assuntos da atualidade. A entrevista é finalizada com uma advertência para todos que queremos uma sociedade igualitária e democrática: a chamada desdemocratização, que emerge de discursos que questionam a segurança das urnas eletrônicas, nas eleições brasileiras, por exemplo, coloca-nos em um constante estado de alerta, visto que "a democracia precisa ser mantida no embate".

O dossiê é finalizado com a resenha do livro *A cabeça do pai*, de **Denise Sant´anna** (Todavia, 2022), escrita pro **Atilio Butturi Junior**. O escrito, ao fechar o dossiê, deixa clara a presença e a potência de Michel Foucault, nos mais variados campos do saber e, inclusive, na literatura.

A publicação deste número da ***Fórum Linguístico*** expõe ainda uma vez a atualidade e potencialidade do pensamento foucaultiano, que abriga a análise de pautas ainda e sempre em debate, porque não atingiram, até então, formas maduras de consensos. É exatamente por essa razão que estendemos esse espaço rico de discussão, tendo a garantia de que as contribuições do filósofo continuam a nos amparar.

Atilio Butturi Junior
Pedro Navarro
Vanice Sargentini
(orgamizadores)

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91186

LE DÉFI DE LA VOIX PUBLIQUE AU FÉMININ: SEXISME ET POLITIQUE[1]

O DESAFIO DA FALA PÚBLICA FEMININA: SEXISMO E POLÍTICA

THE CHALLENGE OF FEMALE PUBLIC SPEECH: SEXISM AND POLITICS

Marlène Coulomb-Gully*
Université de Toulouse. Jean Jaurès – France

RESUME: Récemment arrivées en politique, les femmes ont dû s'imposer dans cet univers, s'emparer d'une parole codifiée par et pour les hommes, jouer avec les règles d'une éloquence que leur était étrangère. Ce texte problématise le fait que les femmes, notamment en politique, n'ont pas leur place dans l'ordre du discours. Les insultes, les interruptions systématiques, la critique permanente de leur voix, parfois qualifiée d'inaudible, parfois d'être trop aiguë, sont autant de moyens de les faire taire. Et pourtant, elles parlent, parfois encouragées voire sommées de prendre la parole. Dans ce contexte très contraint, on s'interroge sur le type d'éloquence mobilisé par les femmes : s'en remettent-elles aux règles d'une rhétorique inventée par les hommes ou innovent-elles ? Au terme de notre exposition, en pointant les lieux de résistance déjà articulés aujourd'hui, il sera possible d'entrevoir une réorganisation des lieux de la parole publique par les mains des femmes : elles réhabiliteront les voix aiguës, les voix marginales et marginalisées, les accents populaires, les accents régionaux, elles défendront la biodiversité des voix. Ils nous rappelleront qu'il est également nécessaire d'éduquer l'écoute.
MOTS-CLES : *Sexisme. Femmes. Voix. Eloquence. Politique.*

RESUMO: Recém-chegadas à política, as mulheres tiveram que se impor nesse universo, apreender uma palavra codificada por e para os homens, jogar com as regras de uma eloquência que lhes era estranha. Este texto problematiza o fato de que as mulheres, em especial na política, não têm lugar na ordem do discurso. Insultos, interrupções sistemáticas, críticas à sua voz, ora inaudíveis, ora muito agudas, são formas de silenciá-las. Além disso, interessa-nos discutir que eloquência as mulheres mobilizam? Apóiam-se nas

[1] Cet article contient des extraits du livre : COULOMB-GULLY, Marlène Sexisme sur la voix publique. Femmes, éloquence et politique. La Tour-D'Aigues - France Éditions de L'Aube, 2022.

* Est professeure émérite à l'université Toulouse – Jean Jaurès. Ses recherches portent sur le genre, la politique et les médias. Entre autres,elle a publié les livres suivants :Sexisme sur la voix publique : femmes, éloquence et politique (L'aube,2022) ; Femmes en politique, en finir avec les seconds rôles (Noveau Monde, 2016) ; Présidente, le grand défi (Payot, 2012).

regras de uma retórica inventada pelos homens ou inovam? Ao fim de nossa exposição, pontuando lugares de resistência já atualmente articulados, será possível vislumbrar uma reorganização dos lugares de fala pública pelas mãos femininas: elas reabilitarão vozes agudas, vozes marginais e marginalizadas, sotaques populares, sotaques regionais, defenderão a biodiversidade das vozes. Elas nos lembrarão de que é também preciso educar a escuta.
PALAVRAS-CHAVE: *Sexismo. Mulheres. Voz pública. Eloquência. Política.*

ABSTRACT: Newcomers to politics, women had to impose themselves in this universe, seize a word coded by and for men, play by the rules of an eloquence that was inaccessible to them. This text problematizes the fact that women, especially in politics, have no place in the order of discourse. Insults, systematic interruptions, criticism of their voice – sometimes inaudible, sometimes very high-pitched – are ways of silencing them. Furthermore, we aim at discussing: what eloquence do women mobilize? Do they rely on the rules of a rhetoric invented by men or do they innovate? At the end of our discussion, identifying places of resistance currently articulated, it will be possible to glimpse a reorganization of the places of public speech by female hands: they will rehabilitate high-pitched voices, marginal and marginalized voices, popular accents, regional accents, they will defend the biodiversity of voices. They will remind us that it is also necessary to educate the listening process.
KEYWORDS: Sexism. Women. Public speaking. Eloquence. Politics.

1 LE STEREOTYPE DE LA FEMME BAVARDE

Bavardes, les femmes ? La croyance est fortement ancrée dans l'imaginaire collectif et alimentée par toute une tradition populaire, qui les dépeint au mieux comme intarissables et frivoles, et au pire comme malveillantes : est alors mobilisé tout le spectre des variations sur le personnage de la femme cancanière ou de la mégère (pas forcément apprivoisée) agonisant d'injures son entourage. La biologie est récemment venue à la rescousse du stéréotype, avec la découverte de la protéine FoxP2, produite par le gène popularisé sous l'expression « gène de la parole », et dont il semblerait que les femmes soient mieux pourvues que les hommes, selon une étude de l'université de médecine du Maryland (États-Unis). La très large reprise de ces recherches dans la presse grand public et les médias dit assez le succès de cette croyance populaire.

C'est pourtant une tout autre histoire que nous racontent les travaux scientifiques. L'étude la plus fréquemment citée a été menée par la chercheuse Corinne Monnet (1998) ; sa notoriété, pour des raisons symétriques à celles que nous avons pointées ci-dessus, dépasse largement le cercle restreint de l'audience scientifique où elle aurait dû rester confinée. Analysant les échanges de paroles entre hommes et femmes dans un contexte conversationnel, elle démontre que ce sont les hommes qui parlent le plus, une conclusion qui confirme de nombreux travaux antérieurs[2]. S'interrogeant sur le décalage entre le stéréotype et la réalité, elle avance l'explication suivante : dans la vie quotidienne, la parole des femmes n'est pas évaluée à l'aune de celle des hommes, mais au regard des attentes collectives à l'égard des femmes, dont on attend qu'elles soient silencieuses en public ; ce présupposé explique également qu'une femme parlant autant qu'un homme est perçue comme plus bavarde, un double standard révélateur de la différence de perception d'un même comportement selon le sexe de l'individu. À l'instar de la société dans son ensemble, l'activité de parole est régie par des rapports de pouvoir et des rapports de force, au sein desquels le genre des individus est déterminant.

2 LA PAROLE, AU CŒUR DES RAPPORTS DE DOMINATION GENRES

On le voit à travers la popularité inattendue de ces travaux scientifiques, la parole, et son corollaire le silence, jouent un rôle central dans la définition des rapports de sexe : est homme celui qui parle. De leur côté, les femmes font régulièrement état de leurs difficultés à s'imposer par la voix, y compris dans des fonctions de responsabilité : leurs prises de parole sont moins fréquentes et plus courtes, souvent sous forme de question ou de demande de précision sur ce qui vient d'être dit, etc. Les femmes ont toujours du mal à imposer

[2] « Seules deux des cinquante-six études parues entre 1951 et 1991 ont trouvé que les femmes parlent plus que les hommes », observe Anne Karpf (*La voix, un univers invisible*, Paris, Autrement, 2008 [2006], p. 275, n. 66). Une conclusion que confirment toutes les études récentes : voir l'excellente synthèse de la journaliste Anne Chemin, « Sexisme sur la voix publique », *Le Monde des Idées*, 4 mars 2017 et le numéro 312 de la revue *Sciences humaines* de mars 2019, consacré à « L'art de parler ».

leur voix et continuent de se positionner comme dominées dans les échanges discursifs. Une étude CSA-INA publiée en mars 2021 révèle que dans les médias, si les femmes totalisent 41 % du temps de présence, leur temps de parole n'est plus que de 35 %[3].

Quant aux hommes, habitués à régner sans partage dans un espace public dont les femmes ont longtemps été absentes, et encouragés depuis l'enfance à s'exprimer et à « faire du bruit » quand le calme, l'écoute et la discrétion sont intimés aux filles, ils ont du mal à se dessaisir d'une parole qu'ils considèrent comme leur revenant de droit. Les grandes envolées lyriques, les rétrospectives brillantes et le tableau coloré des lendemains qui chantent, ces propos qui marquent les esprits et convainquent de la supériorité de qui les profère, sont le plus souvent l'apanage des hommes.

Et quand les femmes prennent la parole, ils ont tôt fait de la leur reprendre : le « manterrupting » – le terme s'est récemment imposé – est caractéristique de cette situation. Résumant de nombreux travaux sur l'inégal partage de la parole entre hommes et femmes, le socio-anthropologue David Le Breton conclut, à propos des femmes : « Même quand elle ne dit rien, elle dit manifestement trop encore.» (LE BRETON, 2011)

Les hommes auraient également la fâcheuse habitude de faire la leçon aux femmes et de leur expliquer avec force et autorité (avec condescendance et paternalisme ?) ce qu'il convient de penser… y compris sur des sujets dont elles sont spécialistes, une attitude qualifiée par les Anglo-Saxons de «*mansplaining*»(SOLNIT, 2014).

La voix des femmes fait également l'objet de critiques régulières : « trop aigue », « hystérique », « mal posée », « pareille à des ongles sur un tableau noir », « aigre », « désagréable », « inaudible », « trop cassante» ou « pas assez assurée », en somme toujours « trop » ou « trop peu » : est-il meilleure façon de signifier aux femmes qu'elles sont « de trop » ?

3 #METOO ET APRES

Depuis #metoo, la « libération de la parole des femmes » apparaît comme une évidence et celles-ci sont plus que jamais encouragées à « prendre la parole », au point que les injonctions qui leur sont faites de parler apparaissent parfois aussi contraignantes que les interdits qui leur ont longtemps été opposés. Et bien plus culpabilisantes : comment ne pas prendre la parole quand tout est fait pour vous y encourager ?

Mais les espaces de parole sont l'expression des rapports de pouvoir, et les femmes qui parlent rencontrent de multiples obstacles qui peuvent les amener à préférer se taire : les incivilités de genre sont nombreuses, des petites humiliations que l'on vient de décrire aux violences plus brutales, comme le harcèlement et les injures sexistes quand elles s'expriment sur les réseaux sociaux. Elles semblent donc prises dans des injonctions contradictoires, à la fois encouragées à parler, et punies quand elles le font, le silence apparaissant encore trop souvent comme la meilleure façon de se protéger.

Or, parler en public est une des dimensions constitutives de la citoyenneté, et plus encore de l'exercice politique (FRASER, 1992)[4]. Qui n'accède pas à la parole est réduit.e au silence ou parlé.e par les autres, objet de discours et non sujet de son propre discours. Si le principe de la représentation politique met en avant le « nous » plus que le « je » constitutif de l'individu, la troisième personne (« il » ou « elle ») reste extérieure à l'acte de parole, condamnéee à être la « non-personne » dont parle Benvéniste, celui ou celle qui est absent.e ou « absentée » (BENVENISTE, 1966 e 1974).

[3] CSA, *La représentation des femmes à la télévision et à la radio, rapport 2020*. URL : <https://www.csa.fr/Informer/Collections-du-CSA/Observatoire-de-la-diversite/La-representation-des-femmes-a-la-television-et-a-la-radio-Rapport-sur-l-exercice-2020>, rapport rendu public le 4 mars 2021 (tous les liens ont été vérifiés le 27 septembre 2021).

[4] Voir Nancy Fraser (1992).

« Il y a tant de silences à rompre », écrit Audre Lorde (1977), féministe noire et lesbienne: elle rappelle que la voix ne peut être le privilège de quelques-uns ni même de quelques-unes (des femmes blanches et éduquées). La voix partagée et l'accès à la parole, conçue comme un bien commun, sont au fondement de la citoyenneté et participent directement à la vitalité démocratique.

4 UN EPISODE REVELATEUR DE LA PRESIDENTIELLE FRANÇAISE (2022)

Ce 13 février 2022, Valérie Pécresse entre sur la scène du Zénith pour prononcer son grand discours de la campagne présidentielle. La salle est comble, les drapeaux bleu-blanc-rouge s'agitent en tous sens, la musique est à fond, l'ambiance est surchauffée ; « On va gagner ! On va gagner ! », « Valérie, Valérie, Valérie … ! » scandent les participant.es. Puis la candidate prend la parole : « …Enfin, enfin nous voici tous réunis … Vous m'avez manqué ! »

Le discours à peine entamé, les commentaires des internautes tombent : « C'est "Ridicule en Politique"! », « Au secours ! », « Elle a le charisme d'une huitre (sic), la conviction d'une autruche et l'éloquance (sic) d'une ânesse ... » Et quelques heures plus tard, les médias de renchérir : « Un naufrage » (L'Indépendant), « C'était le Titanic » (Le Monde, reprenant la formule d'un proche de la candidate), etc.

Rares sont les discours qui suscitent pareille unanimité, sinon, peut-être le discours de politique générale d'Edith Cresson trente ans auparavant : une femme, encore. Que nous disent ces réactions des enjeux de la prise de parole des femmes ?

5 ZOOM ARRIERE : « FEMME, TAIS-TOI » OU LA LONGUE HISTOIRE DU SILENCE DES FEMMES

Dans un essai remarqué, la spécialiste de l'Antiquité Mary Beard observe que « quand il s'agit d'imposer le silence aux femmes, la culture occidentale s'appuie sur une tradition vieille de plusieurs millénaires. » (BEARD, 2018), *L'Odyssée* d'Homère, *L'Assemblée des femmes* d'Aristophane, *Les métamorphoses* d'Ovide, etc. nous racontent toutes la même histoire où il s'agit de « clouer leur bec » aux femmes. Une longue tradition littéraire et philosophique, l'Eglise, la misogynie des clercs et de nombreux textes médiévaux ont relayé cette injonction au silence, reprise par les codes de la bienséance bourgeoise intimant aux femmes silence et discrétion. N'est-ce pas la preuve que celles-ci n'étaient pas si faciles à faire taire et que les hommes n'étaient pas prêts à partager l'arme du discours avec celles qui apparaissaient sans doute comme de potentielles concurrentes ?

En 2020, en raison du COVID, les épreuves orales ont été supprimés dans de nombreux concours d'entrée (à l'université, dans des grandes écoles, etc.) et les candidat.es ont été recruté.es sur leurs seuls résultats écrits : la proportion de filles admises par exemple à l'Ecole normale supérieure dans la filière littéraire, est passée de 54 à 67%. Continue de se jouer, dans la prise de parole, un rapport de domination et d'exclusion genré construit par des siècles, voire des millénaires de patriarcat.

6 PRENDRE LA PAROLE, QUAND MEME : LE DEFI DE LA PAROLE PUBLIQUE AU FEMININ

« On a pris la parole comme on a pris la Bastille » écrivait, en mai 1968, le philosophe Michel de Certeau : parler en public est une des dimensions constitutives de la citoyenneté (FRASER, 1992), et plus encore de l'exercice politique. En effet, qui n'accède pas à la parole est réduit.e au silence ou parlé.e par les autres, objet et non sujet de discours, une « non personne » pour reprendre les propos de Benvéniste (1966 e 1974).

Or le « métier politique » est fondé sur des règles édictées par et pour les hommes : goût pour la compétition, prouesse physique, charisme, puissance oratoire … autant de qualités propres à l'exercice politique tel qu'il s'est forgé au cours du 19ème siècle et a été conforté dans des lieux de sociabilité masculine (l'internat, l'université, le séminaire, l'armée, le bordel…). Ajoutons que la Révolution française et ses Mirabeau, Danton ou Desmoulins, ont donné ses lettres de noblesse à la harangue révolutionnaire,

fondée sur une voix tonitruante, une gestuelle ample et une expression puissante, qui a profondément marqué notre conception de l'éloquence politique, virile s'il en est.
Comment, alors que les femmes ont été exclues d'un univers politique construit sans elles, voire contre elles, parvenir à s'y faire entendre ? Comment prendre la parole en tant que « femme publique » quand cette expression évoque une prostituée, en tant que « gouvernante », quand le terme renvoie d'abord à la garde d'enfants, comment monter à la tribune quand le « tribun » se décline au seul masculin ? Les mots du discours et du pouvoir ont longtemps été confisqués par les hommes et l'on mesure à cette aune l'ampleur du défi auquel les femmes sont confrontées quand, sous l'impulsion des lois dites « de parité » votées à partir des années 2000, elles descendent dans l'arène politique (COULOMB-GULLY, 2012).

7 AU PARLEMENT, CE LIEU OU L'ON PARLE : *VOX POPULI, VOX VIRI* ?

« Enlève les boutons ! » lui crie un député lorsque, en ce jour d'été 2012, la ministre du logement Cécile Duflot saisit le micro pour répondre à la question d'un élu. Le 9 octobre 2013, la députée EELV Véronique Massonneau prend le micro pour débattre de la réforme des retraites quand un groupe de députés de droite, hilares, imite des cris de basse-cour. Les propos d'Alice Thourot, députée LREM, sur le projet de loi sur la moralisation de la vie publique sont accueillis par des bêlements de chèvre sur les bancs de l'opposition (3 août 2017), etc. Les propos sont récurrents, au point qu'un site au nom suggestif (« Chair collaboratrice ») a été créé, qui recense les faits de sexisme dans l'enceinte de l'Assemblée. Sa lecture donne le vertige[5]. Claire Oger observe que ce n'est pas la présence des femmes en politique qui déclenche l'injure sexiste, mais leur prise de parole (OGER, 2006).

Simone Veil, qui a porté le projet de loi sur la légalisation de l'avortement en 1974, a adopté une posture d'humilité qui dit assez le réseau de contraintes -politiques mais aussi discursives- dans lequel elle se trouve prise : « Je voudrais tout d'abord vous faire partager une conviction de femme – je m'excuse de le faire devant cette assemblée presque exclusivement composée d'hommes - … » Positionnement tactique qu'un Michel de Certeau caractérise comme la ressource des dominées, quand les dominants mettent en place des « stratégies ».

Trente ans plus tard, en 1991, la réception du discours de politique générale d'Edith Cresson, première femme à avoir occupé un tel poste, la renvoie à son statut de « femelle » qui a usurpé une fonction régalienne naturellement (« nature-elle-ment ») dévolue aux hommes et il faut attendre 2013 et le discours de Christiane Taubira sur le projet de loi dit du « mariage pour tous » pour voir saluer une femme, noire de surcroît, pour sa performance oratoire : c'est en mobilisant une stratégie de distinction et des ressources discursives rares, qu'elle est parvenue à conjurer la malédiction.

8 PORTE-PAROLE DU GOUVERNEMENT : « UN NOUVEAU JOB POUR LES MEUFS » ?

La formulation étonnante est empruntée à Sibeth Ndiaye nommée à cette fonction en 2019 et qui déclarait dans un tweet : « Vous informer et expliquer ce que fait le gouvernement pour votre quotidien : c'est mon nouveau job » tandis qu'elle saluait le décès de Simone Veil d'un très décrié (quoique prononcé en *off*) « Yes, la meuf est dead ». Son usage décomplexé d'un français métissé lui est d'autant moins pardonné qu'elle est d'origine sénégalaise : une forme d'hypercorrection langagière aurait été pour certain.es le gage de sa parfaite intégration, au lieu que … Toujours, la langue est politique.

Mais Sibeth Ndiaye n'est que la dernière de cette lignée de porte-paroles femmes dont on analyse ici la façon dont leur nomination a été reçue : en quoi la fonction de porte-parole accomplit-elle ou déroge-t-elle à la malédiction de la parole publique au féminin ? De Georgina Dufoix, première femme nommée à cette fonction par François Mitterrand en 1984 à Sibeth Ndiaye, en passant Catherine Trautmann, Valérie Pécresse et Najat Vallaud-Belkacem, il s'agit de cerner l'imaginaire qui entoure cette fonction au cœur de l'activité langagière du pouvoir, et les enjeux de son incarnation par une femme.

[5] <https://chaircollaboratrice.wordpress.com>.

On peut dès lors s'interroger sur la signification exacte de la nomination de ces femmes à la fonction de porteparole dans des gouvernements dont elles féminisent, voire colorent, l'image à peu de frais, et sur leur relatif succès dans un exercice de langage a priori éloigné de leurs compétences présumées, si l'on se réfère à leur exclusion traditionnelle de la parole publique. On peut faire l'hypothèse qu'autant que le verbe qu'elles sont réputées porter, leur image est ici déterminante.

9 CANDIDATES : L'ORDALIE

« L'homme du passé/L'homme du passif », « Blanc bonnet et bonnet blanc », « Travailler plus pour gagner plus », « Mon véritable adversaire […] c'est le monde de la finance » : dans ce florilège qui appartient à notre patrimoine politique national tant ces formules ont marqué notre mémoire collective, la voix des femmes est cependant absente, ou presque. Seul le « Travailleuses, travailleurs » d'Arlette Laguiller, première femme candidate à la présidentielle en 1974, a traversé cet épais silence. La plupart du temps inaudibles, elles ont pourtant tracé leur route et relevé le défi, comme Arlette Laguiller déjà mentionnée, ou Huguette Bouchardeau en 1981 (entend-on la bouche qui s'exprime dans son nom ?) qui s'élève contre la « ventriloquie usurpatrice » et qui ne veut pas parler pour les autres, mais les inciter à prendre la parole ; ou Eva Joly, cruellement moquée pour son accent et renvoyée à ses origines, quand elle proclame qu'« En France, l'espoir résonne de tous les accents du monde ».

Les campagnes de 2007, de 2017 et de 2022 ont vu arriver au second tour, un binôme composé d'un homme et d'une femme : Ségolène Royal, surnommée « la muette du sérail », et Marine Le Pen, qui malgré sa réputation de bretteuse s'est effondrée lors du débat de 2017 contre Emmanuel Macron et dont la prestation de 2022 a été jugée fort médiocre au regard de celle de son adversaire.

Cette traversée d'un lieu – l'Assemblée nationale-, cette évocation d'une fonction -porte-parole du gouvernement-, et de parcours d'exception comme celui de candidate à la présidentielle, nous disent que la male-diction qui frappe la parole des femmes est loin d'être conjurée. Aujourd'hui encouragées à s'exprimer, elles sont prises dans des injonctions contradictoires, et courent le risque, lorsqu'elles prennent la parole, de se voir violemment imposer le silence : #salepute. 73% des femmes qui s'expriment sur la toile ont subi des cyberviolences. Les termes de leurs agresseurs (des hommes pour la plupart) sont toujours les mêmes, au point que tous les messages semblent émaner du même homme et s'adresser à la même femme : l'Homme, la Femme[6].

Contre la tentation de se taire, parce que la sanction pour avoir pris la parole publiquement est trop forte, contre le désir de retourner au silence, il faut alors que d'autres se lèvent et prennent le relai, parce que la voix ne peut rester le privilège de quelques-uns, ni même de quelques-unes. L'espace public doit résonner d'accents divers, de paroles partagées, de voix multiples. Le défi est à la hauteur des enjeux démocratiques.

Mais les sorcières de la République mettront fin à la male-diction de la parole des femmes. Elles feront voler en éclats les canons de l'éloquence, elles enfreindront les lois de la rhétorique, elles déconstruiront les normes de la communication. Elles défendront les dictions heurtées, les dictions monocordes, les dictions lentes. Elles parleront des mots qui bloquent et qui soudain jaillissent dans une explosion verbale. Elles réhabiliteront les voix aiguës et les voix marginales et marginalisées, les accents populaires, les accents régionaux, elles défendront la biodiversité des voix. Elles rappelleront qu'il faut aussi éduquer l'écoute et que « la véritable éloquence se moque de l'éloquence» (PASCAL, 1670). Sorcières de la République, à vos pupitres : « Liberté, égalité, adelphité » !

[6] #salepute est le titre d'un remarquable documentaire des journalistes Florence Hainaut et Myriam Leroy, produit par Kwassafilm et diffusé sur Arte le 23 juin 2021.

REFERENCES

BEARD, M. *Les femmes et le pouvoir*; un manifeste. Paris: Belin, 2018.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale*, 2 vol. Paris: Gallimard, 1974.

CHAIR collaborative. 2016. Disponível em: https://chaircollaboratrice.wordpress.com. Acesso em: 15 set. 2022.

CHEMIN, A. Sexismo na fala pública. *Le monde des idées*, 4 mar. 2017.

COULOMB-GULLY, M. *Présidente, le grand défi* – Femmes, politique et médias. Paris: Payot, 2012.

COULOMB-GULLY, M. *Sexisme sur la voix publique* – Femmes, éloquence et politique. La Tour-D'Aigues - France Editions de l'Aube, 2022.

CONSEIL supérieur de l'audiovisuel. *La représentation des femmes à la télévision et à la radio, rapport 2020*. 4 mar. 2021. Disponível em: https://www.csa.fr/Informer/Collections-du-CSA/Observatoire-de-la-diversite/La-representation-des-femmes-a-la-television-et-a-la-radio-Rapport-sur-l-exercice-2020. Acesso em: 27 set. 2021

FRASER, N. Repenser la sphère publique: une contribution à la critique de la démocratie telle qu'elle existe réellement. In: CALHOUN, C. (Dir.), *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, MIT Press, 1992. p. 109-142.

KARPF, A. *La voix, un univers invisible*. Paris: Autrement, 2008.

LE BRETON, D. *Éclats de voix*. Paris: Métailié, 2011.

LHÉRÉTÉ, H.; NAVARRE, M. (coord.). L'art de parler. *Sciences humaines*, n. 312, mar. 2019. Disponível em: https://www.scienceshumaines.com/l-art-de-parler_fr_40490.html. Acesso em: 13 set. 2022.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e ação. *In:* LORDE, A. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 49-54.

MONNET, C. La répartition des tâches entre les femmes et les hommes dans le travail de la conversation. *Nouvelles questions féministes*, v. 19, n. 1, p. 9-34, fev. 1998.

OGER, C. Dialectique de la parole et du silence; émergence et fonction de l'injure sexiste en politique. *Communication*, v. 25, n. 1, p. 11-45, 2006.

PASCAL, B. Géométrie-Finesse II (Série XXII). Fragment n. 2/ 2. *Pensées*, S 651–679. 1670. Disponível em: https://polytropy.com/2021/04/21/pascal-pensees-s-651-679/. Acesso em: 16 set. 2019.

SOLNIT, R. *Ces hommes qui m'expliquent la vie*. Paris: L'Olivier, 2014.

Reçue le 29 Septembre 2022. Acceptée le 16 Octobre 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91186

O DESAFIO DA FALA PÚBLICA FEMININA: SEXISMO E POLÍTICA[1]

EL RETO DEL DISCURSO PÚBLICO FEMENINO: SEXISMO Y POLÍTICA

THE CHALLENGE OF FEMALE PUBLIC SPEECH: SEXISM AND POLITICS

Marlène Coulomb-Gully*
Universidade de Toulouse – Jean Jaurès – França

Tradução de Amanda Batista Braga (UFPB) e Vanice Sargentini (UFSCar)

RESUMO: Recém-chegadas à política, as mulheres tiveram que se impor nesse universo, apreender uma palavra codificada por e para os homens, jogar com as regras de uma eloquência que lhes era inacessível. Este texto problematiza o fato de que as mulheres, em especial na política, não têm lugar na ordem do discurso. Insultos, interrupções sistemáticas, críticas à sua voz – ora inaudíveis, ora muito agudas –, são formas de silenciá-las. Além disso, interessa-nos discutir: que eloquência as mulheres mobilizam? Apoiam-se nas regras de uma retórica inventada pelos homens ou inovam? Ao fim de nossa exposição, pontuando lugares de resistência já atualmente articulados, será possível vislumbrar uma reorganização dos lugares de fala pública pelas mãos femininas: elas reabilitarão vozes agudas, vozes marginais e marginalizadas, sotaques populares, sotaques regionais, defenderão a biodiversidade das vozes. Elas nos lembrarão de que é também preciso educar a escuta.
PALAVRAS-CHAVE: Sexismo. Mulheres. Fala pública. Eloquência. Política.

RESUMEN: Recién llegadas a la política, las mujeres debían imponerse en este universo, apoderarse de una palabra codificada por y para los hombres, jugar con las reglas de una elocuencia que les era inaccesible. Este texto problematiza el hecho de que las mujeres, especialmente en la política, no tienen cabida en el orden del discurso. Los insultos, las interrupciones sistemáticas, las críticas a su voz -a veces inaudibles, a veces muy agudas- son formas de silenciarlos. Además, nos interesa discutir: ¿qué elocuencia movilizan las mujeres? ¿Se rigen por las reglas de una retórica inventada por los hombres o innovan? Al final de nuestra exposición, puntuando lugares de resistencia ya articulados actualmente, se podrá vislumbrar una reorganización de los lugares de discurso público por manos femeninas: rehabilitarán voces agudas, voces marginales y marginadas, acentos populares, regionales acentos, defenderán la biodiversidad de las voces. Nos recordarán que también es necesario educar a la escucha.

[1] Artigo traduzido e revisado pelas professoras Dra Amanda Batista Braga (UFPB) e Dra Vanice Sargentini (UFSCar). Este artigo contém passagens do livro : COULOMB-GULLY, Marlène *Sexisme sur la voix publique. Femmes, éloquence et politique*. La Tour-D'Aigues – France: Éditions de L'Aube, 2022. "

* É professora emérita da Universidade de Toulouse – Jean Jaurès. Sua pesquisa se concentra em gênero, política e mídia. Dentre outros, ela publicou os livros seguintes : *Sexisme sur la voix publique : femmes, éloquence et politique* (L'aube,2022) ; *Femmes en politique, en finir avec les seconds rôles* (Noveau Monde, 2016) ; *Présidente, le grand défi* (Payot, 2012).

PALABRAS CLAVE: Sexismo Mujeres. Hablar en público. Elocuencia. Política

ABSTRACT: Newcomers to politics, women had to impose themselves in this universe, seize a word coded by and for men, play by the rules of an eloquence that was inaccessible to them. This text problematizes the fact that women, especially in politics, have no place in the order of discourse. Insults, systematic interruptions, criticism of their voice – sometimes inaudible, sometimes very high-pitched – are ways of silencing them. Furthermore, we aim at discussing: what eloquence do women mobilize? Do they rely on the rules of a rhetoric invented by men or do they innovate? At the end of our discussion, identifying places of resistance currently articulated, it will be possible to glimpse a reorganization of the places of public speech by female hands: they will rehabilitate high-pitched voices, marginal and marginalized voices, popular accents, regional accents, they will defend the biodiversity of voices. They will remind us that it is also necessary to educate the listening process.
KEYWORDS: Sexism. Women. Public speaking. Eloquence. Politics.

1 O ESTEREÓTIPO DA MULHER TAGARELA

Tagarelas, as mulheres? A crença é fortemente ancorada no imaginário coletivo e alimentada por toda uma tradição popular que as retratam, na melhor das hipóteses, como prolixas e frívolas, e na pior, como maliciosas: todo um espectro de variações mobilizado sobre a personagem da mulher fofoqueira ou da megera (não necessariamente domesticada) que insulta aqueles que a cercam. Recentemente, a Biologia veio ao encontro desse estereótipo com a descoberta da proteína FoxP2, produzida pelo "gene da fala", como ficou conhecido, e da qual as mulheres parecem ser mais bem providas do que os homens, segundo um estudo da Universidade de Medicina de Maryland (Estados Unidos). A enorme cobertura dessas pesquisas na grande imprensa e nas mídias diz muito sobre o sucesso dessa crença popular.

É, no entanto, uma outra história que nos contam os trabalhos científicos. O estudo mais citado foi conduzido pela pesquisadora Corinne Monnet (1998); sua notoriedade, por razões simétricas àquelas que apontamos acima, ultrapassam largamente o círculo restrito da audiência acadêmica ao qual ele deveria se limitar. Analisando diálogos entre homens e mulheres em um contexto conversacional, ela demonstra que são os homens que falam mais, uma conclusão que confirma inúmeros trabalhos anteriores[2]. Interrogando-se sobre a disparidade entre o estereótipo e a realidade, ela passa à explicação seguinte: na vida cotidiana, a fala das mulheres não é avaliada com os mesmos critérios que a fala dos homens, mas em vista das expectativas coletivas relativas às mulheres, das quais se espera silêncio em público. Esse pressuposto explica também que uma mulher que fala tanto quanto um homem é percebida como uma tagarela: um desigual padrão revelador da diferença de percepção de um mesmo comportamento de acordo com o sexo do indivíduo. Assim como a sociedade de modo geral, o exercício de fala é regido por relações de poder e relações de força, no seio das quais o gênero dos indivíduos é determinante.

2 NO CERNE DAS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO DE GÊNERO, A FALA

Por meio da popularidade inesperada desses trabalhos científicos, vemos que a fala e seu corolário, o silêncio, têm um papel central na definição das relações entre os sexos: é o homem que fala. As mulheres, por seu turno, relatam regularmente dificuldades de se impor por meio da voz, inclusive em cargos de responsabilidade: seus turnos de fala são menos frequentes e mais curtos, muitas vezes em forma de perguntas ou de pedido de esclarecimento sobre aquilo que acaba de ser dito etc. As mulheres têm sempre dificuldade de impor sua voz e continuam a se posicionar como dominadas nas trocas discursivas. Um estudo publicado em março de 2021 pelo *Conseil supérieur de l'audiovisuel* (CSA) em colaboração com o *Institut national de l'audiovisuel* (INA) revela que, nas mídias, se as mulheres estão presentes em 41% do tempo, seu tempo de fala não é mais do que 35% (CONSEIL, 2021).

[2] "Apenas dois dos cinquenta e seis estudos publicados entre 1951 e 1991 consideraram que as mulheres falam mais que os homens", observa Anne Karpf (2008, p. 275). Uma conclusão que confirma todos os estudos recentes (CHEMIN, 2017; LHÉRÉTÉ; NAVARRE, 2019).

Quanto aos homens, habituados a reinar sem compartilhar um espaço público do qual as mulheres estão ausentes há tanto tempo, e encorajados desde a infância a se exprimir e a fazer barulho, enquanto a calma, a escuta e a discrição são intimadas às meninas, têm dificuldades de renunciar a uma fala que consideram como sua por direito. As grandes elucubrações líricas, as retrospectivas brilhantes e os relatos exuberantes de um futuro promissor, essas palavras que marcam o espírito e convencem sobre a superioridade de quem as profere, são na maioria das vezes prerrogativa dos homens.

E quando as mulheres tomam a palavra, eles rapidamente a tomam de volta: o "manterrupting" – termo que se colocou recentemente – é característico dessa situação. Resumindo inúmeros trabalhos sobre a desigual divisão da fala entre homens e mulheres, o antropólogo social David Le Breton conclui a propósito das mulheres: "Mesmo quando ela não fala nada, ela ainda fala muito" (LE BRETON, 2011, p. 51).

Os homens teriam igualmente o péssimo hábito de dar sermão às mulheres e de lhes explicar com força e autoridade (com condescendência e paternalismo?) o que convém pensar... inclusive em assuntos nos quais elas são especialistas, uma atitude qualificada pelos anglo-saxões de "mansplaining" (SOLNIT, 2014).

A voz das mulheres são também objeto de críticas regulares: "muito aguda", "histérica", "mal colocada", "parecida com unhas sobre um quadro negro", "aguda", "desagradável", "inaudível", "muito frágil", ou "não muito segura". Em suma, sempre "muito" ou "muito pouco": há maneira melhor de dizer às mulheres que elas são "excessivas"?

3 O #METOO E DEPOIS

Desde o #metoo, a "libertação da fala das mulheres" aparece como uma evidência e elas são mais do que nunca encorajadas a "tomar a palavra", a tal ponto de as injunções de falar que lhes são feitas parecerem às vezes tão rigorosas quanto as interdições que lhes foram imputadas há tanto tempo. E muito mais culpabilizantes: como não tomar a palavra quando tudo é feito para lhe encorajar a fazê-lo?

Mas os espaços de fala são a expressão das relações de poder, e as mulheres que falam encontram múltiplos obstáculos que podem fazer com que elas prefiram se calar: as incivilidades de gênero são inúmeras, desde as pequenas humilhações que nós acabamos de descrever até as violências mais brutais, como o assédio e as injúrias sexistas que ocorrem quando as mulheres se expressam nas redes sociais. Elas parecem, então, capturadas em injunções contraditórias: às vezes encorajadas a falar, mas também punidas quando o fazem, de modo que o silêncio aparece ainda muito recorrentemente como a melhor forma de se proteger.

No entanto, falar em público é uma das dimensões constitutivas da cidadania, e mais ainda do exercício político (FRASER, 1992). Quem não acessa a fala é reduzido(a) ao silêncio ou é falado(a) pelos outros (as): objeto da fala e não sujeito de sua própria fala. Se o princípio da representação política evidencia mais o "nós" do que o "eu" constitutivo do indivíduo, a terceira pessoa ("ele" ou "ela") permanece exterior ao ato de fala, condenado a ser a "não pessoa" de que fala Benveniste, aquele ou aquela que é omisso(a) ou que foi "omitido(a)" (BENVENISTE, 1974).

"E há muitos silêncios a serem quebrados", escreve Audre Lorde (2019, p. 55), feminista negra e lésbica: ela lembra que a voz não pode ser privilégio de alguns e nem mesmo de algumas (das mulheres brancas e educadas). A voz compartilhada e o acesso à fala, concebida como bem comum, são a base da cidadania e contribuem diretamente para a vitalidade democrática.

4 UM EPISÓDIO REVELADOR DA CAMPANHA PRESIDENCIAL FRANCESA (2022)

Em 13 de fevereiro de 2022, Valérie Pécresse sobe ao palco do Zénith para proferir seu grande discurso na campanha presidencial. A sala está cheia, as bandeiras azul-branco-vermelhas se agitam em todas as direções, música ao fundo, a atmosfera está superaquecida: "Nós vamos ganhar! Nós vamos ganhar", "Valérie, Valérie, Valérie...!", entoam os(as) participantes. Depois a candidata toma a palavra: "Enfim, enfim estamos todos aqui reunidos... Vocês me fizeram falta!".

O pronunciamento mal começou, os internautas soltam seus comentários: "Isto é 'ridículo na política'!", "Socorro!", "Ela tem o carisma de uma ostra, a convicção de um avestruz e a eloquência de um asno". Algumas horas mais tarde, as mídias acrescentam: "Um naufrágio" (*L'Indépendant*), "Foi o Titanic" (*Le Monde*, retomando a expressão de uma pessoa próxima à candidata) etc.

Raros são os pronunciamentos que suscitam tal unanimidade, com exceção, talvez, do pronunciamento de política geral proferido por Edith Cresson 30 anos antes: novamente uma mulher. O que essas reações nos dizem sobre os desafios da fala feminina?

5 REDUZIR O ZOOM: "MULHER, CALE-SE" OU A LONGA HISTÓRIA DO SILÊNCIO DAS MULHERES

Em um notável ensaio, a especialista em Antiguidade Mary Beard observa que "quando se trata de silenciar as mulheres, a cultura ocidental tem milhares de anos de prática" (BEARD, 2018). A *Odisséia* de Homero, *A assembleia das mulheres* de Aristófanes, as *Metamorfoses* de Ovídio etc, todos nos contam a mesma história: uma história sobre "fechar o bico" das mulheres. Uma longa tradição literária e filosófica, a igreja, a misoginia dos clérigos e de inúmeros textos medievais transmitiram esta injunção ao silêncio, que foi retomada pelas normas de decoro burguesas que exigem silêncio e discrição às mulheres. Esta não é a prova de que não era fácil silenciar as mulheres e de que os homens não estavam dispostos a compartilhar o poder da fala com aquelas que se apresentavam, sem dúvida, como potenciais concorrentes?

Em 2020, em razão da COVID, as provas orais foram suspensas em muitos concursos de admissão (na universidade, em faculdades etc) e os (as) candidatos(as) foram selecionados/as apenas por meio de resultados obtidos em prova escrita: a proporção de meninas aprovadas na *École Normale Supérieure*, por exemplo, na carreira literária, passou de 54% para 67%. Continua a se manifestar, naquilo que se refere à tomada da palavra, uma relação de dominação e de exclusão de gênero construída por séculos, talvez milênios de patriarcado.

6 TOMAR A PALAVRA, SEJA COMO FOR: O DESAFIO FEMININO DE FALAR EM PÚBLICO

"Tomamos a palavra como tomamos a Bastilha" escrevia o filósofo Michel de Certeau em maio de 1968: falar em público é uma das dimensões constitutivas da cidadania (FRASER, 1992), e mais ainda do exercício político. Com efeito, quem não tem acesso à fala é reduzido(a) ao silêncio ou falado(a) por outros(as), objeto e não sujeito do discurso, uma "não-pessoa" para usar as palavras de Benveniste (1974).

Ora, o "metier político" baseia-se em regras estabelecidas por e para homens: gosto pela competição, destreza física, carisma, poder de oratória... qualidades próprias ao exercício político, tais como foram forjadas ao longo do século XIX e reforçadas em locais de sociabilidade masculina (internato, universidade, seminário, exército, bordel, etc.). Acrescentemos que a Revolução Francesa e seus Mirabeaus, Danton ou Desmoulins deram suas cartas de nobreza à disputa revolucionária, baseada em uma voz estrondosa, em gestos amplos e em uma expressão poderosa, que marcou profundamente nossa concepção de eloquência política (viril, se é assim que se compreende).

Como, então, as mulheres conseguem se fazer ouvir, se foram excluídas de um universo político construído sem elas e mesmo contra elas? Como tomar a palavra como "mulher pública" quando esta expressão evoca uma prostituta, como falar como uma "governanta"

quando o termo se refere primeiramente ao cuidado dos filhos, ou ainda como subir à tribuna quando a "tribuna/ tribun"[3] declina unicamente ao homem? As palavras do discurso e do poder há muito foram confiscadas pelos homens e esta é a medida do amplo desafio que as mulheres enfrentam quando, sob o ímpeto das chamadas leis de "paridade" votadas a partir de 2000, entram na arena política (COULOMB-GULLY, 2012).

7 NO PARLAMENTO, ESTE LUGAR ONDE FALAMOS: *VOX POPULI, VOX VIRI*?

"Desabotoe os botões!", grita um Deputado quando, em um dia de verão em 2012, a Ministra da Habitação Cécile Duflot pega o microfone para responder a uma pergunta de um representante eleito. Em 9 de outubro de 2013, a Deputada da EELV, Véronique Massonneau, toma o microfone para debater a reforma previdenciária quando um grupo de parlamentares de direita, risonho, imita o cacarejo das aves. As propostas de Alice Thourot, Deputada do LREM, sobre o projeto de lei que pauta a moralização da vida pública são saudadas com balidos de cabra nas bancadas da oposição (3 de agosto de 2017), etc. As observações são recorrentes, a ponto de ter sido criado um site com um nome sugestivo ("Cadeira Colaborativa"), que lista as ocorrências de sexismo no recinto da Assembleia. Sua leitura nos dá vertigem (CHAIR, 2016). Claire Oger observa que não é a presença das mulheres na política que desencadeia o insulto sexista, mas a sua tomada de palavra. (OGER, 2006).

Simone Veil, que apresentou o projeto de lei sobre a legalização do aborto em 1974, adotou uma postura de humildade que diz muito sobre a rede de constrangimentos – políticos, mas também discursivos – em que se encontra presa: "Gostaria de compartilhar com vocês uma convicção de mulher – peço desculpas por fazê-lo diante desta assembleia quase exclusivamente composta por homens – ...". Posicionamento tático que Michel de Certeau caracteriza como o recurso dos dominados quando os dominantes estabelecem as "estratégias".

Trinta anos depois, em 1991, a recepção do discurso sobre política geral de Edith Cresson, a primeira mulher a ocupar tal posição, remete-a à sua condição "feminina" que naturalmente usurpou uma função de soberania atribuída aos homens. Foi preciso esperar até 2013 e o discurso de Christiane Taubira sobre o projeto de lei chamado "casamento para todos" para ver uma mulher, uma mulher negra, ser saudada por sua atuação oratória: mobilizando uma estratégia de distinção e de raros recursos discursivos, ela conseguiu afastar a maldição.

8 PORTA-VOZ DO GOVERNO: "UM NOVO EMPREGO PARA *MEUFS*"[4]?

A surpreendente formulação é emprestada de Sibeth Ndiaye, nomeada para a função de porta-voz do governo em 2019 e que declarou em um tweet: "Informar e explicar o que o governo faz pelo seu dia a dia: este é meu novo trabalho", enquanto saudava a morte de Simone Veil com um muito criticado (embora pronunciado em off) "Sim, a *meuf* está morta". O uso descontraído de um francês misto lhe é tanto menos perdoado por ela ser de origem senegalesa: uma forma de hipercorreção linguística teria sido para alguns/algumas o penhor de sua perfeita integração, em vez de... Como sempre, a língua é política.

Mas Sibeth Ndiaye é apenas a mais recente nesta linha de porta-vozes femininas cuja nomeação nós analisamos aqui: como a função de porta-voz cumpre ou desvia a maldição da fala pública feminina? De Georgina Dufoix, primeira mulher nomeada para esta função por François Mitterrand em 1984, a Sibeth Ndiaye, incluindo Catherine Trautmann, Valérie Pécresse e Najat Vallaud-Belkacem, trata-se de identificar o imaginário que circunda essa função no seio da atividade linguageira do poder e as apostas de sua encarnação por uma mulher.

[3] Lembremos que a palavra 'tribun' não é do gênero feminino, a tribuna designa o estrado de onde o orador se dirige à Assembleia.

[4] NT: "Meufs": um termo de gíria, usado por jovens que falam uma língua popular e/ou "da moda". Não desqualifica a pessoa a que se refere. Diz mais sobre a pessoa que o emprega. No caso, soou como inapropriado.

Pode-se interrogar sobre a significação exata da nomeação dessas mulheres para a função de porta-voz nos governos nos quais elas aportam a presença feminina, às vezes colorindo-os, sem qualquer retorno; e também interrogar sobre um relativo sucesso de um exercício linguageiro para o quais elas seriam a prioristicamente incompetentes se nós nos referirmos a sua tradicional exclusão da fala pública.

9 CANDIDATOS: A PROVAÇÃO

"O homem do passado/ O homem do passivo", "*Blanc bonnet ou bonnet blanc*"[5], "Trabalhar mais para ganhar mais", "Meu verdadeiro adversário [...] é o mundo das finanças": nesta antologia que pertence a nosso patrimônio político nacional, fórmulas como essas marcaram nossa memória coletiva, e nelas a voz das mulheres está, no entanto, ausente, ou quase. Apenas a expressão "trabalhadoras, trabalhadores" de Arlette Laguiller, a primeira mulher candidata à presidência em 1974, atravessou esse espesso silêncio. Na maioria das vezes inaudíveis, as mulheres traçaram seu curso e aceitaram o desafio, como a já mencionada Arlette Laguiller, ou Huguette Bouchardeau em 1981, que se levanta contra o "ventriloquismo usurpador" e que não quer falar pelas outras, mas as encoraja a tomar a palavra; ou Eva Joly, cruelmente escarnecida por seu sotaque e mandada de volta às suas origens, quando ela proclama que "Na França, a esperança ressoa com todos os sotaques do mundo".

As campanhas de 2007, 2017 e 2022 viram a chegada, no segundo turno, de uma dupla formada por um homem e uma mulher: Ségolène Royal, apelidada de "la muette du sérail"[6], e Marine Le Pen, que apesar da fama de aventureira entrou em colapso durante o debate de 2017 contra Emmanuel Macron e cujo desempenho em 2022 foi considerado muito ruim em comparação com o de seu oponente.

Esta chegada a um lugar – a Assembleia Nacional –, esta evocação de uma função – porta-voz do governo –, e de carreiras excepcionais como a de candidata presidencial, dizem-nos que a maldição que atinge a voz das mulheres está longe de ser conjurada. Hoje estimuladas a se expressar, elas são pegas em injunções contraditórias, e correm o risco, quando falam, de serem violentamente silenciadas: *#salepute*[7]. Setenta e três por cento das mulheres que se expressam na web sofreram *cyberbullying*. Os termos de seus agressores (homens, na maioria das vezes) são sempre os mesmos, a ponto de todas as mensagens parecerem vir do mesmo homem e se dirigirem à mesma mulher: o Homem, a Mulher.

Contra a tentação de se calar, porque a sanção por ter tomado da fala publicamente é muito forte, contra o desejo de voltar ao silêncio, é preciso que outras então se levantem e assumam o espaço deixado por suas antecessoras, porque a voz não pode ser privilégio de alguns, nem mesmo de algumas. O espaço público deve ressoar com sotaques diversos, palavras compartilhadas, vozes múltiplas. O desafio está à altura das apostas democráticas.

As bruxas da República colocarão fim à maldição da fala das mulheres. Elas estilhaçarão os cânones da eloquência, violarão as leis da retórica, desconstruirão as normas da comunicação. Defenderão dicções espasmódicas, dicções monótonas, dicções lentas. Elas falarão palavras que suspendem o debate e que, de repente, avultam-se em uma explosão verbal. Elas reabilitarão vozes agudas, vozes marginais e marginalizadas, sotaques populares, sotaques regionais, defenderão a biodiversidade das vozes. Elas nos lembrarão de

[5] N.T.: Trata-se de uma expressão utilizada no século XVIII e popularizada pela frase "C'est blanc bonnet ou bonnet blanc", empregada pelo candidato comunista Jacques Duclos em 1969 ao referir-se a Geoges Pompidou e Alain Poher, que se enfrentaram no segundo turno das eleições presidenciais, e ainda antes, em 1920, por Renaud Jean, Deputado comunista de Lot-et-Garonne. De modo geral, a expressão designaria duas coisas entre as quais não há distinção. Em português, uma expressão equivalente seria: "trocar seis por meia dúzia".

[6] NT : Conforme estudo de Denis, Théophile, *Les muets du sérail (1888)*, o papel dos surdos-mudos no serralho revela-nos a existência de uma língua gestual, a do Sérail ou do silêncio como nos mosteiros cistercienses, era a regra e onde o Sultão, espécie de deus vivo, não deveria se rebaixar para falar com seus súditos. Então ele estava fazendo sinais para eles!

[7] *#salepute* é o título de um marcante documentário das jornalistas Florence Hainaut e Myriam Leroy, produzido pela Kwassafilm e transmitido na *Arte* em 23 de junho de 2021. O documentário apresenta os testemunhos de uma dúzia de mulheres de diferentes países do mundo que descrevem o *cyberbullying* de que foram vítimas.

que é também preciso educar a escuta e de que "a verdadeira eloquência zomba da eloquência" (PASCAL, 1670). Bruxas da República, às suas tribunas: "Liberdade, igualdade, *adelphité*[8]"!

REFERÊNCIAS

BEARD, M. *Les femmes et le pouvoir*; un manifeste. Paris: Belin, 2018.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale*, 2 vol. Paris: Gallimard, 1974.

CHAIR collaborative. 2016. Disponível em: https://chaircollaboratrice.wordpress.com. Acesso em: 15 set. 2022.

CHEMIN, A. Sexismo na fala pública. *Le monde des idées*, 4 mar. 2017.

COULOMB-GULLY, M. *Présidente, le grand défi* – Femmes, politique et médias. Paris: Payot, 2012.

COULOMB-GULLY, M. *Sexisme sur la voix publique* – Femmes, éloquence et politique. La Tour-D'Aigues - France Editions de l'Aube, 2022.

CONSEIL supérieur de l'audiovisuel. *La représentation des femmes à la télévision et à la radio, rapport 2020*. 4 mar. 2021. Disponível em: https://www.csa.fr/Informer/Collections-du-CSA/Observatoire-de-la-diversite/La-representation-des-femmes-a-la-television-et-a-la-radio-Rapport-sur-l-exercice-2020. Acesso em: 27 set. 2021

FRASER, N. Repenser la sphère publique: une contribution à la critique de la démocratie telle qu'elle existe réellement. In: CALHOUN, C. (Dir.), *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, MIT Press, 1992. p. 109-142.

KARPF, A. *La voix, un univers invisible*. Paris: Autrement, 2008.

LE BRETON, D. *Éclats de voix*. Paris: Métailié, 2011.

LHÉRÉTÉ, H.; NAVARRE, M. (coord.). L'art de parler. *Sciences humaines*, n. 312, mar. 2019. Disponível em: https://www.scienceshumaines.com/l-art-de-parler_fr_40490.html. Acesso em: 13 set. 2022.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e ação. *In:* LORDE, A. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 49-54.

MONNET, C. La répartition des tâches entre les femmes et les hommes dans le travail de la conversation. *Nouvelles questions féministes*, v. 19, n. 1, p. 9-34, fev. 1998.

OGER, C. Dialectique de la parole et du silence; émergence et fonction de l'injure sexiste en politique. *Communication*, v. 25, n. 1, p. 11-45, 2006.

[8] Adelphité é um neologismo criado a partir da raiz grega adelph – que deu origem às palavras gregas que significam "irmã" e "irmão" – para designar um projeto universal de irmandade. A expressão engloba as ideias de "sororidade", que pressupõe uma irmandade entre mulheres, bem como a ideia de fraternidade, que pressupõe uma irmandade entre homens. Mas adelphité é um termo mais inclusivo: ele não se reduz nem a um e nem a outro, já que propõe uma aliança entre homens, mulheres e pessoas não-binárias. Em 2018, o Haut conseil à l'égalité entre les femmes et les hommes (HCE) propôs algumas recomendações para a revisão da Constituição na França. Entre elas, a substituição do lema francês "Liberté, Égalité, Fraternité" por "Liberté, Égalité, Adelphité".

PASCAL, B. Géométrie-Finesse II (Série XXII). Fragment n. 2/ 2. *Pensées*, S 651–679. 1670. Disponível em: https://polytropy.com/2021/04/21/pascal-pensees-s-651-679/. Acesso em: 16 set. 2019.

SOLNIT, R. *Ces hommes qui m'expliquent la vie*. Paris: L'Olivier, 2014.

Recebido em 29/09/2022. Aceito em 16/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91142

BIOTECNOVOZ E GÊNERO-DISSONÂNCIA: A VOZ E O DISCURSO NO REALISMO AGENCIAL[1]

BIOTECNOVOZ Y GÉNERO-DISONANCIA: VOZ Y DISCURSO EN EL REALISMO AGENCIAL

BIOTECHNOVOICE AND GENDER-DISSONANCE: VOICE AND DISCOURSE IN AGENTIAL REALISM

Nathalia Muller Camozzato*
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO**:** Dialogando os estudos do discurso de viés foucaultiano, os estudos queer/cuir, os estudos de gênero e os novos materialismos, o artigo propõe-se abordar a voz como um agenciamento (*assemblage*) entre discursos e materialidades, em todo caso, um emaranhado (*entanglement*) de elementos humanos e não-humanos. Entende-se que a materialidade e a agência (i.e produção de efeitos) da voz, que integra a rede do dispositivo da linguagem, é particularmente produtiva para a compreensão do fenômeno de intra-ação, conceito oriundo do realismo agencial, à luz dos estudos do discurso. O que o artigo faz é, apropriando-se das contribuições das teorias já citadas, elaborar os conceitos de biotecnovoz e gênero-dissonância, atinentes, a um só tempo, à agência intra-ativa da voz na materialização do gênero e a uma ética solicitada pelas dissidências sexuais e de gênero.
PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Novos Materialismos. Voz. Gênero.

RESUMÉN: Dialogando con los estudios foucaultianos del discurso, los estudios queer/curiosos, los estudios de género y los nuevos materialismos, el artículo propone ocuparse de la voz como un agenciamiento entre discursos y materialidades, en todo caso, un enmarañado de elementos humanos y no humanos. Se entiende que la materialidad y la agencia (es decir, la producción de efectos) de la voz, que integra la red del dispositivo de lenguaje, es particularmente productiva para la comprensión del fenómeno de la intra-acción, un concepto proveniente del realismo agencial. Lo que hace el artículo es, apropiándose de los aportes de los estudios ya

[1] Alguns trechos deste texto também podem ser lidos na tese *Vozes Gênero-Dissonantes: Uma Cartografia Pós-Humanista*, defendida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina em 2022. Agradeço ao Programa Uniedu da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina pelo recebimento de bolsa.

* Doutora em Linguística (Programa de Pós-Graduação em Linguística) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e membra do Grupo do Estudos do Campo Discursivo. E-mail: nathaliamcrevisao@gmail.com

mencionados, proponer los conceptos de biotecnovoz y género-disonancia, relacionados, a su vez, con la agencia intra-activa de la voz en la materialización del género y una ética solicitada por las disidencias sexuales y de género.
PALABRAS-CLAVE: Discurso. Nuevos Materialismos. Voz. Género.

ABSTRACT: Dialoguing Foucauldian discourse studies, queer/cuir studies, gender studies and new materialisms, the article proposes to address the voice as an agency between discourses and materialities, in any case, an entanglement of human and non-human elements. It is understood that the materiality and agency (i.e. the production of effects) of the voice, which is part of the network of the language aparatus, is particularly productive for the understanding of the phenomenon of intra-action, a concept derived from agential realism. What the article does is, by appropriating the contributions of the studies already mentioned, to propose the concepts of biotechnovoice and gender-dissonance, concerning, at the same time, the intra-active agency of the voice in the materialization of gender and an ethics requested by sexual and gender dissidences.
KEYWORDS: Discourse. New Materialisms. Voice. Gender.

1 INTRODUÇÃO

As vertentes dos estudos pós-humanistas chamadas de realismo agencial e novos materialismos têm discutido, entre outras coisas, questões como a distribuição de agência entre humanos e não-humanos/mais-que-humanos, as brechas nas fronteiras entre matéria inerte e organismo vivo e entre orgânico e inorgânico, a inseparabilidade ontológica entre sujeito pesquisador e objeto a ser conhecido e os inextrincáveis agenciamentos entre linguagem e materialidade que perfazem os processos do mundialização (*worlding*), ou seja, o mundo tal qual o conhecemos e em seu contínuo devir (BARAD, 2014, 2017; BENNETT, 2010; KIRBY, 2018).

Esta pesquisa, na senda do que vem sendo feito por Butturi (~~2019~~, 2020, 2020a), por Camozzato (2022, 2022a) e por Butturi e Camozzato (2022, no prelo), propõe uma aproximação entre os estudos do discurso de viés foucaultiano, os estudos de gênero e sexualidade e os pós-humanismos e novos materialismos, ventilando a possibilidade de uma análise do discurso cuja topologia, além de lançar mão da analítica do poder, do dispositivo e do sujeito (FOUCAULT, 1995, 1996, 1999, 2003) legada pelo autor, também considere as onto-epistemologias nas quais não apenas o discurso é tomado em sua materialidade, como também a matéria é tida em sua discursividade, ou seja, em sua agência na produção de efeitos que, de modo intra-ativo (conceito de Karen Barad e ser elaborado a seguir), promoverão exclusões, efeitos de fronteiro e condições pelas quais o mundo se conforma em seus devires.

Para demonstrar essa aproximação, tratarei, neste artigo, da voz – e digo-o, literalmente da voz, som emitido, e não a voz como metáfora do enunciado ou de identidades e posições sociais, como, por exemplo, nos estudos do círculo de Bakhtin – como um objeto complexo cujas fronteiras emergem sempre local e parcialmente (HARAWAY, 2009). O que faço aqui é, cartografando os enquadramentos oferecidos à voz pelos campos teóricos dos estudos de gênero e estudos *queer*/cuir, dos estudos pós-humanistas e do realismo agencial, propor dois conceitos, vinculados entre si: o de **gênero-dissonância** e o de **biotecnovoz**. O primeiro, em diálogo com a noção de dissidências sexuais e de gênero, dirá do fracasso na reiteração gendrada (HALBERSTAM, 2020), do agonismo (FOUCAULT, 1995) e da resistência (FOUCAULT, 1999, 2001, 2003) operados pelos sujeitos e pela materialidade de suas vozes diante de uma tecnobiopolítica (HARAWAY, 1991; FOUCAULT, 2005, 2008; PRECIADO, 2018) que inventa e produz o dimorfismo sexual e os binários de gênero no substrato vocal, cindindo, por sua vez, em masculinidades e feminilidades naquilo que Preciado chamou de somatopolítica (PRECIADO, 2018). O segundo entende que, na voz, são emaranhados não discerníveis coisas como técnica e tecnologia (tecno) e coisas da esfera do vivo e do organismo (bio), de modo que, se pensarmos em uma ontologia do vocálico, estaremos diante de um fenômeno de intra-ação (BARAD, 2017), em que a voz cabem agência e discursividades próprias.

Além desta introdução, na segunda seção atravesso as questões instauradas pela voz nos estudos de gênero e me acerco de algumas contribuições dos estudos queer/cuir para outras compreensões de voz, elaborando, nesse ínterim, o conceito de gênero-dissonância. Já na terceira e quarta seções, proponho a noção de biotecnovoz a partir de duas maiores zonas de diálogo teórico, na terceira seção, com as tomadas de Donna Haraway acerca da tecnologia e do continuum naturezacultura, e o tecnovivo de Paul

Beatriz Preciado e, na quarta, com o realismo agencial de Karen Barad e o vitalismo de Jane Bennett. Finalmente, na quinta seção, como forma de conclusão, retomo os conceitos de que este artigo se ocupa.

2 A GÊNERO-DISSONÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE GÊNERO E QUEER/CUIR

Para chegar ao delineamento do fenômeno da gênero-dissonância, a seção se divide em duas subseções. Na primeira são discutidas as questões postas pela voz nos estudos de gênero, mormente na materialização do sexo de Judith Butler (2019), chegando-se ao esquadrinhamento de uma tecnobiopolítica da voz, e, na segunda, são discutidos alguns aportes teóricos dos estudos queer/cuir na compreensão de algo como a voz.

2.1 COMO SOA O GÊNERO? A GÊNERO DISSONÂNCIA E A MATERIALIZAÇÃO DA VOZ

Como advertido por Deleuze e Guattari (1997), a primeira territorialização da voz se dará nos binários de gênero masculino e feminino. A par disso, inicio esta seção acompanhando como o modo como a voz foi ou não inscrita nas reflexões de Judith Butler acerca da performatividade de gênero. Como é sabido, para suas ponderações acerca do caráter recitativo e da materialização do gênero, Judith Butler (2003, 2019[1993]) utilizou sobremaneira o caso das performances *drag queen,* figura que dá a ver o caráter parodístico, performático e imitativo do próprio gênero. Butler (2003) opera com três níveis ao observar a performance *drag*: o nível anatômico, o nível da identidade de gênero e o nível performativo, níveis que estariam em dissonância entre si na performance, desnaturalizando a imagem unificada da mulher produzida na "[...] ficção reguladora da coerência heterossexual" (BUTLER, 2003, p.196).

A despeito do uso textual do termo "dissonância" feito por Butler (2003, p. 196), as formulações então tecidas pela filósofa estão, de certa forma, circunscritas aos níveis imagético e verbal, importando, nesse caso, a visualidade parodística da *drag queen*. Annete Schlichter (2011) argumenta que a voz é um elemento escamoteado nas teorizações de Judith Butler, especulando se tal silenciamento não se trataria de mais uma camada da tradição fonofóbica que Butler acaba herdando ao inscrever a desconstrução derridiana nos estudos de gênero. Por outro lado, Schlichter também recusa o que chama de "feminismo fonocêntrico", que trataria da autêntica e ontológica voz (tomada literal ou metaforicamente, neste último caso a voz epiteto de autodeterminação ou poder de autorrepresentação) das mulheres, voz silenciada pelo patriarcado e que traria à tona uma relação natural e necessária entre corpo feminino e identidade feminina.

Assim, a vocalidade, para Schlichter (2011), deveria ser um elemento importante na teoria da performatividade de gênero, uma vez que é um espaço onde os processos de diferenciação de sexo/gênero são rotineiramente percebidos. Para pôr a vocalidade em questão, a autora retoma a cena da performance *drag queen*, considerando que, na produção de eficácia dessas performances, a voz da *drag* é silenciada e substituída pela voz de uma famosa cantora tocada em *playback*[2], em práticas de *lipsync*. Nesse sentido, Schlichter considera que a voz da *drag queen*, em sua alteridade, tem de ser reprimida em nome da inteligibilidade de gênero, uma vez que poderia ser disruptiva da performance de feminilidade naquilo que comporta de inadequada, desconcertante e não-familiar. Entra em jogo, portanto, uma colagem entre aparatos tecnológicos e corpos orgânicos. A voz passa, para Schlichter (2011), a ocupar um entrelugar em que, se pode operar em conjunção com a naturalização da heteronormatividade e cisgeneridade, também detém a potência de ser particularmente disjuntiva à ilusão da coerência de gênero e sexualidade.

A par das considerações de Schlichter, entendo que pode ser produtivo operar nas pistas deixadas por Butler e na abertura desse campo teórico a um objeto também evasivo e também corpo como a voz. Trata-se, neste caso, de aproximar a voz – entendida como um dos elementos corporais, não linguísticos açambarcados pelo/materializados no dispositivo de gênero – da discussão feita por

[2] As performances *lip sync* (em tradução literal "sincronia labial"), que emergem em subculturas gays, lésbicas, trans* e *drag queens* norte-americanas e logo se disseminam para outras esferas sociais (hoje há um quadro de *lip sync* é veiculado em um programa da rede Globo no domingo à tarde) e a produção de um gesto corporal/performático de produção de feminilidade que encarne as vozes de divas da música arregimentando tecnologias de si, tecnologias do poder e tecnologias de sonorização (JARMAN-IVENS, 2011) não são algo menor neste trabalho.

Butler acerca da materialização do sexo (BUTLER, 2019), naquilo que há entre uma exterioridade – o corpo e o limite que ele oferece, a matéria, propriamente – e os processos de recitação e produção de inteligibilidades e ontologias – âmbito discursivo.

Ao observar, na materialização do sexo, as práticas regulatórias, entendendo-se "sexo" como construto ideal e não um fato do corpo, Butler (2002), aposta que a diferença sexual é uma diferença material demarcada e conformada por uma prática discursiva. Alerta, ademais, que afirmar que a diferença sexual é indissociável das marcações discursivas não é o mesmo que afirmar que tais diferenças sexuais são causadas pelo discurso. Nesse sentido, como veremos adiante, há aqui uma importante zona de diálogo entre Judith Butler e Karen Barad.

Na analogia que traço entre o sexo de Butler (2019) e a compreensão de voz aqui esboçada, considerando, inclusive, a noção de voz como um dos chamados "caracteres sexuais secundários", a **voz gênero-dissonante –** construto teórico que proponho para elaborar a materialização vocal na esfera das dissidências sexuais e de gênero – seria aquilo que, no processo reiterativo que perfaz a materialização vocal em uma economia gendrada, não se conforma ao nexo cisheterossexual que produz inteligibilidade para os sujeitos e corpos. O conceito de voz gênero-dissonante dirá de vozes cuja materialização desafia a distribuição entre normalidade e anormalidade, masculinidade e feminilidade, e que estão em agonismo com tecnobiopolíticas e os dispositivos que materializam corpos gendrados e sexuados e enquadram na zona da abjeção as divergências sexuais e de gênero. Ademais, tem-se, no diálogo com Butler, que as materialidades vocais não são um dado corporal sobre os quais o gênero é "artificialmente imposto", mas estão imbricadas em uma norma cultural que governa a materialização dos corpos, promovendo as exclusões e as abjeções, relegando a corporeidades/subjetividades às zonas limite do reconhecível e do humano, zonas do fora das práticas identificatórias heterocentradas que possibilitam a produção de um sujeito normalizado.

O conceito de materialização dos corpos proposto por Butler, então, contempla o poder regulatório que dá inteligibilidade e torna possível o reconhecimento dos corpos e dos sujeitos ao propor a matéria como sujeita a uma estabilização que se dá ao longo do tempo de forma a produzir-se o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície. A tentativa que faço é de incluir a materialização da voz na materialização do sexo, escutando na voz aquilo que falha à recitação e atentando aos efeitos de fronteira de gênero e de sexualidade que a atravessam. O que a reflexão solicita é um desvio das oposições metafísicas entre materialidade e idealidade para compreender como a performatividade ganha estatuto ontológico ou como a materialização é performativa.

Finalmente, perguntado como soa o gênero, torna-se fundamental dirigir-se, no dispositivo de gênero e sexualidade, a uma biopolítica (FOUCAULT, 2005) que age de modo a incluir e excluir as vozes em um diagrama que separa, de um lado o que seriam vozes normais (cindidas e entre vozes femininas e masculinas), e, de outro, as vozes racializadas, tornadas exceção e patologizadas – dissonâncias sexuais e de gênero. Encontro, então, um agenciamento em que são assomados saberes da fonética acústica e da fonoaudiologia e que cinde, disciplina e normaliza vozes "masculinas" e "femininas" a partir da frequência fundamental (f_0) – operando, portanto, uma categorização que diria respeito à vida natural: 120 Hz para homens e 210 Hz para mulheres, assumidos os chamados desvios padrão (SD) (TRANMÜLLER; ERIKSSON, 198?), variando para valores normais de 150 Hz para homens, 150 a 250 Hz para mulheres e acima de 250 Hz para crianças.

Em uma contiguidade entre ontologia de gênero e materialização do sexo, aqui da voz, produz-se um tipo de racialização na voz com base nas sonoridades reguladas pela hipernormatividade de gênero: vozes virilizadas (CIELO *et al*. 2011), ou seja, paradoxalmente "vozes femininas" que apresentam registros graves, f_0 em torno de 150 e 180 Hz, e vozes feminizadas, ou seja, "vozes masculinas" nos "limites" de f_0 de 140 a 150 Hz, o que estaria associado a "origens psicológicas" ou à "homossexualidade masculina"

2.2 VOZES QUEER/CUIR

Busco, nesta subseção, sustentando a cartografia da inscrição da voz nos estudos de gênero e sexualidade, atentar para como a voz emergiu em certos estudos assignados como queer/cuir. Uso a forma queer/cuir para dar a ver o tensionamento oriundo do trânsito teórico do norte para o sul global, o que deflagrará uma geopolítica da *queer theory* na lógica centro-periferia (PERRA, 2014; PEREIRA, 2012; RIVAS, 2011) e, simultaneamente, dirá de modos como, na periferia, os estudos *queer* sofrem transmutações,

hibridismos, hackeamentos e contrabandos, o que faz com quem proliferem diferenças e revisões críticas (MOMBAÇA, 2006; PERRA, 2014; PEREIRA, 2012; BUTTURI JUNIOR, 2020; PELÚCIO, 2014; RIVAS, 2011) e sejam solicitados outros pactos ontológicos e solos discursivos (BUTTURI JUNIOR, 2020).

A par do hibridismo e dos diferentes vértices envolvidos nas topologias dos estudos queer/cuir, não é demais relembrar os diferentes campos semânticos presentes no termo: se o que chamamos hoje de *queer* (e que remonta às declarações de Teresa De Lauretis acerca da produção de uma unidade de gênero dissidência para enfrentamento político, assomando-se às produções conceituais de Eve Sedgwick e Judith Butler, entre outros, e tornando-se um campo de estudos) advém de uma prática política de autodesignação que se apropria de uma injúria homofóbica, reiterando-a de modo diferencial e positivando um certo modo de estar mundo, também há que se ter em conta que "*to queer*" é um verbo cujo significado remete ao gesto de questionar. Tem-se, nesse sentido, um campo semântico – muitas vezes perdido na política de tradução da teoria, como aponta Rivas (2011) – que diz respeito tanto à dissidência à heteronorma e à desestabilização das identidades fixadas (sujeito *queer* pós-identitário) quanto um processo não culminativo de questionamento e estranhamento das naturalizações ontológicas de categorias como corpo, raça, sexo, desejo, gênero.

Como a voz tem sido endereçada pelos estudos queer/cuir? Uma das teorias cu/cuir do sul a mencionar, ainda que indiretamente, a voz e os regimes de audibilidade, encontro *Pode um cu mestiço falar?*, de Jota Mombaça (2015). Para falar de silenciamento e impossibilidade de fala de sujeitos negros, gênero dissidentes e periférico em contextos acadêmicos – para a autora, um dos braços do aparato colonial escravocrata – , Jota Mombaça (2015) traça um "paralelo metafórico" entre enunciados oriundos de pessoas dissidentes e subalternas e as frequências não percebidas pelo ouvido humano, ou seja, os infrassons e os ultrassons, respectivamente abaixo ou cima da faixa de frequência de ondas sonoras entre 20 e 20 000 Hz. À revelia de não serem percebidos pelo ouvido humano, tais sons compõem a paisagem sonora diante da qual todos seriamos surdos. Outra metáfora/materialidade sonora e ondulatória evocada por Mombaça é a do ruído: afora de um espectro sonoro e não inscritos em um regime de audibilidade, falas e saberes subalternizados devêm, no texto de Mombaça, ruídos e linhas de fuga que, desafiando e o contaminando a escuta politicamente regulada, atravessam-na à revelia dos aparatos para seu silenciamento. Em ressonância com a proposta de Mombaça, a tentativa é de inscrever, nesta cartografia, o ruído, a voz dissonante e o diagrama de escutas em sua materialização e não como uma forma de metaforização.

Também queer/cuir do sul é um modo de desestabilização da escuta binária e hierárquica que cinde vocalidades biopoliticamente distribuídas entre masculinas e femininas performativamente proposto por Daiane Jacobs (2015) nos estudos do teatro. Em sua cartografia das artes da cena, Jacobs propõe *queerizar* o corpo vocal em performance, acenando a dilatação de uma presença vocal que, como entrelugar em deriva, produzirá ranhuras na fixação da voz em imperativos de gênero e, na lógica do ruído e na dissonância, materializará na cena essas vozes desviantes, inexoravelmente implicando o público que as escuta. Gostaria de registrar como a insistência de Jacobs (2015) em marcar como *dissonantes* os corpos vocais *queer* – a categoria de que se vale – foi uma das ferramentas teóricas que, nesta cartografia, resultaram na elaboração conceitual da gênero-dissonância.

Chegando aos *queer studies* anglófonos, Freya Jarman-Ivens (2011) trabalha de forma bastante aberta com a noção de *queer*, detendo-se mais nos aspectos processuais, pós-identitários e desnaturalizadores que propriamente na variabilidade sexual e de gênero. Vozes *queer*, para Jarman-Ivens, não seriam apenas determinadas vozes gênero-dissidentes, mas, dado seu potencial de desconexão com algo como a identidade do corpo, de desestabilização do significante e de manter abertas as possibilidades de múltiplas identidades de gênero, a voz seria, para a autora, ontologicamente queer.

Três argumentos norteiam a caracterização da voz (em si) como da ordem do *queer*: o primeiro é o fato de que, se voz é um índice do corpo em seu soar, ela não é redutível a ele; sendo um além do corpo (*plus de corps*, diz Dolar) (2011), **um terceiro espaço** entre o corpo e a linguagem. O segundo diz respeito à impossibilidade de circunscrever o espaço e a direção da voz em uma fonação, dado que ela se localiza justamente **entre** o falante e o ouvinte, no ir e vir entre um outro. Já o terceiro diz da voz como um elemento que permite questionar a estabilização e a naturalização das relações entre cromossomos, sexo, gênero e desejo sexual e, então, uma atenção à voz tem o potencial de demonstrar a incoerência, a instabilidade e a precariedade do processo que alinhava e normaliza

tais categorias. Pode-se dizer assim, que o que há não são categorias naturais para a voz, mas categorias naturalizadas e naturalizantes.

Enquanto *queer,* a voz se localiza nas fronteiras e, por isso, é disruptiva, perigosa e poderosa: um lembrete de nosso encontro com o outro na linguagem e dos efeitos desse encontro. A concepção da voz a partir do enquadramento *queer* permite um deslocamento da voz como da ordem do revelatório, ou seja, aquilo que desvelaria uma verdade anterior e pré-linguística que residiria no interior do sujeito (coisa que Jarman-Ivens caracteriza como concernente a uma ideologia da voz "natural" e "singular" de cada sujeito e cada corpo), para chegar ao já citado performativo e a seus efeitos.

A questão tecnológica é destacada por Jarman-Ivens dada sua importância no processo de estranhamento e desnaturalização da voz. A tecnologia aqui se desdobra enquanto tecnologia de produção de si (o que ela chama de tecnologias internas, as técnicas e os ajustes corporais empregados pelo sujeito quando usa de sua voz); tecnologia em sentido lato (ou as tecnologias externas, tais como aparatos tecnológicos, feito microfone, gravadores de voz, mecanismos para sua edição etc.,); e as tecnologias do poder foucaultianas, que enlaçam, capturam e, sobretudo, produzem as duas outras formas de tecnologia (interna e externa).

Se Jarman-Ivens predica a voz como algo queer, Yvon Bonenfant (2010) alvitra a possibilidade de uma "escuta queer" (*queer listening*). O musicólogo trabalha o conceito de timbre, difícil de precisar, questionando a possibilidade da existência de algo como um timbre *queer*. É necessário salientar aqui que a noção de timbre – diferentemente de categorias que decompõem a complexidade de um som, como volume ou frequência – não é uma unidade mensurável, senão que multidimensional e, para Bonenfant (2010), muitas vezes evitada justamente por isso.

Timbre poderia ser rapidamente definido como a qualidade sonora que faz um som reconhecível. Por exemplo, se um oboé e um clarinete tocassem a mesma nota, na mesma altura, dir-se-ia que possuiriam diferentes timbres. A noção de timbre, ademais, aplica-se tanto para humanos quanto para não humanos. No caso da miríade de vozes humanas, o timbre é interceptado pela linguagem, pelos acentos, pelos agenciamentos de enunciação e pelas emoções – elementos que se aglutinam diante da tentativa de perscrutar o funcionamento de um "timbre *queer*" e os seus efeitos.

Para trabalhar com o timbre, Bonenfant aborda sua tatilidade, sua textura e, aproximando timbre e tecido, o autor texturiza o conceito de corpo vocal utilizado por Connor (2004) e Cavarero (2012): ao ser tocado pela matéria movida pelo tensionamento causado pelas ondas sonoras da vocalização (o corpo vocal de Connor), quem ouve assume e infere um corpo/alguém, e esse corpo vocal é produzido na tatilidade do encontro, ou seja, ouvir e sentir tatilmente são aproximados. A percepção de um corpo vocal a partir da escuta só pode se dar quando alguém é afetado tanto corporal quanto subjetivamente, haja vista a requintada responsividade que possuímos diante da voz humana.

Bonenfant (2010) está particularmente atento às territorialidades de sujeitos *queer* e suas negociações de desejo e sexualidade em um mundo heterocentrado – ou seja diferentemente do *queer* dispersivo de Jarman-Ivens, trata-se de um *queer* bem delimitado em determinadas vozes, corpos e subjetividades. A tatilidade do som, como uma forma social de toque que ativa respostas e reações em outros corpos, no caso *queer* diz de um processo de desvio, diz de uma desorientação e de uma outridade em relação a corpos vocais não *queer* – toque desviante, de dissonantes para dissonantes.

A escuta *queer* solicita uma atenção somática dirigida ao timbre das vozes de forma a captar quaisquer variações que possam remeter a uma identidade ressonante *queer* que toque a outros sujeitos também *queer* ou sensíveis a. Uma escuta dirigida que diz dos vínculos e negociações entre pessoas gênero dissidentes e, tal como formulo aqui, gênero-dissonantes. Remete, ainda, à busca e ao desejo por vozes que expressem desvios à cisheteronorma, tornando-se, portanto, uma escuta que possibilita encontros a partir de estímulos que deixam de ser apenas sonoros para se tornarem-se também táteis e, mais ainda, capazes de encetar toques carinhosos (*caress*).

Tais formas de toque e sensação de prazer e gratificação a partir dos corpos vocais não-normativos carregam, em uma cultura normativa, a pecha de ameaçadoras. Uma série de questionamentos são suscitados pelas reflexões de Bonenfant: a quais corpos é dado soar e sob que circunstâncias? Como o timbre vocal poderia ter efeitos em hierarquias de poder, como ameaçaria hegemonias?

Como a timbração das vozes e os regimes de canto estiveram presentes nas opressões e racismos da colonialidade? E mais ainda, como o silenciamento de determinadas vozes impede reações, afetos mediados justamente pela tatilidade do timbre? Como redes de poderes cis-hetero-normativos, racistas e coloniais operam para evitar que redes de afeto se formem a partir da tatilidade das vozes? Como a escuta pode ser recalibrada de forma que os toques, afetos e desejos queer, não normativos, racializados aconteçam e que efeitos isso teria no falar, no ouvir e no cantar?

Vistas as contribuições oferecidas pelos estudos queer/cuir para um tomada à voz, e, particularmente, para a formulação que aqui faço da voz gênero-dissonante, passo, na seção seguinte, às contribuições de Paul B. Preciado na elaboração que faço do conceito de biotecnovoz, que, por sua vez, será melhor compreendido a partir de uma aproximação dos estudos pós-humanistas e do realismo agencial.

3 BIOTECNOVOZ PARTE 1 – CONTRIBUIÇÕES DE PRECIADO

Neste momento, sobre a biotecnovoz, cabe descrever que se trata de uma articulação conceitual que faço a partir da noção de "tecnovivo" trabalhada por Paul Beatriz Preciado em *Testo Junquie* (2018) com as tecnologias da voz (tecnologias internas, tecnologias *stricto senso* e as tecnologias do poder e do sujeito foucaultianas) de Jarman-Ivens (2011), remetendo ainda à materialidade do corpo e a própria voz como da esfera da coisa do vivo (bio). Compõem essa articulação, ademais, a espécie de conceito ampliado de biopolítica proposto por Haraway (1991), tecnobiopolítica, e o tecnobiodiscursivo, de Butturi Junior (2019).

Dada a sua agência nesta tomada de voz, gostaria de me deter um pouco na forma como tecnologia é concebida neste trabalho, mesmo que não busque fazer sua descrição genealógica. Ainda que tecnologia seja um ponto fulcral das teorias subjacentes à elaboração da biotecnovoz, nenhuma das autorias aqui mobilizadas nesta etapa do contorno da voz propôs-se delinear rigorosamente sua compreensão de tecnologia, de modo que parece-me que, tal como os dispositivos foucaultianos, tecnologia nesses arcabouços dirá de relações instáveis e estratégicas entre o discursivo e não discursivo, âmbito da técnica, da imanência e das racionalidades distintas, em cujas dispersão e deslocamento incidirão novas e inesperadas relações e capilarizações, o que acarretará mudanças nas subjetivações e nos modos de materialização e inteligibilidade do corpo e consolidando mecanismos sociais e de controle.

Donna Haraway (2009a[1985]), por exemplo, caracteriza a tecnologia simultaneamente pela sua ubiquidade e invisibilidade, o que a torna, de certo modo, análoga à sua incorporação criatural na figura do ciborgue. A territorialização de tecnologia, tomada aqui pela elaboração perversa e não-inocente de Haraway, é dada na continuidade entre animal-humano (organismo) e máquina, entre orgânico e inorgânico e entre natural e artificial. Desse modo, tanto na tecnologia tal como elaborado por Haraway na década de 1980, quanto na biotecnovoz, a máquina não constitui dominação e o corpo natural não constitui resistência: é na *simbiose* entre ambos que se darão as formas de disciplinamento e tecnobiopolítica e as formas de resistência, *hackeamento* e subversão. Não há que se perder de vista, contudo, que as perguntas feitas à tecnologia – agenciamento entre teoria, ciência, subjetividade, agência humana e não-humana – são, para Haraway (2009a [1985]), corporificadas: entre diferentes ciências e diferentes formas de cultura, entre organismos e máquinas, saber quem vive, quem morre e a que preço.

Passemos a Preciado. Ao cartografar a topologia do regime que chama de farmacopornográfico, Preciado (2018, p. 38) explicita "[...] os processos culturais, políticos e tecnológicos por meio dos quais o corpo enquanto artefato adquire um status natural" e cartografa como são materializadas ficções somatopolíticas da ordem do gênero[3] – uma tecnologia biomolecular e semiótico-técnica. Importa que, aqui, discurso e corpo estão conjugados e não cindidos: um corpo *high-tech*, perpassado pela técnica e não anterior à *techné*, à linguagem, aos dispositivos.

[3] Vale lembrar que já em *Manifesto Contrassexual* Preciado (2014) propunha um gênero prostético, que não se dá senão na materialidade dos corpos, puramente construído e puramente orgânico, sugerindo que o dimorfismo sexual fosse substituído pela noção de corpos falantes, ou seja, propondo suplantar a prerrogativa de uma verdade empírica do gênero para chegar a multiplicidades de configurações genéticas, hormonais, cromossômicas, genitais, sexuais e sensuais.

Retornando à noção de tecnovivo, na esteira de Haraway (2009a[1985]) ela torna indiscerníveis tecnologia, dispositivos, discursos e corporalidade e permite pensar o tráfego dos corpos em mundos perpassados pelas tecnologias e pelos processos de significação sem que se busque para a materialidade do corpo uma verdade anterior e natural, biológica e a-histórica. Assim, a distinção aristotélica entre *bios* e *zoé* deveria ser transformada em "vida crua" e "vida biotecnológica"[4]. Nessa mesma linha é que a diferença entre dispositivo e ser vivente (já de certa forma presente nos escritos de Foucault e retomada por Agamben) é posta em questão, uma vez que o próprio ser tecnovivo emerge ele mesmo como dispositivo em um processo de uma tecnopolítica produtiva.

Se a voz não é de fato elaborada conceitualmente por Paul Preciado em sua obra, ela é um tropo que acaba por emergir diversas vezes: como materialidade da linguagem e como significante somatopolítico ou tecnossignificante do processo de gendramento dos corpos. Há toda uma série de passagens em suas publicações – sobretudo em *Testo Junquie* – em que o filósofo narra a modificação de sua voz sob a incidência da testosterona em gel que administra em si, relata a força orgásmica presente na voz de seus/suas amantes, de todo modo trechos em que a voz aparece como signo de desejo, de transgressão, de sexualidade, como signo prostético e como metáfora de autoria. "O que a excita é a minha voz em espanhol" (PRECIADO, 2018, p. 275).

Trago aqui alguns recortes de quando Paul B. Preciado investiu especificamente sobre a voz. Em *Testo Junquie* (PRECIADO, 2018), a testosterona é a protagonista do regime farmacopornográfico – seja como um hormônio discursivizado/inventado a partir de uma narrativa globalizante do começo do século XX de que se apropriou a biomedicina (secreção difusa e comunicante), seja como cadeia molecular, cuja sintetização farmacológica permite que outros sujeitos que não homens cisgêneros se apropriem dos biocódigos que são ficcionalmente tidos como concernentes à masculinidade. É relevante, nesse interim, a restrição feita à comercialização do hormônio sintético:

Até o momento nenhum estado ocidental aceitou a legalização da testosterona para aplicação em mulheres cis ou permitiu sua administração livre por elas, entendendo que essa situação arriscaria uma virilização semiótico-técnica da população feminina em nível social e político. Dois pequenos problemas somatopolíticos que modificariam a codificação visual e auditiva de gênero são a pilosidade facial e a mudança da voz. Parece estranho que, no Ocidente, no início do século XXI, em uma sociedade extremamente high tech na gestão da reprodução, a decodificação do gênero se reduza ao pelo facial e ao timbre da voz. Digamos então que o pelo facial e não o pênis e a vagina - ou os cromossomos x e y - são os significantes públicos culturais dominantes de gênero em nossa sociedade. Deixamos então de falar de homens e mulheres e digamos simplesmente corpos com pelo facial e sem pelo facial, corpos com voz aguda e com voz grave. Estas coisas não são só um detalhe, mas significantes políticos cruciais com a capacidade de colocar em questão a ideia de virilidade como prerrogativa natural dos homens. (PRECIADO, 2018, p. 242)

A proibição do livre consumo de testosterona por mulheres e outras pessoas não homens cisgêneros é justificada pela "virilização" do rosto e da voz induzida pelo hormônio, o que permite ao autor chega às unidades mínimas da somatopolítica do gendramento: pilosidade e voz. Removidos os fetiches da diferença sexual anatômica – cromossomos e genitálias – nos deparamos com uma tecnobiopolítica que investe massivamente no controle da dispersão de biocódigos tidos como menores no processo somático de significação em termos de gênero e sexualidade.

A soma da noção de corpos falantes praticada por Preciado (2014) em seu *Manifesto Contrassexual* – ou seja, de corpos contrassexuais capazes de aceder aos diversos significantes em circulação em detrimento de uma diferenciação de gênero e sexo – com a noção de voz como um tecnobiossigificante somatopolítico do gendramento e, ainda, aliada às discussões da voz (JARMAN-IVENS, 2011) e da escuta *queer* (BONNEFANT, 2010) – voz como performativa e sem gênero (*genderless*) em si mesma, presentes na subseção anterior – permite desvelar a suposta naturalidade com que uma voz soa, a suposta verdade corporal que ela deflagraria (um corpo que seria sexualizado e generificado antes da técnica e da performatividade) para chegar-se àquilo que proponho como biotecnovoz: puramente orgânica e puramente construída.

[4] Essa distinção mesma é posta em xeque pelos novos materialismos por meio dos conceitos de coisa-poder (BENNET, 2011) e intra-ação (BARAD, 2017), como será visto na próxima seção.

Como nos ensina Preciado, a nova compreensão do espaço e do corpo, do poder e do sujeito demanda também uma nova tônica analítica que transponha a noção biopolítica foucaultiana para novas arquiteturas disciplinares inscritas nas cavidades e secreções do corpo a partir, por exemplo, das técnicas e conhecimentos endocrinológicos (caso dos hormônios, especialmente a testosterona). Nessa nova arquitetura biopolítica, a biotecnovoz insta a averiguar como os conhecimentos biomédicos (dos especialistas, endocrinologistas, otorrinolaringologistas, fonaudiólogas/os), linguísticos, musicológicos e das artes cênicas, além dos saberes dos meios de comunicação, dos dispositivos da música popular, o repertório vocálico produzido localmente nos diversos universos perpassados pela voz, entre outros, como todos esses elementos heterogêneos estão emaranhados com materialidades corporais e produzem uma dada arquitetura para a voz que incide na interioridade do corpo, na sua emanação fônica e nas somatopolíticas aí implicadas. Se no tecnovivo, "corpo vivente" e técnica são indiferenciados, também na biotecnovoz a voz é indiferenciável da técnica nela investida.

Busco em outra narrativa de Preciado de sua voz, dar a ver o funcionamento da biotecnovoz. Em *Un apartamento en Uranos* (PRECIADO, 2019), livro de crônicas, há uma que chama *Cambiar de Voz* ("Mudar de voz"). Nela Preciado nos conta sua experiência de ter sua voz modificada pela administração de testosterona, conduz-nos pelo processo de "acostumar-se" à sua nova voz (continuamente renovado, dado que sua voz segue variando com o passar do tempo), relata o estranhamento diante de uma voz não familiar, e narra como se dão as cenas de (auto)reconhecimento no corpo mutável e investido pela testosterona consumida. Seu relato solicita deslocar o índice de subjetividade de uma voz única e estável em que o sujeito se reconheça e compreender essa renovada perda da voz como índice ontoteológico de soberania do sujeito.

A reiterada duração da experiência de possuir uma "nova voz" lhe permite observar como todo seu corpo é recodificado a partir das frequências em que vibra seu falar. A fixidez de uma anatomia cindida e compartimentalizada em diferença sexual binária é substituída pela mobilidade do trânsito da voz como um biocódigo a ser capturado pelo processo de gendramento: "*Esta voz aparentemente masculina recodifica mi cuerpo e lo libera de verificación anatómica. La violencia epistémica del binarismo sexual y de género reduce la radical heterogeneidad de esa nueva voz a la masculinidad. La voz es el amo de la verda*d" (PRECIADO, 2019, p.170).

Preciado não mobiliza a sua voz para se subjetivar na zona da masculinidade, optando por relatar sua experiência vocal como um lugar de experimentação e dessubjetivação, passagem de fluxos, frequências, vibrações, deslocamentos e modificações a partir de aparatos biotecnopolíticos – não de recitação ou reiteração. Diz:

La voz habla a través de mi cuerpo no se acuerda de si mesma. Tampoco el rostro mutante puede servir como un lugar estable para que la voz busque un territorio de identificación. Esa voz cambiante no es ni simplemente una ni simplemente masculina. Por el contrario, declina la subjetividad en plural: no dice yo, dice somos el viaje [...] desposeído de la voz como la verdad del sujeto y sabiendo que los testículos son siempre un aparato social prostético, me siento un cómico caso de estudio derridiano y me río de mi mesmo. Y al reírme noto que esta voz nueva salta en mi garganta.

A breve leitura da crônica de Preciado (2019) a partir de uma noção de biotecnovoz nos permite compreender como, conceitualmente, a voz pode ser simultaneamente investida por uma tecnobiopolítica, mas também índice de dessubjetivação que mobilizarão fluxos prostéticos e reenvios de biocódigos como unidades significantes A título de finalização desta seção, aponto que, no contorno de sentido em que busco a voz como um objeto, já não se trata de uma compreensão da vida e da história como efeito de regimes discursivos, como era comum em 1970 e 1980, mas, sim, de " [...] defendermos o uso de produções discursivas como partes interessantes em um processo mais amplo da materialização técnica da vida que está acontecendo no planeta" (PRECIADO, 2018, p. 368). Nessa esteira, passo, na próxima subseção, a discutir as contribuições dos pós-humanismos, mormente o realismo agencial e os neomaterialismos, para a biotecnovoz.

4 BIOTECNOVOZ PARTE 2 – NOVOS MATERIALISMOS E REALISMO AGENCIAL

Ao passar para as contribuições neomaterialistas e pós-humanistas para o delineamento do conceito de biotecnovoz, gostaria agora de, a partir das discussões abarcadas pelo guarda-chuva teórico "pós-humanismo" descentrar um pouco o humano no que diz

respeito à vocalidade e propor a voz menos como um "objeto" – visto o borramento que tais discussões efetuam entre sujeito cognoscente e objeto a ser conhecido (BARAD, 2017; KIRBY, 2018) – e mais como um agenciamento entre humanos e não-humanos, discursividades e materialidades. Antecipo, aqui, que não se trata de negar a existência do humano – categoria que, como Haraway (1993) nos aponta, deve ser redimensionada, mas da qual não podemos nos livrar facilmente dada sua íntima relação com a distribuição de direitos e liberdades – ou da voz como uma das características de nossa espécie/ontologia, mas, sim, questionar o estatuto da voz na esfera do sujeito do antropocentrismo.

Sobre os estudos pós-humanistas, como dito, abarcam uma sorte de reflexões que, além de compartilharem o prefixo "pós" (*post*), propõem um questionamento do que é ser "humano" e formas de engajamento ético-onto-epistemológicos. Além de pôr em xeque a construção do humano como uma unidade comum e compartilhada universalmente visto ser, na verdade, localizada histórica e geograficamente e pautada no indivíduo, interessa-me sobretudo uma rejeição da separação entre humano e natureza (estendida ao dualismo cultura e natureza) e entre humano e não-humano – pensando-se aqui na possibilidade de um *continuum* naturezacultura (BRAIDOTTI, 2013; HARAWAY, 2016) – e, nesse ínterim, a apropriação feita por diferentes teóricas/os do conceito de Deleuze e Guattari de agenciamento (na literatura anglófona *assemblage*, em todo caso, referindo-se aos enredamentos e relações das coisas em sua mutabilidade e devir) para colocar lado a lado, não hierarquicamente, linguagem, discurso e materialidade (BARAD, 2014; PENYCOOK, 2018, BENNET, 2010), sob a forma de intra-ação (BARAD, 2017) entre matéria e discurso, pensando-se em uma distribuição das agências e afetos humanos e não humanos no acontecer político e ecológico do mundo (BENNET, 2010).

Nesse sentido, proponho para a vocalidade um diálogo com as teorias pós-humanistas como forma de questionar: como um certo enquadramento da voz, sua inserção no registro da normalidade ou da abjeção (sobretudo no âmbito da colonialidade de gênero) (LUGONES, 2008) faz dos sujeitos mais ou menos humanos, mais próximos ou distantes da unidade "humano"? O que há na voz, em sua relação íntima com a matéria – do corpo humano e do corpo das coisas onde suas ondas ressoam, difratem, ecoam – que ameaça a idealidade do construto humano e o sujeito do humanismo caracterizado pela autodeterminação? O que a voz faz, qual a sua agência e como o faz? Com que outras espécies companheiras a voz é compartilhada? Em quais agenciamentos podemos encontrar a voz, o que há de vibrátil nessas relações? O que na voz aponta para aquilo que há de não-humano e material na esfera dos corpos humanos?

A partir desses questionamentos passo a, em um exercício reflexivo, dialogar com as teorias dos novos materialismos que, embora não se ocupem da voz propriamente, oferecem subsídios teóricos (como a relação entre interioridade e exterioridade no realismo agencial, a noção de agência, corte agencial, intra-ação e performatividade pós-humana ou ainda o desafio à distinção entre vida e matéria) que permitem um deslocamento das concepções de voz que privilegiam sua remissão à linguagem e ao sujeito.

Parto do realismo agencial de Karen Barad. Barad, a partir de uma discussão sobre a materialidade enquanto performatividade, está atentando para a matéria em sua historicidade, enquanto substância que produz exclusão no devir intra-ativo e iterativo do mundo, o que se dá por meio de processos de diferenciação. Trata-se, então, da matéria circulando através de gêneros, espécies, espaços, conhecimentos, sexualidades, subjetividades e temporalidades (BARAD, 2014).

Para dialogar com os conceitos de Barad e propor um possível enquadramento da voz a partir daí é necessário entender quais deslocamentos epistemológicos e ontológicos são propostos. Assim, passo a tentar rapidamente explicar suas principais formulações, entendendo que descrevê-las exaustivamente demandaria uma incursão que extrapola os limites e anseios deste trabalho. Primeiramente, há que se ter em mente que no, realismo agencial, são borradas as noções de causa e efeito, biologia e cultura, de agência como atributo individual e também a distinção entre sujeito e objeto. O conceito de performatividade pós-humanista (BARAD, 2017) solicita um descentramento do representacionismo, coisa já pautada pelo conceito de performatividade. À performatividade como trabalhada por Judith Butler, contudo, Barad oferece uma elaboração materialista, naturalista e pós-humanista, o que quer dizer que a autora inclui a matéria no âmbito do performativo enquanto participante ativa no devir do mundo.

Em outras palavras, o que se tem é uma percepção filosófica de que não há representações de um lado e, de outro, entidades ontologicamente separadas à espera de materialização. Pensando-a como emaranhado (*entanglement*) discursivo-material para

além do relata entre palavras e coisas, é que Barad propõe que os efeitos da performatividade não se restringem à produção de sujeito, incluindo também a materialização, isto é, a produção da própria matéria dos corpos (humanos ou não) a partir de uma noção de causalidade outra que não recaia em uma relação consecutiva que diz das forças discursivas (em primeiro plano) incidindo sobre a matéria. Na "onto-epistem-ologia" de Barad, não há exterioridade entre o material e o discursivo: "Nem as práticas discursivas nem os fenômenos materiais são ontológica ou epistemologicamente prévios. Nenhum pode ser explicado nos termos do outro. Nenhum tem status privilegiado para delimitar o outro" (BARAD, 2017, p. 26).

Alguns conceitos importam aqui. O primeiro é o de agência que deixa de ser um atributo (sobretudo humano) e passa a dizer respeito ao contínuo reconfigurar do mundo em seus devires. Outro conceito importante é o de intra-ação, que responde a como se dá a produção de diferenças, como o mundo devém historicamente, a partir de uma noção de que um evento não é uno, mas um aglutinado. A definição de intra-ação é, cito: "*práticas excludentes/específicas corporizadas como configurações materiais de mundo* (i.e: práticas discursivas/(con)figurações, mais que 'palavras') e *fenômenos materiais específicos* (i.e. relações, mais que coisas). Tal relação causal entre os dispositivos de produção corpórea e o fenômeno produzido é uma de 'intra-ação agencial" (BARAD, 2017, p.19).

Noções de agência e intra-ação propiciam o que seria a abordagem realista agencial, ou seja, a saída dos alicerces metafísicos do representacionismo para uma ontologia realista agencial, que enquadra não o relata entre palavras e coisas, a discussão de transparência e opacidade da linguagem e nem a teorização do humano como causa ou efeito, mas, sim, a agência nas práticas entrelaçadas de conhecimento (parte do mundo dando-se a conhecer à outra) e devir. A produção de corpos materiais, nesse ínterim, se dá a partir de intra-ações.

Arrisco me estender mais nessa intrincada concepção de performatividade porque ela propõe um salto qualitativo no modo como práticas discursivas são caracterizadas: passam a ser (re)configurações materiais específicas do mundo pelas quais determinações locais de fronteira, propriedades e significados são diferencialmente operadas. Nesse sentido, a matéria deixa de ser suporte, referente ou fonte de viabilidade para o discurso e passa a ser tomada ela mesma como discurso enquanto *algo que restringe e exclui*.

As dinâmicas de intra-atividade implicam a matéria como agente ativo do mundo em sua contínua materialização e o processo de significação, não mais humano ou linguístico, torna-se um processo agencial (produção de efeitos e de diferenças). Por outro lado, o discurso não é mais tido como elemento diferencial entre o humano e o não-humano e as práticas discursivas "[...] são intra-ações agenciais contínuas do mundo pelas quais a determinação local é operada dentro dos fenômenos produzidos. Práticas discursivas são intra-ações causais – elas operam estruturas causais locais pelas quais um 'componente' (o 'efeito') do fenômeno é marcado por outro 'componente' (a 'causa') em sua articulação diferencial" (BARAD, 2017, p.25).

Concluindo o caminho proposto por Karen Barad, nas relações da ordem "natureza x cultura" (e na falsa dicotomia que elas instauram), a autora nos adverte que a cultura pode modelar ou inscrever a natureza, mas ela não a produz materialmente. Como resposta ao ultra-construtivismo, ela oferece a instigante pergunta: como a cultura pode produzir (a natureza, a materialidade) algo da qual é ontologicamente diferente? Qual o mecanismo de produção? Dessa forma, a intra-atividade não é nem "determinismo estrito, nem liberdade irrestrita" (BARAD, 2017, p. 29-30) e a performatividade, agora diferentemente daquela proposta por Butler, não é citacionalidade iterativa, mas *intra-atividade iterativa*, o que quer dizer que não se trata da matéria (passiva) adequando-se ao discurso (ativo), mas de uma intra-ação entre ambos.

Entendo que a voz ocupa uma posição bastante singular nas relações reciprocamente constitutivas (isto é, intra-ativas) entre materialidade e discurso, ou materialidade e linguagem, por estar em um lugar em que a inseparabilidade de ambos torna-se muito evidente/audível. Poderíamos pensar na articulação da voz no dizer não como um investimento do discurso no corpo, conformando-o e a seus sons, mas, sim, enquadrar a incidência das possibilidades de produção sonora que corpo pode articular (em suas limitações materiais/nas exclusões produzidas por sua materialidade, por exemplo, o *setting articulatório*) como um dos elementos material-performativos que incidem na possibilidade de produzir discurso e, aí, sujeito. Outra questão importante que emerge ao se pensar a voz à luz do conceito de intra-ação é como se dá aí uma intra-ação muito específica: se é a língua(gem), como um dispositivo, tal qual formulado por Agamben (2009), que produz a possibilidade mesma de objetivação da "voz", em seus

contornos e fronteiras, tal língua(gem) está, simultaneamente, imersa na materialidade corporal/sonora. A intra-ação, então, não estaria apenas entre o dispositivo e os efeitos que produz, mas no dispositivo mesmo: aqui, linguagem e voz, simultaneamente.

Retomando o arcabouço conceitual até aqui cartografado, interessa-me alinhavar o novo materialismo de Karen Barad à noção de biotecnovoz, a partir de Jarman Ivens (2011) e Preciado (2018), de forma que a voz seja pensada como um emaranhado discursivo-tecnológico-material, cujo funcionamento performático se dá tanto à revelia da intencionalidade do sujeito por ela corporificado (não se trata aqui de um inconsciente da voz, mas das exclusões que sua materialidade performatiza), quanto mediante possibilidades discurso-tecnológicas de agência, distribuídas entre a linguagem em que a voz se diz, na materialidade do corpo e na produção de si do sujeito – por meio de diferentes técnicas.

Deslocando-me para uma perspectiva vitalista, mobilizo também Jane Bennett (2010), quem postula a possibilidade de um materialismo vital (*vital materialism*) que demanda que sejam repensadas tanto a noção de agência (tal como Barad) quanto as dicotomias binárias onto-teológicas como matéria inerte e organismo vivo, sujeito e objeto, orgânico e inorgânico, mecanicismo e vitalismo, de forma a produzir-se um vocabulário e uma sintaxe que deem conta de discernir melhor os poderes ativos dos atores não-humanos ou nem tão humanos (*not-quite-humans*). Emerge, então, o conceito de "Poder-Coisa" ou "Poder da Coisa" (*Thing-Power*) (BENNETT, 2010). O "Poder-Coisa" é um poder positivo, não corresponde apenas à recalcitrância da matéria (sua negatividade, sua capacidade de excluir e limitar, sua relutância a dar-se a conhecer), mas a uma agência e uma criatividade. Há no "poder-coisa" a vitalidade vibrátil presente nas coisas a afetar e a causar efeitos em outros corpos à revelia de uma subjetividade humana, um poder que é índice do intangível e do imponderável: o "Poder-Coisa" situa-se na zona de estranheza, no limite absoluto da inteligibilidade.

Ainda que a "Coisa-Poder" esteja, aqui, associada à matéria e não à humanidade, para Bennett, o próprio poder de que dispõem sujeitos humanos como atores – termo que empresta de Bruno Latour – refere-se ao poder-coisa que os(nos) atravessa, de forma que os poderes distribuídos pela humanidade seriam evidências da própria constituição humana como uma materialidade vital. Dessa forma, tal como a noção de discurso a partir da materialidade cunhada por Barad, o poder-coisa também revela as dimensões de exclusão da materialidade e os efeitos por ela produzido. "In other words, human power is itself a kind of thing-power" (BENNET, 2010, p.10). Trata-se aqui de pensar o "It" no "I" (a "coisa" no "eu"), o mineral de nossos ossos, o metal em nosso sangue, a eletricidade dos neurônios, o composto gasoso em nossos pulmões e gargantas, aquilo que, na própria corporeidade humana em agenciamento com outros corpos (novamente, humanos ou não humanos) é um excesso para o sujeito do humanismo. "*On close-enough inspection, the productive power that engendered an effect will turn out to be a confederacy, and the human actants within it will themselves turn out to be a confederation of tools, microbes, minerals, sounds, and other 'foreign' materialities.*" (BENNETT, 2010, p.36).

De Bennett (2011) gostaria de realçar, além do caráter "*alien*" da materialidade para o sujeito, também sua formulação de que qualquer agência ou poder humano só se dá em relação a outros corpos e materialidades sob a forma de um agenciamento (*assemblage*) em um campo heterogêneo, considerando-se que o agenciamento, como proposto por Deleuze e Guattari, é uma soma não totalizável. O agenciamento não produz efeitos a partir de um esforço ou intencionalidade individual de um de seus elementos, não há centro regulador, apenas fluxos e intensidades e causalidades abertas, limites difusos e relacionais a partir das relações entre os diversos membros, materiais vibrantes de toda a sorte e, ainda, os novos efeitos aí gerados em uma limitada vida útil.

Essas pistas oferecidas (agência, agenciamento, intra-atividade, realismo agencial, materialismo vital e performatividade pós-humanista) por ambas as neomaterialistas permitem-me ensaiar pensar a voz liberta do escopo de um certo humanismo, logo, pensá-la não apenas vinculada à linguagem (língua) e à intencionalidade humana, não apenas como efeito de um processo de subjetivação ou construída a partir da interpelação pela linguagem, mas pensá-la como coisa (tal como Bennett), caracterizada por uma materialidade vibrante e por um poder positivo, em dinâmica intra-ativa e que, emaranhada em um agenciamento, têm agência e produz efeitos – diversos exemplos analíticos dessa agência podem ser lidos em Camozzato (2022). A voz, tal como coisa não-humana ou nem-tão-humana, é um desses excessos materiais implicados na corporeidade humana, espécie de "alien" ondulatório, aéreo e vibracional imiscuído no dispositivo da linguagem (AGAMBEN, 2009), o mais requisitado dos dispositivos para justificar a suposta excepcionalidade da agência humana diante de outras agências (PENYCOOK, 2018).

5 CONCLUSÃO E RETOMADA

Concluindo o artigo, não é demais retomar aqui que o conceito de biotecnovoz é elaborado a partir de outro nome de que lanço mão: a gênero-dissonância. A gênero dissonância, dialoga com a expressão "gênero dissidente" – que vem sendo utilizada tanto por grupos acadêmicos quanto por movimentos sociais como forma de referenciar as diferentes configurações de gênero e sexualidade que compõem a comunidade LGBTQIAP+ ou as subjetividades queer/cuir, sem contudo, remontar a uma suposta unidade coesa que caracterizaria o grupo – e, de certo modo, rematerializa o adjetivo "dissonante", cujas ocorrências tendem menos a indicar o aspecto vibracional e sonoro da dissonância e mais apontar, metaforicamente, para aquilo que difere de determinada norma.

Assim, a gênero-dissonância diz respeito a algo como uma heterogeneidade do soar das vozes diante de uma disposição binária que inventa e produz o gênero no substrato vocal, dissonância vocal, como uma falha – inclusive, como Butler (2003) nos aponta, constitutiva – no processo de recitação da espécie de afinação vocal que caracteriza a distribuição das vozes entre normais e anormais, cisheterossexuais ou dissidentes, territorializando as vozes binariamente em masculinas ou femininas, aliás como já sabemos, segundo Deleuze e Guattari (1997), sua primeira inscrição.

O conceito de biotecnovoz, como visto, é produzido em diálogo com o trabalho de Butturi Junior (2019), que opera com o tecnobiodiscursivo; de Donna Haraway (1991), que propõe que a biopolítica seja ampliada para tecnobiopolítica; e de Preciado (2018), no regime farmacopornográfico. Como já foi dito, o conceito:

(i) entende interpenetradas e não separáveis, natureza cultura e emaranhado material-semiótico (HARAWAY, 2009, 2016) a esfera do vivo (bio) e as técnicas, tecnologias, discursos e dispositivos que delimitam, em intra-ações, suas fronteiras (BARAD, 2017);

(ii) parte de uma compreensão neomaterialista de discurso (BARAD, 2017), ou seja, solicita uma discursividade da matéria e não uma discursividade que conforma a matéria;

(iii) avalia a distribuição de agências entre humanos, não humanos e mais que humanos, pressupondo a matéria – incluída aí a condição corporal do sujeito – como dotada de um poder e de uma vibratilidade (BENNET, 2010);

(iv) não possui uma unidade objetual definível fora dos agenciamentos locais;

(v) finalmente, está na esfera do regime farmacopornográfico de Preciado (2018), o que lhe faz também ser linha de poderes-prazeres, além de ser "Puramente orgânica e puramente construída", tal como diria Paul B. Preciado em Testo Junquie (2018) acerca do gênero.

Tendo em conta esse enquadramento, o que quero contemplar com o conceito de biotecnovoz é a espécie de simbiose da ordem da naturezacultura (HARAWAY, 2016) que caracteriza a intra-ação entre linguagem, dispositivos, tecnologias, representações e performativos de gênero, distribuição diferencial de precariedade (BUTLER, 2018) e a materialidade vibrante dos elementos acima citados que compõem a voz e que agencialmente constituem-na como tal.

A ideia, finalmente, é que a voz seja pensada como um emaranhado discursivo-semiótico-material cuja performatividade (intra-ativa) se dá tanto à revelia da intencionalidade (ou excepcionalidade) do sujeito por ela corporificado, nas exclusões que sua materialidade performatiza, quanto mediante possibilidades discursivo-tecnológicas de agência, distribuídas entre a linguagem em que a voz se diz, entre a materialidade (não recalcitrante) do corpo e entre a produção de si do sujeito – por meio de diferentes técnicas. Futuros trabalhos operarão análises com os conceitos, demonstrando sua produtividade.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Trad. Thereza Rocha. *Vazantes,* v.1, n.1, 2017.

BARAD, K. Re-membering the Future, Re(con)figuring the Past: Temporality, Materiality, and Justice-to-Come. *Feminist Theory Workshop Keynote*. Duke University, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cS7szDFwXyg Acesso em: 2 maio. 2020.

BENNET, J. *Vibrant Matter* - A Political Ecology of Things. Londres: Duke University Press, 2010.

BONENFANT. Y. Queer Listening to Queer Vocal Timbres. *Performance Research*. v.15, n.3, p.74-80, 2010.

BRAIDOTTI, R. *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.

.

BUTLER, J. *Corpos que importam* – os limites discursivos do "sexo". São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero* – feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Por Baujeke Prins e Irene Costera Meijer. *Revista Estudos Feministas*. v.10, n.1. Florianópolis, jan. 2002.

BUTTURI JUNIOR, A. Bio-Cu-Ir: uma leitura sobre poderes, racialização e resistências no Brasil. 2020. *In:* MITIDIERI, A. (org.). *Revisões do cânone*. Uberlândia: O sexo e a palavra, 2020. p. 265-295.

BUTTURI JUNIOR, A. A polivalência tática dos discursos sobre a soropositividade e os dispositivos do Fast Foda, *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 21-39, 2020a. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/2Artigo_2_2020.pdf Acesso em: 4 abr. 2022.

BUTTURI JUNIOR, A. O HIV, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, n. 2, p. 637-657, 2019. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655554. Acesso em: 29 abr. 2022.

BUTTURI JUNIOR, A.; CAMOZZATO, N. M. Linguagem, Tecnologia e Realismo Agencial. Ciclo de Palestras UPLA – PPGEL. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jvqWZkec7zE Acesso em: 30 ago. 2022.

BUTTURI JUNIOR, A. CAMOZZATO, N. M. Por uma análise neomaterialista dos discursos. No prelo.

CAMOZZATO, N. M. *Vozes Gênero-Dissonantes*: uma cartografia pós-humanista. 2022. 257 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

CAMOZZATO, N. M. O "perdigoto" e o SarS-Cov-2: a voz em mundos pós-humanos. *Acta Scientiarum* (UEM), v. 44, n. 1, p. 58769, 2022a. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/58769/751375154217 Acesso em: 15 mai. 2022.

CAVARERO, Adriana; LANGIONE, Matt. The Vocal Body: Extract from a Philosophical Encyclopedia of the Body. *Qui Parle*: Critical Humanities and Social Sciences, v.21, n.1. 2012.

CIELO, C. A. *et al.* Lesões organofuncionais do tipo nódulos, Pólipos e Edema de Reinke. *Revista CEFAC*. v. 4, n.3, p. 735-748, jul.-ago. 2011. Disponível: https://www.scielo.br/j/rcefac/a/6ddNMKmYXkFZtXn7hmBMnhJ/?lang=pt&format=pdf Acesso em: 15 out. 2021.

CONNOR, Steven. *The Strains of Voice.* (Tradução feita por Holger Wölfe de um ensaio que apareceu pela primeira vez em: FELDERER, Brigitte. Phonorama, Eine Kultuergestchithe der Stimme als Medium. Berlin: Matthes and Seitz. 2004. p.158-172. Disponível em: https://stevenconnor.com/. Acesso: 6 fev. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia – vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade* – Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. *Ditos & escritos IV*: estratégia Poder-Saber. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. Não ao sexo rei. *In:* FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. p. 229-242.

FOUCAULT, M. *história da sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola Edições, 1996.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW; P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231- 249.

HALBERSTAM, J. *A arte queer do fracasso*. Recife: CEPE, 2020.

HARAWAY, D. J. *Staying with the Problem*: Making Kin in the Chthulucene Durham: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, D. J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.5, p. 7-41, 2009. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773 Acesso em: 15 nov. 2021.

HARAWAY, D. J. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.). *Antropologia do Ciborgue*: as vertigens do pós-humano. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2009a. p 33-118.

HARAWAY, D. J. O Humano numa paisagem Pós-Humanista. *Revista Estudos Feministas*, v.1, n.2, 1993. Disponível em: https://doi.org/10.1590/%25x Acesso em: 5 abr. 2022.

HARAWAY, D. J. *Simians, Cyborgs, and Women*: The Reinvention of Nature. New York: Routledge, 1991.

JACOBS, D. D. S. *Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance.* 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina , Florianópolis, 2015.

JARMAN-IVENS, F. *Queer Voices* – Techonologies, Vocalities, and the Musical Flaw. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

KIRBY, V. Telling Flesh – The Body as the Scene of Writing. *Figurationen*, v.19, n.2. 2018. Disponível em: https://www.degruyter.com/view/journals/figurationen/19/2/article-p64.xml Acesso em: Jun. 2020.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. v.22, n.3., set./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/13.pdf Acesso em: Jun. 2020.

MOMBAÇA, J. *Pode um cu mestiço falar?* 2015. Disponível em: https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee Acesso em: 4 dez. 2021.

MOMBAÇA, J. *Para desaprender o queer dos trópicos*: Stonewall não foi aqui. 2016. Disponível em: http://www.ssexbbox.com/para-desaprender-o-queer-dos-tropicos-stonewall-nao-foi-aqui. Acesso em: 4 ago. 2016.

PELÚCIO, L. Traduções ou torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil. *Periódicus*, n.1, paginação irregular, maio-out. 2014.

PENNYCOOK, A. *Posthumanist Applied Linguistics*. London, New York: Routledge, 2018.

PERRA, H. de. Interpretações imundas de como a *Teoria Queer* coloniza nosso contexto *sudaca*, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Revista Periódicus*, v.1, n. 2, 2014-2015. Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896/9216. Acesso em 3 jul. 2016.

PEREIRA, P. P. G. *Queer* nos trópicos. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 2, n.2, p. 371-394, jul.-dez. 2012.

PRECIADO, P. B. *Un Apartamento en Urano*. Crónicas del Cruce. Barcelona: Editoral Anagrama, 2019.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie:* drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro e Veronica Daminelli Fernandes. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual:* práticas subversivas de identidade sexual. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RIVAS, F. "Diga 'queer' con la lengua afuera": Sobre las confusiones del debate latinoamericano. *In: Por un feminismo sin mujeres*. Santiago de Chile, CUDS, 2011. p. 59-75.

SCHLICHTER, A. Do Voices Matter? Vocality, Materiality and Gender Performativity. *Body & Society*. v. 17, n. 31. 2011.

TRAUNMÜLLER, H.; ERIKSSON, A. *The frequency range of the voice fundamental i the speech of male and female adults*. Web site of the Department of Linguistics, Stockhlm University. 198? Disponível em: http://www.ling.su.se/staff/hartmut/f0_m&f.pdf Acesso em: 2 abr. 2022.

Recebido em 11/09/2022. Aceito em 06/10/2022

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90908

AS BIO (POLÍTICAS) DA VIDA COM HIV[1]

LA BIO(POLÍTICA) DE LA VIVENCIA CON EL VIH

THE BIO(POLITICS) OF LIVING WITH HIV

Camila de Almeida Lara*
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Uma vez que as políticas públicas têm papel fundamental na constituição dos sujeitos para quem são produzidas, este trabalho tem por objetivo problematizar as políticas públicas de saúde nacionais que se referem à mulher e suas relações com a aids e com o hiv, questionando-as enquanto práticas concretas de governo que produzem discursos de normatização dos comportamentos e da produção de modos de objetivação e subjetivação específicos. Para isso, recorre aos discursos documentados na Política Nacional de Aids e ao Plano de Feminização da Epidemia. Conclui-se, a partir das análises, que embora instaurados no âmbito ambíguo da biopolítica e da governamentalização, esses documentos podem ser lidos como lugares de aparecimento de outros arranjos políticos ligados aos movimentos sociais e suas lutas pelo direito a saúde e pelos direitos humanos.
PALAVRAS-CHAVE: Mulher. hiv/aids. Política pública. Biopolítica.

RESUMEN: Dado que las políticas públicas tienen un papel fundamental en la constitución de los sujetos para los que se producen, este trabajo se propone problematizar las políticas nacionales de salud pública que se refieren a las mujeres y a sus relaciones con el sida y el vih, cuestionándolas como prácticas concretas de gobierno que producen discursos de normativización de comportamientos y de producción de modos específicos de objetivación y subjetivación. Para ello, recurre a los discursos documentados en la Política Nacional de Sida y el plan de Feminización de la Epidemia. Se concluye, a partir de los análisis, que si bien se enmarcan en el ambiguo ámbito de la biopolítica y la gubernamentalización, estos documentos pueden leerse como lugares de aparición de otros arreglos políticos vinculados a los movimientos sociales y sus luchas por el derecho a la salud y los derechos humanos.
PALABRAS CLAVE: Mujeres. vih/sida. Políticas Públicas. Biopolítica.

[1] Esse texto trata-se de um recorte da discussão proposta na tese *As narrativas de mulheres que vivem com hiv: entre as estratégias de intervenção e as práticas de si.* Nela, a autora buscava problematizar a formação e o desenvolvimento de práticas de si e de modos de subjetivação de mulheres que vivem com hiv e fazem parte do GAPA de Florianópolis, os quais são produzidos e complexificados por regimes de verdade que dizem respeito aos *dispositivos da aids*, aos *dispositivos territoriais* e aos dispositivos das *políticas públicas*. Nesse artigo, portanto, explora-se um desses regimes, as políticas públicas de saúde da mulher.

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2022). Realizou doutorado sanduíche na Faculdade de Ciências e Tecnológica da Universidade Nova de Lisboa (2019-2020). Atualmente, é membro do Grupo de Estudos no Campo Discursivo (UFSC- CNPq). E-mail:camilalara04@gmail.com.

ABSTRACT: **S**ince public policies fundamentally influence the constitution of the subjects for whom they are produced, this paper seeks to problematize national public health policies that refer to women and their relations with aids and hiv, questioning them as concrete government practices that produce discourses of normatization of behaviors and the production of specific modes of objectivation and subjectivation. for this, it resorts to the discourses documented in the national aids policy and the plan for feminization of the epidemic. it is concluded, from the analyses, that although established in the ambiguous ambit of biopolitics and governmentalization, these documents can be read as places of appearance of other political arrangements related to social movements and their struggles for the right to health and human rights.
KEYWORDS: Women. hiv/aids. Public policy. Biopolitics.

1 INTRODUÇÃO

> Objetivo estratégico
> C.3 Tomar iniciativas que, levando em conta o gênero, façam face às enfermidades sexualmente transmissíveis, HIV/Aids, e outras questões de saúde sexual e reprodutiva.
> Medidas que devem ser adotadas
> [...]
> a) Garantir a participação das mulheres, em particular as infectadas com o vírus HIV/Aids ou outras enfermidades sexualmente transmissíveis ou afetadas pela pandemia do HIV/Aids, em todas as decisões relativas ao desenvolvimento, à aplicação, à supervisão e à avaliação das políticas e dos programas sobre o HIV/Aids e outras enfermidades sexualmente transmissíveis; (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 1995, p. 185)

> Entrevistadora: [...] você conhece as políticas públicas de saúde para as mulheres que vivem com HIV?
> Mara: Falar as coisas que a gente tem direito, até falam, mas quando a gente vai naquela CRAS, naquelas coisas toda pra tentar ter, aí eles falam um monte de coisa. **No final, tu não tens direito a nada**.

Os dois enunciados que trago à baila no início desse texto tratam tanto da relação que dez mulheres que vivem com hiv (minhas interlocutoras em uma pesquisa de doutoramento) estabeleciam com os discursos das políticas públicas que diziam respeito às suas condições biológicas e à manutenção da própria vida, quanto dos discursos de estabelecimento dessas mesmas políticas. É mister, então, pensar nas relações (precárias[2]) entre elas e as políticas que açambarcam suas vidas.

Nesse ínterim, o objetivo desse texto *será problematizar as políticas públicas de saúde nacionais que se referem à mulher e suas relações com a aids e com o hiv, questionando-as enquanto práticas concretas de governo que produzem discursos de normatização dos comportamentos e da produção de modos de objetivação e subjetivação específicos*. Se as políticas públicas podem "[...] conformar o modo que indivíduos constroem a si mesmos como sujeitos" (SHORE; WRIGHT, 1997, p. 4), neste texto, elas serão interpretadas como os discursos das práticas da biopolítica e da governamentalidade, na tentativa de verificar o modo como atingem e configuram as formas de objetivação/subjetivação de mulheres que vivem com hiv e como podem ser usadas e propagadas a fim de que elas identifiquem a si mesmas.

Essa análise dos discursos dos documentos, estará circunscrita no âmbito daquilo que se entende por políticas públicas, no que diz respeito à saúde das mulheres, especificamente à questão do hiv e da aids. Entendidos como práticas concretas de governamentalidade, os discursos das políticas públicas de saúde da mulher aparecem neste texto uma vez que eles forjam determinadas práticas, demarcando e articulando campos e posições de sujeito (DE MEDEIROS; DE FÁTIMA GUARESCHI, 2009). Dessa forma, meu intento é também descrever as possibilidades de acontecimento desses discursos, suas condições de emergência e as formas de objetivação/subjetivação do sujeito-mulher que daí decorrem, já que os discursos são práticas na medida

[2] Por relações precárias, entendo com Butler (2018, p. 18) que "[...] a condição precária não é simplesmente uma verdade existencial – cada um de nós pode se ver sujeito a privação, dano, doença, debilitação ou morte em decorrência de eventos ou processos fora do nosso controle. Todos nós desconhecemos e estamos expostos ao que pode acontecer, e a nossa falta de conhecimento é um sinal de que não controlamos, de que não podemos controlar todas as condições que constituem a nossa vida.

em que formam os objetos de que falam, constituem sujeitos e corpos, formas de existência (FOUCAULT, 2017). Além disso, resgato as formas pelas quais os discursos escritos, burocráticos são eficazes e produtivos, embora circulem sem voz ou assinatura (BUTLER, 2019).

Isso posto, partirei de alguns documentos oficiais de políticas públicas de saúde para as mulheres, para elaborar uma espécie de abordagem discursivo/antropológica do Estado a partir dos conceitos foucaultianos de governamentalidade e biopolítica e entendendo com Foucault que "[...] Vivemos num regime em que uma das finalidades da intervenção estatal é o cuidado do corpo, a saúde corporal, a relação entre as doenças e a saúde" (FOUCAULT, 2010, p. 171). Para isso, inicio resgatando os conceitos teóricos e metodológicos que embasam as análises, as quais se apresentam na sequência em ordem cronológica de emergência.

2 A GOVERNAMENTALIDADE BIOPOLÍTICA

Na noite de 30 de novembro de 1991, anterior ao Dia Mundial de Combate à Aids, o presidente Collor, emitiria um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e tv:

> Minha gente,
> Como pai de dois adolescentes e como Presidente da República, cumpro um dever inadiável em alertar a Nação e de liderar uma ampla campanha ampla, objetiva e corajosa de combate à Aids. O Governo, consciente da sua obrigação moral e dever cívico, precisa agir rapidamente, combatendo a epidemia em várias frentes.
> Assim, estamos iniciando uma nova fase de trabalho em prevenção e assistência.
> Já existe um amplo programa de distribuição de medicamentos, incluindo o AZT, que está sendo implementado pelo Ministério da Saúde.
> Mas o principal papel do Governo é o de ajudar a prevenir a doença.
> Estou determinado a constituição de uma Comissão Nacional de Aids, presidida pelo senhor Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, que vai procurar mobilizar a sociedade para essa importante missão de combate à epidemia.
> O Ministério da Saúde já está implantando um grande programa de descentralização do combate à doença, com a criação de programas municipais em 3.000 cidades brasileiras.

Em nome de um dever moral e cívico, como se lê, o discurso aponta que seria dever do Estado implantar um programa de combate à aids que mobilizasse **a sociedade** a partir de estratégias de prevenção e assistência. Inserido no âmbito das políticas públicas, o discurso do presidente pode ser interpretado também no interior dos processos que marcam a "estatização do biológico" e, assim, do "biopoder". Nessa possibilidade analítica, quais inovações técnicas e subjetivas, a formulação de "um grande programa" de aids poderia apontar? Não se trata de uma resposta na forma do êxito, mas sim de uma problematização de seus efeitos – como gostaria Michel Foucault. Descrevo, pois, as táticas que operam de forma difusa para produzir e reproduzir sujeitos e que caracterizam os mecanismos biopolíticos e sua uma gama de modos de subjetivação, a fim de compreender seu impacto nos processos de vida, resultando em novas formas de identidade (LEMKE, 2010).

Bröckling, Krasmann e Lemke (2010) afirmam que em meados da década de 1970, a análise empreendida por Foucault e concebida sob os termos de uma microfísica do poder apresentava duas ressalvas: 1. o acento analítico até então recaia principalmente sobre o corpo individual e sua formação disciplinar, não se considerando processos de subjetivação mais abrangentes e 2. aquele tipo de análise do poder não pôde fazer jus ao duplo caráter desse processo como prática de subjugação e forma de autoconstituição. Parecia necessário ao filósofo, então, analisar o papel estratégico do Estado na organização histórica das relações de poder a partir da expansão de seu aparato analítico, com vistas a dar conta tanto dos processos de subjetivação quanto de formação do Estado.

Conceito direcionador dessa mudança, a *governamentalidade* introduziria uma nova dimensão em sua análise de poder, permitindo-lhe dar conta de um objetivo duplo:

> [...] **fazer a crítica necessária das concepções correntes de "poder"** (mais ou menos confusamente pensado como um sistema unitário, organizado em torno de um centro que ao mesmo tempo é sua origem e que é levado por sua dinâmica interna a estender-se sempre); ao contrário, **analisá-lo como uma esfera de relações**

> **estratégicas** entre indivíduos ou grupos - relações que têm como foco de interesse a conduta do outro ou dos outros e que, dependendo do caso, dependendo do quadro institucional em que se desenvolvem, dependendo do grupo social, dependendo da época, recorrem a técnicas diversas. (FOUCAULT, 2016, p. 268, grifos meus)

A noção de governamentalidade foucaultiana é fundamental neste texto, pois contribui sobremaneira para problematizar os modos pelos quais se constituiu no âmbito do estado moderno novos mecanismos de vigilância, controle e intervenção do Estado sobre a vida das populações, fruto de novas estratégias entre o Estado, a economia política e os dispositivos de seguridade. Além disso, dentro desse quadro que examina os processos de formação do estado moderno, Bröckling, Krasmann e Lemke (2010, p. 2) mostram que essa problemática se dá em estreita conexão com àquelas referentes ao desenvolvimento e a mudança das formas de subjetivação: "[...] a "governamentalização do Estado" investigada nas palestras é simultaneamente uma "história do sujeito".

Entendendo que Foucault (1982, p. 124) não define o poder do estado moderno como uma estrutura centralizada, mas como uma "[...] combinação tão complexa de técnicas de individualização e de procedimentos totalizadores", descrevo o problema da governamentalidade. A governamentalidade, entendida como "[...] o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança." (FOUCAULT, 2008, p. 143).

seria a maneira pela qual o poder do Estado é vitalizado. Diferente da soberania, a governamentalidade emergiria como característica da modernidade tardia (BUTLER, 2020) e que teria sua gênese no pastorado cristão, como assegura em *Segurança, território, população*.

A análise do governo de Foucault baseia-se, assim, segundo Bröckling, Krasmann e Lemke (2010, p. 3) no pressuposto de que as técnicas pastorais acabaram por produzir formas de subjetivação a partir das quais emerge o Estado moderno e a sociedade capitalista: "[...] A qualidade particular dessa forma de governo especificamente moderna – de seres humanos em vez de "almas" conservaria os objetivos anteriores de felicidade, salvação e bem-estar são agora secularizados e rearticulados no quadro da problemática "política" do Estado".

Operando por "[...] meio de políticas e departamentos, por meio de instituições burocráticas, por meio da lei, quando a lei é entendida como um "conjunto de táticas", e por meio das formas de poder do Estado, embora não exclusivamente" (BUTLER, 2020, p. 75), ela permitiria não apenas a modificação do foco – a família passa a ser lida a partir da população, mas exigiria que todas as ações tenham por fim a vida da população. Para Foucault (2008), a Economia Política passaria a existir justamente como um dispositivo de saber-poder cujos saberes e cálculos estariam voltados para essa população.

Conforme Foucault, a governamentalização do Estado estaria intimamente relacionada à desqualificação da morte, expulsa dos limites do poder. Se o poder soberano era caracterizado por sua capacidade de fazer morrer, o Estado biopolítico e suas técnicas de governo reúnem dispositivos de segurança, cuja função é fazer viver.

No interior dessas modificações, a saúde e a doença vão ter seus sentidos recompostos. Todavia, o problema da morte permanecerá em aberto: como permanecer excluindo tirando a vida numa sociedade em que a morte aparece como um limite? Para Foucault (2010), a resposta reside nos racismos de Estado, na produção de certas formas de subjetividade "matáveis": anormais, perigosos, degenerados. Em nome da segurança da população, novas tecnologias de manutenção da saúde e da expulsão – "[...] *a morte política, a expulsão, a rejeição, etc*" (FOUCAULT, 2010, p. 216, grifos meu) – da vida "biologicamente inferior". O que Foucault (2010, p. 215) chama de "cesura biológica", no interior dos dispositivos biopolíticos de governo, é o que se entende pelo racismo e pelo adensamento da problemática da raça nos séculos XVIII e XIX: "A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização". Assim, Foucault defende que a biopolítica seja uma questão de governamentabilidade, a qual, no âmbito da razão liberal, se articularam saberes e técnicas totalizantes e, ao mesmo tempo, de penetração em práticas cotidianas (VOLKART, 2019).

Nesse ínterim, suas leituras contemporâneas tratam de discutir as potências da biopolítica, na forma da ambiguidade que lhe constitui, do cuidado da população e da otimização da vida, por meio do controle, da vigilância, da regulamentação, da normatividade e da medicalização da vida. Lemke (2010) propõe que essas leituras possam ser divididas em dois esquemas: o primeiro teria vez na filosofia e na teoria social e política, questionando como funciona a biopolítica e que contra forças ela mobiliza, além de procurar traçar uma distinção histórica e analiticamente das formas "clássicas" de representação e articulação política. Já a segunda linha de recepção teria como ponto de partida a sociologia da ciência e tecnologia, a história da ciência e da medicina e a antropologia cultural, juntamente com a teoria feminista e os estudos de gênero e seu principal interesse seria a análise de como o corpo vivo passa a ser entendido como um texto legível e regravável a partir do desenvolvimento da biopolítica.

Acerca da primeira linha de recepção e em correlação com estudos de Foucault sobre os racismos de Estado, Agamben (2010, p.169) trata de uma leitura da biopolítica segundo o paradigma do campo – "[...] o espaço desta absoluta impossibilidade de decidir entre fato e direito, entre norma e aplicação, entre exceção e regra [...] –, cuja genealogia remonta à Antiguidade. O italiano faz notar que o biopoder elege o homem vivente como o sujeito político. Na contemporaneidade, porém, se adensa a separação entre as modalidades de vida. Assim, se os gregos postulavam uma diferença entre a *zoé* e a *bíos*, o paradigma do campo captura o vivente em *zoé* (a vida natural), vida nua e *homo sacer*, numa exclusão que passa a incluir aqueles sujeitos cujo estatuto de cidadania poderia lograr o espaço da *bíos* (a vida própria do cidadão).

Se a modernidade, para Agamben (2010, p.171), marca-se pelo *paradigma do campo* como definidor do político, a vida biológica, nos moldes da *zoé* grega, torna-se um assunto estratégico para o governo e para os Estados. Disciplinar os corpos individuais e regular o corpo da população são táticas que dizem respeito à produção dos dispositivos de segurança e, no limite, à anfibolia da problemática do "povo", que aparece como questão fundamental. Agamben (2010, p.173) observa que é justamente no povo a ser protegido que reside a ambiguidade fulcral: uma exclusão de certas modalidades de vida biológica (dir-se-ia, uma racialização) e uma assunção de certos grupos. Como "fratura fundamental", o povo guarda no bojo tanto a exceção da vida nua quanto a promessa da cidadania e da pertença à ordem da *bíos*.

Naquilo que diz respeito ao segundo esquema de inteligibilidade da biopolítica, Didier Fassin (2006, 2010) propõe uma ampliação do estudo acerca da biopolítica, não nos moldes foucaultianos, já que Foucault estaria mais interessado nas práticas sociais que são exercidas sobre os corpos e populações e têm influência no curso das vidas individuais e histórias coletivas, produzindo sujeitos e não no governo da vida em si[3]. Fassin (2006) propõe então a adição aos dois ramos do estudo da biopolítica de Foucault - o poder e o sujeito - um terceiro termo: a vida. Essa problematização partiria de reatar a tensão inaugural entre zoé e bios, entre a vida nua e a vida social, já que os dois conceitos estariam no cerne da biopolítica contemporânea, na qual são redefinidos permanentemente, como apontou Agamben (2002). É nesse enquadramento que Fassin (2006) expõe as pesquisas que desenvolveu com estrangeiros na França e sobre a epidemia de AIDS na África do Sul, investigações situadas nas fronteiras da vida nua e da vida social, dos vivos e de experiência vivida, onde a biologia encontra a política. De acordo com o autor, essas pesquisas envolvem uma orientação que ele denomina de moral: "[...] eu chamarei de moral no sentido de não definir normas e valores, delimitando o bem e o maligno, o justo e o iníquo, a verdade e a mentira, mas para examinar como constituem, em um determinado contexto histórico e geográfico, essas normas e valores, essas linhas divisórias entre o bem e o mal, o certo e o errado, a verdade e a mentira" (FASSIN, 2006. p. 40, tradução minha).

Mostrando como a questão da vida (e das estatísticas) sempre é ligada, de algum modo, a questões morais e também como essa mesma questão nunca pode ser pensada separadamente da questão da desigualdade, ele afirma que são escolhas coletivas que determinam em grande parte o que será a vida dos vivos e reitera que ao invés do biopoder, que é um poder na/da vida, o estudo das sociedades contemporâneas nos convida a considerar a biolegitimidade, que é a legitimidade da vida, ou seja, o reconhecimento da vida biológica e como ela é formada, regulamentada e normalizada e açambarcada por economias morais e políticas.

[3] Fassin (2006) destaca que embora Foucault não estivesse preocupado com a política da vida, uma exceção aparece em *Em defesa da sociedade*. Neste ciclo de conferências, Foucault entrelaça a questão biológica e a questão política, mostrando como, por um breve momento, "[...] a biopolítica toma para si o direito à violência, eugenia e genocídio, à biologia de racismo e política do nazismo, exclusão e extermínio do outro com base na naturalização de sua diferença no mundo ocidental [...], em outras palavras, a inscrição de zoé no coração da bios" (FASSIN, 2006, p. 38-39, tradução minha). Para o autor, assim como Foucault problematizou o poder, seria necessário (re)problematizar o conceito de biopolítica.

Se entendemos os dispositivos de governo biopolíticos e suas estratégias racializantes de manutenção da vida da população e a centralidade da saúde na produção da segurança, a rede de discursos sobre a aids e o hiv deve ser lida não apenas sob o viés legal-jurídico, mas de acordo com estratégias polivalentes e ubíquas, como se propõe esta tese. Cabe, pois, descrever o funcionamento dos discursos das políticas públicas que tratam do hiv e da aids e que materializam uma forma específica de governo sobre a vida.

3 A POLÍTICA NACIONAL DE HIV/AIDS[4] E OS DISCURSOS PREVENTIVOS[5]

Em meados dos anos 1980, o *Programa Nacional de Aids* tinha emergência e estabelecia as primeiras diretrizes e normas para o enfrentamento da epidemia da aids, embora ainda em um período incipiente de possibilidades terapêuticas (BARROS, 2018). Na década seguinte, fora eleito o primeiro governo federal de forma direta através do voto popular após o período da ditadura militar, o qual, segundo Barros (2018, p. 124), foi "[...] marcado pela política neoliberal de redução do Estado, embasada numa reforma econômica e administrativa com importante corte de gastos públicos, o que implicou em grandes entraves para o avanço da Reforma Sanitária e do Sistema Único de Saúde".

Entretanto, também nessa década, a partir da efetiva definição de dispositivos legais para a implantação do SUS e novas alternativas de medicamentos antirretrovirais (BARROS, 2018), a Política Nacional de Aids se consolidaria –a partir de outros discursos, como aqueles ligados aos direitos humanos. Vianna e Lacerda (2004, p. 33-34) destacam que a pandemia da aids se configurou como o primeiro grande problema de saúde pública a ser administrado em consonância com o modelo dos direitos humanos, ou seja, devendo respeitar opções individuais e singularidades culturais e lidar com a saúde como direito:

> Foi o modelo ético-normativo dos direitos humanos que possibilitou que iniciativas visando ao constrangimento individual – como testagem obrigatória – fossem, por exemplo, consideradas inconstitucionais no Brasil, ao mesmo tempo em que o atendimento público, via sistema único de saúde, fosse garantido como um direito direitos humanos e AIDS, entre eles "a escolha de um padrão moral que oriente as intervenções, podendo ser compartilhado por pessoas de moralidades diferentes"; o acesso efetivo aos avanços para tratamento e diagnóstico da AIDS; a socialização do tratamento e a "emancipação" do doente, para que esse tenha uma participação ativa no tratamento.

Para além da produção discursiva, a década também seria marcada pelas viragens tecnológicas que se dão com início da distribuição dos medicamentos AZT, pentamidina e ganciclovir pelo Ministério da Saúde em 1991 e pelas posteriores atualizações possibilitadas pelo Acordo de Empréstimo do Governo Brasileiro com o Banco Mundial. Encontradas nos projetos Aids I (1994-1998) e Aids II (1998-2002), essas atualizações permitiriam "[...] o avanço na implementação de ações de prevenção e tratamento e de redes alternativas assistenciais, além de fomentar uma ampla participação da sociedade civil" (BRASIL, 1999, p. 09) e colocariam desafios no que se refere as propostas de integração e articulação em níveis intersetoriais da área governamental e não-governamental, não ligados apenas aos setores da saúde (BRASIL, 1999).

No âmbito do Aids I, outra importante viragem emerge: a Lei 9.313/96, que estabelece a distribuição gratuita dos medicamentos aos sujeitos que viviam/vivem com hiv/aids.

Nesse quadro, os discursos do Programa Nacional de Aids têm sua materialização no documento **Política Nacional de DST/Aids: Princípios e Diretrizes**[6], do qual me ocuparei nos próximos parágrafos. Como o objetivo de sistematizar as diretrizes que norteiam

[4] Embora nesse estudo tenha privilegiado me ater aos discursos documentados na Política Nacional de Aids, cabe destacar que a primeira política de prevenção governamental de caráter mais estruturado foi o projeto PREVINA, estabelecido em 1989 pelo Governo Federal. Tratava-se de uma iniciativa federal centralizada no projeto, mas executada por diversas organizações e governos locais. O projeto previna contribuiu para a inserção de mais um ator e sua rede articuladora ao campo: as prostitutas e as associações de profissionais do sexo (GALVÃO, 2000).

[5] Pelúcio (2007, p. 138) defende a tese de que há, em vigor no Brasil, um "modelo oficial preventivo para HIV/aids", definido pela autora como "[...] o conjunto de procedimentos e da linha teórica e metodológica adotado pelo Programa Nacional de Aids, que se baseia, por sua vez, em discursos formulados no plano internacional e que, ao ser encampado em nível nacional, vem sofrendo adaptações regionais".

[6] Embora entenda a pertinência de relacionar os discursos do documento ao contexto sócio-histórico de sua emergência, não me deterei a essa relação, visto que ela já foi traçada por outros autores, como Barros (2018), que analisa a conjuntura política e principais fatos históricos relacionados aos campos científico, burocrático, ao espaço militante e à imprensa com relação à implantação da Política Nacional de controle do hiv/aids no Brasil, no período de 1981-2001.

as ações do Programa, aquelas focadas nos sujeitos dizem respeito à "[...] **promoção à saúde**; da **proteção dos direitos** fundamentais das pessoas com HIV/aids; da **prevenção** da transmissão das DST, do HIV/aids e do uso indevido de drogas; do diagnóstico, do tratamento e da assistência às pessoas portadoras de DST/HIV/aids;" (BRASIL, 1999, p. 5, grifos meus) e têm como base os fundamentos do SUS: a integralidade, a universalidade, a equidade, a descentralização e o controle social.

Essas diretrizes são organizadas no documento em três componentes – *Promoção, Proteção e Prevenção*; *Diagnóstico e Assistência*; e *Desenvolvimento Institucional e Gestão* - que se articulariam entre si para responder aos objetivos do programa:

> 1. reduzir a incidência de infecção pelo HIV/aids e por outras DST;
> 2. ampliar o acesso ao diagnóstico, ao tratamento e à assistência - melhorando sua qualidade -, no que se refere ao HIV/aids;
> 3. fortalecer as instituições públicas e privadas responsáveis pelo controle das DST e da aids.
> Os objetivos específicos que se desdobram são:
> 1. promover a adoção de práticas seguras em relação as DST;
> 2. promover a garantia dos direitos fundamentais das pessoas atingidas direta ou indiretamente pelo HIV/aids;
> 3. aprimorar o sistema de vigilância epidemiológica das DST e do HIV/aids;
> 4. promover o acesso das pessoas com infecção pelo HIV e portadores de DST à assistência de qualidade;
> 5. reduzir a morbi-mortalidade decorrente das DST e da infecção pelo HIV;
> 6. assegurar a qualidade do sistema de diagnóstico laboratorial das DST e da infecção pelo HIV;
> 7. promover a adoção de práticas seguras relacionadas à transmissão sexual e parenteral do HIV;
> 8. promover a articulação com outros setores governamentais e da sociedade civil para o estabelecimento e fortalecimento de políticas públicas nas áreas de DST/aids e de prevenção do uso indevido de drogas. (BRASIL, 1999, p. 11)

Nesta seção, me deterei aos enunciados do componente 1 por acreditar que neles há maior materialização da ligação da política com os processos de objetivação dos sujeitos, entendendo também que ao partir de determinadas categorizações – principalmente àquelas ligadas aos discursos epidemiológicos – esses enunciados contribuem aos obstáculos de acesso a direitos e recursos de determinados sujeitos. Lutas, portanto, que como apontaram Seidel e Vidal (1997) são travadas tanto por meio de discursos quanto em atividades extra discursivas.

Nesse sentido, é necessário apontar que na introdução do documento são lidos os enunciados sobre mudanças no perfil epidemiológico da doença no país: "A tendência atual no Brasil é caracterizada pela **feminização, pauperização, heterossexualização** e interiorização" (BRASIL, 1999, p. 7, grifos meus). Esses enunciados, emergem também na seção *Justificativa*, em que há enunciados sobre uma divisão do curso da epidemia no país e a assunção dos sujeitos que seriam afetados em cada uma de suas "fases": a primeira, "[...] caracterizada por transmissão, principalmente em **homens que fazem sexo com homens**, e por um nível de escolaridade alto"; a segunda "[...] caracterizada pelo incremento da transmissão em usuários de drogas injetáveis e por uma maior disseminação entre as **pessoas que têm prática heterossexual**"; e a terceira "[...] quando se acentua uma maior disseminação entre os heterossexuais, principalmente **mulheres** [...] (BRASIL, 1999, p. 10).

É notável, portanto, que os discursos só adquirem materialidade na forma de Política Pública a partir do registro de casos heterossexuais. As práticas sexuais aqui colocadas em discurso, como diria Foucault (2017), funcionam como mecanismos positivos, geradores e multiplicadores de estratégias biopolíticas de intervenção através de deslocamentos e reversões táticas instaurados sob a rubrica do conceito de vulnerabilidade e não mais de grupos de risco, embora as recomendações colocadas em discurso pela política ainda dividam as práticas sexuais em seguras ou não seguras (como lemos no objetivo específico 01), que parecem dizer respeito a um regime dos corpos reguláveis. Parker e Aggleton (2001, p. 34), dirão que o funcionamento desses programas dirigidos para a população em geral e que não incluíam homens homossexuais e bissexuais nas estratégias de intervenção para as populações de alto risco se deram "[...] por razões de que incluir homens homossexuais (em uma época quando a transmissão homossexual do HIV era a forma mais comum de transmissão no país) os sujeitaria potencialmente ao estigma e à discriminação – este raciocínio levou os ativistas da AIDS a sugerir que o *não fornecimento* de serviços de prevenção era na realidade a verdadeira expressão de estigma e discriminação".

Dito isso, vou ao primeiro componente da política, *Promoção, Proteção e Prevenção,* que será estruturado principalmente a partir dos conceitos de ***promoção da saúde*** e ***prevenção do risco***, em que o primeiro é tido como "[...] parte integrante e substantiva de todo **processo de desenvolvimento econômico** e social com equidade" (BRASIL, 1999, p. 14). Nesse ponto, percebe-se aquilo que Foucault (2010a, p. 188) enunciava quando tratava da crise da medicina: "Atualmente, a medicina encontra a economia por outra via. Não simplesmente porque é capaz de reproduzir a força de trabalho, mas porque pode produzir diretamente riqueza, na medida em que a saúde constitui objeto de desejo para uns e de lucro para outros". Entre as estratégias pertinentes à promoção da saúde, que contemplariam três níveis está aquela ligada à sexualidade: "preparar **a sexualidade plena e responsável**, oferecendo subsídios para a avaliação de situações de **maior exposição** ou de **menor chance de proteção à infecção"** (BRASIL, 1999, p. 9).

Embora seja um truísmo afirmar que as práticas sexuais são alvo de regulação e controle e que nas sociedades modernas esses processos se intensificaram (FOUCAULT, 2017a), Amuchástegui (2006) lembra que o par *sexualidade e saúde*, têm se relacionado cada vez mais nas sociedades ocidentais, graças à tendência geral à medicalização do corpo e de seus prazeres. Uma das associações mais modernas desses conceitos, segundo ela, enfocou o termo "saúde sexual". Frequentemente usado por governos e organizações da sociedade civil, a definição de uma sexualidade verdadeiramente 'saudável' seria pautada nos termos da heterossexualidade monogâmica, como se evidencia na Política quando o tema da *prevenção,* aparece centrado no preservativo como o "[...] principal insumo de prevenção para a redução das taxas de infecção pelo HIV" (BRASIL, 1999, p. 21)

Pelúcio (2007a, p. 24) lembra que embora a política tivesse a preocupação de incluir nas suas propostas e reflexões sobre cidadania sexual, questões relativas à raça/etnia, gênero e orientação sexual, o par *saúde sexual* e *reprodutiva* persistia nos discursos dos documentos, evidenciando que mesmo com uma conotação eventualmente específica e diferenciada para determinadas clientelas, o modelo preventivo do Programa se caracterizava por (1) assumir "[...] valores normativos universalizantes, que não são necessariamente compatíveis nem com a lógica social que preside a organização das chamadas "populações-alvo", nem com os valores diferenciais que lhes servem de base" e (2) por uma racionalidade técnica a qual implicaria na escolha de "[...] meios mais apropriados para se atingir um determinado objetivo, decidindo entre alternativas de ação tidas como eficientes, pois baseadas nesta calculabilidade, anulando-se a subjetividade dos agentes e minimizando os efeitos dos determinantes culturais que interferem nas decisões" (PELÚCIO, 2007a, p. 24).

Argumento que esses meios de que trata a autora, são enunciados na Política como

> • **uso do preservativo, concomitante com estratégias de redução de risco de infecção, entre elas a redução do número de parceiros, de parceiros concomitantes e o adiamento da primeira relação sexual entre os jovens, nas relações sexuais com penetração**. Vale destacar que **o preservativo associa-se a todas essas estratégias e deve-se inserir no contexto do comportamento sexual de homens e mulheres**, levando em conta as condições desiguais de gênero e de poder que existem nas relações sociais e individuais. (BRASIL, 1999, p. 21, grifos meus)

Perlongher já notava em 1987 que as campanhas como a da aids exigiriam como pré-requisito que tudo que dissesse a respeito à sexualidade passasse a ser dito, mostrado, exibido, assumido – "A operação transcende o sigilo branco dos hospitais e torna-se espetáculo. Ponto limite do dispositivo: transformar o antes proscrito em espetáculo" (PERLONGHER, 1987, p. 75) -. A partir dessa viragem se poderia diagnosticar e regulamentar. Nota-se que se fala em diagnosticar e regulamentar os comportamentos e não mais de curar. Esses discursos de regulação dirão respeito, nos documentos da política, "a redução do número de parceiros", "o uso de preservativo", o "adiamento da primeira relação sexual", àquilo que Perlongher (1987, p. 79) dizia ser a medicalização do sexo, aos esquemas normativos do discurso médico que introduzem novas formas de inteligir a sexualidade e suas práticas.

Além do preservativo e suas formas de intervenção, digamos mais corporais, o conceito de gênero, no documento é tido como um modelo de intervenção em que a teoria de gênero é lida também a partir da heterossexualidade:

> [...] parte das teorias estruturais e constitui um sistema complexo de relações pessoais e sociais de dominação e poder. **Este modelo se baseia no pressuposto de que as relações entre homens e mulheres codificam,**

> **delimitam e demarcam as desigualdades de status, poder e recursos materiais**. Portanto representam relações que determinam a situação e a posição em relação ao risco e à vulnerabilidade. (BRASIL, 1999, p. 17)

Outro modelo de intervenção reiterado no documento é o *emporwement:* "[...] processo segundo o qual pessoas mais vulneráveis trabalham juntas para ampliar seu controle sobre os fatores que determinam sua saúde e suas vidas (BRASIL, 1999, p. 17). Esse processo que também implicaria a politização dos sujeitos é descrito por Pelúcio (2007*a*) como uma estratégia de controle, centrada na responsabilização dos sujeitos diante das questões de saúde, que ela chama de "SIDAdanização", em que, a partir da aids, as pessoas devem construir uma bioidentidade política. Relação, portanto, dos discursos documentados pela Política Nacional de aids e das práticas de bioacese, mas que como já lembrou Perlongher (1987) continuam enfrentando uma incontornável resistência: o desejo.

Por fim, antes de me ater aos discursos documentados pelo Plano de Feminização da Epidemia, é necessário apontar que no âmbito do conhecimento contingente das políticas públicas que tomam suas vidas e as produzem, as mulheres que participaram do estudo desconhecem parte fundamental daquele documento que, de forma efetiva, poderia resguardar seus direitos. O componente 1 é finalizado com o resgate da legislação nacional que se aplicaria nos campos de educação, trabalho e previdência, benefícios fiscais, assistência social e normas penais e penitenciárias. No campo da educação, há menção à Portaria Interministerial nº 796 de maio de 1992, a qual assegura:

> Os Ministros de Estado da Saúde e Educação, no uso de suas atribuições, dispõem sobre a irregularidade da realização de testes sorológicos compulsórios de alunos, professores e/ou funcionários, bem como a divulgação de diagnóstico da infecção pelo HIV ou Aids de qualquer membro da comunidade escolar ou a manutenção de classes ou escolas especiais para pessoas infectadas pelo HIV. (BRASIL, 1999, p. 31)

Entretanto, uma das entrevistas, realizada com Virgínia, vê-se que os discursos instaurados pelas portarias e pelas políticas não se efetivam:

> Entrevistadora: Tá, e você acredita que as políticas públicas de saúde onde elas são eficazes?
>
> Virgínia: Eu acho que sim, eu acho que sim. **Porque se é público é uma coisa que tá ao alcance de todos, né?!, então seja ela pras pessoas com hiv ou não**. Assim como eu ia no posto de saúde antes de ter hiv e lia lá o cartaz "Proteja-se!" ou "hiv se pega assim, não se pega assim" ,eu acredito que hoje em dia, no posto que eu vou de saúde, eu não vejo mais nenhum cartaz.
>
> [...]
>
> V: Já. Eu já saí dali, eu já fui direto no SAE. E eu cheguei lá era umas 11:15, o SAE fechava 11:30. E aí eu entrei chorando, né, com os exames na mão. Eu olho lá no SAE, eu conhecia todo mundo. Mãe de ex aluno porque eu dei sempre na mesma escola. [...] Só que eu tive a infelicidade de naquele dia ir na escola e conversar com a minha diretora e contar. E aí ela espalhou né! E ela espalhou e aí aconteceu aquela situação que eu contei**, que eu terminei o ano dando aula, mas não comecei o outro dando aula, elas me tiraram**.
>
> E: Sim.
>
> V: Então foi, foi assim que aconteceu eu fui acolhida no SAE, mas eu fui já excluída na escola.

4 O PLANO DE FEMINIZAÇÃO DA EPIDEMIA

Na seção anterior, procurei atentar para os discursos preventivos presentes na Política Nacional de Aids e seus imperativos, os quais, embora pautados nos conceitos de gênero e empoderamento, foram traduzidos no uso do preservativo e acabaram por inviabilizar outras emergências discursivas que levassem em conta os diferentes grupos que reclamavam a prevenção (CALAZANS, 2021). Contudo, quase uma década depois, veríamos o acontecimento de outras políticas de prevenção as quais conclamavam as especificidades no combate à doença, entre elas o Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e DST entre Gays, outros Homens que fazem Sexo com Homens (HSH) e Travestis, e o Plano Integrado de Enfrentamento à Feminização da Epidemia da

Aids e outras DST (BRASIL, 2007). Nessa seção, procuro descrever as modificações que, na distensão microfísica de uma biopolítica menor, aparecem no documento que trata da feminização[7] da epidemia. Passemos a ele.

Lançado em março de 2007, em conjunto com as comemorações ao Dia Internacional da Mulher, o *Plano Integrado de Enfrentamento da Feminização da Epidemia de Aids e Outras DST* tratava-se de uma construção conjunta do Ministério da Saúde, articulado à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e definiria uma política intersetorial para o enfrentamento da epidemia de aids e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre as mulheres a partir de uma resposta integrada para a redução dos contextos de vulnerabilidade.

Já na introdução do documento, noto a complexificação da abordagem do próprio conceito de saúde, que tende a açambarcar enunciados de atenção e cuidado integral das mulheres em detrimento de um caráter estritamente biomédico com que funcionava a Política Nacional:

> O enfrentamento da feminização da epidemia exige que os esforços se concentrem na **redução dos fatores de ordem social, individual e programática** que implicam a limitação de acesso à informação, aos insumos de prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento. Essas limitações, **somadas aos aspectos socioculturais relacionados às desigualdades de gênero**, se constituem como os principais desafios para a implantação do Plano. (BRASIL, 2007, p. 8, grifos meus)

A discursividade do Plano também parte de uma redistribuição de dizibilidades que tratam da desigualdade de gênero. Se na Política Nacional elas eram lidas apenas como reações desiguais entre homens e mulheres, no Plano, elas serão consideradas a partir de sete eixos, quais sejam: a inexistência ou insuficiência das políticas públicas que efetivem os direitos humanos das mulheres; a persistência de um olhar sobre a saúde das mulheres com um enfoque meramente reprodutivo; a falta de acesso a serviços de saúde que promovam a efetivação de seus direitos sexuais e reprodutivos; a falta de acesso à educação; a persistência de padrões culturais e religiosos que interferem negativamente na adoção de medidas preventivas; a menor empregabilidade feminina, a ocupação das posições mais precárias pelas mulheres e nos setores informais da economia; e a violência doméstica e sexual.

Pode-se notar, portanto, que o Plano amplia as áreas de atuação, num esforço de amplificar a distribuição dos direitos universais e de contemplar as especificidades identitárias e variadas que a categoria "mulher" coloca em pauta. Nesse sentido, aparece a materialização do objetivo geral "Enfrentar a feminização da epidemia do HIV/aids e outras DST por meio da **redução das vulnerabilidades** que atingem as mulheres, estabelecendo políticas de prevenção, promoção e **atenção integral**" (BRASIL, 2007, p. 23, grifos meus).

Na ordem da integralidade, os discursos sobre a sexualidade feminina tratam de pontuar que ela permanece relegada ao silêncio. O que a princípio parece apontar para discussões que levem em conta a possibilidade de experiências sexuais seguras e da ordem do desejo, são materializadas novamente pelo par saúde sexual e reprodutiva, como se observa nos enunciados acerca das ações estratégicas que deveriam ser adotadas, principalmente àquelas ligadas às doenças sexualmente transmissíveis e os problemas ocasionados aos fetos e recém-nascidos e não às mulheres:

> Hoje, acredita-se que as DST estão entre as principais causas relacionadas com **abortos espontâneos, natimortos, partos prematuros, baixo peso ao nascer, infecção congênita e perinatal**, gravidez ectópica, infertilidades, bem como ao câncer de colo de útero. [...]
>
> A prevalência de sífilis em gestantes no Brasil é de 1,6%, sendo esperado um total de aproximadamente 12.000 casos de sífilis congênita, por ano, que poderiam ser evitados, visto ser um agravo curável a custos baixíssimos, evitando-se, assim, **internações desnecessárias para o recém-nascido**, isso sem dimensionarmos o sofrimento materno diante desse processo.

[7] Necessário pontuar que o termo "feminização" é postulado teoricamente pelos discursos epidemiológicos.

> Nessa área, são importantes as ações no campo da atenção básica com ênfase no controle das DST e eliminação da sífilis congênita, no acesso ao diagnóstico precoce da sífilis e do HIV, na prevenção ao câncer de colo de útero e no aperfeiçoamento do sistema de informação. (BRASIL, 2007, p.14, grifos meus)

O documento em questão não trata de práticas sexuais, o que pode ser entendido como índice que regulação proposta seja das práticas sexuais que escapam à proposta do sexo monogâmico, procriativo, heterossexual e autorizado (PELÚCIO, 2009), ou ao que se refere Foucault em *História da sexualidade 1*, quando diz que muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes que não trata de afastar a sexualidade considerada promíscua para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade.

A integralidade também dirá respeito *ao enfretamento à violência* - e sua ligação com a saúde e a ampliação da infecção pelo hiv -, *ao reconhecimento da vulnerabilidade atrelada a raça* - "[...] mulheres índias e negras se encontram em desvantagem no enfretamento da epidemia, à medida que se confrontam com estigma, preconceito e racismo" (BRASIL, 2007, p.15) - *a vulnerabilidade econômica* – "[...] o enfrentamento da pobreza entre as mulheres é condição *sine qua non* para o controle da epidemia (BRASIL, 2007, p. 17) -, *a faixa etária* – "[...] destaca-se o cenário em que vivem as mulheres jovens, pois muitas ainda são privadas de acesso à educação formal [...]. Muitas ainda encontram dificuldades de diálogo e de negociação de práticas seguras [...], muitas são vítimas de violência sexual dentro da própria casa" (BRASIL, 2007, p. 16) - e *ao uso de drogas* – "Estudos mostram que mulheres que fazem uso de drogas injetáveis e que participam de "rodas de pico" o fazem em desvantagem em relação aos homens, em geral, são as últimas a receberem as seringas e as agulhas para se "picarem" (BRASIL, 2007, p. 18)".

Ainda sob o escopo da integralidade, se materializam os enunciados sobre estigma e violação de direitos humanos que orientam uma das diretrizes do documento: "[...] Reduzir o estigma ao HIV/aids e a discriminação em relação às mulheres em situação de vulnerabilidade" (BRASIL, 2007, p. 23), deslocamento positivo portanto, já que na Política Nacional ainda não havia menção a quaisquer implicações do conceito de estigma e suas relações com os processos de subjetivação instaurados pelo acontecimento da doença. No documento, estigma se constitui "Como uma das mais significativas formas de violência e violação dos direitos humanos das mulheres no Brasil. Para a superação da epidemia da aids, o enfrentamento do estigma tem sido fundamental para a redução das vulnerabilidades" (BRASIL, 2007, p. 18).

Esses deslocamentos que venho apontando – e suas operações no interior dos dispositivos – serão ainda mais notados na versão revisada do Plano. Publicada em 2009, a edição seria o resultado de "[...] esforços coletivos de debate e construção participativa ao longo de 2007 e 2008 e pretende contribuir efetivamente para a alteração dos contextos de vulnerabilidade que tornam as mulheres mais susceptíveis à infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis e ao adoecimento" (BRASIL, 2009, p. 8).

A partir da "[...] escuta de movimentos sociais envolvidos no diálogo entre governo e sociedade" (BRASIL, 2009, p. 44) e a pluralidade de suas demandas, a versão revisada trataria de incluir agendas[8] afirmativas - Nessa versão, a instauração das agendas seria instaurada pelo reconhecimento de que segmentos específicos da população mereceriam ter suas demandas visibilizadas. Esses segmentos incluiriam *as mulheres vivendo com hiv/aids*, *as mulheres prostitutas*, *as mulheres que vivenciam a transexualidade*, e *as mulheres lésbicas, bissexuais e MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres)*. Antes de me ater as formas de subjetivação que cada uma dessas delimitações possibilitaria, é imperativo lembrar Butler (2018) e seu Corpos em Aliança. Nele, é sugerido que quando determinados corpos têm emergência na cena pública, "[...] eles estariam exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária".

[8] A fase de definição de "agendas", caracteriza-se pela percepção de problemas existentes que merecem governamental.

Embora a autora trate das situações públicas que implicam a presença física do corpo, desloco sua leitura para os discursos dos documentos e a presença de registro dessas outras formas de vida. Nesse sentido, uma das leituras possíveis que a instauração das agendas no Plano possibilita é que os movimentos sociais ligados às condições das mulheres e sua relação com aids que até então, como destaquei acima, mantinham-se a certa distância, tenham tomado a reivindicação de uma política pública que assegurasse os direitos das mulheres com hiv como uma de suas pautas. A materialização desses enunciados também pode ser lida como um apelo político daqueles sujeitos e "sua luta contra a precariedade [...] exibindo o seu valor e a sua liberdade na própria manifestação" (BUTLER, 2018, p. 16).

Entretanto, não se trata aqui de assumir essas emergências discursivas como a instauração de um momento mais auspicioso na luta contra a doença e sua relação com as mulheres – haja visto inclusive a urgência dos discursos neoliberais e os discursos de desmonte da política nacional de aids que se instauram pelo Decreto 9.795 de 19 de maio de 2019, o qual modifica a estrutura do Ministério da Saúde. Por meio do decreto, o Departamento de IST, AIDS e Hepatites Virais passou a se chamar "Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis -. Como assegura Butler (2018, p. 44), ainda que "[...] o reconhecimento pareça ser uma condição da vida vivível, ele pode servir ao propósito do escrutínio, da vigilância e da normatização". É mister, portanto, que se atente para esses enunciados.

Acerca do primeiro, *mulheres vivendo com hiv/aids,* o que se lê são as formas de subjetivação instauradas por discursos de anonimato e culpabilização:

> Relatos de mulheres que vivem com HIV referem-se à vivência de sua **culpabilização em relação a soropositividade**, manifestada pela sociedade em suas diferentes relações sociais e interpessoais [...] Há a ausência de mecanismos de esclarecimentos de dúvidas e mitos relacionados a viver com HIV/aids, o que, na grande maioria das vezes, reforça **a necessidade do anonimato para as mulheres vivendo com HIV/aids**, e traduzem o contexto de estigmatização e discriminação pelas quais essas mulheres passam no seu dia a dia.
> **Esse mesmo anonimato e os diferentes aspectos que compõem os contextos de vulnerabilidades vivenciados pelas mulheres vivendo com HIV/aids também provocam uma maior fragilidade na participação do movimento social na formulação, monitoramento e avaliação de programas, planos ou políticas públicas de promoção, defesa ou efetivação de seus direitos**. (BRASIL, 2007, p. 44- 45, grifos meus)

Quando se trata das *mulheres prostitutas*, o primeiro enunciado trata de instaurar as práticas de risco que se estabelecem com a sanção dos relacionamentos amorosos e partir do desejo do outro: "[...] Estudos com prostitutas têm demonstrado que o uso inconsistente de preservativos nesses grupos está relacionado à vida sexual com parceiros estáveis não clientes (namorado, marido, companheiro)" (BRASIL, 2007, p. 47). Dessa forma, as ações estratégicas que terão como alvo esse grupo partiriam de critérios abertos de *problematização* que açambarcam tanto as questões relativas a negociação do preservativo nas relações com não clientes - "[...] a utilização de preservativos com parceiros fixos, entre casais, problematização das questões associadas à decisão centrada em quem tem mais poder na relação" (BRASIL, 2007, p. 49) - ao estabelecimento e reconhecimento da prostituição como profissão – "nesse campo, uma primeira e importante conquista foi obtida em 2002, com a inclusão da categoria "profissionais do sexo", na Classificação Brasileira de Ocupações CBO [...]" (BRASIL, 2007, p. 47). Cabe mencionar ainda os discursos de exclusão que se referem a essa parcela da população, principalmente àqueles relativos à saúde e segurança pública:

> No campo da saúde, atitudes de estigma por parte dos profissionais dessa área, as limitações de horário, abordagem fragmentada são problemas estruturais que impactam no acesso e na atenção integral.
> Tais atitudes estigmatizadoras não são prerrogativa dos profissionais da saúde, sendo também reproduzidas por profissionais de programas sociais e de segurança pública, redundando em uma intolerância na forma do atendimento dirigido a essa parcela da população e na invisibilidade relativa às violações sofridas, como violência física, de gênero, sexual, que são reforçadas pela violência institucional. (BRASIL, 2007, p. 48)

No documento ainda se lê que "[...] tais questões, não obstante serem centrais para as prostitutas, permanecem invisíveis para a população geral". Como apontava Foucault (2008b, 2010a), trata-se, portanto, de uma rede de técnicas, práticas e discursos que tomam a vida como objeto e que descrevem os limites da normalidade, do risco e da segurança, da ordem das exclusões.

Os discursos que instauram os saberes sobre *As mulheres que vivenciam a transexualidade* no Plano tratam de demarcar sua ligação com um dos regimes de verdade que produzem os discursos sobre o sexo e o gênero, os discursos epidemiológicos:

> Historicamente, o grupo populacional de **mulheres que vivenciam a transexualidade tem sido relacionado como integrante da categoria epidemiológica HSH (Homens que fazem Sexo com Homens**), composta por homossexuais, homens que fazem sexo com homens e travestis. Isso se deve ao fato de que a sociedade, como um todo, não reconhece a identidade de gênero vivida por essas pessoas (independentemente de seus órgãos genitais de nascimento), bem como o fato de que a transexualidade tem sido equivocadamente considerada um rótulo identificador. **Deslegitima-se, assim, a identidade de gênero feminina experienciada por esse grupo populacional específico**. Tal contexto resulta na errônea concepção de que essas pessoas não são mulheres, mas "homens que querem mudar de sexo".

O que o plano evidencia são os regimes de dizibilidade dessas mulheres no âmbito dos serviços públicos, os quais limitar-se-iam "[...] a enxergá-las e tratá-las como "homens" (BRASIL, 2007, p. 53). Este debate pode ser aproximado daquele travado por Butler (2014) em *O Clamor de Antígona*. As condições de enunciabilidade na cena pública e a divisão normativa dos corpos e do luto são questões centrais da problematização dos gêneros e das corporalidades. Como aponta a norteamericana, trata-se de pensar em estratégias de perversão da Lei e não de assunção de sujeitos perversos no interior dos dispositivos. Nese caso, a relação entre gênero, orientação sexual e práticas e afetivas e de prazer é colocada em suspenso justamente por ainda funcionar conforme uma separação entre corpos humanos e precários, na ordem da biopolítica, como evidencia o documento.

Último tópico das agendas afirmativas, *As mulheres lésbicas, bissexuais e MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres)* também teriam suas formas de subjetividade instadas a partir dos discursos de invisibilização, principalmente nos serviços de saúde: "As lésbicas e as bissexuais permanecem vulneráveis, tanto por sua invisibilidade nos serviços de saúde, quanto pela vulnerabilidade individual e social instaurada pelo modelo heteronormativo, que, além de anular o erotismo da mulher no campo da saúde, está apenas preparado para atuar e intervir quando a relação sexual se estabelece a partir do parâmetro do risco ou não de gravidez" (BRASIL, 2007, p. 55).

A leitura que teço desses enunciados inscritos no Plano de Feminização da Epidemia e sua revisão, em conjunto, trata da ordem da tensão como gostaria Agamben (2010): segundo enunciados microfísicos e agonísticos que permitem distensões e novas modalidades de conduta no interior dos dispositivos. Se Agamben fala numa aporia, que consiste na dessubjetivação e na consequente re-identificação dos sujeitos pelas tecnologias de governo, é justamente na miríade de categorias com que o sujeito opera em relação ao Estado e às políticas de governamentalização que residiria o risco: tanto da codificação quanto da resistência, cotidiana e menor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida nessas páginas tratava de analisar o modo como as políticas públicas que tematizavam o hiv e a aids e sua relação com as mulheres produziam e conformavam certos tipos de sujeitos à existência a partir das discursividades expressas em seus documentos.

Antes de encerrar esse texto, é importante resgatar que no âmbito do movimento feminista a concepção unificada de identidade como condição necessária para o estabelecimento de políticas ainda é problematizada. Na defesa do conceito unificado de identidade, haveria a proposição de que ele ainda é necessário para reivindicações políticas em nome das mulheres; em contrapartida, os críticos das políticas de identidade afirmam que essa demanda pressupõe uma norma – branca, heterossexual e classe média – excludente e que obstrui a diversidade dentro da própria categoria, a qual as feministas deveriam evitar (MCLAREN, 2016). Nestas páginas, não assumo que uma ou outra concepção seja mais subversiva, mas noto com McLaren (2016, p.159), que "[...] As políticas de identidade têm sido bastante efetivas na mobilização de grupos oprimidos na cobrança por igualdade política e de oportunidades", embora essa nomeação – como vemos no plano de Feminização da epidemia – através da documentação acabem

por vincular o indivíduo a categorias de identidades, "[...] formadas através de práticas excludentes, que Foucault chama de práticas divisoras, que dividem o normal do anormal".

No Plano de feminização da epidemia, por exemplo, vemos que as categorias que tomam as práticas sexuais serem especificadas – *As mulheres lésbicas, bissexuais e MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres)*. Essa emergência de categorias em um discurso documentado de saúde pública – que visa práticas de monitoramento, regulação e controle das populações - pode ser lida a partir de Foucault (2017a, p. 111), quando em referência ao aparecimento, no século XIX, dos discursos sobre as espécies de homossexualidade permitiram um avanço dos controles sociais na região da perversidade, "[...] mas também possibilitou a constituição de um discurso "de reação": a homossexualidade pôs-se a falar por si mesmo, a reivindicar sua legitimidade, ou sua "naturalidade", e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico".

Nesse sentido, gostaria de demarcar que a análise tecida nesse artigo se pautou, portanto na regra da polivalência tática dos discursos, entendendo-os como elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força e questionando-os tanto no nível de sua produtividade tática quanto de sua integração estratégica (FOUCAULT, 2017a).

A análise empreendida não pode deixar de levantar questões em torno dos discursos de constituição de outra categoria, a das *mulheres responsáveis*, que se efetivam principalmente pelo conceito de empowerment, como descrevi acima. Peterson *et al.* (1996, p.64), argumentam que "[...] sob a abordagem neoliberal de governo, espera-se que o sujeito enquanto cidadão se adapte aos objetivos do estado voluntariamente, na maioria dos casos sem necessidade de coerção direta".

Noto, por fim, que as políticas públicas analisadas aqui, embora instauradas no âmbito ambíguo da biopolítica e da governamentalização que tomam de assalto as vidas que irremediavelmente estão atadas a elas, podem ser lidas como lugares de aparecimento de outros arranjos políticos ligados aos movimentos sociais e suas lutas pelo direito a saúde e pelos direitos humanos. A emergência discursiva desses documentos, principalmente do Plano de Feminização da Epidemia, são lidos a partir da possibilidade de uma biopolítica menor e, portanto, segundo a ordem também da agência da PVHIV.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Homo sacer:* o poder soberano e a vida nua I. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

AMUCHÁSTEGUI, A. Procesos Subjetivos de ciudadanía en México: heteronormativida y salud. *In*: CÁRCERES, C. F et al. (ed.). *Sexualidad, Estigma y Derechos Humanos* – desafíos para el acceso a la salud en América Latina.
Lima: FASPA/UPHC, 2006. p. 209-221

BARROS, S. G. *Política nacional de Aids*: construção da resposta governamental à epidemia HIV/aids no Brasil. Salvador: Edufba, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. *Política Nacional de DST/AIDS,* 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Plano Integrado de Enfrentamento da Feminização da Epidemia de Aids e outras DST*. Edição revisada, 2009.

BRÖCKLING, U.; KRASMANN, S.; LEMKE, T. (ed.). *Governmentality:* current issues and future challenges. New York: Routledge, 2010.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas***:** notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Editora José Olympio LTDA, 2018.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder*: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, J. *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CALAZANS, G. Prevenção do hiv e da aids: a história que não se conta / a história que não te contam. *Seminário de Capacitação em HIV*: aprimorando o debate III. Rio de Janeiro: ABIA, 2019.

DE MEDEIROS, Patricia Flores; DE FÁTIMA GUARESCHI, Neuza Maria. Políticas públicas de saúde da mulher: a integralidade em questão. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v17., n.1, p. 31-48, 2009. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/24327577?seq=1#page_scan_tab_contents.
Acesso em: 08 set. 2018.

FASSIN, Dr. La biopolitique n'est pas une politique de la vie. *Sociologie et sociétés*, v. 38, n, 2, p. 35-48, 2006.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica.* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade* – curso no Collège de France, 1975-1976. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade* – curso no Collége de France, 1980-1981. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I:* a vontade de saber. 6.ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LEMKE, Thomas. Beyond Foucault: From Biopolitics to the Government of Life. *In:* BRÖCKLING, U.; KRASMANN, S.; LEMKE, T. (ed.). *Governmentality*: current issues and future challenges. New York: Routledge, 2010. p.165- 184

MCLAREN, M.A. *Foucault, feminismo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016.

PARKER, R.; ANGGLENTON, P. *Estigma, Discriminação e*
Aids. Coleção Abia – Cidadania e Diretos, nº 1. Rio de Janeiro: Abia. 2001
Disponível em http://www.soropositivo.org/abia/estigma/3.htm. Acesso em 20 nov 2020

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele*: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids ea repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 1, p. 125-157, 2009.

PERLONGHER, N. O que é AIDS. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PETERSON, A. *et al.* The shifting politics of patient activism: From bio-sociality to bio-digital citizenship. *Health,* v. 23, n. 4, p. 478-494, 2019.

SEIDEL, G.; VIDAL, L. The implications of 'medical','gender in development'and 'culturalist'discourses for HIV/AIDS policy in Africa. *In*: SHORE, C. WRIGHT, S. *Anthropology of policy*: Perspectives on governance and power, New York: Routledge, 1997. p. 30-51

SHORE, C. WRIGHT, S. *Anthropology of policy*: Perspectives on governance and power, New York: Routledge, 1997.

UNITED NATIONS POPULATION FUND – UNFPA Brasil. *Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher, Pequim, 1995*. Brasília: Fundo de População das Nações Unidas no Brasil, Casa da ONU, 1995. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/declara%C3%A7%C3%A3o-e-plataforma-de-a%C3%A7%C3%A3o-da-iv-confer%C3%AAncia-mundial-sobre-mulher. Acesso em: 06 abr. 2021.

VIANNA, A.; LACERDA, P.. *Direitos e políticas sexuais no Brasil*: o panorama atual. Rio de Janeiro: CLAM/CEPESC, 2004.

VOLKART, Ana Caroline Czerner. *Igualdade de gênero, urgência humanitária e gestão da vida*: a capitalização delas por eles na HeforShe. 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://bu.ufsc.br/teses/PLLG0781-D.pdf. Acesso em: 29 abr. 2020.

Recebido em 11/09/2022. Aceito em 06/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90954

O ENIGMA DA AUTORIA, O CONTROLE DA PRODUÇÃO DISCURSIVA E A MANIFESTAÇÃO DA VERDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA QUATROCENTISTA *VIRGEU DE CONSOLAÇON*

EL ENIGMA DE LA AUTORÍA, EL CONTROL DE LA PRODUCCIÓN DISCURSIVA Y LA MANIFESTACIÓN DE LA VERDAD: UN ANÁLISIS DE LA OBRA CUATROCENTISTA *VIRGEU DE CONSOLAÇON*

THE RIDDLE OF AUTHORSHIP, THE CONTROL OF THE DISCURSIVE PRODUCTION AND THE MANIFESTATION OF TRUTH: AN ANALYSIS OF THE 14TH CENTURY WORK *VIRGEU DE CONSOLAÇON*

Bruna Plath Furtado*
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise acerca da função autor e dos papéis desempenhados pelos sujeitos na manifestação da verdade, tomando como materialidade a obra medieval portuguesa *Virgeu de consolaçon* (fins do século XIV e início do século XV). Para tanto, o estudo tem como subsídio teórico-metodológico a análise de discurso, principalmente os preceitos estabelecido pela filosofia de Michel Foucault e mobiliza, ao longo das reflexões, sobretudo os conceitos de *aleturgia* (FOUCAULT, 2014a) e *autor* (FOUCAULT, 2000, 2014b; CHARTIER, 2012). O desenvolvimento das análises se configura a partir da questão não respondida em relação à atribuição de uma autoria à obra (que motivou investigações filológicas ao longo do século XX) para demonstrar os efeitos, justamente, do apagamento da autoria no *Virgeu de consolação* na medida em que este gesto possibilita compreender o papel do sujeito como autor do manuscrito e ao mesmo tempo seu papel na revelação da verdade proporcionada pela obra em questão. Como resultado, tem-se: I. o reconhecimento do *Virgeu de consolaçon* como aleturgia, ou seja, como manifestação ritual da verdade; II. a identificação do papel desempenhado pelas autoridades que enunciam no interior da obra e III. a identificação do papel desempenhado pelo monge leitor da obra.
PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Autor. Aleturgia. Verdade.

* Professora do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Maringá (UEM), doutora em Letras/Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UEM e integrante do Grupo de Pesquisa em Leitura, Análise do Discurso e Imagem (GPLEIADI/UEM/CNPq); E-mail: brunaplath@gmail.com

RESUMEN: Este trabajo presenta un análisis a cerca de la función autor y de los roles desempeñados por los sujetos en la manifestación de la verdad, tomando como materialidad la obra medieval portuguesa *Virgeu de consolaçon* (fines del siglo XIV y comienzo del siglo XV). Por tanto, el estudio tiene como apoyo teórico-metodológico el análisis del discurso, principalmente los preceptos establecidos por la filosofía de Michael Foucault y moviliza, a lo largo de las reflexiones, especialmente los conceptos de *aleturgia* (FOUCAUT, 2014a) y *autor* (FOUCAULT, 2000, 2014b; CHARTIER, 2012). El desarrollo de los análisis se configura a partir de una pregunta no contestada en relación a la atribución de una autoría a la obra (que motivó investigaciones filológicas a lo largo del siglo XX) para demonstrar los efectos, precisamente, del borrado de la autoría de *Virgeu de consolação* en la medida en que este gesto permite comprender el papel del sujeto como autor del manuscrito y al mismo tiempo su papel en la revelación de la verdad proporcionada por la obra en cuestión. Como resultado tenemos: I. reconocimiento del *Virgeu de consolaçon* como aleturgia, o sea, como manifestación ritual de la verdad; II. la identificación del papel desempeñado por las autoridades que declaran dentro de la obra y III. la identificación del papel desempeñado por el monje lector de la obra.
PALABRAS CLAVE: Análisis del discurso. Autor. Aleturgia. Verdad.

ABSTRACT: This study presents an analysis about author-function and about the roles played by the subjects in the manifestation of the truth. This study was based on the analysis of the portuguese work *Virgeu de consolaçon* (unidentified manuscript whose production dates from the end of the 14th century and the beginning of the 15th). Based on the theoretical-methodological support of the discourse analysis, mainly the foucauldian theory, the study mobilizes, above all, the concepts of *aleturgy* (FOUCAULT, 2014a) and *author* (FOUCAULT, 2000, 2014b; CHARTIER, 2012). The development of the analyzes is configured from the unanswered question about the identification of an author to the work (that motivated philological investigations throughout the 20th century) and with the aim of demonstrating the effects, precisely, of the erasure of authorship in the *Virgeu de consolaçon*, whose gesture pemit to understand the of subjet as author of the manuscript and his role in the revelation of the truth provided by the work. As a result, we have: I. the definition of the *Virgeu de consolaçon* as a ritual manifestation of the truth, by the role of the author; II. the identification of the role played by the authorities who enunciate in the work and III. the identification of the role played by the monk who reads the work.
KEYWORDS: Discourse analysis. Author. Aleturgy. Truth.

1 INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida uma abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso, sobretudo, em uma perspectiva que tem por subsídio os preceitos foucaultianos, este trabalho tem como objetivo principal apresentar uma análise acerca da compreensão de autor e da manifestação da verdade a partir de observações tecidas pelo estudo da obra portuguesa *Virgeu de consolaçon* (início do século XV). Para tanto mobilizamos principalmente os conceitos de *aleturgia* (FOUCAULT, 2014a) e de *autor* (FOUCAULT, 2000, 2014b; CHATIER, 2012).

O desenvolvimento das reflexões que apresentamos a seguir tem como escopo a mencionada obra *Virgeu de consolaçon* (*Virgeu*), um manuscrito medieval português que compõe, com outros códices[1], a coleção dos Códices Alcobacences, atualmente, sob responsabilidade da Biblioteca Nacional de Portugal, e que são originários da livraria do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça. O manuscrito em questão faz parte do códice 211 (juntamente com os textos: *Catecismo de doutrina cristã*, *Tractado das mediações e pensamentos de S. Bernardo* e *Estória de huum cavaleiro a que chamavão Tungulu*) e é constituído por 78 capítulos divididos em cinco partes, subdivididas nos seguintes temas: pecados, vícios e virtudes.

O título da obra *Virgeu de consolaçon* indica tratar-se de um jardim, um pomar de conforto e alívio, para aqueles que adentram nele, sobre o que se afirma:

[1] Conforme acervo registrado pela Biblioteca Nacional de Portugal, os Códices Alcobacences constituem uma coleção total de 461 códices.

> I[2] E portanto esta obra he chamada Virgeu de Plazer e de Consolaçom, porque ben assi como no virgeu son achadas flores e fructos de desvayradas maneyras, assy en esta obra **son achadas muitas e desvayradas** auctoridades, que dam plazer maravilhosamente ao coraçon daquel que as cõ voontade leer e ouvir (VIRGEU, 1959, p. 3, grifo nosso).[3]

Desse modo, o *Virgeu* se propõe a ser este lugar reconfortante e onde o leitor pode matar sua sede de conhecimento e desfrutar dos prazeres proporcionados, para aqueles que o leem, pelos ensinamentos das diversas autoridades cujas vozes constituem-no. Ao todo são citadas 62 autoridades no *Virgeu*, em um total 624 citações que compõem o texto. Assim o *Virgeu* compõe-se enquanto obra de revelação da verdade ao seu leitor, o monge, inserida numa cultura de si e relacionada ao modelo ascético-monástico de cuidado de si (*epimeléia ton allon*), que identificamos a partir de Foucault (1997, 2006, 2008, 2017); dentre os principais objetivos que recuperamos pelos ensinamentos que o constituem identificamos a condução deste monge nos preceitos da vida monástico-cristã e os ensinamentos que visam levar o homem a alcançar a salvação e a condição angelical, de verdade divina que ele perdera em decorrência da queda de Adão, conforme uma compreensão do mito judaico-cristão [4].

Nesse sentido, o *Virgeu* como "virgeu", como jardim, como pomar de sabedoria estabelecido é este lugar de reencontro do homem com sua constituição ligada a Deus e de negação da carne, ao mesmo tempo em que é um vislumbre do paraíso celeste que se espera e que é o objetivo último do seu leitor – tanto que, após superar todos os pecados principais da primeira parte, os vícios da segunda parte e desenvolver as virtudes das três partes seguintes, chega-se aos louvores do paraíso, no último capítulo da obra.

A respeito de como no interior deste *virgeu* a verdade se manifesta a partir do estabelecimento de uma função de autor específica para contexto sócio-histórico de emergência do manuscrito, tratamos a seguir. Para tanto, em **2** descrevemos como a o enigma da autoria da obra em questão foi submetida a investigações com conclusões diversas entre si; em **3** abordamos a questão por meio do conceito de autor que recuperamos principalmente de Foucault (2000, 2014b); e em **4** demonstramos como a esta função autor como procedimento de controle discursivo se liga um forma de manifestação da verdade que o filósofo denomina *aleturgia* (FOUCAULT, 2014a).

2 O ENIGMA DA AUTORIA DO *VIRGEU DE CONSOLAÇON*

Para compreendermos como se configura a função autor que observamos no *Virgeu*, iniciemos por observar que, no enunciado recuperado por **I**, destaca-se a menção à presença de variadas autoridades no interior da obra e cuja relevância está atrelada ao fato de que a autoria da obra não é identificada no manuscrito, bem como não há nele qualquer assinatura que pudesse indicar o monge copista responsável. Acerca dessa questão, Veiga (1959) explica que também nos registros e no inventário dos Códices Alcobacenses a autoria do *Virgeu* não é indicada e que uma tradição de pesquisadores supõe tratar-se de uma tradução portuguesa da obra *Veridiarium Consolationes* de S. Pedro Pascoal, enquanto outros estudiosos mantêm a questão da indicação de autoria do *Virgeu* em aberto.

Entretanto, conforme Veiga (1959), estudos de comparação entre três obras – o *Virgeu* português, o *Vergel de grand consolacion* em castelhano e o *Viridario* ou *Vergel de consolación* impresso em Sevilha em 1497 – e que foram desenvolvidos pelo padre Mário Martins em meados do século XX – cuja metodologia se deu por meio da comparação entre os títulos dos livros, os títulos dos

[2] Ao longo deste artigo, retomamos em nossas análises três excertos do *Virgeu* indicados pela marcação **I, II** e **III**, conforme a ordem em que o trecho em questão é citado neste trabalho. Nossas análises foram subsidiadas pela consulta a dicionários de português arcaico e medieval, o que resultou em um processo de tradução do *corpus*, desse modo a apresentação dos enunciados destacados nas análises é acompanhada por uma versão traduzida em nota de rodapé.

[3] E portanto esta obra é chamada *Pomar de Prazer e de Conforto*, porque bem assim como no jardim são encontradas flores e frutos de variadas formas, assim nesta obra são encontradas muitas e variadas autoridades, que dão prazer maravilhosamente ao coração daquele que as ler e ouvir com vontade.

[4] A respeito disso, ler *A renúncia de si pela confissão e pela obediência na direção espiritual: o ascetismo monástico em Virgeu de Consolaçon* (FURTADO; COITO, 2021).

capítulos e entre alguns trechos dos códices – indicaram ser o *Virgeu* a versão medievo-portuguesa do posterior incunábulo castelhano denominado *Vergel de consolación* que fora impresso na cidade de Sevilha em 1497 e cuja autoria se atribui ao frei Jacobo de Benavente, frei dominicano que viveu no século XIV. Assim, a respeito da comparação dos dois textos, Martins (1956, p. 64) afirma: "Podemos concluir, com forte segurança, que a obrazinha em português é a tradução do *Vergel de Consolación* do escritor dominicano [Jacobo de Benavente]".

Tais estudos também registram algumas diferenças entre as obras que, na perspectiva do padre, não invalidam a tese que concluiu que tanto o texto em castelhano quanto o texto em português seriam uma versão manuscrita da obra impressa em Sevilha: "Em síntese: duas obras, da mesma linguagem, título, época, encerrando o mesmo conteúdo ideológico e emocional, em tudo substancialmente iguais. Notam-se algumas diferenças, que em nada invalidam a nossa tese, sobretudo para quem está ao par das variantes infinitas dos livros da Idade Média, através da arbitrariedade dos copistas" (MARTINS, 1956, p. 68).

Entretanto, acerca da comparação entre as três obras e no que concerne às conclusões em relação à autoria do *Virgeu*, Veiga (1959) elabora uma comparação filológica entre os textos que apresenta a questão sob uma perspectiva diferente e na qual se conclui que os aspectos relativos tanto à autoria como à semelhança dos textos são mais complexos e não permitem uma conclusão fechada a respeito da identificação da autoria, ainda que o filólogo não negue o fato de os textos em questão coincidirem (como já havia constatado Martins).

A primeira questão ressaltada por Veiga (1959) é a de que não há, nas obras analisadas, indícios de marcação de autoria. Sendo indicado no incunábulo *Vergel de consolation* apenas o nome dos editores, daqueles que encomendaram a obra e do local de impressão. No caso deste texto, o pesquisador informa que a atribuição de autoria preferencialmente indicada como de Jacobo Benavente é designada por catálogos de obras e por eruditos. Em seguida, Veiga (1959), ao defender o desconhecimento da autoria do *Virgeu*, destaca a existência de outras cópias em outras línguas de obras igualmente denominadas durante o mesmo período devido à pertinência do assunto desenvolvido em ambos os textos, assim, ressaltando:

> Outro aspecto importante é o assunto, pertencente à literatura religiosa e comum às línguas românicas na Idade Média. O Pe. Mário Martins, depois de citar várias obras com títulos semelhantes em outros idiomas, observa: "Também existe o Vrigiet de solas (Vergel de consolação) [...] num francês arcaico, de duzentos ou trezentos." [...] D. Carolina Michaëlis informa que o italiano Bono Giamboni se serviu do Virgeu de Consolaçon para compor o seu Giardino dela Consolazione. O tema gozava de prestígio no século de Quatrocentos. Em castelhano, a obra teve duas edições num espaço de dois anos: 1497 e 1499, e note-se que, pelo transcrito nos Estudos de M. Martins, julgamos tratar-se de cópias distintas. Como se depreende, **identificar o autor é um sumidouro que não nos atrevemos a penetrar**. No entanto, ao menos uma pergunta se impõe; com tantas cópias, não será o frade domínico Jacobo Benavente um simples escriba do ms. castelhano? (VEIGA, 1959, p. XII, grifo nosso)

As reflexões acerca da autoria incerta elaboradas pelo filólogo, que teve acesso e comparou também o *Virgeu*, o incunábulo castelhano e o manuscrito castelhano, são bastante pertinentes e responsáveis ao manter aberta a questão da identificação do autor sob a justificativa de ausência de documentos que pudessem confirmar a atribuição de um nome à autoria do texto. De outro modo, a explanação referente à fecundidade do assunto bem como à circulação ampla de textos semelhantes ou traduções, adaptações de um mesmo texto durante o mesmo período e por um vasto território que compreende, contemporaneamente, Portugal, Espanha, França e Itália, permite-nos ter dimensão da circulação dos discursos sobre os quais se materializam os enunciados no *Virgeu*.

Entre as suas conclusões, o pesquisador nos explica que os textos comparados se caracterizam pelo que ele denomina como interpenetração, sendo apógrafos tardios cuja obra modelo original é desconhecida. Por meio de uma análise filológica, Veiga (1959) conclui que se trata de cópias de cópias, ou seja, há indícios de que esses textos foram baseados em uma mesma obra, mas com proveniência de cópias diversas, permanecendo em aberta a identificação definitiva de uma autoria ao texto.

2 A AUTORIA COMO PROCEDIMENTO DE CONTROLE DISCURSIVO E O DIZER VERDADEIRO

O desenvolvimento dos estudos apresentados na seção anterior deste trabalho, que tinham por objetivo atribuir, decifrar o enigma da autoria do *Virgeu*, ao longo do século XX, poderia ser justificado a partir das reflexões de Foucault (2000) segundo as quais a atribuição de um nome próprio a uma autoria equivale, desde o início século XVIII[5], não apenas a uma indicação de referência, mas também a uma série de descrições que poderiam ser atribuídas ao autor em questão. Tal fato significa que o nome do autor não equivale exatamente ao nome próprio e por isso sua atribuição passa a ser relevante para alguns estudiosos, pois indica, na ordem do discurso, quais atributos lhes podem ser direcionados ou não, sobre o que Foucault nos explica:

> [...] o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer "isto foi escrito por fulano" ou "tal indivíduo é o autor", indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura receber um certo estatuto. (FOUCAULT, 2000, p.45)

Essa dimensão de autoria, sobre a qual trata Foucault, juntamente com uma outra perspectiva de autoria – cujas diferenças em relação à função autor compreendemos com Chartier (2012, p. 27) – que toma o autor relativamente ao seu histórico-sociológico, sobretudo, à sua bibliografia, ao seu acúmulo de saberes, à sua identificação profissional, social e cultural, é que motivou o desenvolvimento de estudos e especulações que, a partir do século XX, atribuíram ou buscaram sem sucesso comprovar qual o nome do indivíduo por traz da elaboração do *Virgeu* em uma tentativa também de, uma vez que temporalmente distanciados, dar o devido relevo à importância da obra no cenário do discurso monástico dos séculos XIV e XV.

Com isso, como observamos, Foucault não nega a existência do indivíduo, o "[...] falante que pronunciou ou escreveu um texto" (FOUCAULT, 2014b, p. 25), mas evidencia "[...] o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade de origem de suas significações, como foco de coerência" (FOUCAULT, 2014b, p. 25), pois o discurso que ele produz retoma discursos outros e nesta retomada assume o que o filósofo chama de função autor, ou seja, aquilo que ele escreve, aquilo que ele não escreve, aquilo que ele desenha, que ele esboça em uma obra unidade, coerência e certa regularidade discursiva.

Nesse sentido, ainda que impossibilitada a identificação definitiva do nome próprio ligado à obra, há de se considerar o sujeito que, na dimensão discursiva, ocupou uma posição de autor e mobilizou os enunciados, as autoridades e seus dizeres específicos na composição do texto, ao mesmo tempo em que silenciou outros tantos, possibilitando a reunião de inúmeros enunciados dispersos, estes, sim, marcados pela condição de verdade a partir dos nomes que os ligam a uma identificação de autoria, de autoridade. Assim, não é pela autoria imediata do *Virgeu* que Martins (1956) tentou revelar e cuja atribuição Veiga (1959) questionou, mas é pela seleção das autoridades e dos enunciados que o constituem que a relevância e a permanência lhes foram atribuídas no contexto de emergência. Dito de outro modo, não é pela identificação de um nome de autor que a obra monástico-cristã estabelece seu estatuto de verdade, mas pelo modo como uma função autor é preenchida na sua emergência, como observamos adiante a partir de **II**.

Sobre esse aspecto, percebemos que o apagamento da indicação de autoria "justifica-se" no interior da própria obra quando o sujeito na função de autor marca a importância e a necessidade dos ditos atribuídos às autoridades que compõem seu texto e que são por ele denominadas em detrimento do seu próprio dizer que quer entender-se silenciado, apagado, enquanto deixa falar as autoridades. A esse respeito, na apresentação do *Virgeu*, temos:

> II Segundo como diz o apostolo sam Pedro, porque os sanctos de Deos, em como quer que fossem homẽes, falarom pelo Spiritu Sancto, e convẽ que sigamos e ajamos que eles disserom, se queremos que o que nós dissermos seja firme, porque o que nós dizemos nõ há auctoridade nẽ seria firme, se nõ fosse provado per autoridades de sancta Escriptura e dos sanctos.

[5] Segundo Roger Chartier, na obra *O que é um autor* (2012), a atribuição da autoria nesses moldes se dá desde o século XVIII.

> E portanto trabalhey com gram desejo de juntar esta obra em louvor de Deos e a proveito de todos, specialmente daqueles que quiserem propoer a palavra de Deos, porque em esta obra acharõ geeral avondança de autoridade de sanctos, e d'algũus sabedores, que daram odor de gram plazer, assi como flores ajuntadas de desvayradas maneyras e de desvayrados logares. (VIRGEU, 1959, p.3, grifos nossos)[6]

Em **II,** aquele que se coloca como autor atribui a autoridade de sua fala sobre os que ele retoma como santos, sábios e na denominada santa Escritura, explicando ao seu leitor, a partir do subsídio de são Pedro, que tanto a firmeza das palavras como a autoridade delas reside no fato de que aqueles que falam no *Virgeu* falam por meio do Espírito Santo e, portanto, não representam a fala desautorizada de um "homem qualquer", mas uma fala cuja proveniência é Deus. Somente há autoridade naquilo que se fala, quando aquilo que se fala encontra subsídio na autoridade dos santos e da santa escritura.

O autor do *Virgeu* explica que seu papel diante deste trabalho foi o de trabalhar para juntar em uma obra em louvor a Deus os ensinamentos dessas autoridades compondo a espécie de um jardim de sabedoria, no qual cada fala de autoridade citada revela um aroma de prazer ao leitor. Neste trabalho de seleção de citações específicas, de organização delas fora do contexto "primeiro" e de apagamento de outras que poderiam, de outro modo, enunciar no *Virgeu*, reside a função do autor da obra em questão.

A esse respeito, Chartier (2012, p. 32) descreve, para os textos produzidos no mesmo período do *Virgeu*, uma espécie de jogo entre "[...] o ator e o escrito investido de *auctoritas*, o primeiro no sentido daquele que glosa, que comenta em língua vulgar os textos dos segundos que, escritores da Antiguidade ou membros da tradição cristã, são investidos de *auctoritas"* (CHARTIER, 2012, p. 32).

Isso posto, compreendemos que é na tensão entre esses dois agentes (o que glosa e o que é constituído de *auctoritas*) que os enunciados que compõem o discurso acontecem.

Assim, podemos identificar, mobilizando as discussões elaboradas por Chartier (2012, p. 53), que a composição do *Virgeu* é permeada por uma "[...] ligação estabelecida entre o reconhecimento de sua força de verdade e a presença de um nome próprio que lhe dê autoridade", caracterizando um modelo de validação do dizer denominado como aristocrático uma vez que são pré-definidos aqueles (os poderosos, as autoridades) que têm o poder de dizer a verdade.

Nesse sentido, o nome próprio por trás da autoria do *Virgeu* não tem relevância no momento de sua emergência e circulação em Alcobaça, pois é a condição de verdade preenchida pelas autoridades que falam no interior dela que coloca o manuscrito no rol de textos importantes para a literatura monástica de Alcobaça, sobre o que sabemos, a partir de Chartier (2012), que a função autor existe ainda que se constitua a partir de valores aristocráticos:

> A apresentação de si como um autor desinteressado, que não mantém uma relação de propriedade com seus enunciados – condição que era necessária para que a palavra do grande ou do príncipe fosse tomada como verdadeira – será aquela no interior da qual se molda a autoria, no duplo sentido da palavra, tanto como autor quanto como autoridade do erudito sábio, distante das práticas mercenárias do comércio de textos. O desinteresse [sobre a propriedade do que se diz] é a garantia de verdade do enunciado de saber. (CHATIER, 2012, p. 53)

Para o historiador, nesse caso, a função autor é construída a partir de valores aristocráticos e não de valores de mercado (como se sucedera depois do século XVIII). Além disso, Chartier (2012) critica a ligação da função autor estritamente ao impresso a partir do século XVI, em detrimento do manuscrito, pois ele identifica aspectos de caracterização da função autor ainda durante os últimos

[6] Segundo diz o apóstolo são Pedro, porque os santos de Deus, ainda que fossem homens, falaram pelo Espírito Santo, convém que sigamos e ajamos de acordo com o que eles disseram, se quizermos que o que dissermos seja firme, pois não há autoridade, nem seria firme o que dizemos se não fosse provado por autoridades da santa Escritura e dos santos.
E, portanto, trabalhei com grande desejo de juntar esta obra em louvor de Deus e a proveito de todos, especialmente daqueles que quiserem se submeter à palavra de Deus, porque nesta obra acharão uma abundância geral de autoridade de santos e de alguns sábios, que darão aroma de grande prazer, assim como as flores de variadas maneiras e lugares juntadas.

séculos em que o manuscrito foi a forma exclusiva de reprodução e produção de textos e livros – a saber século XIV e primeira metade do século XV.

A partir dessa compreensão contextual acerca da autoria elaborada por Chartier (2012), ainda que não vinculado ao dizer de um rei ou príncipe, no *Virgeu*, identificamos a função autor por meio de valores aristocráticos quando o "*eu*" que enuncia se apaga frente ao enunciado atribuído a um "*ele*" cujo dizer é sustentado por autoridade e quando este "*eu*" enunciador da obra (o glosador) demonstra seu desinteresse sobre a propriedade do que diz (como observamos em **II**) garantindo as condições de verdade dos enunciados atribuídos às devidas autoridades.

Outro aspecto relevante vinculado à ausência de indicação de autoria do *Virgeu* diz respeito às práticas impostas à vida monástica da ordem da qual descende o mosteiro de Alcobaça, logo, a ordem beneditina, cujos registros, conforme Jorge e autores (2000), primam pelo anonimato em detrimento da identificação individual: "O próprio despojamento proposto pelas ordens [Beneditina, Cluny e Cister] [...] assim o impunha. A perda do nome próprio nos mosteiros beneditinos assemelhava-se à própria perda da individualidade e à entrada na comunidade dos que tinham dedicado a sua vida à Igreja" (JORGE *et al.*, 2000, p. 214).

Também à vista disso, anonimamente, a proposta inicial de compor um virgeu de conforto, apresentada nos dois primeiros parágrafos do *Virgeu* (**II**), é concretizada. No interior do texto, todo conteúdo é elaborado a partir de citações de autoridade que nos indicam uma vontade de verdade a modular a emergência de enunciados no *Virgeu* em um trabalho de exclusão do falso. Como descrevemos, no total são citadas 62 denominações que incluem, principalmente, nomes próprios de filósofos, santos, sábios e textos bíblicos, totalizando 624 citações, uma média de 5 citações por página. Dentre as autoridades, são mais recorrentes as citações atribuídas a Agostinho (94 vezes), Gregório (93 vezes, sem diferenciar nominalmente Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa), Isidoro (88 vezes), Bernardo (76 vezes), Jerônimo (51 vezes) e Sêneca (39 vezes).

Sobre isso, compreendemos com Foucault (2000) que a função autor constitui uma vontade de verdade que se efetiva pela recorrência da citação das vozes selecionadas que não representam apenas uma reprodução de argumentos de autoridade, mas assinalam discursos que devem ser recebidos como verdade. Desse modo, o "*eu*", primeira pessoa do discurso, marcado em "*trabalhey*" (**II**), por exemplo, indica o locutor real em suas coordenadas espaço-temporais ocupando uma posição de sujeito que, por uma vontade de verdade, seleciona o "*ele*", a não-pessoa do discurso, para constituir pela sua autoridade o discurso da verdade que se revela incontestavelmente diante do interlocutor, do "*tu*", como observamos em:

> **III E diz nosso senhor Jesu Cristo:** Os que eu amo, reprehendo-os e castigo-os em cinquo maneyras. (VIRGEU, 1959, p. 55, grifo nosso)

Com base nisso, o que verificamos é que não importa, na ordem do discurso, quem fala na instância de emergência do *Virgeu*, mas quem é falado nele, como no excerto **III**, em que a autoridade a qual instaura o que se diz como uma verdade é Jesus Cristo, enquanto o autor, a referência do *eu* discursivo, não se coloca como relevante diante do interlocutor, do *tu*, no contexto de emergência da obra.

Há entre o "texto primeiro" e a sua repetição no *Virgeu* um desnível o qual possibilita, conforme Foucault (2014b, p. 25), que se diga o que já estava articulado no texto fonte, que se diga pela primeira vez o que já havia sido dito e que se repita aquilo que não havia sido dito, fazendo com que o novo não esteja no que é dito, "mas no acontecimento de sua volta". Assim, pelo mecanismo interno do comentário, que traz uma identidade de verdade sob a forma de repetição do que disseram os denominados, no interior de uma prática específica, como os santos, os sábios e a santa Escritura, o *Virgeu* se dá sem a necessidade de marcar uma individualidade no sujeito ocupando a função de autor, uma vez que ela, a função autor, constitui um modo de existência, circulação e funcionamento de determinados discursos, conforme salienta Foucault (2000).

Neste ponto, convém retomar Agamben (2007, p. 51) que, ao discutir questões relativas à autoria como ela havia sido construída por Foucault, coloca nossa atenção no fato de que, na ordem do discurso, a marca do autor está na singularidade de sua ausência,

no papel do morto, já que "Existe um sujeito-autor, e, no entanto, ele se atesta unicamente por meio dos sinais da sua ausência". É nesses sinais de ausência que se dá, historicamente por uma linha que atribui autoria a um indivíduo, a função do copista.

Considerando especificamente este contexto de emergência do *Virgeu* em que se utiliza a cópia como forma de compor a obra, Silva (2012) explica que a compilação, longe de ser um problema para os medievais, era, na verdade, uma forma de atribuir validade ao texto que dialogava com a tradição e suas verdades estabelecidas, sobre o que a autora nos explica:

> O problema da compilação na Idade Média, ou melhor, a falta de problema em reproduzir passagens alheias vai mais além. [...] Nesse período [século XVII] posterior ao que tratamos, o escritor era definido como aquele que apenas acrescenta o seu discurso ao dos outros, não passando o seu inventar de um ato de demonstrar, dar luz à tradição, fixando-se nela [enquanto o autor era entendido como aquele que escreveu um texto]. Para os medievais, por sua vez, essa diferenciação do fazer de um autor e do fazer de um escritor não era possível, pois a noção de autor se confundia com a do escritor, tido como mediador entre tradição e a criação, entre a memória e a invenção. Assim, a designação de autoria remetia também aos executores ou divulgadores dos saberes, como os copistas, tradutores, glosadores, enfim, todos aqueles ligados à função da escrita. [...]
> O caso do Virgeu de Consolaçon merece ser destacado, pois não se trata somente de uma compilação. O autor selecionou e organizou trechos de livros que falavam das matérias mais tratadas na sua obra, retomando uma forma de compor textos ligados às conhecidas antologias medievais [...] (SILVA, 2012, p. 47-48)

Esse movimento relativo ao apagamento da autoria juntamente com as citações de autoridade que compõem os enunciados do *Virgeu* nos permitem pensar sobre a condição de *aleturgia* da obra que envolve os sujeitos inseridos nela em atos de verdade (FOUCAULT, 2014a) possibilitando reconhecer o autor como *agente da verdade*, as autoridades faladas no *Virgeu* como *testemunhas da verdade* e o monge, leitor da obra, como *objeto da verdade*. Sobre isso, tratamos a seguir.

4 ALETURGIA: UMA MANIFESTAÇÃO RITUAL DA VERDADE

Foucault (2014a, p. 24) denomina como *aleturgia* a "manifestação ritual da verdade", tomando, inicialmente, a tragédia grega por modelo e, posteriormente, tendo como escopo aspectos do cristianismo sob a ótica dos regimes de verdade.

Para isso, o filósofo define regimes de verdade como o que "força os indivíduos a um certo número de atos de verdade", "o que constrange os indivíduos a esses atos de verdade, o que define, determina a forma desses atos e estabelece para esses atos condições de efetivação e efeitos específicos", concluindo que "um regime de verdade é o que determina as obrigações dos indivíduos quanto aos procedimentos de manifestação do verdadeiro" (FOUCAULT, 2014a, p. 85).

Nessa perspectiva, no interior da aleturgia, a relação do sujeito com a verdade se constitui em atos de verdade – conceito que Foucault (2014a, p. 75) define tendo como ponto de partida a leitura de teólogos medievais que dividiam o sacramento da penitência em *actus contritionis* (contrição), *actus veritatis* (ato de verdade, de onde advém a noção de ato de verdade delimitada pelo filósofo) e *actus satisfactionis* (satisfação da penitência) – que dizem respeito aos papéis desempenhados pelos sujeitos na aleturgia e que são definidos "(1) pelo papel que ele representa como operador da verdade, (2) [pelo] papel que ele representa como espectador da verdade, (3) [pelo] papel que ele representa como objeto da aleturgia". Assim, a preocupação do filósofo reside em compreender como se estabelece a relação entre sujeito, verdade e poder.

Ao compreendermos o *Virgeu* como uma obra aletúrgica, ou seja, por meio da qual ocorre uma manifestação ritual da verdade ascético-monástica, pela análise a partir dos atos de verdade, identificamos no autor da obra – sujeito que podemos vislumbrar pela marcação da primeira pessoa (do *Eu* discursivo) presente no excerto **II** e no qual lemos "E portanto ***trabalhey*** com gram desejo de juntar esta obra em louvor de Deos e a proveito de todos" (VIRGEU, 1959, p.3) – aquele que desempenha o papel de operador da verdade ao desempenhar a função de autor; identificamos nos filósofos, nos santos, nos sábios e na Bíblia, cujas vozes constituem as

autoridades que falam no *Virgeu*, o papel de testemunhas da verdade e identificamos no leitor, monge de Alcobaça sobre quem incide a verdade que se manifestou, o objeto da aleturgia.

Desses atos de verdade, o principal aspecto a se destacar é justamente a implicação de como, na tensão entre poder, verdade e subjetividade, a revelação da verdade é condicionada no *Virgeu*, como aleturgia, pelo modo como o operador da verdade, sujeito autor da obra, relaciona-se com ela, no interior de um regime de verdade ascético-monástico.

Como descrito, a autoria do *Virgeu* não é identificada, ao contrário disso, temos o apagamento do autor que desaparece justificadamente frente às autoridades cujos enunciados ele retoma para construir a obra. Conforme observamos anteriormente, logo na apresentação do *Virgeu* (excerto retomado em **II**), o autor demonstra uma condição: a fim de que ele diga algo que seja "firme", uma vez que não há autoridade ou verdade naquilo que ele diz individualmente, é necessário que o dizer advenha das autoridades e da santa Escritura. Por esse motivo, ele afirma ter trabalhado para reunir, em um mesmo texto, os dizeres dessas autoridades formulando, para deleite do leitor, um jardim/pomar de conforto.

Tal aspecto nos permite concluir que, como sujeito operador da verdade, a relação do autor do *Virgeu* com a manifestação da verdade se constitui como uma vontade de verdade que, como procedimento de controle do discurso, compreendendo o modo aletúrgico ao qual deve responder, torna imperativo fazer falar, por meio do operador da verdade, as testemunhas da verdade cuja autoridade pressupõe manifestar a verdade. Entretanto,

> O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade [...] é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la.
>
> Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E [uma vez objetos da aleturgia] ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade [...] (FOUCAULT, 2014b, p. 19-20)

Assim, o discurso verdadeiro que emerge no *Virgeu*, a partir das testemunhas, espectadores da verdade, mascara e impede o reconhecimento da vontade de verdade que verificamos pelo operador da verdade que, no princípio da exclusão, seleciona enunciados, excluindo outros, fazendo aparecer apenas uma verdade. Essa verdade incide sobre o objeto da verdade, monge, leitor do *Virgeu*, que, como resultado, ignora a vontade de verdade que atravessa e sustenta a verdade que ele vê revelada. Ou seja, a verdade que se revela no *Virgeu* e que constitui nele o cuidado de si ascético-monástico, da exegese de si e da renúncia de si, é sustentada pela vontade de verdade que, como tal, atua a partir da seleção dos enunciados e das autoridades no discurso que se constrói verdadeiro, ou seja, atua a partir da função autor, fazendo emergir a verdade que revela ao monge, objeto da aleturgia, sua condição de pecador a necessidade imperativa abandono de si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos uma análise acerca da função autor como procedimento de controle discursivo que observamos na obra medieval portuguesa *Virgeu de consolaçon.* Para tanto, partimos do resgate de um interesse filológico de pesquisadores que tentaram, ao longo do século XX, solucionar o enigma da ausência de uma identificação de autoria atribuída ao manuscrito português e que tomaram como ponto de motivação inicial uma compreensão de autoria, diferente daquela ligada ao *Virgeu* em seu contexto de emergência, que atrela ao nome próprio vinculado à publicação a autoridade de sustentação, de relevância e de permanência de uma produção discursiva, conforme nos indica Foucault (2000) e Chartier (2012).

A partir disso, procuramos demonstrar como a definição de autor enquanto uma função sujeito, de acordo com o descrito por Foucault (2014b), que se constrói, no contexto de emergência do *Virgeu*, logo no interior de um discurso ascético-monástico, entre o final do século XIV e início do XV, sobretudo pelo apagamento do indivíduo, subsidiado em valores aristocráticos e imbuído da

função copista, possibilita compreender um modo específico de revelação ritual da verdade que Foucault (2014a) denomina aleturgia.

Assim, enquanto uma obra aletúrgica, o *Virgeu* possibilita a manifestação ritual da verdade no interior da qual os sujeitos se marcam em relação ao papel que ocupam frente à verdade revelada, logo o papel de operador da verdade desenvolvido pelo sujeito ocupando a função autor, o papel de testemunha da verdade revelada desenvolvido pelas autoridades que são faladas e por meio das quais a verdade aparece e o papel de objeto da verdade, ou seja, sobre o qual a verdade incide, sobre o qual a verdade diz respeito, nesse caso, o monge leitor do *Virgeu*.

Tais análises e reflexões nos ajudam a compreender melhor, como no interior de uma cultura de si ascético-monástica, o *Virgeu* funcionava como instrumento de manifestação da verdade ao seu leitor, monge de Alcobaça, a quem era dado conhecer-se e cuidar-se com fins na salvação almejada. Além disso, considerando a recorrência deste modo de composição textual-discursiva no período em questão, nossas análises também permitem vislumbrar os procedimentos de controle da produção discursiva ligados à função autor anteriormente ao estabelecimento dos valores de mercado aos quais a autoria fica submetida a partir do século XVIII, de acordo com Chartier (2012).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa de pesquisa de doutorado e à Professora Doutora Roselene de Fátima Coito pela orientação, que possibilitaram o desenvolvimento da tese cujos resultados parciais são divulgados neste texto.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Profanações.* Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

CHARTIER, R. *O que é um autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualiade 3*: o cuidado de si. Trad. Albuquerque Maria Thereza da Costa. 15. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos:* curso do Collège de France (1979-1980). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo Editora WMF Martins Fontes, 2014a.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso:* aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população:* curso do Collège de France (1977-1978). trad. Eduardo Brandão. São Paulo: 2008.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito.* Trad. Fonseca Márcio Alves da e Muchail Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* 4. ed. Alpiarça: Passagens, 2000.

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).* Trad. Daher Andréa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FURTADO, B. P.; COITO, R. de F. A renúncia de si pela confissão e pela obediência na direção espiritual: o ascetismo monástico em Virgeu de Consolaçon. *Revista Interfaces,* v. 12, n. 3, p. 88-102, 2021. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6992/4926. Acesso em: 26 out. 2021.

JORGE, A. M. *et al*. *História religiosa de Portugal*: formação e limites da cristandade. vol. 1. Casais de Mem Martins, Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000.

MALEVAL, M. do A. T. O jardim místico do medievo. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 30, n. 44, p.11-34, jul./dez. 2010.

MARTINS, M. *Estudos e literatura medieval.* Braga: Livraria da Cruz, 1956.

SILVA, M. S. e. *Ler e ser virtuoso no século XV*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

VEIGA, A. de B. *Virgeu de consolaçon:* edição crítica de um texto arcaico inédito. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959.

VIRGEU DE CONSOLAÇON. *In*: VEIGA, Albino de Bem. *Virgeu de consolaçon:* edição crítica de um texto arcaico inédito. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959. p. 3-128.

Recebido em 15/09/2022. Aceito em 06/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90177

O IDOSO COMO OBJETO DA PRÁTICA DISCURSIVA ASILAR: A PRECARIZAÇÃO DE VIDAS VULNERÁVEIS

EL ANCIANO COMO OBJETO DE LA PRÁCTICA DISCURSIVA DE ASILO: LA PRECARIEDAD DE VIDAS VULNERABLES

THE ELDERLY AS THE OBJECT OF NURSING HOME DISCURSIVE PRACTICE: THE PRECAUTION OF VULNERABLE LIVES

Pedro Navarro[*]
Universidade Estadual de Maringá

Hoster Older Sanches[**]
Instituto Federal do Paraná

RESUMO: Neste artigo, analisamos o modo como o idoso é posicionado no discurso como objeto da prática que se manifesta no espaço institucional do asilo São Vicente de Paulo, em Jacarezinho, PR. Para tanto, partimos de uma discussão sobre prática discursiva (referencial, objeto e domínio associativo) e sobre precarização das vidas idosas asilares, relacionando-as ao modo como o corpo é inscrito em um mecanismo que administra a morte pelo governo que se exerce sobre a vulnerabilidade implicada nesse espaço. A série enunciativa foi extraída de documentos oficiais, prontuários médicos e entrevistas com responsáveis pela instituição e submetida a uma análise arqueogenealógica a respeito do governo e da objetivação em exercício nessa instituição. Partimos da consideração de que velhice vulnerável é um enunciado emblemático dessa prática e, como tal, permite identificar uma regularidade

[*] Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor Associado da UEM. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq. Líder do GEF-UEM e coordenador do GT Estudos Discursivos Foucaultianos da Anpoll. E-mail: navarro.pl@gmail.com.

[**] Doutor em Letras. Professor do Instituto Federal do Paraná, campus Jacarezinho. Integrante do GEF-UEM e filiado ao GT Estudos Discursivos Foucaultianos da Anpoll. E-mail: hoster.sanches@ifpr.edu.br

em torno da incapacidade, da invisibilidade e da precariedade dos corpos envelhecidos sobre os quais opera a regulação da vida e administração da morte.
PALAVRAS-CHAVE: Idoso. Asilo. Prática discursiva. Objetivação. Vidas precárias.

RESUMEN: En este artículo, analizamos la forma en que los ancianos se posicionan en el discurso como objeto de práctica que se manifiesta en el espacio institucional del asilo São Vicente de Paulo, en Jacarezinho, PR. Para ello, partimos de una discusión sobre la práctica discursiva (referencia, objeto y dominio asociativo) y sobre la precariedad de las personas mayores que viven en asilos, relacionándolas con la forma en que el cuerpo se inscribe en un mecanismo que gestiona la muerte por medio del gobierno que se ejerce sobre la vulnerabilidad que implica ese espacio. La serie enunciativa fue extraída de documentos oficiales, registros médicos y encuestas con los responsables de la institución y sometida a un análisis arque-genealógico respecto al gobierno y la objetivación en ejercicio en esta institución. Partimos considerando que la vejez vulnerable es un enunciado emblemático de esta práctica y, como tal, permite identificar una regularidad alrededor de la incapacidad, invisibilidad y precariedad de los cuerpos envejecidos sobre los que opera la regulación de la vida y la administración de la muerte.
PALABRAS CLAVE**:** Adulto mayor. Asilo. Práctica discursiva. Objetivación. Vidas precarias

ABSTRACT: In this article, we analyze how the elderly are positioned in the discourse as an object of practice that is manifested in the institutional space of the nursing home São Vicente de Paulo, in Jacarezinho, PR. To do so, we start with a discussion about discursive practice - reference, object, and associative domain - and the precariousness of elderly people living in nursing homes, relating them to the way the body is inscribed in a mechanism that manages death by the government, exercised over the vulnerability implied in that space. The enunciative series was extracted from official documents, medical records, and interviews with those responsible for the institution. After that, these records were submitted to an archaeogenealogical analysis regarding the government and the objectification in exercise inside this institution. We first considered that vulnerable old age is an emblematic statement of this practice and, as such, allows us to identify a regularity around the incapacity, invisibility, and precariousness of aged bodies on which the regulation of life and the administration of death operate.
KEYWORDS: The elderly. Nursing home. Discursive practice. Objectification. Precarious lives.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos o modo como o idoso é posicionado no discurso como objeto da prática discursiva que se manifesta no espaço institucional do asilo São Vicente de Paulo, situado na cidade de Jacarezinho, PR. Para tanto, partimos de uma discussão sobre prática discursiva (referencial, objeto e domínio associativo) e sobre precarização das vidas idosas asilares, relacionando-as ao modo como o corpo do idoso é inscrito em um processo de objetivação que administra a morte pelo governo que se exerce sobre a vulnerabilidade implicada nesse espaço.

Tomamos como objeto empírico de análise enunciados constantes em uma pesquisa mais abrangente sobre documentos oficias, prontuários médicos e entrevistas com responsáveis pela instituição os quais foram submetidos à linha discursiva da governamentalidade dos idosos e das técnicas discursivas praticadas nessa instituição (SANCHES, 2018).

No momento em que o *corpus* foi selecionado, o asilo contava com vinte e três funcionários em seu quadro formal de registro trabalhista, incluindo profissionais de diferentes áreas do conhecimento, como fisioterapeutas e odontólogos (em períodos de estágios curriculares da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP –, campus Jacarezinho), além de médica e nutricionista, fornecidos ao asilo pelo referido município.

O acontecimento do envelhecimento da população brasileira tem sido reverberado em vários campos, incluindo o jurídico. A criação do Estatuto do Idoso, pela Lei nº 10.741, sancionada em 1º de outubro de 2003, é uma forma de assegurar condições de igualdade em relação aos outros indivíduos e regulamentar aquilo que essa população necessita em termos de assistência pública, como dispõe o artigo segundo da referida Lei, que garante aos idosos "[...] direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [...] assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação da saúde física e mental e

seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade" (BRASIL, 2003, p 1). Materializa-se, assim, a contradição que a Lei estabelece: há a legislação sobre direitos já adquiridos aos indivíduos amparados pelo conjunto das leis, porém, as especificidades culturais e históricas podem ter levado o Estado à ratificação das condições do dever dos cidadãos, ou da sociedade brasileira, perante a população idosa.

Nesse cenário, as condições de possibilidade que fazem emergir o idoso como um paciente interno parecem contribuir para a produção de um tipo específico de sujeito, com características impressas pelas relações de poder-saber exercidas na instituição. Se levarmos em conta as técnicas do dispositivo disciplinar, apresentadas por Foucault (2014), veremos que a disposição arquitetônica do asilo, embora não seja a uma prisão, assenta-se no esquadrinhado para melhor eficiência do governo dos corpos que ali habitam.

De saída, fazemos funcionar um método que se oriente por uma prática de análise que tem a tarefa de "quebrar as palavras", como o faz Michel Foucault. Um exemplo disso encontra-se na citação que Jorge Luis Borges faz de "uma certa enciclopédia chinesa", com a qual Foucault abre seu prefácio de *As palavras e as coisas*:

> [...] os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas. (FOUCAULT, 2000, p. IX)

Assim, para quebrar as palavras que são ditas sobre os idosos asilares somos confrontados com a positividade do saber, sua *épistèmé*, no interior da qual os conhecimentos, por estarem fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, "[...] enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade" (FOUCAULT, 2000, p. XIX). Dito isso, quebrar as palavras que produzem o objeto idoso no discurso sob análise é adentrar o espaço onde se entrecuzam saber e poder, palavras e coisas.

Portanto, seguindo a orientação da arqueogenealogia foucaultiana, devemos ter em conta que no *corpus* sob investigação há um jogo de poder que interage constantemente e pode ser "visto", desde que nos atentemos para os regimes de verdade e de luz. Enquanto os regimes de verdade constituem os enunciados, os regimes de luz são as visibilidades.

Em relação ao tema deste artigo, consideramos que a vulnerabilidade do corpo idoso é um dos enunciados que podemos extrair da prática discursiva e, como tal, permite identificar uma regularidade. Dessa relação de forças entre os regimes de verdade e os regimes de luz podemos, pois, fazer emergir o enunciado, as regularidades e as relações de poder. Dito de outro modo, quebramos o que dizem as práticas discursivas (as palavras) para delas dar a conhecer o visível e dizível do corpo do idoso no espaço asilar. Quebrando as palavras de tais práticas, localizamos os elementos de sua regularidade, bem como identificamos quais efeitos de poder a elas encontram-se vinculados.

No que tange aos efeitos de poder sobre a população idosa, a governamentalidade exerce um tipo de regulação diferente daquele que intervém no asilo. Em Navarro (2015, 2018), vimos que os idosos enquadrados na chamada "melhor idade", tal como emerge na *web*, sujeitam-se aos dispositivos tecnológicos que lhes impõem o desenvolvimento de habilidades para, por exemplo, saber ligar o computador, navegar por *sites* que possam ser de seu interesse, fazer *download* de vídeos, instalar dispositivos, como câmeras de vídeo para, se possível, interagir com outras pessoas de seu convívio familiar ou amigos. Aqueles que se subjetivam pelos elementos definidores dessa "melhor idade", supostamente, têm um corpo que, não obstante o envelhecimento, possui controle, autonomia e capacidade para exercer ações próprias do meio digital. Trata-se, assim, de um processo de docilização do corpo idoso ao imperativo da produtividade e do consumo.

Já na prática objetivadora asilar, entra em jogo outro tipo de regulação que se manifesta pelo controle de uma finitude anunciada pelo abandono mesmo das vidas idosas já em seu limiar da incapacidade. Diante dessas duas formas de governo do sujeito idoso e apoiados no aporte teórico e metodológico adiantado nesta introdução, para descrever o nível enunciativo em questão somos,

necessariamente, levados a interrogar a linguagem não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz (FOUCAULT, 1972).

2 SUJEITO IDOSO ASILAR E PRECARIZAÇÃO DA VELHICE

Partimos da idade como um forte elemento que implica relações de poder-saber. Primeiro ponto a considerar é que os idosos sofrem já um processo de invisibilização próprio do dispositivo da velhice, tal como administrado no espaço heterotópico do asilo: trata-se de fazer com que esses sujeitos deixem de existir para o mundo. Esse processo de invisibilidade, advindo dos regimes de verdade e de luz aludidos, é um efeito de poder que se encontra vinculado à série enunciativa que o dispositivo produz e faz falar sobre essa população asilada. Outro efeito de poder depreendido desse quadro enunciativo, que funciona em rede com o da invisibilização, é a precarização da vida do idoso que emerge da referida prática discursiva. O efeito desse processo é compreendido nas sequências enunciativas, conforme desenvolvido por Butler (2019). De acordo com a autora,

> O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência, e os corpos também ameaçam nos transformar na agência e no instrumento de tudo isso. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública. Constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. (BUTLER, 2019, p. 46)

A precarização da vida ocorre mediante alguns mecanismos históricos que enquadram vidas e mortes de formas distintas e são materializados em determinadas práticas sociais e políticas, tal como, a nosso ver, acontece na instituição São Vicente de Paulo. Assim, limiar da incapacidade, invisibilização e precarização nos parecem ser três elementos de regularidade discursiva que o *corpus* traz à luz, quando submetido a uma descrição balizada pelas ferramentas arqueogenealógicas.

Imbuídos da necessidade de compreender a dimensão que produz a linguagem, essa regularidade nos direciona, pois, não exatamente ao corpo idoso, mas para os processos que têm lugar na referida instituição e aí funcionam para dar a conhecer um corpo vulnerável. A sequência enunciativa (SE) a seguir, retirada do *corpus*, dá essa dimensão:

> SE 1: Um vozinho, era onze e meia, ele acordou, simplesmente ele veio pra o refeitório. Eu falei pra ele assim: "Seu Vicente, é onze e meia ainda. Vamos voltar dormir, é cedo ainda, né?" ele falou: "não, mas eu não quero dormir agora". Aí eu fiquei lá, conversando com ele. Fiquei até duas e vinte com ele, conversando. Até duas e vinte. Daí falei: "agora veio o sono?". Peguei ele pela mãozinha e levei no quarto dele. Deitou e dormiu. Quando foi cinco e vinte, chamei ele pra dar banho. Ele foi daí (CUIDADORA).

Ainda sustentados por Butler, a precarização dessas vidas é um efeito de poder-saber realizado pelo enquadramento do corpo idoso na prática em análise. Esse enquadramento, dado pelo olhar clínico, determina de que maneira o idoso pode ser representado tanto como objeto de saber médico quanto como estatística de uma biopolítica.

Seguindo essa linha argumentativa, a velhice em sua finitude é o enunciado reitor que agencia, no discurso, os elementos supracitados de uma regularidade. Esta dá a conhecer a vulnerabilidade que se destaca do dispositivo da velhice, que exclui o idoso da sociedade e o coloca em um espaço outro, no qual seu corpo tópico enuncia o controle meticuloso do prontuário médico, ao mesmo tempo em que faz ver a morte que se aproxima, tal como previsto no regimento interno da instituição:

> SE 2: Tomar, em caso de falecimento, as providências necessárias para o velório, encomendação do corpo, sepultamento, comunicando imediatamente o presidente ou vice-presidente da Entidade, podendo, a pedido, ser o corpo velado no recinto adequado. Tais providências podem ficar a cargo do setor de enfermagem, havendo funcionários qualificados para isto (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 2).

Assim, a administração dos medicamentos, do horário das refeições e do recolhimento é uma das modalidades enunciativas que compõem as regras de formação da prática discursiva asilar:

> SE 3: Aqui é padronizado os horários de medicamento. Quando eu cheguei aqui, não tinha essa separação, essa divisão de horários. E, aí, quando eu cheguei, eu dividi, né? Padronizei os horários pra ficar bem específico. De manhã, os remédios que são necessários dar em jejum, são feitos no horário das seis da manhã, a bandeja de manhã, das oito da manhã, são medicamentos de rotina: antibióticos, o que tiver que administrar. Depois, tem a bandeja das do meio-dia, que é para os medicamentos circulatório e de diabetes, né? Que são necessários tomar após o almoço. Depois, a bandeja do jantar, que são os medicamentos de rotina também e, depois, o medicamento das vinte e uma horas, que são os medicamentos pros vôs dormir, anti-hipertensivos, mas é mais pra dormir mesmo (ENFERMEIRA).

Já as duas sequências enunciativas seguintes expõem um saber que sustenta as práticas do cuidado, e o modo como isso é relatado nos dá a conhecer a vulnerabilidade do sujeito asilar, dada a sua incapacidade, invisibilização e precarização:

> SE 4: O banho, às vezes, à tarde, a gente precisa dar banho, daí, a gente...eu ajudo. Não o banho da manhã. Às vezes, precisa à tarde. Se precisar também a ajudar a trocar fralda...pôr o idoso na cadeira...daí, eu ajudo também. Na alimentação...(CUIDADORA).

> SE 5: Os curativos, a gente faz, né? Na técnica que a gente aprendeu. Tipo assim, agora, aqui, a gente não tem uma estufa. [..] a gente não tem uma estufa pra esterilizar material. Mas a gente não é, assim, igual o hospital, mas a gente tenta se aproximar. O mais perto que a gente puder, sabe? Porque a gente aprendeu. Porque o certo seria tudo ali na técnica, na pinça, tudo certinho, sabe? Mas igual eu conversei com ela, que tem a menina da noite que ela quer, sabe? Usar pinça, tudo certinho. Falei. Só que a gente não tem estufa, as gazes mesmo a gente pede para esterilizar lá no posto, pra usar estéril, né? Daí, eu falei: mas mesmo a gente fazendo do jeito que a gente faz, a gente consegue fechar escara, né, tudo, falei para ela. Então, a gente tenta se aproximar o máximo do que a gente aprendeu no curso, mesmo não tendo todo material, sabe? Igual, a gente não tem a estufa pra fazer, né?, o curativo adequado, ali, na técnica. Injeção, aplico tudo certinho. Passo a alimentação por sonda, lavo a sonda, medicação... Tudo o que a gente aprendeu, a gente tenta passar (TÉCNICA EM ENFERMAGEM).

O conhecimento advindo dos saberes implicados nos cuidados com os idosos permite observar os procedimentos utilizados para a manutenção da saúde no asilo, ao mesmo tempo em que traz para o foco do relato o corpo em sua fase terminal, vulnerável às doenças que o acometem.

3 SOBRE A PRÁTICA DISCURSIVA EM EXERCÍCIO NO ASILO

Retomando os três elementos de regularidade (limiar da incapacidade, invisibilização e precarização), consideraremos, mais especificamente, a relação existente entre referencial e objeto de discurso na prática discursiva asilar. Para tanto, vamos nos apoiar na direção de análise que Foucault (1972) desenvolveu em termos de uma perspectiva arqueológica, buscando, a partir dela, traços que dão a conhecer o exercício do poder sobre o corpo idoso.

Parece-nos que, para essa investigação, devemos considerar a função que desempenha o referencial na regra de formação da prática em tela. Em outras palavras, a descrição enunciativa do objeto, sua escavação arqueológica, expõe-nos a camadas enunciativas que recobrem o conceito de idoso e isso nos coloca, também, diante de pesadas relações de poder que fazem desse objeto um referencial do estudo em análise. Com isso, chegamos ao nível genealógico que reveste esse objeto, tornando-o um elemento sobre o qual vem se sobrepor uma biopolítica que se expressa na contradição entre cuidado e abandono em articulação nos documentos/monumentos do asilo São Vicente de Paulo.

No projeto arqueogenealógico, as contradições devem ser descritas, com vistas a determinar a medida e a forma de sua variação, pois "[...] a análise arqueológica revela o primado de uma contradição que tem seu modelo na afirmação e na negação simultânea de uma única e mesma proposição" (FOUCAULT, 2005, p.176).

Acompanhando mais de perto a proposta de Foucault, podemos considerar que nessa escavação arqueológica o domínio referencial tem predomínio sobre as regras de formação dos objetos. Para o autor,

> O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação [...] (FOUCAULT, 1972, p. 103)

Tendo em vista que o enunciado está ligado a um referencial que é constituído não de coisas, de fatos ou de seres, mas de leis de possibilidade para os objetos que nele são descritos, nomeados ou designados, o acento dado a esse domínio (referencial) na análise das práticas discursivas deve-se ao fato de se tratar de um nível de descrição que, a nosso ver, justifica a proposta arqueogenealógica. O que estamos argumentando é que a análise do discurso sobre o idoso e seu corpo vulnerável, em situação de internamento, deve levar em conta a primazia do referencial sobre a formação do objeto, e isso pode elucidar a inscrição de uma vontade de verdade e do exercício do poder sobre esse objeto.

Nessa direção, a análise do nível enunciativo do objeto idoso como referencial na prática discursiva asilar deve considerar as "[...] relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação, em que ele mesmo faz aparecer as diferenças" (FOUCAULT, 1972, p. 103). Mudam-se as práticas, muda-se o domínio referencial e, por correlato, os objetos de discursos, como exposto acerca do discurso da "melhor idade" e os dispositivos tecnológicos. Assim, o domínio referencial do enunciado é onde os objetos se formam, não sendo, necessariamente, feitos de coisas materiais. Eles podem ser constituídos de relações de poder, sentimentos, sensibilidades, afetos, vulnerabilidades, males da alma ou do corpo.

Para as condições do exercício da função enunciativa relativa às regras que formam os objetos de discurso, Foucault (1972) estabelece três direcionamentos, assim resumidos: demarcar as superfícies primeiras de sua emergência (família, grupo religioso, político), que são os campos em que os objetos se manifestam, encontram a possibilidade de serem falados, nomeados e descritos; descrever as instâncias de delimitação que são legitimadas para falar sobre o objeto, por exemplo, a medicina; e caracterizar as grades de especificação que submetem os objetos a certos sistemas de classificações. Foucault exemplifica, dizendo que diferentes objetos podem ser classificados como "loucura".

4 O CORPO IDOSO NA PRÁTICA DISCURSIVA ASILAR

Nesta seção, mobilizamos a discussão realizada nos tópicos anteriores, com ênfase dada à prática discursiva, a fim de identificar o sujeito idoso do qual se fala em sequências enunciativas extraídas do *corpus* sob análise.

O Regimento interno do asilo São Vicente de Paulo corresponde a uma superfície enunciativa que ocupa importante *status* na instituição asilar, pois determina as condições de possibilidade de ingresso e permanência, já que a instituição asilar é um suporte social limitado.

O Regimento da instituição recupera elementos de um campo associativo que demarca e identifica, pelos documentos que solicita, qual o perfil de pessoa idosa habilitada para receber os cuidados da instituição:

> SE 6:"DA SELEÇÃO PARA INTERNAMENTO: Para o pedido de internação, exige-se: a) Acima de 65 anos e aposentado; b) Atestado médico de sanidade mental; c) Necessite realmente de asilamento; d) Que seja carente e não possua família; e) Que não tenha condições de sobreviver sozinho; f) Que aceite permanecer no asilo; g) Que a família

> aceite os itens do termo de compromisso; h) Que seja entregue todos os documentos na secretaria da Entidade; i) Que seja entregue o cartão de aposentadoria do interno que irá permanecer na Entidade e após o falecimento a família não terá acesso ao cartão". (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 1)

Nesse sentido, trata-se, necessariamente, de um indivíduo com mais de sessenta e cinco anos, carente e incapaz de realizar as tarefas domiciliares cotidianas que garantam sua sobrevivência. Essa sequência realiza o enquadramento dessa vida vulnerável, fazendo-nos ver os efeitos de uma biopolítica precarizante como funcionamento de uma prática maior, segregadora, instituída na sociedade.

Esse campo associativo, que se manifesta nas exigências requeridas pelo Regimento interno, nos direciona para as condições de possibilidade existentes na instituição em tela. O indivíduo idoso que emerge na superfície da SE corresponde àquela pessoa que, em primeiro lugar, encontra-se em situação de vulnerabilidade social, seja por abandono da família, seja por efeitos do nível econômico do grupo familiar de que o indivíduo idoso faz parte. Portanto, a vulnerabilidade corresponde a essa condição primordial, ao lado da classificação biológica etária dos indivíduos. E tais elementos já circunscrevem as possibilidades históricas de existência do objeto idoso, tendo em vista as instâncias de delimitação (médica e previdenciária) e as grades de especificação (aposentado, carente, sem família e sem condições de sobreviver sozinho) em exercício para a produção dessa objetivação.

Embora o idoso tenha de se encontrar em situação de vulnerabilidade, está previsto que seja alguém capaz de responder por suas condutas, mediante a disponibilidade da razão, característica de uma sanidade mental avaliada por um saber técnico e sancionada por outro, da ordem médica. O regime de verdade desse documento, em articulação com seu regime de luz, dá visibilidade ao objeto idoso da prática discursiva: é alguém que vive só, possui boas condições mentais e tenha proventos da aposentadoria. A contradição de que falávamos há pouco se manifesta, uma vez que as características previstas no Regimento negam e afirmam, ao mesmo tempo, condições físicas e psíquicas e a incapacidade de sobrevivência, não estando em companhia de outrem. Em outras palavras, a situação biológica associada a uma vida social vulnerável formam prerrogativas na constituição do objeto de discurso.

Destituído do convívio familiar e social, o idoso passa por outros processos de exclusão que o tornam invisível para o grupo ao qual pertencia, contudo bem visível ao panoptismo que será exercido sobre seu corpo. Em que termos isso ocorre?

A condição de existência para esse sujeito, uma vez necessitando de internação, é que, tendo sido observada e atestada sua saúde mental, aceite a inserção e governo de seu corpo no espaço disciplinar do asilo. A instituição, então, apodera-se de seu corpo e de sua fonte econômica, a aposentadoria, assumindo, portanto, a tutela integral nos cuidados que necessita, pois se assujeitou a esse processo primeiro de objetivação.

O indivíduo com as caraterísticas perfiladas se constitui em um sujeito candidato, digamos assim, a uma vaga no asilo, dada a sua condição de crise e de desvio em relação à racionalidade neoliberal, não por menos se encontra em estado de vulnerabilidade e de invisibilidade sociais. Nessa linha descritiva acerca do que se diz e do que vê sobre o idoso na SE 6, outro efeito de poder-saber encontra-se a ela vinculado e tem a ver com o limiar da incapacidade, um dos elementos de regularidade enunciativa: o corpo desse sujeito é rememorado como sendo aquele corpo próximo de sua extinção e, por esse motivo, deve ser recolhido em instituições de cuidado, como o asilo São Vicente de Paulo.

A brevidade da morte é expressa nos requisitos constantes do Regimento interno: "i) Que seja entregue o cartão de aposentadoria do interno que irá permanecer na Entidade e após o falecimento a família não terá acesso ao cartão". O anúncio da finitude do sujeito interno nada mais é que a verificação das condições de seu corpo como uma superfície de inscrição dos cuidados que a instituição precisa ter e da vulnerabilidade decorrente da falha na regulação do idoso como pertencente a uma população sobre a qual se deveria aplicar procedimentos que tanto administram o acontecimento do envelhecimento tardio quanto dão assistência a uma morte com mais dignidade.

Observamos, assim, a emergência de um sujeito idoso passivo, à espera do fracasso biológico de seu corpo, consciente do seu desajuste na sociedade atual e, por tais motivos, alguém que abre mão do governo de si. A consciência de seu desajuste na sociedade tem por efeito o assentimento de seu governo posto em funcionamento no processo de objetivação instalado no asilo.

Embora uma das condições de existência do asilado seja o caráter da vulnerabilidade social, a instituição asilar mantém uma relação com a família que é preciso problematizar, em vista do que está enunciado na SE em questão. Nela parece haver um deslocamento da prática do cuidado daquela instituição para esta. Desvincula-se o cuidado com a saúde desse indivíduo do domínio familiar, restando a esta manter, se quiser, laços de afetividade com o idoso. Nesse mecanismo de transferência dos cuidados, o idoso pode não receber mais afeto de seus entes queridos mais próximos. Estando sob o domínio da vigilância exercida no asilo, outras relações de poder se configuram.

Outro elemento que identifica o sistema de classificação dessa prática discursiva é o poder aquisitivo dos idosos, como enunciado na SE 7:

> SE 7: "DOS ASSISTIDOS: Os assistidos são assim classificados: a) Os que não tem condições de colaborar para suas despesas; b) Os que podem colaborar apenas com uma parte para as suas despesas; c) Os que podem colaborar integralmente para suas despesas". (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 1).

É feita uma avaliação do poder aquisitivo do idoso, com base, então, nessas três configurações. Aos que são privilegiados financeiramente, as relações de poder reservam exclusividades quanto ao uso do espaço institucional, como a ocupação de quarto individual. Portanto, o idoso que ingressa no asilo carrega traços físicos e sociais que o distinguem dos outros, podendo se tornar um sujeito que, além de sua condição mental e biológica, encontra brechas no poder institucional por meio de sua condição financeira.

Consideremos, agora, sequências enunciativas dos que cuidam dos idosos asilares no São Vicente de Paulo.

> SE 8: Chegou novo interno, Sr. L. M., aparentemente lúcido, acamado devido a cirurgia recente de fratura de fêmur, instalado no quarto do Sr. A. D. no H2, não trouxe prescrição médica, a assistente social que o acompanhava ficou de enviar via e-mail a prescrição e informações sobre a cirurgia, o mesmo apresenta curativo na região do fêmur MIE, com 6 pontos, não apresenta inflamação [...] (PLANTONISTA).

Os elementos definidores do tipo de enunciação da SE 8 caracterizam-na como um relato descritivo, por meio do qual a plantonista assume a modalidade enunciativa de quem deve, pela natureza do ofício, registrar o estado físico e mental do objeto de discurso. Assim, o idoso desse enunciado emerge na prática da instituição asilar como um objeto de saber disponível ao olhar das ciências humanas e biológicas.

A SE 8 ratifica o olhar investigatório da instituição sobre o corpo daquele indivíduo que se coloca à disposição da objetivação promovida pelo asilo. Na sequência, materializam-se elementos discursivos advindos de campos distintos, mas que reclamam o indivíduo idoso como objeto de seu olhar indiscreto. A superfície corpórea, os movimentos aplicados são todos dimensionados pelos olhares clínicos, pois, "aparentemente", a pessoa idosa é sujeita a esse ritual institucionalizado.

Além daquilo que traz inscrito na superfície de seu corpo, o idoso pode carregar, ao ingressar no sistema asilar, doenças que só são vistas pelo olhar clínico com o auxílio da instrumentação tecnológica. Esse saber, conjugado ao da medicina e ao da engenharia, encontra-se sob o domínio de tal campo, sendo o sujeito médico o especialista e responsável pelo devir da pessoa idosa, pois ele estabelece o regime a ser seguido, por meio da "prescrição médica", como também autoriza ou não a internação do indivíduo idoso no asilo. O sujeito idoso é esquadrinhado em sua estrutura física em busca de possíveis inscrições de outras doenças ou danos à sua saúde.

A saúde mental é condição de existência para o sujeito idoso do asilo São Vicente de Paulo, conforme visto na análise da SE 6. No entanto, as manifestações discursivas da anormalidade da mente encontram registros quando tal prática discursiva cruza, na rede discursiva do asilo, com o saber técnico:

> SE 9: 07/04/2016 [...] G. não está mancando por ter dores na madrugada ela deambulou normal só que às vezes ela imagina ou alucina que tem uma faca enfiada na sua perna e que ela está sangrando, são os tão conhecidos nosso surto psicótico, avaliação e conduta dos internos desta casa deve ser com tranquilidade e precisão para que possamos ter a oferecer a eles todos sem nenhuma exceção qualidade de vida e conforto físico e mental [...] (PLANTONISTA).

Na sequência, o sujeito da instituição, embora não ocupe o *status* acadêmico de um médico, avalia as manifestações sintomáticas apresentadas pelo sujeito idoso, trazendo para o que enuncia o conhecimento técnico que justifica os procedimentos a serem adotados. Após a avaliação técnica superficial, contudo, o sujeito da instituição alude ao que enuncia a SE 10, quantos aos cuidados para com os idosos do asilo:

> SE 10: "O Asilo tem por finalidade abrigar pessoas idosas de ambos os sexos, sem família, carente, proporcionando-lhes cuidados básicos de saúde, alimentação, vestuário, assistência médica, odontológica, moral e religiosa". (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p 1).

Nesse cenário, o sujeito idoso é observado e interpelado por suas práticas discursivas e não discursivas. Na SE 9, ele é levado a confessar seus pensamentos, o que "imagina ou alucina". O que permite essa vigilância sobre o corpo e a mente é a presença incessante do olhar institucional que objetiva os idosos ao longo do dia e da noite.

A SE 10 organiza, em seu enunciado, o saber advindo de diferentes áreas do conhecimento científico. Até aqui não há novidade. No entanto, parece razoável direcionar a análise em busca de respostas aos motivos da estratégia do discurso em questão. O que autorizaria a enunciação da plantonista na SE 9, mesmo que ela pertença a um domínio de saber próximo ao daqueles que enuncia, é o olhar clínico exercido no espaço asilar e do qual também é sujeito.

As conjecturas nos direcionam para o efeito do olhar clínico e dos saberes que o rodeiam. Assim, os indivíduos idosos tornam-se objeto sob a lente da biopolítica. Assujeitam-se, mediante uma seleção de saberes que atualizam o governo que ali é exercido. Enquanto isso, a equipe de cuidadores do asilo vai se tornando, cada vez mais, um conjunto de sujeitos detentores de subjetividades e de morfologias a serem escrutinadas pelos domínios técnicos que recobrem os cuidados com a população idosa asilada.

Alguns desses saberes praticados no asilo ratificam o diagnóstico ao qual alude o sujeito da instituição em sua fala transcrita na SE 6: "após o falecimento". Fim que se avista.

Duas sequências dessas materialidades diagnósticas e prognósticas encontram-se a seguir:

> SE 11: "As patologias mais comuns são as relacionadas com a idade, como doenças degenerativas (osteoartros), hipertensão arterial, diabetes melitus e catarata senil" (MÉDICA).

Nela, os diagnósticos com maior número de reincidência são expostos pela médica que atua na instituição. As modalidades enunciativas do *status* e da posição permitem-lhe intervir nos cuidados para com a saúde idosa, e a estratégia de poder que promove essa legitimação encontra no saber médico sua forma material: as patologias são nomeadas e suas causas e consequências explicitadas. Quando interrogada sobre os males que afetam a população idosa do asilo, a médica enuncia aqueles com maior ocorrência dentre as doenças mais comuns nessa população, não mencionando as particularidades clínicas que podem ser encontradas em uma população segregada como a do asilo. Nos apontamentos que realiza em sua fala, a médica silencia, por exemplo, as doenças mentais de que falam outros sujeitos da instituição, como o sujeito da SE 11. Uma possibilidade de resposta está no fato de que as doenças que se inscrevem na superfície dos corpos idosos mostram possuir maior atenção dos olhares médicos, pois são visíveis.

A senilidade não é manifestada claramente no discurso da especialista. Embora as doenças de que fala mantêm relação com o estado senil do indivíduo, outras mais específicas e graves ao sistema biológico de indivíduos em idade avançada têm mais acento. A SE 11 dá visibilidade a um pragmatismo das ocorrências mais graves na saúde dos idosos, porém não fala sobre as anormalidades da mente.

Não obstante a seleção de doenças descritas, o idoso é, sistematicamente, posto sob a condição de objeto dos especialistas e de seus saberes, e isso faz da instituição asilar um campo estranho ao familiar.

Outra característica da prática discursiva asilar, além do já exposto, é o caráter generalista com que esse sujeito que enuncia trata o diagnóstico da população idosa atendida no asilo. Tal constatação encontra respaldo em enunciados de outros sujeitos da instituição, mesmo que estes não ocupem o *status* profissional da médica, porém demonstram uma posição, manifestadamente, mais livre no nível do discurso.

> SE 12: [...] Quando a gente recebe. E, normalmente, se a gente desconfia, o que a gente manda fazer, normalmente, confirma algum tipo de doença, como a sífilis, por exemplo, que a gente tem idosos com sífilis aqui dentro. Então, assim, a gente conversa com o idoso e com os cuidadores que é uma prevenção pra eles também. HIV não temos (COORDENADORA).

Como expresso, o processo de objetivação do idoso ocorre desde seu ingresso na instituição asilar. E esse olhar analítico clínico tem o poder de solicitar exames médicos específicos, que podem trazer ao plano visível possíveis males biológicos, os quais se manifestam sob a superfície do corpo idoso, no plano invisível. Entretanto, sendo o corpo uma superfície de inscrição para as relações de poder-saber, é nele que se dá a ancoragem discursiva para o uso da conjunção condicional "se", presente no segundo período da SE 12. Tal requisito para o exame encontra-se nas condições visíveis que o indivíduo idoso apresenta ao chegar ao asilo, o que pode produzir o efeito de desconfiança por parte daqueles que administram a instituição.

O domínio associativo que corrobora a produção do idoso como objeto de discurso alicerça-se sobre um saber especializado que nos dá a conhecer uma forma burocrática de governo sobre esse sujeito, bem como sobre a população de que faz parte. A próxima sequência ilustra o processo de objetivação por que passa o idoso quanto à finitude da vida, tal como é enunciada no espaço de ordem do asilo:

> SE 13: "Dna. I. L. foi a óbito. Santa Casa acionou meu plantão às 00:15. Entrei em contato com a responsável pela parte burocrática e todas as medidas cabíveis foram tomadas" (PLANTONISTA).

O recorte nos dá acesso ao comportamento clínico adotado diante da morte de um paciente do asilo. Trata-se de um registro verbal que expõe uma enunciação burocrática acerca do acontecimento da morte por parte do sujeito da instituição, neste caso, a plantonista. Esse tipo de enunciação nos possibilita interrogar seus efeitos de poder-saber no que diz respeito ao trato com a morte nesse tipo de instituição.

Primeiro, "medidas cabíveis" acionam a memória de um procedimento fúnebre aos moldes da tradição cristã, haja vista o caráter católico em que se fundamenta o asilo São Vicente de Paulo. Mas os possíveis dizeres acerca de quem faleceu não ganham destaque nos documentos que registram o governo burocrático do asilo no momento da morte.

Segundo efeito decorrente do primeiro: essa prática não tem por costume emitir algum tipo de nota fúnebre, a não ser o que consta no relato. Isso permite-nos observar a ausência de qualquer tipo de afeto em relação à memória dos idosos do asilo. A senhora "Dna. I. L.", após entrar em óbito na Santa Casa do município de Jacarezinho, Paraná, foi anunciada como morta pela administração do hospital à plantonista do asilo São Vicente de Paulo, na data de 25 de fevereiro de 2016. O acontecimento da morte acaba sendo tratado como um processo destituído de pesares, ao menos não há registros, ou de algum tipo de memória acerca da idosa morta. As instituições se comunicam para administrar o corpo, agora sem vida.

Em certa medida, e esse é o terceiro efeito de poder-saber identificado a partir do modo com que a morte é enunciada, a instituição asilar acaba sendo um braço do Estado, à medida que cumpre aquilo a que se pretende, registrando, em sua prática, acontecimentos que modificam ou ameaçam o corpo da população idosa. O óbito da idosa é desprovido de algum ritual que mereceu ser registrado, além do momento da enunciação entre as instituições, "00:15". Logo, a memória que se tem do objeto de discurso é construída com

base em um campo associado que recupera o conceito de idoso asilado como um indivíduo invisível, incapaz e vulnerável, portanto, objeto de esquadrinhamento temporal, cujo limite transcende sua existência, pois os registros não cessam com sua morte.

Nessa perspectiva analítica, a memória social desse sujeito vai ganhando, na prática discursiva em questão, contornos de objeto disponível à exploração científica de seu corpo, enquanto seu colapso biológico não ocorre. Estudantes e professores do curso de fisioterapia e de odontologia, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, desenvolvem, por exemplo, o estágio clínico de seus respectivos cursos no asilo, pois, lá encontram diferentes indivíduos que estão, por assim dizer, disponíveis ao olhar especializado, servindo, dessa forma, como suporte técnico dos saberes de tais áreas do conhecimento.

Além desse aspecto, é das brechas nas relações de poder-saber presentes no exercício da governamentalidade que uma memória social do que seja idoso pode surgir como acontecimento. Vejamos como isso funciona na próxima sequência analisada:

> SE 14: Não, aqui a gente não tem assim, essa...esses vô que são safado, essas vó que são safada, né? Não tem. A gente brinca, né? A gente brinca bastante. Tem um aí que chama nós e a gente brinca pra caramba, mas não assim de...Não, não aparenta ser interesse nas vós. Eles são aqui mesmo como uma família mesmo, né? A gente cuida, né? (CUIDADORA).

A enunciação que deu origem ao recorte opera uma ruptura da memória social acerca do idoso que vive fora da instituição com a memória do idoso institucionalizado pelo asilo. Embora o sujeito da sequência utilize os itens lexicais "vô" e "vó" para significar em seu discurso, respectivamente, o homem idoso e a mulher idosa na sociedade, isto é, a população idosa externa ao asilo. Esse mesmo sujeito posiciona-se de forma desvinculada das relações afetivas que os termos "vô" e "vó" produzem, por efeito, ou implicam, quando empregados nessa materialidade discursiva.

O que permite tal consideração são as relações que esses itens mantêm, no discurso desse sujeito, com o tema da sequência enunciativa: a prática da sexualidade entre os idosos do asilo. Ao abordar o tema, o sujeito dessexualiza os idosos internos do asilo, enquanto aquelas vós "safadas" encontram-se ausentes na instituição. Elas estão fora, dispersas na sociedade.

A prática da sexualidade dos idosos é significada em tom de uma prática lúdica, destituída de valores de verdade. As possíveis manifestações de sexualidade entre os idosos não produzem o efeito de "interesse" em uma relação afetiva, isso na perspectiva do sujeito que enuncia, para quem existem mulheres idosas "safadas", mas elas não estão internadas no asilo. Dizer que "Eles são aqui mesmo como uma família mesmo, né? A gente cuida, né?" é o mesmo que atribuir ao significante família um significado desprovido de sexualidade, mais ainda, é não considerar que os idosos internos, por se comportarem como se estivessem em família, não estejam mais sob o poder desse dispositivo.

Mesmo quando o tema da sexualidade surge como elemento da prática de objetivação, ele vem impregnado do poder heteronormativo. Quanto a isso, parece-nos oportuno retomar o que está enunciado na SE 10, já analisada: "O Asilo tem por finalidade abrigar pessoas idosas de ambos os sexos".

A informação destacada desliza para uma classificação apoiada em um sistema de gênero binário e em um discurso biologizante de gênero. Trata-se uma objetivação de idoso que não considera a que a identidade de gênero e a expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino.

Por fim, não poderíamos deixar de constar movimentos de resistência desse corpo em relação à disciplinarização que sobre ele se exerce:

> SE 15: "Quando cheguei M. estava *agitado*, cuidadores relataram que o mesmo chegou *quebrando e batendo em tudo*. Ao me dirigir a ele *o mesmo saiu para a rua sem falar nada* e começou a gritar na rua. *M. L. gritando, agitada. Sra. L. B. agitada, tirando a roupa*." (PLANTONISTA).

> SE 16: "Sr. M. chegou por volta de 14:30 h, relatou estar numa prima, *às 18:40 h pulou o muro do lado de baixo e foi para rua*, onde dava pra ver da janela da farmácia que o mesmo estava gritando na rua e batendo palma no portão das residências, *chamei o mesmo de volta, porém sem sucesso*." (PLANTONISTA).

O exercício do poder disciplinar, presente em uma instituição como a São Vicente de Paulo, faz com que relações de força se confrontem nessa heterotopia geográfica e historicamente constituída.

Essas duas sequências mostram haver resistência ao espaço institucional, aos seus domínios físicos, já que a instituição asilar possui local fixo, em prédio próprio e é cercada por muros e grades, limitando, distribuindo e majorando o espaço de exercício da vigilância sobre os que ali se encontram.

As duas saídas descritas no registro do senhor "M." transgridem o que é disposto na cláusula sexta do terceiro capítulo do regimento interno: "Os internos que tiverem boas condições de saúde poderão ausentar-se temporariamente da Entidade, com autorização da Administração, que expedirá documento a ser apresentado na portaria". É uma tática de resistência, que emerge no enunciado, contra o esquadrinhamento espacial da instituição e contra o poder que esta enseja sobre o corpo de cada um dos internos, cerceando a liberdade de ir e vir, de forma a imprimir alguma sanção sobre aquele que não se conforma com normas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os enunciados analisados estão no nível da linguagem, ou seja, no nível das relações de poder-saber que constituem a prática discursiva investigada. A escavação deles, digamos, nos possibilitou identificar sua regularidade em termos de invisibilidade, finitude e precarização dos que estão internados no asilo São Vicente de Paulo.

Os temas que as sequências enunciativas colocam em circulação permitiram concluir que o enquadramento que essa prática faz do idoso acentua a precariedade da vida dessa população, e esse efeito é obtido analisando como ocorre o processo de objetivação. Em outros termos, o asilo, ao produzir o idoso como objeto de reclusão, internação e investigação, precariza, ainda mais, seu corpo envelhecido.

Vimos, assim, que os idosos são vulneráveis social e biologicamente e desempenham um papel de passividade diante do poder institucional, sendo que essa passividade também é atestada pelo fato de eles abrirem mão de seu próprio governo, transferindo esse exercício fundamental à instituição asilar.

Além disso, embora se determine a sanidade mental dos candidatos e candidatas a sujeito idoso do asilo, as manifestações discursivas registradas nos documentos acenam para a não necessidade de uma sanidade mental para se constituir como tal.

Outro elemento que visibiliza o funcionamento em tela: há uma conformação do idoso em objeto de saberes, principalmente, daqueles que tomam seu corpo para servir de estudo de áreas como medicina e enfermagem. Esse corpo constitui-se em superfície de inscrição biológica, principalmente, fazendo ver um sujeito localizado em um espaço em que a razão sobrepuja o emocional e o afetivo.

Tendo em vista tal processo de objetivação, finalizamos com a atenção voltada para o modo como a precariedade é disposta no enquadramento feito pela prática discursiva asilar. Esse mecanismo discursivo desdobra-se em dois: age sobre as ações biopolíticas em relação aos cuidados para com a vida e atua também sobre o direito a uma finitude assistida e com dignidade, que é o esperado que ocorra em uma instituição que abriga idosos vulneráveis.

Butler, contudo, alerta para o fato de que "[...] não se deduz daí que se alguém apreende uma vida como precária decidirá protegê-la ou garantir as condições para a sua sobrevivência" (BUTLER, 2019, p. 15). Isso nos alude à noção de contradição, desenvolvida por Foucault (1972) e recuperada na introdução deste texto: a percepção que fizemos da precariedade como elemento de regularidade

enunciativa tanto pode lançar luz sobre a idade e suas mazelas quanto potencializar a violência, pois fazer aparecer a vulnerabilidade física e mental de um grupo pode provocar o desejo de destruí-lo, como mecanismo de defesa da sociedade neoliberal.

REFERÊNCIAS

ASILO SÃO VICENTE DE PAULA. *Regimento interno*. Jacarezinho, PR, 6 de junho de 2008.

BRASIL. *Estatuto do idoso***.** Lei federal nº 10.741**.** Brasília, DF, 2003.

BUTLER, J. *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Trad. Lieber, Andreas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma T. Muchail, 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2014.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

NAVARRO, P. Dispositivo e governo da velhice no discurso da *web*. *Revista da Abralin*, v. 14, n. 2, p. 193-214, 2015.

NAVARRO, P. Acontecimento discursivo e efeitos de poder sobre o sujeito idoso. In: BUTURI JÚNIOR, A; SEVERO, C. G. (org.). *Foucault e as linguagens*. Campinas: Pontes Editora, 2018. p. 267-296.

SANCHES, O. H. *A governamentalidade no discurso sobre os idosos em condição de asilo*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

Recebido em 18/07/2022. Aceito em 20/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90177

LA PERSONNE ÂGÉE COMME OBJET DE LA PRATIQUE DISCURSIVE À L`ASILE : LA PRÉCARISATION DES VIES VULNÉRABLES

O IDOSO COMO OBJETO DA PRÁTICA DISCURSIVA ASILAR: A PRECARIZAÇÃO DE VIDAS VULNERÁVEIS

EL ANCIANO COMO OBJETO DE LA PRÁCTICA DISCURSIVA DE ASILO: LA PRECARIEDAD DE VIDAS VULNERABLES

Pedro Navarro[*]
Universidade Estadual de Maringá

Hoster Older Sanches[**]
Instituto Federal do Paraná

RÉSUMÉ : Dans cet article, nous analysons la manière dont les personnes âgées sont positionnées dans le discours comme objet de la pratique qui se manifeste dans l'espace institutionnel de l'asile São Vicente de Paulo, à Jacarezinho, PR. Pour ce faire, nous partons d'une discussion sur la pratique discursive (le référentiel, l´objet, mais aussi le domaine associatif) et sur la précarisation des vieillards vivant à l´asile, en les mettant en relation avec la manière dont le corps s'inscrit dans un mécanisme de gestion de la mort par le gouvernement qui s'exerce sur la vulnérabilité impliquée dans cet espace. La série énonciative a été extraite de documents officiels, de dossiers médicaux et d'entretiens avec les responsables de l'institution et soumise à une analyse archéogénéalogique concernant le gouvernement et l'objectivation en exercice dans cette institution. Nous partons de la considération que la vieillesse vulnérable est un énoncé emblématique de cette pratique et, à ce titre, permet d'identifier une régularité autour de l'incapacité, de l'invisibilité et de la précarité des corps vieillis sur lesquels s'opère la régulation de la vie et l'administration de la mort.
MOTS-CLÉ : Personne âgée. Asile. Pratique discursive. Objectivation. Des vies précaires.

RESUMO: Neste artigo, analisamos o modo como o idoso é posicionado no discurso como objeto da prática que se manifesta no espaço institucional do asilo São Vicente de Paulo, em Jacarezinho, PR. Para tanto, partimos de uma discussão sobre prática discursiva (referencial, objeto e domínio associativo) e sobre precarização das vidas idosas asilares, relacionando-as ao modo como o corpo é inscrito em um mecanismo que administra a morte pelo governo que se exerce sobre a vulnerabilidade implicada nesse

[*] Docteur en linguistique et langue portugaise. Professeur associé à l'UEM. Bourse CNPq en productivité de la recherche. Responsable du GEF-UEM et coordinateur du GT Etudes discursives foucaldiennes à Anpoll. Courriel : navarro.pl@gmail.com.

[**] Docteur en lettres. Professeur à l'Institut Fédéral du Paraná, campus Jacarezinho. Membre du GEF-UEM et affilié au GT d'études discursives foucaldiennes d'Anpoll. Courriel : hoster.sanches@ifpr.edu.br

espaço. A série enunciativa foi extraída de documentos oficiais, prontuários médicos e entrevistas com responsáveis pela instituição e submetida a uma análise arqueogenealógica a respeito do governo e da objetivação em exercício nessa instituição. Partimos da consideração de que velhice vulnerável é um enunciado emblemático dessa prática e, como tal, permite identificar uma regularidade em torno da incapacidade, da invisibilidade e da precariedade dos corpos envelhecidos sobre os quais opera a regulação da vida e administração da morte.
PALAVRAS-CHAVE: Idoso. Asilo. Prática discursiva. Objetivação. Vidas precárias.

RESUMEN: En este artículo, analizamos la forma en que los ancianos se posicionan en el discurso como objeto de práctica que se manifiesta en el espacio institucional del asilo São Vicente de Paulo, en Jacarezinho, PR. Para ello, partimos de una discusión sobre la práctica discursiva (referencia, objeto y dominio asociativo) y sobre la precariedad de las personas mayores que viven en asilos, relacionándolas con la forma en que el cuerpo se inscribe en un mecanismo que gestiona la muerte por medio del gobierno que se ejerce sobre la vulnerabilidad que implica ese espacio. La serie enunciativa fue extraída de documentos oficiales, registros médicos y encuestas con los responsables de la institución y sometida a un análisis arque-genealógico respecto al gobierno y la objetivación en ejercicio en esta institución. Partimos considerando que la vejez vulnerable es un enunciado emblemático de esta práctica y, como tal, permite identificar una regularidad alrededor de la incapacidad, invisibilidad y precariedad de los cuerpos envejecidos sobre los que opera la regulación de la vida y la administración de la muerte.
PALABRAS CLAVE**:** Adulto mayor. Asilo. Práctica discursiva. Objetivación. Vidas precarias

1 INTRODUCTION

Dans cet article, nous analysons la manière dont les personnes âgées sont positionnées dans le discours comme objet de la pratique discursive qui se manifeste dans l'espace institutionnel de l'asile São Vicente de Paulo, situé dans la ville de Jacarezinho, PR. Pour ce faire, nous partons d´une discussion sur la pratique discursive (le référentiel, l´objet mais aussi le domaine associatif) et sur la précarisation des personnes âgées vivant en asile, en les mettant en relation avec la manière dont le corps des vieillards s'inscrit dans un processus d'objectivation qui gère la mort par le gouvernement qui s'exerce sur la vulnérabilité impliquée dans cet espace.

Nous avons pris comme objet d'analyse empirique des énoncés faisant partie d´une recherche plus complète sur les documents officiels, les dossiers médicaux et les entretiens avec les responsables de l'institution, ces énoncés étant ensuite soumis à la ligne discursive de la gouvernementalité des personnes âgées et des techniques discursives pratiquées dans cette institution (SANCHES, 2018).

Au moment de la sélection du corpus, l'asile comptait vingt-trois employés dans son cadre formel, y compris des professionnels de différents domaines de la connaissance, tels que des physiothérapeutes et des dentistes (lors de stages curriculaires à l'Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP –, *campus* de Jacarezinho), en plus d'un médecin et d'un nutritionniste, mis à disposition de l'asile par la mairie.

L'événement du vieillissement de la population brésilienne s'est répercuté dans plusieurs domaines, dont celui de la justice. La création du Statut des personnes âgées, par la loi no 10.741, promulguée le 1er octobre 2003, est un moyen d'assurer l'égalité des conditions par rapport aux autres personnes et de réglementer les besoins de cette population en matière d'assistance publique, comme le prévoit l'article deuxième de cette loi, qui garantit aux personnes âgées « les droits fondamentaux inhérents à la personne humaine […] assurant, par la loi ou par d'autres moyens, toutes possibilités et facilités, pour la préservation de la santé physique et mentale et son amélioration morale, intellectuelle, spirituel et social, dans des conditions de liberté et de dignité » (BRASIL, 2003, p. 1). Ainsi, la contradiction établie par la loi se matérialise : il existe une législation sur les droits déjà acquis par les individus soutenus par l'ensemble des lois, cependant, des spécificités culturelles et historiques peuvent avoir conduit l'État à ratifier les conditions de devoir des citoyens, ou de la société brésilienne, vis-à-vis de la population âgée.

Dans ce scénario, les conditions de possibilité qui font émerger la personne âgée en tant que patient hospitalisé semblent contribuer à la production d'un type spécifique de sujet, aux caractéristiques empreintes des rapports de pouvoir-savoir exercés dans l'institution. Si l'on prend en compte les techniques du dispositif disciplinaire, présentées par Foucault (2014), nous verrons que la disposition architecturale de l'asile, bien qu'il ne s'agisse pas d'une prison, s'appuie sur l'examen minutieux pour une meilleure efficacité du gouvernement des corps qui y vivent.

Dès le départ, nous opérons une méthode guidée par une pratique d'analyse qui a pour tâche de « casser les mots », comme le fait Michel Foucault. Nous en trouvons un exemple dans la citation que Jorge Luis Borges fait « d'une certaine encyclopédie chinoise », par laquelle Foucault ouvre sa préface de *As palavras e as coisas*:

> [...] os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas. (FOUCAULT, 2000, p. IX)

Ainsi, pour casser les mots qui sont dits sur les personnes âgées dans les asiles, nous sommes confrontés à la positivité du savoir, son *épistèmé,* au sein duquel les savoirs, pour être en dehors de tout critère renvoyant à sa valeur rationnelle ou à ses formes objectives, « s'enracinent leur positivité et manifestent ainsi une histoire qui n'est pas celle de leur perfection croissante, mais plutôt celle de leurs conditions de possibilité » (FOUCAULT, 2000, p. XIX). Cela signifie que casser les mots qui produisent l'objet âgé dans le discours analysé, c'est entrer dans l'espace où savoir et pouvoir, mots et choses s'entremêlent.

Par conséquent, suivant l'orientation de l'archéogénéalogie foucaldienne, il faut tenir compte du fait qu'il existe dans le corpus étudié un jeu de pouvoir qui interagit constamment et peut être « vu », tant que nous faisons attention aux régimes de vérité et de lumière. Tandis que les régimes de vérité constituent les énoncés, les régimes de lumière sont les visibilités.

Concernant le thème de cet article, nous considérons que la vulnérabilité du corps âgé est l'un des énoncés que nous pouvons extraire de la pratique discursive et, à ce titre, nous permet d'identifier une régularité. De ce rapport de forces entre les régimes de vérité et les régimes de lumière, on peut donc faire émerger l'énoncé, les régularités et les rapports de force. Autrement dit, on brise ce que disent les pratiques discursives (les mots) pour faire connaître le visible et le dicible du corps des personnes âgées dans l'asile. En cassant les mots de telles pratiques, nous repérons les éléments de leur régularité, ainsi que les effets de pouvoir qui leur sont liés.

En ce qui concerne les effets de pouvoir sur la population âgée, la gouvernementalité exerce un autre type de régulation que celle qui intervient dans l'asile. Dans Navarro (2015, 2018), nous avons vu que les personnes âgées encadrées dans le soi-disant « meilleur âge », tel qu'il émerge sur le web, sont soumises à des dispositifs technologiques qui les obligent à développer des compétences pour, par exemple, savoir comment allumer l'ordinateur, naviguer sur des sites Web, télécharger des vidéos, installer des appareils tels que des caméras vidéo pour, si possible, interagir avec leur famille ou leurs amis. Ceux qui sont subjectivés par les éléments définissant ce « meilleur âge », sont censés avoir un corps qui, malgré le vieillissement, possède le contrôle, l'autonomie et la capacité d'effectuer des actions spécifiques à l'environnement numérique. Il s'agit donc d'un processus de rendre docile le corps âgé à l'impératif de productivité et de consommation.

Dans la pratique objectivante des asiles, un autre type de régulation entre en jeu, manifesté par la maîtrise d'une finitude annoncée par l'abandon même de vies âgées déjà au seuil de l'incapacité. Face à ces deux formes de gouvernement du sujet âgé et soutenus par l'apport théorique et méthodologique avancé dans cette introduction, pour décrire le niveau énonciatif en question nous sommes nécessairement amenés à interroger le langage non pas vers le sens auquel il renvoie, mais vers la dimension qui le produit (FOUCAULT, 1972).

2 SUJET AGE A L´ASILE ET PRECARISATION DE LA VIEILLESSE

Nous partons de l'âge comme élément fort qui implique des relations pouvoir-savoir. Le premier point à considérer est que les personnes âgées subissent déjà un processus d'invisibilisation inhérent au dispositif vieillesse, tel qu'il est administré dans l'espace hétérotopique de l'asile : il s'agit de faire en sorte que ces sujets cessent d'exister pour le monde. Ce processus d'invisibilité, issu des régimes de vérité et de lumière évoqués, est un effet de pouvoir lié à la série énonciative que produit le dispositif et fait parler de cette population de l´asile. Un autre effet de pouvoir inféré de ce cadre énonciatif, qui fonctionne en réseau avec celui d'invisibilisation, est la précarisation de la vie des personnes âgées qui se dégage de la pratique discursive. L'effet de ce processus est compris dans les séquences énonciatives, telles que développées par Butler (2019). Selon l`auteur

> O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência, e os corpos também ameaçam nos transformar na agência e no instrumento de tudo isso. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública. Constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. (BUTLER, 2019, p. 46)

La précarisation de la vie se produit à travers certains mécanismes historiques qui encadrent les vies et les morts de différentes manières et se matérialisent dans certaines pratiques sociales et politiques, telles que, à notre avis, dans l'institution de São Vicente de Paulo. Ainsi, le seuil d'incapacité, d'invisibilité et de précarisation nous semble être trois éléments de régularité discursive que le *corpus* met au jour, lorsqu'il est soumis à une description fondée sur des outils archéogénéalogiques.

Imprégnés du besoin de comprendre la dimension qui produit le langage, cette régularité nous oriente donc non pas exactement vers le corps âgé, mais vers les processus qui se déroulent dans cette institution et y fonctionnent pour faire connaître un corps vulnérable. La séquence énonciative (SE) suivante, extraite du *corpus*, donne cette dimension :

> SE 1 : Un petit vieillard, il était onze heures et demie, il s'est réveillé, et il est tout simplement venu au réfectoire. Je lui ai dit ainsi : « Monsieur Vicente, il est onze heures et demie. Il faut vous recoucher, il est encore tôt, n'est-ce pas ? » il a dit : « non, mais je ne veux pas dormir maintenant ». Alors je suis resté là, à lui parler. J´y suis restée jusqu'à deux heures vingt avec lui. Jusqu'à deux heures vingt. Alors je lui ai dit : « maintenant le sommeil est-il revenu ? ». Je l´ai pris par la main et je l'ai emmené dans sa chambre. Il s'est allongé et s'est endormi. Quand il était cinq heures vingt, je l'ai appelé pour qu'il prenne un bain. Il est donc venu (L'AIDE-SOIGNANT).

Toujours soutenue par Butler, la précarisation de ces vies est un effet de savoir-pouvoir opéré par l'encadrement du corps âgé dans la pratique analysée. Cet encadrement, donné par le regard clinique, détermine comment la personne âgée peut être représentée à la fois comme objet de savoir médical et comme statistique d'une biopolitique.

Selon cette argumentation, la vieillesse dans sa finitude est l'énoncé directeur qui organise, dans le discours, les éléments, déjà mentionnés d'une régularité. Celle-ci fait apparaître la vulnérabilité dégageant du dispositif de la vieillesse, qui exclut les personnes âgées de la société et les place dans un espace autre, dans lequel leur corps topique énonce le contrôle méticuleux du dossier médical, en même temps qu'il rend visible la mort qui s´approche, comme le prévoit le règlement intérieur de l'établissement :

> SE 2 : En cas de décès, prendre les dispositions nécessaires pour la veillée funèbre, les obsèques, l'inhumation, en informant immédiatement le président ou le vice-président de l'entité, et, sur demande, le corps peut être veillé dans un endroit approprié. De telles mesures peuvent être en charge du secteur des soins infirmiers, en ayant des employés qualifiés pour cela (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 2).

Ainsi, l'administration des médicaments, de l'heure des repas et de celle où on fait rentrer les seniors dans leurs chambres, sont l'une des modalités énonciatives qui constituent les règles de formation de la pratique discursive de l´asile :

> SE 3 : Ici, les horaires de prise de médicaments sont standardisés. Quand je suis arrivée ici, il n'y avait pas de normalisation, cette division du temps. Et puis, quand je suis arrivée, je l'ai partagé, vous voyez ? J'ai standardisé les temps pour être très précis. Le matin, les médicaments qui doivent être administré pendant le jeûne sont faits à six heures du matin, le plateau de huit heures du matin ce sont des médicaments de routine : les antibiotiques, tout ce que vous avez à administrer. Ensuite, il y a le plateau de midi, destiné aux médicaments pour la circulation et le diabète, n´est-ce pas ?, toujours pris après le déjeuner. Puis le plateau repas, qui sont aussi les médicaments de routine et puis ceux de vingt et une heures, qui sont les médicaments pour s'endormir, les anti-hypertenseurs, mais visant plutôt à dormir (L'INFIRMIÈRE).

Les deux séquences énonciatives suivantes exposent un savoir qui soutient les pratiques de soin, et la manière dont celui-ci est rapporté nous fait prendre conscience de la vulnérabilité du sujet d'asile, compte tenu de son incapacité, de son invisibilité et de sa précarité :

> SE 4 : Le bain, parfois, l'après-midi, on a besoin de donner un bain, puis on... j'aide. Pas la douche du matin. Parfois besoin dans l'après-midi. S´il faut aussi aider à changer une couche...ou bien mettre une personne sur le fauteuil... alors j´aide aussi. Lors de l'alimentation... (L'AIDE-SOIGNANT).

> SE 5 : On fait les pansements, n´est-ce pas ? D´après la technique que nous avons apprise. Par exemple, maintenant, ici, nous n'avons pas de serre. [...] nous n'avons pas de serre pour stériliser le matériel. Mais nous ne sommes pas comme l'hôpital, mais nous essayons quand même de nous rapprocher. Aussi proche que possible, vous savez ? Parce que nous avons appris. Parce que tout serait bien selon la technique, avec une pince, ce serait l´idéal, vous savez ? Mais comme j´ai dit á la fille, il y a la fille qu'elle veut la nuit, vous savez ? Utilisez des pinces, comme il faut. J'ai dit. Mais nous n'avons pas de four, nous demandons que la gaze soit stérilisée au poste médical, n´est-ce pas ? Alors, j'ai dit : mais même si on fait comme on fait, on peut refermer l'escarre, vous savez, tout, je lui ai dit. Donc, on essaie de se rapprocher le plus possible de ce qu'on a appris dans le cours, même si on n'a pas tout le matériel, vous savez ? Vous voyez, on n'a pas de serre à faire, n´est-ce pas ?, le bon pansement, là, dans la technique. Injection, j'applique tout correctement. Je passe l'alimentation par sonde, je lave la sonde, les médicaments... Tout ce que nous avons appris, nous essayons de le transmettre (L'INFIRMIER).

La connaissance issue des savoirs impliqués dans les soins aux personnes âgées permet d'observer les procédures utilisées pour maintenir la santé dans l'asile, en même temps qu'elle met au centre du rapport le corps dans sa phase terminale, vulnérable aux maladies qui l'affectent.

3 DE LA PRATIQUE DISCURSIVE EN EXERCICE A L'ASILE

Reprenant les trois éléments de la régularité (au seuil de l'incapacité, de l'invisibilité et de la précarisation), nous considérerons plus précisément le rapport entre référentiel et objet de discours dans la pratique discursive asilaire. Pour ce faire, nous nous appuierons sur la direction d'analyse que Foucault (1972) a développée dans une perspective archéologique, en y recherchant les traits qui font connaître l'exercice du pouvoir sur le corps âgé.

Il nous semble que, pour cette enquête, il faut s'interroger sur le rôle joué par le référentiel dans la règle de formation de la pratique en question. En d'autres termes, la description énonciative de l'objet, la fouille archéologique de celui-ci, nous expose aux couches énonciatives qui recouvrent le concept de personne âgée et cela nous place également devant des rapports de force lourds qui font de cet objet un référentiel de cette analyse. Nous arrivons ainsi au niveau généalogique qui recouvre cet objet, en en faisant un élément sur lequel vient se superposer une biopolitique qui s'exprime dans la contradiction entre soin et abandon en articulation dans les documents/monuments de l'asile de São Vicente de Paulo.

Dans le projet archéogénéalogique, les contradictions doivent être décrites, en vue de déterminer la mesure et la forme de leur variation, car « […]l'analyse archéologique révèle le primat d'une contradiction qui trouve son modèle dans l'affirmation et la négation simultanées d'une même proposition » (FOUCAULT, 2005, p.176).

En suivant de plus près la proposition de Foucault, nous pouvons considérer que dans cette fouille archéologique le domaine référentiel prime sur les règles de formation des objets. Pour l'auteur,

> O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação.[...] (FOUCAULT, 1972, p. 103)

Considérant que l'énoncé est lié à un référentiel qui n'est pas constitué par des choses, des faits ou des êtres, mais par des lois de possibilité pour les objets qui y sont décrits, nommés ou désignés, l'accent mis sur ce domaine (référentiel) dans l'analyse des pratiques discursives, cela tient au fait qu'il s'agit d'un niveau de description qui, selon nous, justifie la proposition archéogénéalogique. Ce que nous soutenons, c'est que l'analyse du discours sur la personne âgée et son corps vulnérable, en situation d'internement, doit prendre en compte la primauté du référentiel sur la formation de l'objet, ce qui peut éclairer l'inscription d'une volonté de vérité et de l'exercice du pouvoir sur cet objet.

En ce sens, l'analyse du niveau énonciatif de l'objet âgé comme référentiel dans la pratique discursive de l´asile doit considérer les « rapports entre l'énoncé et les espaces de différenciation, dans lesquels elle-même fait apparaître les différences » (FOUCAULT, 1972, p. 103). Les pratiques changent, le domaine référentiel change lui aussi et, par corrélation, les objets du discours changent, comme le montrent les discours et les dispositifs technologiques du « meilleur âge ». Ainsi, le domaine référentiel de l'énoncé est celui où les objets sont formés, n'étant pas nécessairement constitués de choses matérielles. Ils peuvent être constitués de relations de pouvoir, de sentiments, de sensibilités, d'affections, de vulnérabilités, de maux de l'âme ou du corps.

Pour les conditions d'exercice de la fonction énonciative liées aux règles qui forment les objets de discours, Foucault (1972) établit trois directions, résumées comme suit : délimiter les premières surfaces de leur émergence (famille, groupe religieux, groupe politique), quels sont les champs dans lesquels les objets se manifestent, trouvent la possibilité d'être dits, nommés et décrits ; décrire les instances de délimitation légitimées pour parler de l'objet, par exemple la médecine ; et de caractériser les grilles de spécifications qui soumettent les objets à certains systèmes de classification. Foucault illustre, en disant que différents objets peuvent être classés comme « folie ».

4 LE CORPS AGE DANS LA PRATIQUE DISCURSIVE ASILAIRE

Dans cette section, nous mobilisons la discussion menée précédemment, en mettant l'accent sur la pratique discursive, afin d'identifier le sujet âgé dont il est question dans des séquences énonciatives extraites du *corpus* analysé.

Le régiment interne de l'asile de São Vicente de Paulo correspond à une surface énonciative qui occupe un *statut* important dans l'institution asilaire, car il détermine les conditions de possibilité d'entrée et de permanence, puisque l'institution est un soutien social limité.

Le règlement intérieur de l'établissement récupère des éléments d'un champ associatif qui délimite et identifie, à travers les documents demandés, le profil d'une personne âgée apte à recevoir les soins de l'établissement :

> SE 6 : « DE LA SÉLECTION POUR L'INTERNEMENT : Pour la demande d'hospitalisation, il est requis : a) Avoir plus de 65 ans et être retraité ; b) Certificat médical de santé mentale ; c) Avoir vraiment besoin de l'asile ; d) Être dans le besoin et ne pas avoir de famille ; e) Ne pas avoir de conditions pour survivre seul ; f) Accepte de rester à l'asile ; g)

> Que la famille accepte les éléments du terme d'engagement ; h) Que tous les documents soient remis au secrétariat de l'Entité ; i) Que la carte de retraite du détenu qui restera dans l'Entité soit délivrée et après le décès la famille n'aura pas accès à la carte » (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 1).

En ce sens, il s'agit nécessairement d'un individu âgé de plus de soixante-cinq ans, nécessiteux et incapable d'accomplir les tâches ménagères quotidiennes qui garantissent sa survie. Cette séquence fait le cadrage de cette vie vulnérable, nous faisant voir les effets d'une biopolitique précaire comme le fonctionnement d'une pratique ségrégative plus large, instituée dans la société.

Ce champ associatif, qui se manifeste dans les exigences requises par le Règlement Intérieur, nous oriente vers les conditions de possibilité existant dans l'établissement en question. L'individu âgé qui émerge à la surface de la SE correspond à celui qui, en premier lieu, se trouve dans une situation de vulnérabilité sociale, soit en raison d'un abandon par la famille, soit en raison des effets du niveau économique de la famille groupe auquel appartient la personne âgée. La vulnérabilité correspond donc à cette condition primordiale, à côté de la classification par âge biologique des individus. Et de tels éléments circonscrivent déjà les possibilités historiques d'existence de l'objet âgé, compte tenu des instances de délimitation (médicale et sécurité sociale) et des grilles de spécification (retraité, nécessiteux, sans famille et incapable de survivre seul) en exercice pour la production de cette objectivation.

Bien que la personne âgée doive être en situation de vulnérabilité, on attend d'elle qu'elle soit une personne capable de répondre de sa conduite, par la disponibilité de la raison, caractéristique d'une santé mentale évaluée par un savoir technique et sanctionné par un autre, d'ordre médical. Le régime de vérité de ce document, en articulation avec son régime de lumière, donne une visibilité à l'objet âgé de la pratique discursive : c'est quelqu'un qui vit seul, a de bonnes conditions mentales et a des revenus de retraite. La contradiction dont nous venons de parler est manifeste, puisque les caractéristiques prévues au Régiment nient et affirment, à la fois, les conditions physiques et psychologiques et l'incapacité de survivre, n´étant pas en compagnie d'autrui. Autrement dit, la situation biologique associée à une vie sociale vulnérable forme des prérogatives dans la constitution de l'objet de discours.

Privée de vie familiale et sociale, la personne âgée subit d'autres processus d'exclusion qui la rendent invisible au groupe auquel elle appartient, mais bien visible au panoptisme qui va s'exercer sur son corps. Dans quels termes cela se produit-il ?
La condition d'existence de ce sujet, une fois qu'il a besoin d'être hospitalisé, est que, après avoir observé et certifié sa santé mentale, il accepte l'insertion et le gouvernement de son corps dans l'espace disciplinaire de l'asile. L'institution prend alors possession de son corps et de sa source économique, la retraite, assumant ainsi une pleine protection dans les soins dont elle a besoin, puisqu'elle s'est soumise à ce premier processus d'objectivation.

L'individu aux caractéristiques profilées constitue un sujet candidat, pour ainsi dire, à une place dans l'asile, compte tenu de sa condition de crise et de déviation par rapport à la rationalité néolibérale, notamment dans un état de vulnérabilité sociale et d'invisibilité. Dans cette ligne descriptive du dit et du vu des personnes âgées en SE 6, un autre effet pouvoir-savoir s'y rattache et concerne le seuil d'incapacité, un des éléments de la régularité énonciative : ce corps est rappelé comme étant celui proche de son extinction et, pour cette raison, il doit être accueilli dans des institutions de soins, comme l'asile de São Vicente de Paulo.

La brièveté du décès est exprimée dans les exigences contenues dans le Règlement Intérieur : « i) Que la carte de retraite du détenu qui restera dans l'Entité soit délivrée et après le décès la famille n'aura pas accès à la carte ». La finitude de l'interne n'est plus que la vérification des conditions de son corps comme surface d'inscription des soins dont l'institution a besoin et de la vulnérabilité résultant de l'échec de la régulation des personnes âgées comme appartenant à une population sur laquelle il convient d´appliquer des procédures permettant à la fois de gérer l'éventualité d´un vieillissement tardif et d´aider à une mort plus digne.

Ainsi, on assiste à l'émergence d'un sujet âgé passif, attendant la défaillance biologique de son corps, conscient de son inadaptation à la société actuelle et, pour ces raisons, renonçant à l'autonomie. La prise de conscience de son inadaptation dans la société a pour effet le consentement de son gouvernement mis en œuvre dans le processus d'objectivation installé dans l'asile.

Bien que l'une des conditions d'existence du demandeur d'asile soit le caractère de vulnérabilité sociale, l'institution d'asile entretient un rapport à la famille qui doit être problématisé, au regard de ce qui est énoncé dans la SE en question. Il semble y avoir un

déplacement des pratiques de soins de cette institution vers celle-ci. La prise en charge de la santé de cet individu est détachée du domaine familial, laissant la famille entretenir, si elle le souhaite, des liens d'affection avec les personnes âgées. Dans ce mécanisme de transfert de soins, les personnes âgées peuvent ne plus recevoir l'affection de leurs proches les plus chers. Sous le contrôle de la surveillance exercée dans l'asile, d'autres rapports de force se configurent.

Un autre élément qui identifie le système de classification de cette pratique discursive est le pouvoir d'achat des personnes âgées, comme indiqué dans la SE 7 :

> SE 7 : « LES ASSISTÉS : Les assistés sont classés comme suit : a) Ceux qui ne peuvent pas contribuer à leurs dépenses ; b) Ceux qui peuvent collaborer avec seulement une partie de leurs dépenses ; c) Ceux qui peuvent pleinement collaborer à leurs dépenses » (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 1).

Une évaluation du pouvoir d'achat des personnes âgées est faite, à partir de ces trois configurations. Aux privilégiés financièrement, les rapports de force réservent l'exclusivité quant à l'utilisation de l'espace institutionnel, comme l'occupation d'une chambre individuelle. Ainsi, la personne âgée qui entre à l'asile porte des traits physiques et sociaux qui la distinguent des autres, et peut devenir un sujet qui, en plus de sa condition mentale et biologique, trouve des lacunes dans le pouvoir institutionnel à travers sa condition financière.

Considérons maintenant les séquences énonciatives de ceux qui s'occupent des vieillards à l´asile de São Vicente de Paulo.

> SE 8 : Un nouvel interne est arrivé, Monsieur L. M., apparemment lucide, alité en raison d'une intervention chirurgicale récente pour fracture du fémur, installé dans la chambre de Monsieur A. D. au H2, il n'a pas apporté de prescription médicale, l'assistante sociale qui l'accompagnait devait envoyer par mail la prescription et les informations sur l'intervention chirurgicale, il présente un pansement dans la région du fémur MIE, avec 6 points de suture, pas d'inflammation [...] (L'AIDE-SOIGNANT).

Les éléments qui définissent le type d'énonciation de la SE 8 la caractérisent comme un rapport descriptif, à travers lequel l'aide-soignant assume la modalité énonciative de qui doit, par la nature de la fonction, enregistrer l'état physique et mental de l'objet du discours. Ainsi, les personnes âgées de cet énoncé émergent dans la pratique de l'institution de l'asile comme un objet de connaissance disponible pour les sciences humaines et biologiques.

La SE 8 ratifie le regard investigateur de l'institution sur le corps de l'individu qui se rend disponible à l'objectivation promue par l'asile. Dans la séquence, des éléments discursifs issus de différents domaines se matérialisent, mais qui revendiquent l'individu âgé comme l'objet de leur regard indiscret. La surface corporelle, les mouvements appliqués sont tous dimensionnés par le regard clinique, car, « apparemment », la personne âgée est soumise à ce rituel institutionnalisé.

En plus de ce qu'elle porte inscrit à la surface de son corps, la personne âgée peut être porteuse, lors de son entrée dans le système d'asile, de maladies qui ne sont perçues par l'œil clinique qu'à l'aide d'une instrumentation technologique. Ces connaissances, combinées aux connaissances médicales et techniques, relèvent de ce domaine, et le sujet médecin est le spécialiste et le responsable de l'avenir de la personne âgée, car il établit le régime à suivre, par le biais de la « prescription médicale », et autorise ou non l'admission de la personne âgée dans l'asile. Le sujet âgé est examiné dans sa structure physique à la recherche d'éventuelles entrées d'autres maladies ou de dommages à sa santé.

La santé mentale est une condition d'existence pour le sujet âgé de l'asile de São Vicente de Paulo, comme le montre l'analyse de la SE 6. Cependant, les manifestations discursives de l'anomalie mentale trouvent des enregistrements lorsque cette pratique discursive se croise, dans le réseau discursif de l'asile, avec les connaissances techniques :

> SE 9 : 07/04/2016 [...] G. ne boite pas pour avoir des douleurs au petit matin elle marchait normalement mais parfois elle imagine ou hallucine qu'il y a un couteau planté dans sa jambe et qu'elle saigne, ce sont les bien connues

> psychoses, l'évaluation et la conduite des internes de cette maison doivent être faite dans la tranquillité et dans la précision pour que nous puissions avoir à leur offrir à tous sans exception qualité de vie et confort physique et mental [...] (L'AIDE-SOIGNANT).

Dans la séquence, le sujet de l'institution, bien que n'occupant pas le *statut* académique de médecin, évalue les manifestations symptomatiques présentées par le sujet âgé, apportant à ce qu'il énonce les connaissances techniques qui justifient les procédures à adopter. Après l'évaluation technique superficielle, cependant, le sujet de l'institution fait allusion à ce qui énonce la SE 10, quant à la prise en charge des personnes âgées dans l'asile :

> SE 10 : « L'asile a pour but d'héberger des personnes âgées des deux sexes, sans famille, dans le besoin, en leur fournissant des soins de base, de la nourriture, des vêtements, une assistance médicale, dentaire, morale et religieuse » (ASILO SÃO VICENTE DE PAULO, 2008, p. 1).

Dans ce scénario, le sujet âgé est observé et interpellé par ses pratiques discursives et non discursives. Dans la SE 9, on lui fait avouer ses pensées, ce qu'il « imagine ou hallucine ». Ce qui permet cette surveillance du corps et de l'esprit est la présence incessante du regard institutionnel qui objective les personnes âgées tout au long du jour et de la nuit.

La SE 10 organise, dans son énoncé, les connaissances provenant de différents domaines de la connaissance scientifique. Jusqu'à présent, il n'y a pas de nouveauté. Cependant, il semble raisonnable d'orienter l'analyse vers la recherche de réponses aux raisons de la stratégie du discours en question. Ce qui autoriserait l'énonciation de l'infirmière dans le SE 9, même si elle appartient à un domaine de connaissance proche de ceux qui énoncent, c'est le regard clinique exercé dans l'espace de l'asile et dont elle est aussi un sujet.

Les conjectures nous orientent vers l'effet du regard clinique et du savoir qui l'entoure. Ainsi, les personnes âgées deviennent des objets sous le prisme de la biopolitique. Ils sont soumis, à travers une sélection de connaissances qui actualisent le gouvernement qui s'y exerce. Pendant ce temps, l'équipe de soignants de l'asile devient, de plus en plus, un ensemble de sujets porteurs de subjectivités et de morphologies vérifié par les domaines techniques qui couvrent les soins de la population âgée de l'asile.

> SE 11 : « Les pathologies les plus courantes sont liées à l'âge, telles que les maladies dégénératives (arthrose), l'hypertension, le diabète sucré et la cataracte sénile » (L'AIDE-SOIGNANT).

Les diagnostics présentant le plus grand nombre de récidives y sont exposés par le médecin qui travaille dans l'institution. Les modalités énonciatives du *statut* et de la position lui permettent d'intervenir dans les soins de santé des personnes âgées, et la stratégie de pouvoir qui favorise cette légitimation trouve sa forme matérielle dans le savoir médical : les pathologies sont nommées et leurs causes et conséquences expliquées. Interrogé sur les maladies qui affectent la population âgée de l'asile, le médecin énumère celles qui sont les plus fréquentes parmi les maladies les plus courantes de cette population, sans mentionner les particularités cliniques que l'on peut trouver dans une population ségréguée comme celle de l'asile. Dans les notes qu'elle prend dans son discours, la médecin fait taire, par exemple, les maladies mentales mentionnées par d'autres sujets de l'institution, comme le sujet de la SE 11. Une réponse possible réside dans le fait que les maladies qui s'inscrivent à la surface des corps des personnes âgées font l'objet d'une plus grande attention de la part du regard médical, car elles sont visibles.

La sénilité ne se manifeste pas clairement dans le discours du spécialiste. Bien que les maladies dont elle parle gardent une relation avec l'état sénile de l'individu, d'autres plus spécifiques et plus graves pour le système biologique des individus en âge avancé ont plus d'accent. La SE 11 donne une visibilité à un pragmatisme des occurrences les plus graves de la santé des personnes âgées, mais ne parle pas des anomalies de l'esprit. Malgré la sélection des maladies décrites, les personnes âgées sont systématiquement placées sous la condition d'objet des spécialistes et de leurs connaissances, ce qui fait de l'institution de l'asile un domaine étranger à la famille.
Une autre caractéristique de la pratique discursive de l'asile, en plus de ce qui a déjà été exposé, est le caractère généraliste avec lequel ce sujet énonciateur traite du diagnostic de la population âgée assistée dans l'asile. Ce constat est étayé par les énoncés d'autres sujets

de l'institution, même s'ils n'occupent pas le *statut* professionnel du médecin, mais témoignent d'une position manifestement plus libre au niveau du discours.

> SE 12 : [...] Quand nous recevons. Et, habituellement, si nous soupçonnons, ce que nous faisons, confirme un certain type de maladie, comme la syphilis, par exemple, nous avons des personnes âgées atteintes de syphilis ici. Nous en parlons donc avec les personnes âgées et les soignants, ce qui est une prévention pour eux aussi. Nous n'avons pas le VIH (LA COORDINATRICE).

Comme exprimé, le processus d'objectivation des personnes âgées se produit dès leur entrée dans l'institution d'asile. Et ce regard analytique clinique a le pouvoir de demander des tests médicaux spécifiques, qui peuvent faire apparaître sur le plan visible d'éventuelles maladies biologiques, qui se manifestent sous la surface du corps des personnes âgées, sur le plan invisible. Or, le corps étant une surface d'inscription des relations de pouvoir-savoir, c'est en lui que se trouve l'ancrage discursif de l'utilisation de la conjonction conditionnelle « si », présente dans la deuxième phrase de SE 12. Une telle exigence de l'examen se retrouve dans les conditions visibles que l'individu âgé présente à son arrivée à l'asile, ce qui peut produire l'effet d'une méfiance de la part de ceux qui gèrent l'institution.

Le domaine associatif qui corrobore la production de la personne âgée comme objet de discours se base sur un savoir spécialisé qui nous renseigne sur une forme de gouvernement bureaucratique sur ce sujet, ainsi que sur la population à laquelle il appartient. La séquence suivante illustre le processus d'objectivation que subissent les personnes âgées face à la finitude de la vie, tel qu'il est énoncé dans l'espace d'ordre de l'asile :

> SE 13 : « Mme I. L. est décédée. Santa Casa m'a appelé à 00h15. J'ai contacté le responsable de l`administration et toutes les mesures appropriées ont été prises » (L'AIDE-SOIGNANT).

Cette coupure énonciative nous donne accès au comportement clinique adopté face à la mort d'un patient de l'asile. Il s'agit d'un enregistrement verbal qui expose une énonciation bureaucratique sur l'événement de la mort par le sujet de l'institution, dans ce cas, l'infirmière en service. Ce type d'énonciation nous permet d'interroger leurs effets de pouvoir-savoir concernant le traitement de la mort dans ce genre d'institution.

D`abord, les « mesures appropriées » déclenchent le souvenir d'une procédure funéraire conforme à la tradition chrétienne, étant donné le caractère catholique sur lequel repose l'asile de São Vicente de Paulo. Mais ce qu´on dit de la personne décédée n´est pas mis en évidence dans les documents qui enregistrent le gouvernement bureaucratique de l'asile au moment de la mort.

Deuxième effet découlant du premier : dans cette pratique il n'est pas habituel d'émettre un avis funéraire, autre que ce qui est indiqué dans le rapport. Cela nous permet de constater l'absence de toute forme d'affection envers la mémoire des personnes âgées de l'asile. « La dame I. L. », après être décédée à la Santa Casa de de Jacarezinho, Paraná, a été annoncée comme morte par l'administration de l'hôpital à l'infirmière de garde de l'asile São Vicente de Paulo le 25 février 2016. L'événement de la mort finit par être traité comme un processus dépourvu de chagrin, du moins il n'y a pas d'enregistrement ou de souvenir quelconque de la vieille femme morte. Les institutions se communiquent entre elles pour gérer le corps, désormais sans vie.

Dans une certaine mesure, et c'est le troisième effet du pouvoir-savoir identifiés à partir de la manière dont la mort est énoncée, l'asile finit par être un bras de l'État, dans la mesure où il remplit ce qui est prévu, en enregistrant, dans sa pratique, les événements qui modifient ou menacent le corps de la population âgée. Le décès de la femme âgée est dépourvu de tout rituel qui mériterait d'être enregistré, à l´exception du moment de l'énonciation entre les institutions, à « 00h15 ». Par conséquent, la mémoire de l'objet du discours est construite sur la base d'un champ associé qui récupère le concept du demandeur d'asile en tant qu'individu invisible, incapable et vulnérable, donc objet d'un examen temporel, dont la limite transcende son existence, puisque les enregistrements ne cessent pas avec sa mort.

Dans cette perspective analytique, la mémoire sociale de ce sujet gagne, dans la pratique discursive en question, les contours d'un objet disponible pour l'exploration scientifique de son corps, alors que son effondrement biologique ne se produit pas. Les étudiants et les professeurs de physiothérapie et de dentisterie, de l'Universidade Estadual do Norte do Paraná, développent, par exemple, la formation clinique de leurs cours respectifs dans l'asile, car ils y trouvent différentes personnes qui sont, pour ainsi dire, à la disposition de l'aspect spécialisé, servant, ainsi, de support technique de la connaissance de tels domaines de connaissance.

Outre cet aspect, c'est à partir des lacunes dans les relations pouvoir-savoir présentes dans l'exercice de la gouvernementalité qu'une mémoire sociale de ce qui est une personne âgée peut émerger comme événement. Voyons comment cela fonctionne dans la prochaine séquence analysée :

> SE 14 : Non, ici nous n'avons pas ce... ces vieillards coquins, ces vieilles femmes cochonnes, vous voyez ? Il n´y en a pas. On plaisante beaucoup n´est-ce pas ? Nous nous amusons beaucoup. Il y en a un qui nous appelle et nous nous amusons beaucoup, mais pas comme ça... Non, il ne semble pas qu´ils sont intéressés par les mamies. Ils sont vraiment comme une famille ici, vous voyez ? Et nous, nous nous occupons d'eux. (L'AIDE-SOIGNANT)

L'énonciation qui a donné lieu à la coupure opère une rupture de la mémoire sociale sur les personnes âgées vivant hors institution avec la mémoire des personnes âgées institutionnalisées par l'asile. Bien que le sujet de la séquence discursive utilise les termes lexicaux « papi » et « mamie » pour signifier dans son discours, respectivement, l'homme âgé et la femme âgée dans la société, c'est-à-dire la population âgée hors de l'asile. Ce même sujet se positionne de manière déconnectée des relations affectives que les termes « papi » et « mamie » produisent, par effet, ou impliquent, lorsqu'ils sont utilisés dans cette matérialité discursive.

Ce qui permet une telle considération, ce sont les relations que ces mots entretiennent, dans le discours de ce sujet, avec le thème de la séquence énonciative : la pratique de la sexualité chez les personnes âgées de l'asile. En abordant ce thème, le sujet désexualise les personnes âgées de l'asile, tandis que ces femmes « coquines » sont absentes de l'institution. Elles sont à l'extérieur, dispersées dans la société.

La pratique de la sexualité chez les personnes âgées est signifiée sur le ton d'une pratique ludique, dénuée de valeurs de vérité. Les éventuelles manifestations de la sexualité chez les seniors ne produisent pas l'effet d'un « intérêt » pour une relation affective, du point de vue du sujet qui énonce, pour qui il existe des femmes âgées « coquines », mais elles ne sont pas admises à l'asile. Et dire que « Ils sont vraiment comme une famille ici, vous voyez ? Et nous, nous nous occupons d'eux. » c´est attribuer au signifiant famille un sens dépourvu de sexualité, plus encore, c'est ne pas considérer que les internes, pour s'être comportés comme s'ils étaient en famille, ne sont plus sous le pouvoir de ce dispositif. Même lorsque le thème de la sexualité apparaît comme un élément de la pratique de l'objectivation, il est imprégné du pouvoir hétéronormatif. A cet égard, il semble opportun de reprendre ce qui est indiqué dans la SE 10, déjà analysé : « L'asile a pour but d'abriter des personnes âgées des deux sexes. ».

Les informations mises en évidence glissent vers une classification soutenue par un système de genre binaire et un discours biologisant du genre. Il s'agit d'une objectivation des personnes âgées qui ne tient pas compte du fait que l'identité et l'expression de genre ne se limitent pas aux hommes et aux femmes.

Enfin, nous ne pourrions manquer de noter les mouvements de résistance de ce corps par rapport à la disciplinarisation qui s'exerce sur lui :

> SE 15 : « Quand je suis arrivé, M. était agité, les soignants ont signalé qu'il arrivait en cassant et en frappant tout. Lorsque je lui ai adressé la parole, il est sorti dans la rue sans rien dire et a commencé à crier dans la rue. M. L. criant, agité. Mme L. B. agitée, enlevant ses vêtements ». (L'AIDE-SOIGNANT).

> SE 16 : « Monsieur M. est arrivé vers 14h30, il a signalé qu'il était chez une cousine, à 18h40 il a sauté par-dessus le mur et est allé dans la rue, où nous avons pu voir depuis la fenêtre de la pharmacie qu'il y criait et tapait les mains sur les grilles de l'habitation, je l'ai rappelé, mais en vain. ». (L'AIDE-SOIGNANT).

L'exercice du pouvoir disciplinaire, présent dans une institution comme celle de São Vicente de Paulo, provoque la confrontation de rapports de force dans cette hétérotopie géographique et historiquement constituée.

Ces deux séquences montrent qu'il existe une résistance à l'espace institutionnel, à ses domaines physiques, puisque l'institution d'asile a un emplacement fixe, dans son propre bâtiment, et est entourée de murs et de barreaux, limitant, distribuant et augmentant l'espace pour l'exercice de la surveillance sur ceux qui s'y trouvent.

Les deux sorties décrites dans le registre de M. « M. » violent ce qui est indiqué dans la clause six du troisième chapitre du règlement intérieur : « Les internes qui sont en bonne santé peuvent sortir temporairement de l'établissement, avec l'autorisation de l'administration, qui délivrera un document à présenter à l'entrée ». C'est une tactique de résistance, qui émerge dans l´énoncé, contre le cadrage spatial de l'institution et contre le pouvoir que celle-ci implique sur le corps de chacun des internes, en limitant la liberté d'aller et venir, afin d'imposer une sanction à celui qui ne se conforme pas aux normes.

5 CONSIDERATIONS FINALES

Les énoncés analysés se situent au niveau du langage, c'est-à-dire au niveau des relations de pouvoir-savoir qui constitue la pratique discursive étudiée. Leur creusement, dirons-nous, nous a permis d'identifier leur régularité en termes d'invisibilité, de finitude et de précarisation de ceux qui sont hospitalisés dans l'asile de São Vicente de Paulo.

Les thèmes que les séquences énonciatives mettent en circulation nous ont permis de conclure que le cadrage que cette pratique fait des personnes âgées accentue la précarité de la vie de cette population, et cet effet est obtenu en analysant comment se produit le processus d'objectivation. En d'autres termes, l'asile, en produisant les personnes âgées comme objet de réclusion, d'internement et d'investigation, rend leur corps vieillissant encore plus précaire.

Nous avons vu, ainsi, que les personnes âgées sont vulnérables socialement et biologiquement et jouent un rôle de passivité devant le pouvoir institutionnel, et cette passivité est également attestée par le fait qu'elles renoncent à leur propre gouvernement, transférant cet exercice fondamental à l'institution asilaire.

En outre, bien que la santé mentale des candidats soit déterminée, les manifestations discursives enregistrées dans les documents font signe qu'il n'est pas nécessaire d'avoir la santé mentale pour se constituer en tant que tel.

Un autre élément qui rend l'opération en écran visible : il y a une conformation des personnes âgées en objet de connaissance, principalement, de ceux qui prennent leur corps pour servir d'étude de domaines tels que la médecine et les soins infirmiers. Ce corps devient une surface d'inscription biologique, principalement, nous faisant voir un sujet situé dans un espace où la raison l'emporte sur l'émotionnel et l'affectif.

Au vu de ce processus d'objectivation, nous terminons par l'attention portée sur la manière dont la précarisation est agencée dans le cadrage effectué par la pratique discursive de l'asile. Ce mécanisme discursif se déploie en deux : il agit sur les actions biopolitiques concernant le soin de la vie et il agit également sur le droit à une finitude assistée et dans la dignité, ce qui est attendu dans une institution qui abrite des personnes âgées vulnérables.

Butler prévient cependant que « não se deduz daí que se alguém apreende uma vida como precária decidirá protegê-la ou garantir as condições para a sua sobrevivência. » (BUTLER, 2019, p. 15). Cela nous renvoie à la notion de contradiction, développée par Foucault (1972) et récupérée dans l'introduction de ce texte : notre perception de la précarité comme élément de régularité énonciative peut à la fois jeter de la lumière sur l'âge et ses maux et potentialiser la violence, car faire apparaître la vulnérabilité physique et mentale d'un groupe peut provoquer le désir de le détruire, comme mécanisme de défense de la société néolibérale.

RÉFÉRENCES

ASILO SÃO VICENTE DE PAULA. *Regimento interno*. Jacarezinho, PR, 6 de junho de 2008.

BRASIL. *Estatuto do idoso*. Lei federal nº 10.741. Brasília, DF, 2003.

BUTLER, J. *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Trad. Lieber, Andreas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma T. Muchail, 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2014.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

NAVARRO, P. Dispositivo e governo da velhice no discurso da *web*. *Revista da Abralin*, v. 14, n. 2, p. 193-214, 2015.

NAVARRO, P. Acontecimento discursivo e efeitos de poder sobre o sujeito idoso. In: BUTURI JÚNIOR, A; SEVERO, C. G. (org.). *Foucault e as linguagens*. Campinas: Pontes Editora, 2018. p. 267-296.

SANCHES, O. H. *A governamentalidade no discurso sobre os idosos em condição de asilo*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

Reçu le 18/07/2022. Accepté le 20/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90905

FOUCAULT E AS TELAS-ESCOLAS: ENTRE DISCIPLINA E ILEGALISMOS

FOUCAULT E PANTALLAS ESCOLARES: ENTRE DISCIPLINA E ILEGALISMOS

FOUCAULT AND THE SCHOOLS-CANVAS: BETWEEN DISCIPLINE AND ILLEGALISM

Steferson Zanoni Roseiro*
Universidade Federal do Espírito Santo

Alexandre Filordi de Carvalho**
Universidade Federal de Lavras

RESUMO: O ensaio propõe esburacar a terra das escolas, a fim de explodir as noções comuns de escola tomadas mediante a obra foucaultiana que, tantas vezes, a aprisionam em uma lógica de regulação e infinito exercício do poder. Aposta na importância de mostrar um desencontro radical entre os discursos e as imagens de escola. Para tanto, a escrita usa o pensamento de Foucault como uma caixa de ferramentas e realiza o trabalho de um artífice, explodindo as imagens de escola com base em pinturas que ponham, no centro de suas experimentações, o questionamento de seus limites constituídos como molduras, obrigando seus sujeitos a uma adaptação violenta e forçada. Se Foucault pintou em seus escritos genealógicos as escolas do poder, é possível encontrar, em paralelo, uma segunda e curiosa pintura na qual as tecnologias de controle falham em imprimir sobre os corpos suas maquinações totalizantes. Surge um Foucault a pintar telas-escolas entre a disciplina e os ilegalismos. Por fim, afirma que os buracos nas imagens de escola convocam mais disputas nos diagramas escolares.
PALAVRAS-CHAVE: Escola. Disciplina. Ilegalismos. Imagem. Pintura.

RESUMEN: El ensayo propone cavar hoyos en el suelo de la escuela, para hacer estallar la noción común de escuela tomada de la obra foucaultiana que, tantas veces, la aprisiona en una lógica de regulación y en un ejercicio infinito del poder. Apuesta por la importancia de mostrar un desencuentro radical entre los discursos y las imágenes escolares. Por tanto, la escritura utiliza el pensamiento de Foucault como caja de herramientas y realiza el trabajo de un artesano, explotando imágenes escolares a partir de pinturas que sitúan, en el centro de sus experimentos, el cuestionamiento de sus límites constituidos como marcos, obligando a sus sujetos a una violenta y forzada adaptación. Si Foucault pintó en su genealogía las escuelas del poder, es posible encontrar, paralelamente, un curioso segundo cuadro en el que las tecnologías de control no logran imprimir en los cuerpos sus maquinaciones

* Professor da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Cariacica-ES e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: dinno_sauro@hotmail.com.

** Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo. Coordenador do GT de Filosofia da Educação da ANPEd. E-mail: afilordi@gmail.com.

totalizadoras. Emerge una escuela-lienzo de pintura de Foucault entre la disciplina y los ilegalismos. Finalmente, afirma que los agujeros en las imágenes escolares convocan más disputas en los diagramas escolares.
PALABRAS CLAVE: Escuela. Disciplina. Ilegalismo. Imagen. Pintura.

ABSTRACT: The essay proposes to dig holes in the school's ground, in order to explode the common notion of school taken from the Foucaultian work that, so often, imprison it in a regulation logic and in an infinite exercise of power. It bets on the importance of showing a radical mismatch between discourses and school images. Therefore, the writing uses Foucault's thought as a toolbox and performs the work of a craftsman, exploding school images from paintings that place, at the center of their experiments, the questioning of their limits constituted as frames, forcing its subjects to a violent and forced adaptation. If Foucault painted in his genealogical writing the schools of power, it is possible to find, in parallel, a curious second painting in which the control technologies fail to imprint their totalizing machinations on the bodies. Emerges a Foucault painting school-canvas between discipline and illegalisms. Finally, it states that holes in school images summon more disputes in school diagrams.
KEYWORDS: School. Discipline. Illegalisms. Image. Painting.

1 PERDURAM AS DORES OU AS CORES?



Imagem 1: *Education,* de Arkadiusz Świderski (2015)
Fonte: Arkadiusz Świderski

Telas de escola. De escolas. Telas-escolas; escolas-telas: variações no tempo entre o presente e suas potências. Potências do que já se passou? Do que vai se passar? Potências de outragora? Potências de um tempo que perdura? O que perdura em nossos encontros com as imagens de escola? Perdura a docência impositiva? O que perdura sob a aldrava das regras escolares? O que transita sob os

umbrais carcomidos da rotina escolar? O bom comportamento servil ou as insurreições, as discórdias, as bagunças, os gritos; um sedentarismo paralisante ou um nomadismo experimental? Perduram as dores ou as cores?

O que morde você numa pintura em que a criança pende a cabeça e uma figura segura uma pipa às costas? Como essa imagem a(o) afeta? Que escola você enxerga quando depara com a *Education*, do pintor polonês Arkadiusz Swiderski? São as escolas do poder que o(a) assaltam? As escolas que tomam a pipa da criança e a deixam cabisbaixa? Onde está a boca professoral, às vezes semelhante a Cronos, devorando seus filhos? Enxerga-a como um rasgo no meio do preto se deliciando da tristeza do menino? Ou, antes, está deslocada um pouco mais acima? Onde um sorriso triste acompanha os olhos pesados, marcas de um cansaço que não mais aguenta ver o sofrimento? Nessa outra dinâmica do olhar, de uma escola atravessada por pura vontade, veríamos, quiçá, uma docência a tomar a pipa ou a dá-la ao menino; ou uma docência que, tal como a pipa, voa junto, se descola do aterramento das convicções e das certezas ortodoxas? Que imagem tem a escola que você afirma? Que tela-escola você pinta? Ou a tela-escola está desde sempre acabada?

Repetição: perduram as dores ou as cores?

Michel Foucault foi um filósofo que, em dado momento da vida, se deu conta de não enxergar nada mais além das dores. As dores estão nos arquivos de nossa ocidentalização, espécie de visibilidade tão brutal, que se normaliza na superfície de cada gesto. Anunciar as dores é fazer história para Foucault (2016). Quando ele tinha começado a escrita de sua última coleção, *História da sexualidade*, logo depois de ter concluído o primeiro volume, rasurou um segundo que logo pôs em suspense. Na introdução do segundo volume, *O uso dos prazeres*, Foucault (2014a) menciona essa pausa. Tratava-se de uma necessidade de reverter o próprio movimento de pesquisa, para que conseguisse se afastar das formas de operação do poder na produção dos discursos sobre a sexualidade. Foucault é o primeiro a reconhecer que não é possível pensar as práticas de liberdade, pensando apenas por meio dos jogos de poder consolidados pelas dores de nossa ocidentalização moderna.

Não para menos, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p. 103) evoca uma figura de Foucault que pratica uma "[...] gaia história, uma alegre história, para nos devolver a capacidade de rir e viver levemente". Talvez aqui precisaríamos também indagar: Que *uso dos prazeres* a escola põe em tela? Suas bordas permitem o anúncio de horizontes de uma "alegre história"? Quem experimenta a escola desenvolve a "capacidade de rir e viver levemente"?

As dores ou as cores? Reindagar, aqui, não é vencer por cansado ou girar em falso. Trata-se de relembrar possibilidades de entradas e de saídas nas telas-escolas. É uma lição de Foucault: o que foi produzido historicamente pode historicamente ser produzido de outra maneira.

Quando questionado sobre como gostaria que seus escritos fossem lidos, Foucault respondeu a Roger Pol-Droit (2008) querer que se recordassem dele como um artífice sempre pronto a explodir a terra e atacar a geologia estável da vida. A nosso ver, o ataque à terra não é ocasional. Não há, ali, uma metáfora vazia. Não ao acaso, também nominaram Deleuze e Guattari (2011) a terra como um risco. É muito fácil sermos compactados pela sedimentarização das dores e dos monocromatismos processos de subjetivação que nos destinam aos mesmos territórios existenciais. A terra, assim, pode lançar-nos na geologia das cristalizações não só perceptivas, afetivas, racionais, gestuais, senão políticas, relacionais, morais. A terra, aqui, apresenta-se como o plano em que as forças se espalham para exercer sobre nós suas práticas de controle.

A terra seria, com efeito, uma superfície infinita por onde as práticas de governamento poderiam exercer igualmente sobre nós uma incidência de estriamento. Governar é conduzir até os mínimos gestos (FOUCAULT, 2004); é situar bordas, desvios, canais, fossos, trincheiras, bloqueios, cancelas, passagens obrigatórias e conexões impositivas para levar a bom termo a finalidade pretendida do comportamento, do gesto, da ação, do sentir, do poder desejar, do reconhecer-se nos mapeamentos dos rituais das relações de poder. Governar é uma experiência de estriamento que começa desde a infância. Talvez não seja por isso mesmo que a educação é tarefa obrigatória? Carvalho (2021, p. 11) nos auxilia nesta compreensão:

É próprio do estriado ser limitado e limitante. Em primeiro lugar, porque o estriado concerne à própria micropolítica que institucionaliza o cotidiano da criança, quase que em sua totalidade. Entre o que a autoriza a fazer ou não, a ir ou não, a pegar ou não, a experimentar ou não, o que se delineia são opções excludentes: ou isto ou aquilo. O estriado, assim, está para uma política de trajetos absolutamente controlados. Entretanto, em segundo lugar, tais ocorrências são planos de aderência ao espaço homogêneo maior, cuja representação global é o Estado. Se "[...] uma das tarefas fundamentais do Estado é estriar o espaço sobre o qual reina" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 63), toda instituição, estrutura social, codificação legal ou epistemológica, além de planos subjetivos autorizados, convergirão para os fluxos do poder do estriamento a reconhecer somente o que se é proposto pelo Estado.

O trabalho do artífice proposto por Foucault esburaca a terra para encontrar os fósseis que se reproduzem nas políticas de condução por estriamentos. Mas, ao esburacar a terra, também se estão produzindo passagens para a fuga, desvios impensados, procuras intuitivas, movimentos imperceptíveis de escapes da visibilidade reinante. Nas escavações, parece-nos, também se produzem forças de fuga contraestriares a traçar rotas subterrâneas, para que outros vetores se lancem sobre a superfície. Uma fuga não para um fora inalcançável; antes, uma fuga que verte para certo fora um diagrama de forças que resistem aos limites da estriagem. Passar os limites é movimentar-se para aquilo que não tem representação sedimentada; logo, as regras não estão dadas, exceto a da própria experimentação de uma atitude-limite.

Assim, propomos aqui um ensaio que esburaque a terra das escolas, exploda as noções comuns de escola tomadas ante uma obra foucaultiana que, tantas vezes, a aprisionam em uma lógica de regulação e infinito exercício do poder da interpretação repetitiva. Ao modo de Foucault, fazemos de seu pensamento uma caixa de ferramentas. Na escolha dessas ferramentas, privilegiamos aquelas a nos possibilitar um trabalho semelhante ao do artífice: queremos justamente criar vazios pelos quais vazem forças inusitadas às imagens das escolas de poder e às telas-escolas sedimentadas. Metodologicamente propomos explodir imagens de escola por meio de pinturas que ponham, no centro de suas experimentações, o questionamento de seus limites constituídos como molduras que funcionam como o leito de Procrusto, obrigando seus sujeitos a uma adaptação violenta e forçada.

Aos modos dos infinitos questionamentos que Foucault (2008) fez com base em uma obra do Magritte ou aos de como recepcionou *Las Meninas* de Velázquez para assim ressaltar: "[...] o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente" entre continuidades e descontinuidades de representação histórica (FOUCAULT, 1999, p. 5); ou ainda, próximo ao uso que Foucault (1994a) fez de sucessivas imagens que, em "*Sans titre*", texto de 1964, publicado como posfácio à obra de Flaubert *As tentações de Santo Antão*, cavoucam a própria letra de Flaubert. Pensamos ser importante, para nossos tempos, fazer se desvencilharem os discursos e as imagens que fazemos das escolas. Ou melhor, parece-nos preciso mostrar como há um desencontro radical entre ambos os elementos para, então, seguindo a deixa de um belíssimo ensaio intitulado *A força de fugir* (FOUCAULT, 2013a), propor forças em fuga nas pinturas que nos permitam enxergar e produzir outras imagens de escolas.

Afinal, que imagens de escola se espalham sobre a terra sedimentada? Mas que imagens podem transbordar para além dos limites de suas telas?

2 A MAIS CÉLEBRE ESCOLA PINTADA POR FOUCAULT

A mais célebre imagem de escola feita por Foucault (2014c) é, para nosso infortúnio, a da escola-prisão. Em *Vigiar e punir*, Michel Foucault começava por dizer que, com o advento da burguesia, as exibições públicas dos exercícios de poder coercivo começavam a ser um risco. Assim, desde o século XIX, o Ocidente passou a conhecer os primeiros desenhos de táticas e estratégias de contenção ao que essa mesma burguesia considerava como ilegalismos. O receio era a perda de controle dos corpos populares, capazes de se interpor ante a própria demanda de controle desses mesmos corpos. Corpos regulares, bem equipados, bem disciplinados, bem munidos para o trabalho eram imprescindíveis para mitigar as sublevações, greves e formação de coletivos organizados.

A emersão da escola, nesse contexto, funcionou como institucionalização dos preceitos necessários de ser inculcados para untar a funcionalidade dessa sociedade em construção. Como filtragem dos ilegalismos, a escola desempenhou rito de passagem fundamental para a consolidação no aparato administrativo e policial burguês e na a demanda por formação contra toda "[...] forma de faltas, atrasos, preguiça, festas, devassidão, nomadismo" (FOUCAULT, 2016, p. 174). É a ampla análise dessa conjuntura,

concebida sob o registro dos mecanismos de relações de poder que surgiam e Foucault nomeou *poder disciplinar*: uma nova estratégia que se exercia de modo difuso na sociedade, incidindo no governo dos corpos dos indivíduos a extração de uma função-sujeito.

Para Foucault (2006, p. 69), "[...] no poder disciplinar a função-sujeito vem se ajustar exatamente à singularidade somática: o corpo, seus gestos, seu lugar, suas mudanças, sua força, seu tempo de vida, seus discursos, é em tudo isso que vem se aplicar e se exercer a função-sujeito do poder disciplinar.

Ora, a tela-escola dispõe para a miríade de seus indivíduos uma função-sujeito pressuposta na vigilância singular de cada corpo, para demandar, no entanto, uma virtualidade respondente conforme a eficiência pressuposta como finalidade a ser atingida. Não à toa, as relações de poder aí circunscritas precisam operar na capilaridade, pois nenhum detalhe lhes pode escapar. Mediante essa capilaridade do poder, por exemplo, não mais se requisitava que o público presenciasse os rituais sangrentos e os exercícios do poder coercivo para que tivessem consciência de seus limites. O poder disciplinar antes se espalhava por entre as instituições, espalhando-se indistintamente para todos que circulassem entre elas. Por isso mesmo, ele se modula como dispositivo disciplinar, justamente por se constituir como espécie de novelo com fios soltos, porém abrangentemente presente por onde qualquer irregularidade dos corpos ou ilegalismos pudessem aventar passagem. O dispositivo disciplinar parasitou-se nas escolas, casernas, prisões, hospitais, quartéis, sanatórios, famílias, ou seja, ao longo das instituições modelares do tecido social.

Um dos efeitos globais do dispositivo disciplinar pode ser encontrado no panóptico. Sob a utopia dos utilitaristas, o século XIX herdou o gosto pela busca da eficiência controlada e controladora. Afinal, qualquer desperdício de capital humano deveria estar afinado com o controle dos ilegalismos. Sem dúvida, a escola foi, desde cedo, uma extensão incontornável da arquitetura do dispositivo disciplinar na luta contra os ilegalismos. Nos dizeres de Foucault (2016, p. 235): "Um sistema geral de vigilância-reclusão penetrou toda a espessura da sociedade, assumindo formas que iam desde as grandes prisões construídas com base no modelo do Panóptico até as sociedades de patrocínio cujas ações estavam voltadas não só aos delinquentes, mas também a crianças abandonadas, órfãos, aprendizes, colegiais, operário etc".

Nesse contexto de permanente vigilância, Foucault concebe a análise dos corpos dóceis. Para o autor, os corpos dóceis eram justamente os corpos que, circulando pela sociedade, eram colocados obrigatoriamente sob a lógica de uma ameaça, e, portanto, precisavam ser fragilizados. O mecanismo do panóptico, ao imprimir uma vigilância infinita, funcionava então como essa ameaça constante aos corpos que, de um momento para o outro, poderiam ser vistos como corpos indisciplinados e, portanto, passíveis de punição corretiva, para evitar qualquer ilegalismo. Curiosa coincidência com o espírito durkheimiano do fim do século XIX, cujo enlevo procurava saber como a sociedade podia criar coesão, em grande parte sendo respondida pela demanda da condenação do infrator.

Impossível não enxergar a escola no eixo das instituições disciplinares: "Logo que nasciam, [os sujeitos] eram colocados numa creche; na infância, enviados à escola" (FOUCAULT, 2016, p. 188), ficando lado a lado com o sistema carcerário que ganhava força à época, desde as plantas panópticas. O *tópos* escolar é marcado pela filigrana dos dispositivos disciplinares; a tela-escola gira em cores e formas bem ordenadas, concatenadas, cristalizadas e pouco afeitas às fugas possíveis de suas táticas de controle.

Parece-nos claro, hoje, que, apesar da escrita direta e das imagens que atravessam *Vigiar e punir*, Foucault delineava a complexa noção específica de escola e o seu correlato modo de funcionamento. Conforme temos noção, a escola analisada por Foucault era em grande medida a escola francesa ou, no limite, a europeia. Em nada se aproximava, por exemplo, da estrutura das escolas brasileiras, que ora se assentavam nos interiores das igrejas, com a típica figura do mestre próxima à representação da cruz; ora aconteciam em um cômodo de uma casa que funcionava como escola para as crianças da casa e, às vezes, para outras crianças das proximidades (SCHWARTZ; SIMÕES, 2013; FARIA FILHO, 2011).

As imagens de escola não batem, não se aproximam. Apesar de tudo, ao se constituir por aqui, é nítido como os dispositivos disciplinares perpassaram a escola brasileira, não apenas pela inegável presença da herança disciplinar jesuítica, mas por um Estado corrompido por um *positivismo* imposto como aparador disciplinar de certa *ordem* conveniente a uma elite mal esclarecida.

Quando pensamos em termos de pinturas, vê-se, claramente, um distinto modo de habitar a escola. Ao olharmos para a pintura *Família reunida*, de Almeida Júnior, a tela *A Dame's School*, do Thomas Webster, e para a gravura disponibilizada pelo Foucault sobre o interior da escola de ensino mútuo de Hippolite Lecomte, vemos que, de modo nenhum, do ponto de vista da idiossincrasia, falamos de uma mesma escola.

A pintura de Thomas Webster, um pintor britânico, parece sugerir que nem mesmo a Europa viu, para todos os lados, a escola disciplinar se desenvolver tal qual o prelúdio discutido em *Vigiar e punir*. Ainda assim, os detalhes prenunciam os lugares-comuns do dispositivo disciplinar. A professora representada empunha uma varinha, nitidamente com a função punitiva; a criança que chora denota a tensão de algum ilegalismo em desconformidade; a ergonomia dos bancos recunha a função-sujeito das (im)possiblidade de como se deve sentar-se em sala de aula.

Todavia, parecemos, ainda hoje, viver alguns dos efeitos dessa imagem de escola disciplinar. Ainda que, após o momento de ruptura com o próprio movimento de escrita, Foucault tenha convocado sua filosofia para uma guinada mais ética e estética, debatemo-nos inegavelmente com as imagens do poder disciplinar, quando pensamos na escola em sua relação com Foucault.

Se Foucault fosse um artista, talvez pudéssemos dizer que a primeira pintura de escola feita por ele teria sido a de uma instituição repleta de corpos cerceados de viver fora dos limites impostos às suas funções-sujeito. Ela espreme de maneira enrijecida no dispositivo disciplinar, tais corpos vão-se fossilizando na proporção que a escola segue sendo uma instituição fossilizada.

Aqui poderíamos usar a termologia criada por Alvim, Mação e Roseiro (2020) para dizer que se trata de uma *escola do poder*. Mas o que querem as escolas de poder? Talvez pudéssemos dizer com o próprio Foucault (2006, p. 68): elas querem um remanejo em profundidade cujo "[...] poder disciplinar tem a dupla propriedade de ser anomizante, isto é, de sempre pôr de lado certo número de indivíduos, de ressaltar a anomia, o irredutível, e de ser sempre normalizador, de sempre inventar novos sistemas recuperadores, de sempre restabelecer a regra".

Se retomamos a pintura que abre nossa escrita, *Education*, podemos fazer um exercício de acompanhar as pinceladas e dar à pintura diferentes modos de enxergá-la. Fizemos a provocação inicial de perguntar se perduram as dores ou as cores, e, para esse momento, para pensar as escolas do poder, é preciso intensificar o exercício: aqui, apenas as dores são cabíveis. Aqui, quando olhamos para a pintura, vemos uma bocarra que se escancara como se fosse engolir a criança no alto da banqueta. A bocarra, ao mesmo tempo, parece sorrir, parece debochar do menino encolhido. Ela discorre em um sermão? Ela bufa de raiva? Que som sai de sua boca? E o menino, por que está em um banco tão alto? Por que o banco é tão frágil? Espera derrubá-lo da altura? Espera, talvez, que o menino não possa descer dele? Por que o menino se torce? Por que sua cabeça está em posição tão baixa, quase sumindo no próprio corpo? Por que do vermelho para pintá-lo? E seu rosto? Por que ainda mais intenso na cor escarlate? Estaria ele envergonhado? Enraivecido? E quanto ao azul no fundo? Por que o azul acima de sua cabeça é tão cinzento?

No artigo de Alvim, Mação e Roseiro (2020), a definição das escolas de poder está alinhada com alguns escritos da filosofia que enxergam na escola apenas um caráter reprodutor e/ou que veem nela apenas os exercícios do poder, não atentando para as minuciosas resistências dos corpos em composição com esse espaço. Em suas discussões, a escola do poder funciona tal qual a operação Grande Irmão de *1984*: diante das investidas, ainda que tentemos nos escusar e disseminar ataques contra a instituição, no fim, o modo de sobrevivência é o de declarar seu amor pelo Grande Irmão. Não se trata apenas de dizer que as escolas do poder não veem alternativa e afirmar que, por isso, reproduzem a sociedade, conforme fez Demerval Saviani (1999) em *Escola e democracia*. As escolas do poder, no limite, declaram seus inimigos e travam combates em um campo de luta fixo. Pensam bastar evocar suas lutas aqui e acolá, para conseguirem se livrar do inimigo nominado.

Entretanto, é preciso considerar que nenhum embate se encerra de modo nominal; nenhum campo de batalha predefine seus resultados. No dispositivo disciplinar, as relações de poder também possibilitam lutas. Não é sem sentido que, nas prisões, túneis são cavados para as fugas; nas escolas, a indisciplina reinventa a si mesma como sabotagem ao previsto. Em que medida, então, na

tela-escola, fugir é uma estratégia de produção de outra escola? Tal qual lembram Hardt e Negri (2016, p. 99), "[...] por paradoxal que pareça, a resistência é anterior ao poder".

No mesmo diapasão, como disse o próprio Foucault (2014b, p. 131), a disciplinarização das sociedades não implica "[...] que os indivíduos que dela fazem parte se tornem cada vez mais obedientes". Almejava-se uma economia e uma racionalidade do controle, é certo; contudo, os corpos continuavam a viver em intensidades exigentes de outras funções-sujeito. Só há poder porque a liberdade o antecede, ou, como ainda reforçou Foucault (2014b, p. 134), "o poder só se exerce sobre 'sujeitos livres'".

Em *Education*, pode até ser que o professor tome a pipa da criança. Mas nem por isso ela está destinada a se enfeixar na sujeição imposta. Ela pode muito bem sentar no banco em posição fetal como quem espera uma ventania brusca, para derrubar no ar a pipa e com ela o professor. Ali, o cinzento sobre a cabeça da criança torna-se uma nuvem de ventos pesados pronta para derrubar as forças indizíveis.

3 PINTAR A ESCOLA COM FORÇAS EM FUGA

Se não há exercício do poder sem a existência de corpos livres, para onde olhamos, nas imagens de escola, em busca das liberdades que sombreiam os corpos em cena? Como procurar nelas pavios prontos para explodir, causando buracos suficientes para vazarem mais forças no diagrama que traçam?

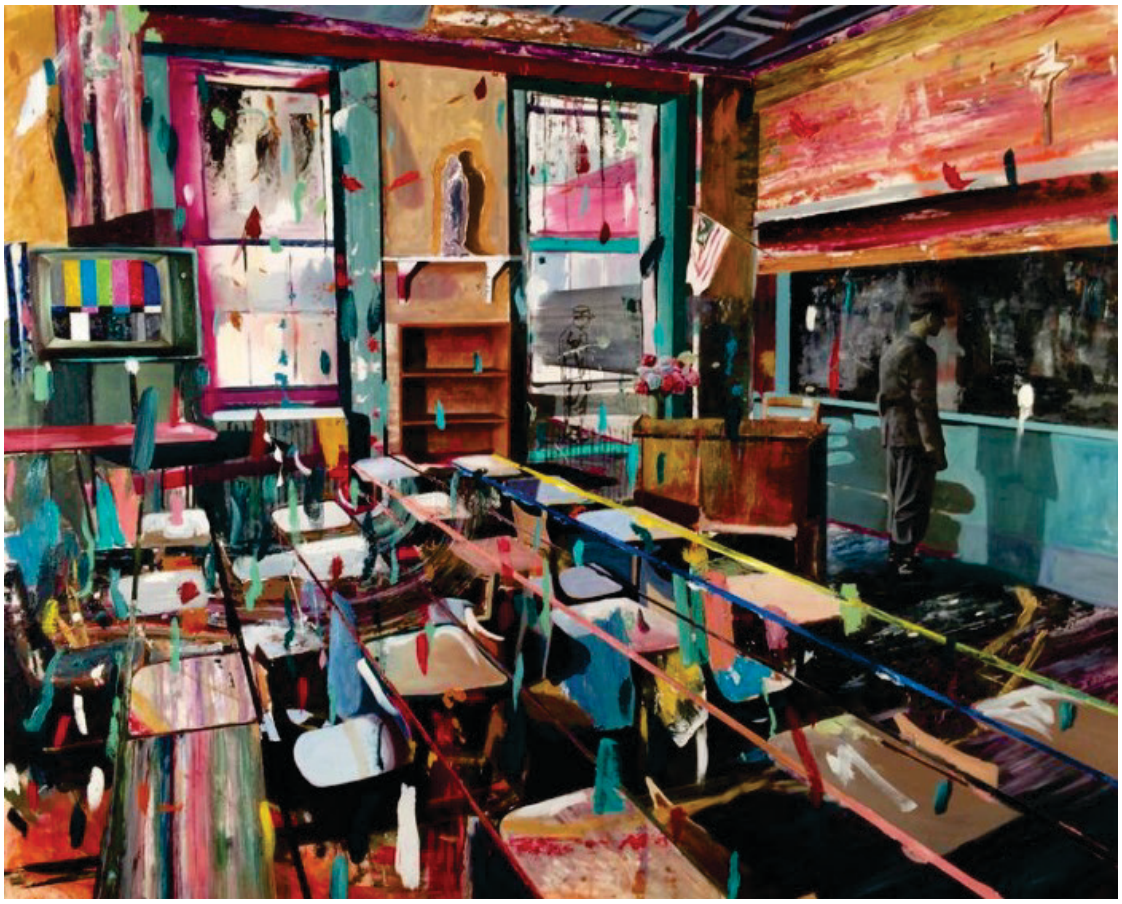


Imagem 2: *Classroom with Soldier,* de Carlisle Bell
Fonte: de Carlisle Bell

Diagramatizar é recusar o estriamento. "A linha de fuga faz parte do diagramatismo", asseverou Guattari (2012, p. 529). Toda linha de fuga adota a estratégia do alisamento, no lugar do estriamento. Pode haver uma escola de estratégia lisa; uma arte lisa; uma função-

sujeito lisa; uma tela-escola lisa; uma infância lisa. Nos termos de Carvalho (2021, p. 22), o alisamento emerge "[...] como trajeto de turbilhão de passagens para romper com as cadeias e com os circuitos estriados do utilitarismo, do funcionalismo, das redundâncias dominantes, das matrizes simbólicas e dos trajetos reiterados na educação. Os circuitos fechados com suas codificações e sobrecodificações se desorientam no diagramatismo".

A arte de esburacar as imagens demanda a arte lisa ou diagramática. Por onde se começa? Lançamos o olhar sobre a pintura acima e o que primeiro vemos? Pergunta retomada: as cores ou as dores? Por um lado, um plano todo colorido; clima festivo e vívido; claramente, uma escola com condições econômicas talvez não das mais favoráveis, e, ainda assim, cheia de vida mesmo vazia. Preenche a sala tudo o que diariamente produzem os currículos escolares: telas em cores numa televisão, uma figura religiosa, prateleiras de livros vazias, lousa carcomida. Mas, quando percorremos o canto às sombras, somos assaltados por uma figura militar mais evidente. O que faz ali o soldado? Vocifera *ordem e progresso*? Adentra a escola para dominá-la? É a figura profética de uma docência dogmática? Por que ele se destaca? Ou sua postura nos diz outra coisa? Corpo curvado, virado de costas para a classe e encarando a lousa? Estaria a figura militar de castigo? Envergonhado? Ele foi posto de castigo? Ele é o castigo? Estaria fazendo vistoria dos rastros curriculares deixados no quadro? Ou, quem sabe, apenas fiscaliza o buraco na parede ali onde o quadro fica, de repente, branco?

Mas o que dizer da representação da outra figura ao fundo da sala, na mesma direção do soldado. É um/a aluno/a? É um/a professor/a? Por que ela se confunde com as matizes da tela, como se fundisse com a totalidade? Estratégia de fuga por invisibilidade? Ou teria sido ela já capturada pelas regras do jogo da tela-escola? Será que está de castigo? Será que o soldado está de costas para ela porque sabe de sua suficiente introjeção de autocontrole disciplinar? O soldado se dá conta de sua existência? Percebe as cores na sala? Percebe os movimentos ainda intensivos dos corpos que ali estiveram? Para onde foram as crianças? Fugiram diante do soldado? Fugiram tornando-se soldado? Que dizer, então, do corpo que resta? Observa-o? Resiste? Perdura? Inventa? Foge? Que trajetos são possíveis de percorrer entre esta figura sentada e o soldado? Que estriamentos pulsam nesses circuitos? Que diagramas?

Explodir um buraco numa imagem, a arte de um artífice, implica em dar a cada imagem pontos de indecisão, desvios e bifurcações. Insistimos, antes, na pergunta "Perduram as dores ou as cores?" e, de modo algum, podemos desconsiderar um elemento ou outro. Assim como o poder só existe em relação com a liberdade, fazer circular outras imagens de escola requer também saber quais enfrentamentos a atravessam. Prefiramos as cores sem, contudo, intencionarmos o fim das dores. "Não há, pois, um face a face do poder e da liberdade, com uma relação de exclusão entre eles [...], a liberdade vai aparecer como condição de existência do poder" (FOUCAULT, 2014b, p. 134).

O que clamamos então? Talvez atitudes-experimentais e atitudes-limite. Podemos definir por atitude, nos termos de Foucault (1994 b, p. 568), "[...] um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa".

Desse modo, a atitude-experimental é toda aquela capaz de se abrir para a experimentação da própria atitude, no sentido de resistir aos circuitos programados da função-sujeito. Para tanto, é necessário ir além dos limites. A atitude-limite evoca a possibilidade de todo para além das margens sedimentadas nas expectativas das eficiências anomizantes e normalizadoras. Enquanto a primeira indaga a si mesma e seus lugares na tela-escola, a atitude-limite interpõe-se ao grande *Outro*: a lei, as sujeições, o acatamento subserviente, o silêncio mutilador de outros sentidos etc.

As telas-escolas nos circunscrevem em condições históricas que, em grande parte, continuam sendo a extensão latente dos dispositivos disciplinares ainda a demandar a formação da função-sujeito conveniente, por exemplo, nos dias atuais à própria precarização da vida, conforme mostrou Carvalho (2020). Desse ponto de vista, a escola contemporânea incide sobre os corpos de seus/suas alunos/as um *laissez-faire* das competências da adaptabilidade para que sejam moldadas à precarização existencial em larga medida. Há um espalhamento perverso nessa nova face do dispositivo disciplinar: a precarização da escola transforma-se na roupagem útil do dispositivo que prepara-educa-forma-molda-disciplina para a precarização.

Contudo, nessas telas-escolas, a atitude-experimental e a atitude limite podem ser possibilidades de contracondutas disciplinares, no sentido de que a política de questionamento dos limites das telas da escola já começa a deflagrar buracos e linhas de fugas contra a terra colonizada dos dispositivos disciplinares na escola. A liberdade de poder questionar os poderes sedimentados é fundamental aqui, lembrando que, em Foucault, a liberdade é tomada como uma *possibilidade*, como aquilo que é cabível de ser sentido, exprimido e/ou vivido por corpos, individual ou coletivamente.

Ao esburacamos uma imagem, outras questões são lançadas sobre ela. Um conjunto amplo de possibilidades de questionar os muros de significados instituídos acabam sendo suscitados.

4 **QUE TELAS-ESCOLAS PODEMOS PINTAR?**

De volta à segunda imagem, o que faz o soldado lá no fundo, do outro lado da janela? Por que ele está sem cores? Por que ele é apenas um traçado? Seria ele um reflexo do soldado na frente do quadro? Seria ele outro soldado ou o *Outro* do soldado, mas ainda mais esvaziado de suas forças militares? O que ele triangula com a figura sentada ao fundo? Eles estão cristalizando a escola ou rompendo com algo? Questão vitalícia: por que continuamos a olhar essa pintura e a sentir que, sentados nas cadeiras, ainda estão crianças a sorrir e a aguardar ansiosamente que o soldado se vire para elas? Será que, no encontro com as crianças, o soldado ganharia cores enfim?

Nesse ponto, talvez a segunda pintura foucaultiana da escola é a mais curiosa. A pintura que aparece no curso de *Os anormais*. Porque ali, apesar de ser antes da própria ruptura de Foucault contra ele mesmo, víamos, com bastante força, quanto as tecnologias de controle falham em imprimir sobre os corpos suas maquinações totalizantes. Ali, enquanto Foucault (2010) descrevia o exercício de vigilância criado sobre as crianças masturbadoras, torna-se evidente quanto se espalha a liberdade à qual o exercício do poder quer se lançar.

Ainda que os exercícios de poder convirjam sobre os corpos, falamos sempre de *relações* entre os poderes. Não há poder sem preexistir liberdade. Ou melhor, não há relação de poder sem a liberdade. Por isso, esburacar as imagens de escola implica em trazer para suas superfícies todas as forças em disputa. É possível anunciar não apenas o controle como uma variação do poder, mas também as forças em resistências, as forças que fogem infinitamente.

Talvez pudéssemos dizer que algumas forças precisam disparar justamente o que a sociedade disciplinar esquadrinhou para controlar: os ilegalismos. Se, afinal, o ofício do artífice procura as possibilidades de liberdade ao esburacar o solo em busca de fugas, há, decerto, grande proximidade com a força e as atitudes "ilegais" que cavoucam o chão em busca de tocas sempre provisórias, caminhos experimentais, conexões por se fazerem, limites ultrapassados, procuras impensadas, deslocamentos silenciosos e vontade de pintar outra tela-escola.

Que telas-escolas ocupam nossas conversas? Como conceituamos as escolas onde vivemos? Como transitamos nessas escolas? Pisamos as escolas como quem dali almeja sair correndo? Ou damo-nos conta da vitalidade pulsando em cada bater de portas, em cada riso fugido, em cada silêncio estratégico?

Surge um Foucault a pintar telas-escolas entre a disciplina e os ilegalismos.

Aqui a pergunta inicial não pode se repetir. Não mais se trata de perguntar se perduram as dores ou as cores. Antes, somos convocados a empunhar pincéis, espátulas e outras ferramentas. Pintar as escolas é possível. Pintá-las em imagens para além dos conformismos e das adaptações. Pintá-las em forças capazes de fazê-la rir e viver levemente.

Pintar a escola que procura por suas fugas.

Procurar pelas fugas não como um modo de desertar, de almejar uma terra livre de todas as disputas, longe de todas as relações de poder. Ilusão mercadológica ou consolo infantilizado. Mas procurar pelas fugas como quem momentaneamente abre o buraco para que mais disputas sejam travadas no mesmo diagrama.

Daí a habilidade de caçar, nas imagens de escola, a fuga possível.

Fuga sempre em tensão, fuga coletiva de forças imprevistas, com cores superando as suas dores.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., D. M. de. Michel Foucault e a Mona Lisa ou como escrever a história com um sorriso nos lábios. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, A. (org.). *Figuras de Foucault*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ALVIM, D. M.; MAÇÃO, I. R.; ROSEIRO, St. Z. Ano 2091 – silêncio nas filosofias da educação: por uma cartografia das resistências escolares. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 46, e223171, 2020.

BELL, C. *Classroom with soldier*. 2013. Pintura, óleo sobre tela. 198 x 160 x 0,3 cm.

CARVALHO, A. F. de. Foucault e o neoliberalismo de subjetividades precárias: incidências na escola pública brasileira. *Revista Artes de Educar*. V. 6, n. 3, p. 935-956, 2020.

CARVALHO, A. F. de. Das infâncias estriadas às infâncias lisas: experimentar trajetos de arte na educação. *Revista Digital do LAV*. V. 14, n. 2, p. 07, maio/ago. 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. 10.000 a.C. – A geologia da moral (quem a Terra pensa que é?). *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2, v. 1. Tradução de Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

FARIA FILHO, L. M. de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). *500 anos de educação no Brasil.* 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FOUCAULT, M. *Dits et Écrits I, 1954-1975*. Paris: Quarto/Gallimard, 1994a.

FOUCAULT, M. *Dits et Écrits IV, 1980-1988*. Paris: Gallimard, 1994b.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. *Sécurité, Territoire, Population*. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.

FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico*: curso no Collège de France (1973-1974). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. *Isto não é um cachimbo*. Tradução de Jorge Coli. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, M. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. A força de fugir. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume VI*: repensar a política. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume XI*: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014c.

FOUCAULT, M. *Sociedade punitiva*: curso no Collège de France (1972-173). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

GUATTARI, F. *La révolution moleculaire*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2012.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Bem-estar comum*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

POL-DROIT, R. *Entrevistas con Michel Foucault*. Buenos Airés: Paidós, 2008.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SCHWARTZ, C. M.; SIMÕES, Regina Helena Silva. A constituição da obrigatoriedade escolar na província do Espírito Santo no século XIX (1848-1873). *In*: VIDAL, D. G.; SÁ, E. F. de; SILVA, V. L. G. de (org.). *Obrigatoriedade escolar no Brasil*. Cuiabá: UFMT, 2013.

SWIDERSKI, Arkadiusz. Education. 2015. Pintura, acrílica sobre tela. 100 x 100 x 3cm.

Recebido em 11/09/2022. Aceito em 07/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90889

PROCEDIMENTOS ARQUEOLÓGICOS DE FOUCAULT: DA REVISÃO À OTIMIZAÇÃO

LOS PROCEDIMIENTOS ARQUEOLÓGICOS DE FOUCAULT: DE LA REVISIÓN A LA OPTIMIZACIÓN

FOUCAULT'S ARCHAEOLOGICAL PROCEDURES: FROM REVISION TO OPTIMIZATION

Vinícius Dias de Melo[*]
Universidade Estadual de Campinas

Artur José Renda Vitorino[**]
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO: A proposta deste artigo busca atingir dois objetivos. Em primeira instância pondera-se sobre alguns problemas de procedimentos e clareza das definições entre o nível referencial e a análise da formação dos objetos do discurso. Serão expostos argumentos e reflexões que conduzam à resolução dessas dificuldades de definição e clareza conceitual. O segundo objetivo consiste em recortar e redefinir alguns procedimentos relativos à análise referencial e da formação dos objetos discursivos, tornando-os mais palatáveis, precisos e definidos. Esse objetivo advém da constatação de que a arqueologia foucauldiana, mais especificamente em relação a esse instrumento de análise de discursos, carece de clareza e de definições bem delimitadas. Tal situação ofereceu a oportunidade de otimizar esse instrumento, tornando mais acessível e eficaz para pesquisadores que analisam discursos, seja do ponto de vista histórico ou de outras áreas das ciências humanas.
PALAVRAS-CHAVE: Discursos. Foucault. Arqueologia. Método.

RESUMEN: Para el propósito de este artículo, buscamos alcanzar dos objetivos. En primera instancia, se consideran algunos problemas de procedimiento y de claridad de definiciones entre el nivel referencial y el análisis de la formación de dos objetos de discurso. Se expondrán argumentos y reflexiones que conlleven a la resolución de estas dificultades de definición y claridad conceptual. El segundo objetivo es recortar y redefinir algunos procedimientos relacionados con el análisis referencial y la formación de los objetos discursivos, haciéndolos más apetecibles, precisos y definidos. Este objetivo proviene de la realización de que la arqueología foucaultiana, más específicamente en relación con este instrumento de análisis del discurso, carece de claridad y de

[*] Licenciado em História e Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Doutorado em andamento em Educação. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. E-mail: vinicius.diasdemelo@gmail.com.

[**] Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. E-mail: arturvitorino@puc-campinas.edu.br.

definiciones bien definidas. Tal situación ofrece una oportunidad para optimizar este instrumento, haciéndolo más accesible y efectivo para los investigadores que analizan discursos, desde un punto de vista histórico o de otras áreas de las ciencias humanas.
PALABRAS-CLAVE: Discursos. Foucault. Arqueología. Método.

ABSTRACT: The purpose of this article seeks to achieve two objectives. In the first instance, some problems of procedures and clarity of definitions between the referential level and the analysis of the formation of discourse objects are considered. Arguments and reflections that lead to the resolution of these difficulties of definition and conceptual clarity will be exposed. The second objective is to cut and redefine some procedures related to referential analysis and the formation of discursive objects, making them more palatable, precise and defined. This objective comes from the observation that Foucauldian archaeology, more specifically in relation to this instrument of discourse analysis, lacks clarity and well-defined definitions. This situation offered the opportunity to optimize this instrument, making it more accessible and effective for researchers who analyze discourses, whether from a historical point of view or from other areas of the human sciences.
KEYWORDS: Discourses. Foucault. Archeology. Method.

1 INTRODUÇÃO

A arqueologia foucauldiana consiste em um conjunto de reflexões críticas perante a outros modelos historiográficos chamados de "História das ideias" e/ou "História das mentalidades". A crítica foucauldiana, explícita nos dois primeiros capítulos (FOUCAULT, 2008) e na última parte do livro, abriu espaço para propor soluções destinadas a superar as fraquezas metodológicas desses modelos historiográficos e suas premissas.

Esse conjunto de soluções é concebido como o arcabouço instrumental da arqueologia foucauldiana. Consiste em uma série de premissas/fundamentos e procedimentos de análise dedicados ao exame de discursos em uma perspectiva da reconstituição histórica dos processos e práticas que constituíram saberes, ciências, verdades, inverdades, axiomas, disciplinas etc.

Foucault (2008) desenvolveu quatro direções de análise do discurso em busca de fundamentos e instrumentos que pudessem, respectivamente, converter o olhar do historiador e/ou analista do discurso em relação aos seus particulares conceitos de saber, enunciado, positividade, prática discursiva e discurso e, simultaneamente, oferecer um esboço de instrumentos de análise que permitisse analisar um discurso em coerência com esses conceitos fundantes de sua arqueologia discursiva.

Essas quatro direções de análise foram nomeadas como: referencial do enunciado, sujeito do enunciado/posições subjetivas no enunciado, campo/domínio associado do enunciado e a materialidade repetível do enunciado. Para cada uma dessas quatro direções, Foucault (2008) desenvolveu quatro instrumentos de análise que permitem examinar, de acordo com essas direções/fundamentos de análise, os discursos sob a perspectiva arqueológica. Esses quatro instrumentos são chamados de análises das formações discursivas, no caso: formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos e formação das estratégias.

Esses quatro níveis e procedimentos de análises desenvolvidos por Foucault foram avaliados entre si, e, após essas pré-avaliação, foi constado que o nível referencial, respectivo ao instrumento de análise da formação dos objetos, era o nível mais importante dos procedimentos arqueológicos. O domínio referencial teve sua relevância sobreposta perante os outros três níveis (sujeito, campo associado e materialidade repetível), cujas reflexões sobre os mesmos, levou-nos a considerar necessário aprofundar alguns outros aspectos que envolvem o nível referencial e a análise dos objetos do discurso, na perspectiva de solucionar alguns problemas que o próprio Foucault (2008) admitiu e, em desdobra, oferecer uma reescrita, um conjunto de recortes e algumas adaptações para oferecer um instrumento aplicável, claro e prático para historiadores e analistas do discurso em geral.

2 O ENUNCIADO EM FOUCAULT

A produção do sentido é a função da linguagem, e no desempenho dessa função torna-se inteligível a remissão entre um significante e um significado, quando a função se efetiva, ocorre o lampejo do sentido na consciência de quem lê.

O lampejo de um sentido determinado, consiste na atitude de cerceamento das possibilidades de interpretação para que determinado signo signifique determinada coisa ou relação; caso contrário, seria necessário, por parte do leitor, considerar todas as possibilidades semânticas, uma exaustiva hermenêutica no exame de cada frase e texto, o que tornaria esse processo em uma comunicação inviável.

Sendo então a função enunciativa especificamente a função de remissão a um sentido determinado, é necessário examinar as características observáveis nos vestígios indicadores da produção dessa remissão. Portanto, pelo fato de da remissão ao sentido ser um produto, a produção do sentido é um fazer, e, por essa razão, caracteriza-se como uma prática (VEYNE, 1982).

Isso significa que toda vez que há enunciado, ou seja, que a produção de sentido é exercida na forma de signo, pode-se investigar as práticas históricas e de sua produção pelos aspectos do enunciado. Para analisar esses níveis, Foucault (2008) propôs quatro conjuntos de procedimentos que são correlatos aos quatro aspectos enunciativos, quais sejam: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação das estratégias.

3 OS NÍVEIS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O referencial do enunciado é o primeiro nível de análise dos signos. O enunciado e o que enuncia não podem ser confundidos com o exame dos referentes ou ausência de referentes de uma proposição ou do sentido ou ausência de sentido de uma frase, pois

> [...] é o correlato do enunciado – aquilo a que se refere, o que é posto em jogo por ele, não apenas o que é dito, mas aquilo de que fala, seu "tema" – que permite dizer se a proposição tem um referente ou não: é ele que permite decidir quanto a isso, de maneira definitiva. [...] É preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações [domínio do referencial do enunciado], para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente. (FOUCAULT, 2008, p.100-101)

Esse espaço de correlações são os parâmetros que tornam admissível e inteligível qualquer significação, pois cria o referencial regulatório do sentido, fundo no qual pode ser admissível e autorizado a constatação do "fazer sentido".

O referencial do enunciado é o nível de análise que tem primazia sobre os outros três, e Foucault (2008, p.103) admite isso ao afirmar que:

> O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação [...]

Por ser o nível que caracteriza os signos enquanto enunciados, pois são analisados no *nível enunciativo*, pode-se dizer que pela primazia a análise do nível referencial tem destaque na arqueologia foucauldiana em comparação aos outros níveis. Sem esse nível, não avançaríamos na análise do discurso para além do exame do sentido e do referente, estes continuariam a ser o fim da análise. Porém, se o objetivo é detectar as práticas discursivas, humanas e históricas, que eternizam os sentidos e as verdades de sua época por meio da linguagem, necessita-se propor o fim da análise sob o *dado enunciativo* observável no plano de fundo, em seu nível referencial no qual correlações de pressupostos regem a coerência e admissibilidade do sentido e da verdade

O referencial do enunciado, caracteriza um nível de análise no qual, pela perspectiva de exame dos dados enunciativos, descreve-se os fundamentos cujo sentido e a verdade se assentam, e pela pressuposição dessas correlações referenciais, muitas vezes admitidas de modo não consciente (por isso positivos). Porém, é necessário um conjunto de procedimentos para observar e examinar esses dados enunciativos. Enfim, podemos perguntar: como descrever os alicerces do sentido e da verdade?

Foucault (2008) admite que o nível do referencial do enunciado é o nível onde se formam os objetos do discurso. Por objeto, não se confundem, necessariamente, elementos materiais, mas também imateriais como relações, doenças mentais, sentimentos e ideias, por exemplo. Dito isto, objeto é aquilo de que o discurso, em seus enunciados, fala, discute, define, nomeia, diferencia, classifica, transforma e critica. Em síntese, é aquilo que o discurso forma, faz aparecer, e esse fazer aparecer é o que Veyne (1982), ao analisar Foucault, denominou de práticas objetivadoras. Como esse é um dos processos que este artigo considera como central para uma aplicação prática e, por ser o nível que caracteriza o nível enunciativo, no próximo tópico esse tema será desdobrado, criticado e reformulado para uma aplicação mais viável de seus procedimentos.

Para Foucault (2008, p.103-104), a segunda diferença entre um enunciado e um conjunto de elementos linguísticos é que ele mantém com um sujeito uma relação específica, e, essa relação deve ser isolada de outras com as quais poderia confundir-se, pois ele possui uma natureza própria. Como dito anteriormente, o domínio do referencial do enunciado é o que caracteriza o nível enunciativo, ao diferir esse nível de análise de outros níveis possíveis, como o nível gramático e o nível lógico da proposição, por exemplo.

4 O REFERENCIAL DO ENUNCIADO E OS OBJETOS DO DISCURSO

A ideia central é a de que práticas objetivam os entes, e por consequência, podem abordá-los como objetos, atribuindo nomes, delimitando e atribuindo suas propriedades, suas aplicações, definições, classificando-os; enfim, tornando-os elementos à mercê da manipulação e cognição humana.

Um ente, antes de ser, é uma possibilidade de ser e, enquanto tal, não é elemento cognoscível. Isso significa que um objeto não preexiste à prática que o forma enquanto objeto, porque antes de sua objetivação o objeto não é apreendido pela cognição humana, existe em si mesmo, enquanto ente, e tal existência não é nada ainda para os homens. Veyne (1982) fez essa leitura de Foucault, ao dizer que ele é um historiador das práticas objetivadoras e que, de fato, os objetos não preexistem à prática que os produziu/que os objetivou. Nota-se que essa leitura de Veyne também pode ser encontrada em Platão, em que Sócrates, no seu diálogo com Eutífron, já afirmava essa relação de precedência e sucessão entre objeto e prática:

> SÓCRATES - Um momento, estimado amigo, temos um caminho melhor. Raciocina sobre isto: o que é piedoso tem a aprovação dos deuses pelo fato de ser piedoso, ou é piedoso por ter a aprovação dos deuses.
>
> EUTÍFRON – Não entendo o que pretendes dizer, Sócrates.
>
> SÓCRATES – Procurarei ser mais claro. Não fazemos distinção entre o que é levado e o que leva, o que é conduzido e o que conduz e o que é visto e o que vê? Compreendes que são coisas diversas e percebes que o são, não é assim?
>
> EUTÍFRON – Parece-me estar compreendendo. [...]
>
> Porém, dize-me agora: o que é levado o é porque se o leva, ou por algum outro motivo?
>
> EUTÍFRON - Porque se o leva. [...]
>
> SÓCRATES: Por conseguinte, não é por ser vista que se vê uma coisa, mas sim, se a vê para que seja vista. Nem porque é conduzida se a conduz, mas porque se a conduz é conduzida, e da mesma maneira, não é porque se a leva que é levada, mas é levada porque se a leva. Não te parece evidente, Eutífron, o que quero dizer? Pois, ei-lo: Quero dizer que, se algo se produz ou padece, não é produzida precisamente a causa da ação, mas a ação, a causa desse efeito, e não porque é sofrida que se produz, mas pelo fato de se produzir e que é sofrida. (PLATÃO, 1999, p.46-47)

Nesse excerto, percebe-se que a ideia de que os objetos não são em si aquilo que os homens dizem ser, e tal leitura remonta há milênios. Pelo menos desde Platão (no registro que fez do diálogo de Sócrates e Eutífron), a razão de ser do objeto é explicada pela prática que os objetiva deste ou daquele modo.

O que isso significa para a História em seu ensino e pesquisa? A partir de Foucault, essa teoria de que os objetos não preexistem às práticas objetivadoras desdobra na constatação que a tarefa do historiador é não mais discutir a validade dos objetos ou reduzir à prática da investigação histórica entre o que os homens disseram e o contexto desse dizer, limitado à especulação sobre a mentalidade da época e ao hábito de enumerar fatores de época (fatores contextuais) com causas de tais intelecções.

O historiador, por ser um profissional cujo objeto fica condicionado às fontes históricas, tenta aumentar a força de seu discurso e de seu acesso ao passado tornando esses vestígios como nós em um trama rasgada, utilizando tais vestígios para explicar elementos do passado que não podem acessar, como exemplo, especular sobre as intelecções (mentalidades e ideias) dos seres humanos, que se perderam quando não registradas ou inscritas por meio de objetos.

O pensamento de um homem do passado não é espelhado fidedignamente nas fontes históricas que produziu, porém, as fontes históricas não podem servir como mero pretexto para serem deturpadas como o indício do que os homens pensavam quando as produziram, nem de que sua causa de existência seja comandada por um contexto maior que influenciava os homens e não permitia que eles escapassem dessa força estrutural.

Esse tipo de prática da História foi criticado por Foucault (2008), principalmente no exemplo epistemológico da História das Mentalidades. Essa "escola histórica" explica as longas continuidades como decorrência de estruturas contextuais e/ou de uma mentalidade de época, ou, enxerga as rupturas como originalidades geniais de seres humanos à frente de seu próprio tempo.

Para Foucault (2008), é impossível acessar o pensamento dos homens, seja no passado ou no presente. A única coisa acessível para o historiador que utiliza fontes discursivas é o próprio discurso contido nessas fontes, não para repeti-lo, não para torná-lo signo do pensamento dos homens ou como um produto de um contexto, mas para encontra no próprio discurso vestígios que clareiam a prática que o produziu na sua positividade, ou seja, na sua possibilidade de ser coerência, verdade e produzir sentido.

Nesta perspectiva, o referencial aparece como o critério fundamental para tratar signos enquanto enunciados na teoria arqueológica. Esse fundamento é, ao nosso ver, o principal conceito arqueológico, sob o qual toda a teoria está fundamentada. Consideramos esse nível como de relevância destacada, pois, para estar em consonância com Foucault (2008, p.103), valorizou-se o referencial do enunciado:

> O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade.

Esse conjunto, o espaço de correlações no referencial do enunciado, é o que caracteriza o nível enunciativo, é o que permite tratar formulações e proposições; enfim, signos, enquanto enunciado na arqueologia foucaultiana. Enunciado, pois em sua existência singular, cada conjunto de signos enuncia, ao estabelecer um sentido, aquilo que permite o significado ter um sentido determinado, ou, ao contrário, não ter sentido; logo, o que é enunciado são parâmetros, condições e premissas que autorizam determinados sentidos e excluem outras possibilidades, caso contrário a linguagem seria ininteligível, pois, numa pletora de significados, não haveria compreensão até que se esgotasse por exaustão todos os possíveis significados.

Analisar formulações enquanto enunciados é operar em sentido reverso a relação entre significante e significado. Essa operação fica evidente nas palavras de Foucault (2008, p.125-126):

> Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso ele é visível; [...] É necessária uma conversão do olhar e da atitude para poder reconhece-lo e considerá-lo em si mesmo. [..] Ele tem essa quase-invisibilidade do 'há', que se apaga naquilo mesmo do qual se pode dizer: 'há tal ou tal coisa'. [...] a estrutura significante da linguagem remete sempre a outra coisa; os objetos aí se encontram designados; o sentido é visado; o sujeito é tomado como referência por um certo número de signos, mesmo se não está presente em si mesmo. A linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo; ela é atormentada pela ausência. Não é ela o lugar de aparecimento de algo diferente de si e, nessa função, sua própria existência não parece se dissipar? Ora, se queremos descrever o nível enunciativo, é preciso levar em consideração justamente essa existência; interrogar a linguagem não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz.

O conceito de objeto discursivo foi definido por Foucault (2008) como aquilo sobre o que se fala, que se nomeia, coloca-se existência e observação por certos conceitos e categorias, as quais, sobre ele, são postuladas asserções, negações e correlações.

Por consequência, se esses objetos são nomeados, categorizados, descritos, e a partir disso diversos tipos de constatações ou relações são postulados, cabe ao analista do discurso determinar, no exame das unidades significantes (frases, proposições, quadros, tabelas e fórmulas, por exemplo), como e quais objetos são, pela prática discursiva em questão, objetivados, ganhando a existência de objeto, dado que não são objetos até que alguém faça deles objetos. Antes disso, são entes, pois um ente é algo com possibilidade de *ser*; e essa possibilidade de ser alguma ou outra coisa, depende do que percebe e atribui determinada consideração sobre um aspecto do que ele é.

Esse é o movimento que se propõe para o exame de fontes discursivas, propondo esse método de Foucault com alterações, para torná-lo concluso e viável. Sua viabilidade prática está presente no capítulo das formações dos objetos (FOUCAULT, 2008, p. 45-55). No referido capítulo, Foucault estabelece três procedimentos para analisar a formação dos objetos. Ele descreve três procedimentos: i) as superfícies de emergência; ii) as instâncias de delimitação; e iii) as grades de especificação:

> Seria preciso inicialmente demarcar as superfícies primeiras de sua emergência: mostrar onde podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais que, segundo os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria, vão receber a qualificação de doença, alienação, anomalia, demência, neurose ou psicose, degenerescência etc. [...] Seria necessário descrever, além disso, instâncias de delimitação: a medicina (como instituição regulamentada, como conjunto de indivíduos que constituem o corpo médico, como saber e prática, como competência reconhecida pela opinião pública, a justiça e a administração) tornou-se, no século XIX, a instância superior que, na sociedade, distingue, designa, nomeia e instaura a loucura como objeto; mas não foi a única a representar esse papel: a justiça, e particularmente a justiça penal (com as definições da escusa, da irresponsabilidade, das circunstâncias atenuantes e com o uso de noções como as de crime passional, de hereditariedade, de perigo social), a autoridade religiosa (na medida cm que se estabelece como instância de decisão que separa o místico do patológico, o espiritual do corporal, o sobrenatural do anormal, e na medida em que pratica a direção de consciência mais para um conhecimento dos indivíduos do que para uma classificação casuística das ações e das circunstâncias), a crítica literária e artística (que, no curso do século XIX, trata a obra cada vez menos como um objeto de apreciação que deve ser julgado, e cada vez mais como uma linguagem que deve ser interpretada e em que é preciso reconhecer os jogos de expressão de um autor). [...] Analisar finalmente as grades de especificação: trata-se dos sistemas segundo os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos, umas das outras, as diferentes "loucuras" como objetos do discurso psiquiátrico (essas grades de diferenciação foram, no século XIX, a alma, como grupo de faculdades hierarquizadas, vizinhas e mais ou menos interpenetráveis; o corpo, como volume tridimensional de órgãos ligados por esquemas de dependência e de comunicação; a vida e a história dos indivíduos, como sequência linear de fases, emaranhado de traços, conjunto de reativações virtuais, repetições cíclicas; os jogos das correlações neuropsicológicas como sistemas de projeções recíprocas e campo de causalidade circular). (FOUCAULT, 2008, p. 46-47)

O que se pode afirmar sobre esses três procedimentos (que depois foram por Foucault interrelacionados de modo triunívoco) é que eles se originaram das pesquisas que ele realizou. Aquilo que ele observou no que examinava sobre a medicina e a psiquiatria, tornou-se como modelo para examinar as formações dos objetos de qualquer discurso, na forma desses três procedimentos.

É possível considerar que ele explica o procedimento por exemplos de como o aplicou, mas não considerou exprimir o procedimento como procedimento universal possível de submeter-se a qualquer exame da formação dos objetos de qualquer discurso. Mas, essa situação é compreensível, pois Foucault (2008) não intentou produzir o método arqueológico como um método exclusivo para analisar ciências ou sua história, mas que o método surgiu a partir do modo como investigava suas fontes correlatas a esses temas. Isso significa que não é um método feito para suas pesquisas, mas produzido e formalizado a partir delas.

Outro ponto é que Foucault não demonstrou, com clareza, como o *referencial do enunciado* se relaciona com o exame da formação dos objetos, no máximo, indicou que ambos constituem um processo biunívoco e complementar (FOUCAULT, 2008). Quanto a isso, pode-se supor que esses três procedimentos sejam as etapas do exame do referencial dos objetos no qual foram formados, mas trata-se de uma suposição.

Por esses motivos, consideramos esses procedimentos muito particulares às pesquisas de Foucault, e seus escritos na arqueologia, apesar de frutíferos para abrir direções de análise do discurso, não permite, com clareza, a aplicação de seus instrumentos conceituais e analíticos. Esse é um dos motivos que podemos considerar a análise da formação dos objetos, enquanto ferramenta metodológica de análise do discurso, inconclusa, pouco aplicável e não universal.

Cabe agora iniciar a reconstrução desses instrumentos, para analisar objetos de discursos, na intenção de torná-lo, talvez, efetivamente de validade geral.

5 MÉTODO DE ANÁLISE REFERENCIAL DOS OBJETOS DISCURSIVOS

O que buscamos examinar, inicialmente, na estrutura de um texto é revelar, a partir do que é dito sobre alguma coisa, os parâmetros referenciais utilizados na produção de um objeto discursivo.

Isso depende primeiro de uma atitude de recorte, por exemplo, quando se examina um objeto em um texto, ou em diversos textos, cabe ao arqueólogo do discurso duas possibilidades: 1) ou examinará, por exaustão minuciosa, tudo o que está escrito nesses textos sobre esse objeto; 2) ou realizar recortes nos textos. É possível centrar-se somente nos trechos em que se descreve o objeto central, por meio de excertos retirados do texto, ou examinar todo o conjunto.

Independente da opção, cabe ao analista do discurso enumerar qual é o objeto primário, secundário e terciário (ou conjunto desses objetos, pois às vezes há mais de um objeto primário), e argumentar por quais critérios foram alocados nessa ordem de prioridades. Em outros termos, o exame desse tipo de situação pode ser chamado de texto e contexto discursivo, conforme Koselleck (1992, p. 136-137), contexto é tudo aquilo (frases e parágrafos) que antecede ou sucede o excerto (texto) em exame, por exemplo, em um livro.

A segunda etapa consiste na análise referencial. Nesta análise questiona-se os enunciados que estão relacionados aos objetos estudados. Neste processo são analisadas e selecionadas as regularidades referenciais que o arqueólogo considera essencial na formação desses objetos. Após essa seleção e comparação dos referenciais que constroem os objetos é iniciada a descrição referencial, respondendo à seguinte questão: Quais as condições, parâmetros, fundamentos e/ou pressupostos estão empregadas na estruturação de seu sentido expresso? O resultado dessa concatenação de referenciais é conceitualizado como o feixe de relações que o discurso efetua para formar e falar de seus objetos?

Após responder a essa pergunta, segue-se para a terceira operação, a análise da *formação dos objetos* sob a perspectiva histórica das práticas discursivas. Esse processo só ocorre após a análise referencial, pois é necessário primeiro identificar, separar, comparar e resumir a análise do *feixe de relações referenciais* dos objetos para, a partir dele, deduzir as *práticas histórico-discursivas* que possivelmente deram origem a esse modo de dizer e, portanto, deram existência discursiva com um fundo de coerência aos objetos e relações da realidade.

Por esse fio de análise demonstra-se que a realidade, supostamente traduzida pela verodicção discursiva, deixa pistas dos

pressupostos, condições e práticas históricas que constituíram os objetos de que falam pelas relações que colocam em jogo no processo da manifestação discursiva do objeto.

A partir da descrição referencial somada à descrição do feixe de relações da formação dos objetos, podemos relevar as práticas discursivas (que na verdade são práticas da realidade concretizada e ao mesmo tempo discursivas porque se manifestam e são reveladas na documentação discursiva). Tal atitude significa que, para descrever a formação dos objetos, trata-se de identificar nos enunciados "[...] os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva […] como lugar onde se forma ou se deforma, onde aparece e se apaga uma pluralidade emaranhada […] de objetos" (FOUCAULT, 2008, p.54).

Então, em forma sintetizada, temos um conjunto de três etapas: recorte dos objetos, análise do referencial dos enunciados e das relações de formação dos objetos e reconstituição das práticas discursivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos procedimentos expostos, constituiu-se uma ferramenta prática para a análise de fontes primárias. Essa ferramenta foi obtida a partir do método arqueológico de Michel Foucault e sendo apresentada alguns empecilhos e inconclusões, demonstrou-se uma inviabilidade enquanto método universal. Valorizando o material produzido por Foucault, mas descartando procedimentos inviáveis por serem muito específicos e mais exemplificados do que descritos, o percurso e os procedimentos de análise dos objetos foram otimizados.

Dedica-se esse conjunto de procedimentos para pesquisas que considerem objetos, temas ou fontes documentais discursivas. Conclui-se que esses procedimentos formam um conjunto que possibilita investigar as práticas objetivadoras nos discursos documentais, pois a partir das exposições de Platão e de Veyne, demonstrou-se que os objetos não preexistem às práticas que os objetivaram. Essa demonstração de procedimentos implica que investigar e comparar, em fontes documentais, os modos de produção dos objetos do discurso permite fazer o percurso dos objetos do discurso às práticas que os produziram concluindo que todo objeto de um discurso é produto de um conjunto de práticas imanentes à um tempo histórico, desdobrando na consequência de separar ou aproximar discursos distintos a partir das práticas que os produziram no caso da possibilidade de estabelecer semelhança ou diferenciações na análise das práticas.

Em termos de procedimentos, foram definidas três etapas: o recorte dos objetos, análise do referencial e da formação dos objetos e a descrição dedutiva das práticas discursivas. A forma como procedo na sequência de etapas está fundamentada na teoria arqueológica de Foucault, porém, com uma otimização nas definições e uma definição clara da sequência de etapas.

A otimização se manifesta em uma sequência coerente que vai da análise das dimensões enunciativas do próprio discurso, passando pelo filtro de questionamentos dedutivos das formações discursivas e concluindo na caracterização das práticas discursivas históricas que formaram representações sobre diversos temas, objetos e relações.

Portanto, em resumo, o percurso estabelecido para essa pesquisa vai da análise da dimensão enunciativa (ao nível do referencial), é explicado ao nível das formações discursivas (configurando o feixe de relações que manifestam um objeto discursivo) para pôr fim caracterizar as práticas discursivas históricas que possivelmente deram existência a esse modo de dizer a realidade.

Conclui-se, então, que não é o objeto discursivo que por si mesmo se difere de outro, pode-se com esse percurso metodológico demonstrar como objetos distintos, tanto em suas configurações discursivas como em seu tempo histórico, podem ter semelhanças a partir das práticas que os produziram, caso sejam análogas, ou ao contrário, como objetos semelhantes em sua configuração discursiva, foram produzidos por práticas históricas distintas.

REFERÊNCIAS

DE MELO, V. D.; VITORINO, A. J. R. Sobre a continuidade metodológica em Michel Foucault: da fundamentação de uma teoria do enunciado para o cuidado de si. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 35, n. 75, p. 1-30, 2021. Disponível em: http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v35n75a2021-59471. Acesso em: 24 out. 2022;

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1999. (Coleção os Pensadores).

VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1982.

Recebido em 09/09/2022. Aceito em 09/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91201

ENTREVISTA | *ENTREVISTA* | INTERVIEW



CONSIDERAÇÕES SOBRE AS SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS: OS DISCURSOS DA (DES)OBEDIÊNCIA

Entrevista com Vanice Sargentini*

* **Sobre a entrevistada**: doutora em Linguística, é professora titular do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: sargentini@uol.com.br.

Sobre os entrevistadores: Neil Franco é doutor em Estudos da Linguagem, professor do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, na UEM. Atua no Programa Acadêmico de Pós-graduação em Letras – PLE, e no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, E-mail: prof.neilfranco@gmail.com. Pedro Navarro é doutor em Linguística, professor do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-graduação em Letras da UEM. É líder do GEF – Grupo de Estudos Foucaultianos, dessa instituição. E-mail: navarro.pl@gmail.com.

A série de entrevistas realizada pelo *O Consoante*, coordenado pelo Professor Neil Franco, me deu a oportunidade de acompanhar, na condição de coautor, a entrevista-aula feita com a Vanice Sargentini, querida amiga e parceira em publicações, bancas e eventos ao longo de mais de 20 anos, incluindo a coordenação do GT Estudos discursivos foucaultianos, junto à Anpoll. Como não poderia ser diferente, a convidada fez uma brilhante reflexão sobre a relação entre discurso, política e questões de nossa atualidade, sem perder de vista a elegância, a gentileza e a sensibilidade, três de suas caraterísticas marcantes. Não por menos, todos a queremos em nossas bancas e em nossos eventos, porque ela consegue, de forma tão habilidosa, nos mostrar caminhos possíveis para os problemas de pesquisa apresentados, isso sem mencionar sua capacidade de fazer emergir, mesmo quando o objeto de discurso é atravessado pelo ódio e por uma obediência monstruosa, o afeto e as emoções, necessários para descontinuar essa história e nos transfigurar, em direção a uma ética do cuidado e da verdade.

A entrevistada **Vanice Sargentini** é professora titular do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atuou em 2020 e 2021 como professora visitante na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É coordenadora do Laboratório de Estudos do Discurso (Labor/UFSCar) e autora de livros, capítulos e artigos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais se destacam: Discurso e (pós) verdade (Parábola, 2021), Los Pueblos de la Democracia (La bicicleta Editiones, 2018), Mutações do Discurso Político no Brasil (Mercado de Letras, 2017), (In)Subordinações Contemporâneas: consensos e resistências nos discursos (EdUFSCar, 2016), Presenças de Foucault na Análise do Discurso (EdUFSCar, 2014) e Legados de Michel Pêcheux (Contexto, 2011). Foi professora visitante na Universidade de Toulouse III/Paul Sabatier (2012). Em entrevista-aula concedida a *O Consoante* [1]em 05/10/2021, intitulada *Sociedades democráticas e práticas discursivas: os discursos da (des)obediência*", a Profª. Drª. Vanice Sargentini promoveu reflexões bastante oportunas sobre as mídias, as redes sociais, as formações políticas e religiosas que, por meio de suas práticas discursivas, funcionam como ferramentas de controle da população.

O Consoante: Recentemente tivemos conhecimento da revogação da lei de segurança nacional, o que culminou no veto de punição por disseminação de *fake news*. Por que as mídias sociais se tornaram o suporte mais utilizado para a divulgação de notícias falsas? Você acredita que o fenômeno das *fake news* pode afetar (ou já vem afetando) a maneira como a esfera jornalística produz seu discurso?

Vanice Sargentini: Primeiramente, obrigada a *O Consoante* pela questão, pois ela dá oportunidade para que eu possa responder, sobretudo, o que tem me trazido interesse na tradição de trabalhar com o discurso político e, atualmente, me centrando na questão das sociedades democráticas, a partir de uma perspectiva foucaultiana, que se pauta na noção de práticas discursivas.

Sobre a lei de segurança nacional - LSN (lei 7.170, de 1983), cuja revogação esteve em tramitação no Congresso por 30 anos, e foi aprovada pelos Senadores em agosto de 2021, ainda que com vetos do presidente, considero que mesmo sendo importante sua revogação, isso não vem a ter uma relação definitiva com a contenção das notícias falsas. A revogação não significa que tenham suspendido a punição a quem divulga a desinformação, mesmo porque a questão da desinformação está, em grande parte de suas ocorrências, relacionada a crimes de calúnia, racismo e homofobia, por exemplo. Há aquelas *fake news*, que talvez não criem tanto problema na sociedade, mas há também aquelas acompanhadas de notícias que agridem, ofendem e distribuem ódio. Portanto, a distribuição de *fake news* pode ser objeto criminal, porque empregada com interesse político visa afetar alguém como sujeito na sociedade ou afetar as instituições. Isso me leva a citar Foucault em *A Sociedade Punitiva*, um curso ministrado por ele na década de 1970, no qual ele expõe que na instauração e funcionamento do sistema penal o que se viu foi que "as leis sociais são feitas por pessoas às quais elas não se destinam, mas para serem aplicadas àqueles que não as fizeram" (Foucault, 2015, p. 22), logo, temos esse problema na regulação de leis sobre *fake news.* Ora, pune-se pelo crime de honra, quando se julga que a notícia falsa é fonte de calúnia, difamação ou injúria, ora, vale-se de outra lei para punir essas práticas, por exemplo, a lei de segurança nacional. Isso tudo

[1] O Consoante compõe projeto de ensino coordenado pelo Prof. Dr. Neil Franco (PLE/PROFLETRAS-UEM). Trata-se de instrumento didático-pedagógico para a produção textual escrita tendo por referência gêneros discursivos da esfera jornalística. Integrantes envolvidos: Anna Clara Gobbi (G-Letras), Fabiana Floss (G-Letras), Isadora Hamamoto (G-Comunicação e Multimeios), Izabelle Diniz (PG-Letras), Raphaela Caparroz (G-Letras) e Tiago Guimarães (professor de LP).

mostra que há uma articulação entre a verdade e o poder, havendo, historicamente, circunstâncias em que a justiça responde à conveniência do mais forte. O aumento da distribuição de notícias contestáveis, de falso contexto ou de falsas conexões atende aos desejos do sujeito de dizer e de consumir notícias inscritas em um dado regime de verdade, em uma vontade de verdade, conforme propõe Foucault (1996), em *A Ordem do Discurso*, alinhada a algumas instituições seculares, dominantes. Então, muitas vezes não se trata apenas de combater notícias falsas, afinal, o outro não quer ser dissuadido disso, ele quer acreditar nesse tipo de informação.

E por que as mídias sociais são as que mais distribuem notícias falsas? Eu diria que são vários os fatores, porque os danos causados com a desinformação também são diferentes. Por exemplo, em 2021 houve uma CPI sobre a Covid, pois o dano causado pelas notícias falsas foi colocar a vida em risco. As agências de checagem, que trabalham desde 2017/2018, reuniram profissionais de vários países para definir como seriam feitas as verificações das notícias, e as grandes agências fizeram isso buscando manter sua credibilidade e, por consequência, sua sobrevivência. Observou-se que o lugar de proliferação das *fake news* são, sobretudo, as redes sociais, local de domínio de ninguém, praticamente. Controlar a distribuição dessas notícias falsas é uma ação dificílima, afinal, existe lucro, e os investidores ganham com o impulsionamento de notícias falsas. Há inclusive ações para inibir canais que reproduzem notícias falsas, mas o que ocorre é que mal esse canal sai do ar, já volta com outro nome. São inúmeros canais e, a partir de 2016, houve um aumento significativo deles, inclusive na sequência dos anos eleitorais, pois os candidatos compreenderam que essa prática é muito produtiva com a possibilidade de atingir um número muito elevado de pessoas. Dessa forma, não tenho dúvidas de como isso se instalou e creio que continuará presente em próximos processos eleitorais. Não há como suspender essa prática. Além disso, temos que considerar que para o algoritmo a informação exposta é muito bem detalhada, como número de acessos e o perfil das pessoas que buscam determinado tipo de conteúdo. Assim, as redes sociais são muito produtivas para aquilo que passou a fazer parte no domínio da política. Temos também o *pathos* – as emoções – funcionando muito bem no momento da distribuição dessas notícias, e como infelizmente a notícia falsa pode dar lucro, é difícil combatê-la ou tirá-la de circulação.

Outra questão que nos interessa é o fato de as redes sociais não necessitarem de um mestre aparente. Gadet e Pêcheux, em *A língua Inatingível*, falavam sobre isso ao tratar da circulação, expondo como os textos começam a circular sem um mestre aparente: "a língua de vento permite à classe no poder exercer sua mestria, sem mestre aparente." (GADET & PÊCHEUX, 2004, p. 23). Eu gosto de perguntar aos meus alunos quantos deles têm habilidade para produzir conteúdo para as redes sociais e, em resposta, podemos ver que ainda são poucos, muitos usuários repassam as postagens produzidas por outros. Fato que nos leva a crer que há profissionais contratados que fazem esse tipo de trabalho, e as postagens são produzidas para que o sujeito se identifique rapidamente e passe a redistribuir o conteúdo. Logo, as *repostagens* feitas por pessoas reais ou robôs são muito produtivas nas redes sociais, e como elas não têm um mestre aparente, percebemos que muitas vezes as postagens vêm em primeira pessoa, que é para que o interlocutor se inscreva naquele discurso. A postagem subjetiva o interlocutor como o proprietário daquele dizer. Há alguns dias vi uma postagem, inclusive estou trabalhando com ela, com os seguintes dizeres: "Me perguntaram por que eu continuo a defender o Bolsonaro, é porque eu quero o meu país de volta". Ao pensar na frase "eu quero o meu país de volta" nos perguntamos: Que país? Qual é a característica que se perdeu? Como era? Ou seja, é uma fala pronta para o interlocutor se inserir. Dentro dessa produção de postagens, temos diversas frentes, por exemplo, pautas anticomunistas, pautas sobre o conservadorismo; cada um compartilha o tema com o qual mais se identifica. Logo, temos uma prática eficiente de disparos desse tipo de conteúdo. A inexistência do mestre aparente faz cada um sair com a sensação de que é o autor daquela postagem.

Ainda outra questão é a de que discurso de ódio se aprende, pois existe uma sintaxe do discurso de ódio. Uma estratégia é enunciar uma ofensa e depois declarar que era uma brincadeira, outra ainda é empregar a ironia, defendendo uma dada posição. Existe ainda a estratégia de mudança de foco, por exemplo, isso se dá quando há uma postagem combatendo as atitudes do governo Bolsonaro e alguém replica: "mas e o Lula?", ou então algo muito mais programado como o ataque direto, o choque, a violência pela linguagem, que geralmente aparecem em frases curtas com palavras de baixo calão e diretas, que funcionam como distribuição do discurso de ódio e, dessa forma, se aprende pela reprodução/repetição. As mídias sociais possuem as ferramentas para isso, afinal, elas organizam o discurso dessa forma, a partir de frases curtas. Em contraposição, para se afirmar que determinada notícia é falsa é necessário escrever um longo texto argumentando e provando sua falsidade. É provável, no entanto, que no contexto das redes sociais não será lido. Podemos identificar, também, a presença de silogismos. Por exemplo, vi em uma mensagem de *WhatsApp* a seguinte postagem – "O talibã está proibindo a população de se armar" – e na sequência a recuperação da informação de que o governo Lula foi favorável ao desarmamento durante seu mandato, logo, aplica-se o silogismo: "A política do Lula é a mesma do Talibã". Esse tipo de

aproximação é uma fraude maldosa, e tudo isso é possível por meio das redes sociais que também permitem a ocultação dos interlocutores. Não sabemos se estamos falando com uma pessoa ou com um robô, pois existem manobras para esconder a identidade desse interlocutor.

Sobre a circulação de desinformação, Geovana Chiari e eu publicamos um artigo (Sargentini e Chiari, 2019 – Revista Discurso & Sociedad), no qual analisamos algumas mensagens do *Whatsapp,* que circularam no período eleitoral de 2018, com uma estrutura muito similar ao discurso didático-pedagógico. Coloca-se uma voz reconhecida publicamente, quadros semelhantes a uma lousa escolar com itens dispostos de forma didática, visando informar e ensinar as pessoas, e esse discurso didático dá credibilidade à notícia falsa.

Falando ainda sobre as sociedades democráticas e as práticas discursivas, gostaria de ponderar que é exatamente no interior da sociedade democrática que se tem a permissão para a desinformação. Por exemplo, se uma pessoa sai à rua pedindo ditadura, ela só pode fazer isso no interior de uma sociedade democrática, porque depois de estabelecida uma ditadura, ela não poderá mais fazê-lo, ou seja, é uma grande ironia. A notícia falsa só funciona nesse ambiente democrático no qual os controles para inibi-la nem sempre funcionam. Para Michel Foucault, a prática discursiva forma o objeto sobre o qual ela fala, não existe o objeto em si mesmo. O que há é uma soma de enunciados, com certa regularidade, que me permite conhecer, por exemplo, a homossexualidade, ora como pecaminosa (como se encontra no discurso religioso), ora, por outra regularidade discursiva, a homossexualidade é definida como um distúrbio (quando inserida no discurso biológico), ora ainda a homossexualidade é definida como uma orientação natural (em um discurso de direitos identitários). Assim, podemos ver que os discursos têm um papel central na constituição da verdade. Por isso, se a esfera é sensível a isso, ela não é neutra, ela é o lugar de construção desses discursos. A soma deles é que vai construindo esse objeto e a esfera jornalística também está inserida nos discursos, não têm como ela estar fora disso. Na pergunta sobre se tudo isso interfere na maneira como a esfera jornalística produz esse discurso, a resposta é: interfere! Podemos ver que existem canais de mídia diferentes e cada um faz o recorte de uma forma. Alguns mais moralistas e outros menos, logo, a forma que a esfera jornalística falará sobre o tema será diferente. É possível dizer que parte do jornalismo constrói uma verdade a serviço de um grupo religioso, do neofascismo, do ultraliberalismo e é chamado de jornalismo. O que eu quero dizer é que as notícias falsas não existem por si. Há um jogo de argumentação, deslocamento dos enunciados, que se justificam pelo interesse de determinados grupos. Então, essa interferência na esfera jornalística se dá pela questão financeira desses grupos e, também, pelo medo e pela pressão.

OC: Em seu artigo intitulado: "Mentirosos, corruptos e comunista! As *Fake News* e o politicamente incorreto", em que trata das produções discursivas que buscavam (re)significar a política realizada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e desqualificá-la, são apresentadas regularidades linguísticas inerentes a essa estratégia, dentre elas algumas que levam à retomada do discurso moralista. Você considera que essa retomada tenha sido a forma mais impactante de uma espécie de descredenciamento do partido opositor, sabendo que há muito tempo essas formações discursivas conservadoras encontram-se interditadas, ou em processo de interdição após as lutas pelas minorias ganharem espaço em nosso país?

VS: Supúnhamos, em anos anteriores, que o discurso conservador estava envelhecido, ainda que sempre estivesse lá. Foi uma suposição malfeita da nossa parte. Esse artigo ao qual faz referência foi publicado na revista *Discurso & Sociedad*, a partir de uma chamada relativa ao acontecimento da eleição da extrema direita no Brasil. Você me pergunta da pouca atividade da esquerda nesse movimento, o que aconteceu, enfim. Eu acho que o título já responde um pouco, já que à esquerda se atribuíram historicamente esses três termos: mentirosos, corruptos e comunistas. Trabalhando com os discursos políticos posteriores à Abertura no Brasil, pude ver que desde Collor esses temas são recorrentes. Orientei teses que analisaram o horário gratuito da política eleitoral, os debates, o jornalismo a esse respeito, há sempre uma atribuição que eu diria que é histórica – e ela é regular – de desqualificação da esquerda, seja em debates eleitorais, seja na mídia de grande distribuição. Na última eleição a presença forte das redes sociais, como o Facebook, e dos aplicativos, como *Whatsapp*, foram bem explorados como estratégia para esse acontecimento da ascensão da extrema direita. Fortaleceu-se muito a pauta dos costumes: o julgamento dos costumes sociais como uma pauta política, a questão do moralismo e do discurso conservador. O ultra neoliberalismo é um discurso que conserva o *status quo*, e o neoliberalismo em si, poderíamos dizer, é necessariamente conservador. Vejam como é uma junção de pautas distintas. A esquerda sempre foi retratada como violenta, como defensora de práticas comunistas, porém, nunca tivemos comunismo no Brasil ou uma organização

consolidada para se instaurar o comunismo. E todas as vezes, vários governos caíram por conta dessa imagem fantasmagórica de iminência desse sistema. São pautas mentirosas e assustadoras. E isso se repetiu fortemente em 2018.

O termo comunismo desencadeia um imaginário inapreensível, mas sempre muito ruim. Um imaginário alimentado em favor da manutenção de um *status quo* sobretudo financeiro. Poderíamos dizer que as questões que envolveram o discurso da mentira, da corrupção e do comunismo atingiram, após a abertura, o ápice na campanha de 2018. O que antes era um incômodo, naquela eleição passou a ser algo intolerável. As pessoas tomam a corrupção e a mentira como intoleráveis. Atitudes que sempre foram próprias do discurso político, como, por exemplo, atribuir mentira ao outro, dessa vez, com ajuda do discurso de ódio, tornou-se muito grave e associado à esquerda, impulsionado pelas *fake news*. Se em eleições anteriores havia uma recorrência de dizeres, por exemplo, como "X é mentiroso", em 2018, houve um deslocamento, que mudou para "as notícias são fake". Lembram-se quem instala o termo *fake news*? É a extrema direita, com Donald Trump. Temos todo um trabalho que é da extrema-direita em dizer que a notícia é falsa. Antes era 'X mente', ou ainda, 'A Dilma mentiu', 'O Lula mentiu'. A extrema-direita não vai usar esse tipo de recurso, mas sim dizer 'tudo o que eles dizem é fake', 'o que as pessoas estão dizendo é falso', por extensão, 'o que eu digo é o que vale'. Em 2018, a situação de *fake news* foi mesmo um capítulo à parte. A proliferação de influenciadores digitais criou bolhas de usuários com interesses políticos nas redes sociais. Muitas pessoas que nunca debatiam política passam uma a uma a entrar no debate, muitos compartilhamentos, retuitagem, distribuição de notícias falsas por *WhatsApp* e, que, de certa forma, também, foram impulsionadas por robôs. Em 2018 quando organizei com a Luzmara Curcino e o Carlos Piovezani o V CIAD, sobre o tema da pós-verdade, a Patrícia Campos não tinha ainda feito a denúncia do impulsionamento digital de notícias falsas. O palestrante Prof. Tales Ab'Saber (2021) falou na ocasião, não das notícias falsas, mas de como havia toda uma estrutura sintática, discursiva e uma pauta de discurso de ódio, que fazia com que cada um ouvisse o que quisesse ouvir, e depois isso se fortaleceu mais ainda com o impulsionamento de mensagens. Na própria construção da notícia falsa tem-se uma argumentação interna que é convincente. Não é preciso esforço de verdade para que o outro seja convencido. Ele se convence pelo gênero, pelo tipo de linguagem e pela argumentação que atende a uma lógica interna que, se comparada ao exterior, considerando os fatos histórico-sociais, ela é inviável. A extrema-direita constrói uma lógica interna que lhe é favorável. Por exemplo, dizer que o nazismo foi um movimento de esquerda, porque o partido nazista era 'Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães', é uma lógica interna. 'Se se chama socialismo, socialismo é algo relacionado à esquerda, portanto o nazismo é de esquerda'. Isso só se sustenta internamente no texto, porque quando se faz um cotejamento com a história o argumento não se mantém. Em 2018, o emprego dessa estratégia discursiva estava sem discussão, as pessoas estavam despreparadas para rebater essas falsas articulações. O Prof. João Cezar Castro Rocha, da UERJ, no livro *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político* (2021), defende a ética do diálogo, expondo que é preciso mostrar às pessoas como é montado esse silogismo. Insiste que é preciso estudar e analisar a caracterização do bolsonarismo e não somente suas características.

Vamos a um exemplo. Eu não posso compreender que alguém que estudou minimamente o que foi a ditadura possa pedir ditadura. Israel de Sá, da Universidade Federal de Uberlândia, faz um trabalho belíssimo sobre a memória da ditadura (SÁ, 2015), sobre como os filmes mostraram uma memória da ditadura para que a gente não se esqueça do que aconteceu. Ele analisa diferentes materiais como o filme *Lamarca* (1994), e também o filme *O ano que meus pais saíram de férias* (2006), mas também analisa publicações da Comissão Nacional da Verdade – que foi feita para que não só não esqueçamos o que aconteceu, mas para que os culpados possam ser julgados. Mas existe ainda outra memória da ditadura, que é um autoritarismo glorioso, que expõe o desejo de fazer parecer que tudo vai bem, contando com o silêncio de alguns. Veja como há uma construção discursiva que nos leva a compreender que as notícias falsas têm um acordo com aquele que quer ouvir determinada 'verdade', e quer calar outras.

Além disso, nós tivemos também o fortalecimento de um discurso conservador, de uma atribuição de violência ao discurso de esquerda, porque temos atualmente um governo neopopulista, com tons neofascistas. Observamos neste governo a proposição do moralismo e, ao mesmo tempo, a incitação à desobediência. Eu estou dando todos esses exemplos para falar da pauta dos costumes, porque eu diria, também, que a força do discurso moralista faz "grupos". É difícil ser contra o moralismo quando se está em um grupo que é moralista, fato que se expõe também, porque o país de fato não é laico. Tem-se essa forte presença da religião, e por isso se faz "grupo" com alguns. Estamos falando aqui de práticas discursivas nas sociedades democráticas, mostrando como o discurso de obediência atua. Por exemplo, a cultura cristã exige a obediência (para que se chegue ao reino de Deus), ou ainda, certo conformismo que faz a pessoa obedecer, que faz pensar que é melhor seguir a pauta de costumes. 'Foi sempre assim, por que vamos

fazer diferente? É melhor eu me conformar'. É mais fácil seguir no grupo do que ser excluído. É difícil ser oposição, porque aquele que se levanta contra fica isolado. As pautas moralistas se sustentam nos discursos conservadores, que censuram os discursos identitários, de defesa de diversidade étnica, de gênero, etc. Por exemplo, ouvimos de um ex-ministro da Educação a afirmação: "odeio o termo 'povos indígenas', odeio esse termo. Odeio. O 'povo cigano'. Só tem um povo nesse país. Quer, quer. Não quer, sai de ré". Sob o discurso conservador não existem os povos tradicionais, indígenas, ciganos, porque o discurso do moralismo unido ao do autoritarismo é que vai dizer 'não dividam, vocês são um sob o mando do meu governo'. Exige-se, com isso, uma obediência pela submissão, pela subordinação. É o autoritarismo atuando como uma prática discursiva na sociedade democrática. Com frequência no telejornal escutamos "vai ter eleição sim", mas isso não é notícia! Se vivemos em um país democrático não é notícia! Então se tem notícia é porque está abalando, é porque toda hora tem que dizer "olha, a democracia está abalada, mas ela existe, as instituições são sólidas". A gente não precisaria dizer isso. Não tenho dúvida de que todo esse empenho dos conservadores e da extrema-direita é para tirar o poder de outros grupos, seja suspendendo financiamento, seja expondo as pessoas ao ridículo, seja com a violência. Vimos um caso de homofobia na CPI da Covid. Expõe-se o outro ao ridículo. Foi o mesmo que aconteceu com o Glenn [Greenwald], quando ele fez a denúncia da lava-jato. Violências pautadas no discurso conservador moralista. Em outras palavras, ridiculariza-se para fazer grupo e manter poder.

OC: De alguns anos para cá, percebemos que o jornalismo passou e ainda passa por diversas mudanças, principalmente quando falamos do contexto político atual. Em *live* realizada pela editora Parábola para o lançamento do livro "Discurso e pós-verdade", você comenta que o jornalismo tem sido questionado quanto à expressão da verdade e o direito de tudo dizer. No interior da democracia há necessidade de controle da mídia ou tudo pode ser dito?

VS: Essa questão do controle da mídia está em pauta há alguns anos, e a discussão sobre o direito à liberdade de expressão é sempre atual. Primeiramente, eu vou lembrar de [Tzvetan]Todorov (2012), que fala de uma equação que não tem solução: toda vez que se tem mais liberdade, tem-se menos segurança, da mesma maneira que toda vez que se tem mais segurança, tem-se menos liberdade. Ou seja, quando se fala em controle, você tem menos liberdade, já quando se fala em 'tudo pode ser dito', você tem mais liberdade, mas menos segurança. Vou entrar nessa questão ao pensar em *A ordem do discurso* de Michel Foucault (1996), porque ele propõe que é sempre muito arriscado dizer, ou seja, é arriscado entrar numa ordem do discurso, porque as pessoas estão sempre sujeitas a um controle do dizer, que se dá por procedimentos externos e internos. Os controles externos vão recair sobre a ideia de que nem todo mundo pode dizer qualquer coisa para qualquer um, em qualquer circunstância. Há uma ordem do discurso que está regrada por interdições, ou seja, há uma exclusão que indica que nem todo mundo pode dizer, que aquele que diz é separado entre louco e são, a fim de desqualificar seu dizer. E há ainda um outro sistema de exclusão que é separar o verdadeiro do falso. Isso é muito importante, pois mostra como a verdade é uma configuração histórica, que não existe em si. Para Michel Foucault há uma 'vontade de verdade'. Ainda nesse controle do dizer, há o que Foucault chama de procedimentos internos: o comentário, o autor e a disciplina. O comentário tem um caráter paradoxal, pois é, ao mesmo tempo, multiplicador e restritivo, o que é interessante no controle da circulação das informações é: por que, dentre tantas coisas que poderiam ser ditas, são três ou quatro informações que, de fato, circulam e se repetem? No que diz respeito à autoria, leva-se em consideração se o autor tem uma rarefação do que diz, ou seja, tem-se um controle da autoria, porque ela dá valor ao que está sendo dito. Por fim, é a disciplina que, de certa forma, garante o que se diz sobre um objeto. Essa discussão da ordem do discurso é importante, porque está envolvida no direito ou não de controle midiático.

Na gestão do governo Lula, Franklin Martins, na ocasião, 2008, era Ministro-Chefe da Secretaria de Comunicação Social, colocou em debate a necessidade de haver um 'controle de mídia', e o grupo de oposição disse, imediatamente, tratar-se de censura. Ao retomar a discussão, a então presidente Dilma Rousseff afirmou que era preciso 'regular a mídia', fazer uma democratização, e, já ao final do mandato, disse que era necessário fazer uma 'regulação econômica da mídia' (BARBOSA dos SANTOS e SARGENTINI, 2017). Ou seja, esse termo foi sendo substituído ou dito diferentemente entre os grupos opositores. Desse modo, a democracia não é a autorização da liberdade de tudo dizer. Isso está regulado por vários meios: jurídico, político e, sobretudo, financeiro. Por exemplo, os incentivos dos governos dados às concessões de tevê, aos blogs e aos grupos de redes sociais garantem um espaço de dizer. Ou seja, para a mídia conservadora, as ações de controle funcionam como censura e, para a mídia progressista, atuam como democracia. Diante disso, recorro a Pierre Lévy (2021), que diz que estamos caminhando para o 'Estado plataforma', porque quem tem tido força para controlar o que está sendo dito são as plataformas, que têm autonomia e autoridade para tirar os perfis e as

postagens dos usuários da plataforma, numa escala mundial. Elas têm um poder de Estado. Quem controla, regula, democratiza e faz uma regulação econômica são as próprias plataformas, que devem ser responsabilizadas por isso.

OC: A partir do Dossiê: *Obedecer e insurgir: as raízes e as asas da (des)obediência política*, publicado na Revista Fórum Linguístico, v. 18 n. 2 (2021), é possível identificar diversas estratégicas históricas para manutenção do servilismo nas sociedades. É possível dizer em nosso país esses processos acontecem principalmente sob o viés da hierarquia social e uma retomada dos valores cristãos como superiores ou ainda outras formas de alienação? Haveria formas de insurgência?

VS: Essa questão me permite falar um pouquinho mais desse dossiê, que explorou o tema da (des)obediência. Contem artigos muito bons, problematizados a partir do livro *Desobedecer* de Frédéric Gros (2018). Ele é um filósofo francês, que trabalhou na estabilização e publicação de vários cursos de Michel Foucault. Eu considero que as questões principais que abrem esse livro, e que me levaram a desenvolver um projeto com alguns professores da UFPB, como professora visitante (2020 e 2021), são: Por que nós obedecemos tanto? Por que a sociedade obedece tanto? Por que essa obediência é política? O autor passa por várias circunstâncias na história da sociedade para mostrar as diferentes formas de obediência. Às vezes forma de submissão, ou de subordinação, ou de conformismo ou de consentimento.

Essas discussões levam a verificar que há sempre possibilidade de resistência. Gros cita um filósofo do séc. XVI, Étienne de La Boétie (1999), que escreve um pequeno folheto, "A servidão voluntária", no período da monarquia. Ele se pergunta por que a sociedade na monarquia, ou seja, havendo só um rei, por que tantos plebeus obedeciam ao rei, quando teriam força para derrubá-lo? E responde, explicando que esse rei que vigia a todos não tem só seus próprios olhos. Ele tem os olhos de todos, mil braços, mil pernas que lhe dão poder. Esse poder todo que lhe é atribuído, de certa forma, permite que ele mantenha o poder. E por que lhe atribuem tanto? Uma das razões é que a servidão vem pelo hábito. Os costumes absorvidos na sociedade se passaram por todo um processo civilizatório que acabaram sustentando o conformismo – 'sempre foi assim'. Esse tipo de obediência continua a acontecer. Quantas coisas obedecem-se por hábito? Porque o hábito conforma e faz parecer natural. Tudo o que vem da educação e dos costumes e, por essa razão, o que perpassa os séculos parece 'natural'. Nos anos 1970, por exemplo, Michel Foucault volta a problematizar esse processo da normalização. Tanto que o que é normal não é necessariamente natural. O que é normal é construído, é uma construção histórica que faz com que algumas coisas sejam normais, que acabamos tomando por natural. ('Por que vamos mudar isso?') O hábito permite que se obedeça tanto. Outra razão é que há uma rede de apoio, de braços e olhos que servem àquele que é servil, que estimulam que ele continue sendo servil. Os outros estão olhando para ele e ele pretende ser visto como sendo servil. O medo também faz com que pessoas continuem na submissão e o que se acrescenta nisso tudo é que o gozo faz com que o outro continue na submissão, porque ele sabe que ele se sentindo igual àquele que é o monarca, ele se sobrepõe ao outro e oprime o outro da mesma forma que ele é oprimido e ele tem um gozo particular nisso. Essa é uma das primeiras repostas que F. Gros dá para existência de tanta obediência por uma submissão, por uma superobediência, que faz a sociedade obedecer mais do que precisa.

De forma paradoxal, o que sustenta a tirania é a própria estrutura democrática, porque é possível escolher continuar sustentando a tirania, uma vez que o poder atribuído ao cidadão retorna ao tirano dada essa subserviência. O cidadão sente esse poder porque deu esse poder ao tirano, se sente ao lado do tirano. A essa subserviência, à superobediência, está associado ser visto como um sujeito humanizado. Desobedecer, por sua vez, está associado à monstruosidade, a alguém que se rebela, que não cabe na sociedade, que está fora da civilização. Isso tudo passa a ser questionável no século XX. As guerras trouxeram esse questionamento, porque as discussões mostraram que muitos ao obedecer tornam-se monstros da obediência. Estou falando tudo isso porque proponho que nos pautemos na história. Como nossa democracia está fragilizada, e em 2018, elegeu-se um governo neofacista, precisamos refletir muito sobre o que já aconteceu. Gros ilustra com algumas discussões do século XX, mais especificamente no período pós-guerra, a monstruosidade da obediência. Exemplifica com o caso Eichmann, que foi o responsável pela deportação dos judeus no período do Holocausto, enviando-os para os campos de concentração. Posteriormente a todo esse genocídio, Eichmann é julgado. E o que ele disse? 'Eu não fiz nada, eu só obedeci, obedeci às ordens, eu precisava, porque eu tinha um problema, tinha que enviar os judeus para fora de Berlim e eu obedeci, não fiz mais nada que obedecer'. É aí quando a obediência humaniza? Não. É ao contrário. A obediência desumaniza. É o que F. Gros caracteriza como os monstros da obediência. São questões da metade do século XX, mas que elas se estendem para o século XXI.

Há diferentes formas de obediência. Por exemplo, além da submissão, podemos falar também da subordinação. Frédéric Gros (2018) avalia que o povo é submisso porque a maioria é silenciosa e é difícil a maioria encontrar uma única voz. Ela é cacofônica. É mais fácil ter uma única voz com minorias do que com maiorias. A minoria consegue se organizar. Ela conspira e se reúne. Tudo isso nos leva a crer que é preciso voltar a pensar no exercício do poder. Para Étienne de La Boétie (1999), obedece-se porque é mais fácil obedecer. Toda essa discussão tem que nos fazer levar a pensar que, conforme Gros propõe, temos de obedecer a nós mesmos. Nesse aspecto, o mais importante não é desobedecer, mas é empregar a obediência refletida que às vezes pode ser desobediência. Essa é uma ideia de obediência a si mesmo. Por exemplo, nos protestos a favor, (é interessante pensar nesse oxímoro, se é protesto como que é a favor?) invocados pelo movimento da extrema direita, o que é obediência e desobediência? É uma desobediência civil? Sair de moto sem máscara, andar pela cidade sem máscara é uma desobediência civil? Por um lado, isso é uma forma de resistência? Não! É uma desobediência para melhor obedecer. Toda essa discussão nos leva a pensar nesse lugar instável da obediência e da desobediência. O bom mesmo não é ser desobediente e o bom mesmo não é ser obediente. O bom mesmo é ter uma obediência refletida pautada numa obrigação ética. São essas discussões que [Frédéric] Gros levanta e quando vocês me perguntam se "a sociedade está sendo muito regida pelos valores cristãos e essa questão da obediência tem a ver com isso" Digo que tem! Certamente é preciso questionar um pouco mais essa obediência excessiva.

OC: Vimos a emergência de falas agressivas, misóginas e racistas, que se proliferaram e proliferam pela/na oratória do presidente da República. Esses discursos, condenados por parte da sociedade democrática, saem da obscuridade e transformam-se em atos heroicos e de resistência, representando o "cidadão de bem", o pai de família, o empresário que necessita portar sua própria arma, com a garantia de que nunca será escravizado. Podemos pensar que a sociedade democrática se "constrói e se destrói" por meio de discursos de (des)obediência que a atravessam, que a manipulam?

VS: De fato, essa questão é uma continuidade da anterior. Eu estava dizendo sobre os discursos de obediência e de resistência. A resistência à submissão é a rebelião, o que causa uma força muito desigual, afinal, os resultados de uma rebelião nunca são muito bons para os rebelados. Também se pode considerar a subordinação, que é outra forma de obediência que vai se dar por uma abnegação mística, da qual ela reconhece a legitimidade daquele que ordena, mas considera que tem a liberdade suprema de rebaixar-se, ou seja, sabe-se que é uma divindade maior que ordena, e, então, se rebaixa a ela, mesmo não concordando.

Pode também haver a obediência pelo conformismo, por exemplo, o sujeito afirma que é mentira e nega que seja: 'Cloroquina não cura Covid, mas todos dizem que cura, logo vou seguir'. Esse seria um exemplo da lógica do conformismo, pois alguém se alinha a todos por ser difícil ficar isolado. É uma adesão a uma unanimidade por medo de ficar excluído ou por outro tipo de pressão. Os médicos diziam que estavam sofrendo pressão, sofrendo o risco de serem demitidos. É um "nós" que inclui um ele, que inclui um você e que absorve o eu, afinal 'todos' estão fazendo, então 'eu também farei'. O conformismo forma o sujeito socializado normal. Ele aceita e deseja a ordem do mundo, e aí é que está o cidadão de bem, o pai de família, o heteronormativo. Destaco o livro organizado pela Amanda Braga e o pelo Israel de Sá, intitulado *Por uma microfísica das resistências e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade*. (2020). Em um artigo neste livro, transcrevo um trecho de um entrevistado no telejornal: "A mulher deixou o marido há três meses, ele não aceitou isso e acabou matando a esposa". A afirmação foi enunciada por um delegado em entrevista a um jornalista que lhe perguntava sobre o assassinato de uma mulher. Para análise, ainda incluo a declaração de Sérgio Moro, durante uma solenidade: "Talvez nós homens nos sintamos intimidados pelo crescente papel da mulher em nossa sociedade, por conta disso parte de nós recorre infelizmente à violência física ou moral para afirmar uma pretensa superioridade que não mais existe". Analiso que não há diferença entre esses dois discursos. Há aqui um delegado e um ministro confirmando a normalidade ou o previsível, como se fosse compreensível que essas coisas aconteçam. A sintaxe que eles usaram leva nessa direção, porque o delegado poderia enunciar "houve um feminicídio", ao invés de "acabou matando". Por essas razões é que o conformismo está em muitos lugares, insistindo em não querer que as pessoas se revoltem diante de discursos assim. Ele se mostra como uma não exigência de uma reação ou como uma ação contrária a isso. O conformismo pode se passar por diferentes formas e fazer emergir formas de resistência. Alguém pode ver uma ação e ter em relação a isso uma ironia cética, ver algo e não concordar ou não mudar de opinião, mas não se colocar contra isso, não expressar nada, dessa forma se mantém intacto o julgamento interno. A resistência pode também ser uma provocação cínica, 'inconformado com tanto feminicídio e com aquele fato que aconteceu no Canadá surge a marcha das vadias'.

Esse enunciado é uma resposta por meio de uma ação. Pode, também, se fazer um protesto lírico, como ocorreu no museu *queer,* expondo a discordância de que se pense nas relações de gênero da forma como se tem pensado.

Enfim, é uma situação muito delicada porque a liberdade prevê o desejo autônomo que é 'como eu quero', e a democracia liberal prevê o controle dos desejos, compreendendo que deve haver uma igualdade dos desejos ainda que não haja uma igualdade de condições de acesso a esses desejos. Isso só contribui para a manutenção dessa hierarquia, contribui para a situação do conformismo, para que as coisas continuem sendo feitas assim. Em resposta a sua questão, eu não sei se a sociedade se constrói e se desconstrói por meio de discursos de (des)obediência, mas ela se exibe por meio deles, nós conseguimos ver o que a sociedade pensa sobre a mulher olhando para esse discurso do conformismo, por exemplo. São práticas discursivas com as quais nos conformamos, escutamos no telejornal e achamos normal. Entretanto há momentos em que recusamos nos conformar com as coisas. Essa forma desse homem [delegado] falar, essa frase, com essa sintaxe, esse gerúndio, o verbo "acaba" como se fosse uma inevitabilidade, ora temos que nos levantar contra isso.

OC: No atual contexto político é possível observar a relevância que se tem um discurso quando ele parte de um lugar de poder, argumento de autoridade, vira autoritário. Vimos emergir a questão do voto impresso, um dos itens de pauta das manifestações do 7 de setembro de 2021. Como você acha que essas questões podem exercer algum tipo de jogo de poder sobre as novas verdades a partir de agora?

VS: Não sei se são novas verdades, porque o que nós temos é essa junção da linguagem com a indústria da mentira. O que vemos nessa nova verdade, conforme você me pergunta, me parece que são ações de desdemocratização. A suposta nova verdade é que não há credibilidade nas urnas, elas não são auditáveis e tal. São ações, a meu ver, de desdemocratização. A democracia sempre foi garantida por uma luta contínua contra os processos de desdemocratização, porque não existe a democracia em si, ela sempre está em manutenção. E nós estamos vendo agora toda a construção de um projeto de desestabilização da democracia, o que eu tenho chamado de um projeto de desdemocratização, que se materializa nos discursos, regidos pelo saber-poder. É possível ver, também, uma demagogia, por exemplo, que é uma estratégia que se vale do discurso do saber e do poder, para enganar e impedir o acesso do sujeito à maioridade. Quando se diz que não haverá eleição, porque as urnas não são confiáveis, os votos não são auditáveis, pretende-se fazer o outro achar que existia alguma coisa que ele não via, e ele passa a crer que agora ele está em um processo de maioridade, pensando na maioridade kantiana, que tem coragem de dizer que ele não está sujeito àquilo que não via antes e que agora ele vê. Considero, entretanto, que esse processo é ao contrário, ele se dá é para mantê-lo na menoridade. É um saber-poder que se sobrepõe ao outro, que impede que o outro venha de fato a ter acesso a um saber poder de uma verdade construída na história, construída nas instituições. Então, isso exige que o ministro [do STF] Barroso vá à televisão e diga: "Teremos eleição. O voto é auditável. Vocês podem ver, em 25 anos nunca tivemos denúncia".

Temos outro exemplo na afirmação de que "A terra é plana". Isso produz uma enunciação didático-pedagógica, para explicar que é possível compreender que a terra é plana. E isso seria um jeito de mostrar que 'você nunca viu que a terra é plana. A escola sempre te enganou dizendo que a terra era redonda'; e 'eu' 'agora', vou lhe tirar da minoridade ao fazê-lo compreende que a terra é plana e, dessa forma lhe dar essa maioridade (sabemos que maioridade não se dá se conquista!). Isso, de fato, é manter o outro na menoridade! Kant dizia que a sociedade não quer assumir a maioridade, prefere ficar na menoridade. Ou por medo, ou por preguiça. E, aqui, a estratégia que tem se usado, que foi aquela do 7 de setembro de 2021, e que tem sido recorrente, é a de que 'como representante da extrema direita se é autêntico para dizer a verdade: te deixaram à margem sem saber e agora eu lhe digo! Eu lhe digo e você assume a maioridade'. E na verdade isso faz o sujeito se circunscrever ainda mais na menoridade. É exatamente esse discurso demagógico que se vale do saber é que mantém esse sujeito na menoridade. Isso é terrível e perverso!

São regimes de saber-poder que mantêm a desdemocratização no limiar do acontecimento, em uma corda bamba que não nos permite superar os anos em que vivemos sob o estado de exceção que foi a ditadura. Essa afirmação, por exemplo, de que o voto impresso é auditável, busca desqualificar as instituições, o que é mais um forte processo de desdemocratização. A democracia precisa ser mantida no embate, e o que nos assusta atualmente é ver o avanço do processo de desdemocratização.

Outro ponto que se instalou na política, e consequentemente na sociedade, vem do discurso de ódio, que se aprende e que as pessoas têm exercitado bastante. A linguagem não é utilizada para o diálogo, para a exposição dos sentidos, ela é utilizada para agredir, calar o outro. E são feitos ataques que fazem com que o outro seja reduzido a nada, dá-se na forma de um assalto sobre o outro. Quando me pergunta se são formas de poder que estão se exercendo sobre essas novas verdades, o que é mais difícil ainda de ter ciência, é que essa nova verdade é feita sobre a legitimidade de um discurso de saber: 'Estou te ensinando o que você não sabia'. E o interlocutor vai se sentir mais inteligente, sabendo menos. O indivíduo fica mantido na menoridade. É importante pensar nisso!

Encerro aqui, agradecendo a oportunidade desta conversa que nos permitiu falar de fatos da atualidade de uma perspectiva dos discursos.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, T. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. *In:* CURCINO, L, SARGENTINI, V. e PIOVEZANI, C. (org.) *Discurso e (pós) verdade.* São Paulo: Parábola, 2021. p.41-57.

BARBOSA DOS SANTOS, W. SARGENTINI, V. A democracia nas malhas do embate político-partidário: o discurso midiático da Folha de S. Paulo sobre a regulação da mídia. *In:* SARGENTINI, V. *Mutações do discurso político no Brasil.* Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017. p. 309-337.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972 – 1973. Tad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2015.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

GROS, F. *Desobedecer*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LA BOÉTIE, É. *Discurso da servidão voluntária*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEVY, P. *Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet*. Entrevista concedida a Borja Hermoso (Madri, 1 de julho de 2021) e publicada em El País Semanal. Disponível em: https://brasil.elpais.com/eps/2021-07-01/pierre-levy-muitos-nao-acreditam-mas-ja-eramos-muito-maus-antes-da-internet.html. Acesso em: 20 out. 2022.

ROCHA, J. C. de C. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021

SÁ, I.de. *Memória discursiva da ditadura no século XXI: visibilidades e opacidades democráticas*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7586. Acesso em: 11 out. 2022.

SARGENTINI, V. Discurso Político e Resistência: a estilística da (des)obediência nos discursos. In.: BRAGA, Amanda e SÁ, Israel Por uma microfísica das resistências e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade. Campinas – SP: Pontes, 2020. p. 73-94.

SARGENTINI, V**.** Obedecer e insurgir: as raízes e as asas da (des)obediência política. *In: Revista Fórum Linguístico*, v. 18 n. 2 (2021)

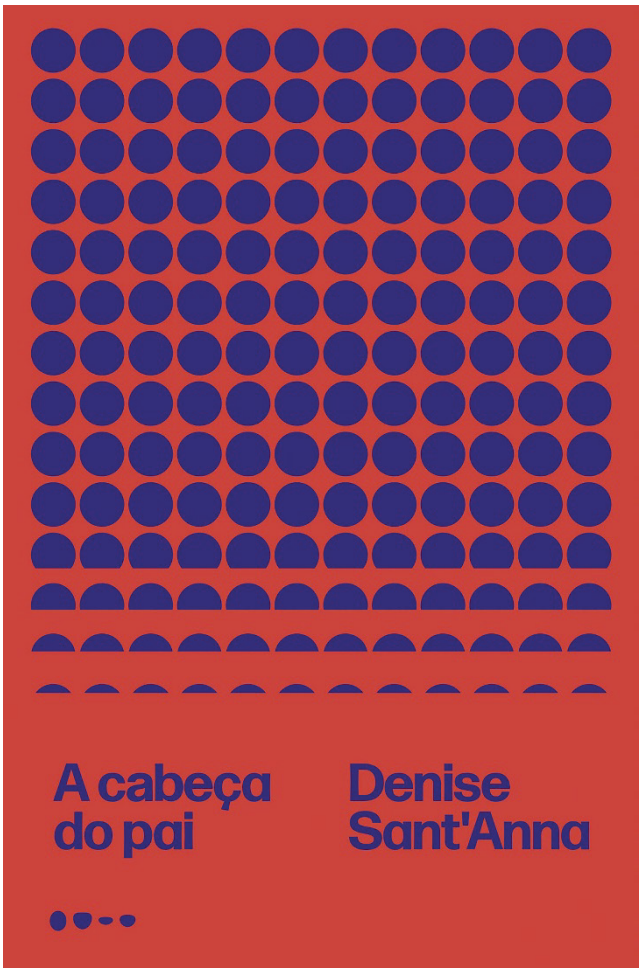
SARGENTINI, V.; CHIARI, G. Mentirosos, corruptos e comunistas! As Fake News e o politicamente incorreto. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 3, p. 449-467, 2019. Disponível em: . http://www.dissoc.org/ediciones/v13n03/DS13%283%29OliveiraSargentini&Chiari.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

TODOROV, T. Os inimigos íntimos da democracia. Trad. Joana |Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Recebido em 22/09/2022. Aceito em 20/10/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e91784

RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW



NA FÁBRICA DE QUIMERAS

NA FÁBRICA DE QUIMERAS

IN THE QUIMERA'S FACTORY

Atilio Butturi Junior*
Universidade Federal de Santa Catarina

SANT' ANNA, D. B. *A cabeça do pai*. São Paulo: Todavia, 2022.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e bolsista PQ-2 do CNPq (bolsa processo processo304252/2019-0). E-mail: atilio.butturi@ufsc.br.

Eu começo esta resenha pelo título. Porque este *A cabeça do pai*, escrito por **Denise Sant'anna** e publicado há pouco pela Todavia, causa uma imediata empatia teórica, materializada em hospitais, em camas, nos poderes dos médicos, na gestão da vida e da morte. É na *topia* do corpo que, foucaultianamente, se pode ler a narrativa e as histórias como que o livro se constrói, no interior da "fábrica de quimeras" – a expressão precisa de Sant'anna para designar a UTI – em que vamos encontrar a narradora.

Denise (Bernuzzi) Sant'anna, como se sabe, tem em sua trajetória essas duas inscrições, a saber, o corpo e a história. Pesquisadora fundamental nos estudos sobre a produção das corporalidade no campo da História, é professora da PUC-São Paulo, bolsista do CNPq e escreveu livros tão fulcrais quanto saborosos, dentre os quais destaco *A História da Beleza no Brasil* (Contexto, 2014) e *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil* (Estação Liberdade, 2016). Seu diálogo com os pesquisadores franceses, como Geroges Vigarello, tem sido frutífero e já é inconteste sua marca na produção intelectual brasileira sobre as corporalidades, seus discursos e suas práticas.

Ora, essa viragem literária poderia causar algum estranhamento, mas, definitivamente, não o faz. Primeiro, porque ao mesmo tempo em que inscreve a narrativa no terreno afeto às suas pesquisas, a autora opera um deslocamento de sua própria escritura, que diz respeito ao campo literário e suas peculiaridades – que ela mostra dominar em seus pormenores. Depois, porque a literatura que coloca em prática tem, ao mesmo tempo, a potência de uma grande contadora de histórias e o colocar em xeque dos modos pelos quais temos nos relacionado com a vida e com a morte, um tema que percorre de ponta a ponte o cânone literário.

O centro da narrativa deste *A cabeça do pai* é a relação de uma filha com a derrocada da saúde física e mental de ambos os pais. Se é certo que é o pai a figura central, essa cabeça pela qual a protagonista busca, incessantemente, também a mãe aparece, como outro corpo e outra subjetividade capturadas pelas regulações e pela normalização daquilo que Michel Foucault (2010), numa conferência proferida no Brasil, de 1974 – publicada sob o título de com o título *de Crise da Medicina e da Antimedicina* – chamou de "medicalização indefinida" e de um espraiamento do saber médico sobre todas as instâncias da vida. No livro de Sant'anna, essa medicina e suas técnicas e tecnologias funcionam como um outro daquela que era a vida do pai: a normalidade do hospital é responsável pela "morte que lhe foi roubada" (p.10), que coloca-o "no limbo" – e assim faz com a filha-narradora e seu "semiluto"(p.1).

Essa via-crucis de filha e pai(s) é narrada em doze capítulos. O primeiro, *Cabeça*, e o décimo, *Órgãos*, parecem alinhavar a discussão sobre a transformação do pai em *paciente,* e ainda outra, de *paciente grave* em *paciente estável*. Chama a atenção, nos dois capítulos, os modos pelos quais o corpo do pai perde sua autonomia e permanece, entretanto, vivo. É justamente nesses capítulos que a *somatocracia* e biopolítica foucaultiana parecem mais presentes, como uma marca de autoria.

No entanto, não é apenas como o livro de uma historiadora "foucaultiana" que o livro se sustenta. Diria que, de vários modos, Sant´anna extrapola os limites pelos quais a identificamos – e abre um largo sorriso diante de nossos olhos atônitos. Refiro-me, aqui, à sua efetiva verve narrativa. que contempla as misérias cotidianas na ordem da memória. Ora, essa memória é um também um esforço de busca pelo pai perdido, uma forma de recompor aquilo que a medicina esfacela.

Em todos os capítulos, aparecem então os personagens saborosos de uma cidade também perdida: um senhor acossado pela esposa, cujo insucesso do suicídio aparece como revelação; as meninas da escola a carregar um feto no formol; as inseguranças da própria narradora, a quem não coube ser "louca" – esse espaço reservado a que depois ela soube pertencer. É nesse jogo de dupla busca que o texto ganha densidade e que nos pega, repentinamente, num afecto. Porque o próprio contar também mostra que a memória é um dispositivo e tem regras, mas, assim como acontece em alguns momentos no hospital – como um certo banho dado por uma jovem enfermeira ou como uma ereção inopinada –, há algo que desejamos que escape e faça esfacelar os funcionamentos maquínicos a que nos acostumamos.

A escritura da autora, não nos enganemos, nem por isso é piedosa. Seu Deus não sabe o que faz, seus hospital é uma indústria e os filhos e filhas que circulam pelo livro, como a protagonista, estão exaustos, atônitos, sem saber exatamente como agir e nem que

ética professar. Essa é, talvez, a qualidade central de *A cabeça do pai:* o relato no limite da franqueza – como se os filhos fossem os *parriastes* a revelar uma verdade de que queremos fugir.

Em 2018, no Colóquio Internacional Michel Foucault, Denise (me atrevo ao prenome, na intimidade dolorosa em que ela nos inclui como leitores) esteve numa mesa-redonda. Sua intervenção, depois publicada em capítulo, tinha por título Hayek na praia (SANT'ANNA, 2019). Ela falava de um pesadelo: o encontro com o famoso neoliberal, que punha as regras do mercado a frente de qualquer perspectiva. Na ocasião, lembro-me das referências aos modos pelos quais não temos deixada nada sem uso: nossas casas se tornam airbnbs, nosso carros se prestam ao Uber. A doença mais terrível de nosso tempo, por conseguinte, é aquela que nos torna improdutivos, sem uso: as doenças dos velhos, a quem pretendemos acabar e a quem negamos o direito de morrer.

É dessa ansiedade pelo que vive e pelo que morre que trata o livro. É, mais do que isso, da inexorabilidade da condição de pais e filhos e das injunções, nem sempre doces, que essa condição exige e que o livro materializa. Porém, é também o riso – o último verbo da narradora – que nos enreda nessas histórias. A cabeça do pai sabe dessas ambiguidades e, delicado, nos expõe e nos contempla.

Recebido em 22/09/2022. Aceito em 20/10/2022.